

HISTÓRIA DOS TREZE  
**BALZAC**

FERRAGUS

A DUQUESA DE LANGEAIS

A MENINA DOS OLHOS DE OURO

*Três romances*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# HISTÓRIA DOS TREZE

# BALZAC

A COMÉDIA HUMANA

ESTUDOS DE COSTUMES

CENAS DA VIDA PARISIENSE

## HISTÓRIA DOS TREZE

FERRAGUS

*Tradução de WILLIAM LAGOS*

A DUQUESA DE LANGEAIS

*Tradução de PAULO NEVES*

A MENINA DOS OLHOS DE OURO

*Tradução de ILANA HEINEBERG*

**L&PM** EDITORES

Titulo original: Histoire des Treize: Ferragus, La duchesse de Langeais, La fille aux yeux d'or

Estes livros foram publicados separadamente na Coleção L&PM Pocket.

Tradução: Ferragus (William Lagos), A duquesa de Langeais (Paulo Neves) e A menina dos olhos de ouro (Ilana Heineberg)

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre gravura de Balzac, 1840, (Rue des Archives).

Revisão: Renato Deitos, Bianca Pasqualini e Larissa Roso

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

B158h

Balzac, Honoré de, 1799-1850

Histórias dos treze [recurso eletrônico] : Ferragus, A duquesa de Langeais, A menina dos olhos de ouro / Honoré de Balzac ; [apresentação e introdução de Ivan Pinheiro Machado ; tradutores William Lagos, Paulo Neves e Ilana Heineberg].

- Porto Alegre, RS : L&PM, 2011.

recurso digital

Tradução de: Histoire des Treize: Ferragus, La duchesse de Langeais, La fille aux yeux d'or

Apêndice: Cronologia

“A comédia humana. Estudos de costumes. Cenas da vida parisiense”

Formato: ePub

ISBN 978-85-254-0854-9 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Lagos, William. II. Neves, Paulo. III. Heineberg, Ilana, 1975-. IV. Título.

10-6334.

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

---

© das traduções, L&PM Editores, 2008

Todos os direitos desta edição reservados a Newtec Editores

Rua Comendador Coruja, 326 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

## *Comédia humana*

A *comédia humana* é o título geral que dá unidade à obra máxima de Honoré de Balzac e é composta de 89 romances, novelas e histórias curtas.<sup>[1]</sup> Este enorme painel do século XIX foi ordenado pelo autor em três partes: “Estudos de costumes”, “Estudos analíticos” e “Estudos filosóficos”. A maior das partes, “Estudos de costumes”, com 66 títulos, subdivide-se em seis séries temáticas: *Cenas da vida privada*, *Cenas da vida provinciana*, *Cenas da vida parisiense*, *Cenas da vida política*, *Cenas da vida militar* e *Cenas da vida rural*.

Trata-se de um monumental conjunto de histórias, considerado de forma unânime uma das mais importantes realizações da literatura mundial em todos os tempos. Cerca de 2,5 mil personagens se movimentam pelos vários livros de *A comédia humana*, ora como protagonistas, ora como coadjuvantes. Genial observador do seu tempo, Balzac soube como ninguém captar o “espírito” do século XIX. A França, os franceses e a Europa no período entre a Revolução Francesa e a Restauração têm nele um pintor magnífico e preciso. Friedrich Engels, numa carta a Karl Marx, disse: “Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa da primeira metade do século, inclusive nos seus pormenores econômicos (por exemplo, a redistribuição da propriedade real e pessoal depois da Revolução), do que em todos os livros dos historiadores, economistas e estatísticos da época, todos juntos”.

Clássicos absolutos da literatura mundial como *Ilusões perdidas*, *Eugénie Grandet*, *O lírio do vale*, *O pai Goriot*, *Ferragus*, *Beatriz*, *A vendeta*, *Um episódio do terror*, *A pele de onagro*, *Mulher de trinta anos*, *A fisiologia do casamento*, entre tantos outros, combinam-se com dezenas de histórias nem tão célebres, mas nem por isso menos deliciosas ou reveladoras. Tido como o inventor do romance moderno, Balzac deu tal dimensão aos seus personagens que já no século XIX mereceu do crítico literário e historiador francês Hippolyte Taine a seguinte observação: “Como William Shakespeare, Balzac é o maior repositório de documentos que possuímos sobre a natureza humana”.

Balzac nasceu em Tours em 20 de maio de 1799, em uma família pequeno-burguesa que se emancipara economicamente a partir das oportunidades geradas pela sociedade pós-Revolução Francesa. Com dezenove anos convenceu seus pais a sustentarem-no em Paris na tentativa de tornar-se um grande escritor. Obcecado pela idéia da glória literária e da fortuna, foi para a capital francesa em busca de periódicos e editoras que se dispusessem a publicar suas histórias – num momento em que Paris se preparava para a época de ouro do romance-folhetim, fervilhando em meio à proliferação de jornais e revistas. Consciente da necessidade do aprendizado e da sua própria falta de experiência e técnica, começou publicando sob pseudônimos exóticos, como Lord R’hoone e Horace de Saint-Aubin. Escrevia histórias de aventuras, romances policiais, açucarados, folhetins baratos, qualquer coisa que lhe desse o sustento. Obstinado com seu futuro, evitava usar o seu verdadeiro nome para dar autoria a obras que considerava (e de fato eram) menores. Em 1829, lançou o primeiro livro a ostentar seu nome na capa – *A Bretanha em 1800* –, um romance histórico em que tentava seguir o estilo de Sir Walter Scott (1771-1832), o grande romancista escocês autor de romances históricos clássicos, como *Ivanhoé*. Nesse momento, Balzac sente que começou um grande projeto literário e lança-se fervorosamente na sua

execução. Paralelamente à enorme produção que detona a partir de 1830, seus delírios de grandeza levam-no a bolar negócios que vão desde gráficas e revistas até minas de prata. Mas fracassa como homem de negócios. Falido e endividado, reage criando obras-primas para pagar seus credores numa destrutiva jornada de trabalho de até dezoito horas diárias. “Durmo às seis da tarde e acordo à meia-noite, às vezes passo 48 horas sem dormir...”, queixava-se em cartas aos amigos. Nesse ritmo alucinante, ele produziu alguns de seus livros mais conhecidos e despontou para a fama e para a glória. Em 1833, teve a antevisão do conjunto de sua obra e passou a formar uma grande “sociedade”, com famílias, cortesãs, nobres, burgueses, notários, personagens de bom ou mau caráter, vigaristas, camponeses, homens honrados, aventos, enfim, uma enorme galeria de tipos que se cruzariam em várias histórias diferentes sob o título geral de *A comédia humana*. Convicto da importância que representava a idéia de unidade para todos os seus romances, escreveu à sua irmã, comemorando: “Saudai-me, pois estou seriamente na iminência de tornar-me um gênio”. Vale ressaltar que nesta imensa galeria de tipos, Balzac criou um espetacular conjunto de personagens femininos que – como dizem unanimemente seus biógrafos e críticos – tem uma dimensão muito maior do que o conjunto dos seus personagens masculinos.

Aos 47 anos, massacrado pelo trabalho, pela péssima alimentação e pelo tormento das dívidas que não o abandonaram pela vida inteira, ainda que com projetos e esboços para pelo menos mais vinte romances, já não escrevia mais. Consagrado e reconhecido como um grande escritor, havia construído em frenéticos dezoito anos este monumento com quase uma centena de livros. Morreu em 18 de agosto de 1850, aos 51 anos, pouco depois de ter casado com a condessa polonesa Ève Hanska, o grande amor da sua vida. O grande intelectual Paulo Rónai (1907-1992), escritor, tradutor, crítico e coordenador da publicação de *A comédia humana* no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, escreveu em seu ensaio biográfico “A vida de Balzac”: “Acabamos por ter a impressão de haver nele um velho conhecido, quase que um membro da família – e ao mesmo tempo compreendemos cada vez menos seu talento, esta monstruosidade que o diferencia dos outros homens”.<sup>[2]</sup>

A verdade é que a obra de Balzac sobreviveu ao autor, às suas idiosincrasias, vaidades, aos seus desastres financeiros e amorosos. Sua mente prodigiosa concebeu um mundo muito maior do que os seus contemporâneos alcançavam. E sua obra projetou-se no tempo como um dos momentos mais preciosos da literatura universal. Se Balzac nascesse de novo dois séculos depois, ele veria que o último parágrafo do seu prefácio para *A comédia humana*, longe de ser um exercício de vaidade, era uma profecia:

“A imensidão de um projeto que abarca a um só tempo a história e a crítica social, a análise de seus males e a discussão de seus princípios autoriza-me, creio, a dar à minha obra o título que ela tem hoje: *A comédia humana*. É ambicioso? É justo? É o que, uma vez terminada a obra, o público decidirá.”

*Ivan Pinheiro Machado*

[1]. A idéia de Balzac era que *A comédia humana* tivesse 137 títulos, segundo seu *Catálogo do que conterà A comédia humana*, de 1845. Deixou de fora, de sua autoria, apenas *Les cent contes drolatiques*, vários ensaios e artigos, além de muitas peças ficcionais sob pseudônimo e esboços que não foram concluídos.

[2]. RÓNAI, Paulo. “A vida de Balzac”. In: BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Vol. 1. Porto Alegre: Globo, 1940. Rónai coordenou, prefaciou e executou as notas de todos os volumes publicados pela Editora Globo.

FERRAGUS,

O CHEFE DOS DEVORADORES

---

## INTRODUÇÃO

---

### *Crimes e intrigas numa Paris assolada por tragédias e paixões*

Balzac denominou *História dos Treze* a trilogia composta pelos romances *Ferragus*, *A duquesa de Langeais* e *A menina dos olhos de ouro*. Estes livros são completamente autônomos, com histórias e personagens totalmente distintos. Em comum, apenas a existência de uma sociedade secreta, Os Treze Devoradores, espécie de seita composta por treze amigos, cujo objetivo é de se ajudarem mutuamente – e secretamente –, colocando a amizade acima de qualquer preceito moral e até mesmo da lei. Esse tipo de “sociedade”, quase um ideal romântico, ocupava o imaginário do público parisiense em meados do século XIX, e as histórias envolvendo seitas secretas tinham enorme sucesso na época. Balzac, muito mais do que seguir uma moda, criou três obras-primas. No prefácio a *Ferragus*, Balzac valoriza a questão das sociedades secretas e, especialmente, a sociedade Os Treze Devoradores. *Ferragus* é o chefe da seita e um dos personagens principais do romance. A presença da sociedade é constante, quer pela participação do protagonista, quer pela terrível perseguição movida pelos confrades ao ingênuo barão de Maulincour. Em *A duquesa de Langeais*, a participação dos Devoradores é localizada e bem menos evidente do que em *Ferragus*, e subentende-se que Montriveau é um dos membros da seita. O mesmo ocorre no terceiro romance da trilogia, *A menina dos olhos de ouro*; Balzac faz o leitor acreditar que o protagonista, Henri de Marsay, tem “amigos” que o ajudam sempre e incondicionalmente. Inclusive o próprio *Ferragus* reaparece numa cena rápida ao final de *A menina dos olhos de ouro*.

Na verdade, Balzac, com seu gênio “marqueteiro”, procurou chamar a atenção para os seus livros ao dar vazão a uma moda da época. Consta do folclore balzaquiano que ele próprio, com alguns amigos, fundou sua sociedade secreta em meados da década de 1830. Batizada como “Cheval Rouge”, essa sociedade (que pouco durou e nada realizou de marcante) destinava-se a influir na imprensa e na crítica literária. *Ferragus* foi publicado em 1833 em formato de folhetim diário pela *Revue de Paris*, atingindo um êxito impressionante, a ponto de mobilizar os milhares de leitores na expectativa de cada novo capítulo. Note-se que neste livro Balzac já vislumbrava a possibilidade de construir uma obra que no seu conjunto formasse um enorme painel da sociedade do seu tempo. E não é por acaso que *Ferragus* iniciou a série de romances e novelas classificadas por ele como *Cenas da vida parisiense*. O escritor francês Blaise Cendrars (1887-1961), em prefácio a uma edição de 1949, escreveu: “*Ferragus* é o protótipo do romance balzaquiano e, cronologicamente, o primeiro dos seus grandes livros. Desde a primeira página Balzac esboça o plano psicológico, anatômico, físico, mecânico e econômico desta Paris moderna que ocupou tanto espaço em sua obra, não cessando de crescer como um monstruoso tumor, cidade tentacular

que impregna inconscientemente e suga seus habitantes, patologia esta que Balzac acompanhou e soube diagnosticar como poucos”. Ao recomendar ao jovem aspirante a escritor Raymond Radiguet a leitura “urgente” de Balzac, sugeria que começasse exatamente por este livro.

Neste magnífico romance, considerado quase como um romance *noir*, um policial de trama complicada, vemos Balzac em grande estilo, combinando crimes, paixões violentas, intrigas e sociedades secretas. Com um suspense sempre crescente, *Ferragus* apresenta poderosos personagens da galeria balzaquiana, como madame Desmarets e seu marido, o devotado Jules, o impulsivo e apaixonado barão de Maulincour, além do próprio Ferragus, o misterioso personagem que protagoniza as inúmeras peripécias do romance. Como pano de fundo, como bem disse Blaise Cendrars, a presença impressionante da cidade de Paris quase como um ser vivo, interagindo com os personagens por meio das suas sombras, suas ruelas sinistras e enlameadas e seus fiacres soturnos que cruzam as madrugadas.

*I.P.M.*

# Ferragus, o chefe dos devoradores

*A Hector Berlioz*[\[1\]](#)

[\[1\]](#). O famoso compositor Hector Berlioz (1803-1869) era amigo de Balzac. Na época tinha trinta anos. Dizia-se que ambos pretendiam transformar *Ferragus* em um libreto de ópera, mas o projeto não foi adiante porque Berlioz iniciou *Les Troyens*, talvez a mais longa das óperas já escrita. (N.T.)

# PREFÁCIO

---

*Honoré de Balzac*

Havia em Paris, durante a época do Império, treze homens igualmente movidos pelos mesmos sentimentos, dotados de uma grande energia que lhes possibilitava permanecerem fiéis ao mesmo pensamento, igualmente honrados entre si, de tal modo que seriam incapazes de se traírem uns aos outros, mesmo quando seus interesses se achavam em campos opostos; eram, ao mesmo tempo, habilidosos politicamente para dissimular os sagrados laços que os uniam, fortes o suficiente para enfrentar todas as leis, suficientemente ousados para empreender tudo e felizes o bastante para quase sempre alcançar sucesso em seus desígnios; haviam corrido os maiores perigos, mas calavam suas derrotas; eram inacessíveis ao medo e não tremeram nem diante dos príncipes, nem frente ao carrasco, nem perante a inocência; aceitavam-se inteiramente uns aos outros, tais como eram, sem dar atenção aos preconceitos sociais; sem dúvida, eram criminosos, mas certamente homens notáveis por algumas dessas qualidades que se encontram nos grandes homens, e haviam sido escolhidos entre os melhores. Enfim, para que nada faltasse à poesia sombria e misteriosa desta história, esses treze homens permaneceram desconhecidos, ainda que tenham posto em prática as idéias mais bizarras que sugerem à imaginação a fantástica pujança atribuída falsamente a Manfred, a Fausto e a Melmoth;[\[1\]](#) e todos hoje em dia se encontram domados, ou pelo menos dispersos. Colocaram-se pacificamente sob o jugo das leis civis, do mesmo modo que Morgan,[\[2\]](#) o Aquiles dos piratas, transformou-se de rapinante em colono tranqüilo e gozou sem o menor remorso, à luz da lareira doméstica, os milhões reunidos entre o sangue derramado, à claridade vermelha dos incêndios.

Depois da morte de Napoleão, um acontecimento que o autor não deve mencionar ainda rompeu os laços dessa vida secreta e tão curiosa como o mais negro dos romances da sra. Radcliffe.[\[3\]](#) A permissão bastante estranha para relatar à sua maneira algumas das aventuras pelas quais esses homens passaram, desde que respeitando algumas convenções, só lhe foi dada recentemente por um desses heróis anônimos pelos quais a sociedade inteira foi inadvertidamente subjugada e em quem ele pareceu descobrir um vago desejo de celebridade.

Esse homem, aparentemente ainda jovem, com cabelos louros e olhos azuis, cuja voz doce e clara parecia anunciar uma alma feminina, tinha um rosto pálido e maneiras misteriosas, conversava com grande amabilidade, fingia ter apenas quarenta anos e poderia pertencer às classes sociais mais elevadas. O nome que ele usava parecia ser um nome suposto; sua pessoa era desconhecida na sociedade elegante. Quem é ele? Ninguém sabe.

Talvez, ao confiar ao autor as coisas extraordinárias que revelou, o desconhecido quisesse vê-las reproduzidas de alguma forma e alegrar-se com as emoções que fariam nascer no coração das multidões um sentimento semelhante ao que animava Macpherson[4] quando o nome de Ossian, sua criatura, era pronunciado em todas as línguas. E essa era, certamente, para o advogado escocês, uma das emoções mais vivas que sentiu, uma das sensações mais raras, pelo menos, que alguém possa provocar em si mesmo. E permanecer assim anônimo não é uma obra de gênio? Escrever *O itinerário de Paris a Jerusalém*[5] é tomar parte na glória humana de um século inteiro; mas dar a seu próprio país um novo Homero não é o mesmo que usurpar um atributo divino?

O autor conhece demasiadamente bem as leis da narrativa para ignorar os compromissos que este curto prefácio o leva a assumir; mas ele também conhece o bastante da *História dos Treze* para ter certeza de jamais se encontrar abaixo do interesse que deve inspirar este programa. Dramas com sabor de sangue, comédias cheias de terror, romances em que rolam cabeças secretamente cortadas, tudo isso lhe foi confiado. Se algum leitor não estivesse saciado dos horrores friamente servidos ao público nos últimos tempos, o autor poderia lhe revelar calmas atrocidades, tragédias familiares surpreendentes, bastando que o desejo de conhecê-las lhe fosse manifestado. Mas ele escolheu as aventuras mais suaves, aquelas em que cenas puras se sucedem à tempestade das paixões e nas quais a mulher irradia virtudes e beleza. Para a honra dos Treze, episódios desse tipo também se encontram em sua história, que talvez um dia tenha a honra de ser considerada no mesmo pé das aventuras de piratas, essa gente à parte, tão curiosamente enérgica, tão atraente apesar de seus crimes.

Um escritor deve evitar converter seus relatos, quando eles descrevem fatos verdadeiros, em uma espécie de caixa de surpresas ou fazer os leitores passearem, à maneira de alguns romancistas, durante quatro volumes, de subterrâneo em subterrâneo, até mostrar a eles um cadáver ressequido e dizer, à guisa de conclusão, que esteve a lhes provocar constantemente o medo de uma porta oculta por detrás de alguma tapeçaria ou de um morto abandonado por descuido sob as tábuas do assoalho. Apesar de sua aversão aos prefácios, o autor achou conveniente introduzir estas palavras no início deste fragmento. *Ferragus* é um primeiro episódio que se prende por laços invisíveis à *História dos Treze*, cuja energia naturalmente adquirida é a única coisa que pode explicar alguns de seus aspectos aparentemente sobrenaturais. Ainda que seja permitido aos narradores ostentar uma espécie de vaidade literária, ao se tornarem historiadores eles devem renunciar aos benefícios que produz a aparente estranheza dos títulos sobre os quais se fundamentam hoje os breves sucessos. Desse modo, o autor explicará aqui, sucintamente, as razões que o obrigaram a aceitar títulos aparentemente pouco naturais.

FERRAGUS é, segundo um velho costume, um nome adotado por um dos chefes dos Devoradores. No dia de sua eleição, esses chefes decidem continuar aquela, dentre as dinastias devoradorescas, cujo nome mais lhe agrada, do mesmo modo que fazem os papas no início de seus reinados, com relação às dinastias pontifícias. Assim, os Devoradores têm Trempe-la-Soupe IX [Tempera-Sopa], Ferragus XXII, Tutanus XIII ou Masche-Fer IV [Masca-Ferro], do mesmo modo que a Igreja tem os seus Clemente XIV, Gregório IX, Júlio II, Alexandre VI etc. Tudo bem, mas o que são os Devoradores? *Dévorants* ou Devoradores é o nome de uma das tribos de Companheiros ou *Compagnons* que surgiram da grande associação mística formada entre os operários da Cristandade com o objetivo de reconstruir o templo de Jerusalém. A “Companhia”, ou a *Compagnonnage*, ainda floresce entre o povo da França. Suas tradições, ainda poderosas em cérebros pouco esclarecidos de pessoas que não têm instrução suficiente para quebrar seus

juramentos, poderiam servir para poderosas empresas, se algum gênio conseguisse assumir o controle destas diversas sociedades. De fato, todos os seus instrumentos são quase cegos; nelas, de cidade em cidade, existe para os Companheiros, desde tempos imemoriais, uma *Obade*, uma espécie de hospedaria mantida por uma Mãe, uma velha meio boêmia, que não tem nada a perder e que sabe de tudo o que se passa na região, devotada, seja por medo, seja em consequência de um longo hábito, à tribo que ela aloja e alimenta. Enfim, esta gente muda, mas permanece submetida a costumes imutáveis e pode ter olhos em todos os lugares e executar por toda parte uma ordem sem discutir, porque o mais velho dos Companheiros ainda se encontra em uma idade em que se pode acreditar em alguma coisa. Aliás, o corpo inteiro professa doutrinas muito verdadeiras, bastante misteriosas, que permitem eletrizar patrioticamente todos os adeptos, desde que elas sejam minimamente desenvolvidas. Isso porque a fidelidade dos Companheiros às suas leis é tão apaixonada que as diversas tribos travam entre si combates sangrentos só para defender algumas questões de princípios. Felizmente, para a ordem pública atual, quando um Devorador é ambicioso, ele constrói mansões, faz fortuna e abandona a Companhia. Haveria muitas coisas curiosas a revelar sobre os Companheiros do Dever, os rivais dos Devoradores, e sobre todas as diferentes seitas de operários, sobre seus costumes e suas fraternidades, sobre os relacionamentos que existem entre eles e a Maçonaria; mas os detalhes ficariam deslocados se fossem incluídos aqui. O autor somente ajuntará que, sob a antiga monarquia, não era incomum encontrar-se um Trempe-la-Soupe a serviço do Rei, contratado por 101 anos para remar em suas galés; mas de lá dominando sempre sua tribo e consultado religiosamente por ela; e depois, se ele conseguisse fugir de sua tripulação de remadores, teria plena certeza de encontrar ajuda, socorro e respeito em todos os lugares. Ver seu chefe preso nas galés não significa para sua fiel tribo nada mais que um desses infortúnios pelos quais a Providência é responsável, mas que não dispensa os Devoradores de obedecer ao poder criado por eles para governar sobre eles. É um exílio momentâneo de seu rei legítimo, mas que nem por isso deixa de ser seu rei. Eis aqui portanto, completamente dissipado, o prestígio romanesco anexado ao nome de Ferragus e ao dos Devoradores.

Quanto aos Treze, o autor sente-se ainda fortemente apoiado sobre os detalhes desta história quase romântica para abdicar ainda de um dos mais belos privilégios do romancista de que tem notícia e que, no Châtelet[6] da literatura, poderia ser adjudicado a alto preço e impor ao público tantos volumes quantos lhe deu a Contemporânea[7]. Todos os Treze eram homens provados pela vida, tal como foi Trelawny, o amigo de Lord Byron que, segundo dizem, foi o original de *O corsário*; todos fatalistas, gente de coragem e de poesia, mas aborrecidos pela vida corriqueira que levavam, conduzidos a gozos asiáticos por forças que, tanto mais excessivas por se acharem adormecidas por longo tempo, se revelavam ainda mais furiosas. Certo dia, um deles, depois de haver relido *A Veneza salva*[8], depois de haver admirado a união sublime de Pierre e de Jaffier, começou a sonhar com as virtudes características daquelas pessoas que eram alijadas para fora da ordem social, com a probidade dos condenados, com a fidelidade dos ladrões entre si, com os privilégios de poder exorbitante que esses homens sabem conquistar ao confundir todas as idéias em uma só vontade. Aqui ele encontrou um homem maior que os homens. Ele presumiu que toda a sociedade deveria pertencer àquelas pessoas que, devido a seu espírito natural, em razão de seus conhecimentos adquiridos e em virtude de sua fortuna, se poderiam unir em um fanatismo tão cálido que fundiria em um único jato todas essas forças diferentes. A partir desse momento, imenso em ação e intensidade, sua pujança oculta, contra a qual a ordem social não teria defesas,

venceria todos os obstáculos, reuniria todas as vontades em uma só e daria a cada um deles o poder diabólico de todos. Esta sociedade à parte dentro da sociedade e hostil à sociedade, não admitindo quaisquer das idéias da sociedade, não reconhecendo quaisquer de suas leis, submetendo-se tão-somente à consciência de suas próprias necessidades, obedecendo apenas a seu devotamento, agiria inteiramente em favor de um único de seus associados quando qualquer deles reclamasse a assistência de todos; esta vida opulenta de flibusteiros de luvas amarelas e esta união íntima de gente superior, fria e escarninha, sorridente e reprobatória no meio de uma sociedade falsa e mesquinha; a certeza de que tudo poderia ser dobrado por força de um capricho, que uma vingança poderia ser urdida com habilidade, que seria possível viver com treze corações; e depois, a felicidade contínua de gozar de um segredo de ódio diante dos homens, de estar sempre armado contra eles e de poder retirar-se para dentro de si mesmo com uma idéia superior àquela que experimentavam as pessoas mais notáveis; esta religião de prazer e de egoísmo fanatizou treze homens, que reiniciaram a Sociedade de Jesus em benefício do diabo. Somente isso já foi horrível e sublime. Depois, o pacto foi firmado; e a seguir, ele durou, precisamente porque parecia ser impossível. Houve então em Paris treze irmãos que se pertenciam mutuamente e que fingiam desconhecer-se quando em sociedade; mas que se reencontravam e se reuniam todas as noites como conspiradores, não escondendo sequer um pensamento dos outros e usando conjuntamente uma fortuna semelhante à do Velho da Montanha[9]; tendo os pés em todos os salões, as mãos em todos os cofres-fortes, os cotovelos na rua, as cabeças sobre todas as orelhas e sem o menor escrúpulo, sacrificando tudo no altar de sua fantasia. Nenhum chefe os comandava, ninguém podia arrogar-se tal poder; somente a paixão mais viva e a circunstância mais exigente passavam para o primeiro plano. Foram treze reis desconhecidos, mas realmente reis e, mais do que reis, juízes e carrascos que, depois de abrirem suas próprias sendas a fim de percorrerem a sociedade de alto a baixo, desdenharam de assumir qualquer posição de mando dentro dela, porque dentro dela podiam tudo. Se o autor ficar conhecendo as causas de sua abdicação, ele as contará.

[1]. Personagens de Lord Byron (1788-1824), Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Charles Robert Maturin (1782-1824) que têm em comum o fato de haverem concluído um pacto com potências demoníacas que lhes deram poderes sobre-humanos. (N.T.)

[2]. Sir Henry Morgan (1635-1688), aventureiro inglês que durante cinco anos pilhou as colônias espanholas das Antilhas e da América Central, sendo depois nomeado governador da ilha da Jamaica, onde terminou sua vida pacificamente. (N.T.)

[3]. Ann Radcliffe (1764-1823): escritora inglesa, autora de romances góticos, como *As memórias de Udolfo*, no final dos quais todos os acontecimentos aparentemente sobrenaturais do enredo tinham um desfecho racional. (N.T.)

[4]. James Macpherson (1736-1796), literato escocês, cuja celebridade se deve à publicação dos *Poemas de Ossian*, que ele fingiu haver traduzido dos escritos de um antigo bardo celta. Ossian, por sua vez, é uma figura histórica, filho de Fingal, rei dos Morven, uma tribo irlandesa. Liderou uma confederação contra as invasões romanas de Sétimo Severo e de Caracala, conseguindo manter a independência da ilha. (N.T.)

[5]. Obra do célebre escritor francês François-René Chateaubriand, publicada em 1811.

[6]. A Place du Châtelet era o lugar de Paris em que, na época, realizavam-se os leilões públicos. (N.T.)

[7]. Elselina Vanayl de Yongh, chamada Ida de Saint-Elme, atriz e escritora cuja celebridade se deve à publicação de *Memórias de uma contemporânea*, em 1827, redigida a partir de suas anotações por Armand Malitourne (1797-1866), historiador e amigo de Balzac. Aproveitando o sucesso do livro e sob o pseudônimo de *A contemporânea*, ela publicou uma série de relatos escandalosos que obteve grande sucesso. (N.T.)

[8]. Tragédia do dramaturgo inglês Thomas Otway (1652-1685). Nesse drama, a cumplicidade que une os dois heróis é exemplar. Em *Ilusões perdidas*, Vautrin pergunta a Rubempré se ele “compreendeu esta amizade profunda que liga Pierre e Jaffier” e, em *O pai Goriot*, ele se gaba a Rastignac por saber de cor *A Veneza salva*. (N.T.)

[9]. Apelido atribuído a Hassan Ben-Sabbah, que fundou no século XI a seita herética dos Assassinos (do árabe hashishi, comedores de haxixe), estendendo seu poder sobre parte da Pérsia e da Síria. (N.T.)

# FERRAGUS,

## O CHEFE DOS DEVORADORES

Mas agora já lhe é permitido começar a narrativa de três episódios que, nesta história, seduziram-no mais que todos, pelo sabor parisiense de seus detalhes e pela magnífica estranheza de seus contrastes.

*H.B.*

Paris, 1831

## CAPÍTULO I

---

### *Madame Jules*

Existem em Paris algumas ruas de tão má reputação quanto a que pode ser atribuída a um homem que cometeu alguma infâmia; existem também ruas nobres, ao lado de ruas simplesmente decentes; um pouco mais além, estendem-se ruas jovens, sobre cuja moralidade o público ainda não teve tempo de se decidir; e há ruas assassinas; ruas mais antigas que as mais velhas das viúvas ricas; ruas simpáticas, ruas sempre limpas, ruas sempre sujas, ruas operárias, trabalhadoras, comerciais. Em uma palavra, as ruas de Paris têm qualidades humanas, e seu aspecto geral nos impõe certas idéias contra as quais nos sentimos indefesos. Existem ruas que se parecem com más companhias, onde você não ia querer morar, e outras ruas para as quais você se mudaria com a maior boa vontade. Há algumas ruas, como a Rue Montmartre, com uma bela cabeça, mas que terminam em um rabo de peixe.<sup>[1]</sup> A Rue de la Paix é larga e comprida, mas não desperta nenhum dos pensamentos nobres e elegantes que podem tomar de surpresa uma alma sensível que estiver caminhando pela Rue Royal, ao mesmo tempo em que certamente lhe falta a majestade que se encontra na Place Vendôme. Se você decidir passear pelas ruas da Île de Saint-Louis, não se espante ao ser tomado por uma tristeza angustiante, que é provocada pela solidão, pelo aspecto melancólico das casas e pela visão das grandes mansões desertas. É quase como se essa ilha fosse o cadáver coletivo dos antigos coletores de impostos do rei, uma espécie de Veneza parisiense. A Place de la Bourse é ruidosa, ativa, prostituída a todos os visitantes; só é bela à luz do luar, às duas horas da madrugada; durante o dia, é uma síntese da Paris buliçosa; durante a noite, torna-se um devaneio sobre a Grécia Antiga. A Rue Traversière-Saint-Honoré pode ser perfeitamente chamada de uma rua de má reputação. É composta por fileiras de casinhas feias e estreitas, mas com duas entradas, nas quais, de andar em andar, encontram-se todos os vícios, todos os crimes, todas as degradações da miséria. Aquelas ruas estreitas expostas ao vento norte, em que o sol somente se atreve a espiar três ou quatro vezes por ano, são verdadeiras ruas assassinas, em que se mata impunemente. Hoje em dia, os policiais sequer aparecem por lá; mas antigamente, o Parlamento teria mandado convocar o chefe de polícia para censurá-lo por permitir que acontecesse lá *aquela tipo de coisas*. Provavelmente, teria emitido um mandado de prisão contra a rua inteira, como fez há pouco tempo para confiscar as perucas dos eclesiásticos da igreja de Beauvais. Enquanto isso, *monsieur* Benoiston de Châteauneuf<sup>[2]</sup> demonstrou que a mortalidade nessas ruas era pelo menos o dobro da que ocorria nas outras. Vamos finalizar esta introdução citando o exemplo da Rue Fromenteau, uma rua ao mesmo tempo mortífera e imoral. Estas observações, incompreensíveis para quem não more ou conheça bem Paris, serão sem dúvida aprovadas pelos homens que se dedicam ao estudo e ao pensamento, à poesia e ao prazer intelectual e que sabem recolher, enquanto passeiam por Paris, os prazeres contínuos que flutuam a cada momento ao longo de suas muralhas; serão compreendidas por aqueles para quem Paris é o mais delicioso dos monstros: aqui se

vêm as belas mulheres; logo ali, os velhos e os pobres; em um ponto, tudo é novo e reluzente, como as moedas cunhadas no início de um reino; mais adiante, elegante como as mulheres que se vestem no rigor da moda. Realmente, um monstro completo!... Os sótãos cheios de águas-furtadas são uma espécie de cabeças, cheias de ciência e de engenhosidade; seus primeiros andares, estômagos felizes; suas lojinhas, verdadeiros pés: é delas que saem todos os transeuntes, toda essa gente tão ocupada e cheia de compromissos... E como a vida do monstro é ativa! Mal o ruído da passagem das últimas carruagens que chegam dos bailes cessa em seu coração, já seus braços se espreguiçam em Barrières<sup>[3]</sup> e ele começa lentamente a se mexer. Todas as portas bocejam, giram em suas dobradiças, como as pinças de uma grande lagosta, invisivelmente empurradas por trinta mil homens ou mulheres, cada um dos quais é forçado a viver em menos de dois metros quadrados, mas que tem uma cozinha, uma oficina, uma cama, filhos, talvez um jardim, onde a claridade quase não chega, mas é tudo que pode ver. Quase sem que se perceba, as articulações começam a estalar, o movimento se transmite ao corpo todo e a rua fala. Ao meio-dia, tudo já está vivo, as chaminés fumegam, o monstro come; depois, começa a rugir e a sacudir suas mil patas. Que lindo espetáculo!... E mesmo assim, ah, Paris! Quem não conseguiu admirar tuas paisagens sombrias, os curtos instantes em que brilha a luz, teus becos infundáveis e silenciosos, quem não pôde escutar teus sussurros entre a meia-noite e as duas da manhã ainda não teve a menor oportunidade de conhecer sequer um pouco de tua verdadeira poesia, nem contemplar teus contrastes, tão grandes e tão estranhos!... Todavia, sempre se encontra um certo número de conhecedores, pessoas que não caminham imersas em seus próprios pensamentos, mas que sabem como se deliciar com Paris, que conhecem tão bem sua fisionomia que percebem nela até mesmo uma verruga, um sinal de nascença, o menor rubor. Para os outros, Paris é sempre uma maravilha monstruosa, um espantoso conjunto de acontecimentos, de máquinas e de idéias, a cidade em que transcorrem cem mil romances, a verdadeira cabeça do mundo. Só que para estes, Paris é triste ou bela, feia ou linda, viva ou morta; para eles, Paris é uma criatura completa: cada ser humano, cada detalhe de um prédio são apenas um fragmento do tecido celular dessa grande cortesã, de quem conhecem perfeitamente a cabeça, o coração e os fantásticos costumes. Todos eles também são amantes de Paris: ao chegarem a uma determinada esquina, levantam o nariz em direção ao mostrador de um relógio que sabem muito bem encontrar-se lá; são perfeitamente capazes de dizer a um amigo que ficou sem cigarros: “Olhe, siga por aquela passagem, à esquerda há uma tabacaria, fica bem ao lado daquela confeitaria cujo proprietário arranjou uma linda mulher...”. E, no entanto, viajar através de Paris é um luxo muito caro para esses poetas... Como podem evitar perder alguns minutos para assistir aos pequenos dramas, aos desastres, às fisionomias, aos pequenos acidentes que nos assaltam a todo momento quando atravessamos esta movimentada rainha das cidades, vestida somente de cartazes e que não dispõe de um único canto para si mesma, por aceitar com tanta complacência todos os vícios da nação francesa!... Quem foi que não passou pela experiência surpreendente de sair de casa pela manhã, com a intenção de caminhar até uma das extremidades de Paris e não conseguir sair do centro até a hora do jantar? Ah, são esses que saberão melhor desculpar este prólogo errante que, ainda assim, pode ser considerado como uma única observação profundamente útil e nova, tanto quanto uma observação consegue ser nova em Paris, onde nunca acontece nada de novo, nem mesmo a estátua inaugurada ontem, sobre cujo pedestal um rapazinho atrevido já grafitou seu nome... Pois muito bem, existem aqui certas ruas, ou o final de algumas ruas, existem aquelas casas que a maior parte das pessoas da alta sociedade desconhece, esses prédios em que a maioria das mulheres que pertencem

às classes superiores não poderia entrar sem que pensassem e dissessem delas as coisas mais cruelmente injuriosas. Não importa que essa mulher seja rica, tanto faz que ela possua uma carruagem, não faz diferença que ande a pé ou disfarçada ao percorrer qualquer um dos desfiladeiros deste labirinto parisiense, ao ingressar aí, ela compromete irremediavelmente sua reputação de mulher honesta. E se, por acaso, ela chega a tais lugares depois das nove horas da noite, então as conjecturas que um observador talvez crie em sua cabeça podem originar as conseqüências mais assustadoras. E depois, se essa mulher é jovem e bonita, se ela entra em alguma casa de qualquer dessas ruas, se a referida casa tem um corredor longo, úmido e fedorento; se somente ao final do corredor bruxuleia a luz pálida de uma lâmpada a óleo; mais ainda, se sob essa iluminação insuficiente se divisa o rosto horrível de uma velha de dedos descarnados, não resta mais dúvida – e só afirmamos isto porque nosso desejo sincero é proteger as mulheres jovens e belas –, essa pobre criatura está perdida. Está nas mãos do primeiro homem que a conheça e que a encontre casualmente nestes pântanos parisienses. E existe ainda uma determinada rua em Paris na qual esse encontro pode tornar-se o drama mais assustadoramente terrível, um drama de amor e de sangue, uma tragédia bem ao gosto da escola moderna... Infelizmente, essa condenação, essa dramaticidade, somente será compreendida por poucas pessoas, do mesmo modo que essas peças do teatro contemporâneo; e é realmente uma grande pena contar uma história a um público que só a compreende pela metade, que é incapaz de alcançar todas as suas conseqüências. Mas quem é essa pessoa que pode afirmar com plena convicção que sempre foi entendida por todos? Todos nós acabamos por morrer desconhecidos. Esse é o destino de todas as mulheres e também o de todos os escritores.

Às oito e meia de uma certa noite, na Rue Pagevin, naquele tempo em que não existia uma só parede dessa Rue Pagevin em que não estivesse escrita alguma obscenidade, indo na direção da Rue Soly, a rua mais estreita e mais difícil de atravessar que existe em Paris, sem excetuar a esquina menos freqüentada das ruas mais desertas; no começo do mês de fevereiro, mais ou menos uns treze anos atrás, [4] aconteceu que um rapaz, por um desses acasos que acontecem apenas uma vez na vida, dobrou a pé a esquina da Pagevin com a intenção de entrar na Rue des Vieux-Augustins, virando por engano para o lado direito, precisamente onde fica a Rue Soly. Foi nesse instante que esse rapaz, domiciliado na Rue de Bourbon, percebeu de repente uma mulher alguns passos à sua frente, que ele viera seguindo distraidamente e sem a menor intenção, notando que ela apresentava uma vaga semelhança com aquela que ele considerava a mais bela mulher de Paris, uma criatura de comportamento tão irrepreensível quanto seu corpo era sedutor, pela qual se encontrava secretamente apaixonado, embora sem a menor esperança, porque sabia que era casada. Nesse momento, seu coração deu um salto no peito, um calor insuportável subiu desde seu diafragma e percorreu todas as suas veias, enquanto sentia um calafrio descendo pela espinha e as veias de sua testa começavam a latejar. O infeliz amava, era jovem, conhecia muito bem Paris; esse mesmo conhecimento não lhe permitia ignorar quanta infâmia poderia recair sobre uma mulher elegante, rica, jovem e bela, caminhando sozinha logo por ali, ainda mais com um andar tão furtivo como o de uma criminosa. Mas logo *ela*, naquela zona imunda e a essa hora da noite!... O amor que o jovem sentia por aquela mulher poderia parecer extremamente romântico, especialmente em se tratando de um oficial da Guarda Real. Se ainda fosse um oficial da Infantaria, seu comportamento talvez pudesse ser explicado; mas era um oficial superior da Cavalaria, justamente a arma do exército francês cujos oficiais eram afamados pela rapidez com que faziam suas conquistas, que se orgulhavam tanto de

seus casos amorosos como de sua própria farda!... Todavia, a paixão daquele oficial era sincera e seria compreendida como um grande amor por muitos jovens de coração mais sensível. Ele amava aquela mulher justamente porque era virtuosa, ele adorava sua virtude, sua decência graciosa, sua visível santidade; eram esses justamente os tesouros mais apreciados por sua paixão nunca declarada. Essa mulher lhe parecia realmente digna de inspirar um desses amores platônicos, que surgem como flores brotadas de ruínas sanguinolentas através da história violenta da Idade Média; digna de ser secretamente a inspiradora de todas as ações heróicas de um jovem oficial; um amor tão elevado e tão puro quanto o céu de um azul imaculado; um amor sem esperança, mas que nos prende firmemente, porque é o amor que não nos pode enganar, nem iludir; um amor cheio de gozos reprimidos, sobretudo nessa idade em que o coração é mais cheio de ardor, a imaginação mais aguçada e os olhos de um homem percebem o mundo à sua volta da forma mais clara. É comum encontrar em Paris os efeitos noturnos mais singulares, estranhos e inconcebíveis. Somente os homens que se contentam em observá-las de longe sabem como as mulheres se tornam fascinantes por entre as brumas do nevoeiro. Em um momento, aquela criatura que está sendo seguida de longe, por acaso ou deliberadamente, parece esbelta e delicada ao extremo; no instante seguinte, se ela estiver usando meias brancas, surge a impressão de que suas pernas são finas e elegantes; depois as costas, mesmo quando envolvidas por um xale ou um casaco de pele, revelam-se jovens e voluptuosas de permeio às sombras; mais adiante, a claridade incerta que brota das vitrinas de uma lojinha ou desce de um lampião sobre a calçada revestem a desconhecida de um brilho fugidio e quase sempre enganador, mas que desperta a imaginação em um relance e logo a incendeia e projeta para além de qualquer possibilidade real e verdadeira. É então que todos os sentidos se alvoroçam, tudo assume uma coloração mais viva, animada pelo entusiasmo incontrolável; a mulher assume um aspecto totalmente novo; seu corpo parece transbordar de beleza; por alguns instantes deixa de ser uma mulher, é mais um feitiço irresistível, um fogo-fátuo que nos arrasta por um ardente magnetismo até uma residência perfeitamente respeitável, em que a pobre senhora, com medo da ameaça representada por nossos passos, pelo som ressonante de nossas botas contra o pavimento, se atira casa adentro e nos bate com a porta no nariz, sem ao menos nos relancear um olhar... Foi nesse momento que o clarão vacilante projetado pela janelinha de um sapateiro a iluminou de súbito, precisamente da cintura aos quadris, revelando com exatidão as formas da mulher que caminhava à frente do jovem. Mas não podia haver dúvida! Somente ela tinha um corpo assim tão bem torneado! Somente ela dispunha do segredo desse andar recatado que inocentemente salienta ainda mais a beleza de um talhe tão atraente. Era ela, sem sombra de dúvida: aquele era o xale que usava pela manhã, aquele era o chapéu de veludo que o oficial contemplava todas as manhãs quando a vigiava em segredo inocente. Suas meias de seda cinzenta não mostravam a menor mancha, seus sapatos não apresentavam qualquer salpico da lama das ruas. O xale estava bem apertado contra o busto, desenhava vagamente seus deliciosos contornos e o rapaz conhecia muito bem seus ombros claros, por tê-los contemplado mais de uma vez nos bailes; conhecia muito bem todos os tesouros que o xale encobria. Um homem perspicaz, ao ver a maneira com que uma parisiense se envolve em seu xale, pelo jeito peculiar com que levanta e baixa os pés antes de pisar novamente na calçada, é perfeitamente capaz de adivinhar o segredo de seu misterioso destino. Existe alguma coisa imponderável, adivinha-se um tremor palpitante, uma leveza indefinível tanto nela como em seu andar: a mulher parece pesar menos, ela avança de uma forma deslizante, melhor ainda, é como se flutuasse tal uma estrela, é como se voasse com as asas do pensamento e fosse traída pelas dobras e oscilações de sua roupa

drapejante. O rapaz apressou o andar, ultrapassou a mulher e virou depressa o rosto para ver suas feições... Ora!... Ela desaparecera em um corredor, cuja porta, dotada de um postigo para ver quem estava na rua, ainda estalava contra o batente e cuja campainha ainda retinia. O jovem retornou, segurou a folha antes que se fechasse totalmente e viu a mulher subindo por uma escada no final do corredor, enquanto recebia as obsequiosas saudações de uma velha, naturalmente, a porteira, uma escada retorcida cujos primeiros degraus estavam perfeitamente iluminados. E a senhora subia rapidamente, agilmente, como se estivesse cheia de impaciência.

– Impaciente por quê? – indagou-se o jovem mentalmente, enquanto recuava para encostar as costas à parede do lado oposto da rua. E ficou perscrutando, o pobre-coitado, todos os andares do prédio, com a atenção de um agente de polícia encarregado de vigiar um suspeito.

Era uma dessas casas que existem aos milhares em Paris, uma casa encardida pelo tempo, de aspecto vulgar, estreita, ainda com os vestígios desbotados de uma pintura amarelada, com quatro andares, cada um com três janelas. A lojinha do térreo e os cômodos do porão pertenciam ao sapateiro. As venezianas do primeiro andar estavam fechadas. Aonde iria a senhora? O rapaz teve a impressão de escutar o tilintar de uma campainha no apartamento do segundo andar. De fato, uma luz moveu-se em uma peça cujas duas janelas estavam perfeitamente iluminadas, mesmo através das persianas, iluminando subitamente a terceira abertura, cuja obscuridade sugeria uma pequena peça, sem dúvida a sala de visitas ou de refeições do minúsculo apartamento. Mal a silhueta de um chapéu feminino desenhou-se vagamente contra as vidraças, a porta fechou-se, a janela da peça de entrada escureceu novamente e depois as duas seguintes retomaram sua luminosidade avermelhada. Nesse momento, o rapaz escutou um grito:

– Cuidado, pateta!

No instante seguinte, sentiu uma batida no ombro.

– Você é cego ou não olha em volta? – resmungou uma voz grosseira.

Era a voz de um operário que carregava em um dos ombros uma longa prancha. O operário seguiu em frente, sem dar mais atenção a ele. E esse operário pareceu um enviado da providência divina, que recebera a missão de advertir o curioso:

– Mas em que você veio se meter? Cuide de seu serviço, como sempre fez, trate de suas obrigações militares e deixe esses parisienses se divertirem com seus insignificantes casos amorosos...

O jovem cruzou os braços; depois, sabendo que ninguém podia vê-lo, deixou que lágrimas de raiva e de humilhação escorressem pelas faces, sem fazer o menor esforço para enxugá-las. Como a simples visão daquelas sombras que se moviam diante das duas janelas iluminadas lhe fazia mal, correu os olhos casualmente pela parte superior da Rue des Vieux-Augustins e, bem adiante, divisou um fiacre estacionado junto a uma parede em que não se via nem porta de casa, nem o reflexo da vitrina de qualquer loja.

Era ela? Não era ela? Era uma questão de vida ou morte para um jovem apaixonado. E o apaixonado ficou esperando. Permaneceu ali durante um século que durou vinte minutos. A seguir, a mulher desceu a escada, saiu para a rua e ele pôde reconhecer perfeitamente o rosto daquela a quem amava em segredo. O pior é que queria permanecer em dúvida. A desconhecida dirigiu-se até o fiacre e entrou na parte de trás.

– Esta maldita casa não vai sair daí. Posso voltar para investigar melhor – murmurou o jovem entredentes, enquanto corria atrás do veículo a fim de dissipar suas últimas dúvidas, as quais, para sua

grande contrariedade, logo desapareceram por completo.

O fiacre parou na Rue de Richelieu, diante da entrada de uma floricultura, perto da Rue de Ménars. A senhora desceu, entrou na loja, mandou a balconista entregar o dinheiro devido ao cocheiro e saiu a pé, após ter comprado algumas plumas de marabu[5]. Marabu para seus cabelos negros!... Sendo morena, encostara as plumas em sua cabeça para examinar o efeito. O oficial imaginava poder adivinhar a conversa entre a cliente e as floristas.

– Madame, não existe coisa que sente melhor para as morenas. As pessoas de cabelos negros costumam ter os traços do rosto muito bem delineados, e as plumas de marabu acrescentam a sua roupa um toque de delicadeza que chama a atenção pelo contraste. A senhora duquesa de Langeais[6] costuma dizer que essas plumas dão à mulher uma certa imprecisão, um aspecto “ossiânico”, como ela diz, justamente o toque perfeito para seu encanto.

– Tudo bem. Mande levar na minha casa em seguida.

A seguir, a senhora caminhou rapidamente para a Rue de Ménars e entrou em sua casa. Quando a porta da mansão em que ela morava se fechou, o jovem apaixonado, perdidas todas as suas esperanças, duplamente infeliz porque perdera com elas as suas ilusões mais queridas, saiu a caminhar pelas ruas de Paris como se estivesse embriagado, chegando eventualmente à própria casa, sem saber como percorrera todo o caminho. Atirou-se em uma poltrona, colocou os pés sobre a guarda da lareira e, com a cabeça entre as mãos, deixou que suas botas secassem até chamuscar a sola. Estava passando por um momento terrível, um desses momentos em que, ao longo da vida humana, o caráter se modifica e após o qual a conduta dos melhores homens irá depender do resultado feliz ou infeliz do primeiro ato que praticarem. Providência ou Fatalidade, dependendo do ponto de vista.

O rapaz pertencia a uma boa família, embora não tivesse ingressado na aristocracia há muito tempo. Todavia, restam tão poucas famílias antigas na nobreza de hoje que todos os jovens aristocratas são aceitos como pertencentes à antiga nobreza sem a menor contestação. Seu avô tinha comprado um cargo de conselheiro no Parlamento de Paris e depois, por mérito, tornara-se presidente do Conselho. Seus filhos haviam herdado belas fortunas, ingressaram no funcionalismo público e, depois de forjarem boas alianças, foram recebidos na Corte. A Revolução expulsou a família da França: só permaneceu uma viúva velha e teimosa, que não quis emigrar, que chegou a ser lançada na prisão, condenada à pena de morte, mas salva pelo golpe de Nove de Termidor,[7] quando seus bens lhe foram devolvidos. No devido tempo, por volta de 1804, ela mandou buscar seu netinho, Auguste de Maulincour, o único sobrevivente do ramo dos Charbonnon de Maulincour, que foi criado pela boa viúva com o cuidado tríplice de mãe, de mulher da nobreza e de viúva teimosa. Depois, quando chegou a Restauração, o jovem, na ocasião com dezoito anos, entrou para o quartel da Maison Rouge[8], acompanhou os príncipes até Gand[9], foi promovido a oficial por seus serviços na Guarda Real, de onde saiu para servir nos regimentos de combate, foi depois convocado novamente para a Guarda Real e nela se encontrava agora, com apenas 23 anos, como chefe de esquadrão de um Regimento de Cavalaria, uma excelente posição, graças à influência da avó, que podia estar velha, mas sabia muito bem como essas coisas funcionavam e como lidar com elas. Esta dupla biografia é o resumo tanto da história geral como da particular, salvo pequenas variantes, de todas as famílias que haviam emigrado durante a revolução, que possuíam dívidas ou bens e, sobretudo, velhas parentes ricas cheias de habilidade para lidar com a sociedade. A sra. baronesa de Maulincour cultivava a amizade do velho administrador das propriedades do bispado de Pamiers, antigo comendador da Ordem de Malta. Era uma dessas amizades eternas, fundamentadas em laços de sessenta

anos, dessas que ninguém consegue abalar, porque, bem no fundo dessas relações, existem os segredos dos corações humanos, cuja adivinhação seria admirável quando se tem tempo para pensar neles, mas tão aborrecidos quanto difíceis de explicar em vinte linhas, embora pudessem originar facilmente um texto para quatro volumes e demonstrarem ser tão interessantes quanto *Le Doyen de Killierine*,<sup>[10]</sup> uma dessas obras tão comentadas pelos moços, que lhes fazem críticas favoráveis ou contrárias sem nunca as terem lido. Auguste de Maulincour pudera então fixar residência no Faubourg Saint-Germain graças à sua avó e aos bons ofícios do administrador do bispado e bastava que sua nobreza datasse de dois séculos para que assumisse as atitudes e as opiniões daqueles cujos ancestrais datam do tempo dos nobres guerreiros de Clovis.<sup>[11]</sup> Esse jovem pálido, alto e esbelto desmentia sua aparência um tanto delicada por ser um homem de honra e de verdadeira coragem, que já se batera em duelo sem hesitar, por uma bagatela qualquer, um *sim* ou um *não* dito no momento errado... Mesmo que não tivesse realmente participado de qualquer batalha, já trazia à lapela a cruz da Legião de Honra. Como se pode perceber, era um desses equívocos ambulantes da Restauração, embora suas outras qualidades o tornassem um dos que mais merecessem indulgência. A juventude dessa época não foi igual à juventude de qualquer outra. Ela se encontrava entre as lembranças do Império e as recordações da Emigração da aristocracia, entre as velhas tradições da Corte e os estudos constantes em que se aplicava a burguesia, entre a religião e os bailes à fantasia, entre duas ideologias políticas, entre Louis XVIII, que só tinha olhos para o presente, e Charles X,<sup>[12]</sup> que olhava demais para o futuro distante; acima de tudo, sentia-se obrigada, por uma questão de honra, a respeitar a vontade do rei, por mais que a realeza se equivocasse. Essa juventude vacilante em tudo, ao mesmo tempo cega e clarividente, não era absolutamente tomada em consideração pelos velhos, que seguravam firmemente as rédeas do Estado, enquanto a monarquia restaurada poderia ter sido salva pela aposentadoria desses antigos funcionários e sua substituição por esta jovem França, cujo acesso ao poder a teria renovado, por mais que os velhos teóricos políticos, os retornados da Emigração, façam pouco dela até os dias de hoje. Auguste de Maulincour era uma vítima das idéias que dominavam então as mentes dessa mocidade, como se verá a seguir. O administrador do bispado, então com 67 anos, um homem de índole espiritual, que muito vira e muito vivera, capaz de contar muitas histórias com vivacidade e um certo grau de ironia, era um homem de honra e cavalheiresco, mas que acalentava, com relação às mulheres, as opiniões mais detestáveis: ao mesmo tempo as amava e desprezava. A honra das mulheres, os sentimentos femininos? Ora, tudo isso não passava de conversa mole, bagatelas e ilusões de comediantes! Quando se achava perto delas, esse velho monstro chauvinista acreditava nelas, nunca as contrariava, dava-lhes o devido valor e as elogiava. Mas quando se encontrava no meio de seus amigos, se alguém comesse uma discussão sobre seus méritos, o administrador sustentava a tese de que enganar as mulheres, manter vários namoros ao mesmo tempo e coisas assim, deveria ser a principal ocupação dos jovens, que simplesmente estavam desperdiçando os bons tempos da juventude ao tentarem se meter nos negócios de Estado. É até desagradável ter de esboçar um retrato tão antiquado e antipático. Mas não existe gente assim por toda parte? Literalmente, não é uma imagem tão desgastada como a descrição das qualidades de um granadeiro do primeiro Império? Mas ocorre que o administrador do bispado teve uma grande influência sobre o destino de *monsieur* de Maulincour e, portanto, é necessário descrevê-lo; à sua maneira, ele lhe dava lições de moral e queria convertê-lo às doutrinas do grande século da galanteria. A avó viúva e rica era uma mulher terna e piedosa, oscilando entre a influência do administrador e os mandamentos de Deus. Era um

modelo de graça e de doçura, mas dotada de um persistente bom gosto que triunfava sobre tudo em seu devido tempo. Ela teria preferido conservar no neto as mais belas ilusões da vida: educara-o dentro dos melhores princípios, transmitira a ele toda a delicadeza de sua própria alma, resultando que ele se transformara em um homem tímido, um verdadeiro bobalhão aos olhos de seus camaradas de armas. A sensibilidade do rapaz, conservada pura, não se desgastou exteriormente, e ele permaneceu tão inocente, tão cheio de melindres que se sentia profundamente ofendido por atos e palavras a que a sociedade não dava a menor importância. Todavia, ele se envergonhava de tanta suscetibilidade e procurava escondê-la sob a capa de uma falsa segurança, sofrendo em silêncio; fazia troça, junto com os outros, de coisas que ele sabia secretamente ser o único que admirava. Desse modo, enganou a si mesmo porque, segundo um dos caprichos tão comuns do destino, encontrou no alvo de sua primeira paixão, logo ele, um homem de doce melancolia, crente na espiritualidade do amor, uma mulher que tinha horror ao romantismo, porque este surgira entre os alemães. O jovem começou a duvidar de si mesmo, tornou-se um sonhador e deixou-se envolver totalmente por seus pesares, enquanto se lamentava por não ser compreendido por ninguém. Depois disso, uma vez que é próprio do ser humano desejar mais violentamente as coisas mais difíceis de alcançar, continuou a adorar as mulheres por sua ternura artilosa e sua delicadeza felina, cujo segredo pertence só a elas e do qual provavelmente querem conservar o monopólio. De fato, embora as mulheres se queixem tanto de serem mal-amadas e incompreendidas pelos homens, ainda assim, gostam muito pouco daqueles cujas almas têm certas qualidades femininas. Toda a sua superioridade consiste em fazer os homens acreditarem que são inferiores a elas na capacidade de amar; abandonam assim sem grande hesitação um amante jovem, quando ele é inexperiente o bastante para querer privá-las dos temores com que gostam de se enfeitar, esses deliciosos tormentos dos ciúmes falsos, esses torvelinhos da esperança enganada, as esperas vãs, enfim, todo o cortejo de desventuras femininas tão bem cultivadas; elas têm horror aos homens virtuosos como Grandisson.<sup>[13]</sup> Que há de mais contrário à sua natureza que um amor tranqüilo e perfeito? Elas querem emoções, uma felicidade sem tormentas deixa de ser felicidade para elas. As almas femininas suficientemente fortes para aceitar um amor infinito constituem angélicas exceções e encontram-se entre as mulheres com a mesma raridade que os homens de coração compassivo. As grandes paixões são tão raras quanto as obras-primas. Contudo, fora desse amor, não há senão arranjos convenientes, irritações passageiras, desprezíveis como tudo quanto é pequeno.

No meio dos secretos desastres de seu coração, enquanto procurava uma mulher pela qual pudesse ser compreendido, uma busca que, diga-se de passagem, é a grande tolice amorosa de nossa época, Auguste encontrou-a em um mundo bastante afastado do seu, na segunda esfera da sociedade, o mundo do dinheiro, em que os grandes banqueiros ocupam a primeira classe, uma criatura perfeita, uma dessas mulheres que refletem um ar indefinível de santidade e de sagrado, que inspiram tanto respeito que o amor precisa ser apoiado por uma longa familiaridade antes de ousar declarar-se. Auguste entregou-se então totalmente às delícias da mais comovente e profunda das paixões, um amor que se contentava em contemplar e admirar. Foi sacudido por incontáveis desejos reprimidos, nuances de paixões tão vagas e tão profundas, tão arredias e tão avassaladoras que sequer é possível encontrar um termo de comparação que as possa explicar. Elas recordam perfumes, lembram nuvens, evocam raios de sol, sugerem sombras, tudo aquilo que na natureza pode brilhar por um momento e então se desvanecer, avivar-se como uma chama derradeira e então morrer, deixando como único rastro as emoções que perduram por longo tempo no fundo do coração. Enquanto uma alma é jovem o bastante para conceber o romantismo, o amor pelas

esperanças inalcançáveis, enquanto souber ver na mulher mais do que uma mulher, a maior felicidade que pode alcançar um homem é amar o suficiente para sentir mais alegria ao tocar uma luva branca, ao roçar de leve uma madeixa macia, ao escutar um frase dita casualmente, ao lançar um olhar sem ser observado do que ao gozar da posse mais ardente que lhe daria um amor correspondido. São assim as pessoas repelidas, as feias e infelizes, os amantes inconfessos, as mulheres e homens tímidos, somente estes conhecem os tesouros que encerra o timbre da voz do ente amado. Tendo sua fonte e seu princípio na própria alma, as vibrações do ar carregado de fogo colocam tão violentamente os corações em comunicação e transmitem tão lucidamente os pensamentos, são tão pouco mentirosas, que uma única inflexão corresponde às vezes a um desenlace. Quanto encantamento não desperta no coração do poeta a inflexão harmoniosa de uma doce voz? Quanta inspiração ela desperta! Quanto consolo ela transmite! O amor já está no tom de voz, muito antes que seja confessado pelo olhar. Auguste, um poeta à maneira dos amantes (há poetas que sentem e há poetas que exprimem, e os primeiros são os mais felizes), havia saboreado todas essas alegrias do amor romântico, tão grandes e tão fecundas. Ela possuía a garganta mais sedutora que pudesse desejar a mulher mais ardilosa para conseguir iludir e conquistar à vontade; ela tinha aquele tipo de voz que faz lembrar uma sineta de prata, tão doce aos ouvidos, que só se torna estridente para um coração que perturba e faz sofrer, um coração que acaricia ao mesmo tempo que inquieta. E logo essa mulher ia de noite à Rue Soly, perto da Rue Pagevin; e seu surgimento furtivo nas janelas de uma casa de má fama acabara de estilhaçar a mais magnífica das paixões!... Era o verdadeiro triunfo das opiniões e conselhos do administrador.

– Se ela trai o marido, nós dois nos vingaremos – disse Auguste para si mesmo.

E quanto amor ainda estava encerrado naquele “se”!... A dúvida filosófica de Descartes[14] é uma simples cortesia com a qual sempre se deve honrar a virtude... Nesse momento, o barão de Maulincour recordou-se de que essa mulher iria a um baile em uma casa para a qual tinha convite permanente. Vestiu-se às pressas, partiu, chegou, procurou a amada disfarçadamente pelos salões. Ao vê-lo tão empenhado na busca, madame de Nucingen[15] disse:

– Não consegue encontrar a esposa de *monsieur* Jules, não é mesmo? Não adianta continuar procurando, porque ela ainda não chegou...

– Bom dia, minha querida!... – exclamou uma voz.

Auguste e madame de Nucingen viraram-se de repente. E ali se achava madame Jules, vestida de branco, simples e nobre, trazendo na cabeça precisamente as penas de marabu que o jovem barão a vira escolher na floricultura. A voz de seu amor perfurou o coração de Auguste. Se ele tivesse conquistado anteriormente o mínimo direito de demonstrar a ela seu ciúme, a transformaria em pedra com aquele nome horrendo: “Rue Soly!...”. Mas ele era um estranho, e ainda que repetisse mil vezes aquelas palavras infamantes aos ouvidos de madame Jules, ela teria perguntado a ele com espanto o que pretendia dizer com aquilo. Assim, somente pôde contemplá-la com um ar estúpido.

Para essa gente maldosa que faz troça de tudo, talvez seja um grande divertimento conhecer o segredo de uma mulher, saber que sua castidade é apenas aparente, que seu rosto calmo esconde pensamentos inconfessáveis, que se desenrola um drama espantoso sob sua fronte pura. Mas existem certas almas a quem esse espetáculo só pode causar real tristeza, enquanto muitos que dele riem, ao voltarem para casa, longe de seus amigos escarnecedores, sozinhos com sua consciência, maldizem a sociedade e desprezam tal mulher. Tal era a situação de Auguste de Maulincour na presença de madame

Jules Desmarests. Não podia haver situação mais bizarra. Não existia absolutamente entre eles qualquer relacionamento senão as relações que se estabelecem na sociedade entre pessoas que trocam entre si algumas palavras sete ou oito vezes a cada inverno, e agora eis que ele pretendia exigir satisfações pela quebra de uma felicidade que ela totalmente ignorava e a julgava sem lhe dar a conhecer a acusação.

E muitos foram os jovens que se encontraram em situação semelhante, caindo em si ao chegar em casa, desesperados por haverem rompido para sempre com uma mulher que adoravam em segredo e que agora condenavam e desprezavam igualmente em segredo... Quantos monólogos foram proferidos, escutados somente pelas paredes de um quarto solitário, quantas tempestades nasceram e se desfizeram sem sequer saírem do fundo dos corações, quantas cenas admiráveis do mundo moral para cuja representação seria necessário o talento de um grande pintor... Madame Jules Desmarests foi procurar um lugar para sentar-se, enquanto seu marido fazia a volta no salão. Mas assim que se assentou, começou a sentir um certo constrangimento e, embora conversasse com a vizinha, lançava olhares furtivos para Jules Desmarests, seu marido, o corretor de câmbio do barão de Nucingen.[\[16\]](#) Vamos rever a história desse casamento:

*Monsieur* Desmarests tinha sido, durante os cinco anos que precederam seu casamento, o auxiliar de um corretor de câmbio e, na época, sua única fortuna eram as magras comissões de um auxiliar de corretagem. Todavia, ele era um desses homens a quem o infortúnio ensina rapidamente os fatos da vida e que perseguem seus objetivos com a mesma tenacidade de um inseto que corre em direção à toca, um desses jovens obstinados que se fazem de tolos diante dos obstáculos e acabam por vencer seus adversários pelo cansaço e pelo exercício de uma paciência de Jó. Podia ser muito moço, mas possuía todas as virtudes republicanas das classes pobres: comia e bebia com moderação, empregava seu tempo com avareza, deixava de lado os prazeres fáceis. Somente esperava. A natureza lhe havia concedido, além disso, as imensas vantagens que obtém um aspecto físico agradável. Sua testa era calma e pura; os traços de seu rosto eram tranqüilos, mas expressivos; a maneira com que tratava os outros era simples, ao passo que tudo nele revelava uma existência laboriosa e resignada, cheia daquela grande dignidade pessoal que se impõe em qualquer situação e daquela secreta nobreza de coração que resiste a todas as dificuldades. Havia nele, além disso, uma modéstia natural e sem subserviência que inspirava uma espécie de respeito em todos que o conheciam. Contudo, ele era um solitário no meio de Paris, que só via a sociedade de relance, durante os breves momentos em que atravessava o salão de seu patrão, nos dias em que este dava uma festa. Havia nesse jovem, como na maior parte das pessoas que vivem dessa maneira, paixões surpreendentemente profundas, paixões demasiado vastas para darem importância aos pequenos incidentes da vida. Além do mais, sua própria pobreza obrigava-o a levar uma vida austera, e ele mantinha suas fantasias sob controle dedicando-se firmemente ao trabalho. Depois de empalidecer de exaustão sobre os livros de contabilidade, ele se permitia esquecer as cifras por um breve período de repouso, esforçando-se todo o tempo para adquirir esse conjunto de conhecimentos que hoje são necessários para qualquer um que se deseje fazer notado na sociedade, no comércio, no fórum, na política ou nas letras. O único refúgio contra o qual podem naufragar essas belas almas estudiosas é sua própria honestidade. Ao encontrarem uma moça pobre, enamoram-se dela, casam e seguem pelo resto da existência a debaterem-se entre o amor e a miséria. Suas mais belas ambições esvaem-se em contato com a caderneta de despesas domésticas. Jules Desmarests bateu em cheio nesse escolho. Uma tarde, ele viu

em casa do patrão uma jovem criatura da mais rara beleza. Os infelizes privados de afeto e que consomem as mais belas horas da juventude em longos trabalhos são os que mais rápido se entregam à ação destruidora de uma paixão sobre seus corações desertos e mal conhecidos por eles mesmos. Ficam tão seguros de estar transmitindo um amor tão profundo, todas as suas forças se concentram a tal ponto ao redor da mulher de quem se enamoraram, junto dela experimentam sensações tão deliciosas, que freqüentemente nem percebem que não despertam nada, que não recebem coisa alguma em troca. De todos os egoísmos, esse é o mais lisonjeiro para a mulher que sabe adivinhar essa aparente imobilidade da paixão e as feridas que estão tão profundas que levam muito tempo para surgir à superfície humana. Essa pobre gente, esses anacoretas vivendo no seio de Paris, tem todas as características dos ermitões, o que significa que também podem cair nas mesmas tentações; todavia, é tão comum que sejam enganados, traídos, mal interpretados, que raramente lhes é permitido colher os doces frutos desse amor que, para eles, é sempre como uma flor caída do céu. Um sorriso dessa mulher e uma única inflexão de ternura em sua voz foram suficientes para Jules Desmarets conceber uma paixão sem limites. Felizmente, o fogo concentrado dessa paixão secreta revelou-se ingenuamente também no coração daquela que a inspirava. Ambos se amaram então religiosamente. Para resumir tudo em uma só palavra, eles se deram as mãos, sem constrangimento, no meio da sociedade, tal como o fariam duas crianças, irmão e irmã, que tentassem atravessar uma multidão e descobrissem que todos lhes abriam alas por admirarem o que percebiam entre eles. A pobre garota encontrava-se em um desses terríveis estados civis em que o egoísmo coloca certas crianças; não tinha o sobrenome do pai, não fora devidamente registrada, e seu nome próprio, *Clémence*, além de sua própria idade, haviam sido reconhecidos por meio de um instrumento público. Quanto a seus bens, não tinha praticamente nada. Jules Desmarets sentiu-se o homem mais feliz do mundo ao ficar a par dessa situação. Se Clémence pertencesse a alguma família opulenta, ele teria imediatamente perdido a esperança de conseguir obter-lhe a mão; mas ela era uma pobre filha ilegítima, uma filha do amor, o fruto de alguma terrível paixão adúltera: casaram-se em seguida. Começou então para Jules Desmarets uma série de acontecimentos felizes. Todos invejavam a sua felicidade, e aqueles que tinham ciúmes dele começaram logo a acusá-lo de ser apenas afortunado, sem reconhecer suas virtudes ou sua coragem. Alguns dias depois do casamento de sua filha, a mãe de Clémence, que sempre se apresentara como sua madrinha, disse a Jules Desmarets que deveria comprar um cargo de corretor da Bolsa, prometendo que daria um jeito de lhe arranjar o dinheiro necessário. Naquela época, esses cargos custavam um preço bem mais moderado do que o exigido nos dias que correm. Naquela tarde, no próprio escritório de seu patrão, um rico capitalista lhe propôs, mediante a recomendação daquela senhora, o negócio mais vantajoso possível, adiantando a ele os fundos necessários para a aquisição de tal privilégio, de tal modo que, no dia seguinte, o feliz auxiliar de contabilidade tivera condições de adquirir a agência de câmbio de seu patrão. Em quatro anos, Jules Desmarets tornou-se um dos membros mais ricos de sua corporação, graças a um número considerável de ótimos clientes que se vieram acrescentar aos que lhe deixara seu predecessor. Ele inspirava uma confiança ilimitada, e era impossível deixar de reconhecer, na maneira como os bons negócios caíam em suas mãos, alguma influência oculta de sua sogra, a não ser que fosse uma proteção secreta que atribuíria à divina Providência. Depois de três anos, Clémence perdeu sua madrinha. A essa altura, *monsieur* Jules, como o chamavam para estabelecer uma distinção entre ele e seu irmão mais velho, que ele conseguira estabelecer como tabelião em Paris, já possuía cerca de duzentas mil libras de renda. Não existia em

Paris outro exemplo de felicidade igual à que transcorria dentro de seu lar. Durante cinco anos, esse amor excepcional só fora perturbado por uma calúnia da qual *monsieur* Jules tirara uma retumbante vingança. Um de seus antigos colegas de serviço atribuíra a fortuna de Jules à sua esposa, explicando que esta se devia a uma alta proteção comprada mediante alto preço. O caluniador foi morto em duelo. A paixão profunda dos dois esposos um pelo outro, tão forte que resistira ao casamento, alcançava na sociedade o maior sucesso, mesmo que fosse motivo de contrariedade para muitas mulheres. O belo casal era respeitado e todos os recebiam com alegria. As pessoas gostavam sinceramente de *monsieur* e madame Jules, talvez porque não haja coisa mais agradável de ver que pessoas felizes; mas eles não permaneciam muito tempo nos salões de festas e escapavam bem depressa deles, ansiosos por voltar a seu ninho, voando rapidamente como dois pombos desgarrados. O ninho em questão era uma grande e bela mansão na Rue de Ménard, em que o bom gosto artístico temperava o luxo vulgar que a comunidade financeira continua tradicionalmente a ostentar, na qual os dois esposos recebiam seus convidados com magnificência, mesmo que as obrigações sociais não tivessem grande significado para eles. Ainda assim, Jules via-se forçado a suportar as exigências da sociedade, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, uma família tem necessidade dela; mas tanto ele como sua esposa sentiam-se, no meio das festas, como duas plantas de estufa à mercê da tempestade. Por uma questão de delicadeza, que nele era perfeitamente natural, Jules tivera o maior cuidado em ocultar de sua esposa tanto a calúnia como a morte do caluniador que tentara perturbar a felicidade deles. A esposa de Jules, apesar de sua criação, sentia-se inclinada por sua natureza artística e delicada a amar o luxo. Apesar da lição do duelo, algumas mulheres imprudentes cochichavam entre si que essa madame Jules devia achar-se constantemente constrangida. Os vinte mil francos que lhe dava seu marido para seu vestuário e outras fantasias não poderiam, segundo os cálculos dessas faladeiras, ser suficientes para suas despesas. De fato, encontravam-na freqüentemente mais elegante em casa do que quando se vestia para uma festa em sociedade. Ela gostava mesmo era de se enfeitar para seu marido, como uma maneira de lhe fazer notar que, para ela, ele era mais importante que a sociedade inteira. Amor verdadeiro, amor puro, sobretudo um amor feliz, tanto quanto pode ser um amor publicamente clandestino. Jules, do mesmo modo, sempre enamorado, mais apaixonado a cada dia que se passava, completamente feliz quando se achava ao lado de sua esposa, adorando seus menores caprichos, inquietava-se às vezes de não achar nenhum, como se isso fosse o sintoma de alguma espécie de enfermidade. Auguste de Maulincour tivera a infelicidade de se lançar justamente contra aquela paixão e enamorar-se daquela mulher ao ponto de perder a cabeça. Entretanto, mesmo que trouxesse em seu coração um amor tão sublime, nunca caía no ridículo por causa dele. Seguia à risca todos os costumes dos militares; todavia, mesmo quando bebia uma taça de champanha, conservava em seu rosto um ar sonhador, um silencioso desdém para com a existência, essa fisionomia nebulosa que, pelos motivos mais variados, apresentam algumas pessoas que nunca demonstram emoções mais vívidas, ou por insatisfeitas com suas vidas vazias ou por serem hipocondríacas e acharem que sofrem de tuberculose ou terem o prazer de apregoarem-se portadoras de alguma doença cardíaca. Sem falar que amar sem esperança e mostrar desgosto perante a vida tornaram-se hoje atitudes sociais. Ora, a tentativa de conquistar o coração de uma rainha talvez fosse mais esperançosa que um amor tão fortemente desenvolvido por uma mulher que estava perfeitamente feliz com seu amor presente. Desse modo, Maulincour tinha razões mais do que suficientes para permanecer grave e entristecido. Uma rainha poderá talvez ser atingida através da vaidade de seu poder e sua própria posição é tão elevada que se

torna rarefeita e a faz vulnerável; mas uma burguesa devota e feliz é como um ouriço defendido por seus espinhos ou uma ostra protegida por sua carapaça áspera.

Nesse momento, o jovem oficial se encontrava próximo àquela sua amante que mal sabia de sua existência e muito menos suspeitava estar sendo duplamente infiel. Ali estava a ingênua madame Jules, sentada com naturalidade e tanta candura como se fosse a mulher menos falsa do mundo, tão doce quanto cheia de uma serenidade majestosa. A que abismos chega a natureza humana? Antes de tentar iniciar uma conversação, o barão olhou atentamente para a mulher e seu marido. Que reflexões teriam passado por sua cabeça? Ele reviveu mentalmente todos os poemas das Noites de Young[17] nesse único e triste instante.

Enquanto isso, a música retumbava nos grandes salões iluminados por mil velas; o baile era oferecido por um banqueiro, uma daquelas festas insolentes por meio das quais a sociedade do ouro em barra procurava superar os salões do ouro em pó em que se divertia a “gente de classe”, a aristocracia orgulhosa do Faubourg Saint-Germain, sem prever que um dia os banqueiros invadiriam o Palais du Luxembourg e se assentariam no trono.[18] Os conspiradores dançavam então, tão despreocupados com as futuras quedas do poder quanto com as futuras bancarrotas dos bancos. Os salões dourados do sr. barão de Nucingen apresentavam aquela animação particular que a sociedade de Paris, alegre pelo menos na aparência, empresta às festas da cidade. É nelas que os homens de talento transmitem aos tolos algumas migalhas de seu espírito, enquanto os tolos partilham com eles em abundância o ar feliz que os caracteriza. É por essa troca que tudo se anima. Mas uma festividade parisiense sempre recorda um pouco uma queima de fogos de artifício: espírito, sedução, prazer, tudo brilha de forma extraordinária e apaga-se tão rapidamente como os foguetes queimados. No dia seguinte, todos já se esqueceram de suas frases espirituosas, de sua vaidade sedutora e de seus prazeres fortuitos.

“Pois então é assim...”, concluiu Auguste para si mesmo. “Todas as mulheres são como o administrador do bispado as descreve? É fora de dúvida que todas estas que estão dançando neste salão têm uma aparência muito menos irrepreensível que a da sra. Jules Desmarets. Mas acontece que é justamente esta que visita a Rue Soly...” Só de pronunciar mentalmente o nome da Rue Soly seu coração parecia murchar dentro do peito, mas era como uma idéia fixa, como um sintoma que revela uma doença incurável.

– Madame – perguntou. – A senhora não dança nunca?

– É a terceira vez que o senhor me faz essa pergunta desde o começo da estação dos bailes de inverno... – respondeu ela com um sorriso.

– Mas a senhora não me havia respondido até hoje...

– Lá isso é verdade...

– Eu bem sabia que a senhora era falsa, como todas as mulheres...

Madame Jules começou a rir.

– Escute, cavalheiro, se eu dissesse a verdadeira razão, ela pareceria ridícula. Não acho que exista qualquer falsidade em não confessar segredos dos quais a sociedade tem o costume de fazer troça...

– Todo segredo exige, antes de ser revelado, minha senhora, uma amizade da qual sem dúvida eu não sou digno. Mas a senhora só poderia ter segredos nobres... Julga-me então capaz de zombar de coisas respeitáveis?...

– Mas é claro que sim – disse ela. – O senhor é como todos os outros: os homens riem de nossos

sentimentos mais puros, portanto o senhor os caluniará, como fazem os demais. Para falar a verdade, não tenho segredos. Tenho todo o direito de amar meu marido diante de toda a sociedade, falo isso abertamente, tenho orgulho deste sentimento; caso o senhor faça a menor brincadeira depois de saber que eu só danço com meu marido, formarei o pior conceito de seu caráter, cavalheiro.

– Quer dizer que, depois que se casou, dançou apenas com seu marido?

– Sim, cavalheiro. Desde então, seu braço foi o único sobre o qual me apoiei e nunca mais senti o contato de outro homem.

– Mas nem seu médico lhe tirou o pulso...?

– Viu só? Eu sabia. O senhor já começou a fazer troça.

– Não, minha senhora. Ao contrário, eu a admiro, porque a compreendo. Não obstante, a senhora nos deixa ouvir a sua voz, permite que a vejamos... Em uma palavra, permite que nossos olhos a admirem..

– Ah, essa é a minha maior tristeza! – interrompeu-o. – Sim, eu até gostaria que fosse possível a uma mulher casada viver com seu marido como se fosse sua amante; porque então...

– Mas nesse caso por que a senhora andava a pé e disfarçada, duas horas atrás, pela Rue Soly?

– Rue Soly? Mas que rua é essa? – indagou ela, parecendo surpresa.

Sua voz tão pura não deixava transparecer a menor emoção, não se modificou a expressão de nenhum dos traços de seu rosto, ela não enrubesceu, permaneceu perfeitamente tranqüila.

– A senhora quer me dizer que não subiu ao segundo andar de uma casa situada na Rue des Vieux-Augustins, perto da esquina da Rue Soly? Não havia um fiacre esperando pela senhora bem pertinho dali? A senhora não seguiu nessa carruagem até a Rue Richelieu, não parou na floricultura para escolher essas plumas de marabu que agora lhe adornam a cabeça?

– Não saí de casa esta tarde.

Mentindo daquela maneira, impassível e risonha, enquanto se abanava com o leque.. Mas um homem que tivesse o direito de passar-lhe a mão pela cintura ou ao longo da espinha provavelmente a encontraria umedecida pelo suor do nervosismo. Foi nesse momento que Auguste melhor recordou as lições que o administrador do bispado lhe ministrara.

– Então me perdoe, decerto era uma pessoa que se parece extraordinariamente com a senhora – afirmou com o ar contrito de quem está acreditando que realmente se enganou.

– Cavalheiro – acrescentou ela. – Se o senhor é capaz de seguir os passos de uma mulher para surpreender os segredos dela, vai me permitir dizer que essa foi uma ação feia, de fato muito feia, e vou lhe dar a honra de não acreditar no que me disse.

O barão afastou-se e foi colocar-se junto da lareira, onde permaneceu com um jeito pensativo. Baixou a cabeça, mas sob as sobancelhas seu olhar se lançava disfarçadamente sobre madame Jules, a qual, não se dando conta de que seria traída pelos espelhos, lançou-lhe dois ou três olhares em que se lia perfeitamente o terror. Madame Jules fez então um sinal para seu marido, ele veio dar-lhe o braço e ajudou-a a levantar-se, para depois darem uma volta pelos salões. Quando ela passou perto de *monsieur* de Maulincour, este, que conversava com um de seus amigos, disse em voz bem alta, como se respondesse a uma interrogação: “Mas tenho certeza de que essa mulher não dormirá tranqüilamente esta noite..”. Madame Jules parou por um momento, lançou-lhe um olhar imponente e cheio de desprezo e continuou seu caminho, sem saber que um tal olhar, caso fosse surpreendido pelo marido, poderia

comprometer a felicidade e a vida de dois homens. Auguste, por sua vez, tomado de uma profunda raiva que abafou nas profundezas de sua alma, saiu da festa logo depois, jurando que haveria de chegar até o coração daquela intriga. Antes de partir, procurou madame Jules, a fim de lançar-lhe mais um olhar; mas ela havia desaparecido. Que drama se desenrolava naquela jovem cabeça eminentemente romântica, como todas as que nunca tiveram oportunidade de conhecer o verdadeiro amor em toda a sua extensão real. E o pior é que ele continuava a adorar madame Jules, somente sob uma nova forma: agora ele a amava com a raiva do ciúme e com as delirantes angústias da esperança. Infiel a seu marido, ela se tornara vulgar. Auguste agora pressentia que poderia entregar-se a todas as felicidades do amor feliz, e sua imaginação abria agora a ele o imenso desfile dos prazeres da posse. Em outras palavras, havia perdido seu anjo, mas encontrara o mais delicioso dos demônios. Foi deitar-se, erguendo mil castelos no ar, justificando as ações de madame Jules como se fossem algum ato de bondade romântica, no qual ele mesmo não acreditava por um só momento. A partir de então decidiu dedicar-se inteiramente, a começar do dia seguinte, à busca das causas, dos interesses, da maneira de desatar aquele nó que escondia o mistério. Era como se fosse ler um novo romance, melhor ainda, ingressara em uma tragédia, dentro da qual escolhera deliberadamente o seu papel.

[1]. No alto da colina de Montmartre ergue-se a Igreja Sacré-Coeur (a bela cabeça), mas a parte inferior do declive era ocupada na época por prostíbulos e bares de má fama (o rabo de peixe), particularmente o Chat-Noir, de que diziam que não dormia sem ter provocado um assassinato ou um suicídio. Foi na segunda metade do século XIX que Montmartre se tornou o centro da boemia parisiense, onde se reuniam escritores e artistas. (N.T.)

[2]. Louis-François Benoiston de Châteauneuf (1776-1856), economista e estatístico. (N.T.)

[3]. As Barreiras ou as Barricadas, local onde chegavam do campo as carroças com leite, hortaliças, carnes e outros produtos para as mercearias e mercados públicos. As barricadas de peixes, vinho etc. (*barils*, *barillets*) eram utilizadas para fechar as ruas enquanto os carroções descarregavam, daí o nome. (N.T.)

[4]. Em 1820. (N.T.)

[5]. Ave de grande porte e penas negras, que habita as regiões quentes da Índia, da Arábia e da África. (N.T.)

[6]. Duquesa Antoinette de Langeais, personagem fictício, que Balzac fez viver entre 1791 e 1825, morrendo em uma expedição durante a História dos Treze. Quanto ao adjetivo “ossiânico”, ver nota da página 20. (N.T.)

[7]. 27 de julho de 1794, quando Robespierre foi derrubado, pondo fim ao período do Terror, em que muitos aristocratas e deputados da oposição foram levados ao cadafalso. (N.T.)

[8]. Casa Vermelha, nome do quartel da guarda pessoal do rei Louis XVIII (1755-1824), composta inteiramente por jovens da nobreza, que usavam uniforme vermelho. (N.T.)

[9]. Cidade da Bélgica, onde Louis XVIII e seu irmão, o conde d’Artois, refugiaram-se em 1815 durante os Cem Dias de Napoleão. (N.T.)

[10]. Romance escrito em 1753 por Abbé Prévost (1697-1763). (N.T.)

[11]. O primeiro rei dos francos (465-511 d.C.). O bairro St.-Germain era o local em que os aristocratas franceses construía suas residências. (N.T.)

[12]. Charles-Philippe de Bourbon (1757-1836), conde d’Artois, irmão de Louis XVI e Louis XVIII, este último sucedeu de 1824 a 1830, quando uma insurreição colocou Louis-Philippe no trono. (N.T.)

[13]. Protagonista do romance *Sir Charles Grandisson*, do romancista inglês Samuel Richardson (1689-1761): o protótipo de homem virtuoso, em contraste com o conquistador Lovelace, criado pelo mesmo autor. (N.T.)

[14]. René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês. (N.T.)

[15]. Personagem fictícia, em solteira Dauphine Goriot, filha do pai Goriot. (N.T.)

[16]. Personagem fictício, o barão Frédéric de Nucingen é originalmente um judeu alemão ou polonês cuja carreira brilhante é traçada em numerosos livros de *A comédia humana*. Balzac situa seu nascimento em 1763, e em 1846 ainda o mantinha vivo. (N.T.)

[17]. Edward Young (1681-1765), poeta inglês. (N.T.)

[18]. Antiga residência real, o Palais du Luxembourg é hoje sede do Senado francês. Alusão ao reinado de Louis-Philippe d'Orléans, duque de Valois (1773-1850), rei da França de 1830 a 1848. (N.T.)

## CAPÍTULO II

---

### *Ferragus*

O ofício de espião é muito divertido, quando praticado por vontade própria e em benefício de uma paixão. Afinal de contas, é como conceder a si próprio todos os prazeres do ladrão, ao mesmo tempo em que se conserva a honestidade... Mas é preciso resignar-se a ferver de cólera, a rugir de impaciência, a gelar os pés na lama, a tremer de frio enquanto se queima por dentro, a alimentar-se tão somente de falsas esperanças. É preciso seguir em frente para um destino ignorado, apoiado somente em uma pequena pista, errar o alvo, resmungar em vão, recitar para si mesmo elegias e ditirambos e lançar exclamações de impaciência para um transeunte inofensivo que olhou admirado para você. E ainda derrubar as pobres vendedoras de rua, espalhando as maçãs de seus cestinhos, correr, descansar, ficar parado diante de uma janela, fazer mil suposições... Mas esta é a caça, a caça dentro de Paris, a caça com todos os seus acidentes e todo o seu aparato, com a exceção dos cães, das espingardas e dos brados dos batedores!... Nada se pode comparar a essa experiência, senão a vida dos viciados em jogos de azar. E é necessário ter um coração cheio de amor ou pejado de vingança para se emboscar em Paris, como um tigre à espreita do momento exato para saltar sobre sua presa e para sentir prazer na possibilidade de enfrentar todos os perigos da cidade, especialmente de certos bairros, acrescentando mais um possível alvo aos muitos que já lá existem. Não será então necessário possuir mais de uma alma? Não é o mesmo que viver mil paixões, mil sentimentos contraditórios e simultâneos?...

Auguste de Maulincour lançou-se a essa existência ardente com verdadeiro amor, porque por meio dela experimentava todas as agruras e todos os prazeres. Andava disfarçado Paris afora, vigiava todas as esquinas da Rue Pagevin ou da Rue des Vieux-Augustins. Corria como um caçador entre a Rue de Ménars e a Rue Soly e de novo entre a Rue Soly e a Rue de Ménars, sem conhecer nem a vingança, nem o preço com que seriam punidos ou recompensados tantos desvelos, tantas caminhadas e tantos artifícios!... Enquanto isso, não havia chegado ainda àquela impaciência que corrói as entranhas e faz escorrer o suor; em geral, caminhava tranqüilo e cheio de esperança, pensando que madame Jules não se arriscaria durante os primeiros dias a retornar ao local em que fora surpreendida. Desse modo, ele havia consagrado os primeiros dias a desvendar todos os segredos da rua. Como era ainda um aprendiz de espião, não ousava questionar nem a porteira, nem o sapateiro que instalara sua loja na casa em que se apresentara madame Jules; em vez disso, esperava poder arranjar um posto de observação na casa localizada à frente do apartamento misterioso. Assim, estudava o terreno, queria conciliar a prudência e a impaciência, a ansiedade de seu amor com a busca do segredo.

Nos primeiros dias do mês de março, no meio dos planos que arquitetava a fim de dar seu grande golpe, abandonando o tabuleiro urbano depois de uma dessas partidas assíduas que, por enquanto, ainda

não haviam resultado em lucro algum, ele retornava pelas quatro horas a sua mansão, aonde fora chamado para resolver um assunto relativo ao serviço da guarda, quando foi apanhado, na Rue Coquillière, por uma dessas chuvas violentas que fazem transbordar repentinamente a água das sarjetas e das quais cada gota, ao tombar sobre as poças d'água formadas ao longo da via pública, dava um estalo tão forte quanto uma badalada de relógio. Nessas ocasiões, quem anda a pé por Paris é obrigado a parar imediatamente e refugiar-se sob o toldo de uma loja ou no interior de um café, caso seja bastante rico para pagar sua hospitalidade forçada; ou, em caso de urgência, sob o telhado de um portão de carruagens, o asilo da gente pobre ou malvestida. Por que será que nenhum de nossos pintores não procurou ainda reproduzir em suas telas as fisionomias de um enxame de parisienses agrupados sob o pórtico úmido de uma casa a fim de escapar de um aguaceiro? Onde encontrar um tema mais sugestivo para um quadro? Inicialmente, ele pode encontrar um pedestre sonhador ou filosófico, que observa com prazer os riscos formados pelas gotas de chuva contra o fundo acinzentado da atmosfera, uma espécie de caneluras semelhantes aos jatos caprichosos dos filetes coloridos incrustados em vidro; ou os turbilhões de água branca que o vento faz rolar como uma poeira luminosa contra as telhas dos tetos; ou os caprichosos gargarejos que brotam por entre a espuma que escorre das calhas crepitantes; ou as mil e uma outras coisinhas, tão insignificantes quanto admiráveis, estudadas com delícia estética pelos desocupados involuntários, apesar das vassouradas de água suja com que são brindados pelo proprietário que tenta impedir o alagamento de sua casa. Depois existe o pedestre conversador, que se lamenta pelo incômodo e fica batendo papo com a porteira, apoiada em sua vassoura como um granadeiro sobre seu fuzil; e o transeunte indigente, caprichosamente apoiado contra a parede mais próxima, sem a menor preocupação com seus farrapos habituados ao contato das ruas; há o pedestre letrado, que estuda, soletra ou lê os cartazes interminavelmente; o passante gozador, que faz troça das pessoas que escorregam ou tropeçam pelas ruas, que ri das mulheres enlameadas e faz caretas ou gesticula para as pessoas que estão na plena segurança de suas janelas; mais o pedestre silencioso, que observa uma por uma todas as janelas de todos os andares, sem nada dizer; ainda o transeunte laborioso, armado de bolsas ou munido de pacotes, traduzindo a chuva em lucros e perdas; o caminhante amável, que atinge o grupo como uma bala de canhão e vai logo saudando a todos: “Mas que tempo, minha gente!”, e saúda todo mundo; finalmente, acabamos por encontrar o verdadeiro burguês de Paris, armado de guarda-chuva, que conhece muito bem o tempo de Paris, que previra o aguaceiro, mas saíra mesmo assim, apesar da advertência de sua esposa, e que toma posse da cadeira do porteiro com a maior cara-de-pau. Segundo seu caráter, cada um dos membros dessa sociedade fortuita eventualmente contempla o céu e vai embora, saindo aos pulinhos para não pisar nas poças de lama, ou por estar com pressa, ou porque vê outros cidadãos caminhando apesar do vento e da chuva, ou porque a entrada da casa está úmida e pode provocar um resfriado mortal ou porque, como diz o ditado, meio molhado, molhado e meio. Cada um tem seus motivos. O único que fica é o pedestre prudente, aquela pessoa que só retoma seu caminho depois de divisar alguns trechos de azul de permeio às nuvens esfarrapadas.

Então *monsieur* de Maulincourt se refugiou com uma família inteira de pedestres, sob o pórtico de uma casa antiga, cujo pátio de entrada lembrava um grande cano de chaminé. Por toda a extensão dessas paredes de reboco úmido e esburacado, salitrado e manchado de limo esverdeado, afloravam tantos canos de chumbo, calhas e encanamentos que recordavam as cascatinhas artificiais do parque de Saint-Cloud. A água escorria por todos os lados, fervilhava, respingava, sussurrava; era negra, branca, azul e

verde, gritava e multiplicava-se apesar das vassouradas da porteira, uma velha desdentada e acostumada com tempestades, parecendo até alegrar-se com elas, enquanto empurrava para a rua mil detritos, cuja curiosa variedade revelava a vida e os hábitos de cada locatário do prédio. Havia retalhos de algodão indiano, folhas de chá, pétalas de flores artificiais desbotadas e rasgadas, tudo misturado com talos e folhas de hortaliças, papéis embolados e fragmentos de metal. A cada golpe da vassoura, a velha punha a nu a alma dessa torrente, um piso gretado de negro e dividido em ladrilhos brancos e pretos, alternados como as casas de um tabuleiro de xadrez, contra o qual os porteiros se encarniçavam, varrendo sem parar. O pobre enamorado examinava esse quadro, um dos milhares oferecidos a cada dia pela Paris inquieta e volúvel; mas contemplava tudo maquinalmente, como um homem absorvido por seus próprios pensamentos, até que, levantando de repente os olhos, viu-se frente a frente com um homem que acabara de chegar.

Pelo menos em seu aspecto externo, era um mendigo, mas não era absolutamente o mendigo típico de Paris, essa criatura sem nome e indescritível em qualquer uma das linguagens humanas; não, este homem constituía um tipo novo, alguém que não correspondia a qualquer uma das imagens despertadas pela palavra “mendigo”. O indivíduo não se distinguia em absoluto pelo caráter originalmente parisiense que nos surpreende tantas vezes nos infelizes que Charlet<sup>[1]</sup> representou algumas vezes, com uma observação atenta aos detalhes: aquelas figuras grosseiras, tão enlameadas que pareciam ter rolado no barro, de voz rouca, nariz vermelho e bulboso, bocas desdentadas, mas mesmo assim ameaçadoras: humildes e assustadores, em cujos olhos brilha uma sagacidade profunda que parece contradizer todos os demais atributos. Alguns desses vagabundos atrevidos têm a pele inteira do rosto coberta de veias salientes e de rugas, dando a impressão de ser esculpida grosseiramente em um pedaço de mármore coberto de veios e de gretas; a testa está coberta de sulcos profundos, os cabelos são ralos e sujos, como os de uma peruca atirada ao canto de um quarto. No entanto, mostram-se todos alegres em sua degradação, todos marcados pelo selo da embriaguez e da devassidão, lançando seu silêncio contra nós como se pretendessem nos fazer uma repreensão, enquanto sua atitude revela pavorosos pensamentos. Oscilando entre o crime e a esmola, nem sabem mais o que é o remorso e andam prudentemente ao redor do cadafalso sem se deixarem conduzir a ele: são ao mesmo tempo inocentes no meio do vício e viciosos no meio de sua inocência. Muitas vezes nos despertam um sorriso de lástima, mas sempre nos fazem pensar. Uns são os representantes da civilização decadente e abrangem todos os seus sentimentos, desde a honra dos condenados às galés até a pátria e suas virtudes. Outros são resignados, fingindo uma inteligência profunda, mas na verdade estúpidos. Todos alegam ter grandes talentos e capacidade de trabalho, mas que foram repelidos de volta para a imundície por uma sociedade que absolutamente não se interessa pela possibilidade de que existam grandes homens e poetas inspirados, gente corajosa e organizações magníficas entre os mendigos, os verdadeiros boêmios de Paris, gente surpreendentemente boa e espantosamente má, como todas as classes que sofreram com o desprezo; habituados a suportar males inacreditáveis e mantidos sempre ao nível da lama pelo poder fatal da exclusão social. E todos partilham de um sonho, de uma esperança, de um prazer: o jogo, a loteria ou o vinho ordinário. Mas não havia nada dessa personalidade estranha no personagem que se colava despreocupadamente contra a parede, diante de *monsieur* de Maulincour, como se fosse uma fantasia desenhada por um artista hábil no reverso de alguma tela devolvida a seu estúdio. Era um homem comprido e seco, cuja fisionomia sombria denunciava um raciocínio profundo e glacial e afastava qualquer traço de piedade que pudesse surgir no

coração daqueles que o contemplassem com curiosidade, mediante uma atitude cheia de ironia e um olhar de poucos amigos que anunciava sua intenção de tratar qualquer estranho como seu igual. A pele de seu rosto tinha uma tonalidade de branco sujo, e o alto da cabeça calva era enrugado, apresentando uma leve semelhança com um pedaço de granito. Algumas mechas grisalhas e sebentas, dispostas de ambos os lados de sua cabeça, desciam até a gola de sua roupa imunda, cuja casaca estava abotoada até o pescoço. Lembrava ao mesmo tempo Voltaire[2] e Dom Quixote: tinha um aspecto escarnecedor e melancólico, cheio de filosofia, mas meio alienado. Aparentemente não tinha camisa. Usava uma barba longa. Acima do lenço que lhe envolvia a garganta, negro, feio, usadíssimo, rasgado, via-se um pescoço com o pomo-de-adão protuberante e fundamente sulcado por rugas, recoberto de veias grossas como cordas. Grandes olheiras castanhas e de aspecto doentio desenhavam-se sob cada um de seus olhos. Aparentava pelo menos sessenta anos. Em contraste com seu aspecto geral, suas mãos eram brancas e limpas. Usava botinas acalcanhadas e furadas. Suas calças azuis, remendadas em vários lugares, estavam puídas e esbranquiçadas, formando uma espécie de penugem de aspecto extremamente desagradável. Seja porque suas vestes molhadas exalassessem um odor fétido, seja porque, mesmo em seu estado normal, ele já tivesse esse cheiro característico da miséria que apresentam os casebres parisienses, do mesmo modo que os escritórios, as sacristias e os hospitais possuem os seus, um cheiro pestilento e rançoso que simplesmente não se pode descrever a quem não o conhece, os que se achavam mais próximos deste homem foram se empurrando para sair de perto até que o deixaram só. Ele primeiro os olhou e depois fixou sobre o oficial seu olhar calmo e inexpressivo, o mesmo olhar celebrizado por *monsieur* de Talleyrand,[3] ao mesmo tempo embaçado e sem calor, uma espécie de véu impenetrável sob o qual uma personalidade forte esconde as mais profundas emoções e os julgamentos mais exatos a respeito da natureza dos homens, das coisas e dos acontecimentos. Nenhuma das pregas que sulcavam seu rosto se aprofundou. Sua boca e sua testa permaneceram impassíveis; mas seus olhos abaixaram-se em um movimento de lentidão nobre e quase trágica. Era possível assistir a um drama completo que se refletia no movimento daquelas pálpebras emurchecidas.

O aspecto estóico desta figura fez nascer em *monsieur* de Maulincour um desses vagos devaneios que começam por uma interrogação bastante simples e acabam por abranger um vasto universo de pensamentos. A tempestade estiou. *Monsieur* de Maulincour só conseguia perceber agora a aba da sobrecasaca puída que balançava contra o marco da porta; mas ao deixar o lugar em que se encontrava a fim de ir embora, viu a seus pés uma carta que acabara de cair e adivinhou que deveria pertencer ao desconhecido, ao vê-lo enfiar de volta no bolso um lenço de mão que acabara de usar. O oficial, depois de pegar a carta com a inocente intenção de devolvê-la, leu inadvertidamente o endereço:

Ao senhor

SINHOR FERRAGUSSE,

Rue des Grans-Augustains, na esquina da Rue Soly,

PARIS

A carta não trazia lacre, e o endereço impediu *monsieur* de Maulincour de entregá-la: não existe paixão que não se torne um pouco desonesta com o decorrer do tempo. O barão sentiu imediatamente um pressentimento de que aquele achado representava uma oportunidade inesperada; ao guardar subrepticamente a carta, adquiria o direito de entrar naquela casa misteriosa com o objetivo de entregá-la a esse homem, não tendo a menor dúvida de que ele morava justamente na casa suspeita. E já sentia

algumas desconfianças, vagas como o lusco-fusco das primeiras horas da manhã, que lhe permitiam estabelecer alguma espécie de relacionamento entre esse indivíduo e madame Jules. Os namorados ciumentos supõem tudo; e é supondo tudo, mas escolhendo as conjecturas mais prováveis, que os juizes, os espíões, os apaixonados e os observadores acabam por adivinhar a verdade que mais lhes interessa.

– É para ele esta carta? Será que foi mandada por madame Jules?

Sua imaginação inquieta lhe sugeriu mil questões ao mesmo tempo; mas ele começou a sorrir desde que leu as primeiras páginas da carta. Aqui vai transcrita textualmente, no esplendor de suas frases ingênuas, na sua péssima gramática e ortografia ainda pior, a referida carta, a cujo texto é impossível adicionar qualquer comentário, da qual não será preciso retirar nada, a não ser que se elimine a carta inteira, embora tenha sido necessário acrescentar a pontuação para que se consiga entendê-la. No original, não havia vírgulas, nem qualquer outra indicação de pausas, sequer um ponto de exclamação solitário, um fato que tenderia a contradizer todo o sistema de pontuação com o qual os autores modernos têm procurado pintar os grandes desastres de todas as paixões:

“HENRY!

Dentre o número de sacrificios que me impusse por sua causa sincontrava aquele de não te dar mais notícias minhas, mas uma vóis irresistível miordenou te fazer conhiecer os vossos crimes para com migo. Vou dizendo de avanço que sua arma em durecida no vício não se diguinará a me lastimar. Seu coração é çurdo à censibilidade. Ele não é çurdo aos gritos da natureza, mas pouco importa. Eu tenho que aprender até que ponto vossê é curpado e o orror da posição em que me fez cair. Henry, tu sabia todo isso que eu sufri, só pur causa da minha premera falta e memo ansim tu pode me guiá na mema infelissidade de novo e me abandoná ao meu desespero e a minha dor. Sim, eu com fesso, a crensa que eu tinha de ter sido amada e estimada pur vossê me tinha dado a coraje de suportar minha sorte. Mas hoje que me resta de isso? Vossê me fez perder tudo isso que eu tinha de mais querido, tudo que me pregava na vida: meus pais, meus amigos, minha onra, minha reputassão, tudo eu fis um sacrificio pra vossê e só me restou o opórbio, a vergonha e digo sem nem ficar vermêlia, a mizéria. Só fartava para minha infelissidade a serteza de que vossê me despreza e que tem ódio de mim. Agora que eu tenho ela, averei de ter também a coraje que meu projeto me egige. Meu partido está tomado e a onra de minha familia me comanda. Eu vou por tanto meter um fim nos meus çofrimento. Não fassa nenhuma reflequissão sobre meu projeto, Henry. É orrível, eu sei, mas é minha cituassão que me forsa a fazer isso. Sem ninguém que me socorra, sem ninguém que me çustente, sem nem um amigo pra me consolar, como é que eu poço viver? Não, foi a má sorte que já me fez dessidir. Ansim, daqui a dois dias, Henry, daqui a dois dias Ida não cerá mais diguina de sua istima, mais receba o juramento que te fasso de estar com minha com ciência tranqüila, porque nunca deichei de ser diguina de vossa amizade. Ó Henry, meu amigo, porque eu não mudarei jamais pra ti, promete que vai me perdoar pela carreira que vou ceguir. É o meu amor memo que vai me dar coraje e vai me protejer pra que eu siga çendo virtuoza. Meu coração além disso está cheio da tua imajem e cerá pra mim um preservativo contra a cedussão. Não te esquessa nunca que o meu destino foi vossê que fez e veja quem é que devia de ser jurgado por isso e de quem são as curpa. Pessa aos céus pra não ser punido pelos crimes que tu memo cometeu. Eu mema pesso o teu perdão de joeios pra Deus, porque eu sei que ao menos Ele não vai aumentar as minhas tristeza com a dor de saber que tu é infeliz e está sendo castigado por Ele. Apesar do desenlasse da minha tragédia em que mincontro, vou recuzar qualquer espéssie de socorro que tu poça querer me dar. Se vossê me tiveçe amado de vredade,

eu podia receber teu auxílio como prova de amizade, mas um benefício que me faça por piedade minha arma te devorve, porque seria mais canalha em rebelar do que aquele que me propuzesse me mandar ele. Ainda ansim tenho um pedido pra lê fazer. Não sei quanto tempo mais vou permanecer na casa de madame Meynardie, entonce me faça a generosidade de não me aparecer por lá na minha frente. Vossas duas últimas visitas me fizeram um mal que vou sentir por muito tempo. Eu nem quero mais falar dos detalhes de sua conduta a esse respeito. Você me odeia e essa palavra está gravada no meu coração e deixou ele gelado de medo. Ai de mim, logo no momento em que eu preciso de toda a minha coragem, que todas as minhas forças me abandonam! Henry, meu amigo, antes que eu ponha uma barreira de vez entre nós me dá uma última prova de sua estima: não responda, me diga que tu me estimas ainda mesmo que não me ame mais. Apesar de que meus olhos serão sempre dignos dos teus, eu não estou pedindo uma entrevista, porque tenho muito medo da minha fraqueza e do meu amor. Mas por favor não responda uma palavra enseguida pra me dar coragem pra suportar todas as minhas adversidades. Adeus, senhor de todos os meus males, mas o único amigo que meu coração escolheu e que não vai esquecer nunca.

IDA.”

A vida de mocinha pobre cujo amor foi enganado, cujas alegrias lhe foram funestas, cujas dores, miséria e indescritível resignação estavam resumidas em tão poucas palavras; o poema desconhecido, mas essencialmente parisiense, escrito nas folhas sujas daquela carta, agiram por um momento sobre a alma de *monsieur* de Maulincour, que acabou por indagar de si mesmo se a tal “Ida” não seria parente de madame Jules e se a visita daquela tarde, de que fora testemunha involuntária, não teria sido o simples resultado de um ato de caridade. Mas como aquele mendigo velho poderia ser o sedutor de Ida?... Essa sedução parecia um estranho prodígio. Mergulhado no labirinto de reflexões que se entrecruzavam e se destruíam mutuamente, o barão chegou às proximidades da Rue Pagevin, onde avistou um fiacre estacionado no final da Rue des Vieux-Augustins, do lado que dá para a Rue Montmartre. Todas as carruagens de aluguel despertavam nele a mesma interrogação: “Será que ela está ali?”. Foi o que pensou novamente, e seu coração começou a bater em palpitações cálidas e violentas, como as de alguém que sente febre. Empurrou a portinha da casa, que tinha do lado de dentro um pingente de guizos, enquanto se sentia obrigado a baixar a cabeça em obediência a uma espécie de vergonha, porque escutava em seu coração uma voz secreta, que o reprovava: “Por que você está se intrometendo nesse mistério?...”

Subiu alguns degraus e encontrou-se frente a frente com a velha porteira.

– *Monsieur* Ferragus está?...

– Não sei quem é...

– Como não? *Monsieur* Ferragus não mora aqui?

– Não tem ninguém com esse nome na casa.

– Mas, minha boa senhora...

– Não sou sua boa senhora, cavalheiro, sou só a porteira.

– Acontece, minha senhora – recomeçou o barão – que eu tenho uma carta para devolver a *monsieur* Ferragus...

– Ah, bom!... Se o senhor traz uma carta – disse ela, mudando completamente de tom –, então o caso muda de figura. O senhor quer me fazer o favor de mostrar a carta?

Auguste mostrou a carta, mas dobrada. A velha sacudiu a cabeça, com ar de dúvida, hesitou, pareceu querer deixar a portaria e ir consultar por um momento o misterioso Ferragus sobre o que

deveria fazer com relação àquele incidente imprevisto. Então falou:

– Tá bom... Sobe então, cavalheiro. Decerto o senhor sabe onde é...

Sem responder a essa frase, através da qual a velha ardilosa evidentemente poderia estar a armar algo, o oficial subiu rapidamente as escadas e bateu com força na porta do segundo andar. Todos os seus instintos de apaixonado lhe diziam: “Ela está aqui!...”.

O desconhecido do portão coberto, Ferragus, o “curpado” dos males de Ida, abriu a porta pessoalmente. Apareceu vestindo um chambre florido, calças de flanela branca, os pés calçados em alegres pantufas de tecido grosso e o rosto barbeado e limpo. Madame Jules, cuja cabeça surgira ao lado do marco da segunda porta, empalideceu e caiu em uma poltrona.

– Mas o que tem, senhora? – gritou o oficial, pretendendo dirigir-se até ela.

Mas Ferragus estendeu o braço e empurrou o oficial rapidamente para trás, com um movimento tão violento que Auguste teve a impressão de haver recebido no peito o golpe de uma barra de ferro.

– Para trás, senhor! – gritou o homem. – O que quer conosco? Já faz cinco ou seis dias que o senhor está rondando o bairro. É espião da polícia?

– O senhor é *monsieur* Ferragus? – quis saber o barão.

– Não, não sou.

– Bem, não tem importância – retornou Auguste. – Eu vim aqui para lhe entregar esta carta que o senhor perdeu na última chuva, no portão daquela casa em que nós dois nos abrigamos.

Enquanto falava e estendia a carta ao homem, o barão não pôde deixar de relançar os olhos ao redor da peça em que o recebia Ferragus. O cômodo estava muito bem mobiliado, embora com simplicidade. Havia fogo em uma lareira; junto dela havia uma mesa servida muito mais suntuosamente do que seria de esperar a situação de miséria aparente e a mediocridade de sua residência. Finalmente, sobre um sofá que divisou na segunda peça, percebeu uma pilha de moedas de ouro e escutou um ruído que só poderia ser causado pelo choro de uma mulher.

– Sim, esse papel me pertence e agradeço pelo incômodo a que se deu – disse o homem, porém tomando uma atitude corporal que dava a entender claramente ao barão que queria vê-lo pelas costas o mais depressa possível.

Curioso demais para perceber o olhar perscrutador que o examinava, Auguste sequer viu os lampejos fulminantes de fúria, magnéticos como relâmpagos, com os quais o desconhecido parecia querer devorá-lo. Caso tivesse fitado esses olhos de basilisco,[\[4\]](#) teria compreendido até que ponto sua posição era perigosa. Apaixonado demais para pensar em si mesmo, Auguste despediu-se, desceu as escadas e voltou para sua própria casa, tentando descobrir algum sentido na união destas três pessoas: Ida, Ferragus e madame Jules, uma ocupação que, moralmente, equivalia a querer encaixar os pedaços de madeira com duas pontas de um quebra-cabeça chinês sem conhecer as regras do jogo. Mas estava claro que madame Jules o havia visto, que madame Jules costumava ir lá e que madame Jules havia mentido. Maulincour decidiu fazer uma visita à mulher no dia seguinte, dentro das circunstâncias ela não poderia recusar-se a recebê-lo, era como se fossem cúmplices, porque ele já estava enfiado de pés e mãos dentro daquela tenebrosa intriga. Ele já se sentia como um sultão, com o direito de exigir imperiosamente de madame Jules que revelasse todos os seus segredos.

Essa era uma época em que Paris estava atravessando um período febril de construções. Se Paris é um monstro, então, sem sombra de dúvida, é o mais maníaco dos monstros. Deixa-se levar por mil

fantasias: ora constrói como um grão-senhor que gosta de segurar pessoalmente uma trolha; depois, deixa as ferramentas de lado e torna-se militar; veste-se da cabeça aos pés com o uniforme da Guarda Nacional, faz ordem unida e depois fuma seu longo cachimbo; de repente, abandona os exercícios militares e joga fora cachimbo e charuto; a seguir se desespera, abre falência, vende seus móveis na Place du Châtelet e encerra o balanço da firma; poucos dias depois, prospera em um novo negócio, dá festas e dança. Um dia, come açúcar de beterraba a mãos cheias, enchendo a boca; em outro comprará resmas de papel Weynen;<sup>[5]</sup> hoje tem dor de dente e aplica um anti-séptico bucal em todas as gengivas; amanhã adquire uma vasta provisão de pastilhas para o peito. Tem manias para cada mês, para cada estação, para cada ano, sem contar as manias que duram somente um dia. Nesse período, então, todo mundo construía e demolia alguma coisa, não importa o quê. Havia muito poucas ruas em que não estivessem erguidos andaimes de caibros longos, com ripas atravessadas, sobre as quais colocavam tábuas largas, fixadas de andar em andar por parafusos: construções frágeis sacudidas a cada passo dos operários, mas sustentadas por laços de corda amarrados de longe em longe, suas pranchas frouxas e equilibradas cobertas de manchas de cal e de reboco, quase sem proteção contra as batidas das carruagens, salvo cercas de tábuas finas como aquelas que escondem os monumentos que nunca se termina de construir. Há alguma coisa de marítimo nesses mastros, nessas escadas, nesses cordames, nesses gritos de pedreiros. Ora, a uns doze passos da mansão de Maulincour, havia sido erigido um desses edifícios efêmeros diante de uma casa que estava sendo construída com pedras de cantaria. No dia seguinte, no momento em que o barão de Maulincour passava em seu cabriolé<sup>[6]</sup> diante desse verdadeiro cadafalso, a fim de dirigir-se à casa de madame Jules, um paralelepípedo de sessenta por sessenta, que já estava chegando ao alto das vigas, escapou dos laços das cordas que o haviam içado até essa altura, dando uma volta em torno de si mesmo e caindo sobre o lacaios que estava em pé atrás da carruagem, esmagando o infeliz contra o pavimento. Um grito de pavor fez tremer tanto o andaime como os pedreiros nele encarapitados; um deles, em perigo de morte, mal conseguia agarrar-se às longas varas verticais e parecia ter sido ferido pela queda da pedra. Imediatamente reuniu-se uma multidão. Todos os pedreiros desceram aos gritos, praguejando e dizendo que era o cabriolé de *monsieur* de Maulincour que havia batido em sua plataforma e fizera oscilar o guindaste. A cabeça do jovem oficial só deixou de ser esmagada pela pedra por uma questão de duas polegadas. Mas seu lacaios estava morto e a viatura, quebrada. Foi um acontecimento no quarteirão, e até os jornais deram a notícia do acidente. *Monsieur* de Maulincour, que tinha certeza de que seu cabriolé não tocara a cerca, que dirá o guindaste, deu queixa na polícia. A justiça interveio. Foi feito inquérito e ficou provado que havia um rapazinho encarregado de montar guarda, que ficava com um pedaço de ripa na mão, avisando aos carros para passarem ao largo. O assunto acabou por aí mesmo. *Monsieur* de Maulincour, fosse por causa da morte de seu criado, fosse pelo terror que havia sentido, guardou o leito por alguns dias, mesmo porque a traseira do veículo, ao quebrar-se, causara contusões nas suas costas; além disso, sentira um abalo nervoso por causa do choque e acabara com febre. Desse modo, não chegou a ir à casa de madame Jules.

Dez dias após esse acontecimento, no primeiro dia em que saiu de casa, dirigiu-se até o Bois de Boulogne em seu cabriolé restaurado e, quando descia a Rue de Bourgogne, bem no lugar em que fica o escoamento das águas pluviais, em frente à Câmara dos Deputados, o eixo da carruagem partiu-se exatamente pelo meio e, como o barão corria muito rápido, essa quebra fez com que as duas rodas se soltassem e fossem lançadas para cima, batendo uma contra a outra com violência suficiente para lhe

rebentar a cabeça, caso fosse atingida; mas foi salvo novamente, pela resistência da capota do veículo. Porém, recebeu um ferimento sério em um dos lados. Pela segunda vez em dez dias, foi transportado em estado grave para a casa de sua velha avó desesperada. Este segundo acidente lhe causou uma certa desconfiança, e ele pensou, um tanto vagamente, em Ferragus e em madame Jules. Para testar suas suspeitas, guardou os pedaços quebrados do eixo em seu próprio quarto e mandou chamar o fabricante. O carroceiro veio, examinou o eixo, verificou a rachadura e demonstrou duas coisas a *monsieur* de Maulincour. Em primeiro lugar, aquele eixo não saía de suas oficinas: ele não liberava nenhum veículo sem um eixo em que, como garantia, suas próprias iniciais eram gravadas a mão, um tanto grosseiramente, mas fáceis de ver; não tinha a menor idéia de como aquele eixo havia sido substituído pelo original. Em segundo lugar, a fratura do eixo não era acidental; tinha sido provocada por uma perfuração através da qual a parte de dentro da madeira fora esvaziada por meio de puas e verrumas; depois o furo exterior tinha sido disfarçado com serragem misturada com cola, um trabalho realmente muito bem executado.

– Olhe, sr. barão, quem fez isso é realmente muito esperto – disse ele. – Foi necessária muita habilidade para preparar um eixo desse jeito; olhando por fora, parecia perfeitamente são...

*Monsieur* de Maulincour pediu ao fabricante de carruagens que mantivesse segredo e nada dissesse a respeito da verdadeira razão de sua aventura e se deu por avisado. Aquelas duas tentativas de assassinato tinham sido realizadas com tal destreza que denunciavam a inimizade de gente bastante inteligente ou, pelo menos, bastante esperta.

“Então é guerra, e guerra de morte”, pensou consigo mesmo, enquanto se agitava na cama. É uma guerra de selvagens, uma guerra de surpresa, de emboscadas, de traições, muito certamente uma guerra que foi declarada em nome de madame Jules. A que homem pertence ela então? Qual é o poder de que dispõe esse estranho Ferragus?

Finalmente, *monsieur* de Maulincour, ainda que fosse um militar corajoso, não pôde deixar de tremer. No meio de todos os pensamentos que o assaltavam, havia um contra o qual se sentia sem defesa e sem coragem: quem sabe seus inimigos secretos não empregariam a seguir algum veneno contra ele? Imediatamente, dominado pelo terror que sua fraqueza momentânea lhe inspirava e que a dieta forçada e a febre aumentavam ainda mais, ele mandou buscar uma velha que estava há muito tempo a serviço de sua avó, a qual também sentia por ele um desses sentimentos meio maternos, os mais elevados que podem sentir os servos pelos patrões. Sem se explicar com clareza, ele a encarregou de comprar secretamente, cada dia em um lugar diferente, os alimentos que lhe seriam necessários, recomendando a ela que os conservasse debaixo de chave e que lhe trouxesse as refeições pessoalmente, sem permitir a quem quer que fosse que se aproximasse enquanto ela estava lhe fazendo os pratos. Em suma, tomou as precauções mais necessárias para se garantir contra aquele gênero de morte. Afinal de contas, encontrava-se acamado, sozinho e doente; podia portanto pensar à vontade nos meios para defender sua vida, a única necessidade clarividente o bastante para fazer com que o egoísmo humano não se esqueça de nada. Acontece, porém, que o infeliz doente tinha envenenado a própria vida pelo medo e, apesar de todas as suas precauções, a suspeita tingia todas as suas horas de tons sombrios. Entretanto, as duas lições de assassinato ensinaram a ele uma das virtudes mais necessárias aos políticos, fizeram com que ele compreendesse a alta dissimulação de que é preciso lançar mão para alcançar sucesso no grande jogo dos interesses vitais. Calar um segredo não é nada; mas calar-se de antemão, saber esquecer um fato

durante trinta anos, se preciso for, como o fazia Ali Pachá,<sup>[7]</sup> a fim de garantir a realização de uma vingança meditada também durante esses trinta anos, é um belo exercício em um país em que muito poucos homens sabem dissimular durante trinta dias. E durante todo esse tempo, *monsieur* de Maulincour só vivia para madame Jules. Conservava-se perpetuamente ocupado em examinar seriamente os meios que poderia empregar naquela luta misteriosa para triunfar sobre adversários desconhecidos. Sua paixão secreta por essa mulher tanto mais aumentava quanto maiores eram os obstáculos que se lhe antepunham. Madame Jules permanecia sempre erguida, o ponto central de todos os seus pensamentos, o núcleo de seu coração, mais atraente agora por seus vícios presumidos do que pelas virtudes certas que anteriormente a haviam transformado em seu ídolo.

O doente, querendo fazer um reconhecimento das posições de seus inimigos, acreditou não haver perigo em contar ao velho administrador do bispado os segredos de sua situação. O comendador amava Auguste como um pai ama os filhos de sua esposa; era arguto, hábil e cheio de diplomacia. Desse modo, assim que foi chamado, foi escutar o barão; sacudiu a cabeça pesarosamente e os dois conversaram longamente sobre o assunto. O bom administrador não partilhava da confiança de seu jovem amigo quando este disse que, na época em que viviam, a polícia e os funcionários administrativos tinham condições de desvendar todos os mistérios e que, se fosse necessário recorrer a eles, encontrariam facilmente poderosos auxiliares.

O velho respondeu com gravidade:

– A polícia, meu caro menino, é justamente a corporação mais ineficiente do mundo e a administração pública a mais fraca das organizações no que se refere ao conhecimento das questões privadas. Nem a polícia nem os governantes sabem ler no fundo dos corações. A única coisa que se pode racionalmente pedir a eles é que investiguem as causas de um determinado fato. Ora, tanto o poder público como a polícia são perfeitamente inadequados justamente para isso: acima de tudo, não têm aquele interesse pessoal que revela tudo a quem tem necessidade de saber tudo. Nenhum poder humano pode impedir um assassino ou um envenenador de chegar ao coração de um príncipe ou ao estômago de um homem honesto. Os criminosos determinados por suas próprias paixões burlam a polícia com a maior facilidade.

O comendador aconselhou muito seriamente ao barão que fosse viajar, que fosse para a Itália, da Itália para a Grécia, da Grécia para a Síria, da Síria para o interior da Ásia e que só retornasse depois que tivesse convencido seus inimigos secretos de que estava arrependido de sua curiosidade indiscreta, fazendo assim tacitamente as pazes com eles; ou então conservar-se sempre em casa, melhor ainda, encerrar-se em seu quarto, onde poderia entrincheirar-se contra os golpes desse Ferragus, preparar-se bem e só sair quando pudesse esmagá-lo com toda a segurança.

– Não se deve atacar o inimigo, a não ser que se esteja preparado para cortar-lhe a cabeça – disse o administrador, gravemente.

Entretanto, o velhote prometeu a seu querido rapaz empregar tudo quanto o céu lhe havia dado em forma de astúcia e diplomacia para empreender o reconhecimento do campo inimigo, sem comprometer a segurança de ninguém e depois lhe apresentar um relatório e traçar a estratégia para a vitória. O comendador contava com um velho “fígaro”,<sup>[8]</sup> um habilidoso barbeiro aposentado, o macaco mais esperto que jamais havia encarnado em figura de gente, tão artiloso quanto um diabo empenhado em roubar uma alma, capaz de forçar seu corpo a esforços e engenhosidade mais insistentes que os de um

prisioneiro que quer abrir um túnel, tão ladino como um ladrão, tão sutil como uma mulher, mas cujo gênio decaíra por falta de ocasião para exercê-lo depois da nova constituição da sociedade parisiense, que colocou fora de moda os lacaios da comédia. Esse verdadeiro Scapin,<sup>[9]</sup> por mais que fosse um emérito farsante, era dedicado a seu patrono como se este fosse um ser de uma raça superior; mas o esperto administrador acrescentava todos os anos como bônus ao salário desse seu antigo alcoviteiro uma soma bastante elevada, uma atenção que corroborava a amizade sincera através dos liames do interesse e rendia ao velho comendador atenções mais cuidadosas do que aquelas que a amante mais afetuosa saberia inventar quando seu namorado estivesse enfermo. Foi a essa pérola dos velhos lacaios das peças teatrais, a esse sobrevivente ainda robusto das intrigas do século XVIII, um auxiliar incorruptível, porque não tinha paixões pessoais a satisfazer, que se dirigiu o velho comendador, e em seus bons ofícios se fiaram tanto ele como o *monsieur* de Maulincour.

– O senhor barão estragaria tudo – disse esse intrigante dos intrigantes, o mais distinto de todos os que jamais usaram uma libré, quando foi convocado para participar do conselho de guerra. – O cavalheiro coma, beba e durma tranqüilamente, sem a menor preocupação. Pode deixar que eu me encarrego de tudo...

De fato, oito dias depois da conferência, no momento em que *monsieur* de Maulincour, completamente curado de suas indisposições, jantava com sua avó e o administrador do bispado, lá chegou Justin, o velho barbeiro, para apresentar seu relatório. Depois, com a falsa modéstia que pretendem possuir os homens de talento, ele relatou, tão logo a velha viúva retirou-se para seus próprios aposentos:

– Ferragus, naturalmente, não é o nome do inimigo que persegue o sr. barão. Esse homem, ou esse diabo, chama-se Bourignard, alternadamente Gratien, Henri, Victor ou Jean-Joseph Bourignard... Pois esse senhor Gratien Bourignard é um antigo mestre-de-obras, que em tempos chegou a ser muito rico e, além disso, quando era moço, um dos rapazes mais bonitos de Paris, um Lovelace<sup>[10]</sup> capaz de seduzir o próprio Grandisson. Mas não terminam aqui minhas informações. Ele começou como um simples operário, mas no devido tempo acabou sendo eleito chefe dos Companheiros da Ordem dos Devoradores, recebendo a alcunha de Ferragus XXIII. A polícia deveria saber disso, se é que a polícia é capaz de descobrir alguma coisa. O homem mudou-se, não mora mais na Rue des Vieux-Augustins, mas alugou um alojamento na Rue Joquelet. Madame Jules Desmarets continua a ir vê-lo com freqüência. Muitas vezes o marido, quando vai à Bolsa, a deixa na Rue Vivienne, ou então é ela que deixa o marido na Bolsa e vai depois dar suas voltas. O sr. administrador conhece demasiado bem essas coisas para exigir que eu lhe diga se é o marido que leva a mulher ou se é a mulher que leva o marido; mas madame Jules é tão linda que eu apostaria nela. Bem, todos esses detalhes são positivamente certos, do primeiro ao último. Bourignard, além disso, joga muitas vezes na loteria, sempre no número 129. Com todo o respeito, cavalheiro, ele não passa de um espertalhão que ama as mulheres e faz-se passar diante delas como se fosse um homem de boa posição social. De fato, volta e meia ele ganha na loteria, disfarça-se tão bem quanto um ator de teatro, põe a máscara que quer, simula ser uma porção de coisas e leva a vida mais original do mundo. Não duvido mesmo que tenha vários domicílios, porque muitas vezes já consegui escapar daquilo que o senhor comendador gosta de chamar de *investigações parlamentares*. Se o cavalheiro deseja, considerando seus hábitos um tanto arriscados, poderemos facilmente nos desfazer dele honradamente. Sempre é fácil a gente se desembaraçar de um homem que gosta de mulheres.

Enquanto isto se passa, esse capitalista já está falando em se mudar de novo. Pois bem, o senhor administrador e o senhor barão têm alguma ordem para me dar?

– Justin, estou plenamente satisfeito com os resultados que nos trouxe; não faça mais nada sem receber novas ordens; mas continue a cuidar desta casa, de modo que o senhor barão não tenha nada a temer.

Depois que o fiel barbeiro se retirou, o administrador do bispado recomeçou a falar:

– Meu caro menino, recomece a vida e esqueça essa tal de madame Jules.

– Ah, não mesmo! – disse Auguste. – Não sou eu que vou ceder o lugar a Gratien Bourignard; quero vê-lo de pés e mãos atados. E madame Jules também.

Naquela mesma noite, o barão Auguste de Maulincour, recentemente promovido à graduação superior de uma companhia da Guarda Pessoal, dirigiu-se ao baile oferecido pela sra. duquesa de Berry, [11] no *Elysée-Bourbon*. Certamente em um lugar tão público não haveria razão para temer qualquer perigo. O barão de Maulincour saiu de lá, entretanto, com um assunto de honra a resolver, um assunto que fora impossível resolver por bem. Seu adversário, o marquês de Ronquerolles, tinha fortes razões para se queixar de Auguste, o qual, para falar a verdade, havia dado a ele motivos de queixa em virtude de sua antiga ligação com a irmã de *monsieur* de Ronquerolles, a condessa de Sérizy. [12] Ela era justamente a dama que não amava o romantismo alemão, mas ao mesmo tempo era extremamente exigente nos mínimos detalhes referentes ao papel de pudica que assumira perante a sociedade. Por uma dessas fatalidades inexplicáveis, Auguste fez uma brincadeira inocente com ela, porém madame de Sérizy recebeu o gracejo muito mal, foi queixar-se ao irmão e este assumiu a ofensa. A explicação entre os dois ocorreu em um canto do salão, em voz baixa. Sendo homens educados, os dois adversários não deram razão para o menor escândalo. Foi apenas no dia seguinte que a sociedade do Faubourg Saint-Honoré, do Faubourg Saint-Germain e do palácio real ficou sabendo do desentendimento e se pôs a comentar sobre ele. Madame de Sérizy foi calorosamente defendida e todos consideraram Maulincour como o único culpado. Personagens augustas intervieram. Testemunhas da mais alta distinção foram praticamente impostas a *monsieur* de Maulincour e a *monsieur* de Ronquerolles, mas foram igualmente tomadas todas as precauções no local escolhido para o duelo a fim de que nenhum dos adversários fosse morto. Ao defrontar-se com seu oponente, um homem da melhor sociedade e de quem ninguém poderia dizer que não tivesse sentimentos de honra, Auguste, por maior que fosse sua desconfiança, não podia ver nele um instrumento de Ferragus, o chefe da quadrilha dos Devoradores; mesmo assim, sentiu uma necessidade secreta de obedecer a pressentimentos quase inexplicáveis e questionar os verdadeiros motivos do marquês.

– Cavalheiros – disse ele às testemunhas –, não me recuso de forma alguma a receber uma bala de *monsieur* de Ronquerolles; mas, de antemão, declaro que agi mal, que não tenho razão e que apresentarei a ele as desculpas que exigir de mim, em particular ou em público, caso assim ele deseje, porque, em se tratando da honra de uma mulher, nada, assim creio, pode desonrar um gentil-homem. Apelo, portanto, para sua razão e para sua generosidade, indagando se não é um pouco tolo da nossa parte nos batermos quando aquele que tem razão e direito pode acabar sendo justamente o que vai sucumbir...?

*Monsieur* de Ronquerolles não admitiu esse modo de terminar a contenda, e assim o barão, com suas suspeitas ainda mais aguçadas, aproximou-se do adversário.

– Tudo bem, senhor marquês – interpelou-o. – Dê-me agora, diante de todos estes cavalheiros, sua

palavra de fidalgo de que não existe para este duelo nenhuma outra razão de vingança que não seja aquela que foi alegada publicamente.

– Cavaleiro, isso não é pergunta que se faça.

*Monsieur* de Ronquerolles foi colocar-se no lugar que os padrinhos haviam determinado. Fora convencionado de antemão que os dois opositores se contentariam em disparar um único tiro de pistola cada um. *Monsieur* de Ronquerolles, apesar da distância determinada que parecia tornar muito problemática a possibilidade da morte de *monsieur* de Maulincour, para não dizer impossível, mirou tão bem que derrubou o barão. A bala atravessou entre duas costelas, dois dedos abaixo do coração, mas por sorte não lhe provocou nenhuma lesão mais grave.

– O senhor mirou bem demais, cavaleiro – disse o oficial da guarda –, para somente querer vingar paixões mortas há tanto tempo.

*Monsieur* de Ronquerolles acreditava que Auguste morreria em breve e não conseguiu evitar um sorriso sardônico ao escutar aquelas palavras.

– A irmã de Júlio César, cavaleiro, não pode ser alvo de suspeitas. [\[13\]](#)

– Tudo isso é por causa de madame Jules – respondeu Auguste.

Ele desmaiou, sem poder expressar uma zombaria mordaz que lhe passou pela cabeça mas expirou em seus lábios; seja como for, embora tivesse perdido muito sangue, o ferimento não oferecia perigo de vida. Depois de uma quinzena no leito, durante a qual a avó viúva e o administrador do bispado lhe prodigalizaram todos esses cuidados que parentes velhos têm por um ente querido, aquele tipo de cuidados de que somente uma longa experiência de vida ensina os segredos, certa manhã sua avó trouxe a ele más notícias. Ela se abriu com ele e revelou as angústias mortais que estavam amargurando os últimos dias de sua velhice. Ela recebera uma carta, assinada somente com a letra F, na qual a história da espionagem a que se rebaixara seu neto era descrita ponto por ponto. Ao longo da carta, uma série de ações reprováveis e indignas de um homem de honra eram atribuídas a *monsieur* de Maulincour. Afirmava-se na carta que ele havia colocado uma velhota na Rue de Ménard, justamente no ponto de carruagens de aluguel, que era de fato uma velha bisbilhoteira que ele contratara como espiã, a qual, sob o pretexto de vender aos cocheiros a água de seus tonéis, estava de fato encarregada de espionar as idas e vindas de madame Jules Desmarests. E não fora só isso: ele havia pessoalmente espionado o homem mais inofensivo deste mundo a fim de descobrir todos os seus segredos, quando era desses segredos que dependiam a vida ou a morte de três pessoas. Fora ele que iniciara a luta impiedosa na qual, tendo já sido ferido três vezes, acabaria inevitavelmente por sucumbir, porque sua morte fora jurada e seria procurada por todos os meios à disposição dos seres humanos. Além do mais, *monsieur* de Maulincour não poderia mesmo evitar esse destino, sequer se jurasse respeitar a vida dessas três pessoas misteriosas, porque era impossível acreditar na palavra de um cavaleiro capaz de descer tão baixo quanto os agentes da polícia, somente para perturbar, sem a menor razão ou justificativa, a vida de uma mulher inocente e de um velho respeitável. A carta não teve o menor efeito sobre Auguste em comparação com as ternas reprovações que lhe proferiu a baronesa de Maulincour. Faltar ao respeito com uma mulher, trair sua confiança, espioná-la sem ter o menor direito!... E quem nos dava sequer o direito de espionar uma mulher que nos ama? E prosseguiu em uma torrente de excelentes raciocínios, com uma série ininterrupta de argumentos que nada provam e que acabaram por levar o jovem barão, pela primeira vez em sua vida, a sentir uma tremenda cólera, um desses sentimentos que dominam totalmente um ser

humano e nos quais germinam e finalmente são provocadas as mais decisivas ações da vida.

– Já que este é um duelo de morte – acabou por concluir –, devo matar meu inimigo por quaisquer meios que tenha à minha disposição.

Em seguida, o comendador foi procurar, como representante de *monsieur* de Maulincour, o comissário da polícia civil de Paris e relatou-lhe aquela aventura, tomando o cuidado de não misturar nela nem o nome nem a pessoa de madame Jules, embora ela fosse o nó secreto de toda a trama, dando-lhe parte dos temores que causara à família Maulincour aquele personagem desconhecido, mas atrevido o bastante para jurar de morte um oficial da Guarda Real, sem se importar nem com a lei, nem com a polícia. O comissário da polícia civil demonstrou bastante surpresa, levantou um pouco seus óculos de lentes verdes para contemplar melhor seu interlocutor, tirou um lenço do bolso e assoou o nariz duas ou três vezes, oferecendo a seguir uma pitada de rapé ao administrador do bispado que, por uma questão de dignidade pessoal, fingiu que não usava a substância, embora alguns traços de poeira de rapé fossem visíveis logo abaixo de seu nariz. A seguir, o subchefe da polícia foi chamado, tomou as anotações que lhe pareceram necessárias e prometeu que, com o auxílio de Vidocq[14] e dos homens de sua organização, faria um bom relatório sobre tal inimigo à família Maulincour, afirmando que, ademais, não existiam mistérios que a polícia de Paris não conseguisse deslindar. Alguns dias depois, o próprio comissário foi visitar o administrador do bispado na residência Maulincour, onde estava hospedado, encontrando o jovem barão perfeitamente recuperado de seu último ferimento. Logo a seguir, no melhor estilo da administração policial, apresentou-lhes seus agradecimentos pelas indicações que haviam feito a gentileza de transmitir a ele, passando a acrescentar que o tal de Bourignard estava condenado a vinte anos de trabalhos forçados, sentença que não cumprira porque havia escapado de maneira quase miraculosa durante sua transferência da prisão de Bicêtre para Toulon, de onde seria deportado para as colônias, mesmo estando preso a grilhões e encadeado aos demais criminosos. Já fazia treze anos que a polícia procurava infrutiferamente capturá-lo de novo, embora se soubesse que ele vivia em algum lugar de Paris, na maior tranqüilidade, conseguindo evitar as investigações mais cuidadosas, ainda que também se soubesse perfeitamente que continuava envolvido em múltiplas intrigas tenebrosas. Em breve esse homem, cuja vida oferecia as particularidades mais curiosas, seria capturado em um de seus esconderijos e entregue à justiça. O burocrata terminou seu relatório oficial declarando a *monsieur* de Maulincour que, caso ele desse importância suficiente ao caso para querer testemunhar a captura de Bourignard, poderia ir no dia seguinte, às oito horas da manhã, à Rue Sainte-Foi, até uma casa cujo número lhe deu imediatamente. Todavia, *monsieur* de Maulincour dispensou-se de ir buscar esta certeza, confiando, com todo o sagrado respeito que a polícia inspira em Paris, na eficiência da administração. Três dias depois, não tendo lido nada nos jornais sobre a prisão, que muito certamente deveria despertar a curiosidade da reportagem e originar alguns artigos interessantes, *monsieur* de Maulincour começou a sentir uma certa inquietação, mas logo recebeu a seguinte carta, que dissipou suas dúvidas:

“SENHOR BARÃO:

“Tenho a honra de anunciar que o senhor não precisa mais sentir qualquer receio no que se refere ao assunto sobre o qual conversamos. O indivíduo chamado Gratien Bourignard, aliás Ferragus, faleceu ontem em seu domicílio, na Rue Joquelet, número 7. As suspeitas que poderíamos alimentar sobre sua identidade foram plenamente destruídas pelos fatos. O médico da Delegacia Central de Polícia foi colaborar com olegista da Prefeitura de Paris e igualmente o chefe da Polícia de Segurança realizou

todas as investigações necessárias para alcançar-se plena certeza. Quanto ao mais, a respeitabilidade das testemunhas que contra-assinaram o atestado de óbito e os depoimentos das pessoas que cuidaram do dito Bourignard em seus últimos dias, entre outros o do respeitável vigário da Igreja Bonne-Nouvelle, perante o qual ele fez sua última confissão ao tribunal da penitência, pois morreu como um bom cristão, não nos permitiram conservar as menores dúvidas.

“Aceite, senhor barão, nossos protestos de estima e consideração etc.”

*Monsieur* de Maulincour, a velha viúva e o administrador do bispado respiraram aliviados, sentindo um prazer indescritível. A boa mulher abraçou seu neto, deixando escorrer lágrimas pelas faces, e saiu para seus aposentos, a fim de agradecer a Deus em suas orações. A carinhosa avó, que rezara uma novena pela saúde e bem-estar de Auguste, julgou que suas preces haviam sido atendidas.

– Pois muito bem. – disse o comendador. – Acho que agora você já pode ir ao baile de que me falou, sem que eu tenha mais quaisquer objeções a apresentar.

*Monsieur* de Maulincour arrumou-se rapidamente, pois estava com pressa de ir ao tal baile, sobretudo porque imaginava que madame Jules deveria encontrar-se lá. A festa era dada pelo Prefeito do Departamento do Sena, no qual as duas sociedades de Paris, a do sangue nobre e a do ouro, encontravam-se pacificamente em terreno neutro. Mas Auguste percorreu os salões sem conseguir encontrar a mulher que exercia uma influência tão grande sobre sua vida. Entrou em uma saleta deserta, na qual diversas mesas de jogo aguardavam jogadores, sentou-se em um divã, dominado pelos pensamentos mais contraditórios sobre madame Jules. Um homem sentou-se a seu lado logo a seguir e segurou o braço do jovem oficial. O barão ficou estupefato ao reconhecer nele o miserável que encontrara na Rue Coquillière, o mesmo Ferragus de Ida, o morador da Rue Soly, o Bourignard investigado por Justin, o condenado a trabalhos forçados pela polícia, que deveria ter falecido na véspera.

– Senhor, não dê um grito, não diga uma palavra – disse Bourignard, cuja voz reconheceu perfeitamente, mas que certamente seria irreconhecível para qualquer outro. Estava vestido com a maior elegância, usava as insígnias da Ordem do Tosão de Ouro e uma condecoração na lapela. – Cavalheiro – recomeçou ele, com uma voz que sibilava como a de uma hiena –, foi o senhor que justificou todas as minhas tentativas contra sua vida, colocando a polícia contra mim. O senhor tem de morrer, cavalheiro. É absolutamente necessário. Diga-me uma coisa: o senhor está apaixonado por madame Jules? Por acaso se julga amado por ela? Com que direito pretende perturbar-lhe a tranqüilidade ou denegrir-lhe a virtude?

Nesse momento, entrou alguém. Ferragus levantou-se para sair.

– Cavalheiro, o senhor conhece este homem? – perguntou *monsieur* de Maulincour, enquanto segurava Ferragus pelo colete. Mas Ferragus soltou-se destramente, agarrou os cabelos do barão e sacudiu zombeteiramente a cabeça dele por várias vezes, ainda que sem força bastante para machucá-lo.

– Será que eu mesmo tenho de lhe tocar chumbo para torná-lo mais razoável? – indagou.

– Não pessoalmente, cavalheiro – respondeu a seguir o interrogado, *monsieur* de Marsay, a testemunha espantada daquela cena. – Mas eu sei que este cavalheiro é *monsieur* de Funcal,<sup>[15]</sup> um cidadão português e um homem de grande riqueza.

*Monsieur* de Funcal já havia desaparecido. O barão foi em seu encalço, mas sem conseguir encontrá-lo. Ao chegar ao vestibulo, conseguiu divisar Ferragus, em uma bela carruagem, cujos criados vestiam librés esplêndidas, o qual dirigiu a ele uma risada escarninha e partiu rapidamente.

– Por favor, cavalheiro – disse Auguste, retornando à saleta onde ainda se achava *monsieur* de

Marsay, a quem conhecia bem, embora não fossem exatamente amigos. – Pode me fazer a gentileza de dizer onde mora este *monsieur* de Funcal?

– Sinto lhe dizer que o ignoro. Mas não deve ser difícil conseguir que alguém lhe informe.

O barão foi indagar diretamente do prefeito do Departamento de Sena, já que se tratava de um de seus convidados, e o prefeito lhe disse simplesmente que o conde de Funcal residia em um apartamento na Embaixada de Portugal. Nesse momento, em que ainda parecia sentir os dedos gelados de Ferragus em seus cabelos, ele avistou madame Jules, em todo o brilho de sua formosura, jovem, graciosa, ingênua, resplandecente naquela inocência feminina pela qual se enamorara. Aquela criatura, que apenas ele sabia ter saído do inferno, passara a despertar somente o ódio nele, e esse ódio transbordou sanguinolento de seu olhar. Aguardou pacientemente por um momento em que pudesse falar-lhe sem ser escutado por qualquer outra pessoa e então disse a ela:

– Madame, já são três vezes que seus *bravi*<sup>[16]</sup> tentam me matar e erram o alvo...

– Mas que quer dizer com isso, cavalheiro? – respondeu ela, embora seu rosto se ruborizasse. – Eu sei que o senhor sofreu uma série de acidentes lamentáveis, pelos quais até senti muita pena do senhor. Mas o que tenho eu a ver com isso?

– Acontece que eu tenho certeza de que a senhora sabe que esses *bravi* foram lançados contra mim pelo homem que a senhora ia visitar na Rue Soly...

– Cavalheiro!...

– Madame, fique sabendo que doravante não serei o único a lhe exigir contas, não somente de minha felicidade, mas de meu próprio sangue.

Nesse momento, Jules Desmarets aproximou-se:

– O que o senhor está dizendo a minha esposa, cavalheiro?

– Se é tão curioso, por que não vem me perguntar em minha casa, cavalheiro?

E Maulincour afastou-se, deixando madame Jules pálida e quase a ponto de desmaiar.

[1]. Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1845), desenhista e caricaturista francês. (N.T.)

[2]. François-Marie Arouet, pseudônimo Voltaire (1694-1778), filósofo e escritor francês. (N.T.)

[3]. Duque Charles-Maurice Talleyrand-Périgord (1754-1838), eclesiástico, escritor e político francês, negociador durante o Congresso de Viena. (N.T.)

[4]. Réptil mitológico, cujo olhar matava quem o fitasse, que diziam nascer de um ovo de galo que fosse quebrado por um sapo. (N.T.)

[5]. Timothée-Louis-Gomer Weynen (1781-1849), comerciante belga, estabelecido em Paris, onde fabricava e vendia livros de contabilidade, agendas e, sobretudo, papéis. (N.T.)

[6]. Carruagem leve para dois ou três passageiros, com duas rodas e puxada por um só cavalo. (N.T.)

[7]. Governador turco da Albânia, Ali al-Telepeni ou al-Teleben (1741-1822), usava o título de Pachá de Janina e celebrou-se por suas crueldades contra os cristãos. (N.T.)

[8]. Alusão ao Barbeiro de Sevilha, o faz-tudo da peça teatral de Pierre-Augustin-Caron de Beaumarchais (1732-1799); àquela altura a ópera homônima de Gioacchino Antonio Rossini (1792-1868) ainda não havia sido composta. (N.T.)

[9]. Personagem fictício da *Commedia dell'Arte* italiana, Scapin participou de muitas peças teatrais francesas, particularmente de Molière (1622-1673). (N.T.)

[10]. Personagem fictício de Richardson, infame sedutor de Clarissa Harlowe, no romance de mesmo nome. Ver também nota da página 41. (N.T.)

[11]. Marie-Caroline-Ferdinande-Louise de Bourbon, duquesa de Berry, princesa das Duas Sicílias (1798-1870), filha de François I de

Nápoles. O Palácio *Élysée-Bourbon* é atualmente a residência oficial do presidente da República Francesa. (N.T.)

[12]. Dois personagens criados por Balzac. O marquês de Ronquerolles é mencionado pela primeira vez em uma história localizada em 1815 e ainda vive em 1841; sua irmã, Clara-Léontine de Ronquerolles, condessa Hugret de Sérisy ou Sérizy, nasce em 1785 e ainda vive em 1843. Embora se fizesse passar por puritana, era freqüentemente infiel ao marido. (N.T.)

[13]. Alusão à frase de Júlio César sobre sua esposa acusada de adultério, de quem se divorciou, embora soubesse que ela era inocente. Ao falar na irmã de Júlio César, Ronquerolles confessava ao ferido o verdadeiro motivo desse duelo que não deveria em absoluto ter sido mortal. Em outra parte de *A comédia humana* se explica que ele foi chantageado a essa atitude em função de dívidas, provavelmente de jogo. (N.T.)

[14]. François-Vidocq (1775-1857), ex-assaltante francês que chegou a ser chefe da polícia de segurança parisiense. Serviu de modelo para o Vautrin de Balzac, seu contemporâneo, que o conheceu pessoalmente. (N.T.)

[15]. Personagem criado por Balzac, o conde Henri de Marsay teria vivido entre 1792 e 1833 ou 1834. O nome Funcal foi apresentado por Balzac em sua versão portuguesa. (N.T.)

[16]. Em italiano no original. A palavra é aqui empregada no sentido de asseclas, capangas, assassinos de aluguel. Maulincour acredita que Clémence ordenou seu assassinato ou que, pelo menos, tinha conspirado com Ferragus para esse objetivo. Este ponto não é esclarecido no texto. (N.T.)

## CAPÍTULO III

---

### *A mulher acusada*

Há poucas mulheres que não se tenham encontrado, pelo menos uma vez na vida e a propósito de um fato incontestável, diante de uma interrogação precisa, nítida, categórica, uma dessas perguntas feitas impiedosamente por seus maridos, quando o simples pressentimento do que vão escutar produz um leve calafrio, cuja primeira palavra entra no coração como o aço de um punhal. É por isso que existe este axioma: *Toda mulher mente*. Uma mentira distraída, uma mentira venal, uma mentira sublime ou uma mentira ignóbil; é como se sentissem a obrigação de mentir. Admitida essa necessidade inconsciente, não é uma decorrência necessária que saibam mentir bem? Pelo menos na França, as mulheres mentem admiravelmente. São nossos próprios costumes que lhes ensinam desde meninas a faltar com a verdade! Afinal de contas, a mulher é tão ingenuamente impertinente, tão linda, tão graciosa, tão verdadeira em suas mentiras... Ela reconhece tão bem sua utilidade para evitar em sociedade choques violentos a que a felicidade não resistiria, que a mentira passa a ser tão necessária quanto os cofrinhos em que guardam suas jóias. Eventualmente a mentira torna-se para elas como uma segunda língua, a base de toda a sua conversação, enquanto a verdade não é mais que uma exceção; quando são virtuosas, usam a mentira por capricho ou por especulação. De acordo com seu caráter, algumas mulheres riem enquanto mentem; outras choram; outras ainda mentem com a maior seriedade; algumas chegam a parecer aborrecidas por terem de mentir. Existem aquelas que começaram a vida de falsidades fingindo não acreditarem ou não se importarem com os elogios que mais as lisonjeavam e acabaram mentindo a si mesmas. Quem não admirou sua aparência de superioridade ou de indiferença no momento em que seus corações mais tremiam perante a possibilidade de perderem os misteriosos tesouros de seu amor? Quem nunca se surpreendeu com sua naturalidade, seu desembaraço, a liberdade aparente de seu espírito perante as situações mais desagradáveis que a vida em sociedade lhes apronta? A parte mais estranha da questão é que nada disso é postiço, nenhuma dessas atitudes é tomada de empréstimo: o embuste corre tão naturalmente de seus lábios como a neve cai do céu. E depois, com que facilidade elas descobrem os verdadeiros sentimentos dos outros! Com que sutileza elas empregam a lógica mais direta para responder a uma pergunta apaixonada que lhes permite descobrir sempre qualquer segredo que se encontre no coração de um homem ingênuo o bastante para tentar interrogá-las... Cada vez que dirigimos uma pergunta a uma mulher, estamos nos entregando em suas mãos. Ela percebe de imediato tudo o que queremos esconder e, por mais longa que seja a sua resposta, permanece calada. E ainda existem homens que têm a pretensão de serem capazes de lutar com uma mulher de Paris! Com uma mulher que é capaz de se colocar acima dos golpes de um punhal, simplesmente dizendo pequenas frases, tais como: “*Mas como você é curioso! E por que quer saber? Que tem a ver com isso? Que importância isso tem para você? Ah, mas você está com ciúmes!... E se eu não estiver com vontade de lhe responder...?*”. Quem pode

então se opor a uma mulher que conhece 137 mil maneiras de dizer NÃO e variações incomensuráveis para dizer SIM? O tratado sobre o *não* e o *sim* não será uma das mais belas obras diplomáticas, filosóficas, psicológicas e morais que ainda estão por fazer? Mas não seria necessária a existência de um gênio andrógino para poder realizar essa obra diabólica? Isso significa que ela não será jamais tentada. E tudo considerado, de todas as obras inéditas, essa não será a mais bem conhecida, já que descreve a atividade que as mulheres melhor praticam? O leitor já estudou a atração, o domínio de si mesma, a *disinvoltura*<sup>[1]</sup> de uma mentira feminina? Então, examine a seguinte: madame Desmarets estava sentada no canto direito de sua carruagem, enquanto seu marido se encontrava no canto esquerdo. Tendo conseguido dominar suas emoções ao sair do baile, madame Jules mostrava um rosto perfeitamente calmo. Seu marido não dissera nada sobre o acontecido, embora, de fato, não tivesse dito nada desde então. Jules limitava-se a olhar pela janelinha da porta da viatura os vultos negros das casas silenciosas diante das quais passavam; mas de repente, como se tivesse sido tomado por um pensamento irresistível, no momento em que dobraram a esquina de uma rua, ele se voltou para a esposa, examinando-a perscrutadoramente: ela parecia estar com frio, apesar do casaco de pele de forro duplo que a envolvia; estava com um ar pensativo, talvez estivesse mesmo absorta em pensamentos. De todas as coisas que se comunicam, a reflexão e a seriedade são as mais contagiosas.

– Mas que foi então que *monsieur* de Maulincour lhe disse para deixá-la assim tão perturbada? – indagou Jules. – Afinal de contas, o que é que ele pretende me dizer se eu for em casa dele?

– Ele não poderá dizer nada em sua casa que eu não possa dizer a você agora mesmo, aqui e agora – respondeu ela.

A seguir, com essa sutileza feminina que sempre desonra um pouco a mulher mais virtuosa, madame Jules ficou esperando a próxima pergunta. Mas o marido voltou de novo o rosto para as casas escuras que se sucediam e continuou seus estudos sobre a natureza dos portões de entrada. Se fizesse mais uma pergunta, isso não seria uma suspeita, um desafio à sua sinceridade? Suspeitar de uma mulher já é um crime de amor. Jules já matara um homem, sem duvidar por um instante da honra de sua esposa. Clémence não tinha como saber a profundidade da paixão verdadeira, a complexidade das reflexões que deixavam de se manifestar através do silêncio de seu marido, do mesmo modo que Jules ignorava totalmente o drama admirável que devorava o coração de sua Clémence. E a carruagem rodava por uma Paris silenciosa, transportando consigo dois esposos, dois amantes que se idolatravam sinceramente, mas que, mesmo unidos pelas almofadas de seda sobre as quais se apoiavam, estavam separados por um verdadeiro abismo. Nesses carros elegantes que retornam dos bailes, entre a meia-noite e as duas da manhã, quantas cenas bizarras não se passam!... E isso para falar somente das carruagens cujas lanternas iluminam a rua e que trazem vidros transparentes, os carros do amor legítimo, em que os casais podem discutir à vontade, sem temor aos eventuais transeuntes, porque seu estado civil lhes dá o direito de se zangar, de brigar, até mesmo de bater ou de abraçar uma mulher, seja dentro de um veículo, seja em qualquer outra parte! E ao mesmo tempo, quantos segredos eles revelam aos caminhantes noturnos, a essa gente jovem que foi ao baile de carro, mas que foi obrigada, por qualquer motivo, a voltar para casa a pé! Era a primeira vez que Jules e Clémence se encontravam assim, cada um em seu canto da carruagem. O marido sempre costumava sentar-se bem junto de sua esposa.

– Estou com frio – disse ela.

Mas o marido sequer ouviu, estava muito ocupado catalogando todas as tabuletas negras que

oscilavam na parte superior da entrada das lojas.

– Clémence – disse ele, por fim. – Perdoa-me desde agora a pergunta que vou fazer.

Ele se aproximou, inclinou-se, segurou-a pela cintura e puxou-a para junto de si.

“Meu Deus, chegou a hora da verdade!”, pensou a pobre mulher.

– Tudo bem – começou ela, para antecipar-se à pergunta. – Sei o que você quer. Quer saber o que *monsieur* de Maulincour estava a me dizer. Eu vou lhe contar, Jules, vou ser sincera, isso me aterroriza muito. Meu Deus, como é que poderemos ter segredos um para com o outro? Já faz vários minutos que o vejo oscilando entre a consciência de nosso amor e uma porção de temores vagos. Mas então nossas consciências não estão claramente limpas, enquanto esses seus temores parecem surgidos das trevas mais profundas? Por que não ficarmos então dentro da claridade que tanto agrada a você? Depois que eu tiver contado tudo, você vai querer saber mais; entretanto, eu mesma não sei o que escondem as estranhas palavras desse homem. O pior é que poderia ocorrer entre vocês dois uma discussão cujo resultado talvez fosse fatal. Eu preferia mil vezes que esquecêssemos desse mau momento. Seja como for, antes que eu fale, quero que você me jure que vai esperar que essa aventura tão singular se explique naturalmente. Bem, escute então: esse *monsieur* de Maulincour me declarou que esses três acidentes por que passou recentemente, dos quais você também ouviu falar, ou seja, a pedra que caiu do andaime e matou seu laçao, o acidente que sofreu depois em seu cabriolé e seu duelo a propósito de madame de Sérizy, eram todos os três o resultado de uma conspiração que estou tramando contra ele. A seguir, ele me ameaçou procurar você e explicar qual o interesse que eu poderia ter para planejar seu assassinato. Você pode compreender alguma coisa nesse enredo todo? Minha perturbação brotou da impressão que me causou a visão de seu rosto cheio de loucura, seus olhos desvairados e suas palavras, que brotavam entrecortadas de seus lábios, como se estivessem sendo produzidas pela mais violenta das emoções íntimas. Olhe, achei que ele estava tendo um acesso de loucura. E isso foi tudo. Agora, eu não seria mulher se não houvesse percebido que já faz um ano me tornei o objeto daquilo que todos chamam “a paixão de *monsieur* de Maulincour”. Ele só me encontrou em alguns bailes e as palavras que me dirigiu até agora eram tão insignificantes como todas as conversações que se mantêm durante os bailes. Talvez ele queira nos desunir, para encontrar-me um dia só e sem defesa. Percebe? Ah, meu Deus, aconteceu o que eu temia: Você já estás franzindo a testa! Ai, como eu odeio a sociedade! Nós somos tão felizes sem dependermos dela!... Por que então temos de nos meter nessas reuniões e nesses bailes?... Jules, eu suplico, prometa-me que você vai esquecer essa tolice toda! Amanhã, sem a menor dúvida, receberemos a notícia de que *monsieur* de Maulincour enlouqueceu e foi internado.

“Mas que coisa mais singular!”, pensou Jules, ao descer da carruagem para a escadaria coberta que dava acesso à sua casa. Estendeu os braços para ajudar sua esposa a descer e os dois subiram, indo cada um para seus próprios aposentos.

Para descrever esta história em toda a veracidade de seus detalhes, a fim de acompanhar o seu curso em todas as suas sinuosidades, é necessário divulgar aqui alguns segredos de amor, deslizar por entre os marcos da porta de um quarto de dormir, não impudentemente, mas como fazia Trilby, sem sobressaltar nem Dougal, nem Jeannie,<sup>[2]</sup> de fato, sem incomodar ninguém, mas conseguindo ser ao mesmo tempo tão casto quanto o exige nossa nobre língua francesa e tão ousado como foi o pincel de Gérard no óleo em que retratou Daphnis e Cloé.<sup>[3]</sup> O quarto de dormir de madame Jules era um lugar sagrado. Somente ela, seu marido e sua criada de quarto tinham permissão para nele entrar. A opulência

tem grandes privilégios, e dentre eles os mais invejáveis são aqueles que permitem desenvolver os sentimentos em toda a sua extensão, fecundá-los com a cumplicidade de seus mil caprichos, rodeá-los desse brilho que os engrandece, dessas pesquisas que ainda mais os purificam, dessas delicadezas que os tornam ainda mais atraentes. Caso se odeiem os piqueniques sobre a relva e as refeições mal servidas, se experimentamos o menor prazer ao vermos uma toalha de mesa perfeitamente engomada e resplandecente de alvura, uma cobertura de prata dourada, porcelanas de pureza delicada, uma mesa cujas beiradas foram folhadas a ouro, ricamente cinzelada e iluminada por velas longas e diáfanas; e logo depois, trazidas sob redomas de prata ostentando o brasão de nossa família, contemplarmos os milagres da cozinha mais refinada, então, para sermos coerentes, devemos esquecer os sótãos em que os empregados se encolhem no alto das mansões e não dar atenção às operárias que percorrem as ruas em seu passo apressado. Temos de abandonar esses sótãos, fazer de conta que não existem as costureirinhas e as bordadeiras e fechar os olhos para os guarda-chuvas e para os calçados gastos de toda essa gente que paga o jantar com vales-refeição. A seguir, você deve compreender o amor como um elemento singular, uma criatura que somente demonstra toda a sua graça sobre os tapetes da Savonnerie,<sup>[4]</sup> sob a luz opalina de uma lâmpada de pé de mármore, entre paredes discretas e revestidas de seda, diante de uma lareira dourada, em um quarto completamente isolado contra quaisquer ruídos que produzam os vizinhos, as ruas, o mundo inteiro, por persianas, postigos e cortinas ondulantes. São ainda necessários espelhos de cristal para refletir as formas que se movem diante deles, colocados frente a frente para que possam reproduzir ao infinito essa mulher que se desejaria poder multiplicar e que tantas vezes o amor realmente multiplica; além disso, divãs bem baixos, ao redor de um leito que se assemelha a um segredo, porque se deixa adivinhar sem ser mostrado; mais ainda, nesse quarto sedutor, peles para acariciar as solas dos pés desnudos, velas protegidas por mangas de vidro transparente e dispostas sobre musselinas pregueadas, para permitir a leitura a qualquer hora da noite, flores escolhidas para que não causem tonturas durante a noite e lençóis de linho finíssimo, capazes de agradar até mesmo a Ana da Áustria.<sup>[5]</sup> Madame Jules tinha seguido à risca esse delicioso programa, mas isso não era nada. Qualquer mulher de bom gosto poderia ter feito o mesmo, embora na maneira como essas coisas todas são arranjadas exista um toque de personalidade que confere a este ornamento e àquele detalhe um caráter inimitável. Hoje em dia, mais do que nunca reina o fanatismo da individualidade. Quanto mais nossas leis tendem a estabelecer uma igualdade impossível, tanto mais nossos costumes se afastarão delas. Desse modo as pessoas ricas começam, na França de hoje, a tornar-se muito mais exclusivas em seus gostos pessoais e nas coisas que lhes pertencem e as rodeiam do que eram trinta anos atrás. Madame Jules sabia perfeitamente a que ponto esse programa que escolhera a comprometia e, desse modo, havia disposto todos os detalhes de sua casa em harmonia com esse luxo que condiz tão bem com o amor. O ideal dos “mil e quinhentos francos e minha Sophie”,<sup>[6]</sup> vale dizer, a paixão dentro de uma choupana, é um ideal de esfaimados, a quem o pão preto serve muito bem para matar a fome no princípio, mas que, se é que se amam realmente, acabam por desejar pratos mais ricos e lastimam não poder gozar das riquezas da gastronomia. O amor tem horror ao trabalho e à miséria. Prefere morrer do que ter de suportar privações sem fim. As mulheres, em sua maioria, ao retornarem de um baile, cansadas e impacientes para se deitarem, lançam descuidadamente ao redor de si seus vestidos finos, suas flores emurchecidas, os ramalhetes que usaram nos cabelos e cujo perfume já se esvaiu. Largam as delicadas sandálias em cima de uma poltrona, colocam chinelos amassados e confortáveis, retiram os penteados, desmancham as tranças sem maiores cuidados com sua

aparência. Pouco lhes importa que os maridos vejam os colchetes e os alfinetes de segurança que ajustavam por dentro a elegância de seus vestidos, não dão a menor importância que eles vejam os artificiosos grampos e marombas que sustentavam os elegantes edifícios de seus penteados ou perucas. Chega de mistérios, tudo desaparece diante do marido, tudo é mostrado para ele, abandonam todas as falsas aparências. O espartilho, na maioria dos casos um espartilho destinado a esconder seus pequenos ou grandes defeitos por meio de muitas precauções e artifícios, fica atirado a um canto, se a sonolenta criada de quarto se esquecer de guardar. Finalmente, as anquinhas erguidas com barbatanas de baleia, os sutiãs guarnecidos de tafetá engomado, toda aquela parafernália de trapos engomados, os cabelos de outras mulheres que haviam comprado no cabeleireiro, toda a falsidade daquela mulher está esparsa e exposta aos olhares. *Disjecta membra poetae*, [7] a poesia artificial tão admirada por aqueles para quem foi concebida e elaborada, é amontoada por todos os cantos pela mulher formosa. Para o amor de um marido que boceja de cansaço se apresenta então uma mulher verdadeira, que boceja também, que se mostra em uma desordem totalmente despida de elegância, cujo penteado noturno é uma touca amarrotada, a mesma que usou na véspera, a mesma que irá usar amanhã.

– Afinal de contas, meu caro senhor, se quiser que eu use todas as noites uma linda touca nova para que o senhor possa amarrotar à vontade, então aumente o dinheiro que me dá para as despesas...

Essa é a vida, tal qual ela é. Uma mulher sempre se apresenta velha e desagradável para seu marido, enquanto se mostra sedutora, elegante e bem-vestida para o outro, para o rival de todos os maridos, ou seja, a sociedade que calunia e dilacera a reputação de todas as mulheres. Inspirada por um amor verdadeiro, porque o amor também tem o instinto de conservação, madame Jules agia de forma bem diferente e encontrava, na graça renovadora de sua felicidade, a força necessária para realizar esses pequenos deveres minuciosos que não se deve nunca relaxar, porque são justamente eles que perpetuam o amor. Esses cuidados, esses deveres, procedem aliás de uma dignidade pessoal que é parte do encanto. Não são mais do que tantas outras provas de afeto. São uma forma de dizer em silêncio o quanto se respeita o ser amado. Desse modo, madame Jules sempre proibia seu marido de entrar em seu quarto de vestir, onde retirava a toalete do baile e do qual saía vestida para a noite, misteriosamente adornada para as não tão misteriosas festividades de seu coração. Quando ela saía dessa peça, sempre elegante e graciosa como fora para os bailes, Jules contemplava uma mulher sedutoramente envolvida em um elegante penhoar, com os cabelos simplesmente enroscados em tranças grossas sobre a cabeça; e isso porque, garantindo que não se despenteariam, ela não roubava ao amor nem a vista, nem o tato; era uma mulher sempre mais simples, ainda mais bela do que quando se apresentava em sociedade; uma mulher que se refrescara com um banho rápido e da qual todo o artifício consistia em ter a pele mais alva que suas musselinas, mais fresca que o perfume mais redolente e mais sedutora que a mais hábil das cortesãs, sempre terna e carinhosa, portanto sempre amada. Essa admirável compreensão do ofício de esposa foi o grande segredo com que Joséphine sempre agradou a Napoleão, tal como fora outrora o segredo de Cesônia para conservar o amor de Caius Calígula, ou o de Diane de Poitiers para reter junto de si o rei Henri II. [8] E se esse segredo foi altamente eficaz para a sedução de mulheres que já contavam trinta e cinco ou quarenta anos, que arma consistia nas mãos de mulheres jovens!... Um marido saboreia então com a maior delícia o prazer delicado e raro de manter-se fiel.

Ora, retornando para casa depois daquela terrível conversa, que a enregelara de temor e que ainda despertava em sua alma as inquietações mais pungentes, madame Jules tomou um cuidado todo particular

com sua toailete noturna. Ela queria tornar-se irresistível e fez-se plenamente encantadora. Conservara fechada a gola do penhoar transparente, mas deixara aberto por debaixo dele seu corselete, deixara recair seus cabelos negros sobre suas espáduas delicadamente arredondadas; seu banho perfumado emprestara a ela um odor inebriante; seus pés estavam desnudos dentro de pantufas de veludo. Consciente de suas vantagens, aproximou-se do marido em passos leves e curtos e colocou as mãos sobre os olhos de Jules, que encontrou ainda pensativo, dentro de seu robe de chambre, com o cotovelo apoiado sobre o tampo da lareira e um dos pés sobre o guarda-fogo. Falou então suavemente ao ouvido dele, aquecendo-o com seu hálito e mordiscando o lóbulo da orelha com a ponta dos dentinhos delicados:

– Em que está pensando, cavalheiro?

Em seguida o abraçou, envolvendo-o com os braços, a fim de arrancá-lo de seus pensamentos desagradáveis. A mulher que ama tem plena compreensão de seu poder, e quanto mais virtuosa for, tanto maior é sua sedução.

– Em você – respondeu ele.

– Só em mim?

– Sim.

– Ai, ai, ai... Esse “sim” me parece um tanto duvidoso...

Foram deitar-se. Antes de adormecer, madame Jules pensou: “Decididamente, esse *monsieur* de Maulincour vai ser a causa de alguma infelicidade. Jules está preocupado, distraído e está guardando pensamentos que não quer me revelar”. Deveriam ser umas três horas da manhã quando madame Jules foi despertada por um pressentimento que feriu seu coração durante o sono. Percebeu tanto física como moralmente a ausência de seu marido. Primeiro, porque não sentia mais o braço que Jules lhe passara sob o pescoço, esse braço sobre o qual ela dormia feliz e tranqüila há cinco anos e do qual não se cansava nunca. Então uma voz interior lhe dissera: “Jules está sofrendo, Jules está chorando...”. Ela ergueu a cabeça, sentou-se na cama e percebeu que o lugar de seu marido já estava frio; viu então que ele estava sentado diante da lareira, com os pés apoiados no guarda-fogo e a cabeça recostada nas costas de uma grande poltrona. Corriam lágrimas pelas faces de Jules. A pobre mulher desceu rapidamente da cama, lançando-se sobre os joelhos de seu marido em um único salto.

– Jules, o que você tem? Está sentindo alguma coisa? Fale! Diga! Diga-me de uma vez! Fale-me, pelo amor que tem por mim!...

Em um único instante ela lhe lançou cem palavras, exprimindo a mais profunda ternura.

Jules lançou-se aos pés de sua mulher, beijou-lhe os joelhos e as mãos, enquanto deixava escorrer novas lágrimas pelas faces.

– Minha querida Clémence, como me estou sentindo infeliz! Não pode haver amor quando se desconfia de sua amante, e você é minha amante. Eu adoro você, mas estou duvidando de você... As palavras que aquele homem me disse me atingiram no mais fundo de meu coração. Por mais que me esforce, elas continuam lá e me perturbam tanto... É claro que existe algum mistério por trás disso. E depois, estou profundamente envergonhado porque suas explicações não me satisfizeram, como deveriam ter feito. Minha razão me lança argumentos que meu amor repele. Estou passando por um combate terrível... Como eu poderia continuar deitado na cama, a seu lado, sustentando sua cabeça com meu braço, ao mesmo tempo que suspeitava que por ela passavam pensamentos para mim completamente desconhecidos?

Ao vê-la sorrir com tristeza e abrir a boca para falar, ele exclamou com vigor:

– Ah, creio em você!... Acredito em você! Não me diga nada, não me repreenda por nada. A menor exprobação que viesse agora de sua boca me mataria. Além disso, você já não me disse tudo? Existe mais alguma coisa que pudesse dizer, senão o que me contou três horas atrás?... Sim, já faz três horas, eu, deitado lá, olhando você dormir, achando você tão bela, admirando seu rosto tão puro e tão tranqüilo... Ah, mas é claro que sim! Você sempre compartilhou comigo todos os seus pensamentos, não foi? Eu bem sei que estou sozinho dentro de sua alma... Ao contemplar você, ao mergulhar meus olhos nos seus, eu vejo tudo o que se encontra por detrás deles. Sua vida permanece tão pura quanto seu olhar é claro. Não, não existe qualquer segredo por trás desse olhar tão transparente...

Então, ele se ergueu e beijou-lhe as pálpebras.

– Deixe-me confessar, minha querida criatura, que aquilo que há cinco anos faz crescer a cada dia minha felicidade era não descobrir em você nenhuma destas afeições naturais que sempre roubam um pouco do amor completo. Você não tem irmãs, nem pai, nem mãe, sequer amigas, e, desse modo, eu sentia que não estava nunca acima ou abaixo de qualquer outra pessoa em seu coração. Seu coração me pertencia e eu estava sozinho dentro dele... Clémence, repita agora todas as palavras de carinho que brotam da doçura de sua alma e que você me disse já tantas vezes. Não brigue comigo, console-me, sinto-me muito infeliz. Eu sei que esta suspeita que estou nutrindo é uma coisa odiosa, sou o primeiro a me repreender e a ralhar comigo mesmo, enquanto você não traz nada em seu coração que possa atormentá-la... Minha bem-amada, diga-me então; como é que eu poderia continuar deitado a seu lado, passando pelo que estou passando? Como podem ficar sobre o mesmo travesseiro duas cabeças tão unidas, quando uma delas sofre e a outra está tranqüila? Mas em que você está pensando agora...? – exclamou bruscamente, ao ver Clémence com um aspecto sonhador, pensativa e ao mesmo tempo quase sem conseguir reter as lágrimas.

– Penso em minha mãe... – respondeu ela, em tom grave. – Você não poderia entender, Jules, a dor de sua Clémence, obrigada a se recordar dos últimos adeuses de sua mãe, ao escutar a tua voz, para mim a mais doce das músicas; e sonhar com a solene pressão das mãos geladas de uma moribunda, ao mesmo tempo em que sentia a carícia das suas, justamente no momento em que você me recobre com as provas de um verdadeiro amor... – Ela se levantou, fez levantar o marido, puxou-o para si com uma força inspirada pelo nervosismo, uma força muito superior à de um homem comum, beijou-lhe os cachos dos cabelos e cobriu-os de lágrimas. – Ah, eu poderia deixar que me esquartejassem viva por você! Você me diz tantas vezes que eu o faço feliz, que sou para você a mais bela das mulheres, que para você eu valho tanto quanto mil mulheres... Mas você é amado como nenhum outro homem jamais será. Eu não sei bem o que querem dizer essas palavras, *dever* e *virtude*. Jules, eu o amo por você mesmo, sinto-me feliz em amá-lo: eu vou amá-lo cada vez mais até soltar meu último suspiro. Sinto tanto orgulho de meu amor por você, sinto que estou destinada a experimentar este sentimento uma única vez em minha vida. O que vou dizer agora é uma coisa horrorosa, talvez: mas estou contente porque não tenho filhos e não sinto a menor falta deles. Sinto que sou muito mais esposa do que mãe. E depois disso tudo, você ainda tem temores? Sente dúvidas? Escute-me, meu amor, prometa-me esquecer isso tudo, não desta hora mesclada de ternura e de dúvidas, mas das palavras proferidas por aquele louco. Jules, é isso que eu quero. Prometa-me que não irá vê-lo, que nunca irá em casa dele. Tenho a mais íntima convicção de que, se você der um único passo que seja para o interior desse labirinto, nós rolaremos os dois para dentro de um abismo em que eu

perecerei, mesmo que tenha seu nome em meus lábios e seu coração dentro do meu. Por que razão você me coloca tão alto em sua alma e agora tão baixo na realidade? Logo você, que acredita em tanta gente, que bem pode lhe mentir sobre o montante de suas fortunas, não me quer fazer a esmola de esquecer de uma suspeita... Logo agora, na primeira ocasião de sua vida em que poderia me provar ter uma fé sem limites em mim, você está me destronando de seu coração! Entre a palavra de um louco e a minha, é no louco que você acredita! Oh, Jules!... – Ela parou, afastou os cabelos que lhe caíam sobre a testa e lhe recobriam o pescoço; depois, acrescentou no tom mais pungente, que dilacerou o coração dele: – Já falei demais. Uma única palavra deveria ter bastado. Se sua alma ou seu cérebro conservam ainda uma sombra de dúvida, por leve que possa ser, fique sabendo muito bem que não vou resistir e morrerei por causa disso!

Ela não pôde reprimir um calafrio e empalideceu.

“Vou matar aquele homem!”, pensou Jules, abraçando sua esposa, erguendo-a nos braços e levando-a para a cama.

– Vamos dormir em paz, meu anjo – declarou. – Juro que já esqueci tudo.

Clémence adormeceu após escutar essas palavras doces, que ele repetiu ainda mais docemente. Mais tarde, Jules, olhando-a adormecida, disse para si mesmo: “Ela tem razão, quando o amor é tão puro, a menor suspeita o dilacera. Para uma alma tão terna, para uma flor tão delicada, o menor sinal de que pode murchar deve significar a morte”.

Quando, entre dois seres cheios de afeição um pelo outro, cujas vidas são compartilhadas a cada instante, interpõe-se uma nuvem, mesmo que essa nuvem se dissipe totalmente, ficam em suas almas alguns traços de sua passagem. Ou a ternura se torna ainda mais viva, como a terra fica mais bela após a chuva, ou o abalo ainda ressoa, como um trovão distante em um céu puro e azul. Mas é impossível retornar plenamente à vida anterior e é necessário que o amor cresça, ou então que diminua. No almoço, *monsieur* e *madame* Jules demonstraram um pelo outro todos esses pequenos cuidados em que se nota uma ponta de afetação. Eram olhares cheios de uma alegria quase forçada, que mais pareciam esforços de pessoas empenhadas em enganar a si mesmas. Jules continuava experimentando dúvidas involuntárias, enquanto sua esposa tinha temores certos. Ainda assim, eles haviam adormecido um ao lado do outro, sentindo mútua confiança. Seria aquele constrangimento devido a um lampejo de descrença, uma lembrança embaraçosa do incidente da noite? Eles próprios não sabiam. Mas se haviam amado, amavam-se ainda com um amor puro demais para que a impressão ao mesmo tempo cruel e benéfica daquela noite não deixasse qualquer marca em seus espíritos. Ambos se esforçavam ao máximo para que aquelas marcas desaparecessem, e os dois queriam ser o *primeiro* ou a *primeira* a retornar plenamente para o outro, mas não podiam parar de pensar na causa inicial de sua primeira desavença. Para as almas que de fato se amam, isso não chega a ser um sofrimento, porque as verdadeiras tristezas ainda estão longe, mas é uma espécie de luto muito difícil de descrever. Se existem relações entre as cores e as agitações da alma; se, como disse o cego de Locke,<sup>[9]</sup> o escarlate deve produzir na vista os mesmo efeitos produzidos na audição por uma fanfarra, talvez possamos então comparar a tonalidades acinzentadas essa melancolia mútua que se retroalimenta. Mas o amor contristado, o amor que conserva ainda um sentimento verdadeiro de como era sua felicidade, antes de ser momentaneamente perturbada, cria voluptuosidades que, unidas às dores e às alegrias, têm um sabor completamente novo. Jules estudava a voz de sua esposa, cuidava seus olhares com o mesmo sentimento que sentira o jovem nos primeiros momentos de sua

paixão por ela. As recordações de cinco anos de total felicidade, a beleza de Clémence, a ingenuidade de seu amor apagaram então prontamente os derradeiros vestígios de uma dor intolerável. O dia que se seguira ao baile era um domingo, a Bolsa não abria e ele não tinha negócios a tratar com ninguém; assim, o casal passou o dia junto, penetrando ainda mais no coração um do outro do que jamais haviam chegado, como se fossem duas crianças que, em um momento de medo, abraçam-se, apertam-se, unindo-se profundamente por força do instinto. Há em uma vida a dois esses dias completamente felizes, surgidos como por acaso, que não se relacionam em nada com a véspera, nem tampouco com o amanhã, tais como flores efêmeras! Jules e Clémence gozaram de seu dia deliciosamente, como se pressentissem que era o último dia de sua vida amorosa. Que nome se poderia dar a essa força desconhecida que faz apressar os passos dos viajantes antes que a tempestade tenha mostrado seus primeiros sinais, que faz uma pessoa resplandecer de vida e de beleza poucos dias antes de sua morte e inspira os projetos mais risonhos, que aconselha ao estudioso levantar o pavio de seu lampião para aumentar a claridade, em um momento em que parece estar iluminando tudo perfeitamente, que faz uma mãe temer o olhar profundo demais lançado por um homem perspicaz sobre seu filho? Todos nós sofremos sua influência através das grandes catástrofes de nossa vida e não conseguimos até hoje dar-lhe um nome ou estudá-la. É mais que um pressentimento, mas ainda não chega a clarividência. Tudo correu bem até o dia seguinte. Na segunda-feira, Jules Desmarests, obrigado a ir à Bolsa na hora de costume, não saiu sem indagar de sua mulher, como sempre fazia, se ela queria uma carona na carruagem.

– Não – respondeu ela. – O tempo não está bom para passear.

De fato, estava mesmo chovendo a cântaros. Eram mais ou menos duas e meia da tarde quando Desmarests se dirigiu à Bolsa e ao Tesouro. Às quatro horas, quando saiu da Bolsa, deu de cara com *monsieur* de Maulincour, que o esperava com a pertinácia febril que emprestam o ódio e a vingança.

– Cavalheiro, tenho informações importantes para lhe transmitir – disse o oficial, tomando o corretor de câmbio pelo braço. – Escute-me, sou um homem de honra e demasiado leal para recorrer a cartas anônimas, que serviriam somente para perturbar sua tranqüilidade. Prefiro muito mais falar diretamente. Para completar, compreenda que, se minha vida não estivesse em jogo, eu não me imiscuiria na sua, tenha plena certeza disso. Jamais me intrometeria nos assuntos particulares de um casal, ainda que me julgasse no direito de fazê-lo.

– Se o que o senhor pretende me falar se refere de alguma maneira a madame Desmarests – respondeu-lhe prontamente Jules –, quero pedir-lhe, cavalheiro, que me faça o favor de se calar.

– Se eu me calasse, cavalheiro, poderia acontecer que, dentro de pouco tempo, o senhor tivesse o desgosto de ver madame Jules no banco dos réus do Tribunal Civil, lado a lado com um homem que já foi condenado a trabalhos forçados. Quer que eu me cale mesmo assim?

Jules empalideceu, mas seu rosto bonito retomou prontamente uma calma falsa; depois, conduzindo o oficial a uma das dependências da sede provisória da Bolsa, onde se haviam encontrado, disse com uma voz que velava uma profunda emoção interior:

– Cavalheiro, eu o escutarei – respondeu. – Mas haverá entre nós um duelo de morte se...

– Ah, quanto a isso, não se preocupe. Consinto desde agora, se quiser – exclamou *monsieur* de Maulincour –, embora tenha pelo senhor a maior estima. O senhor fala a respeito de morte, cavalheiro? Sem a menor dúvida ignora que talvez tenha sido sua esposa que me mandou envenenar no sábado à noite. Sim, senhor, desde anteontem, algumas coisas extraordinárias se passam comigo; é como se meus cabelos

destilassem para dentro de meu cérebro, através do crânio, uma febre e um langor mortais, e eu sei perfeitamente qual foi o homem que me agarrou pelos cabelos durante o baile.

*Monsieur* de Maulincour passou a relatar, sem omitir um único fato, seu amor platônico por madame Jules e os detalhes das aventuras que foram descritas anteriormente. Qualquer pessoa o teria escutado com a mesma atenção que o corretor de ações; mas é claro que o marido de madame Jules tinha plena razão de ficar muito mais atarantado que qualquer outra pessoa no mundo. E nisto revelou seu caráter: mostrou-se muito mais surpreso que abatido. Forçado a assumir o papel de juiz, e logo juiz de uma mulher que adorava, encontrou em sua alma tanto a retidão como a inflexibilidade de um magistrado incorruptível. Amando embora, pensou menos em sua vida estilhaçada que na existência daquela mulher; escutou não sua própria dor, mas aquela voz longínqua que lhe gritava ainda: “Clémence não saberia mentir!... Por que ela o trairia!?”.

– Cavalheiro – disse o oficial da guarda para terminar –, tenho plena certeza de que reconheci sábado à noite, nesse *monsieur* de Funcal, o mesmo Ferragus que a polícia acredita haver morrido; seja como for, coloquei um homem muito inteligente em sua pista. Ao voltar para casa, lembrei-me, por um acaso feliz, do nome de madame Meynardie, que é citado na carta escrita pela tal Ida, presumivelmente a amante de meu perseguidor. Munido dessa única informação, meu emissário prontamente me prestará contas dessa espantosa aventura, porque ele é muito mais hábil em desvendar a verdade que a própria polícia.

– Cavalheiro – respondeu o corretor. – Não sei como agradecê-lo por esta confiança. O senhor me falou que tem provas e testemunhas, vou esperar para vê-las. Pretendo investigar corajosamente a verdade desses estranhos acontecimentos, mas o cavalheiro vai me permitir pôr em dúvida tudo quanto me disse até que a evidência dos fatos me seja provada. Em qualquer caso, o senhor terá sua satisfação, pois deve compreender que ambos precisamos dela.

*Monsieur* Jules retornou a casa.

– Mas o que você tem, Jules? – perguntou a esposa. – Você está pálido de dar medo.

– Está muito frio – respondeu ele, andando a passos lentos por aquela alcova em que tudo falava de amor e de felicidade, o quarto tão tranqüilo em que se preparava uma borrasca mortal.

– Você não chegou a sair hoje? – indagou, de forma aparentemente casual.

Fora impelido a fazer esta pergunta pelo último dos mil pensamentos que empurravam uns aos outros dentro de seu cérebro e que agora se haviam enfileirado secretamente em uma linha de raciocínio lúcido, ainda que violentamente impelido pelo ciúme.

– Não – respondeu ela, com um falso tom de inocência.

Nesse momento, Jules percebeu na penteadeira da mulher algumas gotas de água sobre o chapéu de veludo que ela costumava usar de manhã. *Monsieur* Jules possuía um caráter violento, mas temperado por uma grande dose de delicadeza, e sentiu grande repugnância em desmentir a mulher. Era uma tal situação que faria acabar para o resto da vida qualquer coisa que ainda pudesse existir entre certas pessoas mais sensíveis. Entretanto, a percepção daquelas gotas de chuva foi como um clarão que lhe penetrou dolorosamente o cérebro. Ele saiu do quarto, desceu até o térreo e falou com seu porteiro, depois de verificar que estavam a sós:

– Fouquereau, cem escudos de renda para o resto da vida se me falar a verdade; a porta da rua se me enganar; e nada caso responda sinceramente à minha pergunta, e depois fale a qualquer pessoa sobre

o que lhe perguntei e o que me respondeu...

Interrompeu-se, examinou cuidadosamente seu porteiro e o levou para perto da luz que entrava por uma janela. Então, recomeçou:

– Madame saiu de casa hoje?

– Madame saiu às três horas menos um quarto e acredito que a vi retornar há mais ou menos meia hora, patrão.

– Está falando a verdade, sob palavra de honra?

– Sim, senhor barão.

– Então, você receberá a renda que lhe prometi; mas se falar a qualquer pessoa, lembre-se de minha promessa! Nesse caso, você vai perder tudo.

Jules retornou para onde se encontrava sua esposa.

– Clémence – disse-lhe calmamente. – Tenho necessidade de pôr em ordem as contas da casa. Espero que não se ofenda pelo que vou perguntar. Eu entreguei a você quarenta mil francos para as despesas desde o começo do ano, não foi?

– Foi mais – disse ela. – Quarenta e sete mil.

– E você tem condições de me dizer como os empregou?

– Claro – disse ela. – Para começar, tinha de pagar diversas contas do ano passado...

“Assim não vou descobrir coisa nenhuma”, pensou Jules. “Não podia ter começado pior.”

Nesse momento o valete, o criado de confiança de Jules, entrou e entregou uma carta que ele abriu por costume, sem pensar que fosse importante; mas assim que lançou o olhar sobre a assinatura, começou a ler com sofreguidão.

“CAVALHEIRO:

“No interesse de sua tranqüilidade e da nossa, tomei a liberdade de lhe escrever, mesmo não dispondo da vantagem de lhe haver sido apresentada; porém minha posição, minha idade e o temor de que venha a sobrevir alguma infelicidade me forçam a pedir a você que tenha indulgência perante uma conjuntura embaraçosa que vem deixando nossa família no maior desespero. *Monsieur* Auguste de Maulincour vem nos dando já há alguns dias demonstrações de alienação mental e tememos que ele tenha perturbado sua felicidade por meio de certas quimeras que formou em sua cabeça e que nos contou, ao sr. comendador de Pamiers e a mim, durante um primeiro acesso de febre. Nessas condições, estamos escrevendo para preveni-lo a respeito de sua enfermidade, sem dúvida ainda curável. Mas em seu estado presente, ela demonstra sintomas tão graves e tão importantes para a honra de nossa família e para o futuro de meu neto, que estou apelando para sua completa discricção. Se o sr. comendador ou eu, cavalheiro, tivéssemos tido oportunidade de nos fazer conduzir até sua residência, certamente nos teríamos dispensado de escrever-lhe; mas não tenho a menor dúvida de que, atendendo à suplica que lhe faz aqui uma mãe e avó, o senhor terá a gentileza de queimar esta carta.

“Faça-me a gentileza de aceitar meus protestos da mais perfeita consideração.

“BARONESA DE MAULINCOUR, NASCIDA ‘DE RIEUX’.”

– Mais uma tortura! – exclamou Jules.

– Mas o que está acontecendo com você? – perguntou a esposa, demonstrando grande ansiedade.

– Cheguei ao ponto – respondeu Jules – de ficar me indagando se não foi você mesma que me fez chegar esta carta às mãos, a fim de dissipar minhas suspeitas. Pode então julgar por que sofrimentos estou

passando.

E atirou-lhe a carta às mãos.

– Mas que infeliz! – disse madame Jules, deixando cair a carta no assoalho. – Lamento o que lhe aconteceu, por maior que seja o mal que me fez.

– Você sabe que ele falou comigo?

– Ah, mas então você foi falar com ele, depois de ter-me dado sua palavra que não o faria! – disse ela, cheia de terror.

– Clémence, nosso amor está em perigo de terminar e estamos em uma posição tal que nenhuma das leis da vida se aplica a nós. Vamos então deixar de lado essas pequenas considerações comparadas com os perigos no meio dos quais nos encontramos. Agora me escute: antes de mais nada, diga-me por que saiu hoje à tarde. As mulheres se acham no direito de nos pregar de vez em quando pequenas mentiras sem importância. Frequentemente é só para nos esconder algum pequeno prazer que nos estão preparando, para não estragar a surpresa. Ou então, ainda há pouco você trocou uma palavra por outra, e me disse “não” quando queria dizer “sim”.

Foi até a sala de vestir, onde estava a penteadeira, e trouxe o chapéu.

– Aqui está, viste? Não estou tentando bancar o Bártolo,<sup>[10]</sup> mas seu chapéu a atraíu. Estas manchas ainda úmidas não são por acaso gotas de chuva? Isso quer dizer que você mandou chamar um carro de aluguel e seu chapéu recebeu estas gotas de água, quem sabe quando entrou no veículo, talvez ao entrar na casa em que pretendia ir, ou ainda quando saía dela. Uma mulher pode sair de casa com a maior inocência, mesmo depois de ter afirmado a seu marido que não pretendia ir a lugar nenhum. Afinal de contas, há tantas razões para mudar de opinião! Entregar-se a um capricho, não é um dos direitos que vocês têm? As mulheres não são obrigadas a serem coerentes nem consigo mesmas. Você pode ter esquecido alguma coisa, um serviço a prestar ou uma encomenda a fazer, uma visita, talvez até mesmo realizar uma obra de caridade... Mas nada impede que uma mulher conte a seu marido o que fez. Mas então, uma pessoa pode ruborizar-se quando está com um amigo sincero? Então? O que é que foi? Não é um marido ciumento que lhe fala, Clémence, é o marido amoroso, o amante, o amigo, o irmão. – Então jogou-se apaixonadamente a seus pés. – Fale, querida, não para se justificar, mas simplesmente para acalmar meus horríveis sofrimentos. Eu tenho plena certeza de que você saiu. Pois então? O que foi que você fez, que não pode me contar? Aonde foi?

– Sim, eu saí, Jules – respondeu ela, com a voz alterada, embora conservasse a fisionomia calma. – Mas não me pergunte nada mais. Espere com confiança, caso contrário, você vai criar para si mesmo remorsos eternos. Jules, meu Jules, a confiança é a maior virtude do amor. Eu confesso, mas neste momento estou perturbada demais para conseguir lhe responder. Mas eu não sou uma mulher falsa, tampouco infiel, eu o amo e você sabe muito bem disso.

– Em meio a tudo que pode quebrantar a fé no coração de um homem, despertar-lhe os ciúmes... Pois não sou mais o primeiro em seu coração, não sou mais um só com você... Pois bem, Clémence, prefiro ainda acreditar em você, quero ardentemente crer em sua voz, confiar em seus olhos!... Mas se você me engana, sem a menor dúvida merecerá...

– Ora! Mil mortes!... – exclamou ela, interrompendo-o.

– Eu nunca escondi de você o menor de meus pensamentos, mas você... você...

– Psii!... – disse ela. – Nossa felicidade depende agora de um silêncio mútuo.

– Ah, não! Eu quero saber tudo! – exclamou ele de repente, deixando-se dominar por um violento acesso de raiva.

Nesse momento, ouviram-se gritos femininos e os sons estridentes de uma vozinha furiosa chegaram da antecâmara até o quarto em que estavam os esposos.

– Eu vou entrar, estou dizendo! – prosseguiram os gritos. – Sim, eu vou entrar, quero me encontrar com ela e vou falar com ela!

Jules e Clémence precipitaram-se para o salão, cujas portas logo se abriram com violência. Uma garota cruzou subitamente a porta, seguida de dois criados, que tentavam em vão segurá-la e que disseram ao patrão:

– Senhor, esta mulher quer entrar aqui à força, apesar de tudo o que fizemos. Nós lhe dissemos que madame tinha saído. Ela respondeu que sabia muito bem que madame tinha saído, mas que acabava de vê-la voltar. Ela ameaçou ficar gritando e batendo na porta da rua até conseguir avistar-se com a senhora...

– Está certo, retirem-se – disse *monsieur* Desmarests a seus criados. Depois, voltou-se para a desconhecida. – O que deseja, *mademoiselle*?

Essa “*mademoiselle*” era o tipo de mulher que só se encontra em Paris. Ela se cria em Paris como a lama das ruas, como os paralelepípedos que calçam essas ruas, como a água do Sena é fabricada em Paris, em grandes reservatórios, em que a indústria filtra a água do rio dez vezes antes de distribuí-la em garrafas de vidro facetado, em que ela cintila tão clara e tão pura, depois de ter sido tão lodosa e imunda. De modo semelhante, essas criaturas são verdadeiramente originais. Vinte vezes capturadas pelo pincéis dos pintores, pelos lápis dos caricaturistas ou pelos carvões dos desenhistas, elas escapam a todas as análises, porque são irretratáveis em todas as suas facetas, assim como é a natureza da cidade, tal como é essa fantástica Paris. Com efeito, elas não se prendem ao vício senão por um único raio, enquanto se afastam dele por mil outros pontos da circunferência social. De qualquer modo, elas não deixam adivinhar senão um traço de seu caráter, o único que as torna dignas de censura; as mais belas virtudes que porventura tenham são sempre escondidas; seu despudor é ingênuo, mas é dele que mais se orgulham. Traduzidas de forma incompleta em todos os dramas e livros em que foram descritas como personagens, colocadas diante da ribalta com toda a poesia que lhes é própria, elas nunca agem com sinceridade fora de seus quatinhos de sótão, porque sempre serão, em qualquer outro lugar, ou caluniadas ou lisonjeadas. Se forem ricas, viciam-se; se forem pobres, serão incompreendidas. E como poderia ser de outro modo? Têm ao mesmo tempo vícios em excesso e boas qualidades em demasia; estão ao mesmo tempo perto demais das alturas sublimes onde o ar rarefeito provoca a asfixia e dos risos aviltantes que refletem as maiores baixezas; são simultaneamente belas demais e horrorosas demais; são a perfeita personificação de Paris e são elas que acabam fornecendo à cidade suas porteiras desdentadas, suas lavadeiras das roupas mais imundas, suas varredoras de rua, suas mendigas famintas e, de quando em vez, condessas impertinentes, atrizes admiradas e cantoras que recebem todos os aplausos; até chegaram a dar à monarquia duas quase-rainhas, em tempos que já vão distantes. Quem poderia descrever uma mulher assim, com todas as qualidades de um Proteu?[\[11\]](#) Ela é a mulher completa, menos que a mulher, mais do que a mulher. Desse vasto retrato, um pintor de costumes não pode mostrar senão alguns detalhes, porque o conjunto é infinito. Aquela que ali entrara era uma *grisette* de Paris, apenas uma costureira, mas uma costureira em todo o seu esplendor: a costureira que pode dar-se ao luxo de andar de fiacre, feliz, jovem,

bela, suave, mas costureira mesmo assim, costureira acostumada com colchetes e tesouras, atrevida como uma espanhola, impertinente como uma inglesa virtuosa a reclamar seus direitos conjugais, vaidosa como uma dama da alta sociedade, porém mais franca e disposta a tudo; uma verdadeira leoa, saída de um pequeno apartamento mal mobiliado, em que tantas vezes sonhara com cortinas de chita vermelha, com móveis estofados de veludo holandês de Utrecht, com uma mesinha de chá, com uma cobertura de porcelana decorada com figuras estampadas, com um pequeno sofá para conversar com alguém, com um tapetinho de lã colorida, um relógio de pêndulo em imitação de alabastro e candelabros com mangas de vidro, enquanto vivia em seu quatinho de paredes amareladas, com um acolchoado de lã enovelada e frouxa sobre a cama. Em resumo, todas as alegrias da vida de uma costureirinha: o quarto de uma governanta, que antigamente também foi *grisette*, mas uma costureira acompanhada por bigodes e galões a noitadas de teatro e outros espetáculos, a quem pagavam todas as guloseimas que tivesse vontade de comer, a quem davam vestidos de seda e chapéus não demasiado caros; enfim, dotada de todas as felicidades sonhadas pelas modistas diante de seus balcões, tão fáceis de obter quanto um bastão de marechal nos sonhos de um soldado. E acontece que aquela costureirinha em particular tinha conseguido tudo isso, graças a uma afeição verdadeira ou, quem sabe, apesar de uma afeição verdadeira, como outras que tudo obtêm em troca de uma hora por dia, uma espécie de imposto adquirido despreocupadamente e pago por algum velhote solitário. A jovem que se apresentava a monsieur e madame Jules usava sapatos tão decotados que mal se divisava uma estreita linha negra entre o tapete e suas meias brancas. Esse tipo de calçado, de que os caricaturistas parisienses nos deixaram tantos retratos, é particularmente favorecido pelas costureiras e bordadeiras de Paris; mas ela traía ainda melhor sua condição social aos olhos do observador por meio do cuidado com que suas roupas se colavam a suas formas a fim de desenhá-las nitidamente. Desse modo, a desconhecida estava, para não perder a expressão pitoresca criada pelos soldados franceses, *afivelada* dentro de um vestidinho verde de tecido fino e meio transparente, que deixava adivinhar a beleza de seu busto, quase perfeitamente visível, porque seu xale de caxemira de Ternaux<sup>[12]</sup> se arrastava pelo chão, permanecendo preso a seu corpo apenas pelas duas pontas, que ela segurava um tanto retorcidas entre as mãos. Seu rosto era estreito, com faces rosadas, embora a pele fosse alva, tinha olhos cinzentos e cintilantes, uma testa arqueada, bastante proeminente, e cabelos cuidadosamente alisados que escapavam de seu chapeuzinho e derramavam-se em madeixas grossas sobre seu pescoço.

– Meu nome é Ida, senhor. E se essa aí é madame Jules e tenho a vantagem de falá com ela agora, tou aqui pra dizê a ela tudo o que tenho no coração, tudo que tenho contra ela. É muito mal feito, quando uma mulhé tem a vida arranjada e quando ela tem toda a sua mobília como você tem aqui, é memo muito mal feito querê tirá de uma moça pobre um home com o qual eu já contraí um casamento moral e que inté me fala de corrigir suas maldade p’ra comigo indo se casá no *cartório* comigo. Há tanto moço bonito nesse mundo, não é mesmo, *cavalheiro*? Você pode praticá à vontade suas fantasia com quem quisé, sem percisá tirá de mim um home já véio, mas que me faiz feliz. Pois então, eu não tenho casa bonita que nem você, mas tenho meu amor!... *Eu tenho pavor desses home bonito e do dinheiro deles!*... Eu sou puro sentimento e...

Madame Jules se virou para seu marido:

– Vai me dar permissão para não escutar mais nada, cavalheiro – disse ela, dando as costas e retirando-se para seus aposentos.

– Se essa madama tá com o senhor, então eu acho que fiz besteira, pelo que tou vendo. Tanto pior – recomeçou Ida. – Por que raio ela vai visitá *monsieur* Ferragus todos os dias?

– Mas a senhora deve estar enganada, *mademoiselle* – disse Jules, estupefato. – Minha esposa é incapaz de...

– Ah! Mas entonce vocês dois são casado? – exclamou a garota, demonstrando alguma surpresa. – Mas ansim a coisa é muito pior memo! Não é verdade, senhor, uma muié que tem a felicidade de ser casada em legítimo matrimônio e mesmo assim andá se relacionando com um home véio feito o Henri?

– Mas que Henri? – disse *monsieur* Jules, segurando um dos braços de Ida e conduzindo-a até uma peça vizinha, para que sua esposa não escutasse mais nada.

– Ora, Henri é *monsieur* Ferragus...

– Mas ele está morto – disse Jules.

– Morto coisa nenhuma! Ainda ontem fui com ele ao Franconi[13] e ele me levou depois até em casa, como era memo a obrigação dele de fazê comigo... Aliás, a sua madama memo pode lê dá boas notícia dele. Pois então? Ela não foi lá fazê uma visita pra ele hoje memo, às três da tarde? Eu sei muito bem. Fiquei esperando na rua, porque tem um home muito amável, um *monsieur* Justin, que talvez o senhor conheça, um velhinho que carrega uns berloque na corrente do relógio e usa espartilho pra não parecê muito gordo, já havia me pervenido que uma madame Jules era minha rival. Esse nome, cavaleiro, é bem conhecido entre as garota que usam nomes de guerra. Me perdoe, porque agora eu sei que é o seu nome, mas memo que madame Jules fosse uma duquesa da corte, Henri é tão rico que pode sastifazê todas as fantasia dela. Eu só tou aqui porque quero defendê o que é meu e tenho todo o direito. Porque acontece que eu amo ele, o Henri! Foi minha primera inclinação amorosa e nele tá todo o meu amor e toda a minha sorte no futuro. Eu cá não tenho medo de nada, meu senhor; sou honesta e nunca menti nem roubei os bem de qualquer outra pessoa. Memo que minha rival fosse uma imperatriz, eu iria direito a ela pra recramá; e se ela me tirasse meu futuro marido, eu seria capaz de matá ela, memo que fosse imperatriz, porque todas as muieres bonita são iguar, meu senhor...

– Chega! Chega!... – exclamou Jules. – Onde é que você mora?

– Eu cá moro na Rue de la Corderie-du-Temple, número 14, meu senhor. Meu nome é Ida Gruget, sou costureira e fabricante de espartilhos, para servi-lo, porque nós fazemos muitos para cavalheiros também.

– E onde mora esse homem que você chama de Ferragus?

– Mas, meu senhor – disse ela, apertando os lábios. – Acontece que ele não é simplesmente um home. É um cavaleiro e talvez mais rico inté que o senhor. Mas por que o senhor me pergunta o endereço dele, quando sua esposa sabe muito bem? Ele me disse que não contasse pra ninguém. Será que eu sou obrigada a respondê ao senhor?... Não, acho que não, graças a Deus. Não tenho de dizê nada nem ao senhor, nem no confessionário, nem na delegacia de polícia. E depois, eu só dependo de mim mema.

– E se eu lhe oferecesse vinte, trinta, quarenta mil francos para me dizer onde mora esse *monsieur* Ferragus?

– Ah, ene-a-o-til, meu amiguinho, acabou o papo!... – disse ela, acrescentando a essa singular resposta um gesto popular. – Não tem no mundo dinheiro que me faça dizê isso... Tenho a honra de comprimentá o senhor. Como é que eu saio daqui...?

Jules, apavorado, deixou que Ida partisse, sem se preocupar mais com ela. O mundo inteiro parecia

estar desmoronando a seus pés. Tinha ainda a impressão de que o céu acima dela estava também caindo aos pedaços.

– O jantar de *monsieur* está servido – veio dizer seu criado particular.

Ele e o copeiro já estavam esperando há um quarto de hora na sala de jantar, sem que os patrões se apresentassem para a refeição.

– Madame não vai jantar – veio dizer a camareira.

– Qual é o problema, Joséphine? – quis saber o criado particular.

– Ah, não sei – respondeu ela. – Madame está chorando e vai direto para a cama. Decerto o patrão arranjou alguma “ligação” na cidade e ela acabou descobrindo no pior momento, percebe? Eu não me responsabilizo pela vida de madame. Vocês homens não têm jeito! Estão sempre aprontando uma ou outra, sem tomar a menor precaução.

– Ah, mas não mesmo! – retrucou o criado em voz baixa. – É justamente o contrário, foi madame que... você compreende o que quero dizer. Que tempo tem o patrão para arranjar alguma coisinha na cidade, logo ele, que há cinco anos não dorme uma única noite fora do quarto de madame? Ele desce às dez horas para o escritório e só sai dele ao meio-dia para almoçar! Você conhece a vida dele tão bem quanto eu, é perfeitamente regular. É a madame que sai todos os dias às três horas e ninguém sabe aonde ela vai.

– Ora, o patrão também sai! – disse a camareira, querendo tomar o partido da patroa.

– Ele vai à Bolsa para trabalhar, o pobre do patrão. Pois é... – disse o criado de quarto após uma pausa. – Já o avisei três vezes de que o jantar está servido e é a mesma coisa que falar com um armário.

*Monsieur Jules* entrou.

– Onde está madame? – perguntou.

– Madame foi deitar-se, está com enxaqueca – respondeu a camareira, dando-se ares de grande importância.

*Monsieur Jules* disse então, com o maior sangue-frio porque estava falando com seus empregados e não queria dar confiança:

– Podem tirar a mesa, então. Vou fazer companhia a madame.

Ele voltou para o quarto em que estava sua esposa e a encontrou chorando, ao mesmo tempo em que abafava os soluços em um lenço.

– E por que está chorando agora? – disse Jules com simplicidade. – Não tem motivo para esperar de mim nem violência nem reprovação. Por que eu desejaria me vingar? Se você não foi fiel ao meu amor, é porque não é digna dele...

– Não sou digna! Não sou digna!

Ela repetiu estas palavras uma porção de vezes, entrecortadas por soluços, e o tom com que foram proferidas teria enternecido o coração de qualquer homem, mas agora não causava o menor efeito sobre Jules.

– Para matá-lo, talvez fosse preciso amá-lo ainda mais do que eu a amo – prosseguiu ele. – Eu não teria coragem suficiente para isso, primeiro eu me mataria e deixaria que você gozasse sua... felicidade... com quem? Para quê?...

Ela não deixou que ele terminasse.

– Não, você não pode se matar! – gritou Clémence, jogando-se aos pés de Jules e abraçando suas

pernas.

Mas ele preferia livrar-se desse abraço, sacudiu as pernas, sem conseguir soltar-se, arrastando a esposa em direção ao leito.

– Vê se me larga! – exclamou.

– Não, não, Jules – gritou ela. – Se você não me ama mais, eu vou morrer! Pois bem! Quer saber tudo, então?

– Sim.

Ele a tomou nos braços, apertou-a violentamente, sentou-se à beira da cama, enquanto ela permanecia abraçada a suas pernas. Depois, contemplando com um olhar duro e acusador aquela bela cabeça, cujas faces se haviam avermelhado de emoção; todavia, o fogo era sulcado por lágrimas.

– Ande logo, fale – repetiu.

Os soluços de Clémence recomeçaram.

– Não, é um segredo de vida ou morte. Se eu contasse, eu... Não, não posso! Tenha pena de mim, Jules, por favor!

– A senhora passou a vida me enganando...

– Ah, agora você me trata por *senhora*! – exclamou ela, aos prantos. – Sim, Jules, você pode até crer que eu o engano, mas logo, logo vai ficar sabendo de tudo.

– Mas então já não sei desse Ferragus, desse condenado que você vai visitar todos os dias, desse homem enriquecido pelos seus crimes... Se ele não é seu amante, se você não pertence a ele...

– Ai, Jules!

– Pois então? É ele o nosso benfeitor desconhecido, o homem a quem devemos toda a nossa fortuna, como já me disseram?

– Mas quem lhe falou isso?

– Um homem que matei em duelo.

– Ai, meu Deus! Então já houve uma morte...?

– Bem, se não é seu protetor, se ele não lhe dá dinheiro, então é você que lhe leva meu ouro. Vamos ver, fale, por acaso é seu irmão?

– E daí? – disse ela. – E se fosse?

*Monsieur* Desmarests cruzou os braços.

– E por que teria escondido isso? – recomeçou ele. – Quer dizer que desde o princípio vocês duas me enganaram, sua mãe e você? E depois, quem é que vai à casa de um irmão todos os dias, ou quase todos os dias, hein?

A mulher caiu desmaiada a seus pés.

– Morreu!? – disse ele. – E se eu estiver errado...?

Deu um salto até o cordão da campainha que chamava os criados, gritou por Joséphine, tomou Clémence nos braços e colocou-a sobre a cama.

– Eu vou morrer – disse madame Jules, voltando a si.

– Joséphine – exclamou *monsieur* Desmarests quando a criada entrou. – Vá procurar *monsieur* Desplein.[\[14\]](#) Logo depois, quero que vá até a casa de meu irmão e peça a ele que venha aqui o mais depressa possível.

– Mas por que chamou seu irmão? – indagou Clémence.

Mas Jules já saíra do quarto.

Pela primeira vez em cinco anos, madame Jules deitou sozinha em sua cama e foi obrigada a deixar entrar um médico em sua câmara sagrada. Não saberia dizer qual das duas coisas lhe havia causado mais dor. Desplein achou que madame Jules estava bastante mal, que sofrera uma emoção muito violenta e que isso a afetara profundamente. Não quis fazer nenhum julgamento apressado e preferiu deixar seu diagnóstico para o dia seguinte, depois de receitar algumas prescrições que não foram absolutamente executadas, porque os interesses do coração tinham feito esquecer todos os cuidados físicos. Chegou a manhã e Clémence não havia conseguido dormir. Ficara preocupada com o murmúrio surdo de uma conversação entre os dois irmãos, que durara diversas horas. Mas as paredes eram grossas e, embora passasse algum som, não era possível distinguir uma só palavra que pudesse revelar o assunto de conferência tão longa. *Monsieur Desmarests*, o tabelião, saiu logo depois. A calma da noite e depois a singular agudeza dos sentidos que é provocada pelas paixões permitiram todavia a Clémence escutar o ruído rascante de uma pena de ganso e os movimentos involuntários de um homem que se ocupa em escrever durante um certo tempo. Aqueles que têm o costume de passar as noites em claro e que já observaram os diversos efeitos acústicos durante um silêncio profundo e mais ou menos prolongado sabem perfeitamente que, às vezes, um ruído leve é fácil de perceber, mesmo provindo do mesmo lugar em que murmúrios iguais e contínuos não podem ser entendidos distintamente. O rumor somente cessou às quatro da manhã. Clémence levantou-se, inquieta e trêmula. A seguir, os pés nus e sem calçar-se, sem colocar sequer um penhoar, sem se dar conta de que estava coberta de suor, nem do estado meio febril em que se encontrava, a pobre mulher abriu cuidadosamente a porta de comunicação entre o quarto e a sala, tendo a sorte de que ela não rangesse nem fizesse qualquer outro ruído. Ela viu o marido adormecido em uma poltrona, com uma pena de ganso manchada de tinta ainda presa entre os dedos. Os morrões que restavam das velas bruxuleavam contra os castiçais. Ela avançou lentamente e leu em um envelope já lacrado e timbrado: ESTE É MEU TESTAMENTO.

Ela se ajoelhou, tal como se estivesse diante de uma sepultura, e beijou a mão de seu marido, que despertou sobressaltado.

– Jules, meu amigo. Sempre concedem alguns dias de graça aos condenados à morte – declarou ela, seus olhos iluminados pela febre e pelo amor. – A sua esposa é inocente e só lhe pede dois. Deixe-me em liberdade durante dois dias e... espere! Depois disso, morrerei feliz, porque vou saber que, pelo menos, você irá lamentar meu falecimento.

– Clémence, eu lhe concedo esses dois dias.

Ela se pôs a beijar as mãos do marido, em uma comovente efusão de sentimento, enquanto Jules, fascinado por esse grito de inocência, abraçou-a e beijou sua testa, embora se envergonhasse intimamente por se deixar ainda influenciar pelo poder dessa nobre beleza.

No dia seguinte, depois de algumas horas de repouso na poltrona, Jules entrou no quarto de sua esposa, obedecendo inconscientemente a seu antigo hábito de nunca sair sem despedir-se. Clémence estava adormecida. Um raio de sol passava entre as fendas superiores das venezianas e pousava sobre o rosto daquela mulher abatida pelo sofrimento. A dor já havia enrugado levemente sua testa, e o sofrimento empalidecera o rubor fresco de seus lábios. O olhar de um amante não podia enganar-se à vista de algumas manchas escuras sob as órbitas e de uma palidez doentia que substituíam o habitual tom parelho das faces e a alvura fosca de sua tez, duas telas puras sobre as quais se estampavam tão ingenuamente os sentimentos daquela linda alma.

– Ela sofre – murmurou Jules. – Pobre Clémence, que Deus nos proteja!

Ele beijou sua testa bem de leve, mas não o suficiente para que ela não se acordasse, visse seu marido e compreendesse tudo; mas não conseguia falar, tomou-lhe a mão e seus olhos se inundaram de lágrimas outra vez.

– Eu sou inocente – disse ela, terminando o sonho em que estivera mergulhada.

– Você não vai sair hoje? – perguntou Jules incisivamente.

– Não, estou me sentindo fraco demais para sair da cama.

– Se vai mudar de idéia, pelo menos aguarde até que eu retorne – disse Jules.

Saiu logo depois e desceu para o andar térreo.

– Fouquereau, quero que você vigie a porta com o maior cuidado. Quero saber exatamente as pessoas que entrarem nesta casa e quem quer que saia dela.

A seguir, *monsieur* Jules lançou-se dentro de um fiacre de aluguel, ordenou ao cocheiro que o levasse até a mansão de Maulincour, bateu à porta e disse querer falar com o barão.

– O patrão está doente – responderam.

Jules insistiu em entrar, dando seu nome; se não pudesse ver *monsieur* de Maulincour, queria avistar-se com o administrador do bispado ou com a senhora viúva. Esperou durante algum tempo no salão da velha baronesa, que finalmente desceu e veio recebê-lo, dizendo que seu neto estava enfermo e indisposto demais para poder receber visitas.

– Eu conheço perfeitamente, madame – respondeu Jules –, a natureza de sua enfermidade pela carta que a senhora fez a honra de escrever-me e quero pedir que acredite...

– Uma carta para o senhor, cavalheiro!? Uma carta minha...? – exclamou a viúva, interrompendo-o.

– Mas eu não escrevi carta nenhuma a ninguém, muito menos ao senhor. E que foi que me fizeram dizer, cavalheiro, o que havia nessa carta?

– Madame – respondeu Jules. – Como eu tinha a intenção de vir à casa de *monsieur* de Maulincour hoje mesmo e devolver esta carta, acreditei poder conservá-la, apesar do pedido que me faziam na conclusão dela. Aqui está a missiva.

A velha viúva puxou o cordão da campainha para chamar uma criada que lhe trouxesse as lunetas e, tão logo lançou os olhos sobre o papel e leu o que ele continha, manifestou a maior surpresa.

– Cavalheiro – disse. – Minha letra está tão perfeitamente imitada, que se não se tratasse de um assunto tão recente, eu mesma me enganaria. Meu neto está doente, isso é verdade, cavalheiro; mas sua razão jamais foi afetada, permanece perfeitamente sã. Estamos sendo o alvo de gente muito má. Seja como for, não consigo adivinhar qual possa ser o objetivo de fabricar uma falsificação tão grosseira da verdade, uma coisa tão impertinente. Eu vou levá-lo para ver meu neto, cavalheiro, e o senhor há de reconhecer que ele está perfeitamente sã de espírito e que sua mente funciona sem a menor dificuldade.

Ela puxou novamente o cordão da sineta para mandar o criado perguntar ao barão se ele estava disposto a receber *monsieur* Desmarests. O criado de quarto retornou com uma resposta afirmativa, e Jules subiu até o quarto de Auguste de Maulincour, a quem encontrou sentado em uma poltrona, ao lado da lareira. Todavia, o barão parecia fraco demais para conseguir erguer-se e o saudou com um gesto lânguido; o administrador do bispado de Pamiers lhe fazia companhia.

– Senhor barão – disse Jules. – Eu tenho alguma coisa a dizer-lhe de caráter tão privado, gostaria

que ficássemos a sós.

– Cavalheiro – respondeu Auguste. – O senhor comendador está totalmente a par deste triste negócio, e o senhor pode falar diante dele sem temer por sua discricção.

– Senhor barão – recomeçou Jules com voz grave –, o senhor perturbou e quase destruiu minha felicidade, sem que tivesse para isso o menor direito. Até o momento em que vejamos qual de nós pode pedir ou dar uma reparação ao outro, o senhor é obrigado a me ajudar a trilhar esta via tenebrosa em que foi o primeiro a me lançar. Mas não foi por isso que eu vim. O que eu quero do senhor é que me diga o domicílio atual desse ser misterioso que exerce sobre os destinos de todos nós uma influência tão fatal, essa criatura que parece ter sob suas ordens uma potência sobrenatural. Ontem, no momento em que voltava a casa, depois de ouvir suas confissões, recebi uma carta de conteúdo muito estranho, que passo agora a suas mãos.

E Jules apresentou a ele a carta falsa.

– Esse Ferragus, esse Bourignard ou esse cavalheiro de Funcal é um demônio! – exclamou Maulincour depois de ficar a par do conteúdo da mensagem. – Mas em que dédalo espantoso, em que terrível labirinto eu me enfiei? Como posso sair dele...? Eu agi mal, cavalheiro, confesso – disse ele, olhando Jules diretamente nos olhos. – Mas a morte é, certamente, a maior das expiações, e vejo que minha morte se aproxima a passos largos. Até então, pode exigir de mim tudo o que quiser, estou inteiramente a suas ordens.

– Cavalheiro, o senhor deve saber onde mora o desconhecido. Eu desejo absolutamente, mesmo que isso me custe toda a minha fortuna atual, desvendar este mistério; uma vez que nos defrontamos com um inimigo tão cruelmente inteligente, todos os momentos são preciosos...

– Justin lhe dirá todos os detalhes – respondeu o barão.

Ao ouvir essas palavras, o comendador agitou-se desconfortavelmente em sua poltrona.

Auguste puxou o cordão da campainha, para chamar o criado.

– Justin não está na mansão – exclamou o administrador do bispado, demonstrando uma preocupação que indicava um mundo de coisas.

– Tudo bem! – disse Auguste rapidamente. – Nosso pessoal deve saber muito bem onde ele está e um dos criados pode pegar um cavalo e ir procurá-lo. O seu criado está em Paris, não é mesmo? Será fácil encontrá-lo.

O comendador estava visivelmente embaraçado.

– Justin não vai voltar nunca mais, meu amigo – disse o velhinho. – Morreu. Eu queria esconder esse acidente de você, mas...

– Morreu...? – exclamou *monsieur* de Maulincour. – Então ele morreu? Quando? Como?

– Ontem à noite. Ele foi cear com alguns de seus velhos amigos e deve ter-se embriagado; seus amigos, tão bêbados quanto ele, deixaram que se deitasse no meio da rua e um carro pesado passou sobre seu corpo...

– Dessa vez aquele condenado não falhou. Matou-o com o primeiro golpe – disse Auguste. – Ele não teve a mesma sorte comigo, foi obrigado a tentar quatro vezes.

Jules ficou sombrio e pensativo.

– Não me adiantou nada ter vindo, então, saio daqui sem saber mais do que quando entrei – constatou o corretor de ações depois de uma longa pausa. – Mas talvez seu criado tenha sido justamente

castigado. Ele deve ter ultrapassado suas atribuições. Certamente não foi por ordem sua que ele caluniou madame Desmarets para uma tal de *Ida*, cujo ciúme ele desencadeou a um ponto que ela foi discutir conosco em nossa própria casa.

– Ah, cavalheiro! Não culpe o coitado. Em minha cólera, eu lhe disse que não me importava com o que fizesse com madame Jules...

– Mas, meu senhor! – exclamou o marido, vivamente irritado.

– Olhe, cavalheiro – disse o oficial, pedindo-lhe silêncio com um aceno. – Agora, estou pronto para tudo. Não poderá fazer melhor do que já está feito e não poderá dizer-me nada que minha consciência já não me tenha dito. Estou esperando esta manhã a visita do mais célebre professor de toxicologia da universidade, a fim de que ele prognostique meu destino. Se estou condenado a passar por sofrimentos grandes demais, já tomei minha decisão, vou estourar o cérebro com um tiro.

– Mas o senhor fala que nem uma criança mimada! – exclamou o comendador, aterrorizado pela calma com que o barão proferira estas palavras. – Sua avó morreria de tristeza...

– Quer dizer então, cavalheiro – disse Jules, com indiferença –, que não nos restou qualquer meio de descobrir em Paris o lugar em que se homizia esse homem extraordinário?

– Acredito, cavalheiro – respondeu o velho comendador –, ter ouvido meu pobre Justin afirmar que *monsieur* de Funcal tinha aposentos na Embaixada de Portugal ou então na Embaixada do Brasil. Esse cavalheiro, *monsieur* de Funcal, parece que pertence aos dois países. Quanto ao condenado a trabalhos forçados, está morto e enterrado. O seu inimigo, quem quer que seja, parece um homem poderoso o bastante para que o senhor tenha de aceitá-lo sob sua nova forma, até o momento em que disponha dos meios para desmascará-lo ou para esmagá-lo diretamente. Mas até lá, aja com prudência, meu caro senhor. Se *monsieur* de Maulincour tivesse seguido meus conselhos, nada disso lhe teria acontecido.

Jules retirou-se polidamente, mas com frieza, sem saber que atitude tomar para chegar até Ferragus. No momento em que retornou a casa, o porteiro veio dizer-lhe, meio constrangido, que madame havia saído para colocar uma carta na caixa de correspondência que havia sido instalada do outro lado da Rue de Ménars. Jules sentiu-se humilhado ao reconhecer a prodigiosa lealdade com que seu porteiro se aliava à sua causa e a habilidade com que adivinhava meios para servi-lo. Ele sabia muito bem como era a solicitude dos subordinados e sua habilidade em comprometer ainda mais os patrões que sabiam já estar comprometidos. Tinha em devida consideração todo o perigo que havia em torná-los seus cúmplices, fosse lá no que fosse. Mas não podia dar-se ao luxo de pensar em sua dignidade pessoal em uma ocasião na qual se via tão subitamente rebaixado. Que triunfo para um escravo, incapaz de elevar-se ao nível de seu amo, conseguir fazer com que ele tombasse até o nível em que se achava! Jules demonstrou-se brusco e duro, percebendo logo que estava cometendo mais um erro. Mas ele sofria tanto! Sua vida, até ali tão simples, tão óbvia, tão pura, tornara-se tortuosa; era obrigado a mascarar seus sentimentos, disfarçar, enganar, mentir... Porque Clémence também enganava e mentia. Esse foi um dos piores momentos de seu desgosto. Perdido em um abismo de pensamentos amargos, Jules permaneceu inconscientemente imóvel do lado de dentro da porta de sua casa. Por momentos, abandonado a idéias geradas pelo desespero, ele queria fugir, deixar a França, levando consigo seu amor ainda envolvido em todas as ilusões da incerteza. A seguir, não conseguia mais pôr em dúvida que a carta lançada à caixa de coleta por Clémence era endereçada a Ferragus e procurava uma maneira de capturar a resposta que mandaria esse ser misterioso. Depois analisava todos os singulares acasos que haviam transformado sua vida após seu casamento e se

indagava se a calúnia pela qual exigira uma vingança tão definitiva não era, no final das contas, nada mais que a expressão de uma verdade humilhante. Finalmente, imaginando qual poderia ser a resposta de Ferragus, ele pensava consigo mesmo: “Mas um homem desses, tão extremamente hábil, tão lógico em seus menores atos, que vê, não, que prevê, que calcula nossos atos e chega a adivinhar nossos pensamentos, então esse Ferragus se arriscará a responder? Não empregará outros meios, mais em harmonia com o poder que exerce? Será que não vai mandar a resposta por intermédio de algum hábil espertalhão, ou até mesmo dentro de um pacote trazido por uma pessoa honesta que não fará a menor idéia do que está trazendo ou no envoltório dos sapatos que uma operária trará em completa inocência para serem entregues à minha mulher? Pois se a própria Clémence e ele estão de combinação!”. Assim, desconfiava de tudo e percorria o campo imenso das dúvidas, o mar sem praias das suposições; a seguir, depois de haver oscilado durante algum tempo entre mil resoluções opostas, chegou à conclusão de que se achava mais forte dentro das paredes de sua própria casa do que em qualquer outro lugar fora dela e resolveu ficar de emboscada em sua residência, como uma formiga-leão[15] permanece à espera no fundo de sua cova arenosa.

– Fouquereau – disse a seu porteiro –, diga a qualquer pessoa que vier me procurar que eu saí. Se alguém quiser falar com madame ou trazer a ela qualquer coisa, seja lá o que for, você fará soar a campainha duas vezes. Depois, você me trará para ver em primeiro lugar quaisquer cartas que chegarem, não importa a quem sejam endereçadas!

Subiu então para seu escritório, que estava localizado em uma espécie de sobreloja, enquanto falava de si para si:

– Assim me antecipo às artimanhas de mestre Ferragus. Se ele enviar qualquer emissário esperto o suficiente para perguntar por mim, a fim de saber se “madame” está sozinha, pelo menos não vou ser enganado como qualquer idiota!

Encostou-se às vidraças de uma das janelas de seu escritório, que davam vista para a rua, e ficou recordando um último ardil que lhe fora inspirado pelo ciúme, pois se decidira a enviar o chefe dos auxiliares de seu escritório de corretagem de ações em seu veículo particular até o prédio da Bolsa, com uma carta para um corretor de câmbio com quem mantinha estreitas relações de amizade, na qual incluía uma lista de todas as compras e vendas que pretendia realizar nesse dia, pedindo-lhe que o substituísse em todas essas operações. Adiará todas as transações mais delicadas para o dia seguinte, pouco se importando com as altas e baixas e não dando a mínima para as dívidas nacionais européias. Como o amor tem privilégios! Esmaga tudo o mais, faz tudo empalidecer: os juramentos do altar, o poder do trono, até mesmo os livros de contabilidade! Às três e meia, no momento em que a Bolsa se encontrava fervilhando com os relatórios de compra e venda de ações, com o encerramento de contas correntes, com os juros, com os impostos cobrados sobre transações financeiras etc., *monsieur* Jules viu entrar em seu escritório Fouquereau, radiante de felicidade.

– Patrão, acaba de chegar aí uma velha, mas muito arrumada, muito bem vestida, só que eu acho que é uma mosquinha esperta que deseja espionar a nossa casa. Ela perguntou pelo senhor, fingiu que estava contrariada quando não o encontrou e me entregou uma carta para levar a madame, mas que eu trouxe primeiro para o senhor, como me ordenou.

Jules rasgou o envelope sem o menor cuidado, tomado de uma angústia febril: mas logo caiu em sua poltrona, completamente esgotado. A carta não fazia o menor sentido do começo ao fim. Estava escrita

em código e só quem conhecesse a chave poderia decifrá-la.

– Pode ir, Fouquereau – disse ele, dispensando o porteiro, que se retirou. – Ah, este mistério é mais profundo que o mar num desses lugares em que a sonda se perde... Ah, isso é coisa de amor! Só o amor é tão esperto, tão sagaz, tão engenhoso como o homem que escreveu essa carta. Meu Deus! Vou acabar matando Clémence!

Nesse momento, uma idéia feliz brotou de seu cérebro com tanta força que ele quase sentiu que estava sendo iluminado fisicamente por um holofote. Na época de sua laboriosa miséria, antes de seu casamento, Jules havia arranjado um amigo muito fiel, um verdadeiro *Pméja*.<sup>[16]</sup> A tremenda delicadeza que este demonstrara para evitar ferir as suscetibilidades de um amigo pobre e modesto, o respeito com que o havia tratado, a habilidade engenhosa com que o havia nobremente feito partilhar de sua relativa opulência, sem que ele enrubescesse de vergonha, fizeram com que aumentasse cada vez mais sua amizade recíproca. E Jacquet permanecera fiel em sua amizade com Desmarests, mesmo depois que este fizera fortuna.

Jacquet, um homem de grande probidade, trabalhador, de costumes austeros, havia aberto lentamente seu caminho e fizera carreira logo no ministério que exige ao mesmo tempo o maior jogo de cintura e a maior honestidade. Empregado no *Ministère des Affaires Etrangères*, o equivalente ao Ministério do Exterior, fora encarregado da parte mais difícil dos arquivos. Jacquet era no ministério uma espécie de vaga-lume que ligava sua luzinha a qualquer momento em que fosse preciso sobre as correspondências secretas, decifrando e classificando os despachos. Colocado em posição mais alta que um simples burguês, ocupava no Ministério do Exterior o posto mais elevado a que podia aspirar um funcionário de segundo escalão e vivia modestamente, feliz em uma obscuridade que o colocava ao abrigo dos reveses políticos, satisfeito em pagar pouco a pouco sua dívida para com a pátria. Além disso, era por nascimento membro do conselho da prefeitura de seu bairro, obtendo, desse modo, como diria um jornalista, toda a consideração que lhe era devida. Graças ao auxílio de Jules, sua posição social se elevara por meio de um bom casamento. Patriota anônimo, funcionário responsável de fato por todo o andamento do ministério, contentava-se em comentar discretamente, ao lado da lareira, a maneira como marchavam os assuntos do governo. Além disso, em seu próprio lar, Jacquet era um rei benevolente, um rei que andava a pé e de guarda-chuva e que entregava todos os seus vencimentos à discrição da esposa, sem retirar nada para si próprio. Finalmente, para concluir o retrato desse *filósofo inconsciente*, até aquele momento não suspeitara e, de fato, não era de feitio a suspeitar jamais de todo o partido que poderia tirar de sua posição, ainda mais tendo como amigo íntimo um agente de câmbio, uma vez que a cada manhã ficava a par de todos os segredos de Estado. Era um homem sublime, à maneira do soldado desconhecido que morrera ao salvar Napoleão ao gritar “quem vem lá?” e cujo único benefício adicional de seu cargo era lhe dar um apartamento para morar no Ministério, pois poderia ser chamado ao serviço a qualquer momento.

Em dez minutos Jules estava no escritório do arquivista. Jacquet puxou uma cadeira para que sentasse, colocou metodicamente sua pala de tafetá verde sobre a mesa, que usava como proteção contra o excesso de luz, esfregou as mãos, pegou a tabaqueira para tomar uma pitada de rapé, espreguiçou-se de modo a fazer com que suas omoplatas estalasse, respirou fundo até encher os pulmões e indagou:

– Mas o que o trouxe aqui, *monsieur* Desmarests? Por que veio me procurar?

– Jacquet, tenho necessidade de você para me ajudar a desvendar um segredo, um segredo de vida ou morte...

– Isso tem alguma relação com a política?

– Não seria a você que eu perguntaria sobre algum segredo do governo, caso quisesse descobrir um – declarou Jules. – Não, meu amigo, é um assunto doméstico, mas sobre o qual exijo que mantenha o silêncio mais profundo.

– Claude-Joseph Jacquet, mudo de profissão. Então não me conhece?... – disse ele, rindo. – A discricção é a minha característica principal.

Jules mostrou a carta que fora endereçada a sua esposa e disse:

– Tenho necessidade de saber o que diz este bilhete que mandaram para minha mulher.

– Diabo! Mas que diabo! Que negócio mais chato! – disse Jacquet, enquanto examinava a carta, da mesma maneira que um usurário examina uma carta de crédito. – Ah, mas é uma carta escrita em grade... Espere um momento...

Deixou Jules sozinho no gabinete, mas voltou logo em seguida.

– Ninharia, meu amigo! Foi escrito em uma cifra antiga, que o Embaixador de Portugal usava tempos atrás, no tempo de monsieur de Choiseul,<sup>[17]</sup> quando expulsaram os jesuítas... Pronto, aqui está a solução.

Jacquet superpôs à carta um cartão perfurado regularmente, como uma dessas com rendas que os confeitores de Paris enfeitam suas tortas. Agora foi fácil para Jules ler as palavras ou frases que se enxergavam através das aberturas do cartão.

“Não se inquiete mais, minha querida Clémence, nossa felicidade não será mais prejudicada por ninguém e seu marido vai esquecer suas suspeitas. Não posso ir à sua casa. Por mais doente que esteja, é preciso que você reúna a coragem necessária para vir aqui; procure em teu coração, reúna a energia necessária; será fácil reunir forças do tesouro de seu amor. Minha afeição por você me obrigou a sofrer a mais cruel das operações e agora me é impossível sair do leito. Ontem à tarde me aplicaram uns bastões de moxá<sup>[18]</sup> contra a nuca, de um ombro ao outro, e eles estão acesos e vão continuar queimando ainda por bastante tempo. Você sabe como é? Mas eu pensava em você o tempo todo e não sofri muito. Para despistar todas as investigações de Maulincour, que não vai nos perseguir por muito tempo mais, deixei o teto protetor da Embaixada e arranjei um alojamento no qual estou certo de estar a salvo de qualquer busca, na Rue des Enfants-Rouges, número 12, em casa de uma velhota chamada madame Étienne Gruget, a mãe daquela Ida, que me vai pagar caro pela burrice que cometeu. Venha amanhã, às nove horas da manhã. Estou em um quarto a que somente se chega por uma escada interior. Pergunte por *monsieur* Camuset. Até amanhã. Um beijo em sua frente, minha querida.”

Jacquet contemplava Jules com uma espécie de terror de homem honesto, um de cujos ingredientes era uma compaixão sincera, e repetiu sua expressão favorita em dois tons diferentes:

– Diabo!... Mas que diabo!

– Já vi que isto lhe parece perfeitamente claro – disse Jules. – Pois muito bem, lá no fundo de meu coração ainda existe uma voz suave que defende minha esposa e se faz escutar mais alto que todas as dores que me provoca o ciúme. Até amanhã vou sofrer o mais horrível dos suplícios; seja como for, amanhã, entre as nove e dez horas, vou ficar sabendo tudo e serei feliz ou infeliz para o resto da vida. Obrigado, Jacquet. Pense em mim.

– Vou à sua casa amanhã de manhã, por volta das nove... Vamos até lá juntos e, se você quiser, fico à sua espera na rua. Mas acontece que você pode estar correndo perigo de vida, e é necessário ter um amigo verdadeiro ao seu lado, alguém capaz de compreender meias-palavras e decifrar pensamentos,

alguém em quem você possa confiar totalmente. Conte comigo para o que der e vier.

– Mesmo para me ajudar a matar alguém?

– Diabo!... Mas que diabo! – disse Jacquet meio assustado, mas como se repetisse uma nota musical. – Veja lá o que você faz! Tenho mulher e dois filhos...

Jules apertou a mão de Jacquet e saiu. Mas retornou às pressas.

– Esqueci a carta – explicou. – E não é só isso, temos de fechá-la de novo...

– Diabo!... Mas que diabo! – disse Jacquet. – Você abriu a porcaria dessa carta sem o menor cuidado; a sorte é que o lacre não se estragou. Deixe comigo, daqui a pouco eu a levarei *secundum scripturam*...[19]

– A que horas?...

– Às cinco e meia...

– Se eu não tiver voltado, pode entregá-la com toda a confiança ao porteiro, ele está do meu lado: diga a ele que já pode entregar a carta a madame.

– Pois bem. Quer que eu vá com você amanhã?

– Não, não quero. Adeus.

Jules chegou em seguida à Place de la Rotonde du Temple, onde fez estacionar seu cabriolé e seguiu a pé pela Rue des Enfants-Rouges a fim de examinar a residência de madame Étienne Gruget. Era ali que se deveria esclarecer o mistério de que dependia o futuro de tantas pessoas; era ali que se achava o tal Ferragus, e era Ferragus que puxava todos os cordéis daquela intriga. Pois então, haveria uma entrevista, como não? Mas não era a reunião de madame Jules, de seu marido e do homem ao qual não faltaria o nó górdio desse drama já sangrento, o gládio que desata de um golpe os nós mais apertados?

A casa era do tipo que costumavam chamar de *cabajoutis*. Esse nome tão significativo foi dado pelo povo de Paris a um tipo de casas construídas, por assim dizer, aos poucos. Quase sempre eram casas inicialmente separadas, mas reunidas pela fantasia de sucessivos proprietários, que as iam aumentando progressivamente. Ou então casas começadas, abandonadas, recomeçadas e concluídas de maneira incompleta; casas infelizes que tiveram de passar, como o fizeram alguns povos, sob diversas dinastias de amos caprichosos. Nem os andares, nem as janelas *têm equilíbrio*, para empregar um termo tomado de empréstimo aos pintores e críticos de arte, um de seus termos mais descritivos; tudo destoa, nada faz conjunto, nem mesmo os ornamentos da fachada. Os *cabajoutis* são para a arquitetura parisiense o mesmo que “cafarnaum”[20] representa para a decoração dos apartamentos, uma verdadeira confusão em que foram jogadas ao acaso as formas mais discordantes.

– Madame Étienne está? – perguntou Jules à porteira.

A porteira alojava-se logo abaixo da grande porta, em uma espécie de gaiola, na verdade uma casinha de madeira sobre rodas, muito parecida com essas casinhas que a polícia construiu para colocar um guarda de trânsito em todas as praças em que há fiacres de aluguel.

– Hein? – resmungou a porteira, largando a meia que estava tricotando.

Em Paris, os diferentes temas que se reúnem para formar a fisionomia de um pedaço qualquer desta monstruosa cidade se harmonizam admiravelmente com o caráter do conjunto. Desse modo, porteiro, guarda-portão ou “guarda suíço”, qualquer que seja o nome dado a esse músculo essencial do monstro parisiense, ele sempre assume as características do bairro em que trabalha e, muitas vezes, é um resumo vivo dessas particularidades. Usando roupas que já foram elegantes, quase sempre ocioso, o porteiro

especula sobre as rendas de seus patrões no Faubourg Saint-Germain; o guarda-portão da Chaussée-d'Antin porta-se com familiaridade, lê os jornais no bairro da Bolsa e mostra-se imponente no Faubourg Montmartre. Já a porteira, em geral é uma antiga prostituta da zona do meretrício; no Marais, tem boas maneiras, mas não é fácil de abordar, porque tem lá os seus caprichos.

Ao ver *monsieur* Jules, aquela porteira em particular pegou uma faca comprida para remexer no borralho que envolvia as brasas quase apagadas de seu fogareiro a carvão; depois, virando-se para ele, indagou:

– O senhor me pergunta sobre madame Étienne. Por acaso, estará falando de madame Étienne Gruget?

– É claro – disse Jules Desmarets, com o ar de quem está meio aborrecido.

– Aquela que trabalha com passamanaria?[\[21\]](#)

– Ela mesma.

– Tudo bem, senhor – disse a porteira, saindo de sua gaiola e pondo a mão no braço de *monsieur* Jules a fim de conduzi-lo até o fim de um longo corredor escuro e abobadado como um túnel. – Agora o senhor suba pela segunda escada no fim do pátio. Está vendo aquelas janelas com os canteirinhos de gerânios? É ali que mora madame Étienne, como o senhor disse.

– Obrigado, madame. Ela estará sozinha agora?

– E por que a mulher não ia estar sozinha? Ela é viúva...

Jules subiu rapidamente por uma escada bastante escura, cujos degraus tinham uma espécie de calosidades, formadas pela lama endurecida que ali deixavam os calçados dos que iam e vinham. No segundo andar, ele viu três portas, só que aqui não havia gerânios. Por um acaso feliz, em uma dessas portas, justamente a mais suja e mais escurecida das três, ele viu algumas palavras escritas a giz: Ida voltará esta noite, às nove horas. “É aqui”, pensou Jules. Segurou um velho cordão de campainha, tão ensebado que já estava totalmente enegrecido, com uma borla imunda na ponta, e escutou o som abafado de uma sineta que parecia estar rachada e os latidos de um cãozinho asmático. A maneira segundo a qual os sons retiniam dentro do apartamento indicara que as peças deveriam estar entupidas de todo tipo de coisas, que não permitiam a sobrevivência do menor eco, um traço característico dos alojamentos ocupados por operários ou por famílias pobres, tão pequenos que lhes falta espaço e ar. Jules procurou distraidamente os gerânios e acabou por divisar alguns deles sobre o peitoril externo de uma janela de guilhotina, entre dois canos malcheirosos. Ali estavam as flores: era um jardim de sessenta centímetros de comprimento por quinze de largura; ali havia também algumas hastes de trigo que resumiam toda uma vida e também todas as misérias que podem afetar uma vida... Diante das flores meio murchas ao lado de soberbos ramos de trigo, um raio de luz solar, caindo do céu como por milagre divino, servia apenas para salientar a poeira acumulada, a graxa entranhada e aquela coloração indefinível dos pardieiros parisienses, composta por mil sujeirinhas acumuladas ao longo dos anos, que emolduravam, envelheciam e manchavam as paredes úmidas, os corrimões carunchados da escada, os caixilhos desconjuntados das janelas e as portas que primitivamente haviam sido pintadas de vermelho. Não demorou muito para que ele escutasse a tosse de uma velha e os passos pesados de uma mulher que arrastava com dificuldade chinelos de brim, anunciando a aproximação da mãe de Ida Gruget. A velha abriu a porta, saiu para o patamar da escada diante dela, ergueu bem a cabeça e falou:

– Ah, é *monsieur* Bocquillon. Ah, não, não é... Mas como o senhor é parecido com *monsieur*

Bocquillon! O senhor é irmão dele, não é? Bem que podia ser... O que posso fazer para servi-lo? Faça-me o favor de entrar, cavalheiro...

Jules seguiu a mulher até uma peça de entrada, uma saleta em que viu uma enorme massa de gaiolas, utensílios domésticos, fogareiros, móveis, pratinhos de barro cheios de restos de comida ou de água para o cachorro e os gatos, um relógio de madeira, talheres e pratos avulsos, gravuras de Eisen,<sup>[22]</sup> um monte de ferros velhos de utilidade duvidosa, amontoados, misturados, enroscados de modo a formar um quadro verdadeiramente grotesco, o verdadeiro bricabraque parisiense, ao qual não faltavam nem ao menos alguns exemplares antigos do jornal *Constitutionnel*.

Jules, dominado por uma sensação íntima de que deveria ser prudente, fez que não ouviu o novo convite da viúva Gruget, que lhe dizia:

– Entre, entre, venha para cá, senhor, aqui dentro está mais quente...

Com medo de ser escutado por Ferragus, Jules cogitava se não seria melhor concluir o negócio que pretendia propor à velha senhora ali mesmo naquela pecinha de entrada. De repente, uma galinha saiu cacarejando de um desvão e o despertou de suas meditações secretas. Jules tomou uma resolução. Seguiu então a mãe de Ida até a peça em que fora acendido o fogo, sendo acompanhados pelo cachorrinho ofegante, personagem mudo, que saltou para cima de um velho tamborete, em que parecia trepar habitualmente. Madame Gruget demonstrara toda a vaidade das pessoas que por um triz não chegam a ser miseráveis, quando falara em aquecer seu hóspede. A panela que estava pendurada sobre o fogo escondia completamente dois tições perceptivelmente distantes um do outro. A escumadeira jazia no assoalho, com o cabo no meio das cinzas. O tampo da chaminé, ornamentado com um Jesus de cera guardado dentro de uma caixa quadrada de vidro em que haviam sido coladas franjas de papel azulado, estava atopetado deovelos de lã, carretéis e outros utensílios necessários para o trabalho de passamanaria. Jules examinou todos os móveis do apartamento com uma curiosidade cheia de interesse, manifestando sua satisfação, ainda que a contragosto.

– Pois então, cavalheiro, diga-me de uma vez se está querendo comprar meus móveis, já que está olhando tudo com tanta atenção que parece um avaliador... – falou-lhe a viúva, sentando-se em uma cadeira de vime que parecia ser o seu quartel-general. Em volta dela, guardava ao mesmo tempo um lenço, a tabaqueira de rapé, o tricô em que estava trabalhando, um prato com legumes descascados pela metade, óculos sem aro, um calendário, enfeites de libré começados, um baralho de cartas ensebadas e até mesmo dois romances, tudo misturado na maior desordem. O móvel, sobre o qual a velhinha *descia o rio da vida*, parecia uma daquelas bolsas gigantescas que as mulheres usam em viagem e nas quais se encontra um resumo de sua própria casa, desde um retrato do marido até um frasco de água de melissa para o caso de um desmaio, além de pastilhas para as crianças e um rolo de esparadrapo inglês para fazer curativos em eventuais ferimentos.

Jules estudava tudo ao seu redor. Olhou atentamente para o rosto amarelado de madame Gruget, seus olhos cinzentos e sem sobrancelhas, sequer pestanas, sua boca “sem móveis”, isto é, desdentada, suas rugas cheias de uma tonalidade escura, talvez mal lavadas, a touca de pano de mosquito desbotado, com plissados mais desbotados ainda, suas saias de chita esburacada, suas pantufas puídas, seu fogareiro manchado, sua mesa abafada por pilhas de pratos usados e tecidos de seda, de algodão e de lã, bem no meio da qual erguia-se orgulhosa uma garrafa de vinho. E pensou imediatamente: “Essa velha tem alguma paixão, tem alguns vícios secretos, já ganhei a partida...”.

– Madame – falou em voz bem alta, enquanto lhe fazia um sinal para ficar calada. – Vim encomendar uns galões para a libré de meus lacaios...

Depois, baixou bem a voz e continuou:

– Eu sei muito bem que a senhora tem em casa um desconhecido que lhe deu o nome de Camuset...

A velhota lhe lançou um olhar rápido e avaliador, sem lhe dar o menor sinal de que se havia espantado, mas também sem responder. Ele continuou:

– Diga-me, esse homem pode nos escutar? Olhe que poderá ganhar uma fortuna, se souber aproveitar bem esta oportunidade que lhe ofereço...

– Cavalheiro – respondeu ela –, pode falar sem medo. Não tenho ninguém em casa. Mas eu tenho alguém lá em cima, só que é impossível que ele consiga escutar desta distância.

“Mas que velha mais esperta”, pensou Jules, “ela sabe responder sem se comprometer... Acho que podemos nos acertar...”

– Madame – recomeçou –, não se dê ao trabalho de mentir. Em princípio, saiba muito bem que não lhe desejo qualquer mal, nem a seu locatário doente e cheio de moxás, nem muito menos à sua filha Ida, fabricante de corseletes e amiga de Ferragus. Como está vendo, estou a par de tudo. Fique tranqüila, que não sou da polícia e não desejo nada da senhora que lhe possa ofender a consciência. Uma jovem dama pretende vir aqui amanhã de manhã, entre as nove e dez horas, para conversar com o amigo de sua filha. Eu desejo que a senhora me arranje um lugar de onde eu possa ver tudo e ouvir tudo, sem ser visto nem escutado por eles. Se a senhora arranjar uma maneira para que isso venha a ser realizado, eu agradecerei sua consideração por uma soma de dois mil francos, paga à vista, mais uma renda de seiscentos francos em caráter vitalício. Se concordar, virei aqui com meu notário e ele preparará os documentos necessários diante de suas vistas. Ele lhe remeterá o dinheiro que lhe prometi e ele lhe entregará essa mesma soma amanhã, logo depois que se realizar essa conversa a que eu quero assistir e ouvir e durante a qual terei as provas de sua boa-fé.

– Mas isso poderá prejudicar minha filha... – disse ela, lançando-lhe um olhar parecido com o de uma gata assustada.

– De forma alguma, madame. Aliás, segundo me parece, sua filha se portou muito mal com a senhora. Uma vez que namora um homem tão rico e poderoso como Ferragus, bem que este poderia, com a maior facilidade, torná-la mais feliz do que a senhora me parece ser...

– Ah, meu caro senhor! Pois não é que não me dá nem ao menos um triste bilhete para o espetáculo de l’Ambigu ou da Gaîté,[\[23\]](#) onde ela vai sempre que lhe dá vontade? É uma indignidade! Logo ela, um filha por quem eu vendi meus talheres de prata e agora estou comendo, na minha idade, com talheres de zinco alemão, só para pagar o estudo dela e lhe dar uma situação em que ela poderia nadar em ouro, se tivesse sabido aproveitar... Porque nisso ela puxou a mim, é habilidosa como uma fada, justiça seja feita. Ai, pelo menos ela podia me dar os vestidos de seda velhos que nem usa mais, logo eu, que gosto tanto de usar seda... Não, cavalheiro, ela vai ao Cadran-Bleu,[\[24\]](#) onde se janta a cinquenta francos por cabeça, anda pra cima e pra baixo de carruagem, que nem uma princesa, e ainda faz troça de sua mãe, ri da minha cara sem a menor consideração... Deus do céu, que juventude ingrata esta que nós fizemos, e olhe que isto não é elogio nenhum. Uma mãe, cavalheiro, que sempre foi uma boa mãe, porque eu escondi sempre do pai as suas travessuras e sempre a conservei perto de mim e chegava a tirar o pão da minha boca para que não lhe faltasse nada!... E o que foi que consegui com isso? Ela chega, lhe faz uns carinhos,

diz “bom dia, mamãe” e acha que já cumpriu todos os seus deveres para com a autora de seus dias... Mas tudo bem, mais cedo ou mais tarde ela vai levar o dela. Vai ter filhos qualquer dia desses e vai ver como é esse mau negócio; e o pior, cavalheiro, é que ter filhos é mesmo um mau negócio, mas a gente gosta deles apesar de tudo...

– Quer dizer então que ela não faz nada pela senhora? – disse Jules aproveitando a pausa, enquanto a outra respirava.

– Ah, nada não, cavalheiro, não estou dizendo isso, se ela não fizesse nada, assim seria demais, quer dizer, um pouco demais, não é mesmo? Não, ela me paga o aluguel, me compra lenha e me dá 36 francos por mês... Mas, senhor, em minha idade, 52 anos, com esses meus olhos que passam ardendo todas as noites, o senhor acha que eu ainda devia trabalhar? Afinal de contas, *por que é que* ela não quer sair comigo? Será que tem vergonha de mim? Então que diga logo. Na verdade, nós devíamos morrer e ser enterradas pra não incomodar mais essas cadelas de filhas que nos esquecem mal fecharam a porta da rua... – Ela tirou um lenço do bolso e veio junto um bilhete de loteria, que caiu no assoalho; ela se abaixou e agarrou imediatamente o pedaço de papel, dizendo: – Opa! Não posso perder isso, é o recibo dos meus impostos...

Jules adivinhou então a causa da parcimônia forçada de que tanto se queixava a mãe e imediatamente teve a certeza de que a viúva Gruget concordaria com a proposta que lhe estava fazendo.

– Pois então, madame, vai aceitar a proposta que lhe fiz...?

– O senhor me ofereceu, cavalheiro, dois mil francos à vista e uma renda de seiscentos francos por toda a vida?

– Não, madame, acho que mudei de idéia. Vou lhe prometer somente trezentos francos de renda vitalícia. Acho que o negócio vai ser mais conveniente a meus interesses se for feito nesses termos. Mas, em compensação, eu lhe darei cinco mil francos à vista. Não lhe parece melhor assim?

– Mas é claro que sim, cavalheiro!

– A senhora poderá viver mais folgadamente e poderá ir quando quiser ao Ambigu-Comique, pode ir assistir ao Franconi e terá toda a liberdade para ir e voltar de fiacre, se tiver vontade...

– Ah, mas eu não gosto nada do Franconi, porque lá é proibido falar durante o espetáculo... Porém, cavalheiro, caso eu aceite sua proposta, é porque acho que vai trazer muitas vantagens para minha única filha... Pelo menos, não vou depender mais dela e não vou precisar lhe pedir mais nada. Pobre garota, tem todo o direito de gozar as coisas que lhe dão prazer e não lhe quero mal por isso. A mocidade precisa se divertir, cavalheiro! Pois está muito bem! Se o senhor me garantir que eu não vou fazer mal a ninguém...

– A ninguém – repetiu Jules. – Mas primeiro vamos ver o que a senhora pode me dar em troca. Como é que vamos fazer?

– Bem, cavalheiro, o que eu vou fazer é dar esta noite a *monsieur* Ferragus um chazinho de papoula, para que o pobre homem durma bem a noite toda, o coitado! Bem que ele está precisando disso, pobrezinho, está sofrendo tanto com esse tratamento, veja bem, ele sofre de dar pena. Mas também, nem me pergunte de onde tiraram essa invenção de queimar as costas de um homem perfeitamente sadio, só para lhe tirar um tique nervoso, que pode até lhe doer bastante, mas que só o incomoda de dois em dois anos! Mas para voltar ao nosso assunto, eu tenho a chave do apartamento da vizinha, que fica bem em cima do meu e tem uma peça que faz parede-meia com o quarto em que está alojado *monsieur* Ferragus.

Ela me deixou a chave, porque foi visitar uns parentes no interior por uns dez dias. Portanto, se o senhor mandar fazer um buraco na parede, um buraquinho bem pequeno, é claro, durante a noite, enquanto ele dorme, na parede que separa as duas peças, o senhor poderá ver e escutar à vontade... Olhe e tem mais; eu sou amiga íntima de um serralheiro, um homem muito bom e amável, que conversa comigo e me conta histórias como um anjo e tenho certeza de que, se eu lhe pedir, ele fará isso por mim, no maior silêncio e sem fazer nenhuma pergunta, como se não tivesse visto nem sabido de nada...

– Bem, aqui a senhora tem cem francos para pagar o serviço dele e a senhora vá esta noite ao cartório de *monsieur* Desmarests; vou lhe dar o endereço, ele é tabelião e saberá do que se trata... Às nove horas da noite, a escritura de sua renda estará lavrada, mas olhe, *motus!*

– Entendi perfeitamente, cavalheiro. É como o senhor diz, *motus!* [25] Adeus, meu senhor.

Jules voltou para casa, quase tranqüilizado, por ter a certeza de que ficaria a par de tudo no dia seguinte. Ao chegar, encontrou nas mãos do porteiro a carta perfeitamente restaurada.

– Como está se sentindo? – disse carinhosamente à sua esposa, apesar da frieza que se estabelecera entre eles. Os hábitos provocados pelo carinho e pela gentileza são muito difíceis de pôr de lado!

– Muito bem, Jules – respondeu com uma voz sedutora. – Você vai querer jantar comigo esta noite?

– Sim – disse ele, estendendo-lhe a carta. – Olhe o que Fouquereau recebeu e me pediu que entregasse a você...

Clémence, que estava pálida, enrubesceu completamente ao reconhecer a letra do sobrescrito, e esse rubor súbito causou profunda dor a seu marido.

– Ficou corada de alegria? – perguntou risonho. – Ou é porque esperava há muito tempo?

– Ah, uma porção de coisas... – disse ela, com os olhos fitos no lacre.

– Bem, senhora, vou deixá-la à vontade.

Desceu para o escritório e escreveu a seu irmão dizendo suas intenções relativas ao estabelecimento de um fundo de renda fixa vitalícia destinado à viúva Gruget. Quando saiu, seu jantar já estava preparado em uma mesinha auxiliar junto ao leito em que estava deitada Clémence e Joséphine estava a postos, pronta para servi-lo.

– Se eu pudesse me levantar, com que prazer eu mesma o serviria!... – disse ela, assim que Joséphine os deixou a sós. – Ai, até mesmo de joelhos! – acrescentou ela, passando as mãos pálidas sobre os cabelos de Jules. – Como seu coração é nobre! Como você foi gentil comigo há pouco, mostrou um coração de ouro... Você me fez muito mais bem ao demonstrar tanta confiança que todos os médicos da Terra poderiam fazer com seus remédios e prescrições. Você tem uma delicadeza feminina, sim, você sabe amar como uma mulher... Ai, essa sua gentileza espalhou em minha alma não sei qual bálsamo, que já quase me curou. Alcançamos uma trégua, Jules, baixa a cabeça até aqui, que quero te dar um beijo...

Jules não pôde recusar nem a ela, nem a si mesmo o prazer de abraçar Clémence. Mas ao fazê-lo, sentia uma espécie de remorso no coração. Ele se achava tão mesquinho diante da mulher que uma parte de si mesmo sempre se esforçava em acreditar que ela era inocente... Ela demonstrava uma espécie de tristeza alegre... Uma esperança casta brilhava em seu rosto, transpondo a barreira de sua melancolia. Ambos estavam igualmente infelizes, por serem obrigados a enganar um ao outro, e, caso se acariciassem um pouco mais, não resistiriam às dores que sentiam e confessariam tudo.

– Vou esperar até amanhã à noite, Clémence.

– Não, meu senhor, só até amanhã ao meio-dia. Você vai ficar sabendo a razão disso tudo e terá

vontade de se ajoelhar diante de sua esposa e pedir-lhe perdão... Ah, não, não será necessário que você se submeta a qualquer humilhação, eu já lhe perdoei tudo! Não, a culpa não foi sua... Escute: ontem você me feriu bem rudemente; mas talvez minha vida ficasse incompleta, se eu não tivesse tido de passar por esta angústia. Em breve, será apenas uma sombra que irá dar ainda mais valor aos dias de felicidade celestial que nos esperam...

– Agora você está me enfeitando – protestou Jules. – Só quer me deixar com remorsos...

– Ah, meu pobre amigo... O destino está muito acima de nós, mas eu não serei cúmplice de meu destino. Amanhã de manhã eu vou sair.

– A que horas? – indagou Jules.

– Às nove e meia.

– Clémence – respondeu *monsieur* Desmarets –, tome todas as precauções possíveis. Consulte primeiro o dr. Desplein. Mande buscar também o velho dr. Haudry. [26]

– Não, meu querido. Só vou consultar meu coração e minha coragem...

– Bem, vou deixá-la em liberdade para fazer o que quiser. Só virei vê-la ao meio-dia.

– Mas não vai me fazer companhia esta noite? Nem um pouquinho...? Olhe, eu não estou mais doente...

Depois de concluir os negócios, Jules voltou para junto de sua esposa, retraído por uma força invencível... Sua paixão era mais forte que todos os seus sofrimentos.

[1]. Em italiano no original. (N.E.)

[2]. Personagens do romance *Trilby ou le Lutin de Argail*, escrito em 1822 por Jean-Charles-Emmanuel Nodier (1780-1844), escritor francês. (N.T.)

[3]. Referência a um quadro famoso de François-Pascal Simon, barão Gérard (1770-1837), pintor de retratos e cenas históricas, retratista oficial sob Napoleão e durante a Restauração. Daphnis e Cloé são personagens de um longo romance grego de Longus, composto entre o século I a.C. e o início do século II d.C.; crianças encontradas e criadas por pastores apaixonam-se castamente, vivem longas peripécias e acabam por viver um amor feliz após o casamento. (N.T.)

[4]. Antiga manufatura real francesa de tapetes e tapeçarias, situada em Chaillot-sur-Seine no lugar de uma antiga fábrica de sabão. (N.T.)

[5]. Ana da Áustria (1601-1666), filha de Felipe III da Espanha, casou-se com Louis XIII, tornando-se rainha da França e regente de 1643 até a maioridade de Louis XIV, em 1661. (N.T.)

[6]. Alusão à peça teatral *O pai de família*, de Denis Diderot (1713-1784), em que St.-Albin, o herói, desiste de herdar a fortuna paterna por amor da pobre Sophie. (N.T.)

[7]. Em latim no original: “Vestígios dispersos do poeta”, citação de Quintus Horatius Flaccus, 65-8 a.C., poeta latino, referindo que, se uma poesia for traduzida em prosa, nela só se pode encontrar uma pequena parte do gênio do autor. (N.T.)

[8]. Marie-Josèphe-Rose Tascher de la Pagerie (1763-1814), viscondessa de Beauharnais e depois esposa de Napoleão Bonaparte, 1769-1821; Caesonia Millonia Augusta (6?-41 d.C.), esposa de Calígula (12-41 d.C.), imperador romano, mortos no mesmo dia pelos pretorianos revoltados, junto com Iulia Drusilla, sua filha de um ano; Diane de Poitiers (1499-1566), duquesa de Valentinois e amante de Henri de Valois, duque d’Orléans, depois Henri II (1519-1559), filho de François I e rei de 1547 a 1559, que teria sido morto por ordem de sua esposa Catarina de Médicis, pelos ciúmes que sentia de Diane e por ambição de governar em nome de seus filhos. (N.T.)

[9]. John Locke (1632-1704), filósofo inglês. (N.T.)

[10]. Personagem de *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais, o tutor ciumento de Rosina, que pretende casar-se com ela para ficar com sua fortuna. (N.T.)

[11]. Personagem da mitologia greco-romana, capaz de assumir todas as formas. (N.T.)

[12]. Guillaume-Louis Ternaux (1763-1833), comerciante de tecidos e político francês; tentou aclimatar na França uma espécie de cabras monteses tibetanas, cuja lã usava para fabricar um tecido conhecido como “caxemira de Ternaux”. (N.T.)

[13]. Antonio Franconi (1738-1836) e seus filhos Laurent-Antoine (1776-1849) e Jean-Girard-Henri, chamado Minette (1779-1849), cavaleiros acrobáticos e proprietários do Circo Franconi, depois *Cirque Olympique*. (N.T.)

[14]. Sempre citado pelo sobrenome, é um médico e cirurgião de renome criado por Balzac, que aparece pela primeira vez em uma história localizada em 1794 e ainda é conservado vivo pelo autor até o ano de 1831. (N.T.)

[15]. As larvas da formiga-leão alimentam-se de outros insetos que escorregam para dentro de sua cova. (N.T.)

[16]. Jean de Pechméja (1741-1785), literato francês, cujo nome é escrito de quatro maneiras diferentes por Balzac. Era amigo de um dr. Dubreil, que contraiu uma doença infecciosa e pediu-lhe que impedisse a entrada de qualquer pessoa, para não transmitir a doença. Pechméja cumpriu as instruções, mas adquiriu a doença e morreu quinze dias depois de Dubreil. (N.T.)

[17]. Étienne-François, duque de Choiseul (1719-1785), ministro do Exterior de Louis XV de 1758 a 1770, expulsou os jesuítas da França em 1762. (N.T.)

[18]. Bastonetes ou cones de artemísia, ou mesmo ramos desta planta, que eram queimados contra a pele em determinadas regiões do corpo, provocando um efeito semelhante ao da acupuntura para supressão de dores crônicas. (N.T.)

[19]. Segundo as Escrituras. Em latim no original. Trocadilho com o Credo Niceno que refere que Jesus Cristo *ressuscitou, segundo as Escrituras*. (N.T.)

[20]. Em francês *capharnaüm*. O termo é empregado em português pelos autores clássicos, românticos e realistas no mesmo sentido de depósito de coisas antigas, confusão, miscelânea, lugar de tumulto e desordem. *Cabajouti* é uma contração intraduzível de “*cabanes ajoutis*”, ou “casebres reunidos”. (N.T.)

[21]. Fabricação de fitas, galões, franjas ou borlas, bordados ou forrados com fios de ouro, prata ou seda dourada, para enfeitar uniformes militares, trajes ou vestidos de gala, librés, cortinas, móveis estofados etc. (N.T.)

[22]. Charles-Dominique-Joseph Eisen (1720-1778), gravador, desenhista e pintor francês. (N.T.)

[23]. L’Ambigu-Comique e La Gaîté Parisienne, teatros populares de Paris, onde se assistiam a espetáculos de variedade, danças, números cômicos e peças teatrais populares. (N.T.)

[24]. O “Relógio Azul”, restaurante então na moda, na esquina do Boulevard du Temple com a Rue Charlot. (N.T.)

[25]. “Bico calado!” Em latim no original, expressão usada pelos burgueses ou aristocratas. A sra. Gruget confunde com o nome do patrono do riso e da galhofa. (N.T.)

[26]. Médico inventado por Balzac, que trata vários doentes entre 1800 e 1829. (N.T.)

## CAPÍTULO IV

---

### *Aonde ir para morrer?*

No dia seguinte, por volta das nove horas, Jules saiu disfarçadamente de sua casa e foi o mais depressa possível até a Rue des Enfants-Rouges, subiu e tocou a campainha da viúva Gruget.

– Ah, já vi que o senhor é um homem de palavra, exato como a aurora... Vá entrando, cavalheiro... – disse a velha artesã de passamanaria tão logo o reconheceu. – Olhe, eu preparei para o senhor uma taça de café com creme, no caso do senhor... – recomeçou a mulher, assim que fechou a porta. – Olhe, é creme de leite verdadeiro, eu comprei um potinho e fiquei olhando enquanto eles preparavam na leiteria que fica logo ali, no mercado da Rue des Enfants-Rouges...

– Obrigado, madame, mas não, não preciso de nada... Só quero que a senhora me leve ao...

– Já sei, já sei, meu querido senhor... Faça o favor de vir comigo por aqui...

A viúva conduziu Jules até um quarto que ficava por cima do seu e no qual lhe mostrou, em silêncio, mas triunfantemente, uma abertura do tamanho de uma moeda de quarenta *sous*,<sup>[1]</sup> aberta durante a noite e correspondendo exatamente às rosáceas mais altas e menos iluminadas do papel de parede ordinário que revestia o quarto em que se achava Ferragus. Essa abertura fora feita, nos dois lados da parede, por cima de armários que já estavam ali há muito tempo. Os leves traços de calça deixados pelo serralheiro haviam sido recolhidos, de modo a não deixar vestígios de nenhum dos lados da parede, e ficava muito difícil perceber aquela espécie de seteira minúscula na sombra em que se achava a parte superior da divisória. Todavia, para poder manter-se lá em cima em condições de enxergar bem, Jules foi obrigado a assumir uma posição bastante fatigante, trepado em um banco que a viúva Gruget tinha tido o cuidado de lhe trazer.

– Ele está agora com um cavalheiro... – cochichou a velha, ao sair.

Jules divisou através da pequena abertura um homem que se aplicava a fazer curativos no que parecia ser uma fiada de chagas vivas, produzida por outras tantas queimaduras praticadas sobre as espáduas de Ferragus, cuja cabeça conseguiu reconhecer pela descrição que dele fizera *monsieur* de Maulincour.

– Quando você acha que eu ficarei curado? – perguntou aquele.

– Ah, não sei! – respondeu o desconhecido. – Mas, segundo o que me informaram os médicos, ainda serão necessários uns sete ou oito curativos...

– Tudo bem... Então, até a noite! – disse Ferragus, estendendo a mão para o homem que acabara de lhe amarrar a última atadura de um curativo bastante complicado.

– Até hoje à noite – replicou o desconhecido, apertando cordialmente a mão de Ferragus. – Acredite que tenho a maior vontade de vê-lo livre desses sofrimentos...

– Seja como for, os documentos de *monsieur* de Funcal vão chegar amanhã, e Henri Bourignard

está bem morto e enterrado – recomeçou Ferragus. – Aquelas duas cartas fatais que nos custaram tão caro já não existem mais. Amanhã vou assumir uma nova posição social, um homem importante na sociedade, e minha vida vale muito mais que a daquele marinheiro que os peixes comeram. Deus sabe que não é por ambição própria que estou virando conde!...

– Pobre Gratien, logo você, a nossa cabeça mais inteligente, nosso irmão querido... Você é o Benjamin[2] de todo o bando e sabe disso muito bem.

– Adeus, agora! Não se esqueçam de vigiar bem aquele Maulincour...

– Pode deixar. Nesse ponto, fique tranquilo...

– Ei, marquês!... – chamou o velho forçado.

– O que é?

– Ida é capaz de tudo, não duvido de mais nada, depois da cena que aprontou ontem à tarde. Se ela resolver se jogar no rio, não serei eu quem vai pescá-la... Seria a melhor maneira de garantir que ela vai guardar segredo sobre meu nome, que é a única coisa que ela sabe. Mas não façam nada, só cuidem dela, porque, tudo considerado, é uma boa moça...

– Tudo bem.

O desconhecido retirou-se. Dez minutos depois, *monsieur* Jules escutou o roçar tão característico da passagem de um vestido de seda e, com um calafrio de febre, reconheceu o ruído tão familiar dos passos da esposa.

– E então, papai? – disse Clémence. – Pobre paizinho, como está passando? Mas que coragem para se submeter a isso...

– Vem, minha filha... – respondeu Ferragus, estendendo-lhe a mão.

Clémence aproximou dele a fronte, que ele beijou e depois a abraçou.

– Vamos lá, me conte... O que é que você tem, pobre menina! Mais aborrecimentos...?

– Aborrecimentos, meu pai? Mas são pesares terríveis, que vão acabar provocando a morte desta filha que o senhor ama tanto... Como lhe escrevi ontem, é absolutamente necessário que procure em seu cérebro tão fértil de idéias uma maneira de se avistar com meu pobre Jules, hoje mesmo! Se o senhor soubesse como ele foi bom para mim, apesar de tantas suspeitas, aparentemente tão justificadas! Meu pai, meu amor é minha vida! O senhor quer me ver morta?... Ai, como tenho sofrido nestes dias! Sofro tanto, que sinto estar em perigo de morte...

– Ah, perdê-la, minha filha!... – disse Ferragus. – Só porque aquele miserável parisiense foi curioso demais? Ah, vou mandar queimar Paris inteira!... Ah, você sabe o que é o amor de um enamorado, mas não sabe até que ponto chega o amor de um pai!

– Papai, o senhor me assusta quando me olha desse jeito. Não pode comparar dois sentimentos tão diferentes!... Eu já tinha meu esposo, antes de saber que meu pai ainda vivia.

– Se o seu marido foi o primeiro a depositar beijos sobre sua testa – respondeu Ferragus –, eu fui o primeiro a umedecê-la de lágrimas... Fique tranqüila, Clémence, abra o coração e fale com toda a franqueza... Eu a amo o bastante para ser feliz sabendo que você é feliz, mesmo que seu pai praticamente não tenha lugar em seu coração, ao mesmo tempo que enche o coração dele.

– Meu Deus, mas como essas palavras me fazem bem! Isso que o senhor me diz faz com que o ame mais ainda, e sinto remorsos, porque me parece que estou roubando alguma coisa de Jules. Mas, pai querido, perceba que ele está desesperado. O que eu poderei dizer a ele daqui a duas horas, como prometi?...

– Menina, então você pensa que eu precisaria ler a sua carta, para perceber a infelicidade que a ameaça e salvá-la desse destino?... E o que acontece com aqueles que se atrevem a prejudicar sua felicidade ou a se intrometer entre nós? Pois então você nunca reconheceu que existe uma espécie de segunda providência divina, que vela o tempo todo por você? Então você não sabe que há permanentemente doze homens fortes e inteligentes formando uma guarda pessoal ao redor de sua vida e da vida do seu amor, preparados para tudo a fim de conservá-las? Quem, senão um pai, se arriscaria a morrer só para contemplar você quando dava seus passeios, distraída pelas ruas? Quem, senão um pai, viria à casa de sua mãe, altas horas da noite, a fim de contemplá-la dormindo em seu bercinho? Quem, senão um pai, teria como motivo para viver somente a lembrança de suas carícias infantis, a única coisa que lhe dava forças para continuar vivendo em momentos nos quais um homem de honra deveria suicidar-se para escapar à pecha de infâmia? Quem, senão EU, enfim, quem, senão eu, que só respiro por sua boca, que só vejo através de seus olhos, que só sinto o que se passa em seu coração? Pois então eu não saberei defendê-la das garras do leão, com minha alma de pai, defender meu único bem, minha vida, minha filha...? Depois da morte daquele anjo que foi sua mãe, eu somente sonhava com uma única coisa, com a felicidade de afirmar que você era minha filha, com poder abraçá-la junto a mim, diante do céu e diante da Terra inteira, que só almejava poder matar aquele *condenado a trabalhos forçados* que eu era...? – Seguiu-se uma breve pausa. Então, ele recomeçou: – Eu só queria poder dar um pai a você! Queria poder apertar sem a menor vergonha a mão de seu marido, viver sem medo nos corações dos dois, dizer a todo mundo cada vez que a via: “Olhem, esta é minha filha!”. Eu só queria poder ser seu pai sem constrangimentos...

– Ah, meu pai!... Ah, papai!

– Depois de muitas dificuldades, depois de terem esquadrinhado o globo terrestre inteiro, em busca de uma solução – continuou Ferragus. – Depois disso tudo, meus amigos me trouxeram uma pele de homem que eu poderia vestir... Dentro de poucos dias, eu me tornarei acima de qualquer contestação possível *monsieur* de Funcal, um conde português. Olhe, minha querida filha, o esforço que estou fazendo... Muito poucos homens na minha idade teriam a paciência necessária para aprender o português e ainda mais o inglês, que o diabo daquele marinheiro falava com perfeição...

– Paizinho querido!

– Tudo foi previsto e tudo já está preparado. Dentro de alguns dias, Sua Majestade El-Rei Dom João VI de Portugal<sup>[3]</sup> será meu cúmplice. Só é preciso agora que você tenha um pouquinho de paciência, depois que seu pai já teve tanta... Mas para mim, esse esforço todo foi muito simples... Eu faria muito mais para recompensar seu devotamento durante estes três últimos anos! Vir tão religiosamente consolar seu velho pai, quase todos os dias, arriscando sua própria felicidade!...

– Papai!... – exclamou Clémence, segurando as mãos de Ferragus e beijando-as.

– Vamos lá, só mais um pouquinho de coragem, minha Clémence querida, vamos guardar esse segredo fatal até o fim. Esse seu Jules não é um homem comum: mas como vamos saber se mesmo um homem de caráter extraordinário e de amor tão imenso não começaria a sentir menos estima por você, ao saber que sua esposa é a filha de um...

– Ah!... – exclamou Clémence. – Você soube ler perfeitamente o coração de sua filha. Esse é o único medo que eu tenho – acrescentou ela, em um tom de voz lancinante. – Essa idéia me deixa gelada dos pés à cabeça! Entretanto, meu pai, lembre-se de que eu prometi a ele dizer a verdade dentro de duas horas...

– Pois tudo bem, minha filha, diga que vá até a Embaixada de Portugal para se encontrar com o conde de Funcal, seu pai. Eu vou esperá-lo lá.

– Mas e *monsieur* de Maulincour, que já lhe falou a respeito de Ferragus? Meu Deus, meu pai, enganar, enganar, que suplício!...

– E é a mim que você diz isso? São só mais alguns dias e não existirá no mundo qualquer homem que possa me desmentir. Aliás, a esta altura, *monsieur* de Maulincour já deve estar além do ponto em que se possa lembrar de qualquer coisa...Vamos, bobinha, seque as lágrimas e pense.

Nesse momento um grito terrível soou no compartimento em que se achava *monsieur* Jules Desmarets.

– Minha filha, minha pobre filha!...

O clamor foi forte o bastante para atravessar a pequena abertura perfurada por cima do armário, enchendo de terror Ferragus e madame Jules.

– Vá ver o que é, Clémence!...

Clémence desceu a escadinha com rapidez, encontrou completamente aberta a porta do apartamento de madame Gruget, escutou os gritos estridentes que ainda ressoavam no andar superior, subiu a outra escada e foi atraída pelo barulho dos soluços até o quarto fatal em que, antes de entrar, chegaram a seus ouvidos estas palavras amargas:

– Foi o senhor, cavalheiro, foi o senhor, com suas imaginações. Foi o senhor a causa da morte de minha filha!

– Feche essa boca, infeliz – dizia Jules, colocando o lenço sobre a boca da viúva Gruget, que começou a gritar mais ainda:

– Assassino!... Socorro!

Nesse momento Clémence entrou, viu seu marido, deu um grito e fugiu.

– Quem é que vai salvar minha filha? – insistiu a viúva Gruget depois de uma longa pausa. – Foi o senhor que a assassinou!...

– Mas e como? – perguntou automaticamente *monsieur* Jules, ainda estupefato por ter sido visto e reconhecido por sua esposa.

– Leia, cavalheiro – gritou a velha, inundada de lágrimas. – Leia isso!... Não há renda que possa me consolar de uma coisa assim!

“Adeus, minha mãe!... Eu deixo pra senhora tudo o que tenho. Eu te peço perdão por todas as minhas curpa, mais ainda pela última tristeza que tou te dando ao por um fim nos meus dia. Henry, quieu amo mais que a mim mema, medice que fui eu que fis a disgrassa dele e, já que eu é que fui a razão purquiele me despreza e mim purrou pra longe dele e que eu perdi todas as minha esperansa de miestabelecê com ele, entonce eu vou me afogá. Eu vou rio abaixo até depois de Neuilly só pra que não me ponham na Morgue. Se Henry não miodiar mais, depois que eu mema me dei a punissão de morte, pessa a ele que mande enterrá uma pobre mozza que tem um coração que só bateu pur causa deli e que ele me perdói, porque eu sei que fis mal em me metê naquilo em que eu não era chamada. Fassa bons curativo nos mochá que ele tem nas costa. Como está sofrendo, o meu pobre gato. Mas eu vou ter pra me destruir a mema coraje quiele teve pra deixá que queimassem as costa dele. Mande levá os espartio terminado pras casa de minhas freguesa. E reze a deus pela arma de sua filha,

IDA.”

– Leve esta carta a *monsieur* de Funcal, o homem que está naquele quartinho. Se ainda há tempo, ele é o único que pode salvar sua filha.

E Jules foi embora, desapareceu, safou-se como um homem que houvesse cometido um crime. Suas pernas tremiam. Seu coração parecia ter-se dilatado dentro de seu peito e recebia ondas quentes de sangue, as mais volumosas que já percebera circular por suas veias em qualquer minuto anterior de sua existência, enquanto o coração batia violentamente e as enviava de volta às artérias com uma força tremenda, como nunca sentira antes. As idéias mais contraditórias embatiam-se em seu espírito; contudo, havia um pensamento que dominava todos. Ele não havia agido com lealdade com a pessoa que mais amava neste mundo. Agora era impossível para ele transigir com sua consciência, cuja voz, fortalecida em função do crime que cometera, tornara-se muito mais forte que os gritos de sua paixão, mesmo durante as horas de dúvida mais cruel por que havia passado anteriormente. Passou uma grande parte do dia caminhando sem destino pelas ruas de Paris, sem reunir coragem para voltar a casa. Este homem de tão grande probidade tremia ante a possibilidade de enfrentar o rosto irrepreensível daquela mulher que desconhecera por algum tempo, mas em quem não soubera confiar. A gravidade de um crime é diretamente proporcional à pureza de uma consciência, e o fato de que tal coração só pode culpar-se por uma única falta importante em toda a vida faz com que as proporções de tal pecado se ampliem até o ponto de se tornarem insuportáveis para certas almas cândidas. E a palavra “candura”, aplicada a um homem, não traz em si um significado celestial? Assim, a mais leve nódoa pingada sobre as vestes brancas de uma virgem pode significar para ela algo de ignóbil, algo comparável aos farrapos imundos de um mendigo. Entre essas duas coisas, a única diferença que existe é a desgraça que se percebe com relação à culpa. Deus não mede nunca o arrependimento, não fica pesando e medindo para ver se é suficiente; de fato, o mesmo arrependimento lhe basta para apagar uma nódoa como os crimes de uma vida inteira... Eram estas as reflexões que pesavam esmagadoramente sobre Jules, porque as paixões não perdoam mais que as leis humanas e raciocinam com maior justiça: pois não se apóiam no pleno conhecimento de uma consciência privada, que pertence somente a elas e que é tão infalível como o instinto? Desesperado, Jules acabou por retornar a casa, pálido, exausto, esmagado pelo sentimento de que havia agido mal, muito mal, ainda que lhe servisse como consolação, a pesar seu, a alegria que sentira ao constatar a inocência de sua esposa. Entrou no quarto do casal, o coração aos pulos, viu que estava deitada, disseram a ele que estava com febre alta, sentou-se ao lado do leito, tomou a mão dela, beijou-a e a cobriu de lágrimas.

– Meu anjo querido – disse assim que ficaram a sós. – Você não pode imaginar até que ponto estou arrependido...

– Mas de quê? – respondeu ela.

Após dizer essa frase, reclinou a cabeça sobre o travesseiro, fechou os olhos e ficou imóvel, guardando a gravidade de seus sofrimentos para não assustar ainda mais seu marido – uma delicadeza de mãe, uma delicadeza de anjo. Em uma palavra, era uma mulher completa. O silêncio entre os dois perdurou por muito tempo. Jules, finalmente acreditando que Clémence estava adormecida, foi indagar de Joséphine o verdadeiro estado de sua patroa.

– Madame voltou quase morta, patrão. Fomos chamar *monsieur* Haudry.

– E ele veio? O que foi que ele disse?

– Não disse nada, senhor. Mas não pareceu nada satisfeito e deu ordem para que ninguém chegasse

perto de madame, a não ser uma única pessoa de cada vez, para ficar tomando conta dela, e garantiu que ia voltar hoje à noite.

*Monsieur Jules* retornou silenciosamente para o quarto de sua esposa, sentou-se em uma poltrona e permaneceu em frente ao leito, imóvel, os olhos aferrados às pálpebras fechadas dos olhos de Clémence; de vez em quando, ela erguia essas pálpebras, imediatamente o enxergava e de seus olhos doloridos escapava um olhar terno, cheio de amor, totalmente despido de reprovação ou de amargura, um olhar que recaía como um ferro em brasa sobre o coração daquele marido nobremente absolvido e ainda amado por uma criatura que estava matando aos poucos. A morte era um pressentimento constante entre os dois, uma suspeita que os feria de modo igual. Suas vistas se uniam na mesma angústia, como seus corações uniam-se antigamente no mesmo amor, igualmente sentido e igualmente partilhado. Nenhuma pergunta, mas horríveis certezas. Da mulher ressumbrava uma generosidade perfeita; do homem brotavam remorsos indizíveis; e circulava entre as duas almas uma mesma visão de desenlace, um mesmo sentimento de fatalidade.

Houve um momento em que, acreditando que sua esposa estivesse adormecida, Jules beijou-a docemente na fronte e disse bem baixinho, depois de contemplá-la por um longo tempo:

– Meu Deus, deixe comigo este anjo ainda por um pouco de tempo, até que eu consiga absolver a mim mesmo de minhas culpas por uma longa adoração... Como filha, ela é sublime; como esposa, que adjetivo a poderia qualificar?...

Clémence ergueu os olhos cheios de lágrimas.

– Você está me fazendo mal – disse com voz débil.

A noite já ia avançada quando chegou o dr. Haudry e pediu ao marido que se retirasse durante sua visita. Quando finalmente saiu, Jules não fez uma única pergunta, e ele não teve necessidade de fazer senão um gesto.

– Faça-me o favor de mandar chamar aqueles de meus colegas em quem o senhor tiver maior confiança para realizarmos uma junta médica. Posso estar errado.

– Mas, doutor, diga-me a verdade. Sou um homem forte, posso escutar com coragem; aliás, tenho o maior interesse em saber da verdade a fim de acertar algumas contas...

– Pois muito bem. Se quer mesmo saber, madame Jules está moribunda – respondeu o médico. – Ela sofre de uma doença moral que está avançando rapidamente e reflete-se em sua situação física, que já é de inspirar grandes cuidados e que se agravou devido a essas imprudências que ela andou cometendo: andar descalça à noite; sair de casa depois que eu a havia proibido; sair de casa a pé ontem, sair de novo hoje, mesmo que fosse de carruagem. Ela fez tudo o que podia para se matar. Todavia, meu diagnóstico não é irrevogável: ela tem a juventude a seu favor e parece dotada de uma energia espantosa... Talvez fosse indicado arriscar tudo, aplicando-lhe um remédio que provocasse uma reação violenta; mas eu não vou assumir sozinho a responsabilidade de prescrever tal medicamento e sequer vou recomendar que seja aplicado; mas, caso se constitua uma junta médica e esse tratamento for proposto, então não me oporei à sua aplicação.

Jules retornou ao quarto. Durante onze dias e onze noites, ele permaneceu sentado junto ao leito de sua esposa, passando as noites em claro e dormindo durante o dia, mesmo assim com a cabeça apoiada aos pés da cama. Jamais algum homem levou a tal ponto o zelo com que Jules se aplicou a cuidar de sua esposa e a ambição de seu devotamento. Ele não permitia a ninguém prestar o menor serviço à sua

esposa; insistia em fazer tudo; segurava todo o tempo a mão dela e parecia até mesmo querer comunicar a ela a própria vida. Houve incertezas, falsas alegrias, dias bons, um até melhor, depois crises, finalmente as terríveis manifestações de uma morte hesitante, que sopesa antes de atingir, mas que acaba por dar o golpe. Madame Jules encontrava sempre força para sorrir a seu marido; realmente, tinha pena dele, porque sabia que, muito em breve, o deixaria só. Era uma dupla agonia: a agonia da vida e a agonia do amor; e quanto mais enfraquecia a vida, mais o amor se engrandecia. Depois veio uma noite pavorosa, em que Clémence passou por esse delírio que sempre precede a morte dos jovens. Ela falava de seu amor tão feliz, falava sobre seu pai, contava as revelações que lhe fizera a mãe em seu leito de morte e o juramento que havia imposto. Ela se debatia, não tanto para manter-se viva, mas para conservar essa paixão que não queria abandonar. Em dado momento, ela disse:

– Faça, meu Deus, com que ele não saiba que eu gostaria de vê-lo morrer a meu lado.

Jules, que não pudera suportar mais aquele espetáculo, tinha-se retirado por alguns momentos para o salão vizinho e não escutou a prece de que era objeto.

Quando a crise passou, madame Jules recuperou as forças. No dia seguinte, ela estava de novo bela e tranqüila; conversou com o esposo e enfeitou-se para ele, com as limitações que têm as doentes. Depois ela quis ficar sozinha durante um dia inteiro e conseguiu que o marido a deixasse por meio de um desses pedidos feitos com tal insistência que são obedecidos do mesmo modo que se atende às súplicas de uma criança. Além disso, *monsieur* Jules tinha necessidade mesmo de sair nesse dia. Ele foi procurar *monsieur* de Maulincour, a fim de reclamar dele o duelo de morte que já havia sido combinado previamente entre eles. Passou por grandes dificuldades até ser recebido pelo que considerava o autor de seus infortúnios; contudo, ao saber que se tratava de um assunto de honra, o administrador do bispado, obediente aos preconceitos que o haviam orientado durante toda a vida, introduziu Jules ao quarto em que se achava o barão. *Monsieur* Desmarets procurou com a vista o barão de Maulincour, sem conseguir vê-lo.

– Ora, é ele mesmo que está ali... – disse o comendador, mostrando-lhe um homem que estava assentado em uma poltrona ao lado da lareira.

– Quem é Jules? – disse o moribundo, com voz alquebrada.

Auguste havia perdido a única qualidade que nos faz viver, a saber, a memória. Ao ver-lhe o aspecto, *monsieur* Desmarets sentiu tal horror, que recuou involuntariamente. Era impossível reconhecer o jovem elegante naquela coisa sem nome em qualquer linguagem, para citar a expressão de Bossuet.<sup>[4]</sup> Era, com efeito, um cadáver de cabelos brancos; os ossos mal estavam recobertos por uma pele enrugada, murcha e ressecada; os olhos estavam brancos e sem movimento, a boca permanecia horripelantemente entreaberta, como as bocas dos retardados ou dos devassos que estão a ponto de morrer por força de toda espécie de excessos. Não transparecia mais qualquer sinal de inteligência sobre aquele rosto, nem em qualquer outro de seus traços, do mesmo modo que não se conseguia mais divisar, através de sua pele amolecida e frouxa, nem rubor, nem qualquer coisa que indicasse ainda haver circulação sanguínea. Sem a menor dúvida, era um homem acabado, dissolvido, chegado ao estado desses monstros conservados nos museus, dentro de bujões de vidro em que flutuam no meio de uma solução de álcool. Jules imaginou ver por cima daquele rosto a terrível fisionomia de Ferragus, e aquela vingança absoluta espantou dele todo o ódio. O infeliz marido ainda encontrou em seu coração um pouco de piedade para com os duvidosos destroços daquele que fora, ainda há pouco tempo, um jovem bonito e simpático.

– O seu duelo já se realizou, cavalheiro – disse-lhe o comendador.

– Mas quanta gente matou *monsieur* de Maulincour!... – exclamou dolorosamente Jules.

– E pessoas que o amavam muito e a quem queria muito bem – acrescentou o velhinho. – Sua avó praticamente já morreu de lástima e é provável que eu vá para o túmulo logo depois dela...

No dia seguinte ao desta visita, madame Jules piorou a cada hora que se passava. Ela aproveitou um momento em que reuniu um resto de forças para retirar uma carta de baixo do travesseiro, entregá-la rapidamente a Jules, enquanto fazia um sinal fácil de compreender. Ela queria dar um beijo nele antes de soltar seu último suspiro, ele o recebeu e ela morreu em seguida. Jules caiu semimorto sobre o leito e foi necessário que o levassem a braços até uma carruagem, que o transportou à casa de seu irmão. E lá, como se lastimasse, debilhado em lágrimas e quase delirando, sua ausência durante a véspera, seu irmão explicou que aquela separação tinha sido profundamente desejada por Clémence, que não quisera que ele testemunhasse todo aquele aparato religioso, tão terrível para as imaginações mais delicadas, que a Igreja Católica emprega como ritual necessário durante a administração dos últimos sacramentos aos moribundos.

– Ah, você não teria resistido àquilo tudo... – afiançou-lhe o irmão. – Eu mesmo quase não consegui suportar aquela cena horrorosa, e todos os empregados se desfaziam em lágrimas. Clémence era uma verdadeira santa. Encontrou não sei bem onde a força necessária para se despedir de todos nós, e a sua voz, que sabíamos escutar pela derradeira vez, dilacerava nossos corações. Quando ela pediu perdão por quaisquer pesares involuntários que tivesse causado aos criados que a haviam servido tão fielmente, houve uma lamentação terrível, um queixume entremeado de soluços...

– Chega – disse Jules. – Não me conte mais nada...

Então pediu para ficar sozinho, a fim de poder ler os últimos pensamentos daquela mulher que todo mundo admirara tanto e que saíra de suas vidas como seca uma flor.

“Meu bem-amado, este é meu testamento. Por que não é costume fazer testamento dos tesouros do coração, como se faz dos demais bens? Meu amor por você não era o único bem que eu tinha? Portanto, vou falar aqui somente de meu amor: foi a única fortuna de sua Clémence e é tudo que ela pode deixar ao morrer. Jules, eu sei que ainda sou amada e morro feliz. Os médicos explicarão minha morte lá à maneira deles, mas eu sou a única que conhece a verdadeira causa. Vou dizer a você agora, por maior que seja a tristeza que lhe possa causar. Eu não queria levar em meu coração, que sempre foi todo seu, qualquer segredo que não fosse revelado, justo agora em que eu morro vítima de uma descrição necessária e inevitável.

“Jules, eu nasci, cresci e fui criada na mais profunda solidão, longe dos vícios e das virtudes, por aquela mulher gentil que você conheceu. A sociedade prestava justiça às qualidades que ela demonstrava para atender às convenções sociais, aquelas qualidades por meio das quais uma mulher se esforça para agradar essa sociedade. Eu, porém, desfrutei secretamente da bondade de uma alma celestial e pude me afeiçoar profundamente àquela mãe que tornava minha infância uma alegria sem amargura, sabendo muito bem por que a amava. E ela não merecia ser duplamente amada? Sim, eu a amava e eu a temia, eu a respeitava e nada me pesava no coração, nem esse temor, nem esse respeito. Eu vivia só para ela, e ela significava tudo para mim. Durante dezenove anos vivemos felizes e despreocupadas, enquanto minha alma, solitária no meio do mundo que se agitava ao redor de mim, refletia unicamente a mais pura das imagens, o rosto de minha mãe, e meu coração só batia por ela e para ela. Eu era escrupulosamente

religiosa e fazia todos os esforços para permanecer pura diante de Deus. Mamãe sempre cultivou em mim todos os sentimentos mais nobres e mais elevados. Ah, que prazer sinto em confessar, Jules, sei agora que eu não passava de uma menina ingênua, uma garota que veio para você com o coração tão virgem quanto o corpo. Quando finalmente saí daquela indevassável solidão, quando, pela primeira vez, mandei alisar meus cabelos e os enfeitei com uma guirlanda de flores de amendoeira; quando ajuntei prazenteiramente alguns laços de cetim a meu vestido branco, pensando na sociedade que eu iria ver e que, realmente, tinha curiosidade de ver... Ora! Sabes muito bem que essa sedução inocente e modesta só foi acrescentada para você, porque, quando finalmente ingressei no mundo, você foi o primeiro homem que vi. Seu rosto, percebi desde o início, salientava-se acima de todos os outros; a aparência de seu corpo me agradou; sua voz e suas maneiras inspiraram-me os mais favoráveis pressentimentos; depois, quando você veio me falar, com o rosto docemente ruborizado, com a voz um pouco trêmula, foi um momento que me deu lembranças que me fazem palpitar até hoje, quando escrevo a você, segundo acredito, pela última vez. Nosso amor foi, desde o começo, a mais viva das simpatias, mas logo foi mutuamente adivinhado; a seguir, logo compartilhado, como depois nos fez experimentar igualmente inumeráveis prazeres... Desde esse instante, minha pobre mãe passou a ocupar somente o segundo lugar em meu coração. Eu lhe confessei e ela sorriu, mulher admirável que era! E, depois de sua morte, eu fui sua, inteiramente sua! Essa foi minha vida, toda a minha vida, meu caro esposo. Todavia, restam algumas coisas que ainda terei de dizer a você... Chegou uma noite, alguns dias antes da morte de mamãe, que ela se decidiu finalmente a me revelar o segredo de sua vida, não sem derramar lágrimas ardentes enquanto me falava. E eu ainda amei você muito mais, quando fiquei sabendo, antes que o padre se dispusesse a absolver minha mãe, que existem paixões condenadas tanto pelo mundo quanto pela Igreja... Mas tenho certeza de que Deus não pode ser um juiz severo quando tais amores são o pecado de almas tão ternas e delicadas quanto era a de minha mãe. Mas aquele anjo não podia se decidir a arrepender-se... Ela amava muito, Jules, ela era feita de amor... Assim, rezei todos os dias por ela, mas sem julgá-la. Foi então que conheci a causa de seu grande carinho materno; foi só então que fiquei sabendo que havia em Paris um homem para quem eu representava toda a vida, que era o alvo de todo o seu amor; que a sua própria fortuna era o resultado da influência dele e que ele o amava também... Soube ainda que ele era um exilado da sociedade, que trazia um nome maculado, que se sentia mais infeliz por mim, por nós, do que por si mesmo... Minha mãe era todo o seu consolo e, quando mamãe morreu, prometi que a substituiria. Com todo o ardor de uma alma cujos sentimentos nunca se haviam denegrado, eu vi que teria assim a felicidade de amenizar a amargura que enchia de melancolia os últimos momentos de minha mãe e comprometi-me então a prosseguir em sua obra de caridade secreta, em exercer a caridade de um coração amoroso. A primeira vez que vi meu pai foi junto ao leito em que minha mãe acabava de expirar, quando ele levantou seus olhos cheios de lágrimas, em uma tentativa de encontrar em mim todas as suas esperanças mortas. Eu havia jurado a ela, não mentir a você, mas guardar silêncio, e que mulher teria sido capaz de romper tal silêncio...? Esse foi meu crime, Jules, um crime que estou agora expiando pela morte. Duvidei de você... Mas o medo é uma coisa tão natural em uma mulher, especialmente em uma mulher que sabe tudo que tem a perder... Eu tremia era por meu amor. O segredo de meu pai parecia significar a morte de minha felicidade; e quanto mais eu amava, mais medo eu tinha. Sequer ousava confessar este sentimento a meu pai: seria como causar nele um ferimento; na situação em que estava, todo sofrimento é tão vivo! Mas logo percebi que ele, sem me dizer, partilhava de meus temores. Seu coração paternal temia por minha felicidade tanto

quanto o meu; mas ele não ousava falar nesse assunto, levado pela mesma delicadeza que me deixava muda. Sim, Jules, eu acreditava que você poderia não amar mais a filha de Gratien, não da maneira como amava sua Clémence. Pode acreditar que eu teria escondido qualquer coisa de você, logo de você que enchia completamente meu coração, sem sofrer esse profundo terror? No dia em que aquele maldito, aquele oficial infeliz me falou, pela primeira vez me senti forçada a mentir. Foi esse o dia em que conheci a dor pela segunda vez em minha vida, e essa dor só fez crescer até este momento em que me dirijo a você pela última vez. Que me importa agora a situação de meu pai? Você sabe tudo agora. Eu teria sido capaz, com a ajuda de meu amor, de vencer minha doença, de suportar todos os sofrimentos, mas nunca mais serei capaz de sufocar a voz da dúvida. Então, não é possível que minha origem altere a pureza de seu amor, o enfraqueça ou o diminua?... Este é um medo que nada poderá destruir dentro de mim. Essa é, meu Jules, a verdadeira causa de minha morte. Eu não conseguiria viver a seu lado temendo captar um olhar ou ouvir uma palavra; uma palavra que talvez você não diga nunca, um olhar que sua vista provavelmente jamais refletirá; mas o que você quer? Tenho pavor de vê-lo ou ouvi-la algum dia. Sei que morro amada, e essa é minha consolação. Fiquei sabendo que, já faz quatro anos, meu pai e seus amigos reviraram o mundo, para melhor poder mentir ao mundo. A fim de me dar um estado civil apropriado, eles compraram um cadáver, uma reputação, uma fortuna, tudo isso para fazer reviver um morto que estava vivo: e fizeram tudo isso por você, por nós! Nunca deveríamos ter ficado sabendo de nada disso. Pois bem! Minha morte, sem sombra de dúvida, vai poupar meu pai de mais essa mentira, porque eu sei que ele vai morrer quando souber que morri. Adeus, então, Jules, meu coração vai para você inteiro nestas linhas. Explicar a amplitude de meu amor dentro da inocência de seu terror não é o mesmo que lhe deixar minha alma inteira? Nunca teria força para lhe dizer o que acabei de escrever. Acabo de confessar a Deus os pecados de minha vida; prometi ao padre que desde agora até meu fim não me ocuparia com mais ninguém, senão o Rei dos Céus; mas não pude resistir à tentação e ao prazer de me confessar também com aquele que, para mim, representa tudo sobre a Terra... Ai de mim! Que deus não me perdoaria este último suspiro, este último alento entre a vida que foi e a vida que me espera?... Adeus, pois, Jules, meu amado; vou me reunir a Deus, perto de quem o amor nunca é escurecido por qualquer nuvem e perto de quem você também virá um dia. E lá, aos pés de Seu trono, reunidos para sempre, poderemos nos amar pelos séculos dos séculos. Esta esperança é a única coisa que me consola. Se eu for digna de subir até lá antes de você, lá de cima acompanharei sua vida, minha alma estará sempre consigo. Ela o envolverá com sua proteção, enquanto você permanecer aqui embaixo. Procura levar, portanto, a vida mais santa que puder, para que não haja sombra de dúvida que em pouco tempo estará junto a mim. Você pode fazer ainda tanto bem sobre a Terra!... Não é uma missão angelical para um ente sofredor, a de espalhar alegria ao redor de si, a de dar aos outros logo aquilo que não tem? Desse modo, eu deixo você como herança aos desafortunados... Somente de seus sorrisos e de suas lágrimas eu não sentirei ciúmes. Ambos encontraremos grande encanto nos doces benefícios que você venha a praticar. De certo modo, não estaremos vivendo juntos ainda, caso deseje incluir meu nome, o nome de sua Clémence, como co-autora dessas obras meritórias? Após nos termos amado como nos amamos, Jules, só nos resta a obra de Deus. Deus não mente. Deus não engana. Não adore senão a ele, é isso que peço, é isso que quero. Cultive a prática do bem para com todos os que sofrem; alivie as dores dos membros sofredores da Igreja... Adeus, alma querida que eu enchi, eu conheço você perfeitamente bem: você será incapaz de amar uma segunda vez. Vou portanto expirar feliz com este pensamento, que faria qualquer mulher feliz.

Sim, meu sepulcro será seu coração. Depois da infância que descrevi, minha vida não transcorreu toda dentro de seu coração?... Depois de morta, nunca mais você me expulsará dele. Tenho o maior orgulho de ser a única! Você só me conheceu na flor da juventude e, assim, eu deixo pesares a você, mas não desencantamentos. Jules, tenha certeza de que minha morte é bem feliz...

“Você, que me entendeu tão bem, permita-me que faça uma recomendação... Uma coisa supérflua, sem a menor dúvida, apenas o cumprimento de um desejo feminino, um pedido que brota da inveja de que sempre fomos o objeto. Peço que queime tudo o que nos pertenceu, que desmanche nosso quarto, que destrua tudo quanto possa ser uma lembrança física de nosso amor.

“Uma última vez, adeus. Este é o último adeus, cheio de amor, como serão meu último pensamento e meu derradeiro suspiro...”

Quando Jules acabou de ler esta carta, subiu de seu coração um desses frenesis de que é impossível narrar as amedrontadoras crises. Todas as dores são individuais, e seus efeitos nunca se submetem a uma regra fixa. Alguns homens tapam as orelhas, porque não querem ouvir nada. Algumas mulheres fecham os olhos, para não terem de ver mais nada. Mas também se encontram grandes e magníficas almas que se arrojam à dor como a um abismo. Em face ao desespero, tudo é verdadeiro, tudo é possível. Jules saiu sem avisar da casa de seu irmão e voltou para a própria, querendo passar a noite perto do cadáver de sua mulher e enxergar aquela criatura celeste até o último momento que fosse possível. Enquanto caminhava para casa, com aquela despreocupação pela própria segurança que só conhecem as pessoas que desceram ao último grau da infelicidade, ele recordou como, em certos lugares da Ásia, as leis determinavam aos esposos que não sobrevivessem um ao outro. O que ele queria era morrer também. Não havia ainda sucumbido ao luto, estava na fase da dor febril. Chegou sem qualquer percalço, subiu a seu quarto sagrado; lá estava Clémence em seu leito de morte, bela como uma santa, os cabelos presos em um véu, as mãos unidas, envolta já em sua mortalha. Os quatro círios iluminavam um padre rezando, Joséphine aos prantos, ajoelhada em um dos cantos, e dois homens silenciosos perto da cama. Um era Ferragus. Mantinha-se em pé, imóvel, contemplando sua filha com olhos secos de lágrimas; sua cabeça dava a impressão de ser fundida em bronze: sequer percebeu que Jules entrara. O outro homem era Jacquet, seu amigo, a quem madame Jules sempre demonstrara bondade e consideração. Jacquet sentia por ela uma dessas amizades respeitadas que enchem de alegria um coração tranqüilo, uma doce paixão, um verdadeiro amor, despido de desejos e de borrascas; assim, viera religiosamente pagar sua dívida de lágrimas, dar um longo adeus à mulher de seu melhor amigo, beijar pela primeira vez a testa gelada de uma criatura que ele amava silenciosamente como se fosse sua própria irmã. Como os outros, também estava silencioso. No quarto não se encontrava a Morte terrível descrita pela Igreja Católica, nem a Morte luxuosa, que atravessa as ruas; não, era apenas uma morte que deslizava sob o teto doméstico, a morte comovente e lamentável; as pompas fúnebres eram as pompas do coração, as lágrimas derramadas à vista de todos. Jules sentou-se perto de Jacquet, que apertou sua mão calorosamente. Sem dizer sequer uma palavra, todos os personagens daquela cena permaneceram assim até de manhã. Quando a luz do dia fez empalidecer o que restava dos círios funerários, Jacquet, conhecedor das cenas dolorosas que se sucederiam, levou Jules para o quarto vizinho. Foi nesse momento que o marido olhou para o pai e Ferragus contemplou Jules pela primeira vez. As duas dores interrogaram-se, sondaram-se e entenderam-se mutuamente por aquele único olhar. Um clarão de furor brilhou passageiramente nos olhos de Ferragus.

“Foi você que a matou!...”, pensava ele.

“E por que desconfia logo de mim?”, pareceu responder o marido.

A cena foi semelhante à que se passaria entre dois tigres, que reconheciam a inutilidade de uma luta, depois de se haverem examinado durante um momento de hesitação, sem sequer deixarem escapar um rugido.

– Jacquet – perguntou Jules –, você já tomou todas as providências necessárias?...

– Já fiz tudo que deveria ser feito – respondeu o chefe do escritório –, mas aonde quer que eu chegasse, havia um homem que me precedera, encomendara tudo e pagara por tudo.

– Ele me roubou a sua filha! – exclamou o marido, em um acesso violento de desespero.

Lançou-se de volta ao quarto de sua esposa; mas o pai não estava mais ali. Clémence havia sido colocada em um ataúde de chumbo, e havia operários que já estavam soldando a tampa. Jules retornou para a outra peça, sentindo-se inerte e horrorizado por aquele espetáculo, e o ruído dos martelos que usavam aqueles homens para pregar os rebites fez com que inconscientemente ficasse com os olhos marejados de lágrimas.

– Jacquet – disse ele. – Durante esta noite terrível surgiu-me uma idéia, uma única idéia, mas uma idéia que desejo pôr em prática a qualquer preço. Não quero que Clémence fique enterrada em um desses cemitérios de Paris. Quero queimar o corpo dela, recolher as cinzas e guardá-las comigo. Não me diga uma só palavra contra este projeto, apenas faça o que for necessário para que ele se realize. Eu vou me encerrar no quarto dela e ficarei nele até o momento de minha partida. Somente você terá permissão de entrar, a fim de me fazer o relatório sobre as providências tomadas. Vá agora e não se preocupe em economizar qualquer despesa que venha a ser necessária.

Ainda naquela manhã, madame Jules, depois de ter sido exposta em câmara ardente, segundo o costume da época, diante da porta de sua mansão, foi conduzida a Saint-Roch. A igreja estava inteiramente revestida de negro. Aquela espécie de luxo que se emprega no ofício fúnebre havia atraído meio mundo. Isso porque, em Paris, tudo é um espetáculo, mesmo a dor mais verdadeira. Existe gente que fica por trás das janelas só para ver como chora um filho a seguir o esquife em que se encontra o corpo de sua mãe, do mesmo modo que existem outros que adquirem lugares para estarem comodamente instalados a fim de verem como uma cabeça é cortada. Nenhum outro povo do mundo tem olhos mais vorazes. Mas os curiosos daquela vez foram particularmente surpreendidos ao perceberem que as seis capelas laterais de Saint-Roch estavam igualmente revestidas de negro. Dois homens em trajes de luto assistiam a uma missa mortuária celebrada em cada uma das capelas. Na nave da igreja, diante do coro, os únicos assistentes eram *monsieur* Desmarets, o tabelião, e Jacquet; um pouco mais atrás, depois do gradil de separação, estavam os empregados da mansão. Para os carolas, que freqüentavam habitualmente as igrejas em busca de emoções, havia alguma coisa inexplicável em uma pompa tão grande assistida por tão poucos parentes. Jules não quisera a presença de nenhum estranho naquela cerimônia. A grande missa de réquiem foi celebrada com a sombria magnificência de todas as missas fúnebres. Além dos celebrantes comuns da *église de Saint-Roch*, estavam presentes mais treze padres, vindos de diversas paróquias. Desse modo, talvez nunca o *Dies Irae*<sup>[5]</sup> tenha produzido sobre as almas cristãs – aquela gente que se reunia fortuitamente, movida não somente pela curiosidade, mas pela avidez de emoções renovadas – um efeito mais profundo, mais assustadoramente glacial do que a impressão causada por aquele hino soleno, no momento em que oito vozes de chantres, acompanhadas pelas vozes menos cultivadas dos padres e pelas vozes puras dos meninos do coro, entoaram-no alternadamente. Das seis

capelas laterais, doze outras vozes infantis elevaram-se, transmitindo uma impressão ácida de dor, todas se misturando num só lamento. Em todas as partes da igreja brotava o terror; em toda parte, os gritos de angústia eram respondidos por gritos de pavor. A música assustadora acusava a presença de dores desconhecidas ao mundo e amizades secretas que pranteavam a morte. Nunca, em qualquer religião humana, a inquietação e a insegurança da alma violentamente arrancada do corpo e tempestuosamente agitada na presença da fulgurante majestade de Deus foram reveladas com tanto vigor. Diante daquele clamor dos clamores, só se poderiam humilhar os artistas e suas composições mais apaixonantes. Não, nada podia se comparar com aquele canto que resumia todas as emoções humanas e emprestava a elas uma vida galvânica muito além do ataúde, levando-as ainda palpitantes aos pés de um Deus vivo e vingador. Os gritos das crianças, unidos ao som das vozes mais graves dos homens, que abrangiam então, naquele cântico de morte, a vida humana em todos os seus compartimentos, recordando desde os sofrimentos dos infantes de berço e acrescentando todas as penas de todas as idades, com os vigorosos sons dos chantres, com os sons tremulantes dos velhos e dos padres, toda a estridente harmonia cheia de raios e coriscos não poderia deixar de falar à imaginação dos heróis mais intrépidos, aos sentimentos dos corações mais gélidos e até mesmo às mentes racionais dos filósofos! Quem escutasse pensaria escutar os trovões de Deus. Nenhuma igreja tem abóbadas frias: elas tremem, elas falam, derramam o medo com toda a potência de seus ecos. É como se fosse possível avistar mortos inumeráveis erguendo-se e dando-se as mãos. Não é mais um pai, não é uma esposa, não é um filho que se encontra sob os panejamentos negros, é a humanidade inteira saindo de sua poeira funerária. É impossível julgar a religião católica, apostólica e romana sem que se tenha experimentado a mais profunda de suas dores, ao chorar uma pessoa adorada que jaz sob o cenotáfio,<sup>[6]</sup> sem que se tenha sentido todas as emoções que então nos transbordam do coração, traduzidas por aquele hino de desespero, por gritos que esmagam as almas, pelo horror religioso que cresce de estrofe em estrofe, que vai revolteando para o céu e que assombra, comprime e ensina à alma a elevar-se, deixando nela um sentimento de eternidade na consciência no momento em que o derradeiro verso se completa. Alguém vem estudando faz tempo a grande idéia do infinito, e então tudo se cala dentro da Igreja. Não se diz mais sequer uma palavra: os próprios incrédulos *não sabem dizer o que estão sentindo*. Somente o espírito espanhol poderia ter inventado essas majestades inauditas para a mais indevassável das dores. Quando a suprema cerimônia foi concluída, doze homens vestidos de luto saíram das seis capelas laterais e vieram ouvir ao redor do caixão o canto de esperança que a Igreja faz escutar à alma humana antes de sepultar a forma humana. Depois disso, cada um deles subiu a uma viatura fechada e recoberta por panos negros de luto; Jacquet e *monsieur* Desmarets tomaram a décima terceira; a criadagem seguiu o cortejo a pé. Uma hora depois, os doze desconhecidos estavam reunidos no alto do cemitério conhecido popularmente como Père-Lachaise, formando um círculo ao redor de uma cova a que fora baixado o esquife, diante de uma multidão curiosa que acorrera de todos os pontos daquele grande jardim público. Após breves orações, o padre jogou alguns punhados de terra sobre os despojos da mulher; e os coveiros, depois de pedirem e receberem suas gorjetas, apressaram-se a encher a cova, porque ainda tinham outra com a qual se ocuparem.

E aqui parece acabar o relato desta história; mas talvez ela ficasse incompleta se, depois de termos apresentado este leve esboço da vida parisiense, se, depois de termos seguido suas caprichosas ondulações, esquecêssemos de considerar os efeitos da morte. De fato, morrer em Paris não é a mesma coisa que morrer em qualquer outra capital, e poucas pessoas conhecem a disputa de uma verdadeira dor

com as exigências da civilização e a burocracia da administração parisiense. Ademais, talvez *monsieur Jules e Ferragus XXIII* ainda nos interessem o bastante para que os desenlaces de suas vidas não sejam abandonados a uma fria indiferença. Afinal de contas, existe tanta gente que gosta de ficar sabendo de todos os detalhes e que desejaria, como afirmou o mais engenhoso de nossos críticos, saber por que processo químico o óleo brilha na lâmpada de Aladim... Vejamos, pois: Jacquet, um funcionário administrativo, dirigiu-se naturalmente à autoridade competente para lhe pedir permissão para exumar o cadáver de madame Jules a fim de cremá-lo. Foi falar com o comissário-geral da Polícia, sob cuja proteção dormem os mortos. Esse funcionário pediu que lhe fosse dirigida uma petição por escrito. Foi necessário adquirir uma folha de papel timbrado a fim de dar ao luto um formato administrativo. Foi necessário utilizar a linguagem burocrática para expressar os desejos emocionais de um homem atormentado pelo sofrimento e pela culpa, a quem faltavam as palavras para exprimir o que sentia. Foi necessário traduzir friamente os sentimentos em palavras de praxe e ainda escrever na margem o motivo do requerimento:

O requerente  
solicita a incineração  
do corpo de sua mulher.

Ao ver tal solicitação, o chefe da repartição encarregada de fazer um relatório ao conselheiro de Estado, o sr. comissário-geral da Polícia, foi ler cuidadosamente o teor da petição em que o *motivo* da demanda estava, conforme ele o havia solicitado anteriormente, vazado nos termos oficiais mais claramente possíveis. E então proclamou, cheio de importância:

– Mas esta é uma questão da máxima gravidade! Meu relatório não poderá ficar pronto antes de, no mínimo, oito dias!...

Jules, a quem Jacquet foi forçado a comunicar a demora imprevista, compreendeu então o que ouvira Ferragus dizer: queimar Paris inteira... Nesse momento, nada parecia mais natural que aniquilar esse receptáculo de monstruosidades.

– Mas então – disse ele a Jacquet – temos de falar com o ministro do Interior,[\[7\]](#) ou então, pedir ao seu próprio ministro que fale com ele...

Jacquet apresentou-se fielmente no Ministério do Interior e solicitou uma audiência, que obteve, porém marcada para daí a quinze dias. Jacquet era um homem persistente. Seguiu então de escritório em escritório, de repartição em repartição, até conseguir entrar em contato com o secretário particular do ministro, um resultado que só lhe foi possível porque ele conseguira antes que o secretário particular do ministro de Negócios Estrangeiros falasse com ele.[\[8\]](#) Com a ajuda desses altos protetores, ele obteve uma audiência às escondidas, fora dos horários estabelecidos oficialmente, para a qual se havia prevenido com um bilhete do autocrata dos Negócios Estrangeiros, escrito ao paxá do Interior. Jacquet esperava tomar de assalto o ministro e resolver rapidamente seu negócio. Preparou raciocínios, respostas irretorquíveis, além de vários argumentos iniciados por “em caso de”... Mas não teve sorte. Todo o seu esforço deu em nada.

– Esse assunto não me compete – disse o ministro. – Essa questão concerne ao comissário-geral de Polícia. Aliás, não existe nenhuma lei que dê aos maridos a propriedade dos cadáveres de suas esposas, do mesmo modo que os pais não são donos dos cadáveres de seus filhos. Esse é um assunto muito grave! Além disso, há uma série de considerações de utilidade pública que devem ser examinadas... Os interesses da municipalidade de Paris podem ser afetados. Para concluir, mesmo que a questão

dependesse unicamente de mim, eu não poderia tomar uma decisão *hic et nunc*.<sup>[9]</sup> Seria necessário que me preparassem primeiro um relatório a respeito.

O *relatório* representa para a administração atual o mesmo que o Limbo para o Catolicismo. Jacquet conhecia muito bem a mania por relatórios, e não era a primeira ocasião em que tinha de sofrer em conseqüência daquele ridículo burocrático. Ele sabia muito bem que, depois que a administração pública fora invadida pelos *relatórios*, depois da reforma administrativa de 1804, não era mais possível encontrar um ministro que se dispusesse a assumir a responsabilidade por uma opinião ou decidir a mínima coisa, sem que essa opinião, essa decisão houvesse sido peneirada, expurgada e moída pelo pilão dos come-papéis, escriturários, copistas, amanuenses e outras sublimes inteligências concentradas nas repartições públicas. Jacquet (que era um desses homens dignos de ter sua biografia escrita por Plutarco)<sup>[10]</sup> reconheceu que se havia enganado na maneira como deveria tratar do assunto. Tornara-se impossível chegar a qualquer resultado por meio dos protocolos legais. A questão era bem mais simples; bastava conseguir o transporte do ataúde de madame Jules para uma das propriedades rurais de Desmarets. Uma vez ali, sob a autoridade complacente de um prefeito de aldeia, seria muito mais fácil atender às exigências da dor de seu amigo. Os procedimentos legais, constitucionais e administrativos não concebem a menor exceção; em seu conjunto, são um monstro infecundo que consome os povos, os interesses particulares e até mesmo os reis; mas os povos não podem compreender senão os princípios que tenham sido escritos com sangue; ora, os prejuízos provocados pela legalidade são sempre pacíficos: servem para desgastar a fibra de uma nação e para nada mais. Jacquet, um homem amante da liberdade, pensou então nos benefícios inegáveis das arbitrariedades, porque os homens somente julgam as leis à luz de suas próprias emoções. Depois, quando Jacquet se encontrou com Jules, foi forçado a mentir a ele, e o infeliz, acometido por uma febre violenta, permaneceu retido no leito durante dois dias. Quanto a Sua Excelência, o sr. ministro do Interior, ele falou, naquela mesma noite, durante um jantar ministerial, sobre a fantasia que concebera um parisiense de cremar sua esposa do mesmo modo como faziam os romanos. Os mais altos círculos de Paris ocuparam-se então, durante uns poucos dias, com a discussão dos ritos funerários dos antigos. Uma vez que as coisas antigas estavam em moda na época, algumas pessoas opinaram que seria bonito restabelecer as piras funerárias, naturalmente só para as grandes personalidades. Essa opinião logo obteve seus detratores e seus defensores. Uns diziam que havia pessoas importantes demais e que a restauração desse costume teria como conseqüência o encarecimento da lenha e que, no caso de um povo tão volúvel como o francês, sempre se mudando para cá e para lá, seria ridículo ver-se a cada passo um Longchamp de antepassados<sup>[11]</sup> sendo transportados em suas urnas; pior ainda, as urnas poderiam adquirir algum valor e, assim, logo surgiria a possibilidade de serem levadas a leilão, ainda cheias das cinzas de respeitáveis ancestrais, penhoradas pelos credores, gente habituada a não respeitar nada. Outros respondiam que haveria mais segurança para os avós assim instalados do que no Père-Lachaise, porque, mais cedo ou mais tarde, a municipalidade de Paris seria obrigada a decretar um dia de São Bartolomeu contra os mortos, que estavam invadindo os campos ao redor da cidade e já ameaçavam tomar conta até das terras de Brie. Foi, enfim, uma dessas discussões habituais em Paris, tão fúteis quanto espirituosas, mas que muitas vezes acabam por abrir fendas profundas na sociedade. Para felicidade de Jules, ele permaneceu na ignorância das conversas, das brincadeiras, dos sarcasmos que sua dor motivara em Paris. O comissário-geral de Polícia sentiu-se ofendido porque *monsieur* Jacquet se dirigira ao sr. ministro para evitar a lentidão e a prudência com que

exercia sua elevada vigilância. A exumação de madame Desmarests era positivamente uma questão de vigilância sobre a ordem pública. Desse modo, a repartição competente da polícia começou a trabalhar arduamente na redação de uma resposta áspera à petição, porque é suficiente a existência de um requerimento para que a Administração se sinta afrontada, e, uma vez afrontada, as coisas vão muito longe, são levadas até as últimas conseqüências. A Administração pode enviar, por exemplo, todas as questões que lhe são propostas ao Conselho de Estado, e eis outra máquina difícil de movimentar. No segundo dia, Jacquet fez seu amigo compreender que seria necessário renunciar a seu projeto; que em uma cidade em que o número de enfeites bordados sobre os panos negros dos esquifes era sujeito a uma tarifa; em que as leis admitiam sete classes de funerais; em que a terra dos mortos era vendida a peso de ouro; em que o luto era tão explorado e escriturado em partidas dobradas; em que até as preces ditas nas igrejas se pagavam tão caro; em que a fábrica[12] intervinha para reclamar o preço de alguns pentagramas ajuntados ao *Dies Irae*, que seriam cantados por filetes de voz, enfim, tudo o que escapasse um mínimo que fosse da rotina administrativa traçada para a regulamentação da dor era simplesmente impossível.

– Essa teria sido – lastimou-se Jules – uma pequena consolação no meio da minha angústia; eu tinha tomado a decisão de ir morrer bem longe daqui e gostaria de ter a urna com as cinzas de Clémence entre meus braços quando fosse depositado na tumba! Simplesmente não fazia idéia de que a burocracia pudesse esticar suas unhas até cravá-las sobre nossos ataúdes...

Depois disso, ele quis ver se havia ao lado de sua esposa um lugar para seu próprio corpo. Então os dois amigos foram até o cemitério. Ao chegarem lá, encontraram, do mesmo jeito que se encontra na porta dos teatros ou na entrada dos museus, da mesma maneira que também aparecem no pátio da estação das diligências que chegam do interior, alguns *ciceroni*[13] que se ofereciam para orientá-los dentro daquele verdadeiro labirinto que era o Père-Lachaise. De fato, já era impossível, tanto a um como ao outro, descobrir sozinhos onde jazia Clémence. Sentiram uma angústia terrível. Foram então consultar o porteiro do cemitério. Os mortos também têm um porteiro, que guarda o portão de entrada... Eles informam que em certas horas os mortos não estão recebendo visitas... Seria necessário afrontar todos os regulamentos da polícia municipal e da federal para obter o direito de vir chorar à noite, no silêncio e na solidão, sobre o túmulo em que jaz um ser amado. Mesmo de dia, era necessário obter um passe de entrada durante o inverno e uma senha diferente para o verão. Está claro que dentre todos os porteiros de Paris, o do Père-Lachaise era o mais feliz. Em primeiro lugar, ele não precisa tocar nenhuma campainha para pedir permissão antes de abrir a porta... Em segundo lugar, ele não tem um cubículo mesquinho à entrada do prédio, recebe uma casa, um estabelecimento que não é exatamente um ministério, ainda que tenha um número imenso de administrados e diversos empregados. Depois, esse administrador dos mortos recebe um belo salário e dispõe de um poder imenso sobre seus locatários, nenhum dos quais tem o direito de se queixar de nada; ele pratica as suas arbitrariedades à vontade. Seu alojamento não é simplesmente uma casa de comércio, tem um jeito mais de escritório, tem uma seção de contabilidade, tem de registrar receitas, despesas e lucros... Esse homem não é nem um leão-de-chácara, nem um guarda-portão, nem muito menos um simples porteiro; a porta que recebe os novos mortos está sempre escancarada; mais ainda, embora exista uma grande quantidade de monumentos para conservar, ele não é em absoluto um zelador. Na verdade, seu ofício é uma anomalia indefinível, uma autoridade que participa de tudo e ao mesmo tempo não representa nada, uma autoridade colocada por fora de tudo, como a morte

de que vive. E no entanto, esse homem excepcional representa a cidade de Paris, esse ser quimérico como o navio a vela que está em seu brasão, uma criatura movida por mil patas, de movimentos desiguais de tal modo que seus empregados são praticamente irremovíveis. Esse guardião do cemitério é, portanto, um porteiro elevado à condição de funcionário público e não sofre os efeitos da demolição do prédio em que trabalha. Mas seu ofício não é uma sinecura: ele não deixa enterrar ninguém sem ver primeiro a autorização da polícia, ele tem de prestar conta de seus mortos a uma autoridade superior, ele indica em que lugar daquele vasto campo de mortos estão os sete palmos de terra onde se pode enfiar um dia tudo quanto se ama, tudo o que se odeia, tanto uma amante como um primo. Sim, porque, ninguém duvide, todos os sentimentos de Paris acabam chegando a seu escritório e nele são devidamente catalogados e administrados. É esse homem que mantém os registros necessários para deitar os mortos: eles se encontram ao mesmo tempo em suas sepulturas e nas pastas de seu fichário. Dele dependem os guardas do cemitério, os jardineiros, os coveiros e seus ajudantes. É uma pessoa bem importante. As pessoas aflitas não têm permissão para vê-lo de imediato, só podem falar-lhe depois de seguirem o protocolo. Na verdade, ele só se apresenta nos casos mais graves: um morto confundido com outro, um defunto assassinado, uma exumação, um morto que ressuscita... O busto do rei atual está sempre em um lugar de honra em sua sala e, provavelmente, ele tem um lugar onde guarda os antigos bustos reais, imperiais e quase-reais, talvez dentro de um armário grande, uma espécie de Père-Lachaise em miniatura, onde são enterradas as revoluções. Enfim, é um homem público, um homem de bons sentimentos, bom pai e bom esposo, epitáfios à parte. Mas tantos sentimentos diversos já passaram diante dele sob a forma de carros fúnebres; já viu tantas lágrimas, verdadeiras e falsas; pior ainda, viu a dor e o luto estampados em tantas faces ou escondidos por baixo de outros tantos rostos, ele já assistiu a seis milhões de dores eternas!... Para ele, a tristeza não é mais que uma lápide de onze linhas de espessura, um metro e vinte de altura e 55 centímetros de comprimento. Quanto às infelicidades dos enlutados, são o maior aborrecimento que encontra em sua função, não almoça nem janta sem receber a chuva do pranto inconsolável. Ele é bom e carinhoso para com todas as outras afeições; pode chorar por qualquer heroizinho de romance, pode lamentar o destino de *monsieur Germeuil*, o personagem do *Auberge des Adrets*, o homem que usava calças da cor de manteiga fresca e que é assassinado na peça por Macaire;[\[14\]](#) mas seu coração se calcificou no lugar em que poderia prantejar as mortes verdadeiras. As mortes transformaram-se para ele em outros tantos números; afinal de contas, sua função é justamente a de transformar a morte em um negócio organizado. Todavia ocorrem, talvez três vezes em um século, certas situações em que seu papel se torna sublime e age com sublimidade imediatamente e sem hesitação... é quando ocorre uma epidemia na cidade.

Quando Jacquet o abordou, esse monarca absoluto estava tomado de cólera.

– Eu dei ordens expressas a vocês – gritava ele com os funcionários. – Eu mandei que regassem as flores desde a Rue Masséna até a Place Regnault de Saint-Jean-d’Angély! Vocês fizeram pouco da minha ordem, vocês nem me deram bola! Seu bando de imprestáveis! Se os parentes resolverem vir visitar, logo hoje que o dia está bonito, é de mim que vão reclamar! Vão gritar como se estivessem sendo queimados vivos, vão me fazer escutar horrores e ainda vão sair me caluniando...

– Cavalheiro – disse-lhe Jacquet. – Gostaríamos de saber onde se acha inumado o corpo de madame Jules...

– Madame Jules *de quê?*... – quis saber ele. – Nestes últimos oito dias, recebemos três madames Jules e... – Então se interrompeu, enquanto olhava para o portão e depois recomeçou: – Ah, está chegando o cortejo funerário do coronel Maulincour, vá um de vocês pedir a autorização... Um belo

cortejo, sim, senhor! Chegou logo depois da avó... Há famílias que degradingolam como se tivessem feito uma aposta sobre quem vem primeiro... Esses parisienses são fracos, têm sangue ruim...

– Cavalheiro – disse Jacquet, segurando-lhe o braço. – A pessoa que procuramos é madame Jules Desmarests, a esposa do agente de câmbio...

– Ah, sei quem é – respondeu ele, olhando finalmente para Jacquet. – Não foi aquele cortejo fúnebre em que havia treze carros funerários e um único parente dentro de cada um dos doze primeiros...? Foi uma coisa tão engraçada, que nos chamou a atenção...

– Senhor, tenha cuidado. *Monsieur* Jules está comigo e pode escutar o que o senhor está dizendo. O que me falou não é conveniente...

– Perdão, cavalheiro, o senhor tem razão. Desculpe-me, eu pensava que vocês dois fossem só herdeiros...

Depois de consultar um mapa do cemitério, ele retomou a palavra:

– Cavalheiro, madame Jules está na Rue du Marechal Lefèbvre, na quarta aléia, entre *mademoiselle* Raucourt, a atriz da Comédie-Française, e *monsieur* Moreau-Malvin<sup>[15]</sup>, um açougueiro muito rico, para o qual já foi encomendado um mausoléu de mármore branco e acho que, realmente, vai ser um dos mais bonitos de nosso cemitério.

– Cavalheiro – disse Jacquet, interrompendo o monólogo do porteiro. – Essa informação ainda não nos ajudou muito...

– Tem razão – disse o outro, olhando em volta. Percebeu um homem que se aproximava e gritou: – Jean! Conduza estes cavalheiros até a cova onde foi enterrada madame Jules, aquela que era mulher de um agente de câmbio! Você sabe qual é, perto de *mademoiselle* Raucourt, aquele sepulcro que tem um busto em cima...

E os dois amigos puseram-se a caminhar, conduzidos por um dos guardas do cemitério; mas não conseguiram chegar até o caminho que sobe pela ladeira que vai dar na rua de cima do campo santo sem terem escutado mais de vinte propostas de agentes de marmorarias, de fábricas de letras de metal, argolas e outros acessórios e de oficinas de escultura, que se aproximavam deles com a mais melosa e falsa das gentilezas.

– Se o cavalheiro quiser mandar construir *qualquer coisa*, podemos fazer negócio por um preço muito conveniente...

Jacquet foi hábil o bastante para evitar que chegassem aos ouvidos de seu amigo essas palavras que causariam tanto horror a corações ainda sangrando, até que chegaram ao lugar de repouso que buscavam. Ao ver a terra recentemente recolocada sobre a tumba, em que os pedreiros haviam fincado estacas para marcar o lugar dos blocos de cimento necessários ao serralheiro para colocar a grade ao redor do sepulcro, Jules apoiou-se no ombro de Jacquet; depois, erguia a cabeça a intervalos para lançar longos olhares sobre aquele monte de argila sob o qual era forçado a deixar os despojos do ser pelo qual ainda vivia...

– Mas como ela está mal alojada aí! – protestou.

– Mas não é ela que está aí – respondeu-lhe Jacquet. – Ela está em sua memória. Tudo bem, vamos embora, vamos sair deste horrível cemitério em que os mortos são enfeitados como mulheres para um baile...

– Vamos tirá-la daqui!

– Mas não é possível!...

– Tudo é possível!... – exclamou Jules.

Fez uma pausa e continuou:

– Pois então, sou eu que venho para cá. Ainda há lugar...

Jacquet conseguiu tirá-lo daquele lugar dividido como um tabuleiro de xadrez por grades de bronze, por elegantes compartimentos em que estavam encerrados vários túmulos enfeitados por palmas esculpidas, cheios de inscrições tumulares, lágrimas gravadas, tão frias quanto as pedras que haviam servido às pessoas enlutadas para a perpetuação de seus pesares ou de seus brasões de família. Existem ali centenas de frases inspiradas gravadas em negro, epigramas destinados a afastar os curiosos, *concelli*, [16] adeuses espirituosos, encontros marcados a que somente uma pessoa comparece, biografias pretensiosas, ouropéis, enfeites, lantejoulas. Aqui vemos *tirsos*, [17] como usavam os gregos, além de pontas de lança; um pouco mais adiante, urnas em estilo egípcio; em alguns pontos, encontram-se até canhões e, por toda parte, os emblemas de mil profissões; misturam-se todos os estilos: mourisco, grego, gótico, frisos e colunas, pinturas e urnas, gênios e templos, carneiras perpétuas já rachadas no meio de roseiras mortas. Que comédia mais infame! É Paris, mais uma vez, com suas ruas, suas tabuletas, suas indústrias, suas mansões; mas contemplada pelo lado errado de uma luneta, vista pela lente redutora, uma Paris microscópica, reduzida às pequenas dimensões das sombras, das larvas, dos mortos, um ramo da espécie humana que não tem mais nada de grande senão sua vaidade. Olhando por cima dos muros, Jules viu a seus pés, estendida ao longo do grande vale do rio Sena, entre as colinas de Vaugirard e de Meudon, de Belleville e de Montmartre, a verdadeira Paris, envolvida em uma neblina azulada, produzida justamente pela fumaça que se evolava de tantos lugares e que a luz do sol tornava mais diáfana. Com um golpe de vista furtivo, ele abrangeu aquelas quarenta mil casas e falou, mostrando o espaço compreendido entre a coluna da Place Vendôme e a cúpula de ouro dos Invalides:

– Foi lá que ela me foi roubada, pela funesta curiosidade dessa gente que se agita e se apressa tanto, somente para continuar a se apressar e a se agitar...

A quatro léguas dali, às margens do Sena, em uma modesta aldeia assentada na encosta de uma das colinas que fazem parte dessa longa cadeia de montanhas, no meio das quais a grande Paris se agita como uma criança em seu berço, passava-se também outra cena de morte e de luto, mas liberada de todas as pompas parisienses, sem acompanhamento de archotes ou de círios, sem carros fúnebres envoltos em panos negros, sem sequer a presença de padres católicos, uma morte simplesmente. O fato era o seguinte: o corpo de uma jovem viera encalhar de madrugada na margem, entre a lama e os juncos do Sena. Dois tiradores de areia, que iam para o trabalho, perceberam o cadáver quando subiam a seu frágil barquinho:

– Olhe só! Já ganhamos cinquenta francos... – disse um deles. [18]

– É verdade!... – concordou o outro.

E levaram o bote até onde estava a morta.

– Mas é uma moça bem bonita – comentou o primeiro.

– Vamos dar parte agora... – ajuntou o segundo.

Desse modo, depois de haverem puxado o cadáver até a margem e colocado sobre ele seus próprios casacos, os dois tiradores de areia foram até a casa do prefeito da aldeia, que ficou bastante aborrecido por ter de abrir um inquérito, conforme a lei exigia naqueles casos.

O rumor do acontecimento expandiu-se com a rapidez telegráfica característica dos países em que as comunicações sociais não sofrem solução de continuidade e nos quais a maledicência, as fofocas e as calúnias e outros tipos de falatório inútil, de que a sociedade tanto se alimenta, não deixam qualquer

lacuna de uma fronteira a outra. Mas não demorou muito para que certas pessoas acudissem à pequena subprefeitura rural e livrassem o subprefeito de futuros embaraços. O inquérito acabou se tornando uma simples certidão de óbito. Através de sua intervenção, o corpo da garota foi reconhecido como pertencente a *demoiselle* Ida Gruget, fabricante de corseletes, residente da Rue de la Corderie-du-Temple, número 14. A polícia civil de Paris interveio, a viúva Gruget, mãe da defunta, foi convocada e chegou, trazendo consigo a última carta de sua filha. Por entre os gemidos da mãe, um legista constatou asfixia por invasão de sangue negro no sistema pulmonar e tudo foi concluído. Completado o inquérito, recolhidas as informações pertinentes, as autoridades responsáveis permitiram a inumação da costureirinha naquela mesma tarde, às seis horas. O cura local, por ser um suicídio, recusou-se a recebê-la na igreja e até mesmo a rezar por ela. Ida Gruget foi então amortalhada em um pano de linho grosseiro por uma velha camponesa e colocada dentro de um caixão de pinho barato, levada ao cemitério por quatro homens, acompanhada por algumas camponesas curiosas, que comentavam essa morte com uma surpresa temperada por comiseração. A viúva Gruget foi caridosamente levada para a casa de uma velha senhora, que a impediu de se unir ao triste cortejo fúnebre de sua filha. Um homem que executava três tarefas associadas, sineiro, sacristão e coveiro da paróquia, já havia aberto uma cova no cemitério da aldeia, um cemitério pequenino, situado por trás da igreja; aliás, uma igreja de um tipo bem conhecido, de linhas clássicas, ostentando uma torre quadrada de teto pontiagudo recoberto por telhas de ardósia, sustentada exteriormente por esses contrafortes angulosos que distribuem o peso dos telhados. Por trás do semicírculo onde se localizava o coro, ficava o cemitério, cercado por uma mureta arruinada, um campo santo de montículos, sem lápides de mármore, nem tampouco visitantes; todavia, sobre cada sepultura protegida por valados haviam sido derramados os prantos e as lástimas sinceras que faltaram a Ida Gruget. Ela foi sepultada em um canto afastado, entre espinheiros e moitas de ervas daninhas. Quando o caixão de pobre foi descido à cova aberta do campo santo tão poético por sua simplicidade, o coveiro já estava só e a noite caía. Enquanto enchia a cova, ele descansava a intervalos e ficava olhando para o caminho estreito que ficava além do muro. Ali estava ele, com a mão apoiada no cabo de seu galvião, uma enxada quadrada, contemplando o Sena, que lhe trouxera aquele cadáver.

– Pobre garota!... – exclamou um homem, que chegara repentinamente por trás dele.

– Puxa, o senhor me assustou, cavalheiro! – disse o coveiro.

– Houve um ofício de encomendação da alma dessa menina que o senhor está enterrando?

– Não, patrão. O senhor cura não quis fazer... Sabe que esta é a primeira pessoa que foi enterrada aqui, sem ser da paróquia? Esse pessoal que está aí embaixo, essa gente toda se conhece... Será que o senhor...? Ué, já foi embora!

Passaram-se alguns dias e um homem vestido de negro se apresentou diante da casa de *monsieur* Jules e, sem querer falar com ele, foi até o quarto de sua mulher e lá colocou uma grande urna de pórfito, sobre cuja superfície haviam sido inscritas as seguintes palavras em latim.

INVITA LEGE  
CONJUGI MOERENTI  
FILIOLAE CINERES  
RESTITUIT  
AMICIS XII JUVANTIBUS

– Que homem!... – murmurou Jules, afundando-se em novo jorro de lágrimas.

Bastaram oito dias para que o corretor obedecesse a todos os desejos de sua esposa e colocasse seus negócios em ordem; vendeu seu escritório ao irmão de Martin Falleix[20] e partiu da cidade enquanto a Administração de Paris ainda discutia se era lícito ou não a um cidadão particular decidir o destino que deveria ser dado ao cadáver de sua esposa.

[1]. O soldo valia a vigésima parte de um franco, portanto uma moeda de quarenta soldos equivalia a dois francos. Originalmente, o *sou*, ou soldo, era o pagamento de um dia de serviço de um oficial do exército, uma pequena moeda de ouro em vigor desde o tempo do imperador Constantino. (N.T.)

[2]. O filho mais moço de Jacó, cujo nascimento custou a vida de Raquel (*Gênesis*, 35) e que era também o seu favorito; por extensão, o favorito de qualquer grupo de pessoas. (N.T.)

[3]. D. João VI (1767-1826), rei a partir de 1816. (N.T.)

[4]. Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), escritor e eclesiástico francês. A referência é ao *Sermão sobre a morte*, em que refere que o corpo tomará outro nome, tornando-se um não-sei-quê que não tem nome em nenhuma língua. (N.T.)

[5]. O Dia da Ira Divina, o Dia do Juízo Final. Em latim no original. Prece composta pelo frade franciscano Tommaso da Celano, no século XIII, que era italiano, e não espanhol, como escreve Balzac, um pouco mais adiante. (N.T.)

[6]. Túmulo ou monumento funerário em memória de alguém cujo corpo não se acha sepultado ali. Mas, neste caso, o corpo de Clémence estava dentro do ataúde. (N.T.)

[7]. Identificado como Élie, conde e depois duque Decazes (1780-1860), advogado, juiz e comissário-geral da polícia antes de se tornar ministro do Interior; o ministro do Exterior citado foi identificado como Jean-Joseph-Paul-Augustin, marquês Dessolle (1767-1828). (N.T.)

[8]. Identificados respectivamente como o barão Trigant de la Tour (1793-1852) e o barão Louis-André Pichon (1771-1850). (N.T.)

[9]. Aqui e agora. Em latim no original. (N.T.)

[10]. Historiador grego (50-125 d.C.), referido freqüentemente por Balzac ao indicar que certos personagens reais ou imaginários mereceriam ter suas biografias escritas por ele. (N.T.)

[11]. Planície em que se localiza o Bois de Boulogne. A observação refere o fato inegável de que é impossível separar as cinzas do morto daquelas da lenha que foi usada para consumi-lo, portanto, as urnas levariam partes consideráveis das árvores do bosque. (N.T.)

[12]. Conselho paroquial. (N.E.)

[13]. Em italiano no original. Cicerones, guias turísticos. (N.T.)

[14]. Personagens da peça popular *Auberge des Adrets*, estreada no L’Ambigu-Comique em 1832, cuja autoria resultou da colaboração entre B. Autier, Saint-Amand e Paulyanthe e cujo sucesso se deveu à atuação do ator Frédéric Lemaître, que transformou o criminoso Macaire em um príncipe do crime. (N.T.)

[15]. Françoise-Marie-Antoinette Saucerotte, cujo nome artístico era Mademoiselle Raucourt (1756-1815), foi encarregada em 1805 por Napoleão de organizar uma turnê cultural pelas capitais da Europa com os melhores artistas da Comédia Francesa. O açougueiro Moreau-Malvin também foi um personagem real, e o mausoléu referido ainda existe. (N.T.)

[16]. Pensamentos brilhantes, conceitos filosóficos. Em italiano no original. (N.T.)

[17]. Do grego *thursos*, bastão, vara ou lança de metal. As bacantes usavam tirsos para repelir os rapazes fantasiados de sátiros que se tornassem demasiado insistentes. (N.T.)

[18]. Era costume que os operários fossem indenizados pela subprefeitura pelo tempo perdido com salvamentos ou recuperação de corpos; antes dessa prática, era comum que deixassem os mortos entregues a si mesmos, porque perderiam pelo menos o salário de uma manhã ou tarde. (N.T.)

[19]. “Em desafio à lei, um pai às portas da morte restitui ao marido inconsolável as cinzas de sua filhinha, com a ajuda de doze amigos que o acompanham desde sua juventude.” Em latim no original. (N.T.)

[20]. Jacques Falleix, agente de câmbio, irmão de Martin Falleix, dono de uma fundição; ambos personagens fictícios balzaquianos. (N.T.)

## CAPÍTULO V

---

### *Conclusão*

Quem não terá encontrado nos belos bairros de Paris, ao dobrar uma esquina ou sob as arcadas do Palais-Royal ou em qualquer outro lugar da cidade em que o acaso decidiu apresentar-lhe, um ser, homem ou mulher, cujo aspecto faz nascer mil pensamentos confusos em seu espírito!? Sua visão desperta subitamente nosso interesse ou pelos traços fisionômicos, cuja conformação bizarra anuncia uma vida agitada, ou pelo conjunto curioso que apresentam seus gestos, sua aparência, sua maneira de andar, suas roupas ou então por algum olhar profundo ou qualquer outro não-sei-quê que nos captura fortemente a imaginação de repente, sem que consigamos explicar com precisão nem a nós mesmos a causa ou o nome dessa estranha emoção. Depois, no dia seguinte, outros pensamentos e outras imagens parisienses carregam consigo esse sonho passageiro... Mas se encontrarmos novamente esse mesmo personagem, seja passando sempre no mesmo horário, como um funcionário da Prefeitura que a ele pertence por um casamento de oito horas por dia, seja vagueando pelas calçadas ou jardins, como essa gente que parece o mobiliário adquirido pelas ruas de Paris e que se encontra em qualquer praça, parque ou outro lugar público, em suas estréias de peças de teatro ou nos restaurantes, de que constituem o mais belo e mais freqüente ornamento, pois então essa criatura se imiscui definitivamente em nossas recordações e aí permanece como o primeiro volume de um romance cujo final não pudemos comprar. Claro que nos sentimos tentados a interrogar esses desconhecidos e dizer: “Quem é você? Por que está passando por aqui? Que direito tem de usar esse colarinho plissado, essa bengala de castão de marfim ou esse colete engomado? Por que usa esses óculos azuis de lente dupla, ou por que razão usa essa gravata elegante de um janota?”. Entre essas criaturas errantes, umas pertencem à raça dos deuses Termos:[\[1\]](#) não comunicam nada às almas com quem se encontram: *simplesmente estão ali*, indiferentes a tudo; por que se apresentam, ninguém pode dizer; usam esses rostos semelhantes aos que servem de modelo aos escultores para representar as quatro estações, o comércio ou a abundância. Outros foram antigamente procuradores, negociantes aposentados ou generais reformados, e lá vão eles, caminhando sempre e parecendo estar sempre imóveis. São como essas árvores que a gente encontra meio desarraigadas à beira de um rio que transbordou durante a última tempestade: não parecem fazer parte nunca da larga torrente humana de Paris, nem de sua multidão jovem e ativa. É impossível saber se já morreram e esqueceram de sepultá-los ou se eles foram enterrados e, de algum modo, conseguiram escapar de seus ataúdes; é quase como se fossem fósseis. Pois um desses Melmoths[\[2\]](#) parisienses vinha há vários dias misturar-se com aquela gente prudente e sossegada que, sempre que o tempo está bom, vem povoar infalivelmente o espaço demarcado pela grade sul do Palais du Luxembourg e o gradil norte do Observatório Astronômico, esse espaço sem gênero, esse espaço neutro no seio de Paris. Com efeito, nesse lugar limitado, não existe mais

Paris; e entretanto, Paris ainda está ali. Esse lugar é a um só tempo uma praça, uma rua, um bairro, uma fortificação, um jardim, uma avenida, uma estrada, uma província e a própria capital: ali se encontra tudo e tudo é representado; mas ao mesmo tempo, não há nada ali: é só um deserto. Ao redor desse lugar sem nome se elevam os Enfants-Trouvés,<sup>[3]</sup> La Bourbe,<sup>[4]</sup> o hospital Cochin, les Capucins,<sup>[5]</sup> o hospício la Rochefoucauld, les Sourds-Muets<sup>[6]</sup> e o hospital do Val-de-Grâce; em uma palavra, todos os vícios e todas as infelicidades de Paris encontram asilo nesse quarteirão; e, para que nada faltasse a esse recinto filantrópico, a Ciência também se apresentou aí, para estudar as marés e as longitudes; *monsieur* de Chateaubriand<sup>[7]</sup> construiu aí a enfermaria Marie-Thérèse e, finalmente, até as carmelitas fundaram nessa zona seu convento. As grandes situações da vida são representadas pelos relógios que batem as horas incessantemente nesse lugar deserto, pela mãe que se hospitaliza para o parto e pela criança que nasce, pelo vício que sucumbe e pelo operário que morre, pela virgem que reza e pelo velho que sente frio e até mesmo pelo gênio que engana a si mesmo. Um pouco mais além, a dois passos dali, está o cemitério de Montparnasse, que atrai de hora em hora os pobres cortejos funerários do Faubourg Saint-Marceau. Esta esplanada, de onde se pode avistar Paris inteira, foi conquistada por jogadores de bocha, velhas cabeças grisalhas, cheias de bonomia, essa gente corajosa que continua a saga de nossos antepassados e cujas fisionomias só podem ser comparadas às de sua platéia, aquela galeria ambulante que os cerca e os acompanha. O homem que poucos dias antes se tornara o novo habitante do bairro deserto assistia assiduamente às partidas de bocha e podia, muito certamente, ser a criatura mais marcante desses grupos de basbaques que, se fosse permitido classificar os parisienses dentro das diferentes classes da zoologia, pertenceriam ao gênero dos moluscos. Esse recém-chegado movia-se em sincronia com o *cochonnet*, o “porquinho”, aquela bola menor que se joga primeiro e serve de ponto de mira e que é o centro do interesse no jogo de bocha. Ele se apoiava contra o tronco de uma árvore perto do lugar em que a bolinha parava. Depois, com a mesma atenção que um cachorro dirige aos gestos de seu dono, ficava olhando as bolas maiores, voando pelo ar ou rolando pela terra. Era como se fosse o gênio protetor da bolinha. Nunca dizia nada e os jogadores, os homens mais fanáticos entre todos os fanáticos que se possam encontrar, mais fanáticos que quaisquer sectários da religião mais intransigente, nunca o haviam interrogado para saber os motivos que o levavam a esse silêncio obstinado, se bem que alguns dentre eles achassem que era um pobre surdo-mudo saído do hospital que ficava ali perto. Nas ocasiões em que se tornava necessário determinar as diferentes distâncias entre as bochas e o *cochonnet*, ele oferecia a bengala e, a partir de então, a bengala do desconhecido tornou-se a medida infalível; nem esperavam mais que a oferecesse, os jogadores se aproximavam, sem dizer palavra, tomavam-na das mãos geladas do velhote, não lhe dirigiam uma só frase, sequer faziam um gesto de amizade. O empréstimo temporário de sua bengala era uma espécie de servidão à qual ele consentira tacitamente. Quando se derramava um aguaceiro súbito, ele ficava perto da bolinha, escravo das bochas, guardião da intocabilidade da partida começada. A chuva não o incomodava mais que o bom tempo; ele era, como os eternos jogadores, uma espécie intermediária entre os parisienses dotados da menor inteligência e os animais que a possuem em grau maior. Além disso, pálido e murcho, sem o menor cuidado por si mesmo, distraído como quem pensa em algo distante, ele chegava freqüentemente com a cabeça nua, mostrando os cabelos grisalhos quase brancos, a calva enrugada, a pele amarelada sobre o crânio, descarnada, lembrando um Joelho que espia através da calça de um mendigo. Andava vacilante e curvado, o olhar vazio, como se não houvesse idéias por detrás dele, os passos incertos, como se cada pé tivesse de apoiar o outro ao andar; não sorria

nunca, jamais erguia o rosto para o céu, mantinha habitualmente os olhos cravados no chão, onde parecia estar sempre procurando alguma coisa. Às quatro horas, aparecia uma velha, que vinha buscá-lo para ir não se sabe aonde, segurando-o pelo braço e levando-o quase a reboque, como uma garotinha puxa um bode caprichoso que ainda quer pastar mais um pouco, embora já seja hora de voltar ao estábulo para passar a noite em segurança. Falando francamente, a retirada diária do velhote era uma coisa horrível de ver.

À tarde, Jules, sozinho em uma caleça[8] de viagem conduzida rapidamente pela Rue de l'Est, desembocou na esplanada do Observatório justo no momento em que o velho, apoiado contra uma árvore, como de costume, deixava que lhe tomassem a bengala no meio das vociferações de alguns jogadores pacificamente irritados uns contra os outros. Jules, acreditando reconhecer aquela figura, já ia mandar parar o veículo, quando o carro estacionou precisamente em frente a ela. De fato, o postilhão estava apertado por duas charretes e achou melhor não pedir passagem àquele bando mal-humorado de jogadores de bocha. O cocheiro respeitava muito qualquer arruaça que encontrasse.

– Mas é ele!... – murmurou Jules de si para si, reconhecendo finalmente naquele destroço humano Ferragus XXIII, o chefe dos Devoradores. – Como ele a amava!... – sussurrou após uma pausa. A seguir, gritou uma ordem: – Ande logo, cocheiro!

Paris, fevereiro de 1833.

[1]. Termo era o deus latino protetor dos limites das propriedades rurais. Inicialmente era representado apenas por uma pedra retangular erguida onde acabava a propriedade, o marco, ou término. Depois foi identificado com Hermes ou Mercúrio e o marco passou a ter a cabeça desse deus, às vezes com braços, mas nunca com pernas, porque jamais deveria deixar aquele lugar. Era adorado pelos agricultores que celebravam as *terminae* uma vez por ano. (N.T.)

[2]. Personagem-título de um romance de Charles Robert Maturin (1782-1824), escritor irlandês, pastor anglicano e dramaturgo. (N.T.)

[3]. Abrigo para crianças abandonadas. (N.T.)

[4]. Maternidade localizada no antigo convento de Port-Royal. O nome significa “lodo”. (N.T.)

[5]. O convento franciscano dos “capuchinhos”. (N.T.)

[6]. Abrigo dos surdos-mudos. (N.T.)

[7]. François-René, visconde de Chateaubriand (1768-1848), escritor e estadista, um dos criadores do romantismo francês. (N.T.)

[8]. Carruagem fechada de quatro rodas, própria para viagem, com dois bancos acolchoados, um de frente para o outro, para até oito passageiros, puxada por uma parelha de cavalos. (N.T.)

# A DUQUESA DE LANGEAIS

---

## DOCUMENTOS

---

### *NOTA PUBLICADA EM LA REVUE DE PARIS COMO APÊNDICE A FERRAGUS*

Esta aventura, na qual aparecem várias fisionomias parisienses, e em cujo relato as digressões eram, de certa forma, o assunto de maior importância para o autor, mostra a fria e poderosa figura do único personagem, na grande sociedade dos Treze, que sucumbiu sob o jugo da Justiça, em meio ao duelo que estes homens travavam secretamente à confraria.

Se o autor conseguiu pintar algumas das faces de Paris, percorrendo a cidade em sua altura e comprimento; indo do Faubourg Saint-Germain ao Marais; da rua ao quarto particular; da mansão à mansarda; da prostituta àquela figura de uma mulher que havia colocado seu amor no casamento; do movimento da vida ao repouso da morte, talvez ele tenha a coragem de prosseguir nesta empresa e de terminá-la, dando-nos duas outras histórias em que as aventuras de dois novos Treze serão trazidas à luz.

A segunda terá por título: *Ne touchez pas à la Hache* [Não se ceifa com machado] e a terceira será *La Femme aux yeux rouges* [A mulher dos olhos vermelhos].

Estes três episódios da *Histoire des Treize* [História dos Treze] são os únicos que o autor pode publicar. Quanto aos demais dramas desta história tão fértil em dramas, podem ser contados entre as onze horas e a meia-noite; mas é impossível escrevê-los.

Abril de 1833.

## INTRODUÇÃO

---

### *O maior amor do mundo*

*Supõe-se que Balzac entendeu o organismo feminino como ninguém o fez jamais antes dele. Pode-se dizer, na verdade, que as mulheres são a pedra angular de A comédia humana. Se os homens lhe fossem tirados haveria grandes brechas e fendas, mas se lhe tirassem as mulheres toda a estrutura ruiria.*

HENRY JAMES<sup>[1]</sup>

Uma bela e fascinante mulher cortejada por toda a sociedade parisiense. Bailes, saraus e uma atmosfera de intensa frivolidade que oculta paixões efêmeras e amores trágicos. Neste ambiente, o nobre general Montriveau, homem duro, veterano das guerras napoleônicas, cativo na África, célebre por sua coragem pessoal, sucumbe aos encantos da bela duquesa de Langeais, cujo casamento de conveniência impede que seu amor seja consumado.

Este choque de paixões violentas, a descrição de amores trágicos e grandiloqüentes, o confronto da mulher inacessível, de um homem dilacerado pela paixão e o final de tragédia grega fazem de *A duquesa de Langeais* um dos mais célebres e deliciosos livros de *A comédia humana*.

Romanesca ao extremo, esta história – exemplo da ousadia formal de Balzac – se movimenta em *flashback*, começando perto do fim e retornando ao início, para precipitar-se ao desfecho exaltado e trágico. A ação combina cenários que atijam a imaginação, como sofisticados endereços parisienses e um convento das carmelitas descalças incrustado nas falésias de uma ilha perdida no Mediterrâneo. O general Montriveau chega a este fim de mundo graças aos seus “amigos” confrades, depois de incansáveis buscas. A descrição, no início do livro, da missa na capela do convento das carmelitas, onde o general identifica sua amada por meio da dramaticidade com que é executado ao órgão o magnífico *Te Deum* e o solene *Magnificat*, é digna de um grande mestre da literatura mundial como foi Honoré de Balzac. Enlouquecido, Montriveau conclui que seu grande amor está lá e fala com ele pelas notas divinas que ecoam pelas altas abóbadas góticas do velho mosteiro.

Devido aos seus fortes componentes auto-referentes, os biógrafos de Balzac são unânimes em estabelecer este livro como uma “vendetta” contra o seu desastrado *affair* com a marquesa de Castries, mulher belíssima que deslumbrava o *Faubourg Saint-Germain*, em Paris, reduto da melhor e mais antiga aristocracia francesa. Sobrinha do duque de Fitz James, congressista pertencente à oposição monarquista no parlamento de Louis Philippe, a marquesa unia a beleza estonteante ao charme, o glamour e o poder da aristocracia que tanto deslumbravam Balzac. Perdidamente apaixonado, Balzac lançou-se na conquista da marquesa que havia mantido um romance com o príncipe de Metternich, filho do célebre chanceler Metternich. Ela deu todos os sinais de que poderia retribuir seu amor, mas a verdade é que, para o desespero do escritor, jamais consumou suas intenções. Muitas foram as oportunidades, as promessas,

mas a marquesa nunca cedeu, terminando por simplesmente descartar Balzac. Ele ficou desesperado, e na sua correspondência vemos um homem destroçado pela paixão, amargurado pelo desejo de vingança. Ele seria Armand Montriveau, e a marquesa, a duquesa de Langeais. A vingança perfeita seria um romance de sucesso com a personagem principal inspirada no seu fracassado caso de amor. Mas há na correspondência descoberta entre Balzac e a marquesa de Castries quase um pedido de perdão por ele ter pensado em compará-la ao seu personagem, demonstrando que este *affair* deixou marcas que perduraram muito tempo no coração do escritor.

Considerado um dos mais emocionados e emocionantes romances de Honoré de Balzac, *A duquesa de Langeais* desce aos mais profundos abismos da condição humana ao descrever um amor sem limites que luta contra uma sociedade carcomida por um mar de intrigas, convenções e aparências.

Segundo livro da trilogia *História dos Treze* (a sociedade secreta Os Treze Devoradores, composta por treze membros unidos pela obrigação de auxiliarem-se e protegerem-se entre si, mesmo que para isso fosse necessário burlar a lei e a moral). Ao contrário de *Ferragus*, no qual um dos protagonistas é o chefe da sociedade secreta Os Treze Devoradores, neste livro temos apenas sugerida a participação do general Montriveau na sociedade que o auxilia a descobrir o paradeiro da duquesa. *A menina dos olhos de ouro* é o terceiro livro que complementa a trilogia *História dos Treze*. Aproveitando o grande interesse romântico do público da época por narrativas envolvendo sociedades secretas, o gênio arguto de Balzac concebeu esta trilogia tendo como pano de fundo uma dessas sociedades. *Ferragus* foi publicado em folhetim, entre maio e abril de 1833, pela *Revue de Paris*. Devido a divergências quanto à propriedade do direito autoral, Balzac rompeu com a *Revue de Paris*, e *A duquesa de Langeais* começou a ser publicada no periódico *L'Écho de la jeune France* com o título geral de *Ne touchez pas la hache* (Não toque no machado), no mesmo ano. Balzac brigou com o redator-chefe, que lhe impediu de fazer correções no terceiro capítulo e decidiu interromper a publicação. A história na íntegra foi publicada em 1834 em livro. Na reedição, em 1839, o romance foi publicado com o título definitivo de *A duquesa de Langeais*.

Quando Balzac decidiu unificar a sua obra num grande conjunto intitulado *A comédia humana*, estes três livros, entre outros, foram colocados na série *Cenas da vida parisiense*. E de fato, nos três, Paris é um personagem dominante. Por meio de poderosas descrições das vielas, monumentos, mansões, palácios, Paris desfila diante do leitor com todo o seu mistério e sua grandeza, em descrições memoráveis que imortalizaram a cidade e impulsionaram o mito de Paris como a grande cidade do Ocidente diante dos leitores de todo o mundo.

I.P.M.

[1]. Henry James (1843-1916), romancista e crítico americano naturalizado inglês. (N.E.)

# A duquesa de Langeais

*A Franz Listz\**

## CAPÍTULO I

---

### *A irmã Thérèse*

Numa cidade espanhola situada numa ilha do Mediterrâneo, existe um convento de carmelitas descalças onde a regra da ordem instituída por santa Teresa conservou-se no rigor primitivo da reforma proposta por essa ilustre mulher. O fato é verdadeiro, por extraordinário que possa parecer. Embora as casas religiosas da península e as do continente tenham sido quase todas destruídas ou atingidas pelos estilhaços da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas, essa ilha, seu rico convento e seus pacíficos habitantes ficaram abrigados das perturbações e espoliações gerais, graças à proteção constante da marinha inglesa. As tempestades de todo gênero que agitaram os quinze primeiros anos do século XIX dissolveram-se, portanto, diante desse rochedo, pouco distante das costas da Andaluzia. Se o nome do Imperador veio ressoar até essas plagas, é duvidoso que seu fantástico cortejo de glória e a flamejante majestade de sua vida meteórica tenham sido compreendidos pelas santas mulheres ajoelhadas nesse claustro. Uma rigidez conventual que nada havia alterado recomendava esse asilo a todas as memórias do mundo católico. Assim, a pureza de sua regra atraiu, dos pontos mais afastados da Europa, tristes mulheres cujas almas, despidas de todos os laços humanos, suspiravam por esse longo suicídio efetuado no seio de Deus. Aliás, nenhum convento era mais favorável ao desapego completo das coisas deste mundo, exigido pela vida religiosa. No entanto, há no Continente um grande número dessas casas magnificamente construídas em conformidade com seu propósito. Algumas estão sepultadas no fundo dos vales mais solitários; outras, suspensas no alto das montanhas mais escarpadas, ou à beira dos precipícios; em toda parte o homem buscou as poesias do infinito, o solene horror do silêncio; em toda parte quis colocar-se mais perto de Deus: buscou-o nos cimos, no fundo dos abismos, à beira das falésias, e sempre o encontrou. Mas em nenhum outro lugar podiam se encontrar tantas harmonias diferentes, todas elas concorrendo para elevar a alma, para nivelar-lhe as impressões mais dolorosas e abrandar-lhe as mais intensas, para fazer dos sofrimentos da vida um leite profundo, do que nesse rochedo em parte europeu, em parte africano. O mosteiro fora construído na extremidade da ilha, no ponto culminante do rochedo que, por um efeito da grande revolução do globo, cai a pique do lado do mar, onde, em todos os pontos, apresenta as arestas vivas de suas escarpas ligeiramente roídas na altura da água, mas inacessíveis. Essa rocha protege-se de todo ataque por escolhos perigosos que se prolongam ao longe, e nos quais se quebram as ondas brilhantes do Mediterrâneo. É preciso estar no mar para perceber os quatro corpos do prédio quadrado, cuja forma, altura e aberturas foram minuciosamente prescritas pelas leis monásticas. Do lado da cidade, a igreja oculta inteiramente as sólidas construções do claustro, com tetos cobertos por lajes compridas que os tornam invulneráveis às rajadas de vento, às tempestades e à ação do sol. A igreja, fruto das generosidades de uma família espanhola, coroa a cidade. A fachada arrojada, elegante, oferece uma grande e bela fisionomia à cidadezinha marítima. Pois uma

cidade com telhados comprimidos, quase todos dispostos em anfiteatro diante de um belo porto, e encimados por um magnífico portal com pontas góticas, campanários, pequenas torres, flechas recortadas, não é um espetáculo que possui todas as sublimidades terrestres? A religião dominando a vida, oferecendo incessantemente aos homens o fim e os meios, uma imagem, aliás, bem espanhola! Ponham essa paisagem no meio do Mediterrâneo, sob um céu ardente; acrescentem algumas palmeiras, várias árvores pequenas, mas robustas, misturando suas verdes e agitadas copas às folhagens esculpidas da arquitetura imóvel! Vejam as franjas do mar embranquecendo os recifes e se opondo ao azul-safira das águas; admirem as galerias, os terraços construídos no alto de cada casa e onde os habitantes vêm respirar o ar do entardecer entre as flores, junto às árvores de seus pequenos jardins. Depois, no porto, algumas velas. Enfim, na serenidade de uma noite que começa, escutem a música do órgão, o canto dos ofícios e os sons admiráveis dos sinos em pleno mar. Em tudo, rumor e calma; mas, na maior parte do tempo, sobretudo calma. Internamente, a igreja dividia-se em três naves sombrias e misteriosas. Como a fúria dos ventos por certo impediu o arquiteto de construir lateralmente os arcobotantes que quase sempre enfeitam as catedrais, e entre os quais se instalam capelas, as paredes que flanqueavam as pequenas naves e sustinham a grande obstruíam a entrada de luz. Essas fortes muralhas ofereciam no exterior a visão de suas massas cinzentas apoiadas, de distância em distância, por enormes contrafortes. Com isso a grande nave e suas duas pequenas galerias laterais eram iluminadas unicamente pela rosácea de vitrais coloridos, colocada com uma arte milagrosa acima do pórtico, cuja exposição favorável permitira o luxo dos rendados de pedra e dos ornatos particulares ao estilo impropriamente chamado gótico. A maior porção das três naves estava liberada aos habitantes da cidade, que ali vinham ouvir a missa e os ofícios. Diante do coro havia uma grade por trás da qual pendia uma cortina castanha com muitas pregas, ligeiramente entreaberta ao meio, de maneira a deixar ver apenas o oficiante e o altar. A grade era separada, a intervalos regulares, por pilares que sustinham uma tribuna interior e o órgão. Essa construção, harmonizada com os ornamentos da igreja, figurava externamente, em madeira esculpida, as colunetas das galerias suportadas pelos pilares da grande nave. Assim teria sido impossível a um curioso, bastante ousado para subir na estreita balaustrada dessas galerias, ver no coro outra coisa além das longas janelas octogonais e coloridas que se elevavam por trechos iguais em torno do altar-mor.

Por ocasião da expedição francesa feita na Espanha para restabelecer a autoridade do rei Fernando VII, e após a tomada de Cádiz, um general francês, vindo à ilha para fazer reconhecer o governo real, nela prolongou sua estadia com o objetivo de ver o convento e achar um meio de lá se introduzir. O empreendimento era, certamente, delicado. Mas um homem de paixão, um homem cuja vida não fora senão, por assim dizer, uma série de poesias em ação e que sempre fizera romances em vez de escrevê-los, um homem de execução sobretudo, devia ser tentado por uma coisa aparentemente impossível. Abrir-se legalmente as portas de um convento de mulheres? Apenas o papa ou o arcebispo metropolitano o teriam permitido. Empregar a astúcia ou a força? Em caso de indiscrição, não seria perder seu posto, toda a sua fortuna militar e errar o alvo? O duque de Angoulême estava ainda na Espanha, e, de todas as faltas que podia cometer um homem amado pelo generalíssimo, somente essa não lhe seria perdoada. O general havia solicitado a missão a fim de satisfazer uma secreta curiosidade, embora nunca uma curiosidade tenha sido mais desesperada. Mas essa última tentativa era uma questão de consciência. A casa dessas carmelitas era o único convento espanhol que escapara a suas investigações. Durante a travessia, que não durou uma hora, elevou-se em sua alma um pressentimento favorável a suas

esperanças. Depois, embora do convento não visse senão as muralhas, das religiosas nem sequer as vestes, e escutasse apenas os cantos da liturgia, ele encontrou sob essas muralhas e nesses cantos leves indícios que justificaram sua frágil esperança. Enfim, por leves que fossem as suspeitas tão bizarramente despertadas, nunca uma paixão humana foi mais violentamente interessada do que então a curiosidade do general. Mas não há pequenos acontecimentos para o coração; este amplifica tudo; põe na mesma balança a queda de um império de catorze anos e a queda de uma luva de mulher, e quase sempre a luva pesa mais que o império. Eis aí os fatos em toda a sua simplicidade positiva. Depois dos fatos virão as emoções.

Uma hora depois de o general ter chegado a essa ilha, a autoridade real foi restabelecida. Alguns espanhóis constitucionais, que durante a noite lá se haviam refugiado após a tomada de Cádiz, embarcaram num navio que o general lhes permitiu fretar com destino a Londres. Portanto, não houve nem resistência, nem reação. Essa pequena Restauração insular foi acompanhada de uma missa, à qual deviam assistir as duas companhias destacadas para a expedição. Não conhecendo o rigor do claustro entre as carmelitas descalças, o general esperara poder obter, na igreja, algumas informações sobre as religiosas encerradas no convento, uma das quais talvez fosse, para ele, mais cara que a vida e mais preciosa que a honra. Suas esperanças foram, de início, cruelmente frustradas. A missa foi, na verdade, celebrada com pompa. Em razão da solenidade, as cortinas que ocultavam habitualmente o coro foram abertas e deixaram ver as riquezas, os preciosos quadros e os relicários ornados de pedrarias cujo brilho apagava o dos numerosos ex-votos de ouro e prata fixados pelos marinheiros desse porto nos pilares da grande nave. As religiosas haviam se refugiado, todas, na tribuna do órgão. No entanto, apesar desse primeiro fracasso, durante a missa de ação de graças desenvolveu-se o drama mais secretamente interessante que jamais fez bater um coração de homem. A irmã que tocava o órgão suscitou um entusiasmo tão vivo que nenhum dos militares lamentou ter vindo ao ofício. Mesmo os soldados sentiram prazer, e todos os oficiais estavam extasiados. Quanto ao general, ele permaneceu frio e calmo, aparentemente. As sensações que lhe causaram as diferentes peças executadas pela religiosa contam-se entre as poucas cuja expressão é interdita à palavra e a torna impotente, mas que, como a morte, Deus e a Eternidade, só se podem apreciar no leve ponto de contato que têm com os homens. Por um acaso singular, a música do órgão parecia pertencer à escola de Rossini, o compositor que mais transportou paixão humana à arte musical e cujas obras um dia haverão de inspirar, por seu número e sua extensão, um respeito homérico. Entre as composições desse grande gênio, a religiosa parecia ter estudado mais especialmente a do *Moisés*<sup>[1]</sup>, sem dúvida porque o sentimento da música sacra se acha aí expresso no mais alto grau. Talvez esses dois espíritos, um tão gloriosamente europeu, o outro desconhecido, tivessem se encontrado na intuição de uma mesma poesia. Essa era a opinião de dois oficiais, verdadeiros *dilettanti*, que certamente sentiam a falta, na Espanha, do teatro Favart<sup>[2]</sup>. Por fim, no *Te Deum*, foi impossível não reconhecer uma alma francesa no caráter que tomou subitamente a música. O triunfo do Rei cristianíssimo provocava evidentemente a alegria mais viva no fundo do coração dessa religiosa. Ela certamente era francesa. E o sentimento da pátria logo se manifestou, jorrou como um feixe de luz numa réplica do órgão em que a irmã introduziu motivos que possuíam toda a delicadeza do gosto parisiense e aos quais mesclavam-se vagamente os pensamentos de nossas mais belas canções nacionais. Mãos espanholas não teriam posto, nessa graciosa homenagem às armas vitoriosas, o calor que acabou por revelar a origem da executante.

– Há então França em toda parte? – disse um soldado.

O general havia saído durante o *Te Deum*, fora-lhe impossível escutá-lo. A execução musical denunciava-lhe uma mulher amada com enlevo, e que se sepultara tão profundamente no seio da religião e se furtara tão cuidadosamente aos olhares do mundo que havia até então escapado às buscas obstinadas feitas por homens que dispunham de um grande poder e de uma inteligência superior. A suspeita despertada no coração do general foi quase justificada pela vaga lembrança de uma canção deliciosa de melancolia, a canção do *Rio Tejo*, romança francesa cujo prelúdio ele ouvira a pessoa amada tocar com freqüência num budoar de Paris e da qual essa religiosa se servia agora para exprimir, em meio à alegria dos triunfadores, as saudades de uma exilada. Terrível sensação! Esperar a ressurreição de um amor perdido, reencontrá-lo ainda perdido, entrevê-lo misteriosamente, após cinco anos durante os quais a paixão se agitara em vão, aumentada pela inutilidade das tentativas feitas para satisfazê-la!

Quem, ao menos uma vez na vida, não revirou seus pertences, seus papéis, sua casa, não esquadrinhou sua memória com impaciência buscando um objeto precioso e não sentiu o inefável prazer de achá-lo, após um dia ou dois consumidos em inútil procura; após ter esperado, desesperado por encontrá-lo; após ter despendido as irritações mais vivas da alma por esse nada importante que causava quase uma paixão? Pois bem, estendam essa espécie de raiva por cinco anos; ponham uma mulher, um coração, um amor no lugar desse nada; transportem a paixão às regiões mais altas do sentimento e suponham um homem ardente, um homem com coração e face de leão, um desses homens de juba que impõem e comunicam aos que os cercam um respeitoso terror! Talvez compreendam, então, a brusca saída do general durante o *Te Deum*, no momento em que o prelúdio de uma romança outrora escutada por ele, sob lambris dourados, vibrou na nave daquela igreja marinha.

Ele desceu a ladeira que conduzia a essa igreja e só se deteve quando os sons graves do órgão não chegaram mais a seus ouvidos. Incapaz de pensar noutra coisa a não ser em seu amor, cuja erupção vulcânica lhe queimava o coração, o general francês não percebeu o final do *Te Deum* senão no momento em que a assistência espanhola descia em ondas. Sentiu que sua conduta ou sua atitude podiam parecer ridículas e voltou a ocupar seu lugar à frente do cortejo, dizendo ao alcaide e ao governador da cidade que uma súbita indisposição o obrigara a sair para tomar ar. Depois, a fim de poder permanecer na ilha, pensou de repente em tirar partido desse pretexto de início dado sem outra intenção. Alegando o agravamento do mal-estar, recusou presidir o banquete oferecido pelas autoridades da ilha aos oficiais franceses; recolheu-se ao leito e escreveu ao major-general para anunciar a passageira enfermidade que o forçava a transferir a um coronel o comando de suas tropas. Essa artimanha vulgar, mas natural, liberou-o de outros cuidados durante o tempo necessário à realização de seus projetos. Como homem essencialmente católico e monárquico, informou-se da hora dos ofícios e demonstrou a maior devoção pelas práticas religiosas, atitude que, na Espanha, não devia surpreender ninguém.

No dia seguinte mesmo, durante a partida de seus soldados, o general foi ao convento para assistir às vésperas. Encontrou a igreja abandonada pelos habitantes que, apesar de sua devoção, tinham ido ao porto ver o embarque das tropas. O francês, feliz por perceber-se sozinho na igreja, teve o cuidado de fazer ressoar pelas abóbadas o tilintar de suas esporas; andou ruidosamente, tossiu, falou em voz alta a si mesmo para informar às religiosas, e sobretudo à musicista, que, se os franceses partiam, restava um. Esse singular aviso foi ouvido, compreendido?... o general acreditou que sim. No *Magnificat*, o órgão pareceu dar a ele uma resposta trazida pelas vibrações do ar. A alma da religiosa voou em direção a ele nas asas de suas notas e comoveu-se no movimento dos sons. A música manifestou-se em toda a sua

potência, aquecendo a igreja. O canto de alegria, consagrado pela liturgia da cristandade romana para exprimir a exaltação da alma em presença dos esplendores do Deus sempre vivo, tornou-se a expressão de um coração quase assustado com sua felicidade, em presença dos esplendores de um amor precívél que ainda durava e vinha agitá-lo para além do túmulo religioso onde as mulheres se encerravam para renascerem esposas de Cristo.

O órgão é com certeza o maior, o mais audacioso, o mais magnífico de todos os instrumentos criados pelo gênio humano. É uma orquestra inteira da qual uma hábil mão pode pedir tudo e que tudo pode exprimir. Não é ele como um pedestal sobre o qual a alma se apóia para lançar-se nos espaços quando busca, em seu vô, traçar mil quadros, pintar a vida, percorrer o infinito que separa o céu da terra? Quanto mais um poeta escuta suas gigantescas harmonias, melhor ele concebe que, entre os homens ajoelhados e o Deus oculto pelos raios resplandecentes do santuário, somente as cem vozes desse coro terrestre podem preencher as distâncias, e que são o único intérprete bastante forte para transmitir ao céu as preces humanas na onipotência de seus modos, na diversidade de suas melancolias, com os matizes de seus êxtases meditativos, com os jatos impetuosos de seus arrependimentos e as mil fantasias de todas as crenças. Sim, debaixo das longas abóbadas, as melodias criadas pelo gênio das coisas santas encontram grandezas inusitadas com as quais se enfeitam e fortalecem. Ali, a luz reduzida, o silêncio profundo, os cantos que alternam com o trovejar do órgão, tecem como que um véu a Deus, através do qual se irradiam seus luminosos atributos. Todas essas riquezas sagradas pareceram ser lançadas como um grão de incenso sobre o frágil altar do Amor diante do trono eterno de um Deus ciumento e vingativo. De fato, a alegria da religiosa não teve aquele caráter de grandeza e de gravidade que deve se harmonizar com as solenidades do *Magnificat*; ela deu-lhe ricos e graciosos andamentos, cujos diferentes ritmos acusavam uma vivacidade humana. Seus motivos tinham o brilho dos trinados de uma cantora que procurasse exprimir o amor, e seus cantos saltitavam como o pássaro perto da companheira. Depois, por momentos, lançava-se aos saltos no passado para ali brincar, para ali chorar alternadamente. Seu modo variável tinha algo de desordenado como a agitação da mulher feliz com o retorno do amante. E, após as fugas flexíveis do delírio e os efeitos maravilhosos desse reconhecimento fantástico, a alma que falava assim recolheu-se em si mesma. Ao passar do tom maior ao menor, a musicista soube dizer ao ouvinte sua situação presente. Súbito, contou suas longas melancolias e descreveu sua lenta enfermidade moral. A cada dia ela abolira um sentido, suprimira a cada noite um pensamento, reduzira gradualmente seu coração a cinzas. Depois de algumas brandas ondulações, a música adquiriu, de tonalidade em tonalidade, uma cor de tristeza profunda. E em breve os ecos despejaram torrentes de lamentos. Por fim, notas agudas fizeram ouvir um concerto de vozes angélicas, como para anunciar ao amante perdido, mas não esquecido, que a reunião das duas almas só aconteceria nos céus: tocante esperança! Veio o *Amen*. Então, não mais alegria nem lágrimas nos ares, nem melancolia nem lamentos. O *Amen* foi um retorno a Deus; esse último acorde foi grave, solene, terrível. A musicista desdobrou todos os véus da religiosa e, após os últimos bramidos dos baixos, que fizeram estremecer os ouvintes até nos cabelos, pareceu mergulhar de novo no túmulo de onde saíra por um momento. Quando os ares cessaram aos poucos suas vibrações oscilatórias, foi como se a igreja, até então luminosa, voltasse a uma profunda obscuridade.

O general fora rapidamente arrastado pelo vô desse vigoroso gênio, e o acompanhara nas regiões que acabava de percorrer. Ele compreendia, em toda a sua extensão, as imagens abundantes daquela ardente sinfonia, e para ele esses acordes iam muito longe. Para ele, como para a religiosa, aquele poema

era o futuro, o presente e o passado. Para as almas ternas e poéticas, para os corações sofredores e feridos, não é a música, mesmo a do teatro, um texto que eles desenvolvem ao sabor de suas lembranças? Se é preciso um coração de poeta para fazer um músico, acaso não é preciso poesia e amor para escutar, para compreender as grandes obras musicais? Não são a Religião, o Amor e a Música a tríplice expressão de um mesmo fato, a necessidade de expansão que atormenta toda alma nobre? Essas três poesias dirigem-se todas a Deus, que desliga todas as emoções terrestres. Assim, essa sagrada Trindade humana participa das grandezas infinitas de Deus, que jamais configuramos sem cercá-lo com as chamas do amor, com as trombetas de ouro da música, com luz e harmonia. Não é ele o princípio e o fim de nossas obras?

O francês adivinhou que, naquele deserto, naquele rochedo cercado pelo mar, a religiosa se apoderara da música para nela pôr o excesso de amor que a devorava. Era isso uma homenagem feita a Deus por seu amor, era o triunfo do amor sobre Deus? Questões difíceis de decidir. Mas, com certeza, o general não pôde duvidar de que reencontrava naquele coração morto para o mundo uma paixão tão ardente quanto a sua. Terminadas as vésperas, ele voltou para a casa do alcaide, onde estava hospedado. Tomado inicialmente pelas delícias que uma satisfação há muito esperada oferece, não viu nada além. Ele ainda era amado. A solidão fizera crescer o amor naquele coração, assim como o amor crescera no seu pelas barreiras sucessivamente transpostas que aquela mulher punha entre ambos! Esse desafogo da alma teve sua duração natural. Depois veio o desejo de rever essa mulher, disputá-la com Deus, raptá-la, projeto temerário que agradava a um homem audacioso. Após a refeição, ele recolheu-se para evitar perguntas, para ficar sozinho, para poder pensar sem agitação, e ficou mergulhado nas meditações mais profundas até a manhã seguinte. Levantou-se apenas para ir à missa. Foi à igreja, colocou-se junto à grade, sua testa tocava a cortina; gostaria de tê-la rasgado, mas não estava sozinho; seu anfitrião o acompanhara por polidez, e a menor imprudência podia comprometer o futuro de sua paixão, arruinar as novas esperanças. O órgão fez-se ouvir, mas não era mais tocado pelas mesmas mãos. A musicista dos dois dias precedentes abandonara o teclado. Tudo ficou pálido e frio para o general. Teria sua amada sido abatida pelas mesmas emoções sob as quais quase sucumbia um vigoroso coração de homem? Teria ela partilhado, compreendido tão bem um amor fiel e desejado, que estaria a morrer no leito de sua cela? No momento em que mil reflexões desse tipo se agitavam no espírito do francês, ele ouviu ressoar perto dele a voz da pessoa adorada, reconheceu seu timbre claro. Essa voz, ligeiramente alterada por um tremor que lhe dava aquele encanto das moças em sua pudica timidez, destacava-se na massa do canto, como a de uma prima-dona na harmonia de um final. Produzia na alma o mesmo efeito que produz nos olhos um filete de prata ou de ouro numa frisa obscura. Era mesmo ela! Ainda parisiense, não havia se despojado de sua elegância, embora tivesse abandonado os enfeites do mundo pelo véu, pela dura estamena das carmelitas. Após ter assinalado seu amor na véspera, em meio aos louvores dirigidos ao Senhor, ela parecia dizer ao amante: “Sim, sou eu, estou aqui, ainda amo: mas estou abrigada do amor. Tu me ouvirás, minha alma te envolverá, e permanecerei sob a mortalha escura desse coro de onde nenhum poder conseguiria me arrancar. Não me verás.”

– É ela! – disse o general consigo, erguendo a cabeça e separando-a das mãos nas quais a apoiara; pois, no primeiro momento, não pudera resistir à esmagadora emoção que se elevou como um turbilhão em seu peito quando aquela voz vibrou sob as arcadas, acompanhada pelo murmúrio das ondas. A tempestade estava lá fora, e havia calma no santuário. Aquela voz tão rica continuava a desdobrar suas

carícias, chegava como um bálsamo ao coração em brasa daquele amante, florescia no ar que se desejava aspirar melhor, para colher as emanções de uma alma exalada com amor nas palavras da prece. O alcaide aproximou-se de seu hóspede, viu-o em lágrimas durante a Elevação, que foi cantada pela religiosa, e levou-o de volta para casa. Surpreso de encontrar tanta devoção num militar francês, o alcaide convidara para jantar o confessor do convento e informou o general, a quem a notícia causou imenso prazer. Durante a refeição, o confessor foi objeto de atenções do francês, cujo respeito interessado confirmou a elevada opinião que os espanhóis faziam de sua devoção. Gravemente, ele perguntou o número das religiosas, pediu detalhes sobre os rendimentos do convento e suas riquezas, como homem que parecia querer polidamente entreter o velho sacerdote com as coisas de que mais devia se ocupar. Depois, quis saber da vida que levavam as santas mulheres. Podiam sair? Podiam ser vistas?

– Senhor – disse o venerável eclesiástico –, a regra é severa. Se é preciso uma permissão do nosso Santo Padre para que uma mulher vá a uma casa de são Bruno[3], aqui há o mesmo rigor. É impossível a um homem entrar num convento das carmelitas descalças, a menos que seja padre e indicado pelo arcebispo para o serviço da Casa. Nenhuma religiosa sai. No entanto a grande santa (madre Teresa) deixou com freqüência sua cela. Somente o visitador ou as madres superiores podem permitir que uma religiosa, com a autorização do arcebispo, veja estranhos, sobretudo em caso de doença. Esta é uma sede da Ordem, e temos conseqüentemente uma madre superiora no convento. Temos, entre outras estrangeiras, uma francesa, a irmã Thérèse, que dirige a música da Capela.

– Ah! – respondeu o general fingindo surpresa. – Ela deve estar satisfeita com o triunfo das armas da casa de Bourbon.

– Falei do objeto da missa, elas são sempre um pouco curiosas.

– Mas a irmã Thérèse pode ter interesses na França; será que ela não gostaria de saber alguma coisa, pedir notícias?

– Não creio, ela teria se dirigido a mim para saber.

– Na qualidade de compatriota – disse o general –, teria muita curiosidade de vê-la... Se isso for possível, se a superiora consentir, se...

– Na grade, e mesmo em presença da reverenda madre, uma entrevista seria impossível para quem quer que seja; mas, em favor de um libertador do trono católico e da santa religião, apesar da rigidez da madre, a regra pode dormir um pouco – disse o confessor piscando um olho. – Falarei com ela.

– Que idade tem a irmã Thérèse? – perguntou o amante, que não ousou indagar o padre sobre a beleza da religiosa.

– Ela não tem mais idade – respondeu o bom homem com uma simplicidade que fez o general estremecer.

Na manhã seguinte, antes da sesta, o confessor veio anunciar ao francês que a irmã Thérèse e a madre consentiam em recebê-lo na grade do locutório, antes da hora das vésperas. Depois da sesta, durante a qual o general consumiu o tempo indo passear no porto no calor do meio-dia, o padre voltou para buscá-lo e introduziu-o no convento; guiou-o sob uma galeria que costeava o cemitério e na qual algumas fontes, várias árvores verdes e arcadas múltiplas mantinham um frescor em harmonia com o silêncio do lugar. Ao chegarem ao fundo dessa longa galeria, o padre fez seu companheiro entrar numa sala dividida em duas partes por uma grade coberta por uma cortina castanha. Na parte de certo modo pública, onde o confessor deixou o general, havia ao longo da parede um banco de madeira; havia

algumas cadeiras, também de madeira, junto à grade. O teto era composto por vigas salientes, de carvalho novo, e sem nenhum ornamento. A claridade entrava nessa sala apenas por duas janelas situadas na parte destinada às religiosas, de modo que a escassa luz, mal refletida pela madeira de tons escuros, quase não iluminava o grande crucifixo negro, o retrato de santa Teresa e um quadro da Virgem que decoravam as paredes cinzas do locutório. Os sentimentos do general adquiriram então, apesar de sua violência, um tom melancólico. Ele ficou calmo naquela calma doméstica. Algo de pesado como um túmulo apoderou-se dele no frescor daquele espaço. Não eram seu silêncio eterno, sua paz profunda, suas idéias de infinito? Além disso, com a quietude e o pensamento fixo do claustro, pensamento que se infiltra no ar, no claro-escuro, em tudo, e que, não estando traçado em parte alguma, é aumentado ainda mais pela imaginação, esta grande frase: *a paz no Senhor*, acaba por entrar à força até na alma menos religiosa. Os conventos de homens pouco se compreendem; ali o homem parece fraco: ele nasceu para agir, para realizar uma vida de trabalho à qual se subtrai em sua cela. Mas, num mosteiro de mulheres, quanto vigor viril e quanta fraqueza tocante! Um homem pode ser impelido por inúmeros sentimentos ao fundo de uma abadia, onde se lança como num precipício; mas a mulher nunca chega ali senão arrastada por um único sentimento: ela não se desnatura, ela esposa Deus. É possível dizer aos religiosos: Por que não lutaram? Mas a reclusão de uma mulher não é sempre uma luta sublime? Enfim, o general sentia aquele locutório mudo e aquele convento perdido no mar repletos dele mesmo. Raramente o amor chega à solenidade; mas o amor ainda fiel no seio de Deus não é algo de solene? E mais solene do que um homem teria o direito de esperar no século XIX, pelos costumes correntes? As grandezas infinitas dessa situação agiam sobre a alma do general, ele estava bastante elevado para esquecer a política, as honrarias, a Espanha, a sociedade de Paris e colocar-se à altura daquele desfecho grandioso. Aliás, que pode haver de mais verdadeiramente trágico? Quantos sentimentos na situação dos dois amantes sozinhos, reunidos numa ilha de granito no mar, mas separados por uma idéia, por uma barreira intransponível! E o homem se pergunta: “Triunfarei de Deus nesse coração?”.

Um leve ruído fez esse homem estremecer, a cortina castanha foi puxada; e ele viu na claridade uma mulher de pé, mas cujo rosto lhe era oculto pelo prolongamento do véu dobrado sobre a cabeça: segundo a regra da casa, ela vestia um hábito marrom-claro, cor que se tornou proverbial de sua ordem. O general não pôde ver os pés nus da religiosa, que lhe teriam revelado sua assustadora magreza; no entanto, apesar das numerosas pregas do vestido grosseiro que cobria e não enfeitava mais essa mulher, ele adivinhou que as lágrimas, as preces, a paixão e a vida solitária já a haviam dessecado.

A mão gelada de uma mulher, a da superiora certamente, segurava ainda a cortina; e o general, examinando a testemunha necessária daquela conversa, deparou com o olhar negro e profundo de uma velha religiosa, quase centenária, olhar claro e jovem, que desmentia as muitas rugas que sulcavam o rosto pálido dessa mulher.

– Senhora duquesa – ele perguntou com uma voz fortemente emocionada à religiosa que baixava a cabeça –, sua companheira entende o francês?

– Não há duquesa – respondeu a religiosa. – O senhor está diante da irmã Thérèse. A mulher que o senhor chama de companheira é minha mãe em Deus, minha superiora neste mundo.

Essas palavras, tão humildemente pronunciadas pela voz que outrora se harmonizava com o luxo e a elegância no meio dos quais vivera essa mulher, rainha da moda em Paris, por uma boca que no passado fora tão leviana, tão zombeteira, atingiram o general como um raio.

– Minha santa mãe só fala o latim e o espanhol – ela acrescentou.

– Não conheço nenhum dos dois. Minha cara Antoinette, peça minhas escusas a ela.

Ao ouvir seu nome docemente pronunciado por um homem até pouco tempo atrás tão duro em relação a ela, a religiosa experimentou uma forte emoção interior traída pelos leves tremores de seu véu, sobre o qual a luz caía em cheio.

– Meu irmão – disse ela erguendo a manga debaixo do véu, talvez para enxugar os olhos –, eu me chamo irmã Thérèse...

Depois virou-se para a madre e disse, em espanhol, estas palavras que o general entendeu perfeitamente; ele sabia o suficiente para compreender e talvez também para falar essa língua.

– Minha cara madre, este cavalheiro lhe apresenta seus respeitos e desculpa-se por não poder colocá-los a seus pés; mas ele não conhece nenhuma das duas línguas que a senhora fala...

A velha inclinou lentamente a cabeça, sua fisionomia adquiriu uma expressão de doçura angélica, realçada porém pelo sentimento de seu poder e de sua dignidade.

– Conhece este cavalheiro? – perguntou a madre, lançando a ela um olhar penetrante.

– Sim, minha mãe.

– Volte para sua cela, minha filha! – disse a superiora num tom imperioso.

O general ocultou-se rapidamente atrás da cortina, para não deixar perceber em seu rosto as terríveis emoções que o agitavam; e acreditou ainda ver, na sombra, os olhos penetrantes da superiora. Essa mulher, dona da frágil e passageira felicidade cuja conquista custava tantos esforços, causara-lhe medo, e ele tremia, ele que nunca se assustou diante de uma tríplice fileira de canhões. A duquesa caminhava em direção à porta, mas voltou-se:

– Minha mãe – disse num tom de voz horrivelmente calmo –, este francês é um de meus irmãos.

– Então fique, minha filha! – respondeu a velha após uma pausa.

Esse admirável jesuitismo revelava tanto amor e saudades, que um homem menos fortemente organizado como era o general teria desmaiado ao sentir um prazer tão vivo em meio a um imenso perigo, para ele completamente novo. Quanto valor possuíam então as palavras, os olhares, os gestos, numa cena em que o amor devia escapar a olhos de lince, a garras de tigre! A irmã Thérèse retornou.

– Está vendo, meu irmão, o que ousou fazer para lhe falar por um momento de sua salvação e dos votos que minha alma dirige diariamente ao céu por você. Cometo um pecado mortal. Menti. Quantos dias de penitência para apagar essa mentira! Mas será sofrer em seu favor. Você não sabe, meu irmão, a felicidade que é amar no céu, poder confessar os próprios sentimentos quando a religião os purificou, transportou a regiões mais altas, e quando podemos olhar somente a alma. Se as doutrinas, se o espírito da santa a quem devemos este asilo não me tivessem afastado das misérias terrestres e me arrebatado acima do mundo, embora ainda longe da esfera onde ela está, eu não teria tornado a vê-lo. Mas posso vê-lo, ouvi-lo e permanecer calma...

– Oh! Antoinette – exclamou o general interrompendo-a com essas palavras –, faça com que eu a veja, você que eu amo agora com enlevo, perdidamente, como quis ser amada por mim.

– Não me chame Antoinette, eu suplico. As lembranças do passado me fazem mal. Veja aqui apenas a irmã Thérèse, uma criatura confiante na misericórdia divina. – E acrescentou, após uma pausa: – Controle-se, meu irmão. Nossa madre nos separaria impietosamente, se em seu rosto transparecessem paixões mundanas ou se lágrimas escapassem de seus olhos.

O general inclinou a cabeça como para recolher-se. Quando levantou os olhos para a grade, viu,

entre duas barras, o rosto emagrecido, pálido, mas ainda ardente da religiosa. Sua pele, onde outrora floresciam todos os encantos da juventude, onde a feliz oposição de um branco fosco contrastava com as cores da rosa de Bengala, tinha agora o tom cálido de uma taça de porcelana na qual se encerrava uma pequena luz. A bela cabeleira de que tanto se orgulhava aquela mulher fora raspada. Uma faixa cingia-lhe a testa e envolvia-lhe o rosto. Seus olhos, cercados de uma nódoa devida aos rigores do claustro, lançavam, por momentos, raios febris, e sua calma habitual era só aparente. Enfim, daquela mulher restava somente a alma.

– Ah! Você deixará esse túmulo, você que se tornou minha vida! Você me pertence, e não tinha a liberdade de entregar-se, nem mesmo a Deus. Acaso não prometeu sacrificar tudo à menor de minhas ordens? Talvez agora me considere digno dessa promessa, quando souber o que fiz por você. Busquei-a no mundo inteiro. Nos últimos cinco anos, você foi meu pensamento de todos os instantes, a ocupação de minha vida. Meus amigos, amigos muito poderosos, como sabe, me ajudaram com sua força a esquadrihar os conventos da França, da Itália, da Espanha, da Sicília, da América. Meu amor se acendia ainda mais a cada procura vã; cheguei a fazer longas viagens por uma falsa esperança, despendi minha vida e as batidas mais fortes de meu coração junto às muralhas de vários claustros. Não lhe falo de uma fidelidade sem limites; que seria isso comparado aos desejos infinitos de meu amor? Se foi verdadeira outrora em seus remorsos, não deve hesitar hoje em seguir-me.

– Esquece que não sou livre.

– O duque está morto – ele respondeu vivamente.

A irmã Thérèse enrubesceu.

– Que o céu lhe seja aberto – disse ela com forte emoção –, ele foi generoso comigo. Mas eu não falava desses laços, uma de minhas faltas foi querer rompê-los todos, por você, sem escrúpulos.

– Fala de seus votos – disse o general franzindo as sobrancelhas. – Não pensei que algo lhe pesasse mais no coração que seu amor. Mas não duvide, Antoinette, obterei do Santo Padre uma carta que a dispensará de seus juramentos. Irei a Roma, implorarei todos os poderes da terra; e, se Deus pudesse descer, eu...

– Não blasfeme.

– Não se inquiete então com Deus! Ah! Gostaria bem mais que você atravessasse esses muros por mim; que se lançasse, esta noite mesmo, a um barco no sopé dos rochedos. Partiríamos para ser felizes, não sei onde, no extremo do mundo! E, junto a mim, você voltaria à vida, à saúde, sob as asas do Amor.

– Não fale assim – replicou a irmã Thérèse –, você ignora o que se tornou para mim. Amo-o bem mais do que o amei. Rezo a Deus todos os dias por você e não o vejo mais com os olhos do corpo. Se conhecesse, Armand, a felicidade de poder entregar-se sem vergonha a uma amizade pura que Deus protege! Não sabe o quanto sou feliz de pedir as bênçãos do céu a você. Nunca rezo para mim: Deus fará de mim o que for sua vontade. Mas eu gostaria, ao preço de minha eternidade, de ter a certeza de que você é feliz neste mundo e de que será feliz no outro, por todos os séculos. Minha vida eterna é tudo o que o infortúnio me deixou para te oferecer. Agora estou envelhecida nas lágrimas, não sou mais jovem nem bela; aliás, você desprezaria uma religiosa que voltasse a ser mulher, que nenhum sentimento, nem mesmo o amor materno, absolveria... O que me dirá que possa compensar as inúmeras reflexões acumuladas em meu coração nos últimos cinco anos, e que o transformaram, esvaziaram, secaram? Eu deveria dá-lo menos triste a Deus!

– O que direi, minha querida Antoinette, é que amo você; que a afeição, o amor, o amor verdadeiro, a felicidade de viver num coração somente nosso, inteiramente nosso, sem reservas, são tão raros e difíceis de encontrar, que duvidei, que submeti você a rudes provas; mas hoje te amo com todas as forças de minha alma: se me seguir no meu retiro, não ouvirei mais outra voz senão a sua, não verei outro rosto senão o seu...

– Silêncio, Armand! Você abrevia o único instante durante o qual podemos nos ver neste mundo.

– Antoinette, você quer me seguir?

– Mas não abandonei você. Vivo em seu coração, só que não por um interesse de prazer mundano, de vaidade, de gozo egoísta; vivo aqui por você, pálida e murcha, no seio de Deus! Se ele é justo, serás feliz...

– Tudo isso são só frases! E se eu te quiser mesmo pálida e murcha? E se não puder ser feliz senão te possuindo? Então você conhecerá sempre deveres em presença de seu amante? Ele nunca estará acima de tudo em seu coração? Antes, era a sociedade que você preferia a ele; agora, sei lá, é Deus, é minha salvação! Na irmã Thérèse reconheço sempre a duquesa ignorante dos prazeres do amor, e sempre insensível sob as aparências da sensibilidade. Você não me ama, nunca me amou...

– Ah, meu irmão...

– Você não quer deixar este túmulo; diz que ama minha alma? Pois bem, você vai perder para sempre essa alma, eu me matarei...

– Minha madre – gritou a irmã Thérèse em espanhol –, eu menti, este homem é meu amante!

Imediatamente a cortina foi cerrada. O general, estupefato, mal ouviu as portas interiores se fechando com violência.

– Ah! Ela ainda me ama! – exclamou, ao compreender tudo o que havia de sublime no grito da religiosa. – É preciso tirá-la daqui...

O general deixou a ilha, voltou ao quartel-general, alegou razões de saúde, pediu uma dispensa e partiu prontamente para a França.

Eis agora a aventura que determinou a situação respectiva em que se encontravam, então, os dois personagens desta cena.

[1]. *Moisés no Egito*, ópera composta em 1818 por Rossini. (N.T.)

[2]. Teatro lírico em Paris. (N.T.)

[3]. Fundador da ordem dos cartuxos. (N.T.)

## CAPÍTULO II

---

### *O amor na paróquia de são Tomás de Aquino*

O que na França é chamado o Faubourg Saint-Germain não é um bairro de subúrbio, nem uma seita, nem uma instituição, nem nada que se possa exprimir claramente. A praça Royale, o Faubourg Saint-Honoré, a Chaussée-d'Antin possuem igualmente mansões nas quais se respira o ar de Saint-Germain. Mas já nem todo o Faubourg está no Faubourg. Pessoas nascidas muito longe de sua influência podem senti-la e agregar-se a esse mundo, enquanto algumas outras que nele nasceram podem ser banidas para sempre. De quarenta anos para cá, as maneiras, o falar, em suma, a tradição do Faubourg Saint-Germain é, em Paris, o que a corte foi outrora, o que era a mansão Saint-Paul no século XIV, o Louvre no século XV, o Palais, a mansão Rambouillet e a praça Royale no século XVI, e depois Versalhes nos séculos XVII e XVIII. Em todas as fases da história, a Paris da classe alta e da nobreza teve seu centro, assim como a Paris vulgar terá sempre o seu. Essa singularidade periódica oferece uma ampla matéria às reflexões dos que querem observar ou pintar as diferentes zonas sociais; e talvez não se devam examinar suas causas apenas para justificar o caráter desta aventura, mas também para servir a graves interesses, mais do futuro que do presente, a menos que a experiência seja um contra-senso tanto para os partidos como para a juventude. Os nobres e os ricos, que imitarão sempre os nobres, afastaram, em todas as épocas, suas casas dos lugares muito habitados. Quando o duque de Uzès construiu para si, no reinado de Louis XIV, a bela mansão à porta da qual colocou a fonte da rue Montmartre, ato de beneficência que lhe valeu, mais que por suas virtudes, uma veneração tão popular que o bairro seguiu em massa seu enterro, essa região de Paris era então deserta. Mas assim que as fortificações foram derrubadas e os pântanos situados além dos bulevares se encheram de casas, a família de Uzès abandonou sua bela mansão, hoje habitada por um banqueiro. Depois a nobreza, espremida no meio das lojas, abandonou a praça Royale, os arredores do centro parisiense, e cruzou o rio a fim de poder respirar à vontade no subúrbio Saint-Germain, onde palácios já se elevavam em volta da mansão construída por Louis XIV para o duque du Maine, o benjamim de seus legitimados. Com efeito, para as pessoas acostumadas aos esplendores da vida, há algo de mais ignóbil que o tumulto, a lama, os gritos, o mau cheiro, a estreiteza das ruas populosas? Os hábitos de um bairro mercantil ou manufactureiro não estão constantemente em desacordo com os hábitos dos nobres? O comércio e o trabalho deitam-se no momento em que a aristocracia pensa em jantar, uns se agitam ruidosamente quando a outra repousa; os cálculos de ambos nunca coincidem, uns são a receita, a outra é a despesa. Daí costumes diametralmente opostos. Essa observação nada tem de desdenhoso. Uma aristocracia é, de certo modo, o pensamento de uma sociedade, assim como a burguesia e os proletários são seu organismo e sua ação. Daí também a existência de sedes diferentes para essas forças; e do antagonismo delas provém uma antipatia aparente, produzida pela diversidade de movimentos feitos, não obstante, com um objetivo comum. Essas discordâncias sociais resultam tão

logicamente de toda carta constitucional que o liberal mais disposto a queixar-se delas, como de um atentado às sublimes idéias sob as quais os ambiciosos das classes inferiores ocultam seus desígnios, acharia totalmente ridículo que o príncipe de Montmorency morasse na rue Saint-Martin, na esquina da rua que tem seu nome, ou que o duque de Fitz-James, descendente da estirpe real escocesa, tivesse sua mansão na rue Marie-Stuart, na esquina com a Montorgueil. *Sint ut sunt, aut non sint*<sup>[1]</sup>, essas belas palavras pontifícias podem servir de divisa aos nobres de todos os países. Esse fato, verificado em cada época e sempre aceito pelo povo, traz em si razões de Estado: ele é ao mesmo tempo um efeito e uma causa, um princípio e uma lei. As massas têm um bom senso que só abandonam quando gente de má fé as apaixona. Esse bom senso repousa sobre verdades de uma ordem geral, verdadeira tanto em Moscou como em Londres, em Genebra ou em Calcutá. Em toda parte, quando se reúnem famílias de fortuna desigual num espaço dado, vemos se formarem círculos superiores, patrícios, sociedades de primeira, segunda e terceira ordem. A igualdade será talvez um *direito*, mas nenhum poder humano saberá convertê-lo em *fato*. Seria muito útil, para a felicidade da França, popularizar esse pensamento. Mesmo para as massas menos inteligentes se revelam os benefícios da harmonia política. A harmonia é a poesia da ordem, e os povos têm uma forte necessidade de ordem. A concordância das coisas entre si, a unidade, para dizer tudo numa palavra, não é a mais simples expressão da ordem? A arquitetura, a música, a poesia, tudo na França se apóia, mais que em qualquer outro país, nesse princípio, que aliás está escrito no fundo de sua clara e pura linguagem, e a língua será sempre a mais infalível fórmula de uma nação. Assim vemos o povo adotando aqui as canções mais poéticas, as mais bem moduladas; apegando-se às idéias mais simples; amando os motivos que mais contêm pensamentos. A França é o único país onde uma pequena frase pode fazer uma grande revolução. As massas jamais se revoltaram senão para tentar pôr de acordo os homens, as coisas e os princípios. Ora, nenhuma outra nação sente melhor o pensamento de unidade que deve existir na vida aristocrática, talvez porque nenhuma outra compreendeu melhor as necessidades políticas: a história nunca a surpreenderá em atraso. A França é com freqüência enganada, mas como uma mulher o é, por idéias generosas, por sentimentos calorosos cujo alcance escapa de início ao cálculo.

Assim, como primeiro traço característico, o Faubourg Saint-Germain tem o esplendor de suas mansões, seus grandes jardins, seu silêncio, outrora em harmonia com a magnificência de suas fortunas territoriais. O espaço existente entre uma classe e toda uma capital não é uma consagração material das distâncias morais que devem separá-las? Em todas as criações, a cabeça tem seu lugar marcado. Se uma nação faz cair a cabeça a seus pés, cedo ou tarde ela percebe que se suicidou. Como as nações não querem morrer, elas se esforçam então por refazer uma cabeça. Quando a nação não tem mais a força desta, ela perece, como pereceram Roma, Veneza e tantas outras. A distinção introduzida pela diferença dos costumes entre as outras esferas de atividade social e a esfera superior implica necessariamente um valor real, capital, nas sumidades aristocráticas. Tão logo num Estado, não importa a forma que tenha o *Governo*, os patrícios faltam às suas condições de superioridade completa, eles ficam sem força e o povo imediatamente os derruba. O povo quer sempre vê-los como mãos, coração e cabeça, fortuna, poder e ação, palavra, inteligência e glória. Sem essa tríplice capacidade, todo privilégio desaparece. Os povos, como as mulheres, amam a força em todo aquele que os governa, e é um amor acompanhado de respeito: eles não concedem obediência a quem não a imponha. Uma aristocracia rebaixada é como um rei vadio, um marido de saias; é nula antes de ser nada. Assim, a separação dos nobres, seus costumes

característicos, em suma, a indumentária geral das castas patrícias é ao mesmo tempo o símbolo de um poder real e as razões de sua morte quando elas perderam esse poder. O Faubourg Saint-Germain deixou-se momentaneamente abater por não ter querido reconhecer as obrigações de sua existência que lhe era ainda fácil de perpetuar. Faltou-lhe o bom senso de ver a tempo, como viu a aristocracia inglesa, que as instituições têm seus anos climatéricos em que as mesmas palavras não têm mais as mesmas significações, em que as idéias adotam outras vestimentas e as condições da vida política mudam totalmente de forma, sem que o fundo seja essencialmente alterado. Tais idéias exigem explanações muito relacionadas a esta aventura, na qual entram tanto como definição das causas quanto como explicação dos fatos.

A grandiosidade dos castelos e dos palácios aristocráticos, o luxo de seus detalhes, a suntuosidade constante do mobiliário, a *área* na qual se move sem estorvo e sem roçar ninguém o feliz proprietário, rico antes de nascer; depois, o hábito de nunca descer ao cálculo dos interesses diários e mesquinhos da existência, o tempo de que dispõe, a instrução superior que pode prematuramente adquirir; enfim, as tradições patrícias que lhe dão forças sociais que seus adversários dificilmente compensam por estudos, por uma vontade, por uma vocação tenazes, tudo deveria elevar a alma do homem que possui desde jovem tais privilégios, deveria imprimir nele aquele alto respeito de si mesmo cuja menor conseqüência é uma nobreza de coração em harmonia com a nobreza do nome. Isso é verdade para algumas famílias. Aqui e ali, no Faubourg Saint-Germain, há pessoas de belo caráter, exceções que provam contra o egoísmo geral que causou a perda desse mundo à parte. Essas vantagens pertencem à aristocracia francesa, como a todas as eflorescências patrícias que se produzirem na superfície das nações, contanto que elas apóiem sua existência no *domínio*, tanto o domínio-solo como o domínio-dinheiro, única base sólida de uma sociedade regular; mas tais vantagens só permanecem com os patrícios enquanto eles mantiverem as condições nas quais o povo as concede. São como espécies de feudos morais cuja *concessão* envolve obrigações para com o soberano, e aqui o soberano é hoje, sem dúvida, o povo. Os tempos mudaram, e também as armas. O cavaleiro a quem bastava outrora vestir a cota de malha, o elmo, manejar bem a lança e empunhar o estandarte, deve hoje dar prova de inteligência; lá onde não havia necessidade senão de um grande coração, é necessário hoje um grande crânio. A arte, a ciência e o dinheiro formam o triângulo social no qual se inscreve o escudo do poder e de onde deve proceder a moderna aristocracia. Um belo teorema vale um grande nome. Os Rothschild, esses Fugger<sup>[2]</sup> modernos, esses são príncipes de fato. Um grande artista é realmente um oligarca, ele representa todo um século, e torna-se quase sempre uma lei. Assim, o talento da palavra, as máquinas de alta pressão do escritor, o gênio do poeta, a constância do comerciante, a vontade do homem de Estado que concentra em si inúmeras qualidades fascinantes, a espada do general, essas conquistas pessoais feitas por um só e que se impõem a toda a sociedade, de tudo isso a classe aristocrática deve hoje procurar ter o monopólio, como tinha no passado o da força material. Para permanecer no comando de um país não é preciso ser sempre digno de conduzi-lo? Ser a alma e o espírito desse país, para fazer agir suas mãos? Como conduzir o povo sem ter os poderes que constituem o comando? Que seria o bastão dos marechais sem a força intrínseca do capitão que o segura? O Faubourg Saint-Germain brincou com bastões, acreditando que eram todo o poder. Inverteu os termos da proposição que comanda sua existência. Em vez de jogar fora as insígnias que chocavam o povo e conservar secretamente a força, deixou a burguesia apoderar-se da força, apegou-se fatalmente às insígnias e esqueceu constantemente as leis que sua fraqueza numérica

impunha. Uma aristocracia, que pessoalmente mal representa o milésimo de uma sociedade, deve hoje, como outrora, multiplicar seus meios de ação para opor, nas grandes crises, um peso igual ao das massas populares. Nos nossos dias, os meios de ação devem ser forças reais, e não lembranças históricas. Infelizmente na França a nobreza, ainda imbuída de seu antigo poder desaparecido, tinha contra si uma espécie de presunção da qual era difícil defender-se. Talvez seja um defeito nacional. O francês, mais que qualquer outro homem, nunca conclui o que está abaixo dele, vai do degrau onde está ao degrau superior: raramente lamenta os infelizes acima dos quais se eleva e está sempre gemendo de ver tantos felizes acima dele. Embora tenha muito coração, no mais das vezes prefere escutar seu espírito. Esse instinto nacional que faz os franceses irem sempre à frente, essa vaidade que rói suas fortunas e rege-as tão absolutamente quanto o princípio de economia rege os holandeses, dominou nos três últimos séculos a nobreza que, sob esse aspecto, foi eminentemente francesa. O homem do Faubourg Saint-Germain sempre concluiu sua superioridade material levando em conta sua superioridade intelectual. Tudo, na França, convenceu-o disso, porque desde o estabelecimento do Faubourg Saint-Germain, revolução aristocrática iniciada no dia em que a monarquia deixou Versalhes, ele sempre se apoiou, salvo algumas lacunas, no poder, que na França será sempre mais ou menos Faubourg Saint-Germain: daí sua derrota em 1830[3]. Nessa época, ele era como um exército operando sem base. Não havia aproveitado a paz para implantar-se no coração da nação. Pecava por uma ausência de instrução e por uma falta total de visão sobre o conjunto de seus interesses. Matava um futuro garantido em proveito de um presente duvidoso. Eis aí, talvez, a razão daquela falsa política. A distância física e moral que essas superioridades procuravam manter entre si e o resto da nação teve fatalmente por resultado, nos últimos quarenta anos, alimentar na alta classe o sentimento pessoal matando o patriotismo de casta. No passado, quando a nobreza francesa era grande, rica e poderosa, os fidalgos sabiam, no perigo, escolher chefes e obedecer. Ao se tornarem menores, mostraram-se indisciplináveis; e, como no Baixo-Império, cada qual queria ser imperador; vendo-se todos iguais por sua fraqueza, todos se acreditaram superiores. Cada família arruinada pela Revolução, arruinada pela partilha igual dos bens, só pensou em si, em vez de pensar na grande família aristocrática, julgando que, se todas enriquecessem, o partido seria forte. Foi um erro. O dinheiro não é mais que um sinal do poder. Compostas de pessoas que conservavam as altas tradições de polidez, verdadeira elegância, bela linguagem, decoro e orgulho nobiliários, que só não se harmonizam com suas existências quando viram ocupações mesquinhas e são o centro de uma vida da qual deviam ser apenas o acessório, todas essas famílias tinham um certo valor intrínseco que, colocado na superfície, não tem mais que um valor nominal. Nenhuma dessas famílias teve a coragem de perguntar-se: somos bastante fortes para ter o poder? Lançaram-se em cima dele como o fizeram os advogados em 1830. Em vez de mostrar-se protetor como um nobre, o Faubourg Saint-Germain foi ávido como um novo-rico. No dia em que foi provado à nação mais inteligente do mundo que a nobreza restaurada organizava o poder e o orçamento em seu proveito, nesse dia ela caiu mortalmente enferma. Queria ser uma aristocracia quando não podia ser mais que uma oligarquia, dois sistemas bem diferentes, e que todo homem bastante hábil para ler atentamente os nomes patronímicos dos lordes da câmara inglesa compreenderá. Certamente o governo real teve boas intenções; mas ele esqueceu constantemente que é preciso fazer o povo querer tudo, mesmo sua felicidade, e que a França, mulher caprichosa, quer ser feliz ou apanhar à vontade. Se tivesse havido muitos duques de Laval, cuja modéstia o fez digno de seu nome, o trono do ramo primogênito teria sido tão sólido quanto o da casa de Hanôver[4]. Em 1814, mas sobretudo em 1820, a

nobreza francesa tinha a dominar a época mais instruída, a burguesia mais aristocrática, o país mais feminino do mundo. O Faubourg Saint-Germain podia facilmente conduzir e divertir uma classe média sedenta de distinções, apaixonada por arte e ciência. Mas os mesquinhos dirigentes dessa grande época intelectual odiavam a arte e a ciência. Não souberam sequer apresentar a religião, que necessitavam, com as cores poéticas que a teriam feito amar. Quando Lamartine, Lamennais, Montalembert e alguns outros escritores de talento douravam de poesia, renovavam ou faziam crescer as idéias religiosas, todos aqueles que malbaratavam o governo faziam sentir o amargor da religião. Nunca uma nação foi mais complacente, ela era então como uma mulher fatigada que se torna fácil; nunca o poder foi mais desastrado: a França e a mulher apreciam os erros. Para reintegrar-se, para fundar um grande governo oligárquico, a nobreza do Faubourg devia examinar-se com boa-fé a fim de encontrar em si mesma a moeda de Napoleão, procurar nas próprias entranhas um Richelieu constitucional; se não achasse nela esse gênio, devia buscá-lo na fria mansarda onde ele poderia estar morrendo e assimilá-lo como faz constantemente a câmara dos lordes inglesa com os aristocratas de circunstância. Depois, ordenar a esse homem ser implacável, cortar os galhos podres, podar a árvore aristocrática. Mas o grande sistema conservador inglês era demasiado imenso para cabeças pequenas; e sua importação exigia tempo demasiado aos franceses, para quem um êxito lento equivale a um fiasco. Aliás, longe de seguir a política redentora que vai buscar a força onde Deus a pôs, essa grande gente pequena odiava toda força que não viesse dela; enfim, longe de rejuvenescer, o Faubourg Saint-Germain envelheceu. A etiqueta, instituição de segunda necessidade, podia ser mantida se aparecesse somente nas grandes ocasiões; mas a etiqueta tornou-se uma luta cotidiana, tornou-se uma questão de poder em vez de ser uma questão de arte ou de magnificência. Se faltou ao trono um daqueles conselheiros tão grandes quanto o exigiam as circunstâncias, faltou à aristocracia sobretudo o conhecimento de seus interesses gerais, que poderia suprir tudo. Ela se deteve diante do casamento do sr. de Talleyrand, único homem com uma daquelas cabeças metálicas capazes de forjar de novo os sistemas políticos pelos quais revivem gloriosamente as nações. O Faubourg zombou dos ministros que não eram fidalgos, e não apresentava fidalgos bastante superiores para serem ministros; podia prestar serviços verdadeiros ao país enobrecendo os juizados de paz, fertilizando o solo, construindo estradas e canais, fazendo-se potência territorial ativa; mas vendia suas terras para jogar na Bolsa. Podia privar a burguesia de seus homens de ação e de talento cuja ambição minava o poder, abrindo suas fileiras; preferiu combatê-los, e sem armas; pois possuía apenas como tradição o que outrora possuiu como realidade. Para a desgraça dessa nobreza, restava-lhe o bastante de suas diversas fortunas para sustentar sua soberba. Contento com suas lembranças, nenhuma dessas famílias pensou seriamente em fazer seus primogênitos tomarem as armas que o século XIX lançava em praça pública. A juventude, excluída dos negócios, dançava na corte, em vez de levar adiante em Paris, pela influência de talentos jovens, conscienciosos, inocentes do Império e da República, a obra que os chefes de cada família teriam começado nas províncias, conquistando ali o reconhecimento de seus títulos por contínuas gestões em favor dos interesses locais, conformando-se ao espírito do século, renovando a casta ao gosto do tempo. Concentrada no subúrbio Saint-Germain, onde vivia o espírito das antigas oposições feudais misturado ao da antiga corte, a aristocracia, mal-unida ao castelo das Tuileries, foi mais fácil de vencer, existindo apenas num ponto e sobretudo mal constituída como estava na Câmara dos Pares. Ligada ao país, ela seria indestrutível; acuada em seu Faubourg, escorada no castelo, deitada em cima do orçamento, bastava um golpe de machado para cortar o fio de sua vida agonizante, e a figura

vulgar de um pequeno advogado veio desferir esse golpe. Apesar do admirável discurso do sr. Royer-Collard, a herança do patriato e dos morgadios caiu sob as pasquinadas de um homem que se orgulhava de ter habilidosamente salvo do carrasco algumas cabeças, mas que matava sem habilidade grandes instituições. Eis aí exemplos e ensinamentos para o futuro. Se a oligarquia francesa não tivesse uma vida futura, seria uma triste crueldade martirizá-la depois da morte, e então caberia pensar apenas em seu sarcófago; mas, se o bisturi do cirurgião é duro de sentir, às vezes restitui a vida aos moribundos. O Faubourg Saint-Germain pode vir a ser mais poderoso perseguido do que era triunfante, se ele quiser ter um chefe e um sistema.

Agora é fácil resumir esse apanhado semipolítico. A falta de idéias amplas e a quantidade de pequenos erros; a vontade de restabelecer altas fortunas com que todos se preocupavam; uma necessidade real de religião para sustentar a política; uma sede de prazer que prejudicava o espírito religioso e alimentava a hipocrisia; as resistências parciais de alguns espíritos elevados que viam com clareza e se opuseram às rivalidades de corte; a nobreza da província, geralmente mais pura de raça que a de corte, mas que, tantas vezes ofendida, desafeiçoou-se; todas essas causas se reuniram para dar ao Faubourg Saint-Germain os costumes mais discordantes. Ele não foi nem compacto em seu sistema, nem conseqüente em seus atos, nem completamente moral nem francamente licencioso, nem corrompido nem corruptor; não abandonou inteiramente as questões que o prejudicavam e não adotou as idéias que o teriam salvo. Enfim, por débeis que fossem as pessoas, o partido se armara, mesmo assim, de todos os grandes princípios que fazem a vida das nações. Ora, o que é preciso para perecer em sua força? Ele sentiu dificuldade na escolha das pessoas apresentadas; mostrou bom gosto, desprezo elegante; mas sua queda, por certo, nada teve de brilhante nem de cavalheiresco. A emigração de 1789 revelava ainda sentimentos; em 1830, a emigração ao interior não revela mais que interesses. Alguns homens ilustres nas letras, os triunfos da tribuna, o sr. de Talleyrand no congresso, a conquista de Argel e vários nomes que se tornaram históricos nos campos de batalha, mostram à aristocracia francesa os meios que lhe restam de nacionalizar-se e de fazer ainda reconhecer seus títulos, se ela for digna disso. Entre os seres organizados há um trabalho de harmonia íntima. Se um homem é preguiçoso, a preguiça se manifesta em cada um de seus movimentos. Do mesmo modo, a fisionomia de uma classe de homens conforma-se ao espírito geral, à alma que anima esse corpo. Sob a Restauração, a mulher do Faubourg Saint-Germain não mostrou nem a orgulhosa ousadia que tinham outrora as damas da corte em seus desvios, nem a modesta grandeza das tardias virtudes pelas quais expiavam suas faltas e que espalhavam em torno delas um brilho tão vivo. Não teve nada de muito leve, nada de muito grave. Suas paixões, salvo algumas exceções, foram hipócritas; ela transigiu, por assim dizer, com seus prazeres. Algumas dessas famílias levaram a vida burguesa da duquesa d'Orléans, cujo leito conjugal era tão ridiculamente mostrado aos visitantes do Palais-Royal; apenas duas ou três mantiveram os hábitos da Regência e inspiraram um certo fastio em mulheres mais hábeis. A duquesa d'Orléans, essa nova grande dama, não teve nenhuma influência sobre os costumes. No entanto ela podia muito, podia, em desespero de causa, oferecer o espetáculo imponente das mulheres da aristocracia inglesa; mas hesitou tolamente entre antigas tradições, foi devota à força e escondeu tudo, mesmo suas belas qualidades. Nenhuma dessas francesas pôde criar um salão onde as sumidades sociais viessem tomar lições de gosto e de elegância. A voz delas, outrora tão imponente em literatura, essa viva expressão das sociedades, fez-se completamente nula. Ora, quando uma literatura não tem sistema geral, ela não cria corpo e dissolve-se com seu século. Quando, em

qualquer época, há no meio de uma nação um grupo à parte assim constituído, o historiador encontra sempre uma figura principal que resume as virtudes e os defeitos da massa à qual ela pertence: Coligny entre os huguenotes, o coadjutor<sup>[5]</sup> no seio da Fronda, o marechal de Richelieu no reinado de Louis XV, Danton no Terror. Essa identidade de fisionomia entre um homem e seu cortejo histórico está na natureza das coisas. Para conduzir um partido não é preciso concordar com suas idéias? Para brilhar numa época não é preciso representá-la? Dessa obrigação constante imposta à cabeça sábia e prudente dos partidos, de obedecer aos preconceitos e às loucuras das massas que lhe formam a cauda, derivam as ações que alguns historiadores reprovam aos chefes de partido, quando, à distância das terríveis ebulições populares, julgam a frio as paixões necessárias à condução das grandes lutas seculares. O que é verdade na comédia histórica dos séculos é igualmente verdade na esfera mais estreita das cenas parciais do drama nacional chamado de Costumes.

No começo da vida efêmera que teve o Faubourg Saint-Germain durante a Restauração, e à qual, se as considerações precedentes são verdadeiras, ele não soube dar consistência, uma jovem mulher foi passageiramente o tipo mais completo da natureza ao mesmo tempo superior e fraca, grande e pequena, de sua casta. Era uma mulher artificialmente instruída, realmente ignorante; repleta de sentimentos elevados, mas carecendo de um pensamento que os coordenasse; despendendo os mais ricos tesouros da alma em obedecer às conveniências; pronta para enfrentar a sociedade, mas hesitando e chegando ao artifício em conseqüência de seus escrúpulos; tendo mais teimosia do que caráter, mais admiração do que entusiasmo, mais cabeça do que coração; soberanamente mulher e soberanamente coquete, parisiense acima de tudo; amando o brilho e as festas, não refletindo, ou refletindo tarde demais; de uma imprudência que beirava quase a poesia; insolente a ponto de deslumbrar, mas humilde no fundo do coração; exibindo a força como um caniço aprumado, mas, como esse caniço, pronta a curvar-se sob uma mão poderosa; falando muito em religião mas sem amá-la, e no entanto pronta a aceitá-la como uma solução. Como explicar uma criatura verdadeiramente múltipla, capaz de heroísmo, e que esquecia de ser heróica para dizer uma maldade? Jovem e suave, menos velha de coração do que envelhecida pelas máximas dos que a cercavam, e que lhes compreendia a filosofia egoísta sem tê-la aplicado? Que possuía todos os vícios do cortesão e todas as nobrezas da mulher adolescente? Que desconfiava de tudo, e no entanto se deixava às vezes acreditar em tudo? Não seria sempre inacabado o retrato dessa mulher em quem as tonalidades mais cambiantes se chocavam, mas produzindo uma confusão poética, porque havia uma luz divina, um brilho de juventude que dava a esses traços confusos uma espécie de conjunto? A graça servia-lhe de unidade. Nada era fingido. As paixões, meias paixões, a veleidade de grandeza e a realidade da pequenez, os sentimentos frios e os impulsos calorosos eram naturais e provinham tanto de sua situação quanto da aristocracia à qual pertencia. Ela se compreendia completamente só e punha-se orgulhosamente acima do mundo, ao abrigo de seu nome. Havia um eu de Média em sua vida, como na da aristocracia, que morria sem querer nem aceitar sua sorte nem estender a mão a um médico político, sem querer tocar nem ser tocada, a tal ponto sentia-se fraca ou já mesmo pó. A duquesa de Langeais, assim ela se chamava, estava casada havia cerca de quatro anos quando a Restauração foi consumada, isto é, em 1816, época na qual Louis XVIII, esclarecido pelos Cem Dias, compreendeu sua situação e seu século apesar do seu meio, o qual, no entanto, venceu mais tarde esse Louis XI sem machado<sup>[6]</sup>, quando a doença o abateu. A duquesa de Langeais era uma Navarreins, família ducal que, desde Louis XIV, tinha por princípio não abdicar seu título em suas alianças. As filhas dessa casa haveriam cedo ou tarde de

sentar-se, como suas mães, num banquinho junto aos reis. Com dezoito anos de idade, Antoinette de Navarreins saiu do profundo retiro onde vivera para desposar o filho mais velho do duque de Langeais. As duas famílias estavam então afastadas da sociedade; mas a invasão da França fazia os defensores da realza presumirem o retorno dos Bourbon como a única saída possível às desgraças da guerra. Os duques de Navarreins e de Langeais, fiéis aos Bourbon, tinham nobremente resistido a todas as seduções da glória imperial, e, nas circunstâncias em que estavam no momento de sua união, tiveram naturalmente que obedecer à velha política de suas famílias. Assim, a srta. Antoinette de Navarreins, bela e pobre, desposou o marquês de Langeais, cujo pai morreu alguns meses depois. No retorno dos Bourbon, as duas famílias retomaram sua posição, seus cargos, suas dignidades na corte, e voltaram a participar do movimento social, fora do qual haviam se mantido até então. Tornaram-se as mais brilhantes sumidades do novo mundo político. Naquele tempo de covardias e de falsas conversões, a consciência pública soube reconhecer nas duas famílias a fidelidade sem mácula, a concordância entre a vida privada e o caráter político que todos os partidos acabam involuntariamente por homenagear. Mas, por uma infelicidade muito comum nos tempos de transição, as pessoas mais puras e que, pela elevação de suas idéias, pela sabedoria de seus princípios, teriam feito a França acreditar na generosidade de uma política nova e ousada, foram afastadas das questões públicas, que caíram nas mãos de gente interessada em levar os princípios ao extremo, como prova de devoção. As famílias de Langeais e de Navarreins ficaram na alta esfera da corte, condenadas aos deveres da etiqueta e às críticas e deboches do liberalismo, acusadas de se fartarem de honrarias e riquezas, quando seu patrimônio não cresceu de modo algum e as liberalidades da Lista Civil<sup>[7]</sup> consumiram-se em despesas de representação, necessárias a toda monarquia, mesmo republicana. Em 1818, o duque de Langeais comandava uma divisão militar, e a duquesa tinha, junto a uma princesa, um lugar que a autorizava a permanecer em Paris, longe do marido, sem escândalo. Aliás, o duque também tinha, além do seu comando, um cargo na corte, à qual comparecia passando então o comando a um marechal-de-campo. O duque e a duquesa viviam, portanto, inteiramente separados, de fato e de coração, sem que a sociedade soubesse. Esse casamento de convenção tivera o destino bastante habitual dos pactos de família. Duas personalidades completamente opostas haviam se encontrado, haviam se roçado e ferido em segredo e se afastado para sempre. Depois, cada qual obedeceu à sua natureza e às conveniências. O duque de Langeais, espírito tão metódico como fora o cavaleiro de Folard<sup>[8]</sup>, entregou-se metodicamente a seus gostos, a seus prazeres, e deixou a esposa livre para seguir os seus, após ter reconhecido nela um espírito eminentemente orgulhoso, um coração frio, uma grande submissão às práticas mundanas, uma lealdade jovem e que haveria de permanecer pura aos olhos dos avós e de uma corte hipócrita e religiosa. Ele agiu assim com a frieza do nobre do século precedente, que abandona a si mesma uma mulher de 22 anos ofendida gravemente e que tinha no caráter uma terrível qualidade: a de nunca perdoar uma ofensa quando suas vaidades de mulher, quando seu amor-próprio, suas virtudes talvez, fossem desconhecidas, ocultamente feridas. Quando um ultraje é público, uma mulher gosta de esquecê-lo, tem uma chance de engrandecer-se, ela é mulher em sua clemência; mas as mulheres jamais absolvem ofensas secretas, porque não amam nem as covardias, nem as virtudes, nem os amores secretos.

Tal era a posição, desconhecida da sociedade, em que se achava a duquesa de Langeais, e sobre a qual essa mulher não refletia, quando chegaram as festas oferecidas por ocasião do casamento do duque de Berri. Nesse momento, a corte e o Faubourg Saint-Germain saíram de sua atonia e de sua reserva. Aí

começou realmente aquele esplendor extraordinário que iludiu o governo da Restauração. Nesse momento, a duquesa de Langeais, seja por cálculo, seja por vaidade, jamais aparecia na sociedade sem estar cercada ou acompanhada de três ou quatro mulheres igualmente distintas por seu nome e sua fortuna. Rainha da moda, tinha suas damas de honra que lhe reproduziam as maneiras e o espírito. Ela as havia escolhido habilmente entre algumas pessoas que ainda não estavam nem na intimidade da corte, nem no núcleo do Faubourg Saint-Germain, mas que tinham a pretensão de chegar lá; simples Dominações[9] que queriam se elevar até as proximidades do trono e misturar-se às seráficas potestades da alta esfera chamada *o pequeno castelo*. Assim colocada, a duquesa de Langeais sentia-se mais forte, dominava melhor, estava mais segura. Suas *damas* a defendiam contra a calúnia e a ajudavam a desempenhar o detestável papel de mulher da moda. Ela podia zombar à vontade dos homens, das paixões, podia excitá-las, recolher as homenagens de que se alimenta toda natureza feminina e permanecer senhora de si mesma. Em Paris e na alta sociedade, a mulher é sempre mulher; vive de incenso, de lisonjas, de honrarias. A beleza mais real, o rosto mais admirável não existe se não for admirado; um amante, bajulações, são provas de seu poder. O que é um poder desconhecido? Nada. Suponham a mulher mais bonita, sozinha no canto de um salão: estará triste ali. Quando uma dessas criaturas se acha no seio das magnificências sociais, ela quer, portanto, reinar sobre todos os corações, geralmente por não poder ser a soberana feliz num só. As belas roupas, os enfeites, as galanterias eram feitas para os mais pobres indivíduos que se apresentassem, homens presunçosos e sem espírito cujo mérito consistia num rosto bonito e pelos quais todas as mulheres se comprometiam sem proveito, verdadeiros ídolos de madeira dourada que, com poucas exceções, não tinham nem os antecedentes dos peraltas do tempo da Fronda, nem a bravura dos heróis do Império, nem o espírito e as maneiras de seus avós, mas que queriam, de graça, ser algo parecido; que eram corajosos como o é a juventude francesa, hábeis, certamente, se tivessem sido postos à prova, e que nada podiam ser por causa do reinado dos velhos que os mantinham à margem. Foi uma época fria, mesquinha e sem poesia. Talvez uma restauração exija muito tempo para se tornar uma monarquia.

Havia dezoito meses a duquesa de Langeais levava essa vida vazia, exclusivamente feita de bailes, visitas em função do baile, triunfos sem objeto, paixões efêmeras, nascidas e mortas numa noite. Quando chegava a um salão, os olhares se concentravam nela; recolhia palavras lisonjeiras, algumas expressões apaixonadas que encorajava pelo gesto, pelo olhar, e que nunca podiam ir além da epiderme. Sua voz, suas maneiras, tudo lhe dava autoridade. Vivía numa espécie de febre de vaidade, num perpétuo gozo que a atordoava. Ia bastante longe nas conversas, escutava tudo e depravava-se, por assim dizer, na superfície do coração. Ao voltar para casa, envergonhava-se com frequência daquilo de que havia rido, de tal história escandalosa cujos detalhes ajudavam-na a discutir as teorias do amor que ela não conhecia e as sutis distinções da paixão moderna que hipócritas complacentes lhe comentavam; pois as mulheres, sabendo tudo dizer entre elas, fazem mais perder os homens do que corrompê-los. Houve um momento em que ela compreendeu que a criatura amada era a única cuja beleza, cujo espírito podia ser universalmente reconhecido. O que prova um marido? Prova que, quando jovem, uma mulher tinha um belo dote, ou fora bem educada por uma mãe habilidosa, ou satisfazia às ambições do homem; mas um amante é o programa constante de suas perfeições pessoais. A sra. de Langeais aprendeu, ainda jovem, que uma mulher podia deixar-se amar ostensivamente sem ser cúmplice do amor, sem aprová-lo, sem contentá-lo a não ser por mínimos pagamentos, e mais de uma hipócrita revelou a ela os meios de representar essas perigosas

comédias. A duquesa teve então sua corte, e o número dos que a adoravam ou a cortejavam foi uma garantia de sua virtude. Era coquete, amável, sedutora, até o fim da festa, do baile, do sarau; baixada a cortina, via-se novamente sozinha, fria, indiferente, mas no dia seguinte renascia para emoções igualmente superficiais. Havia dois ou três moços completamente iludidos que a amavam de verdade e dos quais ela zombava com perfeita indiferença. Dizia a si mesma: “Sou amada, ele me ama!”. Essa certeza lhe bastava. Como o avarento satisfeito de saber que seus caprichos podem ser realizados, ela talvez nem sequer chegava ao desejo.

Uma noite ela estava na casa de uma de suas amigas íntimas, a viscondessa de Fontaine, uma de suas humildes rivais, que a odiavam cordialmente e a acompanhavam sempre: espécie de amizade armada de que todas desconfiam e na qual as confidências são habilmente discretas, às vezes pérfidas. Após ter distribuído pequenos cumprimentos protetores, afetuosos ou desdenhosos, com o ar natural da mulher que conhece todo o valor de seus sorrisos, ela pôs os olhos num homem que lhe era completamente desconhecido, mas cuja fisionomia generosa e grave a surpreendeu. Ao vê-lo, sentiu uma emoção bastante semelhante à do medo.

– Minha querida – perguntou à sra. de Maufrigneuse[10] –, quem é esse recém-chegado?

– Um homem de quem certamente já ouviu falar, o marquês de Montriveau.

– Ah! É ele.

Tomou a luneta e examinou-o bastante de modo impertinente, como teria feito com um retrato que recebe olhares sem devolvê-los.

– Apresente-me a ele, deve ser divertido.

– Ninguém é mais enfadonho nem mais sombrio, minha cara, mas ele está na moda.

O sr. Armand de Montriveau era então, sem saber, o objeto de uma curiosidade geral e merecia isso mais do que qualquer um dos ídolos passageiros de que Paris necessita e pelos quais se enamora por alguns dias, a fim de satisfazer a paixão de admiração e de entusiasmo factício que periodicamente acomete. Armand de Montriveau era o filho único do general de Montriveau, um dos nobres que serviram nobremente à República e que morreu, ao lado do general Joubert, na batalha de Novi. O órfão fora colocado, por ordens de Bonaparte, na escola de Châlons e, como vários outros filhos de generais mortos no campo de batalha, recebera a proteção da República francesa. Depois de sair dessa escola sem nenhuma espécie de fortuna, entrou na artilharia e era apenas chefe de batalhão no momento do desastre de Fontainebleau[11]. A arma a que pertencia Armand de Montriveau lhe oferecera poucas chances de promoção. Primeiro, porque nela o número de oficiais é mais limitado do que noutros corpos do exército; depois, as opiniões liberais e quase republicanas que a artilharia professava, os temores inspirados no imperador por uma reunião de homens cultos acostumados a refletir, opunham-se à fortuna militar da maior parte deles. Assim, contrariamente às leis ordinárias, os oficiais chegados ao generalato nem sempre foram os mais notáveis da arma, porque, sendo medíocres, suscitavam poucos temores. A artilharia formava um corpo à parte no exército e só pertencia a Napoleão nos campos de batalha. A essas causas gerais, que podem explicar os atrasos sofridos na carreira de Armand de Montriveau, juntam-se outras inerentes à sua pessoa e a seu caráter. Sozinho no mundo, lançado desde os vinte anos naquela tempestade de homens no seio da qual viveu Napoleão e não tendo nenhum interesse fora de si mesmo, pronto a morrer a cada dia, ele se habituara a existir apenas por uma estima interior e pelo sentimento do dever cumprido. Era habitualmente silencioso como são os homens tímidos; mas sua

timidez não vinha de uma falta de coragem, era uma espécie de pudor que lhe impedia toda demonstração de vaidade. Sua intrepidez nos campos de batalha não era fanfarronada; estava atento a tudo, podia dar tranqüilamente um bom conselho aos companheiros e enfrentava as balas abaixando-se no momento certo para evitá-las. Era um homem bom, mas sua reserva o fazia passar por arrogante e severo. De um rigor matemático em tudo, não admitia nenhuma transigência hipócrita nem com os deveres de uma posição, nem com as conseqüências de um fato. Não se prestava a nada de vergonhoso, nunca pedia nada para si; enfim, era um daqueles grandes homens desconhecidos, bastante filósofos para desprezarem a glória e que vivem sem se apegar à vida, porque nela não encontram como desenvolver a própria força ou os próprios sentimentos em toda a sua extensão. Era temido, estimado, pouco amado. Os homens permitem que nos elevemos acima deles, mas nunca nos perdoam que não desçamos tão baixo quanto eles. Assim o sentimento que têm pelas pessoas de grande caráter sempre é acompanhado de um pouco de ódio e de temor. Demasiada honra é, para eles, uma censura tácita que não perdoam nem aos vivos nem aos mortos. Depois das despedidas de Fontainebleau, Montriveau, embora nobre e graduado, foi posto a meio-soldo. Sua probidade antiga assustou o Ministério da Guerra, onde seu apego aos juramentos feitos à águia imperial era conhecido. Durante os Cem Dias[12] foi nomeado coronel da guarda e esteve no campo de batalha de Waterloo. Seus ferimentos o retiveram na Bélgica, assim não se juntou ao exército do Loire; mas o governo real não quis reconhecer as promoções feitas durante os Cem Dias, e Armand de Montriveau deixou a França. Arrastado por seu gênio empreendedor e, na instintiva retidão, apaixonado pelos projetos de grande utilidade, o general Montriveau embarcou com o propósito de explorar o Alto Egito e as partes desconhecidas da África, sobretudo as regiões centrais, que hoje despertam tanto interesse entre os cientistas. Sua expedição científica foi longa e cheia de infortúnios. Havia recolhido observações preciosas destinadas a resolver os problemas geográficos ou industriais tão ardentemente pesquisados e havia chegado, não sem superar muitos obstáculos, até o coração da África, quando, por traição, caiu em poder de uma tribo selvagem. Foi despojado de tudo, escravizado e durante dois anos levado através dos desertos, ameaçado de morte a todo momento e mais maltratado do que um animal com que se divertem crianças maldosas. A força física e a constância de alma fizeram-no suportar todos os horrores desse cativeiro; mas esgotou quase toda a energia na sua fuga, que foi milagrosa. Atingiu a colônia francesa do Senegal, semimorto, em farrapos, não tendo mais que lembranças disformes. Os imensos sacrifícios de sua viagem, o estudo dos dialetos da África, suas descobertas e suas observações, tudo se perdeu. Um único fato fará compreender seus sofrimentos. Em alguns dias, os filhos do chefe da tribo da qual era escravo divertiam-se em tomar sua cabeça como alvo num jogo que consistia em atirar de longe ossinhos de cavalo e em fazê-los fixarem-se nela. Montriveau voltou a Paris em meados de 1818, estava arruinado, sem protetores e sem desejá-los. Preferiria morrer vinte vezes antes de solicitar o que quer que fosse, mesmo o reconhecimento de seus direitos adquiridos. A adversidade e as dores haviam desenvolvido sua energia até nas pequenas coisas, e o hábito de conservar a dignidade de homem diante desse ser moral que denominamos consciência valorizava, para ele, atos que pareciam ser os mais indiferentes. Mas suas relações com os principais cientistas de Paris e alguns militares instruídos fizeram conhecer seus méritos assim como suas aventuras. As particularidades de sua fuga e de seu cativeiro, as de sua viagem, atestavam tanto sangue-frio, tanta inteligência e coragem, que ele adquiriu, sem saber, aquela celebridade passageira de que são pródigos os salões de Paris, mas que exigem esforços extraordinários dos artistas quando querem perpetuá-la. No final daquele ano, sua situação mudou

subitamente. De pobre que era, virou rico, ou pelo menos teve exteriormente todas as vantagens da riqueza. O governo real, que buscava atrair homens de mérito a fim de dar força ao exército, fez então algumas concessões aos ex-oficiais cuja lealdade e conhecido caráter ofereciam garantias de fidelidade. O sr. de Montriveau foi restabelecido em seu antigo posto, recebeu os soldos atrasados e foi admitido na guarda real. Esses favores chegaram ao marquês de Montriveau sem que ele tivesse feito o menor pedido. Amigos lhe pouparam as demandas pessoais às quais teria se recusado. Depois, contrariamente a seus hábitos, que se modificaram de repente, passou a freqüentar a sociedade, onde foi acolhido favoravelmente e onde encontrou em toda parte testemunhos de alta estima. Parecia ter encontrado uma certa solução para sua vida; nele, porém, tudo se passava no íntimo, não havia nada de exterior. Exibia na sociedade um rosto grave e recolhido, silencioso e frio. Teve muito sucesso exatamente por contrastar fortemente com a massa das fisionomias convencionais que povoam os salões de Paris, onde era de fato uma novidade. Sua fala tinha a concisão da linguagem das pessoas solitárias ou dos selvagens. Sua timidez foi tomada por altivez e agradou muito. Ele tinha algo de estranho e de grande, e as mulheres se apaixonaram tanto mais por esse caráter original quanto escapava a suas lisonjas habilidosas, àquele manejo pelo qual elas envolvem os homens mais poderosos e corrompem os espíritos mais inflexíveis. O sr. de Montriveau nada compreendia dessas pequenas macaquices parisienses, sua alma só podia responder às sonoras vibrações dos belos sentimentos. Ele teria sido logo deixado de lado, não fossem a poesia resultante de suas aventuras e de sua vida, os louvores que lhe faziam sem que o soubesse, o triunfo de amor-próprio que esperava a mulher com quem ele conversasse. Assim a curiosidade da duquesa de Langeais era tão viva quanto natural. Por um efeito do acaso, esse homem a interessara na véspera, quando alguém narrou uma das cenas que, na viagem do sr. de Montriveau, mais impressionavam a imaginação volúvel das mulheres.

Numa excursão às nascentes do Nilo, o sr. de Montriveau tivera com um de seus guias o debate mais extraordinário que se conhece nos anais das viagens. Ele tinha um deserto a atravessar e só podia chegar a pé ao lugar que queria explorar. Um único guia era capaz de levá-lo até lá. Até então nenhum viajante pudera penetrar nessa parte da África onde o intrépido oficial presumia dever encontrar a solução de vários problemas científicos. Apesar das objeções feitas pelos velhos da região e pelo guia, ele decidiu fazer a terrível viagem. Armando-se de toda a sua coragem, aguçada pela perspectiva de horríveis dificuldades a vencer, partiu ao amanhecer. Depois de andar o dia inteiro, deitou-se na areia ao anoitecer sentindo uma fadiga desconhecida, causada pela mobilidade do chão que parecia ceder a seus passos. No entanto, ele sabia que no dia seguinte seria preciso, desde a aurora, pôr-se de novo a caminho; o guia prometera fazê-lo atingir, na metade do dia, o objetivo da viagem. Essa promessa deu-lhe coragem, revigorou-lhe as forças e, apesar dos sofrimentos, ele continuou o caminho, maldizendo um pouco a ciência; mas, com vergonha de queixar-se diante do guia, guardou o segredo de suas penas. Já tinha andado durante um terço do dia quando, sentindo as forças esgotadas e os pés ensangüentados pela marcha, perguntou se chegariam em breve.

– Dentro de uma hora – disse o guia.

Armand encontrou força em sua alma por uma hora e prosseguiu. Passou a hora sem que avistasse, mesmo no horizonte, horizonte de areias tão vasto como o do alto-mar, as palmeiras e as montanhas que deviam anunciar o término de sua viagem. Deteve-se, ameaçou o guia, recusou ir adiante, acusou-o de querer matá-lo, de tê-lo enganado; e lágrimas de raiva e de cansaço rolaram pelas faces inflamadas;

estava curvado pela dor incessante da marcha, e sua garganta parecia coagulada pela sede do deserto. O guia, imóvel, escutava as queixas com um ar irônico, examinando ao mesmo tempo, com a aparente indiferença dos orientais, os imperceptíveis acidentes daquela areia quase escura como ouro queimado.

– Enganei-me – ele respondeu friamente. – Faz muito tempo que fiz este caminho para poder reconhecer seus traços; estamos na direção certa, mas ainda falta andar mais duas horas.

“Esse homem tem razão”, pensou o sr. de Montriveau. E pôs-se a caminho de novo, seguindo com dificuldade o africano impiedoso, a quem parecia ligado por um fio, como o que une invisivelmente um condenado ao carrasco. Mas as duas horas se passam, o francês gastou suas últimas gotas de energia, e o horizonte continua puro, não se vêem palmeiras nem montanhas. Ele não encontra mais protestos nem gemidos, deita-se então na areia para morrer; mas seu olhar teria assustado o homem mais intrépido, parecia anunciar que ele não queria morrer sozinho. O guia, como um verdadeiro demônio, respondia por um olhar calmo, cheio de poder, e deixava-o estendido, tendo o cuidado de ficar a uma distância que lhe permitisse escapar ao desespero de sua vítima. Finalmente, o sr. de Montriveau encontrou forças para uma última imprecação. O guia aproximou-se dele, olhou-o fixamente, impôs-lhe silêncio e disse:

– O senhor não queria, apesar de nossa advertência, chegar lá para onde o conduzo? Acusa-me de enganá-lo, se eu não o tivesse feito, o senhor não teria vindo até aqui. O senhor quer a verdade, pois aqui está. Temos ainda cinco horas de marcha, e não podemos mais retornar. Sonde seu coração; se o senhor não tem suficiente coragem, aqui está meu punhal.

Surpreso por esse terrível entendimento da dor e da força humana, o sr. de Montriveau não quis ficar abaixo de um bárbaro; e, tirando de seu orgulho de europeu uma nova dose de coragem, levantou-se para acompanhar o guia. Expiradas as cinco horas, o sr. de Montriveau ainda não avistava nada; virou-se para o guia com um olhar agonizante; mas então o núbio o colocou sobre os ombros e fez que ele visse, a uma centena de passos, um lago cercado do verdor de uma admirável floresta, que a luz do sol poente iluminava. Haviam chegado a pouca distância de uma espécie de bancada de granito imensa, sob a qual aquela paisagem sublime estava como que sepultada. Armand acreditou renascer, e seu guia, esse gigante de inteligência e de coragem, completou sua obra de devotamento carregando-o através das sendas aquecidas e maltraçadas no granito. Ele via, de um lado, o inferno das areias, de outro, o paraíso terrestre do mais belo oásis que havia naquele deserto.

A duquesa, já impressionada pelo aspecto desse poético personagem, ficou ainda mais ao saber que via nele o marquês de Montriveau, com quem sonhara durante a noite. Ter-se encontrado com ele nas areias ardentes do deserto, tê-lo tido como companheiro de pesadelo, não era um delicioso presságio de divertimento numa mulher dessa natureza? Homem nenhum mostrava, melhor que Armand, o caráter na fisionomia, e era com razão que ele intrigava os olhares. Sua cabeça, grande e quadrada, tinha como principal traço característico uma enorme e abundante cabeleira negra que lhe envolvia o rosto de modo a lembrar perfeitamente o general Kléber, a quem se assemelhava pelo vigor da fronte, pela definição da face, pela audácia tranqüila dos olhos e pela espécie de ímpeto que seus traços salientes exprimiam. Era de estatura baixa, de peito largo, musculoso como um leão. Quando caminhava, sua postura, seu andar, seus menores gestos traíam uma certa segurança de força que impunha, e algo de despótico. Parecia saber que nada podia se opor à sua vontade, talvez porque quisesse apenas o justo. Todavia, como todas as pessoas realmente fortes, era doce no falar, simples nas maneiras e naturalmente bom. Só que essas belas qualidades pareciam dever desaparecer nas circunstâncias graves em que o homem se torna implacável

nos sentimentos, fixo nas resoluções, terrível nas ações. Um observador teria notado na comissura de seus lábios um arregaçamento habitual que anunciava uma propensão à ironia.

A duquesa de Langeais, sabendo o prêmio passageiro que era a conquista desse homem, resolveu, durante o pouco tempo que a duquesa de Maufrigneuse levou para buscá-lo e apresentá-lo a ela, fazer dele um de seus amantes, passá-lo à frente de todos os outros, atraí-lo para si e exercer sobre ele todas as seduções. Foi uma fantasia, um puro capricho de duquesa, como o que Lope de Vega, ou Calderón, retratou em *O cão do jardineiro* [13]. Ela quis que esse homem não fosse de outra mulher, mas não imaginou ser dele. A duquesa de Langeais recebera da natureza as qualidades necessárias para desempenhar os papéis de coquete, e sua educação os aperfeiçoara ainda mais. As mulheres tinham razão de invejá-la, e os homens, de amá-la. Nada lhe faltava do que pode inspirar o amor, do que o justifica e do que o perpetua. Seu tipo de beleza, suas maneiras, seu falar, sua pose combinavam-se para dotá-la de uma sedução natural que, numa mulher, parece ser a consciência de seu poder. Tinha um belo porte, e seus movimentos revelavam uma complacência talvez excessiva, única afetação que se lhe podia censurar. Tudo nela se harmonizava, desde o menor gesto até o torneamento particular das frases, até a maneira hipócrita como ela lançava o olhar. O caráter predominante de sua fisionomia era uma nobreza elegante, que a mobilidade muito francesa de sua pessoa não destruía. Essa atitude incessantemente mutável exercia uma prodigiosa atração sobre os homens. Ela parecia dever ser a mais deliciosa das amantes, quando tirasse o espartilho e os acessórios de sua representação. De fato, todas as alegrias do amor existiam em germe na liberdade de seus olhares expressivos, na meiguice de sua voz, na graça de suas palavras. Ela mostrava que havia nela uma nobre cortesã, que as crenças religiosas da duquesa em vão desmentiam. Quem se sentasse perto dela durante um sarau a veria sucessivamente alegre e melancólica, sem que desse a impressão de representar nem a melancolia nem a alegria. Sabia ser naturalmente afável, desdenhosa, impertinente ou confiante. Parecia bondosa e assim era. Por momentos, mostrava-se alternadamente ingênua e astuta, de uma ternura comovente e logo a seguir de uma dureza capaz de ferir corações. Mas, para descrevê-la bem, não seria preciso acumular todas as antíteses femininas; em uma palavra, ela era o que queria ser ou parecer. Seu rosto um pouco longo demais tinha uma graça, algo de fino e de miúdo que lembrava as figuras da Idade Média. Sua tez era pálida, ligeiramente rosada. Tudo nela pecava, por assim dizer, por um excesso de delicadeza.

O sr. de Montriveau deixou-se complacentemente apresentar à duquesa de Langeais, que, segundo o hábito das pessoas a quem um gosto requintado faz evitar as banalidades, o acolheu sem perguntas nem cumprimentos excessivos, mas com uma espécie de graça respeitosa que devia agradar um homem superior, pois a superioridade supõe num homem um pouco daquele tato que faz as mulheres adivinharem tudo o que é sentimento. Se manifestou alguma curiosidade, foi por olhares; se fez elogios, foi por suas maneiras, por sua meiguice de palavras, pela fina vontade de agradar que ela sabia mostrar melhor do que ninguém. Mas toda a sua conversa não foi senão, de certo modo, o corpo da letra, devia haver um pós-escrito no qual o pensamento principal fosse ser dito. Quando, após meia hora de conversas insignificantes, nas quais o acento e os sorrisos eram os únicos a dar valor às palavras, o sr. de Montriveau pareceu discretamente querer retirar-se, a duquesa o reteve por um gesto expressivo.

– Senhor – disse ela –, não sei se os poucos instantes durante os quais tive o prazer de conversar consigo lhe foram bastante agradáveis para que me seja permitido convidá-lo a vir à minha casa; receio que haja muito egoísmo de minha parte. Mas, se eu tiver a felicidade de obter seu consentimento, pode

me encontrar sempre à noite, até as dez horas.

Essas frases foram ditas num tom tão coquete que o sr. de Montriveau não podia deixar de aceitar o convite. Quando se retirou para os grupos de homens que se mantinham a uma certa distância das mulheres, vários de seus amigos o felicitaram, alguns a sério, outros por brincadeira, pela acolhida extraordinária que lhe dera a duquesa de Langeais. Essa difícil e ilustre conquista fora finalmente obtida, e a glória fora reservada à artilharia da guarda. É fácil imaginar os bons e maus gracejos que esse tema, uma vez sabido, suscitou nos salões parisienses, onde tudo é motivo de divertimento e onde os gracejos têm tão pouca duração que todos se apressam a retirar deles o que têm de melhor.

Essas tolices lisonjearam, involuntariamente, o general. Do lugar onde estava, seu olhar foi atraído por mil reflexos indecisos em direção à duquesa; e ele não pôde deixar de confessar a si mesmo que, de todas as mulheres cuja beleza seduzira seus olhos, nenhuma lhe havia oferecido uma expressão mais deliciosa das virtudes, dos defeitos, das harmonias que a imaginação mais juvenil pode desejar, na França, de uma amante. Que homem, não importa a posição em que a sorte o colocou, não sentiu na alma um gozo indefinível ao encontrar – numa mulher escolhida, mesmo em sonhos, como sua – as tríplices perfeições morais, físicas e sociais que lhe permitem ver sempre nela todas as suas aspirações realizadas? Se não é uma causa de amor, essa feliz reunião é por certo um dos maiores veículos do sentimento. Sem a vaidade, dizia um profundo moralista do século passado, o amor é um convalescente. Há, sem dúvida, tanto para o homem como para a mulher, um tesouro de prazeres na superioridade da pessoa amada. Já não é muito, para não dizer tudo, saber que nosso amor-próprio nunca sofrerá nela? Que ela é bastante nobre para nunca aceitar as feridas de um olhar de desprezo, bastante rica para cercar-se de um brilho igual ao que envolve mesmo os reis efêmeros das finanças, bastante inteligente para nunca se humilhar por um gracejo fino, e bastante bela para ser a rival de todo o seu sexo? Essas reflexões, um homem faz num piscar de olhos. Mas, se a mulher que as inspira lhe apresenta ao mesmo tempo, no futuro de sua precoce paixão, as mutáveis delícias da graça, a ingenuidade de uma alma virgem, as mil dobras do vestido das coquetes, os perigos do amor, não haverá isso de remexer o coração do homem mais frio? Eis a situação na qual se encontrava naquele momento o sr. de Montriveau em relação à mulher, e o passado de sua vida garantia, de certo modo, a extravagância do fato. Lançado muito jovem no furacão das guerras francesas, tendo vivido sempre nos campos de batalha, ele só conhecia da mulher o que um viajante apressado, que vai de albergue em albergue, conhece de um país. Não poderia ele ter dito de sua vida o que Voltaire dizia da dele aos oitenta anos? Não tinha ele 37 tolices a se reprovar? Na sua idade, era tão inexperiente no amor quanto um jovem que acaba de ler *Faublas*[\[14\]](#) às escondidas. Da mulher sabia tudo; mas do amor nada sabia; e sua virgindade de sentimento lhe produzia assim desejos inteiramente novos. Alguns homens, arrastados pelos trabalhos a que os condenaram a miséria ou a ambição, a arte ou a ciência, como o sr. de Montriveau fora arrastado pelo curso da guerra e dos acontecimentos de sua vida, conhecem essa singular situação, e raramente a confessam. Em Paris, é um dever para os homens terem amado. Nenhuma mulher quer o que nenhuma outra quis. Do temor de passar por um tolo procedem as mentiras da fatuidade geral na França, onde ser visto como um tolo é não ser do país. Naquele momento, o sr. de Montriveau foi tomado por um violento desejo, um desejo aumentado no calor dos desertos, e por um movimento de coração cujo ardente aperto ainda não conhecia. Sendo ao mesmo tempo forte e violento, esse homem soube reprimir suas emoções; mas, ao conversar sobre coisas indiferentes, ele se recolhia em si mesmo e jurava ter aquela mulher,

único pensamento pelo qual podia entrar no amor. Seu desejo tornou-se um juramento feito à maneira dos árabes com os quais vivera e para quem um juramento é um contrato feito entre eles e todo o seu destino, que subordinam ao êxito do empreendimento consagrado pelo juramento, e no qual consideram inclusive a própria morte como um meio a mais para o sucesso. Um jovem teria dito: “Gostaria muito de ter a duquesa de Langeais como amante!”. Um outro: “Quem for amado pela duquesa de Langeais será um sujeito feliz!”. Mas o general disse consigo: “Terei como amante a sra. de Langeais”. Quando um homem virgem de coração e para quem o amor se torna uma religião concebe um tal pensamento, ele não sabe em que inferno acaba de pôr o pé.

O sr. de Montriveau saiu bruscamente do salão e voltou para casa devorado pelos primeiros acessos de sua primeira febre amorosa. Se, na idade madura, um homem conserva ainda as crenças, as ilusões, a franqueza e o ímpeto da infância, seu primeiro gesto é, por assim dizer, avançar a mão para se apoderar do que deseja; depois, quando sondou as distâncias quase impossíveis de transpor, ele é tomado, como as crianças, por uma espécie de espanto ou de impaciência que dá valor ao objeto desejado, e então treme ou chora. Assim, no dia seguinte, após as tempestuosas reflexões que lhe agitaram a alma, Armand de Montriveau viu-se sob o jugo de seus sentidos, que a pressão de um amor verdadeiro apertava. Aquela mulher, tratada com tanta desenvoltura na véspera, havia se tornado no dia seguinte o mais santo, o mais temido dos poderes. A partir de então, ela foi para ele o mundo e a vida. A simples lembrança das mais leves emoções que lhe dera fazia empalidecer suas maiores alegrias, suas mais vivas dores outrora sentidas. As revoluções mais rápidas enganam apenas os interesses do homem, ao passo que uma paixão derruba seus sentimentos. Ora, para os que vivem mais pelo sentimento do que pelo interesse, para os que têm mais alma e sangue do que espírito e linfa, um amor real produz uma mudança completa de existência. Por um único traço, por uma única reflexão, Armand de Montriveau apagou assim toda a sua vida passada. Depois de ter-se perguntado vinte vezes, como uma criança: “Irei? Não irei?”, ele se vestiu, chegou à mansão de Langeais por volta das oito da noite e foi admitido em presença da mulher, não, não da mulher, mas do ídolo que vira iluminado, na véspera, como uma moça pura vestida de gaze, rendas de seda e véus. Chegou impetuosamente para declarar seu amor, como se fosse o primeiro tiro de canhão num campo de batalha. Pobre escolar! Encontrou sua vaporosa sílfide envolta num penhoar de casimira escura habilmente enfeitado de babados, recostada languidamente no divã de uma sala obscura. A sra. de Langeais sequer se levantou, apenas moveu a cabeça, cujos cabelos estavam em desordem, embora retidos num véu. Depois, com a mão, que, no claro-escuro produzido pela luz trêmula de uma única vela colocada à distância, pareceu aos olhos de Montriveau branca como uma mão de mármore, ela lhe fez um sinal para sentar-se e disse com uma voz tão suave como a luz em redor:

– Se não fosse o senhor, marquês, se fosse um amigo com quem eu pudesse agir sem cerimônia, ou um indiferente que pouco me interessasse, eu não o receberia. O senhor me vê terrivelmente adoentada.

Armand disse a si mesmo: “Vou-me embora”.

– Mas – ela prosseguiu, lançando um olhar cujo brilho o ingênuo militar atribuiu à febre – não sei se é um pressentimento de sua boa visita, que tanto me sensibiliza pela solicitude; de uns instantes para cá sinto a cabeça mais aliviada de seus vapores.

– Então posso ficar – disse Montriveau.

– Ah! Eu ficaria muito chateada em vê-lo partir. Esta manhã eu me dizia que não devia ter-lhe causado a menor impressão, que certamente o senhor tomara meu convite por uma dessas frases banais

facilmente lançadas pelas parisienses, e eu perdoava de antemão sua ingratidão. Um homem que chega dos desertos não é obrigado a saber o quanto nosso Faubourg é exclusivo em suas amizades.

Essas graciosas palavras, meio murmuradas, caíram uma a uma como que carregadas do sentimento alegre que parecia ditá-las. A duquesa queria obter todos os benefícios de sua enxaqueca, e sua especulação teve pleno sucesso. O pobre militar sofria realmente com o falso sofrimento daquela mulher. Como Crillon[15] ao ouvir o relato da paixão de Cristo, ele estava pronto a sacar sua espada contra os vapores. Ah! Mas como ousar falar, a essa enferma, do amor que ela inspirava? Armand já compreendia que era ridículo disparar seu amor à queima-roupa sobre uma mulher tão superior. Ele entendeu por um só pensamento todas as delicadezas do sentimento e as exigências da alma. Amar não é saber pedir, mendigar, esperar? Esse amor sentido, não era preciso prová-lo? Ficou com a língua imóvel, congelada pelas conveniências do nobre Faubourg, pela majestade da enxaqueca e pela timidez do amor verdadeiro. Mas nenhum poder no mundo foi capaz de encobrir em seus olhos o calor, o infinito do deserto que irradiavam, olhos calmos como os das panteras e sobre os quais as pálpebras raramente baixavam. Ela gostou muito desse olhar fixo que a banhava de luz e de amor.

– Sra. duquesa – ele falou –, tenho receio de exprimir mal a gratidão que me inspira sua bondade. Neste momento desejo uma só coisa, o poder de afastar seus sofrimentos.

– Permita que eu me livre disto, agora estou com calor – disse ela, fazendo saltar, por um movimento gracioso, a almofada que lhe cobria os pés, que ela mostrou em toda a sua brancura.

– Senhora, na Ásia seus pés valeriam quase dez mil cequins[16].

– Elogio de viajante – disse ela sorrindo.

E essa espirituosa pessoa se comprouve em arrastar o rude Montriveau numa conversação cheia de bobagens, lugares-comuns e disparates, onde ele manobrou, militarmente falando, como teria feito o príncipe Carlos[17] às voltas com Napoleão. Ela se divertiu maliciosamente em perceber a extensão daquele começo de paixão pelo número de tolices arrancadas ao estreante, que ela conduzia a passos pequenos num labirinto inextricável, com a intenção de deixá-lo envergonhado de si mesmo. Assim, começou por zombar daquele homem, divertindo-se, ao mesmo tempo, em fazê-lo esquecer o tempo. O prolongamento de uma primeira visita é geralmente uma lisonja, mas Armand nem pensou nisso. O célebre viajante estava ali havia já uma hora, conversando de tudo, não tendo dito nada, sentindo-se apenas um instrumento nas mãos daquela mulher, quando ela se ergueu, sentou-se, pôs no pescoço o véu que lhe cobria a cabeça, fez-lhe ver que estava completamente curada e tocou a campainha para mandar acender as velas do budoar. À inação absoluta na qual permanecera sucederam-se os movimentos mais graciosos. Ela se virou para o sr. de Montriveau e disse, em resposta a uma confidência que acabara de arrancar e que pareceu interessá-la vivamente:

– Está querendo zombar de mim ao dar a entender que nunca amou. Essa é a grande pretensão dos homens junto às mulheres. Nós acreditamos por pura polidez! Acaso não sabemos por nós mesmas o que pensar sobre esse ponto? Onde está o homem que não encontrou na vida uma única ocasião de se apaixonar? Mas vocês gostam de nos enganar, e deixamos que o façam, pobres tolas que somos, porque tais enganos são ainda homenagens prestadas à superioridade de nossos sentimentos, que são só pureza.

Essa última frase foi pronunciada com um acento cheio de altivez e de orgulho, que fez daquele amante noviço uma bola lançada no fundo de um abismo, e da duquesa, um anjo a revoar rumo a seu céu particular.

“Diacho!”, exclamava consigo mesmo Armand de Montriveau. “Como fazer para dizer a essa criatura selvagem que a amo?”

Ele já o dissera vinte vezes, ou melhor, a duquesa lera isso vinte vezes em seus olhares, e via, na paixão desse homem verdadeiramente grande, um divertimento para ela, um interesse a pôr em sua vida sem interesse. Ela já se preparava muito habilmente, portanto, para elevar à sua volta uma certa quantidade de redutos que lhe daria a conquistar antes de permitir a entrada dele em seu coração. Joguete de seus caprichos, Montriveau devia permanecer estacionário, ao mesmo tempo saltando de dificuldade em dificuldade, como o inseto atormentado por uma criança salta de um dedo a outro acreditando avançar, enquanto seu malicioso carrasco deixa-o no mesmo ponto. Todavia a duquesa reconheceu, com inexprimível felicidade, que aquele homem de caráter não mentia à sua palavra. Armand nunca havia, de fato, amado. Ia retirar-se descontente consigo, e ainda mais descontente com ela; mas ela percebeu, com alegria, esse descontentamento que podia dissipar com uma palavra, um olhar, um gesto.

– Voltará amanhã à noite? – disse ela. – Vou ao baile, eu o esperarei até as dez horas.

No dia seguinte, Montriveau passou a maior parte do tempo sentado à janela do gabinete, ocupado em fumar uma quantidade interminável de charutos. Pôde assim esperar a hora de vestir-se e ir até a mansão de Langeais. Teria sido lastimável, para os que conheciam o magnífico valor desse homem, vê-lo agora tão pequeno, tão trêmulo, saber reduzido aquele pensamento, cujos raios podiam abarcar mundos, às proporções do budoar de uma mulher coquete. Mas ele próprio já se sentia tão decaído em sua felicidade que, para salvar a vida, não teria confiado seu amor a nenhum dos amigos íntimos. No pudor que se apodera de um homem quando ama, não há sempre um pouco de vergonha, e não seria o seu apequenamento que faz o orgulho da mulher? Enfim, não seria uma série de motivos desse tipo, mas que as mulheres não se explicam, que leva quase todas a trair os primeiros mistérios de seu amor, mistério do qual talvez se cansem?

– Senhor – disse o criado –, a senhora duquesa não pode vê-lo, está se vestindo, e pede para esperá-la aqui.

Armand ficou a passear pela sala, examinando o bom gosto espalhado nos menores detalhes. Admirou a sra. de Langeais ao admirar as coisas que vinham dela e revelavam seus hábitos, antes que pudesse compreender a pessoa e as idéias. Depois de aproximadamente uma hora, a duquesa saiu de seu quarto sem fazer ruído. Montriveau virou-se, viu-a andando com a leveza de uma sombra e estremeceu. Ela veio até ele, sem dizer burguesmente: “Que tal lhe pareço?”. Estava segura de si e seu olhar fixo dizia: “Enfeitei-me assim para agradá-lo”. Somente uma velha fada, madrinha de alguma princesa desconhecida, podia ter girado em volta do pescoço daquela criatura coquete a nuvem de uma gaze cujas dobras tinham tonalidades vivas, realçadas pelo brilho de uma pele acetinada. A duquesa estava deslumbrante. O azul-claro do vestido, cujos ornamentos se repetiam nas flores do penteado, parecia dar, pela riqueza da cor, uma consistência a suas formas frágeis, agora completamente aéreas; pois, ao deslizar com rapidez em direção a Armand, ela fez voar as duas pontas da echarpe que pendia em seus flancos, e o bravo soldado não pôde deixar de compará-la aos belos insetos azuis que esvoaçam acima das águas, entre as flores, com as quais parecem se confundir.

– Eu o fiz esperar – disse ela com a voz que as mulheres sabem dirigir ao homem a quem querem agradar.

– Eu esperaria pacientemente uma eternidade, se soubesse que ia encontrar uma bela divindade

como você; mas não é um elogio falar de sua beleza, você não pode mais ser sensível senão à adoração. Deixe-me então beijar apenas sua echarpe.

– Ah, ora! – disse ela com um gesto de orgulho. – Eu o estimo bastante para lhe oferecer minha mão.

E ofereceu a beijar a mão ainda úmida. Uma mão de mulher, no momento em que sai de seu banho perfumado, conserva não sei que frescor acolchoado, uma maciez aveludada cuja agradável impressão vai dos lábios à alma. Assim, num homem apaixonado que tem volúpia nos sentidos tanto quanto amor no coração, esse beijo, aparentemente casto, pode excitar temíveis tempestades.

– Você a estenderá sempre assim? – disse humildemente o general, beijando com respeito aquela mão perigosa.

– Sim, mas ficaremos nisso – disse ela sorrindo.

Depois sentou-se e pareceu ter dificuldade em pôr as luvas, querendo fazer deslizar a pele de início muito apertada ao longo de seus dedos e olhar ao mesmo tempo o sr. de Montriveau, que admirava alternadamente a duquesa e a graça de seus gestos reiterados.

– Foi bom que tenha sido pontual – disse ela –, gosto da pontualidade. Sua Majestade diz que ela é a polidez dos reis; mas, entre nós dois, considero-a a mais respeitosa das lisonjas, não é mesmo? O que me diz?

E olhou para ele de soslaio novamente como para confessar uma amizade enganadora, encontrando-o mudo de felicidade e completamente feliz com essas ninharias. Ah! A duquesa conhecia às maravilhas seu ofício de mulher, sabia admiravelmente reerguer um homem à medida que ele se apequenava e recompensá-lo com lisonjas vazias a cada passo que ele dava para descer às tolices do sentimentalismo.

– Nunca esquecerá de vir às nove horas?

– Nunca. Mas então irá ao baile todas as noites?

– E eu sei? – ela respondeu suspendendo os ombros num pequeno gesto infantil, como para confessar que era toda capricho e que um amante devia aceitá-la assim. – Aliás – acrescentou –, que lhe importa? Você me acompanhará.

– Hoje à noite seria difícil – disse ele –, não estou convenientemente vestido.

– Acho que se alguém deve se importar com seu traje sou eu – ela respondeu. – Mas saiba, senhor viajante, que o homem cujo braço aceito está sempre acima da moda, ninguém ousaria criticá-lo. Vejo que não conhece a sociedade, e o aprecio ainda mais por isso.

E já o lançava nas pequenezas da sociedade, tratando de iniciá-lo nas vaidades de uma mulher da moda.

“Se ela quer fazer uma tolice por mim”, disse consigo Armand, “eu seria muito tolo em impedi-la. Ela sem dúvida me ama e, com certeza, não despreza menos a sociedade do que eu! Sendo assim, vamos ao baile!”

A duquesa pensava certamente que, vendo o general acompanhá-la ao baile com botas e gravata preta, ninguém hesitaria em acreditá-lo perdidamente apaixonado por ela. Feliz de ver a rainha do mundo elegante querer comprometer-se por ele, o general sentiu-se animado e com esperanças. Seguro de agradar, expôs suas idéias e seus sentimentos, sem o constrangimento que, na véspera, lhe barrara o coração. A conversa substancial que tiveram, cheia daquelas primeiras confidências tão doces de dizer quanto de ouvir, seduziu a sra. de Langeais, ou havia ela imaginado esse encantador galanteio? O certo é que ela olhou maliciosamente o relógio de pêndulo quando soou meia-noite.

– Ah! você me faz faltar ao baile! – disse ela, exprimindo surpresa e despeito de ser esquecida.

Depois, justificou a mudança de prazeres por um sorriso que fez saltar o coração de Armand.

– Eu havia prometido à sra. de Beauséant – ela acrescentou. – Todos me esperam.

– Está bem, vá.

– Não, continue – ela disse. – Eu fico. Suas aventuras no Oriente me encantam. Conte-me toda a sua vida. Gosto de participar dos sofrimentos de um homem de coragem, pois também os sinto, de verdade!

Ela brincava com a echarpe, torcendo-a e puxando-a com movimentos de impaciência que pareciam acusar um descontentamento interior e profundas reflexões.

– Não valemos nada – ela continuou. – Ah! Somos pessoas indignas, egoístas, frívolas. Sabemos apenas nos aborrecer à força de divertimentos. Nenhuma de nós compreende o seu papel na vida. Outrora, na França, as mulheres eram luzes benfazejas, viviam para aliviar os que choram, encorajar as grandes virtudes, recompensar os artistas e animar-lhes a vida por nobres pensamentos. Se a sociedade tornou-se tão pequena, a culpa é nossa. Você me faz odiar essa sociedade e o baile. Não, não lhe sacrifique grande coisa.

Acabou por destruir a echarpe, como uma criança que, brincando com uma flor, acaba por arrancar-lhe todas as pétalas; enrolou-a, jogou-a longe e pôde assim mostrar seu pescoço de cisne. Tocou a campainha para chamar o criado.

– Não sairei – comunicou-lhe. Depois voltou timidamente os longos olhos azuis para Armand, de maneira a fazê-lo aceitar, pelo temor que exprimiam, aquela ordem como uma confissão, como um primeiro e grande favor.

– Você conheceu muitos sofrimentos – disse, após uma pausa cheia de pensamentos e com uma ternura que muitas vezes está na voz das mulheres sem estar no coração.

– Não – respondeu Armand. – Até hoje eu não sabia o que era a felicidade.

– Então já sabe? – disse ela olhando para baixo, com um ar hipócrita e astucioso.

– A felicidade para mim, daqui por diante, não é vê-la e ouvi-la? – ...Até o presente eu apenas havia sofrido, agora compreendo que posso ser infeliz...

– Basta – disse ela –, vá embora, é meia-noite, respeitemos as conveniências. Não fui ao baile porque você estava aqui. Não demos ocasião a conversas. Adeus. Não sei o que direi, mas a enxaqueca é um bom motivo e nunca nos desmente.

– Haverá baile amanhã? – ele perguntou.

– Acho que se acostumará com isso. Pois bem, sim, amanhã também iremos ao baile.

Armand saiu sentindo-se o homem mais feliz do mundo e foi todas as noites à casa da sra. de Langeais à hora que, por uma espécie de convenção tácita, foi-lhe reservada. Seria fastidioso e, para a grande quantidade de jovens que têm essas belas lembranças, seria uma redundância fazer marchar esta narrativa passo a passo, como marcha o poema dessas conversações secretas cujo curso avança ou se retarda, ao sabor de uma mulher, por uma disputa de palavras, quando o sentimento vai muito depressa, por uma queixa sobre os sentimentos, quando as palavras não respondem mais ao pensamento. Assim, para marcar o progresso dessa obra de Penélope, seria preciso talvez ater-se às expressões materiais do sentimento. Alguns dias depois do primeiro encontro da duquesa e de Armand de Montriveau, o assíduo general conquistara com toda a propriedade o direito de beijar as insaciáveis mãos de sua amada. Onde quer que fosse a sra. de Langeais, via-se inevitavelmente o sr. de Montriveau, que alguns passaram a chamar, por gracejo, *o ordenança da duquesa*. A posição de Armand já lhe produzira invejosos, ciumentos inimigos. A sra. de Langeais alcançara seu objetivo. O marquês confundia-se entre seus

numerosos admiradores e servia-lhe para humilhar os que se gabavam de contar com suas boas graças, dando publicamente a ele a preferência sobre os demais.

– Decididamente – dizia a sra. de Sérizy –, o sr. de Montriveau é o homem que a duquesa mais distingue.

Quem não sabe o que quer dizer, em Paris, *ser distinguido por uma mulher*? As coisas estavam, assim, perfeitamente em regra. O que as pessoas se divertiam em contar do general tornou-o tão temível que os jovens mais hábeis abdicaram tacitamente suas pretensões sobre a duquesa e só permaneceram em sua esfera para explorar a importância que disso obtinham, para se servir do nome dela, de sua pessoa, para se arranjar melhor com certas beldades de segunda ordem, encantadas de roubar um admirador da sra. de Langeais. A duquesa tinha olhos bastante perspicazes para perceber essas deserções e esses arranjos que seu orgulho não lhe permitia tolerar. Ela sabia então, dizia o príncipe de Talleyrand, que a apreciava muito, vingar-se com uma frase afiada desferida contra essas bodas *morganáticas*[18]. Seus gracejos desdenhosos muito contribuía para fazê-la temida e passar por uma pessoa excessivamente espiritual. Assim ela consolidava sua reputação de virtude, ao mesmo tempo em que se divertia com os segredos de outrem, sem deixar penetrar os seus. Contudo, após dois meses de assiduidade, ela sentiu no fundo da alma uma espécie de vago temor ao ver que o sr. de Montriveau nada compreendia das sutilezas galantes do Faubourg Saint-Germain e levava a sério os trejeitos parisienses.

– Este homem é primo-irmão das águias, minha cara duquesa – disse o velho vidama de Pamiers[19] –, você não o domesticará e, se não tomar cuidado, ele a levará pelos ares.

No dia seguinte àquele em que o velho experiente lhe disse essa frase, ela tentou fazer-se odiar e mostrou-se dura, exigente, nervosa, detestável para com Armand, que a desarmou com uma doçura angelical. Essa mulher conhecia tão pouco a bondade generosa de um grande caráter que ficou tocada pela graciosa reação com que sua atitude foi inicialmente acolhida. Ela buscava uma briga e encontrou provas de afeição. Mesmo assim persistiu.

– Em que – disse-lhe Armand – um homem que a idolatra pôde desagradá-la?

– Você não me desagrada – ela respondeu, voltando de repente a ser doce e submissa –; mas por que quer me comprometer? Devia ser apenas um amigo para mim. Não percebe? Gostaria de ver em você o instinto, as delicadezas da verdadeira amizade, a fim de não perder nem sua estima nem os prazeres que sinto a seu lado.

– Ser apenas seu *amigo*? – exclamou o sr. de Montriveau, em cuja cabeça essa palavra produziu choques elétricos. – Por acreditar nas horas doces que me concede, durmo e desperto em seu coração; e hoje, sem motivo, você se compraz gratuitamente em matar as esperanças secretas que me fazem viver. Acaso está querendo, depois de ter-me feito prometer tanta constância, e de ter mostrado tanto horror pelas mulheres que só têm caprichos, dar a entender que, como todas as mulheres de Paris, só tem paixões e nenhum amor? Por que então pediu minha vida, e por que a aceitou?

– Cometi um erro, meu amigo. Sim, uma mulher comete um erro ao deixar-se levar por tais entusiasmos quando não pode nem deve recompensá-los.

– Compreendo, você foi apenas um pouco coquete e...

– Coquete? ... Odeio o coquetismo. Ser coquete, Armand, é prometer-se a vários homens e não se dar. Dar-se a todos é libertinagem. Eis o que julguei compreender de nossos costumes. Mas fazer-se melancólica com os humoristas, alegre com os despreocupados, política com os ambiciosos, escutar com aparente admiração os tagarelas, ocupar-se de guerra com os militares, ser apaixonada pelo bem do país

com os filântropos, conceder a cada um sua pequenadose de satisfação, isso me parece tão necessário quanto pôr flores nos cabelos, enfeitar-se com diamantes, luvas e vestidos. O discurso é a parte moral da toailete, põe-se e tira-se como um chapéu de plumas. Chama isso de coquetismo? Mas eu nunca o tratei como trato todo o mundo. Com você, meu amigo, sou verdadeira. Nem sempre partilhei suas idéias; e quando me convenceu, após uma discussão, acaso não me viu muito feliz? Enfim, eu o amo, mas apenas como a uma mulher pura e religiosa é permitido amar. Tenho pensado muito. Sou casada, Armand. Se a maneira como vivo com o sr. de Langeais me deixa livre o coração, as leis e as conveniências tiraram-me o direito de dispor de minha pessoa. Em qualquer posição em que esteja, uma mulher desonrada é expulsa do mundo, e ainda não conheço nenhum exemplo de homem que tenha compreendido aquilo a que o obrigam então nossos sacrifícios. Mais ainda, o rompimento que todos prevêem entre a sra. de Beauséant e o sr. d'Ajuda[20], que, ao que dizem, vive com a srta. de Rochefide, me provou que esses mesmos sacrifícios são quase sempre as causas do abandono dos homens. Se me amasse sinceramente, deixaria de me ver por algum tempo! Por você, vou me despojar de toda a vaidade; já não é alguma coisa? O que se diz de uma mulher pela qual nenhum homem se afeiçoa? Ah! Ela é sem coração, sem espírito, sem alma, sem charme, sobretudo. Oh! As coquetes nada me perdoarão, vão me tirar as qualidades que lhes dói encontrar em mim. Se minha reputação se mantiver, que me importa ver contestadas minhas vantagens por rivais? Elas com certeza não as herdarão. Vamos, meu amigo, dê algo a quem lhe sacrifica tanto! Venha com menos freqüência, não o amarei menos por isso.

– Ah! – respondeu Armand com a profunda ironia de um coração ferido –, o amor, segundo os escrevinhadores, só se alimenta de ilusões! Nada mais verdadeiro, é preciso que eu me imagine ser amado. Mas veja, há pensamentos, como há feridas, que não saram: você era uma de minhas últimas crenças, e percebo agora que tudo é falso neste mundo.

Ela pôs-se a sorrir.

– Sim – continuou Montriveau com uma voz alterada –, sua fé católica à qual quer me converter é uma mentira que os homens inventam, a esperança é uma mentira apoiada no futuro, o orgulho é uma mentira conosco mesmos, a piedade, a sabedoria, o terror são cálculos mentirosos. Assim minha felicidade será também uma mentira, é preciso que eu engane a mim mesmo e consinta sempre em trocar uma moeda de ouro por um vintém. Se pode facilmente dispensar-se de me ver, se não me reconhece nem como amigo nem como amante, você não me ama! E eu, pobre louco, digo isso e sei que amo.

– Mas por Deus, meu pobre Armand, você exagera!

– Exagero?

– Sim, acredita que tudo está em questão porque lhe falo de prudência.

No fundo, ela estava encantada com a cólera que transbordava nos olhos de seu amado. Naquele momento, ela o atormentava; mas também o julgava e observava as menores alterações de sua fisionomia. Se o general tivesse a infelicidade de mostrar-se generoso sem discussão, como acontece às vezes a certas almas cândidas, ele teria sido banido para sempre, acusado e condenado de não saber amar. As mulheres, em sua maioria, querem se sentir moralmente violadas. Não é uma de suas glórias jamais cederem senão à força? Mas Armand não era bastante instruído para perceber a armadilha habilmente montada pela duquesa. Os homens fortes, quando amam, têm tanta infância na alma!

– Se quer conservar apenas as aparências – disse ele com ingenuidade –, estou pronto a...

– Conservar apenas as aparências?! – ela exclamou, interrompendo-o. – Mas que idéia faz de mim?

Acaso lhe dei o menor direito de pensar que posso ser sua?

– Ah, é? E de que falamos então? – perguntou Montriveau.

– Mas, senhor, você me assusta. Não, perdão – ela se corrigiu num tom frio –; obrigada, Armand, obrigada: você me adverte a tempo de uma imprudência muito involuntária, acredite, meu amigo. Diz que sabe sofrer, não é? Pois eu também saberei. Deixaremos de nos ver; depois, quando ambos tivermos conseguido recuperar um pouco de calma, aí sim, trataremos de obter uma felicidade aprovada pela sociedade. Sou jovem, Armand, um homem sem delicadeza faria uma mulher de 24 anos cometer muitas tolices e desatinos. Mas você, você será meu amigo, prometa-me!

– A mulher de 24 anos – ele respondeu – sabe calcular.

Sentou-se no divã do budoar e ficou com a cabeça apoiada nas mãos.

– Você me ama, senhora? – perguntou, erguendo a cabeça e mostrando a ela um rosto cheio de resolução. – Diga claramente: sim ou não.

A duquesa ficou mais apavorada com essa interrogação do que ficaria com uma ameaça de morte, ardil vulgar que pouco assusta as mulheres do século XIX, por não verem mais os homens portando a espada à cintura; mas um movimento de pálpebras, de sobrancelhas, contrações no olhar e tremores de lábios não comunicam vivamente, magneticamente, o terror que exprimem?

– Ah! – disse ela – se eu fosse livre, se...

– Pois bem, é somente seu marido que nos atrapalha? – exclamou alegremente o general, dando grandes passadas pelo budoar. – Minha querida Antoinette, possuo um poder mais absoluto que o do autocrata de todas as Rússias. Entendo-me com a Fatalidade; posso, socialmente falando, fazê-la avançar ou retardar a meu capricho, como se faz com um relógio. Dirigir a Fatalidade, em nossa máquina política, não é simplesmente conhecer suas engrenagens? Dentro em breve você será livre, lembre-se então de sua promessa.

– Armand – ela exclamou –, que está querendo dizer? Ó Deus! Acredita que posso ser o ganho de um crime? Deseja minha morte? Então não possui absolutamente nenhuma religião? Quanto a mim, temo a Deus. Embora o sr. de Langeais tenha me dado o direito de odiá-lo, não lhe desejo mal algum.

O sr. de Montriveau, que batia maquinalmente o toque de retirada com os dedos no mármore da lareira, contentou-se em olhar a duquesa com um ar calmo.

– Meu amigo – ela continuou –, respeite-o. Ele não me ama, não procede bem comigo, mas tenho deveres a cumprir em relação a ele. Para evitar as desgraças com que o ameaça, o que eu não faria?

– Escute – prosseguiu após uma pausa –, não lhe falarei mais de separação, você virá aqui como tem vindo, sempre lhe oferecerei a beijar minha testa; se às vezes a recusei, foi puro coquetismo, na verdade. Mas entendamo-nos, disse ela, vendo que ele se aproximava. Você me permitirá aumentar o número de meus pretendentes, recebê-los de manhã em maior quantidade do que no passado: quero ostentar ainda mais leviandade, tratá-lo aparentemente muito mal, fingir um rompimento; você virá com um pouco menos de freqüência; e depois...

Ao dizer essas palavras, ela deixou-se tomar pela cintura, pareceu sentir, pressionada assim por Montriveau, o prazer excessivo que a maioria das mulheres sente com essa pressão, na qual todos os prazeres do amor parecem prometidos; então desejou, certamente, obter alguma confiança, pois se alçou na ponta dos pés para oferecer a testa aos lábios ardentes de Armand.

– Depois – retomou Montriveau –, não me falará mais de seu marido: não deve mais pensar nele.

A sra. de Langeais ficou em silêncio.

– Pelo menos – disse ela após uma pausa expressiva – fará tudo o que eu quiser, sem resmungar, sem ser mau? Diga, meu amigo: quis apenas me assustar? Vamos, confesse!... Você é demasiado bom para conceber pensamentos criminosos. Mas será que teria segredos que não conheço? Como pode conduzir o destino?

– No momento em que confirma a doação que seu coração já me fez, sinto-me feliz demais para saber o que lhe responder. Tenho confiança em você, Antoinette, não terei nem suspeitas nem falsos ciúmes. Mas, se o acaso a fizer livre, estamos unidos...

– O acaso, Armand – ela disse com um daqueles gestos encantadores de cabeça que parecem repletos de coisas e que certas mulheres lançam irrefletidamente, como uma cantora a brincar com a voz. O puro acaso – ela insistiu. – Saiba isto bem: se acontecesse, por culpa sua, qualquer desgraça ao sr. de Langeais, eu jamais lhe pertenceria.

Separaram-se contentes, os dois. A duquesa fizera um pacto que lhe permitia provar ao mundo, por suas palavras e suas ações, que o sr. de Montriveau não era seu amante. Quanto a ele, a astuta prometia-se cansá-lo, não lhe concedendo outros favores senão aquelas surpresas nas pequenas lutas cujo desenrolar ela conduzia à vontade. Ela sabia perfeitamente revogar, no dia seguinte, as concessões feitas na véspera, estava tão seriamente determinada a permanecer fisicamente virtuosa que não via nenhum perigo em preâmbulos perigosos apenas para as mulheres apaixonadas. Enfim, uma duquesa separada do marido oferecia pouca coisa ao amor, ao sacrificar um casamento havia muito anulado. Por seu turno, Montriveau, feliz de obter a mais vaga das promessas e de afastar para sempre as objeções que uma esposa busca na fé conjugal para se recusar ao amor, felicitava-se por ter conquistado um pouco mais de terreno. Assim, durante algum tempo, abusou dos direitos de usufruto que lhe haviam sido tão dificilmente outorgados. Mais infantil do que jamais fora, esse homem deixou-se levar por todas as infantilidades que fazem do primeiro amor a flor da vida. Voltava a ser criança, despejando a alma e as forças enganosas que a paixão lhe comunicava nas mãos daquela mulher, em seus cabelos louros cujos cachos ele beijava, em sua testa resplandecente que ele via pura. Inundada de amor, vencida pelos eflúvios magnéticos de um sentimento tão caloroso, a duquesa hesitava em fazer surgir a disputa que haveria de separá-los para sempre. Essa criatura frágil era mais mulher do que imaginava, ao tentar conciliar as exigências da religião com as vivas emoções da vaidade, com as aparências de prazer que as parisienses tanto adoram. Todo domingo ouvia a missa, não faltava a um ofício; depois, à noite, mergulhava nas embriagantes volúpias que os desejos reprimidos não cessam de alimentar. Armand e a sra. de Langeais assemelhavam-se aos faquires da Índia, cuja castidade é recompensada pelas tentações que lhes oferece. Talvez assim a duquesa acabasse por reduzir o amor àquelas carícias fraternas, que teriam parecido inocentes a todo mundo, mas nas quais a ousadia de seu pensamento punha excessivas depravações. Como explicar de outro modo o mistério incompreensível de suas perpétuas hesitações? Toda manhã propunha-se fechar sua porta ao marquês de Montriveau; mas toda noite, à hora combinada, deixava-se seduzir por ele. Depois de uma frouxa defesa, fazia-se menos maldosa; sua conversa tornava-se doce, untuosa; somente dois amantes podiam ser assim. A duquesa mostrava seu espírito mais cintilante, seu coquetismo mais arrebatador; quando já havia excitado a alma e os sentidos do amado, se ele a abraçasse, queria deixar-se romper e torcer por ele, mas tinha seu *nec plus ultra* [21] de paixão; e quando ele chegava nesse ponto, ela sempre se zangava se, dominado por seu ímpeto, Armand mostrasse vontade de franquear as barreiras. Nenhuma mulher ousa recusar-se sem motivo ao amor, nada é mais natural do que ceder a ele; assim a sra. de Langeais logo se cercou de uma segunda linha de fortificações

mais difícil de conquistar que a primeira. Evocou os terrores da religião. Nunca um padre da Igreja, o mais eloqüente, defendeu melhor a causa de Deus; nunca as vinganças do Altíssimo foram melhor justificadas do que pela voz da duquesa. Ela não empregava frases de sermão nem ampliações de retórica. Não, possuía um *pathos* todo seu. À mais ardente súplica de Armand respondia por um olhar molhado de lágrimas, por um gesto que indicava uma terrível plenitude de sentimentos; fazia-o calar-se ao pedir-lhe misericórdia; uma palavra mais, que não quisesse ouvir, ela sucumbiria, e a morte parecia preferível a uma felicidade criminosa.

– Então não é nada desobedecer a Deus? – ela dizia a ele, reencontrando uma voz enfraquecida por combates interiores sobre os quais essa bela atriz parecia ter, com dificuldade, um domínio passageiro. – Os homens, a terra inteira, eu lhe sacrificaria de bom grado; mas você é muito egoísta em pedir-me todo o meu futuro por um momento de prazer. Vamos, diga, não é feliz? – acrescentava, estendendo-lhe a mão e mostrando-se a ele num *négligé* que certamente oferecia ao amante consolos com os quais ele sempre se contentava.

Se, para reter um homem cuja paixão ardente lhe dava emoções inusuais, ou se, por fraqueza, ela se deixava arrebatada por um rápido beijo, em seguida fingia o medo, corava e expulsava Armand de seu canapé, no momento em que o canapé se tornava um lugar perigoso.

– Seus prazeres são pecados que expio, Armand; eles me custam penitências, remorsos – exclamava.

Quando Montriveau se via a duas cadeiras daquela saia aristocrática, ele se punha a blasfemar, maldizendo a Deus. A duquesa então se zangava.

– Mas meu amigo – dizia ela secamente –, não compreendo por que recusa acreditar em Deus, pois é impossível acreditar nos homens. Cale-se, não fale assim; sua alma é demasiado grande para esposar as tolices do liberalismo, que tem a pretensão de matar Deus.

As discussões teológicas e políticas serviam de duchas para acalmar Montriveau, que não sabia mais voltar ao amor quando ela lhe excitava a cólera, lançando-o a mil léguas dali, nas teorias do absolutismo que ela defendia tão bem. Poucas mulheres ousam ser democratas, pois entram então em contradição com seu despotismo em matéria de sentimentos. Muitas vezes, porém, o general sacudia a juba, abandonava a política, rugia como um leão, resfolegava e lançava-se sobre a presa, voltando terrível de amor à sua amada, incapaz de manter por muito tempo o conflito entre coração e pensamento. Ao sentir-se picada por uma fantasia bastante forte para comprometê-la, ela sabia então abandonar seu budoar: deixava o ar carregado dos desejos que ali respirava, ia para a sala de estar e punha-se ao piano, cantava as árias mais deliciosas da música moderna, enganando assim o amor dos sentidos que às vezes não a perdoava, mas que ela tinha a força de vencer. Nesses momentos era sublime aos olhos de Armand: não fingia, era verdadeira, e o pobre amante acreditava-se amado. Essa resistência egoísta parecia a ele a de uma santa e virtuosa criatura, e ele se resignava, falava de amor platônico, ele, o general de artilharia! Depois de ter manejado bastante a religião em seu interesse pessoal, a sra. de Langeais pôs-se a fazê-lo em favor de Armand: quis trazê-lo de volta aos sentimentos cristãos, expondo-lhe um *Gênio do cristianismo*<sup>[22]</sup> para uso dos militares. Montriveau impacientou-se, achou o jugo pesado. E então, por espírito de contradição, ela lhe enchia a cabeça de Deus, para ver se Deus a livraria de um homem que visava seu alvo com uma constância que começava a assustá-la. Aliás, ela se comprazia em prolongar toda disputa que parecesse eternizar a luta moral, depois da qual vinha uma luta material bem mais

perigosa.

Mas, se a oposição feita em nome das leis do casamento representou a *época civil* dessa guerra sentimental, a fase atual seria sua *época religiosa*, e ela teve, como a precedente, uma crise depois da qual seu rigor haveria de diminuir. Uma noite, Armand, tendo fortuitamente chegado mais cedo, encontrou o abade Gontrand, diretor de consciência da sra. de Langeais, sentado numa poltrona junto à lareira, como um homem a digerir o jantar e os belos pecados de sua penitente. A visão desse homem de aspecto tranqüilo, com o rosto calmo, a boca ascética, o olhar maliciosamente inquisidor, que tinha no porte uma verdadeira nobreza eclesiástica, e já vestindo o violeta episcopal, ensombreceu singularmente o rosto de Montriveau, que não cumprimentou ninguém e permaneceu em silêncio. Fora do seu amor, o general não carecia de tato; assim adivinhou, ao trocar alguns olhares com o futuro bispo, que esse homem era o promotor das dificuldades que o amor da duquesa lhe antepunha. A idéia de que um abade ambicioso atrapalhasse e retivesse a felicidade de um homem de têmpera como era Montriveau ardeu-lhe na face, fazendo-o crisar os dedos, levantar-se, andar e bater nervosamente os pés; depois, quando voltava a seu lugar, com a intenção de fazer um escândalo, um único olhar da duquesa era suficiente para acalmá-lo. A sra. de Langeais, nem um pouco embaraçada pelo silêncio de seu amante, que teria constrangido qualquer outra mulher, continuava a conversar muito espiritualmente com o sr. Gontrand sobre a necessidade de restabelecer a religião no seu antigo esplendor. Explicava melhor do que o padre por que a Igreja devia ser um poder tanto espiritual quanto temporal e lamentava que a Câmara dos Pares não tivesse ainda uma *bancada dos bispos*, como tinha a Câmara dos Lordes inglesa. No entanto o abade, sabendo que a Quaresma lhe permitiria ter uma revanche, cedeu o lugar ao general e saiu. A duquesa mal levantou-se para retribuir ao confessor a humilde reverência que recebeu, pois no fundo estava intrigada pela atitude de Montriveau.

– Que há com você, meu amigo?

– Não agüento este seu padre!

– Por que não pegou um livro? – disse ela, sem se preocupar de ser ouvida ou não pelo abade que fechava a porta.

Montriveau ficou mudo por um momento, pois a duquesa acompanhou a pergunta com um gesto que lhe realçava ainda mais a impertinência.

– Minha querida Antoinette, agradeço por colocar o Amor à frente da Igreja; mas, por favor, permita que eu faça uma pergunta.

– Pois faça, não há problema – ela disse. – Acaso não é meu amigo? Com certeza posso lhe mostrar o fundo de meu coração, nele verá somente uma imagem.

– Fala a esse homem do nosso amor?

– Ele é meu confessor.

– Ele sabe que a amo?

– Sr. de Montriveau, está querendo penetrar os segredos de minha confissão?

– Então esse homem conhece todas as nossas conversas e meu amor por você...

– Esse homem... Diga Deus, senhor!

– Deus! Deus! Devo ser o único no seu coração! Deixe Deus tranqüilo onde está, por amor dele e de mim. Senhora, não irá mais confessar-se, ou...

– Ou? – disse ela sorrindo.

– Ou não voltarei mais aqui.

– Vá embora, Armand. Adeus, adeus para sempre.

Ela se levantou e foi para seu budoar, sem lançar um único olhar a Montriveau que ficou de pé, com a mão apoiada numa cadeira. Quanto tempo permaneceu assim, ele próprio nunca saberá. A alma tem o poder desconhecido tanto de ampliar como de comprimir o espaço. Depois abriu a porta do budoar, estava escuro ali. Uma voz fraca se elevou para dizer asperamente:

– Não toquei a campainha, Suzette. Como entrou sem ser chamada? Deixe-me.

– Estás sofrendo? – disse Montriveau.

– Deixe-me, senhor – ela repetiu, e fez soar a campainha –, saia daqui ao menos por um momento.

– A sra. duquesa pede luz – disse ele ao criado, que se dirigiu até o budoar para acender as velas.

Quando os dois amantes ficaram a sós, a sra. de Langeais permaneceu deitada no divã, muda, imóvel, absolutamente como se Montriveau não estivesse ali.

– Querida – disse ele com um acento de dor e de bondade sublime –, agi mal. Eu não te quereria, certamente, sem religião...

– Ainda bem – ela replicou sem olhá-lo e com uma voz dura, que reconhece a necessidade da consciência. – Agradeço-lhe em nome de Deus.

Aqui o general, abatido pela inclemência dessa mulher, que sabia tornar-se, quando queria, uma estranha ou uma irmã para ele, deu um passo de desespero em direção à porta, e ia abandoná-la para sempre sem dizer uma só palavra. Ele sofria, e a duquesa ria dentro dela dos sofrimentos causados por uma tortura moral bem mais cruel que a tortura judiciária no passado. Mas aquele homem não tinha o poder de ir embora. Em toda espécie de crise, uma mulher está impregnada de uma certa quantidade de palavras; e, quando não as disse, tem a mesma sensação causada pelo aspecto de uma coisa incompleta. A sra. de Langeais, que não havia dito tudo, retomou a palavra.

– Não temos as mesmas convicções, general, é uma pena. Seria terrível para uma mulher não acreditar numa religião que permite amar para além do túmulo. Ponho de lado os sentimentos cristãos, você não os compreende. Deixe-me falar apenas das conveniências. Quer banir uma dama da corte da mesa da comunhão quando se aproxima a Páscoa? Mas é preciso fazer algo a favor do seu partido. E os liberais, apesar de seu desejo, não matarão o sentimento religioso. A religião será sempre uma necessidade política. Ousaria governar um povo de raciocinadores? Napoleão não ousou, ele perseguia os ideólogos. Para impedir os povos de raciocinar, é preciso impor-lhes sentimentos. Aceitemos, pois, a religião católica com todas as suas conseqüências. Se queremos que a França vá à missa, não devemos começar por irmos nós mesmos? A religião, Armand, você sabe, é a liga dos princípios conservadores que permitem aos ricos viverem tranqüilos. A religião está intimamente ligada à propriedade. Com certeza é mais belo conduzir os povos por idéias morais do que pelo cadafalso, como no tempo do Terror, único meio que sua detestável revolução inventou para fazer-se obedecer. O padre e o rei são você, sou eu, são a princesa minha vizinha; em suma, são todos os interesses personificados nas pessoas de bem. Vamos, meu amigo, seja do seu partido, você que poderia ser um Sila[23] se tivesse a menor ambição. Ignoro a política, raciocino apenas por sentimento; mas sei o bastante para adivinhar que a sociedade seria derrubada se suas bases fossem postas em questão a todo momento...

– Se seu coração, se seu governo pensam assim, você me dá pena – disse Montriveau. – A Restauração, senhora, deve dizer o que disse Catarina de Médicis quando acreditou perdida a batalha de

Dreux[24]: “Pois bem, iremos à prédica!”. Ora, 1815 foi a batalha de Dreux de vocês. Como o trono daquele tempo, vocês ganharam de fato, mas perderam de direito. O protestantismo político é vitorioso nos espíritos. Se não quiserem fazer um Édito de Nantes[25], ou, se fizerem, o revogarem; se um dia forem acusados de não mais quererem a Constituição, que é apenas um penhor para a manutenção dos interesses revolucionários, a Revolução ressurgirá terrível e não lhes dará mais que um golpe; não é ela que sairá da França; ela é o solo mesmo da França. Os homens deixam-se matar, mas não os interesses... Oh! meu Deus, mas que nos importam a França, o trono, a legitimidade, o mundo inteiro? São quimeras comparadas à minha felicidade. Reinem, sejam derrubados, pouco importa. Onde estou afinal?

– Está no budoar da duquesa de Langeais, meu amigo.

– Não, não mais duquesa, não mais de Langeais, estou junto de minha querida Antoinette!

– Quer fazer-me a gentileza de ficar onde está? – disse ela rindo e rechaçando-o, mas sem violência.

– Então nunca me amou! – ele reagiu, com uma raiva que lhe fez sair faíscas dos olhos.

– Não, meu amigo.

Esse não equivalia a um sim.

– Sou um grande tolo – ele disse beijando a mão daquela terrível rainha que voltava a ser mulher.

– Antoinette – continuou, apoiando a cabeça nos pés dela –, você é muito terna e casta para falar de nossas felicidades a quem quer que seja no mundo.

– Ah! Você é um grande louco – disse ela, levantando-se num movimento rápido e gracioso. E, sem acrescentar uma palavra, dirigiu-se à sala de estar.

– Que há com ela? – perguntou o general, que não sabia adivinhar o poder das comoções que sua cabeça ardente eletricamente comunicara dos pés à cabeça de sua amada.

No momento em que chegava furioso à sala de estar, ele ouviu celestes acordes. A duquesa estava ao piano. Os homens de ciência ou de poesia que podem ao mesmo tempo compreender e gozar sem que a reflexão prejudique seus prazeres sentem que o alfabeto e a fraseologia musical são os instrumentos íntimos do músico, assim como a madeira e o metal são os do executante. Para eles, existe uma música à parte no fundo da dupla expressão dessa sensual linguagem das almas. *Andiamo mio ben* pode arrancar lágrimas de alegria ou fazer rir de piedade, conforme a cantora. Com frequência, aqui e ali no mundo, uma jovem que expira sob o peso de um sofrimento desconhecido, um homem cuja alma vibra sob os arpejos de uma paixão, encontram um tema musical e entendem-se com o céu, ou falam consigo mesmos numa sublime melodia, espécie de poema perdido. Naquele momento, o general escutava uma dessas poesias desconhecidas, como pode ser o lamento solitário de um pássaro, morto sem companheira numa floresta virgem.

– Meu Deus, o que está tocando? – disse ele com a voz emocionada.

– O prelúdio de uma romança chamada, creio, *Rio Tejo*.

– Eu não sabia o que podia ser uma música de piano – ele falou.

– Ah! Meu amigo – ela disse, dirigindo a ele pela primeira vez um olhar de mulher amorosa –, você não sabe tampouco que o amo, que me faz sofrer terrivelmente e que devo queixar-me sem fazer-me compreender demais, caso contrário seria sua... Mas você não percebe nada.

– E você não quer me fazer feliz!

– Armand, eu morreria de dor no dia seguinte.

O general saiu bruscamente; mas, quando se viu na rua, enxugou duas lágrimas que tivera a força de conter nos olhos.

A religião durou três meses. Esgotado esse prazo, a duquesa, cansada de suas repetições, entregou Deus de pés e mãos atados ao amante. Talvez ela temesse, à força de falar de eternidade, perpetuar o amor do general neste mundo e no outro. Para a honra dessa mulher, é necessário acreditá-la virgem, mesmo de coração; caso contrário, seria horrível. Ainda muito longe daquela idade em que tanto o homem como a mulher estão muito perto do futuro para perderem tempo a trapacear com o que sentem, ela agia assim, certamente, não com seu primeiro amor, mas com seus primeiros prazeres. Sem poder comparar o bem ao mal, sem os sofrimentos que lhe teriam ensinado o valor dos tesouros lançados a seus pés, ela brincava com eles. Não conhecendo as delícias da luz, comprazia-se em permanecer nas trevas. Armand, que começava a entrever essa situação bizarra, confiava que a natureza falaria mais alto. Toda noite, ao sair da casa da sra. de Langeais, pensava que uma mulher não teria aceito durante sete meses as atenções de um homem e as provas de amor mais ternas, mais delicadas, não teria consentido as exigências superficiais de uma paixão para enganá-la no último momento, e esperava pacientemente a estação do sol, não duvidando que recolheria então seus frutos tardios. Ele havia compreendido perfeitamente os escrúpulos da mulher casada e os escrúpulos religiosos. Inclusive se alegrara com tais combates. Achava a duquesa pudica onde ela era apenas coquete; e não a teria querido de outro modo. Assim, gostava de vê-la inventar obstáculos; não estava ele triunfando gradualmente? E não aumentava cada triunfo a pequena soma das intimidades amorosas primeiro defendidas, depois concedidas com todas as aparências do amor? Mas ele degustara tão bem as miúdas e progressivas conquistas de que se alimentam os amantes tímidos, que se habituara com elas. Em matéria de obstáculos, portanto, tinha apenas seus próprios terrores a vencer; pois não via outro empecilho à sua felicidade senão os caprichos daquela que se deixava chamar de *Antoinette*. Resolveu então querer mais, querer tudo. Embaraçado como um amante ainda jovem que não ousa acreditar no rebaixamento de seu ídolo, hesitou por muito tempo, e conheceu aqueles terríveis impasses do coração, vontades definidas que uma palavra destrói, decisões tomadas que expiram na soleira de uma porta. Ele se desprezava por não ter a força de dizer uma palavra, e não dizia. Uma noite, porém, procedeu, sombrio e melancólico, à demanda feroz de seus direitos ilegalmente legítimos. A duquesa não esperou o pedido do escravo para adivinhar-lhe o desejo. Um desejo de homem é alguma vez secreto? E as mulheres não possuem, todas, a ciência infusa de certas mudanças de fisionomia?

– O quê! Quer deixar de ser meu amigo? – disse ela, interrompendo-o às primeiras palavras e lançando-lhe olhares ornados por um divino rubor que correu como um sangue novo sob sua pele diáfana. – Para recompensar-me de minhas generosidades, quer desonrar-me? Reflita um pouco! Eu, eu refleti muito; penso sempre em *nós*. Existe uma proibidade de mulher a que não devemos faltar, assim como você não deve faltar à honra. Não sei enganar. Se for sua, não poderei mais ser a mulher do sr. de Langeais. Está querendo o sacrifício de minha posição, de minha classe, de minha vida, em troca de um amor duvidoso que não teve sete meses de paciência? Gostaria de arrancar-me a livre disposição de mim mesma? Não, não me fale mais assim. Não, não me diga nada. Não quero, não posso ouvi-lo.

A sra. de Langeais pôs as duas mãos nos cabelos para puxar para trás os cachos que lhe aqueciam a testa, e prosseguiu, muito animada:

– Você vem à casa de uma frágil criatura com cálculos bem definidos, dizendo consigo: “Ela me

falará do marido durante um certo tempo, depois de Deus, depois das conseqüências inevitáveis do amor; mas usarei, abusarei da influência que terei conquistado; vou tornar-me necessário; terei a meu favor os hábitos, os comentários feitos pelo público; enfim, quando a sociedade aceitar nossa ligação, serei o dono desta mulher”. Seja franco, são esses os seus pensamentos... Ah! Você calcula e diz que ama, que está apaixonado... Que nada! Você me deseja e me quer como amante, só isso. Mas não, a *duquesa de Langeais* não descerá a esse ponto. Quantas ingênuas burguesas se iludem com as falsidades de vocês, homens; mas eu nunca me iludirei. Nada me garante seu amor. Você fala de minha beleza; posso ficar feia em seis meses, como a princesa minha vizinha. Está encantado com meu espírito, com minha graça; pois há de se acostumar a isso como se acostuma ao prazer. Já não se habituou, de uns meses para cá, aos favores que tive a fraqueza de lhe conceder? Quando eu estiver perdida, um dia, não me dará outra razão para sua mudança de atitude a não ser a frase decisiva: não amo mais. E, junto com posição, honra, fortuna, a duquesa de Langeais terá sucumbido numa falsa esperança. Terei filhos que atestarão minha vergonha, e... – ela deixou escapar um gesto de impaciência e depois prosseguiu – mas para que explicar o que sabe melhor que eu? Vamos, basta! Fico feliz de poder ainda romper laços que julga tão fortes. Pois há algo de tão heróico assim em ter vindo todas as noites à mansão de Langeais, passar alguns instantes junto a uma mulher cuja tagarelice o agradou e com a qual se divertiu como se fosse um brinquedo? Mas alguns jovens presunçosos também vêm à minha casa, das três às cinco horas, tão regularmente quanto você vem à noite. E são todos muito generosos. Zombo deles, que suportam com tranqüilidade meus ditos espirituosos, minhas impertinências, e me fazem rir; enquanto você, a quem concedo os mais preciosos tesouros da minha alma, quer a minha perdição e me causa mil aborrecimentos. Cale-se, basta, basta – disse ela ao vê-lo querendo falar –, você não tem coração, nem alma, nem delicadeza. Sei o que quer me dizer. Pois bem, sim: prefiro passar a seus olhos como uma mulher fria, insensível, sem devotamento, sem coração mesmo, do que passar aos olhos da sociedade como uma mulher ordinária, do que ser condenada a penas eternas após ter sido condenada a seus pretendidos prazeres, que certamente o cansarão. Seu amor egoísta não vale tantos sacrifícios...

Essas palavras representam imperfeitamente as que a duquesa cantarolou com a viva prolixidade de um realejo. E ela pôde falar por muito tempo, pois o pobre Armand opunha, em resposta a essa torrente de notas flauteadas, apenas um silêncio cheio de sentimentos horríveis. Pela primeira vez, ele entrevia o coquetismo dessa mulher e adivinhava instintivamente que o amor devotado, o amor partilhado não calculava, não raciocinava assim numa mulher verdadeira. E também sentia uma espécie de vergonha, ao lembrar-se de ter involuntariamente feito os cálculos cujos odiosos pensamentos lhe eram reprovados. Examinando-se com uma boa-fé inteiramente angélica, viu então apenas egoísmo em suas palavras, em suas idéias, em suas respostas concebidas e não expressas. Culpou-se e, no seu desespero, teve vontade de jogar-se pela janela. O *eu* o matava. Com efeito, o que dizer a uma mulher que não crê no amor? “Deixe-me provar-lhe o quanto eu a amo.” Sempre o *eu*. Montriveau não sabia, como sabem nessas circunstâncias os heróis das salas íntimas de madame, imitar o rude lógico que enfrenta os céticos que negam o movimento. Esse homem audacioso carecia exatamente da audácia habitual aos amantes que conhecem as fórmulas da álgebra feminina. Se tantas mulheres, mesmo as mais virtuosas, são vítimas de homens hábeis no amor, aos quais o vulgo dá um nome maldoso, é talvez porque eles são grandes *demonstradores*, e porque o amor exige, apesar de sua deliciosa poesia de sentimento, um pouco mais de geometria do que se pensa. Ora, a duquesa e Montriveau assemelhavam-se em serem ambos igualmente

inexperientes no amor. Ela conhecia muito pouco a teoria, ignorava a prática, não sentia nada e refletia sobre tudo. Montriveau conhecia pouco a prática, ignorava a teoria e sentia demais para refletir. Os dois padeciam, portanto, o infortúnio de uma situação bizarra. Naquele momento supremo, os múltiplos pensamentos dele podiam se reduzir a este: “Deixe-se possuir”. Frase muito egoísta para uma mulher em quem tais palavras não evocavam nenhuma lembrança e não despertavam nenhuma imagem. Contudo, era preciso responder. Embora tivesse o sangue espicaçado por aquelas pequenas frases em forma de flechas agudas, frias, aceradas e disparadas uma atrás da outra, Montriveau devia também ocultar sua raiva, para não pôr tudo a perder por uma extravagância.

– Senhora duquesa, desespero-me por Deus não ter inventado para a mulher outra maneira de confirmar a entrega de seu coração a não ser associada à sua pessoa. O alto valor que atribui a si mesma mostra-me que não devo lhe atribuir um valor menor. Se me oferece sua alma e todos os seus sentimentos, como diz, que importa o resto? Aliás, se minha felicidade lhe é um sacrifício penoso, não falemos mais disso. Mas perdoará que um homem de coração se sinta humilhado ao ser visto como um mulherengo.

O tom dessa última frase talvez tivesse assustado outras mulheres; mas quando uma delas se pôs acima de tudo deixando-se divinizar, nenhum poder deste mundo sabe ser tão orgulhoso como ela.

– Senhor marquês, desespero-me por Deus não ter inventado para o homem uma maneira mais nobre de confirmar a entrega de seu coração do que a manifestação de desejos extremamente vulgares. Se, ao darmos nossa pessoa, nos tornamos escravas, um homem a nada se obriga ao nos aceitar. Quem me garante que serei sempre amada? O amor que eu manifestasse a todo momento para afeiçoá-lo mais a mim seria talvez uma razão de ser abandonada. Não quero ser uma segunda edição da sra. de Beauséant. Acaso sabemos o que retém os homens perto de nós? Nossa constante frieza é o segredo da constante paixão de alguns deles; para outros, é preciso um devotamento perpétuo, uma adoração de todos os momentos; para estes, a doçura; para aqueles, o despotismo. Nenhuma mulher ainda pôde decifrar o coração de vocês.

Houve uma pausa, depois da qual ela mudou de tom.

– Enfim, meu amigo, não pode impedir uma mulher de tremer a esta pergunta: Serei sempre amada? Embora duras, minhas palavras são ditadas pelo temor de perdê-lo. Meu Deus! Não sou eu, querido, que fala, mas a razão; e como haveria razão numa pessoa tão louca como eu? Em verdade, nada sei.

Ouvir essa resposta iniciada pela mais dilacerante ironia e terminada pelos tons mais melódiosos que uma mulher já empregou para descrever o amor em sua ingenuidade, não era como ir, num momento, do martírio ao céu? Montriveau empalideceu e, pela primeira vez na vida, caiu aos pés de uma mulher. Beijou-lhe a barra do vestido, os joelhos; mas, para a honra do Faubourg Saint-Germain, convém não revelar os mistérios de suas salas íntimas, onde tudo se queria do amor, menos o que pudesse atestar o amor.

– Querida Antoinette – exclamou Montriveau no delírio em que o mergulhou o abandono completo da duquesa, que se julgou generosa ao deixar-se adorar –; sim, você tem razão, não quero que tenhas dúvidas. Neste momento, temo também ser abandonado pelo anjo de minha vida, e gostaria de inventar para nós laços indissolúveis.

– Ah! – disse ela em voz baixa. – Veja então que tenho razão.

– Deixe-me terminar – retomou Armand –, e com uma única palavra dissiparei todos os seus temores. Escute, se eu abandonasse você, mereceria morrer mil vezes. Seja toda minha, e darei a você o

direito de matar-me se eu a trair. Eu mesmo escreverei uma carta em que direi os motivos que me obrigariam a ser morto; enfim, nela porei minhas últimas disposições. Você possuirá esse testamento que legitimaria minha morte e assim poderá se vingar sem nada temer de Deus nem dos homens.

– Preciso dessa carta? Se eu perdesse seu amor, que seria da minha vida? Se eu quisesse matá-lo, não saberia segui-lo? Não, agradeço a idéia, mas não quero a carta. Não poderia acreditar que você me é fiel por temor; e o perigo de uma infidelidade não seria um atrativo para quem entrega assim a vida? Armand, o que peço é só difícil de fazer.

– E o que você quer então?

– Sua obediência e minha liberdade.

– Meu Deus – ele exclamou –, volto a ser criança.

– Uma criança voluntariosa e muito mimada – disse ela, acariciando a espessa cabeleira daquela cabeça que se mantinha sobre seus joelhos. – Oh! Sim, bem mais amada do que acredita, e no entanto muito desobediente. Por que não permanecer assim? Por que não sacrificar desejos que me ofendem? Por que não aceitar o que concedo, se é tudo o que posso honestamente conceder? Não é feliz?

– Oh! Sim – disse ele –, sou feliz quando não tenho dúvidas, Antoinette. No amor, duvidar não é morrer?

E de repente ele mostrou o que era e o que são todos os homens sob a chama dos desejos: eloqüente, insinuante. Depois de deliciar-se com os prazeres permitidos por alguma secreta decisão jesuítica, a duquesa experimentou aquelas emoções cerebrais cujo hábito lhe fizera o amor de Armand necessário, como eram a sociedade, o baile e a ópera. Ver-se adorada por um homem cuja superioridade e cujo caráter inspiram medo; fazer dele uma criança; brincar, como Popéia, com um Nero[26]: muitas mulheres, como as esposas de Henrique VIII, pagaram essa perigosa felicidade com todo o sangue de suas veias. Curioso pressentimento! Ao entregar a ele os belos cabelos louros nos quais ele gostava de passear os dedos, ao sentir a pequena mão desse homem verdadeiramente grande pressioná-la, ao brincar ela própria com as mechas da cabeleira dele, naquele budoar onde reinava, a duquesa dizia consigo: “Este homem é capaz de matar-me, se perceber que me divirto com ele”.

O sr. de Montriveau ficou até as duas da manhã junto de sua amada, que, a partir daquele momento, não lhe pareceu mais nem uma duquesa, nem uma Navarreins: Antoinette levou tão longe o disfarce a ponto de parecer mulher. Durante essa deliciosa noitada, o mais doce prefácio que uma parisiense já fez para aquilo que a sociedade chama uma falta, o general pôde ver nela, apesar dos trejeitos de um pudor fingido, toda a beleza das mulheres. Pôde pensar, com alguma razão, que muitas discussões caprichosas eram como véus a cobrirem uma alma celeste, e que era preciso levantar um a um, como os que envolviam aquela adorável pessoa. A duquesa foi para ele a mais simples, a mais ingênua das amantes, e ele fez dela a mulher escolhida. Partiu tão feliz de tê-la feito, enfim, dar-lhe tantas provas de amor, que lhe pareceu impossível não ser, para ela, um esposo secreto cuja escolha era aprovada por Deus. Com esse pensamento, na candura dos que sentem todas as obrigações do amor ao saborearem seus prazeres, Armand voltou para sua casa lentamente. Caminhou junto ao rio, a fim de ver o maior espaço possível de céu, queria alargar o firmamento e a natureza para o seu coração dilatado. Seus pulmões pareciam aspirar mais ar do que na véspera. Ao andar, interrogava-se e prometia-se amar religiosamente aquela mulher, de modo que ela pudesse sempre encontrar uma absolvição de suas faltas sociais numa constante felicidade. Doces agitações de uma vida plena! Os homens que têm bastante força para tingir a alma de um

sentimento único sentem gozos infinitos ao contemplarem, por momentos, toda uma vida incessantemente ardente, como os religiosos que contemplam a luz divina em seus êxtases. Sem essa crença na sua perpetuidade, o amor nada seria; a constância o engrandece. Foi assim que, possuído por sua felicidade, Montriveau compreendeu a paixão: “Pertencemos um ao outro para sempre!”. Este pensamento era, para esse homem, um talismã que realizava os desejos de sua vida. Ele não se perguntava se a duquesa mudaria, se o amor duraria. Não, ele tinha fé, uma das virtudes sem a qual não há futuro cristão, mas que talvez seja ainda mais necessária às sociedades. Pela primeira vez, concebia a vida pelos sentimentos, ele que até então vivera apenas pela ação mais exorbitante das forças humanas, o devotamento quase corporal do soldado.

No dia seguinte, o sr. de Montriveau foi mais cedo ao Faubourg Saint-Germain. Tinha um encontro marcado numa casa vizinha à mansão de Langeais, para onde, depois de resolver seus assuntos, se dirigiu como quem vai para casa. O general ia então acompanhado de um homem por quem parecia ter uma espécie de aversão quando o encontrava nos salões. Esse homem era o marquês de Ronquerolles [27], cuja reputação se tornou tão grande nas salas íntimas de Paris; homem de espírito, de talento, sobretudo homem de coragem, e que dava o tom a toda a juventude de Paris; um homem galante cujos sucessos e experiência eram igualmente invejados e a quem não faltavam nem a fortuna, nem a nobreza de nascimento, que em Paris acrescentam tanto lustro às qualidades dos que estão na moda.

– Onde vai você? – disse o sr. de Ronquerolles a Montriveau.

– À casa da sra. de Langeais.

– Ah! É verdade, esqueci que você se deixou pegar em seu visco. Junto dela perde um amor que você poderia empregar melhor noutra parte. Poderia indicar dez mulheres que valem mil vezes mais que essa cortesã titulada, que faz com a cabeça o que outras mulheres mais francas fazem..

– Que está dizendo, meu caro? – disse Armand, interrompendo Ronquerolles. – A duquesa é um anjo de candura.

Ronquerolles pôs-se a rir.

– Se você pensa assim, meu caro, devo esclarecê-lo. Uma palavra só! Entre nós não terá conseqüências. A duquesa pertence a você? Nesse caso, nada tenho a dizer. Vamos, faça suas confidências. Trata-se de não perder tempo enxertando sua bela alma numa natureza ingrata que fará abortar as esperanças de seu cultivo.

Quando Armand fez ingenuamente uma espécie de relato de situação, no qual mencionou os direitos que penosamente obtivera, Ronquerolles deu uma gargalhada tão cruel que para qualquer outro teria custado a vida. Mas, pela maneira como os dois se olhavam e falavam a sós junto a um muro, tão longe dos homens como se estivessem no meio de um deserto, era fácil presumir que uma amizade sem limites os unia e que nenhum interesse humano podia indispor um contra o outro.

– Meu caro Armand, por que você não me disse que se envolveu com a duquesa? Eu teria dado alguns conselhos que fariam você conduzir melhor essa intriga. Fique sabendo, em primeiro lugar, que as mulheres de nosso Faubourg gostam, como todas as outras, de se banhar no amor; mas elas querem possuir sem serem possuídas. Fizeram um acordo com a natureza. A jurisprudência da paróquia lhes permitiu quase tudo, menos o pecado positivo. As guloseimas com que tua bela duquesa te regala são pecados veniais lavados por ela nas águas da penitência. Mas se você tiver a impertinência de querer o grande pecado mortal a que naturalmente dá a maior importância, vai ver com que profundo desdém as

portas do budoar e da mansão serão imediatamente fechadas a você. A terna Antoinette esqueceria tudo, você seria menos que zero para ela. Seus beijos, meu caro, seriam enxugados com a indiferença que uma mulher põe nas coisas de sua toalete. A duquesa passaria uma esponja no amor assim como tira o ruge da face. Conhecemos esse tipo de mulher, a parisiense pura. Já não viu uma costureirinha galante andando a passos curtos na rua? Sua cabeça vale um quadro: chapéu, rosto puro, cabelos graciosos, sorriso fino; o resto é tratado com descuido. Não é exatamente esse o retrato? Eis aí a parisiense, ela sabe que sua cabeça será vista; em sua cabeça, todos os cuidados, enfeites e vaidades. Pois bem, a duquesa é só cabeça, sente apenas pela cabeça, tem um coração na cabeça, uma voz de cabeça, é apetitosa pela cabeça. Chamamos essa pobre coisa uma Laís[28] intelectual. Brinca com você como uma criança. Se duvida, terá a prova esta noite, esta manhã, agora. Vá até a casa dela, tenta pedir, querer imperiosamente o que é recusado a você; mesmo que você se comporte como o falecido marechal de Richelieu, nada lhe será consentido.

Armand estava bestificado.

– Deseja essa mulher a ponto de se tornar um bobo?

– Desejo-a a qualquer preço – exclamou Montriveau desesperado.

– Pois bem, então escuta. Seja tão implacável quanto ela, procure humilhá-la, ferir sua vaidade, interessar não o coração, não a alma, mas os nervos e a linfa dessa mulher nervosa e linfática. Se puder fazer nascer um desejo nela, estará salvo. Mas abandone essas suas belas idéias infantis. Se, depois de tê-la pego em suas garras de águia, você ceder ou recuar, se uma de suas sobranceiras se mexer, se ela achar que pode ainda dominá-lo, escapará de suas garras como um peixe e nunca mais se deixará apanhar. Seja inflexível como a lei. Não tenha mais caridade do que tem um carrasco. Bata. Quando tiver batido, bata outra vez. Continue batendo, como no suplício do chicote. As duquesas são duras, meu caro Armand, e essas naturezas femininas só amolecem debaixo de pancadas; o sofrimento lhes dá um coração, e é uma obra de caridade bater nelas. Portanto, bata sem cessar. Ah! Quando a dor tiver abrandado esses nervos, amolecido essas fibras que você acredita suaves e doces, quando fizer pulsar um coração que, nesse jogo, voltará a ter elasticidade, enfim, quando o cérebro ceder, a paixão talvez entre nas molas metálicas dessa máquina de lágrimas, boas maneiras, desmaios e frases derretidas; e você verá o mais magnífico dos incêndios, se a lareira pegar fogo. Mas duvido. Além do mais, a duquesa vale tantos esforços? Cá entre nós, ela precisaria ser previamente formada por um homem como eu, eu faria dela uma mulher encantadora, ela tem raça; pois vocês dois vão ficar no abecê do amor. Mas você ama, e neste momento não compartilharia minhas idéias sobre esse assunto.

Depois de uma pausa, Ronquerolles acrescentou, rindo:

– Sejam felizes, meus filhos. Quanto a mim, pronunciei-me em favor das mulheres fáceis; pelo menos são ternas, amam ao natural, e não com os temperos sociais. Meu pobre rapaz, uma mulher que negaceia, que só quer inspirar amor? É melhor ter uma como se tem um cavalo de luxo. No combate do confessorário contra o canapé, das peças brancas contra as pretas, da rainha contra o bispo, dos escrúpulos contra o prazer, há uma partida de xadrez muito divertida a jogar. Um homem que conhece o jogo, por menos esperto que seja, dá o xeque-mate em três lances, à vontade. Se eu perseguisse uma mulher desse tipo, teria como alvo...

Disse uma palavra ao ouvido de Armand e o deixou bruscamente, para não ouvir a resposta.

Quanto a Montriveau, ele se dirigiu num salto até a mansão de Langeais, subiu aos aposentos da duquesa e, sem fazer-se anunciar, entrou em seu quarto de dormir.

– Mas isto não se faz – disse ela, fechando às pressas o lençol. – Armand, você é um homem abominável. Vamos, deixe-me, eu lhe peço. Saia, espere-me na sala. Vá.

– Querido anjo – disse ele –, então um esposo não tem nenhum privilégio?

– Mas é de um gosto detestável, senhor, seja a um esposo, seja a um marido, surpreender assim sua mulher.

Ele se aproximou, tomou-a e apertou-a nos braços:

– Perdoa-me, querida Antoinette, mas mil suspeitas ruins me atormentam o coração.

– Suspeitas, ora! Era só o que faltava!

– Suspeitas quase justificadas. Se me amasse, teria essa reação? Não teria ficado contente de me ver? Não teria sentido se agitar seu coração? Pois eu, que não sou mulher, tenho sobressaltos íntimos ao simples som de sua voz. Quantas vezes tive ímpetos de saltar ao seu pescoço no meio de um baile!

– Se tem suspeitas enquanto eu não fizer o mesmo diante de todo o mundo, então suspeitará de mim a vida inteira. Comparado a você, Otelo[29] é uma criança!

– Ah! – disse ele em desespero. – Não sou amado.

– Neste momento, pelo menos, convenha que não está sendo amável.

– Será que ainda chegarei a agradá-la?

– Creio que sim. Mas saia – disse ela com um arzinho imperativo –, vamos, deixe-me. Não sou como você: eu, eu quero sempre agradá-lo...

Nunca uma mulher soube melhor que a sra. de Langeais colocar tanta graça em sua impertinência; e não é isso aumentar o efeito? Não é para tornar furioso o homem mais frio? Naquele momento, seus olhos, o som de sua voz, sua atitude mostraram uma espécie de liberdade perfeita que nunca existe na mulher que ama, quando está diante daquele cuja simples visão deve fazê-la palpitar. Desacanhado pelos conselhos do marquês de Ronquerolles, e também ajudado pela rápida consciência de que são momentaneamente dotadas pela paixão as criaturas menos sagazes, mas que é tão completa nos homens fortes, Armand adivinhou a terrível verdade que o desembaraço da duquesa revelava, e seu coração se inflou numa tempestade como um lago prestes a extravasar.

– Se dizia a verdade ontem – exclamou –, seja minha, querida Antoinette, eu quero...

– Em primeiro lugar – disse ela, rechaçando-o com força e calma quando o viu avançar –, não me comprometa. Minha criada poderia ouvi-lo. Respeite-me, peço-lhe. Sua familiaridade é muito agradável à noite em meu budoar, mas aqui não. Depois, o que significa “eu quero”? Eu quero! Ninguém ainda me disse essa frase. Parece-me ridícula, perfeitamente ridícula.

– Nada me cederá nesse ponto?

– Ah! Chama de ponto a livre disposição de si mesmo: um ponto muito capital, de fato; e você há de permitir que eu seja, nesse ponto, inteiramente dona de mim.

– E se, confiando em suas promessas, eu o exigisse?

– Iria provar-me que cometi um erro ao fazer a mais leve promessa, mas não seria bastante tola para cumpri-la e lhe pediria para me deixar em paz.

Montriveau empalideceu, quis avançar; a duquesa tocou a campainha para chamar a criada, e disse a ele sorrindo, com uma graça zombeteira:

– Tenha a bondade de voltar quando eu estiver apresentável.

Armand de Montriveau sentiu então a dureza dessa mulher fria e cortante como o aço e cujo

desprezo era esmagador. Num instante ela rompera laços que eram fortes apenas para ele. A duquesa lera na frente de Armand as exigências secretas daquela visita, e julgara chegado o momento de fazer sentir àquele soldado imperial que as duquesas podiam perfeitamente se prestar ao amor, mas não se entregavam, e que sua conquista era mais difícil do que fora a da Europa.

– Senhora – disse Armand –, não tenho tempo de esperar. Sou, como você mesma disse, uma criança mimada. Quando eu quiser a sério aquilo de que falávamos há pouco, eu o terei.

– Você o terá? – disse ela, com um ar altivo ao qual se misturou uma certa surpresa.

– Terei.

– Ah, é? Eu sentiria muito prazer se conseguisse. Por curiosidade, ficaria encantada de saber como irá proceder...

– Fico satisfeito – respondeu Montriveau, rindo de um modo que assustou a duquesa –, fico satisfeito em dar um interesse à sua existência. Permita-me que venha buscá-la para ir ao baile esta noite?

– Agradeço muito, mas o sr. de Marsay o antecedeu, eu prometi.

Montriveau saudou gravemente e retirou-se.

Ronquerolles tem razão, ele pensou, agora vamos jogar uma partida de xadrez.

A partir de então escondeu suas emoções sob uma calma completa. Nenhum homem é bastante forte para poder suportar tais mudanças, que fazem a alma passar rapidamente do maior bem à infelicidade suprema. Havia ele avistado a vida feliz apenas para sentir melhor o vazio de sua existência anterior? Foi uma terrível tempestade; mas ele sabia sofrer, e recebeu o assalto de seus pensamentos tumultuosos como um rochedo de granito recebe as ondas do oceano enfurecido.

– Nada pude dizer a ela; em sua presença, perco todo espírito. Ela não sabe o quanto é vil e desprezível. Ninguém ousou colocar essa criatura diante de si mesma. Ela certamente iludiu muitos homens, vingarei todos eles.

Talvez pela primeira vez, num coração de homem, o amor e a vingança se confundiram de tal modo que era impossível ao próprio Montriveau saber qual deles, o amor ou a vingança, venceria. Na mesma noite foi ao baile onde devia estar a duquesa de Langeais e quase desesperou de obter essa mulher, a quem foi tentado a atribuir algo de demoníaco: ela mostrou-se graciosa e cheia de sorrisos para ele, certamente não querendo que a sociedade pensasse que ela se comprometera com o sr. de Montriveau. Um amuo recíproco revelaria o amor. Mas não mudar em nada suas maneiras, enquanto Armand estava sombrio e tristonho, não era mostrar que ele nada obtivera dela? A sociedade sabe perfeitamente adivinhar a infelicidade dos homens desdenhados, sem confundi-la com as zangas fingidas que certas mulheres ordenam a seus amantes, na esperança de ocultar um amor mútuo. E todos zombaram de Montriveau, que, não tendo consultado seu guia, permaneceu sonhador, sofredor, quando o sr. de Ronquerolles lhe teria prescrito, talvez, comprometer a duquesa respondendo a seus falsos gestos de amizade com demonstrações apaixonadas. Armand de Montriveau deixou o baile, sentindo horror da natureza humana e mal acreditando em tão completas perversidades.

– Se não há carrascos para semelhantes crimes – disse ele olhando as janelas iluminadas onde dançavam, riam e conversavam as mais sedutoras mulheres de Paris –, eu te pegarei pela nuca, senhora duquesa, e farei você sentir um ferro mais afiado do que a guilhotina. Aço contra aço, veremos qual coração será mais cortante.

- [1]. “Sejam como são, ou deixem de ser.” (N.T.)
- [2]. Os Rothschild se transformaram em banqueiros muito poderosos com a monarquia de Julho (1830-1848). Por isso Balzac os compara com os Fugger, que no século XVI foram os banqueiros do imperador Charles V. (N.T.)
- [3]. Ano da revolução burguesa que levou ao poder Louis Felipe. (N.T.)
- [4]. A dinastia que reinava na Inglaterra. (N.T.)
- [5]. Paul de Gondi (1613-1679), coadjutor do arcebispo de Paris. A Fronda foi uma revolta contra a política de Mazarino. (N.T.)
- [6]. Louis XVIII é aqui comparado ao rei da França (de 1461 a 1483) que se destacou pela maneira como reduziu os privilégios da nobreza em favor da unidade nacional. (N.T.)
- [7]. Soma anual que recebe um chefe de Estado. (N.E.)
- [8]. Capitão francês, autor de várias obras sobre tática militar. (N.T.)
- [9]. Assim é chamado o coro da segunda classe hierárquica dos anjos. As outras duas são as Virtudes e as Potências. (N.E.)
- [10]. Personagem de *A comédia humana* que reaparece em *O gabinete das antigüidades*. (N.T.)
- [11]. Local onde Napoleão I abdicou, em 1814. (N.T.)
- [12]. Período iniciado em março de 1815 quando, fugido da ilha de Santa Helena, onde fora exilado, Napoleão volta a governar a França. Os Cem Dias terminaram em 18 de junho do mesmo ano, quando Napoleão é definitivamente derrotado na batalha de Waterloo. (N.E.)
- [13]. Comédia de costumes do dramaturgo e poeta espanhol Lope de Vega (1562-1635) em que uma condessa, assediada por inúmeros pretendentes, acaba por escolher como amante seu secretário particular. (N.E.)
- [14]. *Amores do cavaleiro de Faublas*, romance de Louvet de Couvrai (1760-1797). (N.T.)
- [15]. Louis de Crillon, capitão e companheiro de armas do rei Henrique IV. (N.T.)
- [16]. Antiga moeda de ouro usada em Veneza e no Levante. (N.T.)
- [17]. General austríaco vencido por Napoleão em Wagram. (N.T.)
- [18]. Entre um nobre e um plebeu. Em *O pai Goriot*, Balzac emprega o mesmo termo com esta observação: “Bela expressão alemã sem equivalente em francês”. (N.T.)
- [19]. Personagem de *A comédia humana* que aparece em *Ferragus*. (N.T.)
- [20]. Personagens que reaparecem em *O pai Goriot* e *A mulher abandonada*. (N.T.)
- [21]. Expressão latina que significa “não mais além”, limite que não pode ser ultrapassado. (N.T.)
- [22]. Obra de Chateaubriand (1802). (N.T.)
- [23]. General e ditador romano, chefe do partido aristocrático que, no século I a.C., venceu o partido popular chefiado por Mário. (N.T.)
- [24]. Esposa de Henrique II, ela instigava os católicos contra os protestantes. Estes foram vencidos na batalha de Dreux (1562) pelo duque de Guise. (N.T.)
- [25]. Édito promulgado em 1598, que dava alguns direitos aos protestantes na França. Foi revogado em 1685 por Louis XIV. (N.T.)
- [26]. O temperamento intempestivo de Nero (37-68), imperador romano entre 54 e 68, pôs um fim trágico ao seu casamento com Popéia: ele havia se separado da primeira mulher, Octávia, para desposar Popéia, sua amante, mas após três anos de casados, matou esta última com um golpe no ventre. (N.E.)
- [27]. Personagem de *A comédia humana* que aparece em *Ferragus*. (N.T.)
- [28]. Nome de uma famosa cortesã grega da Antigüidade. (N.T.)
- [29]. Personagem da peça de mesmo nome de Shakespeare. Otelo, por ciúme infundado, mata sua própria esposa, Desdêmona. (N.E.)

## CAPÍTULO III

---

### *A mulher verdadeira*

Durante uma semana, mais ou menos, a sra. de Langeais esperou rever o marquês de Montriveau; mas Armand contentou-se em mandar toda manhã seu cartão à mansão de Langeais. Cada vez que esse cartão era entregue à duquesa, ela não podia deixar de estremecer, atacada por sinistros pensamentos, mas indistintos como um pressentimento de infortúnio. Ao ler o nome, ora acreditava sentir em seus cabelos a mão poderosa daquele homem, ora esse nome prognosticava vinganças que seu espírito volúvel imaginava atroz. Ela o estudara bem demais para não temê-lo. Seria assassinada? Iria aquele homem com pescoço de touro estripá-la, arremessando-a para o alto? Calcá-la aos pés? Quando, onde, como a pegaria? Iria fazê-la sofrer muito, e que tipo de sofrimento pretendia impor-lhe? Ela se arrependia. Em certas horas, se ele viesse, teria se lançado em seus braços com total abandono. Toda noite, antes de adormecer, revia a fisionomia de Montriveau sob um aspecto diferente. Às vezes, seu sorriso amargo; outras vezes, a contração jupiteriana de suas sobrancelhas, seu olhar de leão ou um movimento altivo dos ombros faziam-no parecer terrível. No dia seguinte, o cartão lhe parecia coberto de sangue. Ela vivia agitada por esse nome, mais do que o fora pelo amante impetuoso, obstinado, exigente. E suas apreensões cresciam ainda mais no silêncio; era obrigada a preparar-se, sem nenhum auxílio, para uma luta horrível da qual não lhe era permitido falar. Essa alma, orgulhosa e dura, era mais sensível às palpitações do ódio do que fora, antes, às carícias do amor. Ah! Se o general tivesse visto sua amada no momento em que se vincavam rugas entre suas sobrancelhas, mergulhada em amargos pensamentos, naquele budoar onde havia saboreado tantas alegrias, ele teria talvez concebido grandes esperanças. Não é a elevação moral um dos sentimentos humanos que só podem engendrar nobres ações? Embora a sra. de Langeais guardasse em segredo seus pensamentos, pode-se supor que o sr. de Montriveau não lhe era mais indiferente. E, para um homem, não é uma conquista ocupar o pensamento de uma mulher? Nela, devia necessariamente ocorrer um progresso num sentido ou noutro. Ponha-se uma criatura feminina sob os pés de um cavalo furioso, diante de algum animal terrível; ela certamente cairá, de joelhos, esperando a morte; mas, se o animal for clemente e não a matar, ela amará o cavalo, o leão, o touro, e falará desse amor tranqüilamente. A duquesa sentia-se sob os pés de um leão; tremia, não odiava. Essas duas pessoas, tão singularmente colocadas uma diante da outra, encontraram-se três vezes em reuniões sociais durante a semana. A cada vez, em resposta a galantes interrogações, a duquesa recebeu de Armand saudações respeitadas e sorrisos marcados por uma ironia tão cruel, que confirmavam todas as apreensões inspiradas pelo cartão de visita. A vida não é senão o que dela nos fazem os sentimentos, e os sentimentos haviam cavado abismos entre essas duas pessoas.

A condessa de Sérizy, irmã do marquês de Ronquerolles, daria no começo da semana seguinte um grande baile ao qual devia comparecer a sra. de Langeais. O primeiro rosto que a duquesa viu ao entrar foi o de Armand; ele a esperava desta vez, ao menos foi o que ela pensou. Os dois trocaram um olhar. De repente, um suor frio brotou de todos os poros dessa mulher. Ela acreditou Montriveau capaz de uma vingança inusitada, proporcional à situação deles; essa vingança fora encontrada, estava sendo urdida, aquecida. Os olhos do amante traído disparavam-lhe chispas, e seu rosto irradiava um ódio feliz. Assim, apesar da vontade que tinha a duquesa de exprimir frieza e impertinência, seu olhar permaneceu opaco. Foi para perto da condessa de Sérizy, que não pôde deixar de lhe observar:

– Que houve, minha cara Antoinette? Está com um aspecto de dar medo.

– Uma contradança irá me recompor – ela respondeu, dando a mão a um jovem que a convidava.

A sra. de Langeais pôs-se a valsar com tal furor e entusiasmo que o olhar pesado de Montriveau se acentuou. Ele estava de pé, à frente dos que se divertiam em ver os que dançavam. Toda vez que a amante passava diante dele, seus olhos se afundavam naquela cabeça rodopiante, como os de um tigre seguro de sua presa. Terminada a valsa, a duquesa veio sentar-se junto à condessa, e o marquês não parou de olhar para ela enquanto conversava com um desconhecido.

– Senhor – dizia Armand –, uma das coisas que mais me impressionou nessa viagem...

A duquesa era toda ouvidos.

– ... foi a frase pronunciada pelo guarda de Westminster ao mostrar o machado com que um homem mascarado cortou, dizem, a cabeça de Carlos I, em memória do rei que a teria dito.

– Que frase? – perguntou a sra. de Sérizy.

– *Não toque no machado* – respondeu Montriveau, com um som de voz no qual havia ameaça.

– Em verdade, senhor marquês – disse a duquesa de Langeais –, está olhando meu pescoço com um ar tão melodramático ao repetir essa velha história, conhecida de todos os que vão a Londres, que me parece vê-lo com um machado na mão.

A duquesa pronunciou rindo estas últimas palavras, apesar do suor frio que a dominava.

– Mas essa história é, na circunstância, muito nova – ele respondeu.

– Como assim? Peço-lhe o obséquio de explicar.

– É que a senhora tocou no machado – disse Montriveau em voz baixa.

– Que arrebatadora profecia! – ela falou, sorrindo com uma graça afetada. – E quando cairá minha cabeça?

– Não desejo ver cair sua bela cabeça, senhora. Receio apenas que lhe ocorra uma grande desgraça. Não seria lamentável se seus graciosos cabelos louros, dos quais tira tanto proveito, fossem raspados?...

– Mas há pessoas por quem as mulheres gostam de fazer tais sacrifícios, até mesmo homens que não lhes consentem um movimento de humor.

– De acordo. Pois bem, e se de repente, por um processo químico, um folgazão lhe roubasse a beleza, a fizesse parecer ter cem anos, quando, para nós, tem apenas dezoito?

– Mas a variola, senhor – disse ela interrompendo-o –, é a nossa batalha de Waterloo. Depois dela é que conhecemos os que nos amam de verdade.

– Será que não sentiria a perda desse delicioso rosto que...

– Ah! Muito, porém menos por mim do que por aquele a quem poderia alegrar. No entanto, se eu

fosse sinceramente amada, sempre, que me importaria a beleza? Que acha disso, Clara?

– É uma especulação perigosa – respondeu a sra. de Sérizy.

– Posso perguntar à sua majestade o rei dos feiticeiros – retomou a sra. de Langeais – quando foi que cometi a falta de tocar no machado, eu que ainda não fui a Londres?

– *Non so* [1] – disse Armand, deixando escapar um riso de troça.

– E quando começará o suplício?

Nesse momento, Montriveau tirou friamente o relógio do bolso e verificou a hora, com uma convicção realmente assustadora.

– O dia não terminará sem que lhe aconteça uma grande desgraça...

– Não sou uma criança a quem possam assustar facilmente, ou melhor, sou uma criança que não conhece o perigo – disse a duquesa – e vou dançar sem temor à beira do abismo.

– Estou encantado, senhora, em sabê-la com tanto caráter – ele respondeu, vendo-a preparar-se para dançar a quadrilha.

Apesar de seu aparente desdém pelas nefastas predições de Armand, a duquesa estava tomada de um verdadeiro terror. A opressão moral e quase física sob a qual o amante a mantivera cessou um pouco quando ela deixou o baile. Contudo, após sentir por um momento o prazer de respirar à vontade, surpreendeu-se a sentir saudade das emoções do medo, tão ávida de sensações extremas é a natureza feminina. Essa saudade não era do amor, mas certamente pertencia aos sentimentos que o preparam. Depois, como se a duquesa sentisse novamente o efeito que o sr. de Montriveau lhe provocara, ela lembrou o ar de convicção com que ele observara as horas e, tomada de pavor, retirou-se. Era cerca de meia-noite. O criado que a aguardava colocou a peliça sobre ela e a acompanhou até a carruagem; ali instalada, caiu num devaneio bastante natural, provocado pela predição do sr. de Montriveau. Ao chegar ao pátio de casa, entrou num vestíbulo semelhante ao de sua mansão, mas imediatamente não reconheceu sua escada; no momento em que se virou para chamar o criado, vários homens a atacaram rapidamente, puseram-lhe um lenço na boca, ataram-lhe as mãos e os pés e levaram-na. Ela tentou gritar.

– Senhora, temos ordens de matá-la se gritar – disse-lhe ao ouvido um dos homens.

O terror da duquesa foi tão grande que ela nunca pôde entender por onde nem como foi transportada. Quando recuperou os sentidos, viu-se de pés e mãos atados com cordões de seda, deitada no canapé de um quarto de solteiro. Não pôde reter um grito quando deparou com os olhos de Armand de Montriveau, que, tranqüilamente sentado numa poltrona, e envolvido em seu robe, fumava um charuto.

– Não grite, senhora duquesa – disse ele tirando friamente o charuto da boca –, estou com dor de cabeça. Aliás, vou desamarrá-la. Mas escute bem o que tenho a honra de lhe dizer.

E desamarrou delicadamente os cordões que apertavam os pés da duquesa.

– De que adiantariam seus gritos? Ninguém pode ouvi-los. E é muito bem educada para fazer caretas inúteis. Se não ficar quieta, se quiser lutar comigo, atarei novamente seus pés e suas mãos. Acho que, tudo bem considerado, irá respeitar-se bastante para ficar neste canapé como se estivesse no seu, em sua casa; um pouco frio, admito... Você me fez derramar, nesse canapé, muitas lágrimas que escondi de todos os olhares.

Enquanto Montriveau falava, a duquesa lançou ao redor aquele olhar de mulher, olhar furtivo, atento a tudo e que parece distraído. Gostou muito daquele quarto semelhante à cela de um monge. A alma e o pensamento do homem ali pairavam. Nenhum ornamento alterava a pintura cinzenta das paredes

vazias. No chão havia um tapete verde. Um canapé escuro, uma mesa coberta de papéis, duas grandes poltronas, uma cômoda com um despertador em cima, um leito muito baixo com uma colcha vermelha ornada de uma grega preta, que anunciavam, pelo contexto, os hábitos de uma vida reduzida à sua mais simples expressão. Um castiçal de três pontas, pousado sobre a lareira, lembrava, por sua forma egípcia, a imensidão dos desertos onde por muito tempo aquele homem vagara. Entre os pés da cama, pés que faziam adivinhar enormes patas de esfinge sob as dobras da colcha, e uma das paredes laterais do quarto, havia uma porta coberta por uma cortina verde com franjas vermelhas e pretas, que grossas argolas fixavam a uma haste. A porta pela qual os desconhecidos haviam entrado tinha uma guarnição semelhante, mas provida de uma braçadeira de pano. No último olhar que lançou às duas cortinas para compará-las, a duquesa percebeu que a porta próxima à cama estava aberta e que clarões avermelhados vindos da outra peça se projetavam nas franjas inferiores. Sua curiosidade foi naturalmente despertada por essa luz triste, que mal lhe permitiu distinguir nas trevas algumas formas bizarras; mas, naquele momento, não pensou que seu perigo pudesse vir dali e quis satisfazer um interesse mais ardente.

– Senhor, será uma indiscrição perguntar o que pretende fazer comigo? – disse ela, com uma impertinência e uma ironia penetrantes.

A duquesa acreditava adivinhar um amor excessivo nas palavras de Montriveau. Aliás, para raptar uma mulher não é preciso adorá-la?

– Absolutamente nada, senhora – ele respondeu, soprando com graça uma última baforada de tabaco. – Está aqui por pouco tempo. Quero primeiro explicar-lhe o que você é, e o que sou. Quando se enrosca em seu divã, em seu budoar, não encontro palavras para minhas idéias. E em sua casa, ao menor pensamento que lhe desagrade, você puxa o cordão da campainha, fala bem alto e põe seu amante porta afora como se fosse o último dos miseráveis. Aqui, tenho o espírito livre. Aqui, ninguém pode me jogar na rua. Aqui, você será minha vítima por alguns instantes e terá a extrema bondade de me escutar. Não tema. Não a raptei para dizer-lhe injúrias, para obter pela violência o que eu não soube merecer, o que você não quis me conceder de boa vontade. Seria uma indignidade. Você talvez conceba a violação; eu, não.

Jogou, com um movimento seco, seu charuto ao fogo.

– Senhora, a fumaça a incomoda?

Logo se levantou, pegou na lareira um defumador aquecido, queimou perfumes e purificou o ar. O espanto da duquesa só podia se comparar à sua humilhação. Estava em poder daquele homem, e aquele homem não queria abusar de seu poder. Os olhos outrora flamejantes de amor, ela os via calmos e fixos como estrelas. Estremeceu. E o terror que Armand lhe inspirava foi aumentado por uma daquelas sensações petrificantes, análogas às agitações sem movimento sentidas no pesadelo. Ficou pregada pelo medo, acreditando ver o clarão atrás da cortina ganhar intensidade sob a ação de um fole. De repente, os reflexos, mais fortes, pareceram iluminar três pessoas mascaradas. A visão horrível desapareceu tão rapidamente que ela a tomou por uma ilusão de ótica.

– Senhora – continuou Armand, contemplando-a com um frio desprezo –, um minuto, um só me bastará para atingi-la em todos os momentos de sua vida, única eternidade de que posso, eu, dispor. Não sou Deus. Escute-me bem – disse ele, fazendo uma pausa para dar solenidade a seu discurso. – O amor virá sempre a seu encontro; você tem sobre os homens um poder sem limites; mas lembre que um dia chamou o amor: ele veio, puro e cândido, como pode ser o amor nesta terra; tão respeitoso quanto

violento; carinhoso, como o amor de uma mulher devotada, ou como o da mãe por seu filho; enfim, tão grande quanto uma loucura. Você brincou com esse amor, cometeu um crime. O direito de toda mulher é recusar-se a um amor que sente não poder partilhar. O homem que ama sem se fazer amar não poderia ser lamentado, e não tem o direito de queixar-se. Mas atrair para si, senhora duquesa, fingindo o sentimento, um infeliz privado de toda afeição, fazê-lo ver a felicidade em toda a sua plenitude para depois arrancá-la, roubar-lhe seu futuro de felicidade, matá-lo não apenas hoje, mas na eternidade de sua vida, envenenando todas as suas horas e todos os seus pensamentos, eis o que chamo um crime pavoroso!

– Senhor...

– Não posso ainda permitir que me responda. Continue escutando. Aliás, tenho direitos sobre você; mas quero apenas aqueles do juiz sobre o criminoso, a fim de despertar sua consciência. Se não tivesse consciência, eu não a censuraria; mas você é tão jovem! quero pensar que ainda tem vida no coração. Se se julga bastante depravada para cometer um crime não punido pelas leis, não a considero bastante degradada para não compreender o alcance de minhas palavras. Prossigo.

Nesse momento, a duquesa ouviu o ruído surdo de um fole, com o qual os desconhecidos que ela entrevira atiçavam certamente o fogo, cuja claridade se projetou na cortina; mas o olhar fulgurante de Montriveau a obrigou a permanecer palpitante e de olhos fixos nele. Qualquer que fosse sua curiosidade, o fogo das palavras de Armand a interessava ainda mais que a voz daquele fogo misterioso.

– Senhora – disse ele após uma pausa –, quando, em Paris, o carrasco deve pôr a mão num pobre assassino e fazê-lo deitar-se na tábua onde a lei quer que o assassino se deite para perder a cabeça... você sabe, os jornais previnem os ricos e os pobres a esse respeito, a fim de dizer a uns que durmam tranqüilos e aos outros que se cuidem para viver. Pois bem, você que é religiosa, e mesmo um pouco devota, mande rezar missas por esse homem: você é da família, mas do ramo mais antigo. Este pode se pavonear em paz, existir feliz e sem preocupações. Impelido pela miséria ou pela cólera, seu irmão de crime matou apenas um homem; mas você, você matou a felicidade de um homem, sua mais bela vida, suas crenças mais caras. O outro ingenuamente esperou sua vítima, matou-a a contragosto, de medo! Enquanto você acumulou todas as perversidades da fraqueza contra uma força inocente; amansou-lhe o coração para melhor devorá-lo; seduziu-o com carícias, não omitiu nenhuma das que pudessem fazer-lhe supor, sonhar, desejar as delícias do amor. Exigiu dele mil sacrifícios para recusá-los todos. Fez com que ele visse bem a luz antes de furar-lhe os olhos. Admirável coragem! Tais infâmias são um luxo que as burguesas das quais se ri desconhecem. Elas sabem dar-se e perdoar, sabem amar e sofrer, fazem-nos pequenos pela grandeza de seus devotamentos. À medida que se sobe mais alto na sociedade, lá se encontra tanta lama quanto há na base; só que é mais dura e dourada. Sim, para encontrar a perfeição no ignóbil, é preciso uma bela educação, um grande nome, uma mulher bonita, uma duquesa. Para cair abaixo de tudo, é preciso estar acima de tudo. Digo-lhe mal o que penso, ainda sofro muito com as feridas que me causou, mas não pense que me queixo! Não, minhas palavras não são a expressão de nenhuma esperança pessoal e não contêm nenhuma amargura. Senhora, saiba bem que a perdôo, e esse perdão é bastante completo para que não se queixe de ter vindo buscá-lo contra a vontade... Só que poderia abusar de outros corações tão infantis como o meu, e devo poupar-lhes as dores. Assim, você me inspirou um pensamento de justiça. Expie sua falta neste mundo, Deus talvez a perdoará, é o que desejo; mas ele é implacável e a castigará.

A essas palavras, os olhos dessa mulher abatida, atormentada, encheram-se de lágrimas.

– Por que chora? Permaneça fiel à sua natureza. Não contemplou sem emoção as torturas do coração que dilacerava? Basta, senhora, console-se. Não posso mais sofrer. Outros lhe dirão que você lhes deu a vida, eu lhe digo com delícias que você me deu o nada. Talvez adivinhe que já não me pertencço, que devo viver para meus amigos e que então terei a frieza da morte e os dissabores da vida a suportar ao mesmo tempo. Teria tanta bondade? Seria como os tigres do deserto, que primeiro abrem a ferida e depois a lambem?

A duquesa chorava.

– Poupe seu pranto, senhora. Se eu acreditasse nele, seria para desconfiar. É ou não é um de seus artifícios? Depois de todos os que empregou, como pensar que pode haver em você algo de verdadeiro? Nada do que fizer tem agora o poder de me comover. Eu disse tudo.

A sra. de Langeais levantou-se num movimento ao mesmo tempo cheio de nobreza e de humildade.

– Tem o direito de tratar-me duramente – disse ela estendendo àquele homem uma mão que ele não pegou –, suas palavras ainda não são bastante duras, e mereço essa punição.

– Eu, puni-la, senhora? Mas punir não é amar? Não espere de mim nada que se assemelhe a um sentimento. Eu poderia fazer-me, em causa própria, acusador e juiz, ser a sentença e o carrasco; mas não. Cumprirei daqui a pouco um dever, e de modo nenhum um desejo de vingança. A mais cruel vingança é, em minha opinião, o desdém de uma vingança possível. Serei talvez, quem sabe, o ministro de seus prazeres. Daqui por diante, portando elegantemente a triste libré com que a sociedade veste os criminosos, talvez seja forçada a ter probidade. E então há de amar.

A duquesa escutava com uma submissão que não era mais fingida nem elegantemente calculada; só começou a falar após um intervalo de silêncio.

– Armand – disse ela –, parece-me que, ao resistir ao amor, obedeci a todos os pudores da mulher, e não é de você que teria esperado tais recriminações. Você se arma de todas as minhas fraquezas para transformá-las em crimes. Como não supôs que eu pudesse ser levada mais além de meus deveres pelas curiosidades do amor, e que no dia seguinte ficasse aborrecida, desolada por ter ido longe demais? Ai, pequei por ignorância! Juro que havia tanta boa-fé em minhas faltas quanto em meus remorsos. Havia mais amor em minha dureza do que em minhas complacências. Aliás, do que se queixa? A entrega do meu coração não lhe bastou, você exigiu brutalmente minha pessoa...

– Brutalmente! – exclamou o sr. de Montriveau. Mas logo disse a si mesmo: “Se me deixar levar por disputas de palavras, estou perdido”.

– Sim, chegou em minha casa como na de uma dessas mulheres de má fama, sem o respeito, sem nenhuma das atenções do amor. Não tinha eu o direito de refletir? Pois bem, refleti. A inconveniência de sua conduta é escusável, o amor era seu princípio; deixe-me acreditar nisso e justificá-lo a mim mesma. Oh! Armand, no momento mesmo em que me predizia esta noite a desgraça, eu acreditava em nossa felicidade. Sim, confiei nesse caráter nobre e orgulhoso do qual me deu tantas provas... E fui toda sua – acrescentou, inclinando-se ao ouvido de Montriveau. – Sim, tive não sei que desejo de fazer feliz um homem tão violentamente testado pela adversidade. Senhor por senhor, eu queria um homem forte. Quanto mais no alto me sentia, menos queria descer. Confiante em você, via toda uma vida de amor no momento em que me mostrava a morte... A força não existe sem a bondade. Meu amigo, você é forte demais para se fazer malvado contra uma pobre mulher que o ama. Se cometi erros, não posso obter um perdão? Não posso repará-los? O arrependimento é a graça do amor, e quero ser graciosa para você. Como é que eu,

sozinha, não podia partilhar com todas as mulheres as incertezas, os temores, a timidez que é tão natural sentir quando se trata de laços para o resto da vida, e quando os homens rompem tão facilmente esses laços? As burguesas com as quais me compara se entregam, mas elas combatem. Pois bem, combati e aqui estou.. Meu Deus! Ele não me escuta! – exclamou, interrompendo-se. Torceu as mãos, gritando:

– Mas eu amo você! Sou sua! – e caiu aos pés de Armand. – Sua, sua! Meu único senhor!

– Senhora – disse Armand querendo erguê-la –, Antoinette não pode mais salvar a duquesa de Langeais. Não acredito mais em nenhuma das duas. Hoje se entrega, amanhã talvez se recusará. Nenhum poder, nem no céu nem na terra, poderia me garantir a doce fidelidade de seu amor. As provas disso estão no passado, e não temos mais passado.

Nesse momento, um clarão brilhou tão vivamente que a duquesa não pôde deixar de virar a cabeça para a porta, onde tornou a ver distintamente os três homens mascarados.

– Armand – disse ela –, não quero menosprezá-lo. Mas o que fazem aí esses homens? O que prepara contra mim?

– Esses homens são tão discretos como eu mesmo o seria sobre o que vai se passar aqui – disse ele. – Veja neles apenas meus braços e meu coração. Um deles é um cirurgião...

– Um cirurgião... Armand, meu amigo, a incerteza é a mais cruel das dores. Fale, diga se quer minha vida: eu a darei, não precisará tomá-la...

– Será que não me compreendeu? – replicou Montriveau. – Não lhe falei de justiça? Para fazer cessar suas apreensões – acrescentou friamente, pegando uma peça de metal que estava sobre a mesa –, vou lhe explicar o que decidi a seu respeito.

E mostrou a ela uma cruz de Lorena adaptada à ponta de uma haste de aço.

– Dois de meus amigos aquecem ao rubro, neste instante, uma cruz cujo modelo é este. Iremos aplicá-la em sua testa, entre os dois olhos, para que não possa ocultá-la por alguns diamantes e assim eximir-se das interrogações da sociedade. Terá na testa, assim, a marca infamante aplicada ao ombro de seus irmãos, os forçados. O sofrimento é pequeno, mas temia uma crise nervosa, ou uma resistência...

– Resistência? – disse ela, batendo as mãos de alegria. – Não, não, queria ver aqui, agora, a terra inteira. Ah! Meu Armand, marca, marca depressa sua criatura como uma pobre coisa sua! Pedia provas a meu amor; pois estão todas aí, numa só. Ah! Vejo apenas clemência e perdão, apenas bondade eterna em sua vingança... Quando você tiver designado assim uma mulher como sua, quando tiver uma alma escrava que levará sua marca na pele, então nunca mais poderá abandoná-la, será meu para sempre. Ao me isolar na terra, será responsável por minha felicidade, sob pena de ser um covarde, e sei que é nobre, grande! Mas a mulher que ama se marca sempre ela própria. Venham, senhores, entrem e marquem, marquem a duquesa de Langeais. Ela pertence para sempre ao sr. de Montriveau. Entrem logo, todos, minha testa arde mais que ferro em brasa.

Armand virou-se vivamente para não ver a duquesa palpitante, ajoelhada. Disse uma frase que fez seus três amigos desaparecerem. As mulheres habituadas à vida dos salões conhecem os jogos de espelhos. Assim a duquesa, interessada em ler bem o coração de Armand, era toda olhos. Armand, que não desconfiava de seu espelho, deixou ver duas lágrimas rapidamente enxugadas. Todo o futuro da duquesa estava nessas duas lágrimas. Quando ele tornou a virar-se para erguer a sra. de Langeais, encontrou-a de pé, ela se acreditava amada. E foi com vivas palpitações que ouviu Montriveau dizer, com a mesma firmeza que ela sabia antes demonstrar tão bem ao divertir-se com ele:

– Eu a perdôo, senhora. Pode acreditar que esta cena será como se nunca tivesse existido. Mas aqui nos despedimos. Não posso deixar de pensar que foi franca em seu canapé, em seus coquetismos, como está sendo aqui, em sua efusão sentimental. Não tenho mais fé. Você voltaria a me atormentar, seria sempre a duquesa. Adeus, nunca nos compreenderemos! – E, assumindo um ar de mestre de cerimônias, acrescentou:

– Que deseja agora? Voltar para casa? Voltar ao baile da sra. de Sérizy? Empreguei todo o meu poder para deixar sua reputação intacta. Nem seus criados nem as pessoas da festa podem saber o que se passou entre nós no último quarto de hora. Seus criados a supõem no baile, sua carruagem não deixou o pátio da sra. de Sérizy, como pode estar também no de sua mansão. Onde desejar estar?

– O que me sugere, Armand?

– Não existe mais Armand, senhora duquesa. Somos estranhos um ao outro.

– Leve-me então ao baile – disse ela –, curiosa ainda de pôr à prova o poder de Armand. – Devolva ao inferno da sociedade uma criatura que lá sofria, e que lá deve continuar a sofrer, se para ela não há mais felicidade. Oh! Meu amigo, no entanto eu te amo, como amam as burguesas. Amo-te a ponto de agarrar-me a teu pescoço no baile, diante de todo o mundo, se me pedires. Este mundo horrível não me corrompeu. Sou jovem e acabo de rejuvenescer ainda mais. Sim, sou uma criança, sua criança, você acaba de me criar. Oh! Não me expulse do meu Éden!

Armand fez um gesto.

– Se devo sair, deixe-me levar daqui alguma coisa, qualquer coisa! Isto, para colocar esta noite sobre meu coração – disse ela apoderando-se de uma boina de Armand, que enrolou em seu lenço...

– Não – ela prosseguiu –, não pertenço a esse mundo de mulheres depravadas; você não o conhece, portanto não pode me apreciar. Fique sabendo, pois, que algumas se entregam por dinheiro, outras são sensíveis aos presentes; tudo é infame. Ah! Gostaria de ser uma simples burguesa, uma operária, se você prefere uma mulher que esteja abaixo de você, do que uma mulher em quem o devotamento se alia às grandezas humanas. Ah! Meu Armand, há entre nós mulheres nobres, castas e puras, e elas são deliciosas. Gostaria de possuir todas as nobrezas para sacrificar todas elas a você; o infortúnio me fez duquesa; queria ter nascido junto ao trono, assim nada me faltaria para te sacrificar. Seria uma simples costureira para você e rainha para os demais.

Ele escutava, umedecendo seus charutos.

– Quando quiser partir – ele falou –, avise-me...

– Mas eu gostaria de ficar...

– Isso não!

– Olha, este está mal preparado! – disse ela, apoderando-se de um charuto e lambendo o que nele os lábios de Armand haviam deixado.

– Fumaria? – ele perguntou.

– Oh! O que não faria para agradá-lo!

– Chega! Vá embora, senhora...

– Obedeço – disse ela chorando.

– Preciso cobrir-lhe o rosto para não ver o caminho.

– Estou pronta, Armand. – E ela pôs uma venda sobre os olhos.

– Está enxergando?

– Não.

Ele se pôs docemente de joelhos.

– Ah! Eu ouço você – ela disse, e deixou escapar um gesto cheio de gentileza, acreditando que aquele fingido rigor ia cessar.

Ele quis beijar os lábios dela, que fez um movimento à frente.

– Está enxergando, senhora!

– É que sou um pouco curiosa.

– Então continua a me enganar?

– Ah! – ela disse com a raiva da grandeza não reconhecida. – Tire-me este lenço e conduza-me, senhor, não abrirei os olhos!

Armand, seguro da proibidade que ouviu nessa frase, guiou a duquesa, que, fiel à sua palavra, fez-se nobremente cega; e ao conduzi-la paternalmente pela mão, para fazê-la ora subir, ora descer, Montriveau estudava as palpitações que agitavam o coração daquela mulher agora invadida por um amor verdadeiro. A sra. de Langeais, feliz de poder falar-lhe assim, disse tudo o que sentia, mas ele continuou inflexível; quando a mão da duquesa o interrogava, a dele permanecia muda. Depois de andarem por algum tempo juntos, Armand disse-lhe, por fim, que avançasse; ela avançou, percebendo que ele impedia o vestido de roçar as paredes de uma passagem certamente estreita. A sra. de Langeais foi tocada por esse cuidado, que ainda traía um pouco de amor; mas foi, de certo modo, a despedida de Montriveau, pois ele a deixou sem nada mais dizer. Sentindo-se numa atmosfera aquecida, ela abriu os olhos. Viu-se sozinha diante da lareira do budoar da condessa de Sérizy. Seu primeiro cuidado foi reparar a desordem da toalete; prontamente reajustou o vestido e recompôs a poesia do penteado.

– Ah! Enfim, minha cara Antoinette! Procuramos você por toda parte – disse a condessa abrindo a porta do budoar.

– Vim aqui respirar um pouco – disse ela –, no salão fazia um calor insuportável.

– Pensamos que tivesse partido; mas meu irmão Ronquerolles disse ter visto os criados à sua espera.

– Estou exausta, minha cara, deixe-me repousar aqui por um momento.

E a duquesa sentou-se no divã da amiga.

– Que houve? Está toda trêmula.

O marquês de Ronquerolles entrou.

– Receio, senhora duquesa, que lhe ocorra algum acidente. Acabo de ver seu cocheiro completamente embriagado.

A duquesa não respondeu, olhava a lareira, os espelhos, buscando os traços de sua passagem. Depois experimentou uma sensação extraordinária ao ver-se em meio à alegria do baile, após a cena terrível que dera à sua vida outro curso. Pôs-se a tremer violentamente.

– Estou com os nervos abalados pela predição feita pelo sr. de Montriveau. Embora fosse um gracejo, vou ver se o machado de Londres me espera também em meu sono. Adeus então, querida. Adeus, senhor marquês.

Atravessou os salões, onde foi detida por galanteadores que lhe causaram piedade. Achou a sociedade irrisória ao sentir-se rainha, ela, tão humilhada, tão pequena. Aliás, que eram os homens diante daquele que ela amava de verdade, e cujo caráter retomara as proporções gigantescas que por um

momento ela diminuía, mas que agora fazia crescer talvez exageradamente? Quando avistou o criado que a acompanhara, encontrou-o adormecido.

– Não saiu daqui? – ela lhe perguntou.

– Não, senhora.

Ao subir na carruagem, notou, de fato, que o cocheiro estava num estado de embriaguez que a teria assustado noutras circunstâncias; os abalos da vida, porém, retiram do temor seus alimentos vulgares. Aliás, chegou sem acidentes em casa, mas lá se viu mudada e às voltas com sentimentos inteiramente novos. Para ela não havia mais que um homem no mundo, isto é, somente para ele desejava agora ter algum valor. Se os fisiologistas podem prontamente definir o amor atendo-se às leis da natureza, os moralistas têm mais dificuldade de explicá-lo quando querem considerá-lo em todos os desdobramentos que lhe deu a sociedade. Contudo existe, apesar das heresias das inúmeras seitas que dividem a igreja amorosa, uma linha reta e definida que separa claramente suas doutrinas, uma linha que as discussões jamais curvarão e cuja inflexível aplicação explica a crise na qual, como quase todas as mulheres, a duquesa de Langeais estava mergulhada. Ela ainda não amava, mas tinha uma paixão.

O amor e a paixão são dois diferentes estados de alma que poetas e homens da sociedade, filósofos e simplórios confundem continuamente. O amor comporta uma reciprocidade de sentimentos, uma certeza de gozos que nada altera e uma troca de prazeres muito constante, uma aderência muito completa entre os corações, para que haja ciúme. A posse é então um meio e não um fim; uma infidelidade faz sofrer, mas não separa; a alma não está nem mais nem menos ardente ou agitada, está incessantemente feliz; o desejo, estendido por um sopro divino de uma extremidade à outra na imensidão do tempo, tingem-se de uma mesma cor: a vida é azul como um céu puro. Já a paixão é o pressentimento do amor e de seu infinito ao qual aspiram todas as almas sofredoras. A paixão é uma esperança que será talvez frustrada. Paixão significa ao mesmo tempo sofrimento e transição; a paixão cessa quando morre a esperança. Homens e mulheres podem, sem desonrar-se, conceber várias paixões: é tão natural lançar-se em direção à felicidade! Mas na vida há somente um único amor. Todas as discussões, escritas ou verbais, feitas sobre os sentimentos, podem assim ser resumidas nestas duas perguntas: É uma paixão? É amor? Como o amor não existe sem o conhecimento íntimo dos prazeres que o perpetuam, a duquesa estava, portanto, sob o jugo de uma paixão; assim, ela experimentou a agitação devoradora, os cálculos involuntários, os sedentos desejos, enfim, tudo o que exprime a palavra *paixão*: ela sofria. Em meio às agitações de sua alma, havia os turbilhões suscitados pela vaidade, pelo amor-próprio, pelo orgulho ou pela altivez: todas essas variedades do egoísmo se conjugam. Ela dissera a um homem: amo você, sou sua! Podia a duquesa de Langeais ter proferido inutilmente essas palavras? Ela devia ou ser amada, ou abdicar seu papel social. Sentindo então a solidão do leito voluptuoso onde a volúpia ainda não aquecera seus pés, ela rolava e torcia-se nele, repetindo: quero ser amada! E a fé que ainda possuía dava a ela a esperança de ser bem-sucedida. A duquesa estava ferida, a vaidosa parisiense estava humilhada, a mulher verdadeira entrevia a felicidade e sua imaginação, vingadora do tempo perdido para a natureza, comprazia-se em chamuscá-la com os fogos inextinguíveis do prazer. Ela quase atingia as sensações do amor; pois, na dúvida pungente de ser amada, sentia-se feliz de dizer a si mesma: amo você! O mundo e Deus, tinha vontade de calcá-los aos pés. Montriveau era agora sua religião. Passou o dia seguinte num estado de estupor moral mesclado de agitações corporais que nada podia exprimir. Rasgou tantas cartas quantas escreveu e fez mil suposições impossíveis. À hora em que Montriveau anteriormente vinha, quis acreditar

que ele chegaria, e sentiu prazer em esperá-lo. Sua vida concentrou-se inteiramente no sentido da audição. Fechava às vezes os olhos e procurava escutar através dos espaços. Depois desejava o poder de suprimir todo obstáculo entre ela e o amante, a fim de obter aquele silêncio absoluto que permite perceber o ruído a enormes distâncias. Nesse recolhimento, as pulsações do relógio de pêndulo pareceram odiosas, eram uma espécie de tagarelice sinistra que ela fez parar. Soou meia-noite na sala de estar.

– Meu Deus! – disse consigo. – Vê-lo aqui seria a felicidade. E no entanto há pouco ele vinha, trazido pelo desejo. Sua voz enchia este budoar. E agora, nada!

Ao lembrar-se das cenas de coquetismo que representara e que o haviam deslumbrado, lágrimas de desespero escorreram-lhe dos olhos durante muito tempo.

– Senhora duquesa – disse a criada –, talvez não saiba que já são duas da manhã, acreditei que madame estivesse indisposta.

– Sim, vou deitar-me; mas lembre-se, Suzette – disse a sra. de Langeais enxugando as lágrimas –, nunca entre em meus aposentos sem ser chamada, e não lhe direi isto uma segunda vez.

Durante uma semana, a sra. de Langeais foi a todas as casas onde esperava encontrar o sr. de Montriveau. Contrariamente a seus hábitos, chegava cedo e retirava-se tarde; não dançava mais, jogava. Tentativas inúteis! Não conseguiu ver Armand, de quem não ousava mais pronunciar o nome. Uma noite, porém, num momento de desesperança, disse à sra. de Sérizy com o máximo de naturalidade que lhe foi possível fingir:

– Está de mal com o sr. de Montriveau? Não o vejo mais em sua casa.

– Ele é que não vem mais aqui! – respondeu a condessa, rindo. – Aliás, não é visto em parte alguma, certamente anda ocupado com alguma mulher.

– Pensei – retomou a duquesa com doçura – que o marquês de Ronquerolles fosse um de seus amigos...

– Nunca ouvi meu irmão dizer que o conhecesse.

A sra. de Langeais nada respondeu. A sra. de Sérizy acreditou então poder impunemente vingar-se de uma amizade discreta que por muito tempo lhe amargara – e retomou a palavra.

– Então sente falta dessa triste figura. Ouvi dizer coisas monstruosas dele: fira-o, e ele não volta mais, não perdoa; ame-o, e ele a prenderá às correntes. A tudo o que eu dizia dele, um dos que o põem nas nuvens me respondia sempre por uma frase: *Ele sabe amar!* Não cansam de repetir: Montriveau abandonará tudo por seus amigos, é uma alma imensa. Ora! A sociedade não pede almas tão grandes. Homens desse caráter estão muito bem em suas casas, que permaneçam lá e nos deixem com nossas boas miudezas. Que acha disso, Antoinette?

Apesar de sua experiência na sociedade, a duquesa pareceu agitada, mas pôde dizer com uma naturalidade que enganou a amiga:

– Lamento não vê-lo mais, sentia muito interesse por ele e votava-lhe uma sincera amizade. Talvez me considere ridícula, cara amiga, mas gosto das grandes almas. Entregar-se a um tolo não é confessar claramente que se tem apenas sentidos?

A sra. de Sérizy nunca *distinguirá* senão pessoas vulgares, e naquele momento era amada por um belo homem, o marquês d'Aiglemont.

A condessa fez a sra. de Langeais abreviar sua visita e ver uma esperança na retirada absoluta de

Armand. Logo lhe escreveu uma carta doce e humilde que devia trazê-lo de volta, se ainda a amasse. Mandou levá-la no dia seguinte pelo criado e, quando este voltou, perguntou a ele se fora entregue ao próprio Montriveau; à resposta afirmativa, não pôde reter um movimento de alegria. Armand estava em Paris, estava sozinho, em sua casa, sem freqüentar a sociedade! Portanto, ela era amada. Durante todo o dia esperou uma resposta, e a resposta não veio. Em meio a crises realimentadas pela impaciência, Antoinette justificou a si mesma esse atraso: Armand estava embaraçado, a resposta viria pelo correio; mas, à noite, não podia mais se iludir. Jornada terrível, feita de sofrimentos que agradam, de palpitações que pesam, de excessos do coração que consomem a vida. No dia seguinte, mandou o criado à casa de Armand buscar uma resposta.

– O sr. marquês mandou dizer que virá à casa da senhora duquesa – respondeu Julien.

Ela se afastou para não deixar ver sua felicidade, deixou-se cair sobre seu canapé para ali saborear as primeiras emoções.

– Ele virá! – Esse pensamento devastou-lhe a alma. De fato, aí daquelas criaturas para quem a espera é a mais horrível das tempestades e a fecundação dos mais doces prazeres: não têm elas a chama que desperta as imagens das coisas e duplica a natureza, prendendo-nos tanto à essência pura dos objetos quanto à sua realidade? No amor, esperar não é esgotar incessantemente uma esperança certa, entregar-se ao flagelo terrível da paixão e ser feliz sem os desencantamentos da verdade? Emissão constante de força e desejos, não seria a espera, para a alma humana, o que são para certas flores suas exalações perfumadas? Logo nos cansamos das brilhantes e estéreis cores do coreópsis ou das tulipas e voltamos a aspirar os deliciosos perfumes da flor de laranjeira ou do clorodendro, flores que suas pátrias involuntariamente compararam a jovens noivas cheias de amor, belas de seu passado, belas de seu futuro.

A duquesa instruiu-se com os prazeres da nova vida, sentindo com uma espécie de embriaguez as flagelações do amor; depois, mudando de sentimentos, descobriu outras destinações e um melhor sentido para as coisas da vida. Diante do toucador, compreendeu o que são os requintes dos adornos, os cuidados corporais mais minuciosos, quando comandados pelo amor, e não pela vaidade; e esses aprestos ajudaram-na a suportar a lentidão do tempo. Terminada a toalete, recaiu nas excessivas agitações, nos choques nervosos desse terrível poder que põe em fermentação todas as idéias e que talvez não seja senão uma doença cujos sofrimentos se ama. A duquesa estava pronta às duas horas da tarde, e o sr. de Montriveau ainda não havia chegado às onze e meia da noite. Explicar as angústias dessa mulher, que pôde ser vista como a filha mimada da civilização, seria querer dizer o quanto de poesia pode se concentrar num pensamento; querer pesar a força exalada pela alma ao toque de uma campainha, ou avaliar o quanto de vida se consome no abatimento causado por uma carruagem que se aproxima e continua a rodar, sem se deter.

– Estaria ele zombando de mim? – disse ela ao ouvir soar meia-noite.

Empalideceu, seus dentes se entrebateram, e torceu as mãos ao dirigir-se ao budoar, onde antes, pensava, ele aparecia sem ser chamado. Não o fizera ali empalidecer e cair sob as setas penetrantes de sua ironia? A sra. de Langeais compreendeu o horror do destino das mulheres, que, privadas dos meios de ação que os homens possuem, devem esperar quando amam. Ir ao encontro do amado é uma falta que poucos homens sabem perdoar. A maioria vê uma degradação nessa lisonja celeste; mas Armand tinha uma grande alma e devia fazer parte do pequeno número de homens que sabem pagar com eterno amor um tal excesso de amor.

– Pois bem, então irei – disse consigo ao virar-se na cama sem poder dormir –, irei até ele, lhe estenderei a mão sem cansar-me de estendê-la. Um homem de elite vê em cada um dos passos que uma mulher dá em sua direção promessas de amor e de constância. Sim, os anjos devem descer dos céus para vir aos homens, e quero ser um anjo para ele.

No dia seguinte, escreveu um bilhete que excedia o espírito das dez mil madames de Sévigné com que conta agora Paris. Para saber queixar-se sem rebaixar-se, voar com as duas asas sem arrastar-se humildemente, censurar sem ofender, revoltar-se com graça, perdoar sem comprometer a dignidade pessoal, dizer tudo e nada confessar, enfim, para escrever esse delicioso bilhete, era preciso ser a duquesa de Langeais e ter sido educada pela princesa de Blamont-Chauvry.

Julien partiu. Julien era, como todos os criados, a vítima das marchas e contramarchas do amor.

– O que lhe respondeu o sr. de Montriveau? – disse ela tão indiferentemente quanto pôde a Julien, quando este veio prestar contas da missão.

– O senhor marquês mandou dizer à senhora duquesa que está bem.

Terrível reação da alma sobre si mesma! Receber diante de testemunhas curiosas a resposta a uma pergunta do coração, e não murmurar, e ver-se forçada ao silêncio. Uma das muitas afabilidades do rico!

Durante 22 dias, a sra. de Langeais escreveu ao sr. de Montriveau sem obter resposta. Acabou por dizer-se doente a fim de ser dispensada de seus deveres para com a princesa, de quem era dama, e para com a sociedade. Recebia apenas seu pai, o duque de Navarreins, sua tia, a princesa de Blamont-Chauvry, o velho vidama de Pamiers, seu tio-avô materno, e o tio do marido, o duque de Grandlieu. Essas pessoas facilmente acreditaram na doença da sra. de Langeais, ao verem-na cada dia mais abatida, pálida e magra. Os vagos ardores de um amor real, as irritações do orgulho ferido, a constante aguilhada do único desprezo que podia atingi-la, seus impulsos a prazeres perpetuamente desejados, perpetuamente traídos, enfim, todas as suas forças inutilmente excitadas minavam sua dupla natureza. Ela pagava os salários atrasados dos enganos de sua vida. Por fim saiu para assistir a um desfile onde deveria estar o sr. de Montriveau. No balcão das Tuileries, junto à família real, a duquesa presenciou uma daquelas festas que ficam por muito tempo na lembrança. Apareceu sublime de langor, e todos os olhos a saudaram com admiração. Trocou alguns olhares com Montriveau, para quem se mostrava tão bela. O general desfilou quase a seus pés, em todo o esplendor de um traje militar cujo efeito sobre a imaginação feminina é reconhecido mesmo pelas mais recatadas. Para uma mulher apaixonada, que há dois meses não via o amante, esse rápido momento deve ter-se assemelhado àquela fase de nossos sonhos em que, fugazmente, nossa visão abarca uma natureza sem horizonte. Assim, somente as mulheres e os jovens podem imaginar o estupor e a avidez delirante que os olhos da duquesa exprimiam. Quanto aos homens adultos, se experimentaram na juventude, no paroxismo das primeiras paixões, esses fenômenos da potência nervosa, mais tarde os esquecem tão completamente que chegam a negar tais êxtases luxuriantes, único nome possível dessas magníficas intuições. O êxtase religioso é a loucura do pensamento livre de seus laços corporais, enquanto no êxtase amoroso se confundem, unem e abraçam as forças de nossas duas naturezas. Quando uma mulher está exposta à tirania furiosa como a que vergava a sra. de Langeais, as resoluções definitivas se sucedem tão rapidamente que é impossível explicá-las. Os pensamentos nascem então uns dos outros e correm na alma como as nuvens levadas pelo vento sobre um fundo cinza que encobre o sol. A partir de então, os fatos dizem tudo. E os fatos foram estes.

No dia seguinte ao desfile, a sra. de Langeais mandou sua carruagem e seus criados esperarem à

porta do marquês de Montriveau das sete da manhã até as três da tarde. Armand morava na rue de Seine, a poucos passos da Câmara dos Pares, onde devia haver uma sessão naquele dia. Mas bem antes que os pares se dirigissem ao palácio, algumas pessoas perceberam a carruagem e os criados da duquesa. Um jovem oficial desdenhado pela sra. de Langeais e recolhido pela sra. de Sérizy, o marquês d'Aiglemont, foi o primeiro a reconhecer os criados. Imediatamente foi à casa da amante contar a ela em segredo essa estranha loucura. A notícia logo chegou, telegraficamente, ao conhecimento de todas as rodas do Faubourg Saint-Germain, chegou ao castelo, ao Elysée-Bourbon, tornou-se a fofoca do dia, o assunto de todas as conversas, desde o meio-dia até a noite. Quase todas as mulheres negavam o fato, mas de maneira a fazê-lo acreditar; já os homens acreditavam, demonstrando pela sra. de Langeais o mais indulgente interesse.

– Esse Montriveau selvagem tem um caráter de bronze, certamente terá exigido esse escândalo – diziam alguns, lançando a culpa em Armand.

– Que nada – diziam os outros –, a sra. de Langeais cometeu a mais nobre das imprudências! Diante de toda a Paris, renunciar, pelo amante, à sociedade, à sua condição, à sua fortuna, à consideração, é um golpe de Estado feminino tão belo como a punhalada daquele cabeleireiro que tanto emocionou Canning[2] no tribunal. Nenhuma das mulheres que censuram a duquesa faria essa declaração digna do tempo antigo. A sra. de Langeais é uma mulher heróica por expor-se assim tão francamente. Agora não poderá mais amar senão Montriveau. Não há certa nobreza na mulher que diz: “Só terei uma paixão”?

– O que será da sociedade, senhor, se honra desse modo o vício, sem respeitar a virtude? – disse a mulher do procurador-geral, a condessa de Grandville[3].

Enquanto o castelo, o Faubourg e a Chaussée-d'Antin se entretinham com o naufrágio dessa aristocrática virtude, enquanto jovens apressados corriam a cavalo para terem certeza, vendo a carruagem na rue de Seine, de que a duquesa estava realmente na casa do sr. de Montriveau, ela jazia palpitante no fundo de seu budoar. Armand, que não dormira em casa, passeava nas Tuileries com o sr. de Marsay. E os avós da sra. de Langeais visitavam-se mutuamente, marcando um encontro na casa dela para admoestá-la e estudar os meios de deter o escândalo causado por sua conduta. Às três da tarde, o duque de Navarreins, o vidama de Pamiers, a velha princesa de Blamont-Chauvry e o duque de Grandlieu estavam reunidos na sala de estar da sra. de Langeais e a esperavam. A eles, como a vários curiosos, os criados haviam dito que a patroa saíra. A duquesa dera essa ordem sem excetuar ninguém. Essas quatro figuras, ilustres na esfera aristocrática cujas revoluções e pretensões hereditárias aparecem no Almanaque de Gotha[4], exigem um rápido esboço sem o qual este quadro social seria incompleto.

A princesa de Blamont-Chauvry era, no mundo feminino, o mais poético dos destroços do reinado de Louis XV, para cujo epíteto[5], durante sua bela juventude, ela teria, dizem, contribuído com a sua parte. Dos antigos adornos, restava-lhe apenas um nariz saliente, estreito, curvado como uma espada turca, e principal ornamento de um rosto semelhante a uma velha luva branca; alguns cabelos crespos e empoados, chinelas de salto alto, uma touca de renda trançada, meias-luvas pretas e uma *perfeita vaidade*. Mas, para fazer-lhe inteiramente justiça, é necessário acrescentar que tinha uma idéia tão elevada de suas ruínas que à noite usava vestidos decotados, luvas compridas e punha ainda na face o clássico *rouge* de Martin. Uma amabilidade perigosa nas rugas, um brilho prodigioso no olhar, uma dignidade profunda em toda a sua pessoa, um espírito afiado na língua e uma memória infalível faziam dessa velha senhora uma verdadeira potência. No pergaminho do cérebro tinha registrados todos os

títulos da nobreza e conhecia as alianças das casas de príncipes, duques e condes da Europa, isto é, onde estavam os últimos parentes de Carlos Magno. Assim, nenhuma usurpação de título podia escapar-lhe. Os jovens que queriam ser bem vistos, os ambiciosos, prestavam-lhe constantes homenagens. Seu salão fazia autoridade no Faubourg Saint-Germain. As frases desse Talleyrand feminino eram como sentenças. Algumas pessoas a procuravam para ouvir opiniões sobre etiqueta ou maneiras de sociedade, para tomar lições de bom gosto. Certamente nenhuma velha dama sabia usar a tabaqueira como ela; e, ao sentar-se ou ao cruzar as pernas, fazia movimentos de saia com uma precisão e uma graça que desesperavam as jovens mais elegantes. Durante um terço da vida emitira a voz do alto da cabeça, mas não pôde impedi-la de descer às membranas do nariz, o que a tornava estranhamente significativa. De sua grande fortuna restavam-lhe 150 mil libras em bosques, generosamente devolvidos por Napoleão. Assim, bens e pessoa, tudo nela era considerável. Essa curiosa antigüidade estava numa *bergère* junto à lareira e conversava com o vidama de Pamiers, outra ruína contemporânea. Esse velho senhor, ex-comendador da Ordem de Malta, era um homem alto e esguio, cujo colarinho estava sempre apertado de modo a comprimir ligeiramente a papada e a manter a cabeça erguida; atitude cheia de suficiência em certas pessoas, mas nele justificada por um espírito voltairiano. Seus olhos salientes pareciam tudo ver e de fato tinham visto tudo. Punha algodão nos ouvidos. Enfim, sua pessoa oferecia, no conjunto, um modelo perfeito das linhas aristocráticas, linhas miúdas e delicadas, flexíveis e agradáveis, que, como as da serpente, podem à vontade curvar-se, aprumar-se, ser fluidas ou rígidas.

O duque de Navarreins passeava de um lado a outro da sala com o duque de Grandlieu. Ambos tinham 55 anos de idade, eram gordos e baixos, bem-nutridos, com a tez um pouco avermelhada, os olhos fatigados, os lábios inferiores já pendentes. Sem o tom sofisticado de sua linguagem, sem a afável polidez de suas maneiras, sem o desembaraço que podia prontamente se transformar em impertinência, um observador superficial os teria tomado por banqueiros. Mas todo engano cessava ao escutar-se sua conversa armada de precauções com os que eles temiam, seca ou vazia com os iguais, pérfida com os inferiores, que os cortesãos ou os homens de Estado sabem domesticar por verbosas amabilidades ou ferir por uma palavra inesperada. Tais eram os representantes dessa grande nobreza que queria morrer ou permanecer intacta, que merecia tanto elogios quanto censuras e será sempre imperfeitamente julgada até que um poeta a tenha mostrado feliz de obedecer ao rei, expirando sob o machado de Richelieu e desprezando a guilhotina de 1789 como uma vingança imunda.

Essas quatro figuras distinguiam-se por uma voz macia, particularmente de acordo com suas idéias e seu porte. Uma perfeita igualdade reinava entre elas. O hábito de ocultar as emoções, tomado da corte, certamente as impedia de manifestar o desagrado que lhes causava a extravagância da jovem parente.

Para impedir os críticos de tacharem de puerilidade o começo da cena seguinte, talvez seja necessário, aqui, fazer observar que Locke<sup>[6]</sup>, estando em companhia de senhores ingleses renomados por seu espírito, divertiu-se maldosamente em estenografar sua conversação por um procedimento particular, fazendo-os dar gargalhadas quando a leu, a fim de saber deles o que se podia concluir do que disseram. De fato, as classes altas possuem em todo lugar um jargão de lantejoulas que, passado nas peneiras literárias ou filosóficas, dá muito pouco ouro. Em toda alta sociedade, com exceção de alguns salões parisienses, o observador encontra os mesmos ridículos, diferenciados apenas pela transparência ou a espessura do verniz. Assim as conversações substanciais são a exceção social, e a tolice entretém habitualmente as diversas zonas mundanas. Se forçosamente se fala muito nas altas esferas, pensa-se pouco. Pensar é uma fadiga, e os ricos gostam de levar a vida sem muito esforço. Assim, é comparando o

fundo dos gracejos por escalões, desde o garoto de Paris até o par de França, que o observador compreende a frase do sr. de Talleyrand: *as maneiras são tudo*, tradução elegante deste axioma judiciário: *a forma prevalece sobre o fundo*. Aos olhos do poeta, a vantagem ficará com as classes inferiores, que nunca deixam de pôr um rude traço de poesia em seus pensamentos. Essa observação também fará compreender a infertilidade dos salões, seu vazio, sua pouca profundidade, e a repugnância que os homens superiores sentem em fazer o mau comércio de lá trocar seus pensamentos.

O duque deteve-se de repente, como se tivesse uma idéia luminosa, e disse ao acompanhante:

– Vendeu o Thornton?

– Não, ele está doente. Tenho medo de perdê-lo, ficaria desolado. É um cavalo excelente na caça.

Sabe como vai a duquesa de Marigny?

– Não, não fui lá esta manhã. Saía para vê-la, quando me vieram falar de Antoinette. Mas estava muito mal ontem, não lhe deram esperanças, recebeu os últimos sacramentos.

– A morte dela mudará a situação de seu primo.

– Em nada, ela fez a partilha em vida e reservou-se uma pensão que lhe paga a sobrinha, sra. de Soulanges, a quem doou a terra de Guébriant como renda vitalícia.

– Será uma grande perda para a sociedade. Era uma boa mulher. Sua família sentirá a falta de uma pessoa cujos conselhos e a experiência eram importantes. Cá entre nós, ela era o chefe da casa. Seu filho, Marigny, é um homem amável, tem trato, sabe conversar. É agradável, muito agradável, não há como negar... mas não tem espírito de conduta. Ah! É extraordinário, muito fino. Outro dia jantava no clube com os ricos da Chaussée-d’Antim, e seu tio (que vai sempre lá jogar uma partida) o vê. Surpreso de encontrá-lo, pergunta-lhe se pertence ao clube. “Sim, não frequento mais a alta sociedade, vivo com os banqueiros.” Sabe por quê? – disse Grandlieu, lançando ao duque um sorriso fino.

– Não.

– Está apaixonado por uma recém-casada, a pequena sra. Keller<sup>[7]</sup>, filha de Gondreville, uma mulher que dizem estar muito em moda nesse meio.

– E Antoinette? Ao que parece, não se aflige, comentou o velho vidama.

– A afeição que tenho por essa jovem me obriga, neste momento, a um singular passatempo – respondeu-lhe a princesa, abrindo a tabaqueira.

– Minha prezada tia – disse-lhe então o duque –, estou desesperado. Somente um homem de Bonaparte era capaz de exigir de uma mulher correta tais inconveniências. Cá entre nós, Antoinette deveria ter escolhido melhor.

– Meu caro – respondeu a princesa –, os Montriveau são antigos e muito bem aparentados, pertencem à alta nobreza da Borgonha. Se os Rivaudoult d’Arschoot, do ramo Dulmen, acabassem na Galícia, os Montriveau herdariam, por seu bisavô, os bens e os títulos d’Arschoot.

– Tem certeza?

– Sei melhor do que sabia o pai deste, que eu via muito e a quem dei a informação. Embora cavaleiro da nobreza, zombou de mim; era um enciclopedista. Mas seu irmão tirou proveito disso na emigração. Ouvi dizer que seus parentes do Norte foram perfeitos para com ele...

– Sim, é verdade. O conde de Montriveau morreu em Petersburgo onde o conheci – disse o vidama.

– Era um homem gordo com uma inacreditável paixão por ostras.

– Quantas comia? – perguntou o duque de Grandlieu.

– Dez dúzias por dia.

– Sem passar mal?

– Nem um pouco.

– Oh! É extraordinário! Esse gosto não lhe trouxe pedras, gota, nenhum incômodo?

– Não, vivia com ótima saúde, morreu por acidente.

– Por acidente! A natureza o aconselhara a comer ostras, eram provavelmente necessárias; pois, até

um certo ponto, nossos gostos predominantes são condições de nossa existência.

– Sou de sua opinião – disse a princesa sorrindo.

– A senhora interpreta sempre maliciosamente as coisas – observou Grandlieu.

– Quero apenas fazê-lo compreender que essas coisas seriam muito mal-interpretadas por uma jovem – ela respondeu.

E interrompeu-se para dizer:

– Mas minha sobrinha! Minha sobrinha!

– Prezada tia – disse o sr. de Navarreins –, ainda não posso acreditar que ela tenha ido à casa do sr. de Montriveau.

– Ora! – fez a princesa.

– Qual é sua opinião, vidama? – perguntou Grandlieu.

– Se a duquesa fosse ingênua, eu diria...

– Mas uma mulher que ama torna-se ingênua, meu pobre vidama. Está ficando velho? – disse a princesa.

– Enfim, que fazer? – perguntou o duque.

– Se minha querida sobrinha é esperta – respondeu a princesa –, irá esta noite à Corte, pois hoje, por felicidade, é segunda-feira, dia de recepção; lá desmentirá, aos que a cercam, esse boato ridículo. Há mil maneiras de explicar as coisas; e, se o marquês de Montriveau é um homem galante, há de prestar-se a isso. Chamaremos de volta à razão essas crianças...

– Mas é difícil lidar com o sr. de Montriveau, prezada tia, é um discípulo de Bonaparte, e tem uma posição. É um dos senhores do dia, com um comando importante na Guarda, onde é muito útil. Não tem a menor ambição. À primeira palavra que o desagrade, é homem de dizer ao rei: “Aqui está minha demissão, deixe-me em paz!”.

– O que esperar dele então?

– Nada de bom.

– Realmente – disse a princesa –, o rei continua sendo o que sempre foi, um jacobino com a flor-de-lis.

– Oh! Um tanto moderado – disse o vidama.

– Não, conheço-o de longa data. O homem que disse à esposa, no dia em que ela compareceu ao primeiro grande banquete: “Eis aí nossos criados!”, mostrando-lhe a corte, só podia ser um celerado. Reencontro perfeitamente no rei o mau irmão que votou mal na assembléia constituinte[8] e agora pactua com os liberais, deixa-os falar, discutir. Esse filósofo carola será tão perigoso para o irmão mais moço como o foi para o mais velho; pois não sei se seu sucessor saberá se livrar dos problemas que esse homem de pequeno espírito se compraz em criar; aliás, ele o detesta, e ficaria feliz de dizer, ao morrer: “Ele não reinará por muito tempo”.

– Minha tia, trata-se do rei, tenho a honra de servi-lo e...

– Mas seu cargo, meu caro, o impede de falar livremente! Você pertence a uma linhagem tão boa como a dos Bourbon. Se os Guise tivessem tido um pouco mais de resolução, Sua Majestade seria hoje um pobre fidalgo. Vou-me deste mundo a tempo, a nobreza está morta. Sim, tudo está perdido para nós, meus filhos – disse ela olhando para o vidama. – Acaso a conduta de minha sobrinha devia ocupar toda a cidade? Ela cometeu um erro, não o aprovo, um escândalo inútil é uma falta; mas ainda assim duvido dessa falta às conveniências, eu a eduquei e sei que...

Nesse momento a duquesa saiu de seu budoar. Havia reconhecido a voz da tia e ouvido pronunciar o nome de Montriveau. Vestia um traje caseiro matinal e, quando se mostrou, o sr. de Grandlieu, que olhava despreocupadamente pela janela, viu retornar a carruagem da sobrinha sem ela.

– Querida filha – disse-lhe o duque tomando-lhe a cabeça nas mãos e beijando-a na testa –, então não sabe o que se passa?

– Que há de extraordinário, meu pai?

– Paris inteira julga que você está na casa do sr. de Montriveau.

– Minha querida Antoinette, você não saiu, não é mesmo? – disse a princesa estendendo-lhe a mão que a duquesa beijou com uma respeitosa afeição.

– Não, querida tia, não saí.

E, virando-se para cumprimentar o vidama e o sr. de Grandlieu, acrescentou:

– Quis que Paris inteira pensasse que eu estava na casa do sr. de Montriveau.

O duque ergueu as mãos, bateu uma na outra com desespero e cruzou os braços.

– Mas já pensou o que resultará dessa insensatez? – disse ele enfim.

A velha princesa levantara-se e olhava a duquesa, que corou e baixou os olhos. Atraindo-a docemente para si, a sra. de Chauvry falou:

– Deixe-me dar-lhe um beijo, meu anjo – depois de beijá-la afetuosamente na testa, apertou-lhe a mão e continuou, sorrindo: – Não somos mais os Valois, querida filha. Você comprometeu seu marido, sua posição na sociedade; mas vamos dar um jeito de reparar tudo.

– Mas não quero reparar nada, querida tia. Desejo que Paris inteira saiba ou diga que estive esta manhã na casa do sr. de Montriveau. Destruir essa crença, por falsa que seja, é prejudicar-me estranhamente.

– Minha filha, quer então se perder e afligir sua família?

– Meu pai, minha família, ao sacrificarem-me a interesses, condenaram-me, sem querer, a irreparáveis infelicidades. O senhor pode censurar-me por buscar alívios a isso, mas certamente terá pena de mim.

– Quanto padecemos para estabelecer bem as filhas! – disse, murmurando, o sr. de Navarreins ao vidama.

– Minha menina – disse a princesa sacudindo os grãos de tabaco caídos em seu vestido –, seja feliz se puder; não se trata de perturbar sua felicidade, mas de harmonizá-la com os costumes. Todos sabemos, aqui, que o casamento é uma defeituosa instituição temperada pelo amor. Mas será que é preciso, ao arranjar um amante, armar o leito na Praça do Carrossel? Vamos, seja sensata, escute-nos.

– Estou escutando.

– Senhora duquesa – disse o duque de Grandlieu –, se os tios fossem obrigados a guardar suas sobrinhas, teriam uma função na sociedade; mereceriam honrarias, recompensas, tratamentos como os que

são dados aos servidores do rei. Assim, não vim aqui para lhe falar de meu sobrinho, mas de seus próprios interesses. Calculemos um pouco. Se insiste em fazer um escândalo, conheço meu sobrinho, aliás não gosto muito dele. Langeais é muito avarento, egoísta como o diabo; irá separar-se de você, ficará com sua fortuna, a deixará pobre, e conseqüentemente sem consideração. As cem mil libras de renda que herdou recentemente de sua tia-avó materna pagarão os prazeres dele com as amantes, e você, atada e garroteada pelas leis, será obrigada a dizer amém a tais arranjos. E se o sr. de Montriveau a abandonar? Meu Deus, querida sobrinha, nem pensemos nisso, um homem não a abandonará jovem e bela; no entanto já vimos tantas belas mulheres abandonadas, mesmo entre as princesas, que me permitirá esta suposição quase impossível, creio eu: que será então de você sem seu marido? Cuide, pois, de seus interesses da mesma forma que cuida de sua beleza, pois afinal são a proteção das mulheres tanto quanto um marido. Vou imaginá-la sempre feliz e amada, sem levar em conta acontecimentos infelizes. Mas se, por felicidade ou por infelicidade, tiver filhos? Que fará? Terão o nome de Montriveau? Eles não herdarão de modo nenhum a fortuna do pai. Digamos que queira dar-lhes a sua, e o pai a dele. Nada mais natural: mas terão as leis contra vocês. Quantos processos são movidos pelos herdeiros legítimos contra os filhos do amor! É o que vemos em todos os tribunais do mundo. Digamos que recorram a um fideicomisso: se a pessoa em quem puser confiança a enganar, a justiça humana nada poderá fazer, e seus filhos estarão arruinados. Portanto, escolha bem. Veja em que perplexidades se encontra. De qualquer maneira, seus filhos serão necessariamente sacrificados aos caprichos do seu coração e privados de sua posição social. Meu Deus, enquanto forem pequenos, serão encantadores; mas um dia hão de censurá-la por ter pensado mais em si do que neles. Sabemos tudo isso, nós, fidalgos. As crianças se tornam adultos, e os adultos são ingratos. Não ouviu falar do jovem de Horn, na Alemanha, que dizia: “Se minha mãe tivesse sido uma mulher honesta, eu seria príncipe reinante.”? E este se, passamos a vida inteira ouvindo os plebeus o dizerem, e ele fez a revolução. Quando os homens não podem acusar nem o pai nem a mãe, acusam Deus por sua má sorte. Em suma, minha menina, estamos aqui para esclarecê-la. E resumo tudo numa frase sobre a qual deve meditar: uma mulher nunca deve fornecer razões ao marido.

– Meu tio, calculei enquanto não amava. Então, como o senhor, via interesses onde agora só vejo sentimentos – disse a duquesa.

– Mas minha menina, a vida é muito certamente uma complicação de interesses e de sentimentos – replicou o vidama –; e para ser feliz, sobretudo na posição em que se encontra, é preciso conciliar os sentimentos com os interesses. Que uma costureirinha faça amor a seu capricho, compreende-se; mas você tem uma bela fortuna, um título, um lugar na corte, e não deve jogá-los pela janela. Para conciliar tudo, o que estamos lhe pedindo? Para contornar habilmente a lei das conveniências em vez de transgredi-la. Oh! Meu Deus, logo estarei com oitenta anos, não me lembro de ter encontrado, sob nenhum regime, um amor que valesse o preço que quer pagar pelo desse jovem afortunado.

A duquesa, por um olhar, impôs silêncio ao vidama; e, se Montriveau a tivesse podido ver, teria tudo perdoado...

– Isto seria bonito no teatro – disse o duque de Grandlieu –, mas nada significa quando se trata de seu dote, de sua posição e de sua independência. Não está sendo grata, cara sobrinha. Não encontrará muitas famílias em que os parentes sejam bastante corajosos para passar as informações da experiência e fazer ouvir a linguagem da razão a cabeças jovens insensatas. Renuncie à sua salvação em dois minutos, se quiser a condenação eterna; de acordo! Mas reflita bem quando se trata de renunciar a seus

rendimentos. Não conheço confessor que nos absolva da miséria. Julgo-me no direito de lhe falar assim; pois, se se perder, somente eu poderei lhe oferecer um asilo. Sou quase o pai de Langeais, e só eu triunfaria em não dar razão a ele.

– Minha filha – disse o duque de Navarreins despertando de uma dolorosa meditação –, já que fala de sentimentos, deixe-me observar que uma mulher com seu nome tem obrigações para com sentimentos outros que não os das pessoas comuns. Está querendo dar ganho de causa aos liberais, a esses jesuítas de Robespierre[9] que procuram difamar a nobreza? Há certas coisas que uma Navarreins não poderia fazer sem faltar a toda a sua linhagem. Você não seria a única desonrada.

– Ora – disse a princesa –, lá vem a desonra! Meus filhos, não façam tanto barulho pelo passeio de uma carruagem vazia, e deixem-me a sós com Antoinette. Venham jantar comigo, os três. Encarrego-me de arranjar convenientemente as coisas. Vocês, homens, não entendem nada, logo põem acrimônia nas palavras, e não quero vê-los zangados com minha menina. Façam-me então o favor de sair.

Os três cavalheiros adivinharam certamente as intenções da princesa e despediram-se. O sr. de Navarreins veio beijar a filha na testa, dizendo: – Vamos, minha filha, seja sensata. Se quiser, ainda há tempo.

– Será que não poderíamos encontrar na família algum rapaz disposto a enfrentar esse Montriveau? – disse o vidama, enquanto eles desciam as escadas.

– Minha jóia – disse a princesa, fazendo um sinal à discípula para sentar-se numa pequena cadeira junto dela, quando ficaram a sós. – Não sei de nada mais caluniado neste mundo do que Deus e o século XVIII, pois, rememorando coisas da minha juventude, não me lembro de uma única duquesa que tenha calcado aos pés as conveniências como acaba de fazer. Os romancistas e os escrevinhadores difamaram o reinado de Louis XV, não acredite neles. Dubarry[10], minha cara, estava à altura da viúva Scarron, e era melhor pessoa. No meu tempo, uma mulher sabia, no meio de suas galanterias, conservar a dignidade. As indiscrições nos puseram a perder, daí vem todo o mal. Os filósofos, essa gente insignificante que admitimos em nossos salões, tiveram a inconveniência e a ingratidão, em troca de nossos favores, de fazer o inventário de nossos corações, de descrever-nos em conjunto e em detalhe e de deblaterar contra o século. O povo, muito malcolocado para julgar o que quer que seja, viu o fundo das coisas, sem ver-lhes a forma. Mas naqueles tempos, meu bem, os homens e as mulheres foram tão notáveis quanto nas outras épocas da monarquia. Nenhum de seus Werther[11], nenhuma de suas notabilidades, como se diz, nenhum homem de luvas amarelas e cujas calças dissimulam a pobreza das pernas, atravessaria a Europa, disfarçado de vendedor ambulante, para se encerrar, arriscando a vida e os punhais do duque de Módena, na toailete reservada da filha do regente. Nenhum de seus tísicos de óculos se esconderia, como Lauzun, durante seis semanas, num armário, para dar coragem à amante que estava para dar à luz. Havia mais paixão no dedo mindinho do sr. de Jaucourt do que em toda essa raça de questionadores que deixam as mulheres pela leitura dos livros! Onde encontrar hoje pajens que se deixem despedaçar e sepultar sob um soalho para vir beijar o dedo enluvado de uma Konismark? Os papéis parecem ter mudado, agora as mulheres é que devem se devotar pelos homens. Esses senhores valem menos e se estimam mais. Acredite, minha querida, todas aquelas aventuras depois tornadas públicas, e hoje usadas como arma para assassinar nosso bom Louis XV, eram inicialmente secretas. Sem um monte de poetastros, rimadores e moralistas que se metiam com nossas criadas e escreviam calúnias, nossa época teria tido, literariamente, bons costumes. Justifico o século, e não suas margens. Talvez umas cem mulheres de

qualidade se perderam; mas os velhacos aumentaram para mil, como fazem os jornalistas quando avaliam os mortos do partido inimigo. Aliás, não sei em que a Revolução e o Império podem nos censurar: sua época foi licenciosa, sem espírito, grosseira, arre! Tudo isso me revolta. É a casa de prostituição de nossa história! Esse preâmbulo, querida filha – ela disse após uma pausa –, é para dizer que, se Montriveau agrada você, tem o direito de amá-lo à vontade e tanto quanto puder. Sei, por experiência (a menos que encerrem você num convento, mas hoje não se faz mais isso), que você fará o que a apraz; é o que eu teria feito na sua idade. Só que eu não abdicaria, minha jóia, o direito de fazer duques de Langeais. Assim, comporte-se decentemente. O vidama tem razão, nenhum homem vale um único dos sacrifícios pelos quais somos bastante loucas para lhes pagar o amor. Aja portanto de modo a poder, caso tenha a desgraça de se arrepender, continuar sendo a mulher do sr. de Langeais. Quando você envelhecer, será mais fácil ouvir missa na corte do que num convento de província, eis aí toda a questão. Uma imprudência será um internamento, uma vida sem rumo, à mercê do amante; será o desgosto causado pelas impertinências de mulheres que valem menos que você, precisamente porque terão sido ignobilmente corretas. Teria sido mil vezes melhor ir à casa de Montriveau à noite, num fiacre, disfarçada, do que enviar até lá sua carruagem em pleno dia. É uma bobinha, minha menina! Sua carruagem adulou a vaidade dele, sua presença lhe teria conquistado o coração. Digo a você o que é justo e verdadeiro, mas entendo você. Está dois séculos atrasada com sua falsa grandeza. Vamos, deixe-nos arranjar as coisas, dizer que Montriveau embriagou seus criados para satisfazer seu amor-próprio e comprometê-la...

– Por amor de Deus, minha tia – exclamou a duquesa num sobressalto –, não o calunie!

– Oh! Minha menina – disse a princesa, cujos olhos se animaram –, gostaria que tivesse ilusões que não te fossem funestas, mas toda ilusão deve cessar. Não fosse minha idade, me deixaria enternecida. Vamos, não cause desgosto a ninguém, nem a ele, nem a nós. Encarrego-me de contentar todo mundo; mas prometa-me, daqui por diante, não dar um único passo sem me consultar. Conte-me tudo, talvez possa levar você a um bom resultado.

– Minha tia, eu lhe prometo...

– Dizer-me tudo...

– Sim, tudo, tudo o que puder ser dito.

– Mas, meu coração, é justamente o que não pode ser dito que eu quero saber. Entendamo-nos bem. Deixe-me pôr meus lábios secos em sua bela testa. Não, proíbo você de beijar meus ossos. Os velhos têm uma polidez peculiar... Vamos, conduza-me até minha carruagem – disse ela após ter beijado a sobrinha.

– Querida tia, posso então ir à casa dele disfarçada?

– Claro que sim, isso sempre pode ser negado – disse a velha.

A duquesa retivera claramente apenas essa idéia do sermão que a princesa lhe fizera. Quando a sra. de Chauvry se instalou no assento da carruagem, a sra. de Langeais dirigiu-lhe um gracioso adeus e voltou para casa muito feliz.

– Minha presença lhe teria conquistado o coração; minha tia tem razão. Um homem não deve recusar uma mulher bonita, quando ela sabe se oferecer.

À noite, no círculo da duquesa de Berri, o duque de Navarreins, o sr. de Pamiers, o sr. de Marsay, o sr. de Grandlieu e o duque de Maufrigneuse desmentiram vitoriosamente os boatos ofensivos que

corriam sobre a duquesa de Langeais. Tantos oficiais e tantas pessoas confirmaram ter visto Montriveau passeando nas Tuileries durante a manhã, que essa história boba foi atribuída ao acaso, que aceita tudo o que lhe oferecem. Assim, no dia seguinte, a reputação da duquesa tornou-se, apesar do estacionamento da carruagem, tão reluzente como o elmo de Mambrino após ter sido polido por Sancho[12]. Às duas da tarde, no Bois de Boulogne, o sr. de Ronquerolles, passando ao lado de Montriveau num aléia deserta, disse-lhe sorrindo:

– Sua duquesa vai bem! Ainda e sempre – acrescentou, aplicando uma chicotada significativa em sua égua, que disparou como uma flecha.

Dois dias depois de seu inútil escândalo, a sra. de Langeais escreveu ao sr. de Montriveau uma carta que ficou sem resposta como as precedentes. Mas dessa vez resolveu tomar providências e corrompeu Auguste, o criado de Armand. Assim, às oito da noite, foi introduzida na casa deste, numa peça diferente daquela onde se passara a cena secreta. A duquesa ficou sabendo que o general não viria. Tinha ele dois domicílios? O criado não quis responder. A sra. de Langeais conseguira comprar a chave do quarto, mas não toda a probidade daquele homem. Ficando a sós, viu suas catorze cartas colocadas sobre uma velha mesinha de centro; não estavam abertas nem manuseadas, não haviam sido lidas. Ante essa visão, ela caiu numa poltrona e perdeu por um momento os sentidos. Voltando a si, percebeu Auguste, que lhe fazia respirar vinagre.

– Uma carruagem, depressa – ela falou.

Chegada a carruagem, desceu com uma rapidez convulsiva, voltou para casa, pôs-se no leito e proibiu que entrassem em seu quarto. Ficou 24 horas deitada, deixando aproximar-se apenas a criada que lhe trouxe algumas taças de infusão de folhas de laranjeira. Suzette ouviu a patroa fazer algumas queixas, e surpreendeu lágrimas em seus olhos brilhantes, mas com olheiras. No outro dia, após ter meditado, com lágrimas de desespero, a decisão que queria tomar, a sra. de Langeais teve uma conversa com seu homem de negócios, e certamente o encarregou de alguns preparativos. Enquanto esperava o comendador, escreveu ao sr. de Montriveau. O vidama foi pontual. Encontrou sua jovem prima pálida, abatida, mas resignada. Eram cerca de duas da tarde. Nunca essa divina criatura fora mais poética do que então, nos langores da agonia.

– Meu caro primo – disse ela ao vidama –, seus oitenta anos lhe valem este encontro. Oh! Não sorria, peço-lhe, diante de uma pobre mulher no auge da infelicidade. O senhor é um homem galante, e as aventuras de sua juventude lhe inspiraram, imagino, alguma indulgência pelas mulheres.

– Nenhuma – ele disse.

– Verdade?

– Elas já são felizes – respondeu.

– Pois bem, o senhor está no centro de minha família, e será talvez o último parente, o último amigo de quem terei apertado a mão; posso assim pedir um favor. Preste-me um serviço, meu caro vidama, que eu não saberia pedir a meu pai nem a meu tio Grandlieu, ou a mulher alguma. Deve me compreender. Suplico que me obedeça e que esqueça que me obedeceu, seja qual for o resultado de suas diligências. Trata-se de ir, munido desta carta, à casa do sr. de Montriveau, de mostrá-la a ele, de pedir-lhe, como um homem sabe pedir coisas a outro homem, pois entre vocês há uma probidade e sentimentos que esquecem conosco, de pedir-lhe que a leia, não em sua presença, pois os homens escondem certas emoções. Autorizo-o, se julgar necessário, a dizer-lhe que disso depende minha vida ou minha morte. Se ele se

dignar...

– Dignar-se?! – interrompeu o comendador.

– Se ele se dignar a ler – prosseguiu com dignidade a duquesa –, faça-lhe uma última observação.

O senhor o verá às cinco da tarde, ele janta a essa hora, hoje, em sua casa, sei disso; pois bem, ele deve, como única resposta, vir me ver. Se três horas depois, às oito, não tiver saído, tudo estará dito. A duquesa de Langeais terá desaparecido deste mundo. Não, não estarei morta, meu caro; mas nenhum poder humano me encontrará nesta terra. Venha jantar comigo, terei pelo menos um amigo para me assistir em minhas últimas angústias. Sim, esta noite, caro primo, minha vida será decidida; e, aconteça o que acontecer, será de um modo cruel e ardente. Peço-lhe silêncio, nada quero ouvir que se assemelhe a observações ou conselhos. Vamos conversar e rir – disse ela, estendendo a mão que ele beijou. – Sejamos como dois velhos filósofos que sabem gozar a vida até no momento da morte. Vou enfeitar-me, estarei muito elegante. O senhor será talvez o último homem que terá visto a duquesa de Langeais.

O vidama nada respondeu, saudou-a, pegou a carta e cumpriu o encargo. Voltou às cinco horas, encontrou a prima vestida com esmero, deliciosa, enfim. A sala estava ornada de flores como para uma festa. A refeição foi requintada. A duquesa exibiu, para aquele velho, todos os brilhos de seu espírito e mostrou-se mais atraente do que nunca. O comendador quis inicialmente ver uma brincadeira de mulher em todos aqueles preparativos; mas, de vez em quando, a falsa magia das seduções mostradas pela prima empalidecia. Ora ele a surpreendia a tremer, tomada por uma espécie de súbito terror, ora ela parecia escutar no silêncio. Nesses momentos, se ele dizia: “Que há com você?”, ela lhe impunha o silêncio.

Às sete horas deixou-o para voltar em seguida, mas vestida como o teria feito sua criada para uma viagem. Pediu o braço do velho, que quis como companheiro, tomou uma carruagem de aluguel, e os dois foram, faltando um quarto para as oito, até a porta do sr. de Montriveau. Quanto a Armand, nesse meio-tempo, ele meditava sobre a seguinte carta:

“Meu amigo, passei alguns momentos em sua casa, sem que o soubesse; retomei minhas cartas. Oh! Armand, entre mim e você não pode haver indiferença, e o ódio procede de outro modo. Se me ama, pare com esse jogo cruel. Você me mataria. Mais tarde, ficaria desesperado, sabendo o quanto é amado. Se infelizmente o compreendi, se sente apenas aversão por mim, a aversão comporta desprezo e desgosto; então toda esperança me abandona: os homens não se recuperam desses dois sentimentos. Por terrível que possa ser, esse pensamento trará consolos à minha longa dor. Você não terá arrependimentos algum dia. Arrependimentos! Ah, meu Armand, que eu os ignore! Se eu lhe causasse um único... Não, não quero lhe dizer o quanto seria devastador para mim. Eu viveria e não poderia mais ser sua mulher. Depois de ter-me dado inteiramente a você em pensamento, a quem mais me dar?... a Deus. Sim, os olhos que você amou por um momento não verão mais nenhum rosto de homem; e possa a glória de Deus fechá-los! Não ouvirei mais voz humana, depois de ter ouvido a sua, tão doce no início, tão terrível ontem, pois estou sempre no amanhã de sua vingança; possa então a palavra de Deus me consumir! Entre a cólera dele e a sua, meu amigo, não haverá para mim senão lágrimas e preces. Talvez se pergunte por que lhe escrevo. Ai! Não me queira mal por conservar um resto de esperança, por lançar ainda um suspiro à vida feliz antes de deixá-la para sempre. Estou numa situação horrível. Tenho toda a serenidade que uma grande resolução transmite à alma, e sinto ainda os últimos bramidos da tempestade. Naquela terrível aventura que me ligou tanto a você, Armand, você ia do deserto ao oásis, conduzido por um bom guia. Pois bem, eu me arrasto do oásis ao deserto, e você é um guia sem piedade. No entanto somente você, meu amigo,

pode compreender a melancolia dos últimos olhares que lanço à felicidade, e é o único a quem posso me queixar sem corar. Se me acolher favoravelmente, serei feliz; se for inexorável, expiarei meus erros. Enfim, não é natural que uma mulher queira permanecer na memória do amado revestida de todos os sentimentos nobres? Oh! Meu único amado, deixe sua criatura sepultar-se com a crença de que a considera grande. Suas severidades fizeram-me refletir; e, desde que passei a amá-lo muito, sinto-me menos culpada do que imagina. Escute então minha justificação, que lhe devo; e você, que é tudo para mim no mundo, deve-me ao menos um instante de justiça.

“Eu soube, por minhas próprias dores, o quanto meus coquetismos o fizeram sofrer; mas então eu vivia numa completa ignorância do amor. Você conhece o segredo dessas torturas, e as impõe a mim. Durante os oito primeiros meses que me concedeu, você não se fez amar. Por que, meu amigo? Não sei dizer, assim como não sei explicar por que agora o amo. Ah! É verdade, sentia-me lisonjeada de ser o objeto de seus discursos apaixonados, de receber seus olhares de fogo; mas você me deixava fria e sem desejos. Não, eu não era mulher, não compreendia nem o devotamento nem a felicidade de nosso gênero. De quem é a culpa? Acaso não teria me desprezado se eu tivesse me entregue sem arrebatamento? Talvez o sublime de nosso gênero seja dar-se sem receber nenhum prazer; pois será que há mérito em abandonar-se a delícias conhecidas e ardentemente desejadas? Ai, meu amigo, posso lhe dizer que esses pensamentos me ocorreram quando eu me mostrava coquete, mas então já o considerava tão grande que não queria sentir-me obrigada à piedade com você... Que palavra acabo de escrever? Ah! Retomei em sua casa todas as minhas cartas, jogue-as ao fogo, elas ardem! Nunca saberá o que elas revelavam de amor, de paixão, de loucura... Calo-me, Armand, nada mais quero lhe dizer de meus sentimentos. Se meus desejos não foram ouvidos de alma a alma, também eu não poderia, eu, mulher, obter seu amor apenas por piedade. Quero ser amada irresistivelmente ou abandonada sem piedade. Se recusar ler esta carta, ela será queimada. Se, tendo-a lido, não for, três horas depois, para sempre meu único esposo, não me envergonharei de sabê-la em suas mãos, o orgulho do meu desespero garantirá minha memória contra toda injúria, e meu fim será digno de meu amor. Não me encontrando mais nesta terra, embora viva, você não pensará sem estremecer numa mulher que, dentro de três horas, não irá mais respirar senão para oprimi-lo com sua ternura, numa mulher consumida por um amor sem esperança e fiel, não a prazeres partilhados, mas a sentimentos desconhecidos. A duquesa de Lavallière chorava uma felicidade perdida, seu poder desaparecido, ao passo que a duquesa de Langeais será feliz em seu pranto e permanecerá para você um poder. Sim, há de lamentar-me. Sinto bem que eu não era deste mundo, e agradeço por ter-me provado isso. Adeus, você não tocará de modo algum em meu machado; o seu era o do carrasco, o meu é o de Deus; o seu mata, o meu salva. Seu amor era mortal, não sabia suportar nem o desdém nem o gracejo; o meu pode suportar tudo sem ceder, ele é imortalmente vivo. Ah! Sinto um júbilo sombrio em esmagá-lo, a você que se julga tão grande, em humilhá-lo com o sorriso calmo e protetor dos anjos fracos que, deitados aos pés de Deus, adquirem o direito e a força de velar, em seu nome, pelos homens. Você teve apenas desejos passageiros, enquanto a pobre religiosa o iluminará constantemente com suas ardentes preces e o cobrirá sempre com as asas do amor divino. Pressinto sua resposta, Armand, e marco um encontro com você... no céu. Lá, meu amigo, a força e a fraqueza são igualmente aceitas; ambas são sofrimentos. Esse pensamento apazigua as agitações de minha última prova. Estou tão calma que recearia não mais te amar, se não fosse por ti que abandono o mundo.

Antoinette.”

– Meu caro primo – disse a duquesa ao chegar à casa de Montriveau –, faça-me o obséquio de bater à porta e perguntar se ele se encontra.

O comendador, obediente à maneira dos homens do século XVIII, desceu e voltou para dizer à prima um sim que lhe deu um arrepio. A essa palavra, ela apertou a mão do comendador, deixou-se beijar por ele nas duas faces e rogou-lhe fosse embora sem espioná-la nem querer protegê-la.

– Mas os passantes?

– Ninguém pode me faltar ao respeito.

Esta foi a última frase da mulher da moda e da duquesa. O comendador afastou-se. A sra. de Langeais, envolta num manto, ficou na soleira dessa porta e esperou que soassem oito horas. O prazo expirou. Esperou mais dez minutos, um quarto de hora; finalmente, viu nesse atraso uma nova humilhação e a fé a abandonou. Não pôde reter esta exclamação: “Ó, meu Deus!” antes de deixar aquela funesta soleira. Foram as primeiras palavras da carmelita.

Montriveau estava em conferência com alguns amigos e tinha pressa de terminá-la, mas seu relógio estava atrasado e só saiu para ir à mansão de Langeais no momento em que a duquesa, levada por uma raiva fria, fugia a pé pelas ruas de Paris. Ela chorou ao atingir o boulevard d’Enfer. Ali, pela última vez, viu uma Paris vaporosa, ruidosa, envolta na atmosfera avermelhada produzida por suas luzes; depois subiu numa carruagem de aluguel e saiu dessa cidade para nunca mais voltar. Quando o marquês de Montriveau chegou à mansão de Langeais, não encontrou a amante e acreditou-se logrado. Correu então à casa do vidama e lá foi recebido no momento em que o velho vestia o robe, pensando na felicidade de sua bela parente. Montriveau lançou-lhe aquele olhar terrível cuja comoção elétrica atingia igualmente homens e mulheres.

– Senhor, acaso prestou-se a alguma cruel brincadeira? – exclamou. – Acabo de vir da casa da sra. de Langeais e seus criados disseram que ela saiu.

– Certamente aconteceu, por culpa sua, uma grande infelicidade – respondeu o vidama. – Deixei a duquesa à sua porta.

– A que horas?

– Um quarto para as oito.

Montriveau despediu-se e voltou precipitadamente à sua casa para perguntar ao porteiro se não tinha visto, pouco antes, uma dama à porta.

– Sim, senhor, uma bela mulher que parecia muito desgostosa. Chorava como uma Madalena, sem fazer ruído, e mantinha-se imóvel como uma estaca. Por fim disse, ao partir, um “Ó, meu Deus!” que, com sua licença, nos cortou o coração, à minha esposa e a mim, que estávamos ali sem que ela percebesse.

Essas poucas palavras fizeram empalidecer esse homem tão firme. Ele escreveu um bilhete ao sr. de Ronquerolles, à casa de quem mandou enviá-lo imediatamente, e voltou a seus aposentos.

O marquês de Ronquerolles chegou por volta da meia-noite.

– Que há com você, meu bom amigo? – disse ele ao ver o general.

Armand deu a ele para ler a carta da duquesa.

– E então? – perguntou Ronquerolles, terminada a leitura.

– Ela estava à minha porta às oito horas, e às oito e quinze desapareceu. Eu a perdi, e a amo! Ah! Se minha vida me pertencesse, já teria estourado os miolos!

– Ora, vamos! – disse Ronquerolles. – Acalme-se. As duquesas não somem como passarinhos. Ela

não fará mais de três léguas por hora; nós, amanhã, faremos seis.

Após uma pausa, prosseguiu:

– Diabos! A sra. de Langeais não é uma mulher qualquer! Partiremos amanhã a cavalo. Durante o dia, saberemos pela polícia para onde ela foi. Terá ido de carruagem, esses anjos não têm asas. Se estiver na estrada ou escondida em Paris, a encontraremos. Não temos o telégrafo para detê-la à distância? Tudo vai dar certo. Mas você cometeu, meu caro irmão, a falta que cometem os homens com a sua energia. Eles julgam as outras almas pela sua, não sabem onde se rompe a humanidade quando lhe estiram as cordas. Por que não me disse nada? Eu teria dito: seja pontual.

[1]. Em italiano, no original: “não sei”. (N.T.)

[2]. George Canning (1770-1827), homem de Estado e grande orador inglês. (N.T.)

[3]. Personagem que reaparece em *Uma dupla família*. (N.T.)

[4]. Anuário genealógico das famílias aristocráticas, que era publicado na Alemanha. (N.T.)

[5]. “O bem amado.” Louis XV foi rei da França de 1715 a 1774. (N.T.)

[6]. Filósofo inglês (1632-1704). (N.T.)

[7]. Personagem que reaparece em *César Birotteau*, em *A comédia humana*. (N.T.)

[8]. Louis XVIII, irmão de Louis XVI, é aqui censurado por ter, em 1788, tomado posições contrárias aos interesses aristocráticos. (N.T.)

[9]. Maximilien Marie Isidore de Robespierre (1758-1794), político revolucionário francês, uma das figuras mais importantes da Revolução Francesa. Instigou o Terror, período de aproximadamente um ano em que as garantias foram suspensas e muitos políticos executados, e acabou sendo morto na guilhotina. (N.E.)

[10]. Favorita de Louis XV. A viúva Scarron, mencionada a seguir, tornou-se madame de Maintenon, mulher de Louis XIV. (N.T.)

[11]. Personagem do famoso romance de Goethe. (N.T.)

[12]. Referência a um episódio do *Dom Quixote* de Cervantes. (N.T.)

## CAPÍTULO IV

---

### *Deus faz os desenlaces*

Em 1823, tendo morrido o duque de Langeais, sua mulher estava livre. Antoinette de Navarreins vivia consumida pelo amor numa ilha do Mediterrâneo; mas o papa podia anular os votos da irmã Thérèse. A felicidade, obtida por tanto amor, podia enfim brotar para os dois amantes. Esses pensamentos fizeram Montriveau voar de Cádiz a Marselha, de Marselha a Paris. Alguns meses após sua chegada à França, um navio mercante, armado para a guerra, partiu do porto de Marselha e rumou para a Espanha. Esse navio fora fretado por vários homens distintos que, apaixonados pelo Oriente, queriam visitar suas terras. Os grandes conhecimentos de Montriveau sobre os costumes de tais lugares faziam dele um precioso companheiro de viagem para essas pessoas, que o convidaram e ele aceitou. O ministro da guerra nomeou-o tenente-general e encarregou-o do setor de artilharia para facilitar essa viagem de passeio.

Vinte e quatro horas após sua partida, o navio deteve-se a noroeste de uma ilha junto à costa da Espanha. Fora escolhida uma embarcação de carena rasa e mastros leves, para que pudesse ancorar sem perigo a cerca de meia légua dos recifes que, deste lado, impediam a abordagem da ilha. Se outros barcos ou habitantes avistassem o navio nesse ancoradouro, não haveriam de conceber, em princípio, nenhuma inquietação. Além disso, foi fácil justificar imediatamente o estacionamento. Antes de chegar à vista da ilha, Montriveau mandou erguer a bandeira dos Estados Unidos. Os marujos contratados para o serviço do navio eram americanos e só falavam a língua inglesa. Um dos companheiros do sr. de Montriveau embarcou todos eles numa chalupa e levou-os a um albergue da pequena ilha, onde os manteve num estado de embriaguez que não lhes deixou a língua livre. Depois disse que o navio fora equipado por caçadores de tesouros, gente conhecida nos Estados Unidos por seu fanatismo e cuja história foi contada por um dos escritores desse país. Assim a presença da embarcação nos recifes foi suficientemente explicada. Os armadores e os passageiros, disse o pretenso contramestre dos marujos, buscavam ali os destroços de um galeão afundado em 1778 com tesouros enviados do México. Com isso, os donos do albergue e as autoridades locais não perguntaram mais nada.

Armand e os amigos devotados que o auxiliavam em seu empreendimento pensaram, logo de início, que nem a astúcia nem a força poderiam obter com sucesso a libertação ou o rapto da irmã Thérèse do lado da cidadezinha. Então, de comum acordo, esses homens audazes decidiram pegar o touro pelos chifres. Quiseram chegar ao convento pelo local onde todo acesso parecia impraticável e vencer a natureza como o general Lamarque o fizera no assalto a Capri<sup>[1]</sup>. Nessa circunstância, as rochas de granito talhadas a pique, na extremidade da ilha, ofereciam menos acesso que as de Capri a Montriveau, que participara daquela incrível expedição, e as freiras lhe pareciam mais temíveis do que o fora sir

Hudson-Lowe[2]. Raptar a duquesa ostensivamente seria vergonhoso para esses homens. Nesse caso, seria preferível cercar a cidade, o convento, e não deixar uma única testemunha da vitória, à maneira dos piratas. Assim, essa operação tinha para eles apenas duas faces. Ou um incêndio, um feito de armas que assustasse a Europa deixando oculta a razão do crime, ou um rapto aéreo, misterioso, que persuadisse as freiras de que o diabo as visitara. Essa última opção triunfou no conselho secreto realizado antes da partida. E tudo fora previsto para o sucesso de um empreendimento que oferecia a esses homens, cansados dos prazeres de Paris, uma verdadeira diversão.

Uma espécie de piroga muito leve, fabricada em Marselha com base num modelo malaio, permitiu navegar nos recifes até o ponto onde deixavam de ser praticáveis. Dois cabos de arame, estendidos paralelamente a pouca distância entre si e em inclinações invertidas, sobre os quais deviam deslizar cestos igualmente de arame, serviram de ponte, como na China, para ir de um rochedo a outro. Assim os escolhos foram unidos uns aos outros por um sistema de cabos e cestos que se assemelhavam aos fios por onde viajam certas aranhas, e através dos quais envolvem uma árvore; obra do instinto que os chineses, esse povo essencialmente imitador, foi o primeiro a copiar, historicamente falando. Nem as ondas nem os caprichos do mar podiam perturbar essas frágeis construções. Os cabos tinham suficiente folga para oferecer à fúria das ondas a curvatura estudada por um engenheiro, o falecido Cachin, imortal criador do porto de Cherbourg e de sua linha engenhosa para além da qual cessa o poder destruidor da água; curva estabelecida de acordo com uma lei furtada aos segredos da natureza pelo gênio da observação, que é quase todo gênio humano.

Os companheiros do sr. de Montriveau eram os únicos nessa embarcação e não podiam ser avistados por ninguém. Os melhores óculos de alcance assestados no alto do convés pelos marinheiros dos navios de passagem não deixariam ver nem os cabos nos recifes, nem os homens escondidos nos rochedos. Depois de onze dias de trabalhos preparatórios, esses treze demônios humanos chegaram ao pé do promontório elevado uns sessenta metros acima do mar, bloco tão difícil de escalar por homens quanto o seria, para um camundongo, subir pela superfície polida de um vaso de porcelana. Felizmente, havia uma fenda nessa parede de granito. Sua fissura, cujos dois lábios tinham a rigidez da linha reta, permitiu fixar, a trinta centímetros de distância, cunhas de madeira nas quais esses ousados trabalhadores cravaram ganchos de ferro. Esses ganchos, preparados com antecedência, tinham na extremidade um furo no qual se prendiam degraus feitos de madeira de pinho muito leve, adaptados aos entalhes de um mastro tão alto como o promontório e fixados na rocha junto ao mar. Com a habilidade digna desses homens de ação, um deles, grande matemático, calculara o ângulo necessário para afastar gradualmente os degraus no alto e na base do mastro, de modo a colocar na metade o ponto a partir do qual os degraus da parte superior se abriam em leque até o topo do rochedo; figura igualmente representada, mas em sentido inverso, pelos degraus inferiores. Essa escada, de uma leveza miraculosa e de uma solidez perfeita, custou 22 dias de trabalho. Um isqueiro, uma noite e a ressaca do mar seriam suficientes, depois, para fazer desaparecer eternamente seus vestígios. Assim, nenhuma indiscrição era possível, e nenhuma investigação contra os violadores do convento podia ter sucesso.

No alto do rochedo havia uma plataforma, cercada em três lados pelo precipício talhado a pique. Os treze desconhecidos, ao examinarem o terreno com suas lunetas no alto da gávea, haviam se certificado de que, apesar de alguns obstáculos, poderiam chegar com facilidade aos jardins do convento, cujas árvores bastante copadas ofereciam um abrigo seguro. Ali, deviam ulteriormente decidir por que

meios se faria o rapto da religiosa. Depois de tão grandes esforços, não quiseram comprometer o sucesso da operação arriscando-se a serem vistos e foram obrigados a esperar o término do último quarto da lua.

Durante duas noites, Montriveau ficou, envolvido em seu manto, deitado na rocha. Os cantos do anoitecer e da manhã causaram-lhe inexprimíveis delícias. Foi até o muro, para poder ouvir a música do órgão, e buscou distinguir uma voz naquele conjunto de vozes. Mas, apesar do silêncio, o espaço não deixava chegar a seus ouvidos senão os efeitos confusos da música. Eram suaves harmonias em que os defeitos da execução não mais se percebiam, e das quais o puro pensamento da arte comunicava-se à alma, sem pedir-lhe nem os esforços da atenção, nem as fadigas do entendimento. Terríveis lembranças para Armand, cujo amor voltava a florescer por inteiro nessa brisa de música, na qual quis ver aéreas promessas de felicidade. No dia seguinte, antes do sol nascer, ele desceu, após ter ficado várias horas de olhos fixos na janela de uma cela sem grade. As grades não eram necessárias acima daqueles abismos. Ali vira luz durante a noite toda. E o instinto do coração, que engana tanto quanto diz a verdade, lhe soprara: “Ela está ali!”.

– Ela certamente está ali e amanhã a terei – disse consigo, misturando alegres pensamentos aos dobres de um sino que soava lentamente. Estranha extravagância do coração! Ele amava com mais paixão a religiosa enfraquecida nos impulsos do amor, consumida pelas lágrimas, por jejuns, vigílias e orações, a mulher de 29 anos submetida a fortes provações, do que amara a moça graciosa, a mulher de 24 anos, a sílfide. Mas acaso os homens de alma vigorosa não têm uma inclinação que os arrasta para as sublimes expressões que nobres infortúnios ou impetuosos movimentos gravaram no rosto de uma mulher? Não é a beleza de uma mulher sofrida a mais atraente de todas para os homens que sentem no coração um tesouro inesgotável de consolações e de ternuras a derramar sobre uma criatura graciosa de fraqueza e forte pelo sentimento? A beleza fresca, colorida mas uniforme, o *bonito*, em suma, é o atrativo vulgar ao qual se prende a mediocridade. Montriveau devia amar aqueles rostos nos quais o amor desperta em meio às dobras da dor e às ruínas da melancolia. Não faz um amante brotar, à voz de seus poderosos desejos, um ser inteiramente novo, jovem, palpitante, que rompe somente para ele um invólucro, belo para ele, destruído para o mundo? Não possui ele duas mulheres: a que se apresenta aos outros pálida, descorada e triste, e aquela do coração que ninguém vê, um anjo que compreende a vida pelo sentimento e só aparece em toda a sua glória para as solenidades do amor? Antes de deixar seu posto, o general ouviu frágeis acordes que partiam daquela cela, doces vozes cheias de ternura. Ao voltar à base do rochedo onde estavam os amigos, disse em poucas palavras, marcadas por aquela paixão comunicativa, embora discreta, cuja expressão grandiosa os homens sempre respeitam, que nunca, em sua vida, havia sentido uma felicidade tão cativante.

Na noite seguinte, onze companheiros devotados içaram-se na sombra até o alto do rochedo, cada qual levando consigo um punhal, uma provisão de chocolate e todos os instrumentos necessários ao ofício de ladrão. Chegando ao muro do convento, transpuseram-no por meio de escadas que haviam fabricado e viram-se no cemitério. Montriveau reconheceu a longa galeria em arco pela qual viera anteriormente ao locutório e as janelas dessa sala. Imediatamente seu plano foi traçado e adotado: abrir uma passagem pela janela desse locutório que iluminava a parte reservada às carmelitas, penetrar nos corredores, ver se os nomes estavam inscritos em cada cela, ir até a da irmã Thérèse, surpreender e amordaçar a religiosa durante o sono, amarrá-la e retirá-la, todas essas partes da operação sendo fáceis para homens cuja audácia e cuja habilidade eram acrescidas pelos conhecimentos particulares das

pessoas instruídas, e aos quais era indiferente dar uma punhalada para obter o silêncio.

A grade da janela foi serrada em duas horas. Três homens puseram-se de sentinela do lado de fora e outros dois ficaram no locutório. Os demais, descalços, postaram-se de distância em distância através do claustro onde Montriveau penetrou, escondido atrás de um jovem, o mais habilidoso deles, Henri de Marsay, que, por prudência, vestira um traje de carmelita absolutamente semelhante ao do convento. O relógio soou três horas quando a falsa religiosa e Montriveau chegaram ao dormitório. Logo verificaram a situação das celas. Depois, não ouvindo nenhum ruído, leram, com o auxílio de uma lanterna, os nomes felizmente escritos em cada porta, acompanhados das divisas místicas e dos retratos de santos ou santas que cada religiosa inscreve em forma de epígrafe sobre o novo papel de sua vida e no qual revela seu último pensamento. Ao chegar à cela da irmã Thérèse, Montriveau leu esta inscrição: *Sub invocacione sanctae, matrix Theresae!* A divisa era: *Adoremus in aeternum*. De repente seu companheiro pôs-lhe a mão no ombro e mostrou a ele uma claridade que iluminava as lajes do corredor pela fresta da porta. Nesse momento o sr. de Ronquerolles juntou-se a eles.

– Todas as religiosas estão na igreja e começam o ofício dos mortos – ele disse.

– Eu fico – respondeu Montriveau –; retirem-se para o locutório e fechem a porta desse corredor.

E entrou prontamente no quarto, fazendo-se preceder pela falsa religiosa, que abaixou o véu. Eles viram então, na antecâmara da cela, a duquesa morta, posta no chão sobre a tábua de seu leito e iluminada por duas velas. Nem Montriveau nem Marsay disseram qualquer palavra, não deram nenhum grito, apenas se olharam. Depois o general fez um gesto que queria dizer: “Vamos levá-la”.

– Fugam – gritou Ronquerolles –, a procissão das religiosas pôs-se em marcha, vocês vão ser surpreendidos.

Com a rapidez mágica que um extremo desejo imprime aos movimentos, a morta foi levada ao locutório, passada pela janela e transportada até o pé do muro, no momento em que a abadessa, seguida das religiosas, chegava para levar o corpo da irmã Thérèse. A irmã encarregada de guardar a morta tivera a imprudência de vasculhar o quarto para conhecer seus segredos e ocupara-se tanto nessa pesquisa que nada ouviu; assim, saiu de lá assustada de não mais encontrar o corpo. Antes que aquelas mulheres estupefatas tivessem a idéia de fazer buscas, a duquesa foi descida por uma corda até a base do rochedo e os companheiros de Montriveau destruíram sua obra. Às nove horas da manhã, não existia vestígio algum nem da escada, nem dos cabos de arame; o corpo da irmã Thérèse estava a bordo; o navio foi até o porto para embarcar seus marujos e desapareceu no mesmo dia. Montriveau ficou sozinho na cabine com Antoinette de Navarreins, cujo rosto, durante algumas horas, resplandeceu para ele, com a beleza sublime devida à calma particular que a morte dá a nossos restos mortais.

– Ah! – disse Ronquerolles a Montriveau quando este retornou ao convés. – Aquilo era uma mulher, agora é nada. Atemos uma bala de canhão a seus pés e joguemo-la ao mar, e não pense mais nisso senão como pensamos num livro lido em nossa infância.

– Sim – disse Montriveau –, pois não é mais que um poema.

– Enfim vejo você sensato. Daqui por diante, tenha paixões; quanto ao amor, é preciso saber bem empregá-lo, e não há como o último amor de uma mulher para satisfazer o primeiro amor de um homem.

Genebra, Pré-Lévêque, 26 de janeiro de 1834.

[1]. Episódio das guerras napoleônicas, ocorrido em 1808. (N.T.)

[2]. General inglês que combateu Napoleão e depois governou a ilha de Santa Helena durante seu exílio até a morte. (N.T.)

# A MENINA DOS OLHOS DE OURO

---

## INTRODUÇÃO

---

### *Um policial noir e o amor de duas mulheres*

*O nome de Honoré de Balzac, meus senhores, há de fundir-se no rasto luminoso que nossa época deixará no futuro. E ele era um dos primeiros entre os maiores, um dos mais altos entre os melhores.*

VICTOR HUGO [\[1\]](#) (1850)

*A menina dos olhos de ouro* revela uma das mil facetas do autor de *A comédia humana*. Livro estranho, envolto numa atmosfera onírica de mistérios e fatalidades, vai se abrindo aos poucos para o leitor até o final surpreendente. Neste livro, Balzac lança um dos seus personagens favoritos, Henri de Marsay, uma espécie de Don Juan balzaquiano, culto, belo, cínico, aristocrata que sabe como poucos mover-se na sociedade complexa do período da restauração da monarquia na França, pós-queda de Napoleão. E é este romance que inaugura a célebre prática do autor de criar os personagens e fazê-los reaparecer em outros livros, com a mesma personalidade. De Marsay aparece em mais de dez romances, às vezes como protagonista e muitas vezes numa pequena “ponta”.

A louca paixão de Henri de Marsay por Paquita Valdès e a própria cidade de Paris, como um personagem ao mesmo tempo monstruoso e magnífico, dão forma a este romance, publicado em 1835, encerrando a trilogia *História dos Treze*. Precursor de todos os grandes romancistas modernos, Balzac revelou os intestinos da sociedade de sua época e descreveu para sempre as profundezas da alma humana. Ousou o tempo todo, em especial neste romance, quando aborda uma tórrida paixão entre duas mulheres. Mestre na criação de tipos, concebeu cerca de 2.500 personagens em 97 romances, novelas e contos. E nesta galeria impressionante, destacam-se seus magníficos personagens femininos. Nenhum autor na história da literatura foi tão longe e tão fundo na criação e desenvolvimento de personagens femininos. Sem as suas mulheres, *A comédia humana* desabaria. Elas deram o alicerce deste monumental edifício literário; Paquita Valdès, Ursule Mirouët, a duquesa de Langeais, a condessa de Mortsauf, Beatrix, Eugénie Grandet, Clemence Desmarets, Ginevra di Piombo entre tantas e tantas mulheres que estropiaram corações, marcaram época e honraram a condição feminina. Julieta Aiglemont, *a mulher de trinta anos*, talvez a mais célebre de todas, é considerada como o primeiro personagem da literatura a preconizar a emancipação feminina.

*A menina dos olhos de ouro* é o terceiro romance da trilogia *História dos Treze*. Explícita em *Ferragus*, mais discreta em *A duquesa de Langeais*, a presença da sociedade secreta *Os Treze Devoradores* é praticamente imperceptível neste volume, embora o personagem Ferragus, líder da sociedade, reapareça discretamente no final da história. A exemplo dos outros dois romances, este livro foi primeiramente publicado em folhetim com grande sucesso. Na época, o público leitor parisiense devorava os folhetins que Balzac e Alexandre Dumas publicavam nos jornais com a mesma voracidade

com que o público brasileiro, no século XXI, devora as novelas televisivas. Há mais de duzentos anos é difícil largar um romance de Balzac. Muitos gênios de sua época caíram no esquecimento e o velho Balzac, contestado pela crítica conservadora francesa do século XIX, emerge resplandecendo como o verdadeiro gênio, sempre fascinando, intrigando e demonstrando seu monstruoso talento.

Neste *A menina dos olhos de ouro* não é diferente. Duas grandes mulheres como Paquita Valdès e a esfuziante Margarita-Euphémia Porrabéril e mais o cínico Henri de Marsay constroem esta história, um misto de realismo mágico e romance policial *noir*, que além de todos os seus méritos literários incontestáveis tem o mérito maior de prender e encantar o leitor da primeira à última página.

*I.P.M.*

[1]. Victor Hugo (1802-1885). Um dos mais importantes escritores franceses de todos os tempos, autor de *Os miseráveis*, *Os trabalhadores do mar*, entre dezenas de romances, ensaios e livros de poesia.

# A menina dos olhos de ouro

*A Eugène Delacroix, pintor.*

## CAPÍTULO I

---

### *Fisionomias parisienses*

Um dos espetáculos que reúne o que há de mais assustador é certamente o aspecto geral da população parisiense, povo horrível de se ver, macilento, amarelo, com a pele curtida. Paris não é um campo vasto incessantemente varrido por uma tempestade de interesses na qual redemoinha uma seara de homens ceifados pela morte mais freqüentemente do que em outros lugares e que renascem tão oprimidos como antes? Homens cujos rostos marcados, torcidos, exalam por todos os poros o espírito, os desejos, os venenos que enchem os seus cérebros; não são rostos, mas máscaras: máscaras de fraqueza, máscaras de força, máscaras de alegria, máscaras de hipocrisia; todas elas extenuadas, todas marcadas por sinais inapagáveis de uma ofegante avidez. O que querem, ouro ou prazer?

Algumas observações sobre a alma de Paris podem explicar as causas da sua fisionomia cadavérica que tem apenas duas idades, a juventude ou a velhice: juventude pálida e sem cor, velhice dissimulada que quer parecer jovem. Vendo esse povo exumado, os estrangeiros, que não têm obrigação alguma de pensar, experimentam, de início, um movimento de repulsa por essa capital, vasto ateliê de prazeres, da qual logo eles próprios já não podem sair, e, de bom grado, ali permanecem a se deformar. Poucas palavras bastarão para justificar fisiologicamente a tez quase infernal das figuras parisienses, afinal, não é por mera brincadeira que Paris foi tachada de inferno. Tome por verdadeira essa palavra. Ali, tudo se esfumaça, tudo queima, tudo brilha, tudo borbulha, tudo arde, tudo se evapora, se apaga, se reacende, tudo faísca e se consome. Nunca a vida em outro lugar foi mais ardente, nem mais abrasadora. Essa natureza social em eterna fusão parece dizer para si mesma depois de cada obra concluída: “A próxima!”, como faz a própria natureza. Como a natureza, essa natureza social cuida de insetos, flores de um dia, bagatelas e efêmeros, e também expele fogo e chamas da sua eterna cratera. Talvez, antes de analisar as causas da constituição de uma fisionomia especial para cada tribo dessa nação inteligente e movediça, deva-se assinalar a causa geral que descolore, empalidece, embota e escurece os seus indivíduos.

De tanto se interessar por tudo, o parisiense acaba por não se interessar por nada. Sem que nenhum sentimento domine a sua face gasta pelo atrito, ela torna-se cinza como o gesso das casas que receberam toda espécie de poeira e fuligem. Com efeito, indiferente na véspera àquilo que o embriagará no dia seguinte, o parisiense vive como criança seja qual for a sua idade. Ele reclama de tudo, consola-se com tudo, debocha de tudo, esquece-se de tudo, quer tudo, experimenta de tudo, enfrenta tudo com paixão, larga tudo – os seus reis, as suas conquistas, a sua glória, os seus ídolos, sejam de bronze ou de vidro – com a mesma indiferença com que joga fora as suas meias, os seus chapéus, a sua fortuna. Em Paris, nenhum sentimento resiste ao fluxo das coisas cuja corrente leva a uma luta que acalma as paixões: o amor é ali um desejo, e o ódio, uma veleidade. Ali não há melhor parente que uma nota de mil francos,

nem melhor amigo que os créditos populares. Esse abandono geral rende os seus frutos. Na sala como na rua, ninguém é demais, ninguém é absolutamente útil ou absolutamente prejudicial: nem os estúpidos ou os velhacos, nem as pessoas espirituosas ou as honestas. Tudo ali é tolerado, o governo e a guilhotina, a religião e o cólera. Todos convêm a esse mundo, ninguém é insubstituível. Quem domina então nesse lugar sem costumes, sem crenças, sem nenhum sentimento? Mas de onde partem e para onde vão todos os sentimentos, todas as crenças e todos os costumes? O ouro e o prazer. Tome essas duas palavras como lampião e percorra essa grande jaula de argamassa, essa colméia de valetas negras e siga ali os labirintos desse pensamento que a agita, a ergue, a move. Veja bem. Examine, em primeiro lugar, o mundo que nada tem.

O trabalhador, o proletário, o homem que usa os seus pés, as suas mãos, a sua língua, as suas costas, o seu único braço, os seus cinco dedos para viver. Pois esse que deveria ser o primeiro a economizar o princípio da sua vida vai além das suas forças, atrela a sua mulher a uma máquina qualquer, usa o seu filho, pregando-o a uma engrenagem. O responsável da fábrica, ao movimento de não sei qual fio secundário, agita esse povo que, com mãos sujas, modela e doura porcelanas, costura os fraques e os vestidos, afila o ferro, talha a madeira, tece o aço, solidifica o cânhamo e o fio, lustra o bronze, lapida o cristal, imita as flores, borda a lã, adestra os cavalos, prepara os arreios e os galões, retalha o cobre, pinta as carruagens, torneia a madeira, vaporiza o algodão, passa o tule no enxofre, corrói o diamante, pule os metais, fatia o mármore, alisa as pedras, orna o pensamento, colore, branqueia e escurece tudo. Pois esse subchefe veio prometer a esse mundo de suor e de vontade, de estudo e de paciência um salário excessivo, seja em nome dos caprichos da cidade, seja na voz de um monstro chamado Especulação. Então esses quadrúmanos se puseram a velar, a sofrer, a trabalhar, a blasfemar, a jejuar, a andar: todos se excederam para ganhar o ouro que os fascina. Depois, na segunda-feira, despreocupados com o futuro, ávidos por prazeres, contando com os seus braços como o pintor com a paleta, eles jogam – reis por um dia – o seu dinheiro nas tabernas, que formam um cinto de lama em torno da cidade. Cinto da mais impudica das Vênus, incessantemente afivelado e desafivelado, onde se perde, como no jogo, a fortuna periódica desse povo, tão feroz no prazer como sossegado no trabalho. Durante cinco dias, portanto, não há repouso para essa parte ativa de Paris! Entrega-se a movimentos que a fazem curvar-se, inchar-se, emagrecer, empalidecer, esguichar mil jatos de vontade criadora. Depois, o seu prazer, o seu repouso, é uma enfadonha depravação, de pele morena, negra de bofetadas, lívida de embriaguez, ou amarela de indigestão, o que dura apenas dois dias, mas rouba o pão do futuro, a sopa da semana, os vestidos da mulher, os cueiros esfarrapados das crianças. Esses homens, sem dúvida nascidos para serem belos, pois toda criatura tem a sua beleza relativa, arregimentaram-se, desde a infância, sob comando da força, sob a tutela do martelo, da tesoura, da fiação e vulcanizaram-se rapidamente. O vulcão, com a sua feiúra e a sua força, não é um emblema dessa disforme e forte nação? Sublime com a sua inteligência mecânica, paciente quando deve, terrível um dia por século, inflamável como a pólvora e pronta para o incêndio revolucionário pela aguardente. Enfim, suficientemente espiritual para pegar fogo com um mote ardiloso que ainda significa para ela: ouro e prazer! Contando todos aqueles que estendem a mão à caridade, a salários legítimos ou aos cinco francos concedidos a todo tipo de prostituição parisiense, enfim, para todo dinheiro bem ou mal ganho, esse povo soma trezentos mil indivíduos. Sem as tavernas, o governo não seria derrubado todas as terças-feiras? Felizmente, na terça-feira, esse povo está entorpecido, digere o seu prazer, não tem um tostão, e volta ao trabalho, ao pão seco, estimulado por uma necessidade de

procriação material que, para ele, torna-se um hábito. Porém, esse povo tem os seus fenômenos de virtude, os seus homens completos, os seus Napoleões desconhecidos que são o protótipo da força levada até as últimas conseqüências e resumem o seu alcance social numa existência em que o pensamento e o movimento se combinam não tanto para dar-lhe alegria, mas para regularizar a ação da dor.

O acaso tornou um operário econômico, o acaso gratificou-o com uma reflexão, ele pôde olhar o futuro, ele encontrou uma mulher, ele se viu pai e, depois de alguns anos de duras privações, ele abre uma pequena mercearia, aluga uma loja. Se nem a doença, nem o vício o interrompem no seu percurso, se ele prosperou, eis o esboço de uma vida normal.

E, antes de tudo, saudemos esse rei do movimento parisiense que conseguiu domar o tempo e o espaço. Sim, saudemos essa criatura feita de pólvora e de gás que dá filhos à França durante as suas noites laboriosas e que se desdobra durante o dia pelo serviço, pela glória e pelo prazer dos seus concidadãos. Esse homem resolveu o problema de satisfazer simultaneamente a uma mulher amável, ao lar, ao *Constitutionnel*, à repartição, à Ópera, a Deus. Mas tudo isso apenas para transformar em escudos o *Constitutionnel*, o escritório, a Ópera, a Guarda Nacional, a mulher e Deus. Saudemos, enfim, um acumulador irrepreensível. De pé todos os dias às cinco da manhã, ele atravessa como um pássaro o espaço que separa o seu domicílio da Rue Montmartre. Quer vente ou troveje, chova ou neve, ele está no *Constitutionnel*, e ali espera o carregamento de jornais de cuja distribuição encarregou-se. Recebe esse pão político com avidez, pega-o e carrega-o. Às nove horas, está na sua casa, lança um gracejo para a sua mulher, furta-lhe um grande beijo, degusta uma taça de café ou então repreende as crianças. Às 9h45, aparece na Prefeitura. Ali, colocado sobre a poltrona feito um papagaio sobre o seu poleiro, aquecido pela cidade de Paris, ele registra até às quatro horas, sem esboçar uma lágrima ou um sorriso, os falecimentos e os nascimentos de todo um distrito. A felicidade e a desgraça do bairro passam pelo bico da sua pena, como o espírito do *Constitutionnel* viajava há pouco sobre os seus ombros. Nada lhe pesa! Segue sempre em frente, adota o patriotismo do jornal, não contradiz ninguém, grita ou aplaude como todo mundo e vive como as andorinhas. Estando a dois passos da sua paróquia, ele pode, no caso de uma cerimônia importante, deixar o seu lugar a um substituto e ir cantar um réquiem no coro da igreja, do qual é, nos domingos e dias de festa, o mais belo ornamento, a voz mais imponente, ao contorcer a sua grande boca trovejando um alegre *amém*. Ele é membro do coro. Liberado às quatro horas do seu serviço oficial, aparece para espalhar a alegria e a felicidade na mais célebre loja da Île de la Cité. Feliz é a sua mulher, afinal ele não tem tempo de sentir ciúmes: é mais um homem de ação do que um sentimental. Além disso, assim que chega, provoca as moças do balcão, cujos olhos vivos atraem a freguesia. Diverte-se em meio aos adereços, aos lenços, às musselinas fabricadas por hábeis trabalhadoras; ou, mais freqüentemente ainda, antes do jantar, ele escreve um artigo, copia uma página do jornal ou então leva ao oficial de registro algum título atrasado. Às seis horas, de dois em dois dias, ocupa fielmente o seu posto. Baixo permanente do coro, ele está na Ópera, pronto para tornar-se soldado, árabe, prisioneiro, selvagem, camponês, sombra, pata de camelo, leão, diabo, gênio, escravo, eunuco negro ou branco, especialista em causar prazer, dor, piedade, espanto, em soltar invariáveis gritos de dor, em caçar, lutar, em representar Roma ou o Egito. Mas tudo isso é um segredo para esse dono de armarinho. À meia-noite, volta a ser bom marido, homem, pai terno, enfia-se no leito conjugal, a sua imaginação ainda tensa pelas formas sedutoras das ninfas da Ópera, fazendo assim rodar, em proveito do amor conjugal, as

depravações do mundo e os voluptuosos movimentos de pernas da Taglioni<sup>[1]</sup>. Enfim, se ele dorme, dorme rápido, e apressa o seu sono como apressa a sua vida. Não é ele o movimento em forma de homem, o espaço encarnado, o Proteu da civilização? Esse homem resume tudo: história, literatura, política, governo, religião, arte militar. Não é ele uma enciclopédia viva, um atlas grotesco em marcha incessante, como Paris, e que nunca repousa? Nele tudo são pernas. Nenhuma fisionomia poderia conservar-se pura com tais trabalhos. Talvez o operário que morre velho aos trinta anos, o estômago curtido pelas doses progressivas de aguardente, será mais feliz, no dizer de alguns filósofos endinheirados, do que o dono do armarinho. Um acaba-se num golpe só, enquanto o outro, aos poucos. Dos seus oito ofícios, dos seus ombros, da sua goela, das suas mãos, da sua mulher e da sua loja, ele retira, como tantas fazendas, filhos, alguns mil francos e a mais laboriosa alegria que jamais experimentou o coração de um homem. Essa fortuna e os filhos, ou somente os filhos, que tudo resumem para ele, são presas do mundo superior, ao qual ele leva os seus escudos e a sua filha ou o seu filho criado no colégio que, mais instruído que o seu pai, tem ambições maiores. Frequentemente, o filho mais novo de um pequeno varejista quer tornar-se algo no Estado.

Essa ambição leva-nos à segunda esfera parisiense. Suba então um andar e vá à sobreloja. Ou então desça do sótão e fique no quarto andar. Enfim, penetre no mundo que tem algo: ali, o mesmo resultado. Os atacadistas e os seus meninos, os empregados, os funcionários de pequenos bancos e de grande probidade, os velhacos, as almas malditas, os primeiros e os últimos caixeiros, os escreventes do oficial de justiça, do procurador, do tabelião, enfim, os membros que agem, pensam e especulam dessa pequena burguesia que cuida dos negócios de Paris e mantém-se prudente, monopoliza a mercadoria, Armazena os produtos fabricados pelos proletários, empilha as frutas do sul, os peixes do oceano, os vinhos de todas as encostas amadas pelo sol; que estende as mãos para o Oriente tomando os xales desdenhados por turcos e russos; indo buscar a colheita até mesmo nas Índias, deita-se esperando a venda, aspira depois o benefício, desconta os títulos, arrola e recebe todos os valores; embala minuciosamente Paris inteirinha, transporta-a, espreita as fantasias da infância, espia os caprichos e os vícios da idade madura, explora-lhe as doenças; pois bem, sem beber como o operário e sem se comprazer na lama das barreiras, todos ultrapassam também as suas forças, esticam excessivamente os seus corpos e a sua moral, um pelo outro: consomem-se de desejos, lançam-se em corridas desenfreadas. Neles, a deformação física cumpre-se pelo chicote dos interesses, pelo flagelo das ambições que atormentam os mundos elevados dessa monstruosa cidade, como a dos proletários cumpriu-se sob o cruel balanceiro das elaborações materiais incessantemente desejadas pelo despotismo do *eu quero* aristocrático. Então, para obedecer a esse mestre universal – o prazer ou o ouro –, é preciso devorar o tempo, apressar o tempo, encontrar mais de 24 horas no dia e na noite, irritar-se, matar-se, vender trinta anos de velhice por dois anos de um repouso doentio. Somente o operário morre no hospital, quando se dá o último termo do seu definhamento, ao passo que o pequeno burguês persiste em viver e vive, embora idiotizado: você o encontra com a face usada, achatada, velha, sem brilho nos olhos, sem firmeza nas pernas, arrastando-se com um ar estúpido pelo bulevar, a cintura da sua Vênus, da sua cidade querida. O que queria o burguês? O sabre do guarda nacional, um cozinheiro, um lugar decente no cemitério de Père-Lachaise e, na sua velhice, um pouco de ouro adquirido de maneira legítima. Para ele, a segunda-feira é o domingo. O seu repouso é o passeio no campo, num carro de aluguel, durante o qual mulher e filhos engolem poeira alegremente ou se torram ao sol. A sua barreira é o restaurante cujo jantar venenoso tem renome ou algum baile de família onde as

peessoas se sufocam até a meia-noite. Alguns tolos espantam-se com a dança de São Guido que atinge as mônadas que o microscópio revela em uma gota d'água, mas que diria Gargantua[2] de Rabelais, figura de uma audácia sublime incompreendida, o que diria esse gigante, caído das esferas celestes, se ele se pusesse a contemplar o movimento dessa segunda vida parisiense? Eis aqui uma das suas fórmulas: vocês já viram essas pequenas barracas, frias no verão, sem outra fonte de calor no inverno além de uma escalfeta, instaladas sob a vasta calota de cobre do mercado de trigo? A mulher lá chega de manhã, ela é feirante e ganha por esse ofício doze mil francos por ano, dizem. O seu marido, quando a mulher se levanta, vai para um escritório escuro onde faz empréstimos por semana aos comerciantes do seu bairro. Às nove horas, ele se encontra no gabinete dos passaportes, do qual é um dos subchefes. À noite, ele está na caixa do Théâtre des Italiens, ou de qualquer outro teatro que vocês escolherem. As crianças ficam com uma ama, só voltam antes de serem mandadas ao colégio ou ao internato. O marido e a mulher moram no terceiro andar, têm apenas uma cozinha, oferecem bailes numa sala de doze pés por oito, iluminada por um lampião; mas dão 150 mil francos à filha e repousam aos cinquenta anos, idade na qual começam a aparecer nos camarote de terceira da Ópera, num fiacre em Longchamps ou usando roupas desbotadas, todos os dias ao sol, nos bulevares, que são as espaldeiras dessas frutificações. Estimado no bairro, amado pelo governo, aliado à alta burguesia, o marido obtém, aos 65 anos, a cruz da Legião de Honra, e o pai do seu genro, prefeito de um distrito, convida-o às suas festas. Esses trabalhos de toda uma vida servem, portanto, aos filhos que essa pequena burguesia tende fatalmente a elevar à alta burguesia. Cada esfera joga assim todo o seu frescor na esfera superior. O filho do rico quitandeiro torna-se tabelião, o filho do comerciante de madeira vira magistrado. Não falta nenhum dente para morder a sua ranhura e tudo estimula o movimento ascendente do dinheiro.

Chegamos então ao terceiro ciclo desse inferno, que um dia talvez terá o seu DANTE. Nesse terceiro ciclo social, espécie de estômago parisiense, onde se digerem os interesses da cidade e onde se condensam sob a forma dos ditos *negócios*, agita-se, por um movimento intestinal acre e repleto de fel, a multidão de procuradores judiciais, médicos, notários, advogados, homens de negócio, banqueiros, grandes comerciantes, especuladores, magistrados. Ali, encontram-se ainda mais causas para a destruição física e moral do que em qualquer outro lugar. Quase todas essas pessoas vivem em gabinetes imundos, em salas de audiência empestadas, em pequenos escritórios gradeados, passam o dia curvadas com o peso dos negócios, levantam-se com o nascer do sol para estarem sempre prontas, para não se deixarem despojar, para tudo ganhar ou para nada perder, para pegar um homem ou o seu dinheiro, para começar ou desmanchar um negócio, para tirar partido de uma circunstância fugitiva, para enforcar ou liberar um homem. Descarregam nos cavalos e arrebetam-nos, esgotam-nos, envelhecem-nos antes do tempo, mas o mesmo ocorre com as suas pernas. O tempo é o seu tirano, ele lhes falta, escapa; não podem nem esticá-lo nem comprimi-lo. Que alma pode permanecer grande, pura, moral, generosa e conseqüentemente que figura permanece bela no depravado exercício de uma profissão que força a suportar o peso das misérias públicas, a analisá-las, confirmá-las, estimá-las, explorá-las. Onde essa gente coloca o coração?... Não sei. Mas o deixam em algum lugar, quando o têm, antes de descer, todas as manhãs, ao fundo dos sofrimentos que torturam as famílias. Para eles, não há mistério, vêem o avesso da sociedade, da qual são confessores, e desprezam-na. Seja lá o que fazem, de tanto afrontarem a corrupção, ou passam a odiá-la e entristecem-se, ou então, por covardia, por transação secreta, a ela se unem. Enfim, necessariamente tornam-se indiferentes a todos os sentimentos, justamente eles a quem as

leis, os homens, as instituições fazem voar como corvos sobre cadáveres ainda quentes. A toda hora, o homem do dinheiro pesa os vivos, o homem dos contratos pesa os mortos, o homem da lei pesa a consciência. Obrigados a falar sem parar, todos substituem a idéia pela fala, o sentimento pela frase, e a sua alma torna-se uma laringe. Desgastam-se e desmoralizam-se. Nem o grande negociante, nem o juiz, nem o advogado conservam o seu juízo reto: eles não sentem mais nada, aplicam as regras que falsificam as espécies. Levados pela sua existência tempestuosa, não são nem esposos, nem pais, nem amantes. Deslizam sobre as coisas da vida e vivem cada momento empurrados pelos negócios da grande cidade. Quando chegam em casa, são requisitados para ir ao baile, à Ópera, a festas em que encontrarão clientes, conhecidos, protetores. Todos comem exageradamente, jogam, e as suas fisionomias arredondam-se, achatam-se, avermelham-se. A esses terríveis gastos de força intelectual, a essas múltiplas contrações morais, opõem, não o prazer, que é muito pálido e não produz contraste algum, mas a devassidão, devassidão secreta, assustadora, pois podem dispor de tudo, e ditam a moral da sociedade. A sua estupidez esconde-se em uma ciência especial. Conhecem a sua profissão, mas ignoram tudo o que dela escapa. Então, para salvar o seu amor-próprio, questionam tudo, criticam a torto e a direito, parecem duvidar de tudo, mas, na realidade, são papa-moscas, afogando o seu espírito em discussões intermináveis. Quase todos adotam comodamente os preconceitos sociais, literários ou políticos, dispensando-se assim de terem uma opinião, da mesma forma que colocam as suas consciências ao abrigo do código ou do tribunal de comércio. Começando cedo para serem homens extraordinários, tornam-se medíocres e arrastam-se às sumidades do mundo. Os seus rostos também apresentam essa palidez acre, essas colorações falsas, esses olhos opacos e fundos, essas bocas linguarudas e sensuais nas quais o observador reconhece os sintomas de abastardamento do pensamento e a sua rotação no círculo de uma especialidade que mata as faculdades generativas do cérebro, o dom de contemplar as coisas com grandeza, de generalizar e de deduzir. Quase todos encarquilham-se na fornalha dos negócios. Jamais um homem que se deixou abater na trituração ou na engrenagem dessas máquinas imensas poderá tornar-se grande. Se é médico, ou pouco praticou a medicina, ou é uma exceção, um Bichat<sup>[3]</sup> que morrerá jovem. Se é um grande negociante, permanece alguma coisa, será quase Jacques Coeur<sup>[4]</sup>. Robespierre o exerceu? Danton era um preguiçoso que esperava. Mas quem já sentiu inveja das figuras de Danton e de Robespierre, por mais soberbas que elas possam ser? Esses atarefados por excelência atraem o dinheiro e o acumulam para aliam-se às famílias aristocráticas. Se a ambição do operário é a mesma do pequeno burguês, suas paixões também são idênticas. Em Paris, a vaidade resume todas as paixões. O protótipo dessa classe seria o burguês ambicioso, que, depois de uma vida de angústias e de manobras contínuas, passa ao Conselho de Estado como uma formiga passa por uma fresta; ou então algum redator de jornal, mestre em intrigas, homenageado pelo rei da França, talvez para se vingar da nobreza. Ou ainda algum tabelião que se tornou prefeito do seu distrito. Todos eles laminados pelos negócios e que, chegando aos seus objetivos, chegam *mortos*. Na França, o hábito é entronizar os medalhões. Napoleão, Louis XIV, apenas os grandes reis sempre quiseram pessoas jovens para levar a cabo os seus projetos.

Acima dessa esfera, vive o mundo artístico. Mais ainda ali os rostos, marcados pela originalidade, são nobremente partidos, mas verdadeiramente partidos, cansados, sinuosos. Excedidos por uma necessidade de produzir, ultrapassados pelas suas fantasias custosas, aborrecidos por um gênio devorador, famintos de prazer, todos os artistas de Paris querem retomar por meio de trabalhos

excessivos as lacunas deixadas pela preguiça e buscam em vão conciliar o mundo e a glória, o dinheiro e a arte. Ao começar, o artista vive ofegante por causa do credor. As suas necessidades criam as suas dívidas, e as suas dívidas tomam as suas noites. Depois do trabalho, vem o prazer. O ator atua até a meia-noite, estuda de manhã, ao meio-dia ensaia. O escultor dobra-se ao peso da sua escultura. O jornalista é uma reflexão em marcha, como o soldado na guerra. O pintor em voga fica sobrecarregado de obras, o pintor sem ocupação tem o estômago vazio ao mesmo tempo em que se julga genial. A concorrência, as rivalidades, as calúnias assassinam esses talentos. Alguns, desesperados, rolam pelo abismo do vício, outros morrem jovens e ignorados por terem contado cedo demais com o seu futuro. Poucas dessas fisionomias, primitivamente sublimes, continuam belas. Aliás, a beleza flamejante das suas cabeças permanece incompreendida. Um rosto de artista é sempre exorbitante, encontra-se sempre acima ou abaixo das linhas convencionais do que os imbecis chamam o belo ideal. Que potência os destrói? A paixão. Toda paixão em Paris se resolve por dois termos: ouro e prazer.

Vocês não estão respirando? Não estão sentindo o ar e o espaço purificados? Aqui, nem trabalhos, nem sofrimentos. A voluta giratória do ouro chegou ao seu ápice. Do fundo das ventilações onde começa a correr, do fundo das lojas onde é barrado por mirrados reservatórios, do fundo dos balcões e das grandes oficinas onde é colocado em barras, o ouro, sob forma de dote ou de heranças, levado pela mão das meninas ou pelas mãos ossudas do velho, jorra à nação aristocrática onde vai reluzir, espalhar-se, escorrer. Mas antes de deixarmos os quatro terrenos sobre os quais a alta sociedade parisiense se apóia, não seria necessário, depois das causas morais referidas, deduzirmos as causas físicas e observarmos uma peste, por assim dizer, subjacente, que age constantemente sobre os rostos do porteiro, do lojista, do operário? Não deveríamos assinalar uma influência nociva cuja corrupção é semelhante à dos administradores parisienses que deixam essa peste complacentemente subsistir? Se o ar das casas onde vive a maioria dos burgueses é infecto, se a atmosfera das ruas cospe miasmas cruéis em fundos de lojas, onde o ar se rarefaz, saibam que, além dessa pestilência, as quarenta mil habitações dessa grande cidade banham suas fundações em imundícies que o poder público não quis seriamente cercar com um muro de concreto que impeça a lama mais fétida de filtrar-se pelo solo, de envenenar os poços, de fazer perdurar subterraneamente em Lutécia o seu nome célebre. Metade de Paris deita-se sobre exalações de esgotos fétidos de pátios, de ruas e de esgotos. Mas abordemos os grandes salões arejados e dourados, os palacetes com jardins, o mundo rico, ocioso, feliz, endinheirado. As fisionomias ali são debilitadas e corroídas pela vaidade. Ali, nada é real. Buscar o prazer não é encontrar o tédio? Os mundanos falseiam desde cedo a sua natureza. Estando ocupados apenas em fabricar a alegria, eles prontamente abusaram dos seus sentidos, como o operário abusa da bebida. O prazer é como certas substâncias medicinais: para obter constantemente os mesmos efeitos, é preciso dobrar as doses, estando a morte ou o embrutecimento contidos na última delas. Todas as classes inferiores dissimulam-se diante dos ricos e espreitam-lhes os gostos para transformá-los em vícios e explorá-los. Como resistir às hábeis seduções que se tramam nesse país? Paris também tem os seus teriakis[5], para quem o jogo, a gastrolatria ou a cortesã são um ópio. Vêm-se rapidamente nessas pessoas gostos, e não paixões, fantasias romanescas e amores hesitantes. Ali reina a impotência, não há mais idéias, estas passaram como a energia na afetação do toucador, nas macaquices femininas. Há fedelhos de quarenta anos, velhos doutores de dezesseis. Os ricos encontram em Paris o espírito já pronto, a ciência toda mastigada, as opiniões formuladas, dispensando-os de ter espírito, ciência ou opinião. Nesse mundo, o desvario é igual à fraqueza e à

libertinagem. Ali as pessoas tornam-se avaras com o tempo de tanto que o perdem. Não procurem nesse meio mais afetação do que idéias. Os abraços encobrem uma profunda indiferença, e a educação, um desprezo contínuo. Ali, não se ama jamais o próximo. Palavras sem profundidade, muita indiscrição, bisbilhotices e, acima de tudo, lugares-comuns, tal é o conteúdo da sua linguagem. Entretanto, esses infelizes *Felizes* fingem que não se reúnem para dizer e fazer máximas à moda de La Rochefoucauld, como se não existisse um meio-termo, encontrado pelo século XVIII, entre o transbordante e o vazio absoluto. Se alguns homens capazes fazem uso de uma zombaria fina e leve, ela é incompreendida. Logo cansados de dar sem receber, eles permanecem nas suas casas e deixam os tolos reinarem nas suas terras. Essa vida vazia, essa espera contínua de um prazer que nunca chega, esse tédio permanente, essa inanidade de espírito, de coração e de cérebro, esse enfatiamento da grande festa mundana parisiense se reproduzem nos semblantes dos seus habitantes, confeccionando rostos de papelão, rugas prematuras, a fisionomia dos ricos, na qual a impotência se imprime, refletindo o ouro, e da qual a inteligência fugiu.

Essa vista da Paris moral prova que a Paris física não poderia ser diferente do que é. Essa cidade em forma de diadema é uma rainha que, sempre grávida, tem desejos irresistivelmente furiosos. Paris é a cabeça do globo, um cérebro repleto de genialidade a conduzir a civilização humana, um grande homem, um artista incessantemente criador, um político de visão que tem obrigatoriamente as rugas do cérebro, os vícios do grande homem, as fantasias do artista e a presunção do político. A sua fisionomia subentende a germinação do bem e do mal, o combate e a vitória, a batalha moral de 89, cujas trombetas ainda ressoam em todos os cantos do mundo, e também o abatimento de 1814. Essa cidade não poderia então ser mais moral nem mais cordial, nem mais limpa do que a caldeira motriz daqueles magníficos barcos a vapor que vocês admiram cortando as ondas! Paris não é uma nau sublime carregada de inteligência? Sim, as suas armas são um desses oráculos que se permitem algumas vezes a fatalidade. A CIDADE DE PARIS tem o seu grande mastro, todo de bronze esculpido de vitórias, e Napoleão por vigia. Esse navio tem também as suas oscilações e balanços, mas ele atravessa o mundo, lança fogo pelas cem bocas das suas tribunas, lavra os mares científicos e voga de velas soltas, grita do alto das suas gáveas pela voz dos seus sábios e dos seus artistas: “Avante, marchem! Sigam-me!”. Leva uma tripulação imensa a quem agrada embandeirar novas flâmulas. São grumetes e meninos rindo pelos cordames; lastro de pesada burguesia; operários e marujos sujos de alcatrão; nas cabines, os felizes passageiros; elegantes *midshipmen* fumam os seus cigarros, debruçados sobre o filerete; no convés, os seus soldados, inovadores ou ambiciosos, que vão atracar em todas as praias, nelas espalhando vivos resplendores, querem a glória que é prazer, ou amores que exigem ouro.

Portanto, o movimento exorbitante dos proletários, a depravação dos interesses que trituram as duas burguesias, as cruezas do pensamento artístico e os excessos do prazer incessantemente buscados pelos grandes explicam a feiúra natural da fisionomia parisiense. Somente no Oriente, a raça humana oferece um busto magnífico; mas é um efeito da calma constante que afeta esses profundos filósofos de longos cachimbos, pernas pequenas, dorsos quadrados, que desprezam e têm horror do movimento. Ao passo que, em Paris, Pequenos, Médios e Grandes correm, saltam e dão cambalhotas, chicoteados por uma deusa implacável, a Necessidade: necessidade de dinheiro, glória ou diversão. Também ali algum rosto fresco descansado, gracioso, verdadeiramente jovem é a mais extraordinária das exceções: raramente encontrado. Se vocês avistarem algum, ele certamente pertence: a um jovem e fervoroso eclesiástico ou a um bom abade quadragenário com uma tripla papada; a uma pessoa jovem de modos

puros, como existem em algumas famílias burguesas; a uma mãe de vinte anos, ainda cheia de ilusões e que amamenta o seu primeiro filho; a um jovem cheio de frescor recém-chegado do interior e confiado a uma viúva rica e devota que o deixa sem um tostão; ou a um menino de loja, que se deita à meia-noite, bem cansado de ter dobrado ou desdobrado tecidos de algodão e que se levanta às sete horas para preparar o mostruário; ou, ainda, a um homem de ciência ou poesia, que leva uma vida monástica em boa fortuna e com uma bela idéia, que permanece sóbrio, paciente e casto; ou a um tolo qualquer, contente de si mesmo, alimentando-se de bobagens, arrebatando a sua saúde, sempre ocupado em sorrir para si mesmo; ou à feliz e mole espécie dos *flâneurs*, os únicos realmente felizes em Paris e que degustam a cada hora poesias em movimento. Porém, existe em Paris uma porção de seres privilegiados que aproveitam esse movimento excessivo das manufaturas, dos interesses, dos negócios, das artes e do ouro. Esses seres são as mulheres. Apesar de terem também mil causas secretas que ali, mais do que em outros lugares, destroem a sua fisionomia, reúnem-se no mundo feminino pequenas hordas que vivem à maneira oriental e podem conservar a sua beleza. Mas essas mulheres mostram-se raramente a pé, elas se escondem, como plantas raras que apenas mostram as suas pétalas em certas horas e que constituem verdadeiras exceções exóticas. Entretanto, Paris é essencialmente uma zona de contrastes. Se os sentimentos verdadeiros são raros ali, encontra-se também, como em outros lugares, amizades nobres, dedicação sem limites. No campo de batalha dos interesses e das paixões, assim como nessas sociedades em marcha, onde triunfa o egoísmo e onde cada um é obrigado a defender-se sozinho, as quais chamamos *exército*, parece que os sentimentos, quando surgem, devem ser plenos e sublimes por justaposição. O mesmo ocorre com as fisionomias. Em Paris, às vezes, vêem-se na aristocracia alguns poucos rostos encantadores de jovens, frutos de uma educação e de modos absolutamente excepcionais. À beleza juvenil do sangue inglês unem-se a firmeza dos traços meridionais, o espírito francês, a pureza da forma. O fogo dos seus olhos, um delicioso rubor de lábios, o negro lustroso da sua cabeleira fina, uma pele alva, uma forma de rosto distinta os transformam em belas flores humanas, magníficas de se verem na massa de outras fisionomias opacas, arcaicas, aquilinas, como se fossem caretas. As mulheres logo admiram esses jovens com o mesmo prazer ávido que os homens experimentam ao olhar para uma moça bonita, decente, graciosa, decorada de todas as virgindades com que a nossa imaginação gosta de embelezar a menina perfeita. Se esse olhar rapidamente lançado sobre a população de Paris fez com que se concebesse a raridade de uma figura rafaelesca, e a admiração apaixonada que ela deve inspirar à primeira vista, o principal interesse de nossa história estará justificado. *Quod erat demonstratum*, o que se devia demonstrar, se nos for permitido aplicar as fórmulas da escolástica às ciências dos costumes.

Ora, em uma dessas belas manhãs de primavera, em que as folhas ainda não estão verdes, mas já começam a brotar; em que o sol começa a esquentar os telhados e em que o céu está azul; em que a população parisiense sai dos seus alvéolos, vindo zumbir nos bulevares, arrasta-se como uma serpente de mil cores, pela Rue de la Paix em direção às Tuileries, saudando as pompas do himeneu que os campos recomeçam; em um desses dias alegres então, um rapaz, belo como era esse dia, vestido com gosto, à vontade nas suas maneiras (digamos o segredo), um fruto do amor, o filho natural de lorde Dudley[6] e da célebre marquesa de Vordac[7], passeava pela grande alameda das Tuileries. Esse Adônis, chamado Henri de Marsay[8], nasceu na França, onde lorde Dudley veio unir a jovem, já mãe de Henri, a um velho fidalgo chamado senhor de Marsay. Essa borboleta desbotada e quase apagada

reconheceu a criança como sendo sua, intermediando o usufruto de uma renda de cem mil francos definitivamente atribuída ao seu filho putativo. Loucura que não custou muito caro a lorde Dudley: os títulos franceses valiam então dezessete francos e cinqüenta centavos. O velho fidalgo morreu sem ter conhecido a sua esposa. A senhora de Marsay casou-se depois com o marquês de Vordac; mas, antes de tornar-se marquesa, preocupou-se pouco com o seu filho e com lorde Dudley. Primeiro, a guerra declarada entre a França e a Inglaterra separara os dois amantes, e a fidelidade não estava e nunca estará na moda em Paris. Depois, o sucesso da mulher elegante, bela, universalmente adorada abrandou o sentimento materno na parisiense. Lorde Dudley não foi mais cuidadoso do que a mãe com a sua progenitura. A pronta infidelidade de uma jovem ardentemente amada deu-lhe uma espécie de aversão a tudo que vinha dela. Aliás, talvez também os pais só amem as crianças que conheceram muito bem; crença social da mais alta importância para o repouso das famílias, e que todos os solteiros devem cultivar, provando assim que a paternidade é um sentimento criado em estufa pela esposa, pelos costumes e pelas leis.

O pobre Henri de Marsay só encontrou um pai naquele que não tinha a obrigação de sê-lo. A paternidade do senhor de Marsay foi naturalmente bastante incompleta. Na natureza, as crianças têm um pai apenas em raros momentos; e o fidalgo imita a natureza. O homem não teria vendido o seu nome caso não tivesse vícios. Comeu então sem remorsos em espeluncas e bebeu em outros lugares o pouco que o tesouro nacional lhe pagava a cada seis meses. Depois, deixou a criança com uma velha irmã solteirona, senhorita de Marsay, que cuidou muito bem dele e pagou, com a parca pensão concedida pelo irmão, um preceptor, padre sem um tostão que, medindo o futuro do jovem, resolveu pagar, com as suas cem mil libras de renda, os cuidados dispensados ao seu pupilo, por quem se tomou de afeição. Esse preceptor era por acaso um verdadeiro padre, um desses eclesiásticos moldados para tornarem-se cardeais na França ou em Bórgia, sob a tiara. Ensinou ao menino em três anos o que se teria ensinado em dez na escola. Depois, esse grande homem chamado padre de Maronis concluiu a educação do seu aluno fazendo-lhe estudar todas as faces da civilização: alimentou-o com a sua experiência, levou-o pouco a igrejas, fechadas a essa época; passeou com o menino poucas vezes nos bastidores e muitas nas cortesãs; desmontou-lhe os sentimentos humanos peça por peça; ensinou a ele a política no coração dos salões, onde ela era preparada; numerou-lhe as máquinas do governo e tentou, por amizade a uma bela natureza abandonada, mas rica em esperança, substituir virilmente a mãe: afinal, a Igreja não é a mãe dos órfãos? O aluno respondeu bem a tantos cuidados. Esse homem digno morreu bispo em 1812, com a satisfação de ter deixado sob o céu um menino cujo coração e o espírito estavam, aos dezesseis anos, tão bem formados que bateria um homem de quarenta. Quem esperaria encontrar um coração de bronze, um cérebro alcoolizado, sob um invólucro mais sedutor do que aquele que os velhos pintores, aqueles artistas ingênuos, emprestaram à serpente no paraíso terrestre? Isso ainda não é nada. Além do mais, o bom diabo roxo apresentara ao seu pupilo pessoas da alta sociedade de Paris que poderiam equivaler, nas mãos do jovem, a outras cem mil libras de renda. Enfim, esse padre vicioso mas político, incrédulo mas sábio, pérfido mas amável, frágil em aparência mas tão vigoroso de cabeça quanto de corpo foi tão útil ao seu aluno, tão complacente com os seus vícios, tão bom calculador de todos os tipos de força, tão profundo quando era preciso alguma observação sobre os seus semelhantes, tão jovial à mesa, no Frascati, em... não sei onde, que, em 1814, nada poderia enternecer mais o agradecido Henri de Marsay do que o retrato do seu caro bispo, única mobília que lhe legou esse prelado, admirável protótipo do

homem cujo gênio salvará a Igreja Católica Apostólica Romana, se ela o quiser, comprometida que está nesse momento devido à fraqueza dos seus recrutas e à velhice dos seus pontífices. A guerra continental impediu que o jovem de Marsay conhecesse o seu verdadeiro pai, cujo nome seria duvidoso que soubesse. Filho abandonado, tampouco conheceu melhor a senhora de Marsay. Naturalmente, pouco lamentou a perda do seu pai postiço. Quanto à senhorita de Marsay, a sua única mãe, ele ergueu para ela uma pequena e bela sepultura no cemitério do Père-Lachaise. Monsenhor de Maronis garantira a essa velha de touca um dos melhores lugares no céu, de maneira que, vendo-a feliz ao morrer, Henri deu-lhe lágrimas egoístas, pondo-se a chorar por si mesmo. Vendo essa dor, o padre secou as lágrimas do seu aluno fazendo-o notar que a mulher se acabara de maneira tão desagradável e tornara-se tão feia, tão surda, tão tediosa, que ele deveria inclusive agradecer à morte. O bispo emancipara o seu aluno em 1811. Depois, quando a mãe do senhor de Marsay casou-se novamente, o padre elegeu, em um conselho de família, um desses honestos acéfalos selecionados por ele no confessionário e o encarregou de administrar a fortuna cujos rendimentos aplicava de acordo com as necessidades da comunidade, mas cujo capital ele queria manter intacto.

Lá pelo final de 1814, Henri de Marsay não tinha então sentimento de obrigação algum e achava-se tão livre quanto o pássaro sem companhia. Apesar de já ter 22 anos feitos, parecia ter no máximo dezessete. Geralmente, os seus maiores rivais o viam como o mais belo rapaz de Paris. Do seu pai, lorde Dudley, herdara os olhos azuis amorosamente decepcionados; da sua mãe, os espessos cabelos negros; de ambos, um sangue puro, uma pele de menina, um ar doce e modesto, um porte fino e aristocrático, belíssimas mãos. Para uma mulher, vê-lo significa enlouquecer por ele. Vocês sabem? Conceber um desses desejos que mordem o coração, mas que se deixam esquecer pela impossibilidade de satisfazê-lo, porque a mulher, em Paris, vulgarmente não tem tenacidade. Poucas dizem à maneira dos homens o EU MANTEREI da casa de Oranges. Nesse frescor de vida e apesar da água límpida dos seus olhos, Henri possuía uma coragem de leão, uma agilidade de macaco. A uma distância de dez passos, cortava a bala com a lâmina de uma faca; montava o cavalo de modo a tornar real a fábula do centauro; conduzia com graça uma carruagem de rédeas longas; era ágil como o Querubim[9] e tranqüilo como um cordeiro. Mas ele sabia vencer um homem dos arrabaldes na terrível savate ou no jogo do bastão. Ele ainda tocava piano de maneira a poder tornar-se um artista, caso caísse em desgraça, e possuía uma voz pela qual Barbaja[10] pagaria cinquenta mil francos por temporada. Infelizmente, todas essas belas qualidades e esses bonitos defeitos eram manchados por um vício assustador: não acreditava nos homens, nem nas mulheres, nem em Deus, nem no diabo. A natureza caprichosa começara a dotá-lo, um padre deu-lhe o acabamento.

Para tornar essa aventura compreensível, é necessário acrescentar aqui que lorde Dudley encontrou naturalmente muitas mulheres dispostas a imprimir alguns exemplares de um retrato tão delicioso. A sua segunda obra-prima nesse gênero foi uma jovem chamada Euphémie, nascida de uma dama espanhola, criada em Havana, trazida a Madri com uma jovem crioula das Antilhas, com os péssimos gostos das colônias; mas felizmente casada com um rico senhor espanhol, *Don Hijos*, marquês de San-Réal que, desde a ocupação da Espanha pelas tropas francesas, viera a Paris e morava na Rue Saint-Lazare. Tanto por displicência como por respeito pela inocência da juventude, lorde Dudley não informou os seus filhos dos laços de paternidade que lhe criavam por toda parte. Esse é um ligeiro inconveniente da civilização. Mas ela tem tantas vantagens que é preciso perdoar-lhe os males considerando-se os seus

benefícios. Para resumir, lorde Dudley veio em 1816 refugiar-se em Paris a fim de evitar as perseguições da justiça inglesa, que, do Oriente, protege apenas a mercadoria. O lorde viajante perguntou quem era o belo rapaz ao ver Henri. Depois, ao ouvir o seu nome:

– Ah! É meu filho. Que infelicidade! – disse.

Tal era a história do jovem que, lá por meados de abril, em 1815, percorria despreocupadamente a grande alameda das Tuileries, à maneira de todos os animais que, conhecendo as suas forças, andam em paz e com majestade; as burguesas se viravam muito ingenuamente para contemplá-lo, as mulheres casadas não se viravam, mas esperavam que ele voltasse e o guardavam na sua memória para evocar, em momento oportuno, essa suave fisionomia que não ficaria para trás do corpo da mais bela entre elas.

– O que faz aqui num domingo? – disse Henri ao passar pelo marquês de Ronquerolles[11].

– Há peixe na rede – respondeu o jovem.

Essa troca de pensamentos se fez por meio de dois olhares significativos e sem que Ronquerolles nem de Marsay aparentassem se conhecer. O jovem examinava os passantes, com essa prontidão no olhar e na audição particular ao parisiense, que parece, de início, nada ver e nada escutar, mas que vê e entende tudo. Nesse momento, um jovem veio até ele, tomou-lhe familiarmente o braço, dizendo:

– Como vão as coisas, meu bom de Marsay?

– Muito bem – respondeu de Marsay com um ar aparentemente afetuoso, mas que, entre os jovens parisienses, nada prova, nem para o presente, nem para o futuro.

Com efeito, os jovens de Paris não se parecem com os jovens de nenhuma outra cidade. Dividem-se em duas classes: os rapazes que possuem algo e aqueles que nada têm; ou os jovens que pensam e aqueles que gastam. Mas compreendam-no bem, trata-se apenas aqui desses nativos que têm em Paris a conduta deliciosa de uma vida galante. Existem ainda na capital alguns outros rapazes. Eles são, porém, crianças que só muito tarde se dão conta da existência parisiense, e dela tornam-se joguetes. Não especulam, estudam, fuçam, dizem os outros. Enfim, vêem-se ali ainda alguns jovens, ricos ou pobres, que escolhem uma carreira e seguem-na uniformemente; são, de certa maneira, o Emile[12], de Rousseau, os bons cidadãos, e nunca aparecem na sociedade. Os diplomatas chamam-nos indelicadamente de tolos. Tolos ou não, eles aumentam o número de pessoas medíocres sob o peso dos quais a França se dobra. Estão sempre ali; sempre prontos a estragar os negócios públicos ou particulares com a espátula chata da mediocridade, orgulhando-se da sua impotência, a qual chamam de hábitos de probidade. Essas espécies sociais de *prêmios de excelência* infestam a administração, o exército, a magistratura, as câmaras, a corte. Enfraquecem, achatam o país e constituem, de certo modo, no corpo político uma linfa que o sobrecarrega tornando-o apático. Essas pessoas honestas chamam as pessoas de talento de imorais ou velhacos. Se esses velhacos cobram pelo seu serviço, pelo menos são úteis. Enquanto os outros causam danos e são respeitados pela multidão; mas, felizmente para a França, a juventude elegante os estigmatiza como palermas.

Então, à primeira vista, é natural distinguirem-se as duas espécies de rapazes que levam uma vida elegante – amável corporação à qual pertence Henri de Marsay. Mas os observadores que não se atêm à superfície das coisas estarão logo convencidos de que as diferenças são puramente morais e que nada é tão enganador quanto uma bela carapaça. No entanto, todos querem se adiantar em relação ao resto do mundo: falam a torto e a direito das coisas, dos homens, da literatura, das belas-artes; têm sempre à boca o “Pitt e Cobourg[13]” do ano; interrompem uma conversa com um trocadilho; tornam ridícula a ciência e

o sábio; desprezam todos aqueles que não conhecem ou que temem; depois, colocam-se acima de tudo, instituindo-se juízes supremos de tudo. Todos mistificarão os seus pais e estarão prontos para derramar nos seios das suas mães lágrimas de crocodilo. Mas geralmente não acreditam em nada, maldizem as mulheres, ou fingem-se modestos, obedecendo, na realidade, a uma má cortesã ou a alguma velha. Todos são igualmente tomados até os ossos pelo cálculo, pela depravação, por um desejo brutal de triunfar, e, se são ameaçados, examinando-os encontraremos pedras no coração de todos eles. Em estado normal, têm a mais linda aparência, colocam a qualquer momento a amizade em jogo, são eloqüentes. A mesma irreverência domina o seu falar inconstante; vestem-se de maneira extravagante, orgulham-se de repetir as baboseiras deste ou daquele ator da moda e, num primeiro contato, seja lá com quem for, demonstram desprezo ou impertinência por terem de certo modo a primeira vantagem nesse jogo; mas aí daquele que não souber deixar abater um olho seu para abater dois do adversário. Parecem igualmente indiferentes às infelicidades da pátria e aos seus flagelos. Todos se assemelham enfim à bela espuma branca que coroa a enxurrada da tempestade. Vestem-se, jantam, dançam, divertem-se no dia da batalha de Waterloo, durante uma epidemia de cólera ou uma revolução. Enfim, todos têm os mesmos gastos; mas aqui começa o paralelo. Dessa fortuna flutuante e agradavelmente desperdiçada, alguns têm o capital e os outros o esperam; vão ao mesmo alfaiate, mas a conta dos últimos está para ser saldada. Ainda, se uns, como uma espécie de crivo, recebem toda espécie de idéias sem guardar nenhuma, os outros comparan-nas e assimilam as boas. Se uns acreditam saber alguma coisa, nada sabem mas compreendem tudo, emprestam tudo àqueles que de nada precisam e nada oferecem àqueles que precisam de algo, já os outros estudam em segredo o pensamento do próximo e investem o dinheiro, bem como as suas loucuras, a juros altos. Uns não têm mais impressão fiel porque a sua alma, como um espelho opaco pelo uso, não reflete mais nenhuma imagem; os outros economizam os seus sentidos e a sua vida ao passo que parecem, como os primeiros, jogá-la pela janela. Os primeiros, pela fé de uma esperança, consagram-se sem convicção a um sistema que está a favor do vento e que segue a correnteza, mas saltam sobre uma embarcação política quando a primeira fica à deriva. Os outros analisam o futuro, sondam-no, e vêm na fidelidade política o que os ingleses vêm na proibidade comercial, um elemento de sucesso. Mas ali onde o jovem de posses faz um trocadilho ou conta uma anedota sobre a reviravolta no trono, o que nada tem faz um cálculo público ou uma baixeza secreta e vence apertando a mão dos seus amigos. Uns não atribuem jamais qualidades ao próximo, tomam todas as suas idéias por novas, como se o mundo tivesse sido feito ontem, têm uma confiança ilimitada em si, mas não há pior inimigo do que eles mesmos. Porém, os outros estão armados com uma desconfiança contínua em relação aos homens que estimam ao seu justo valor e são suficientemente profundos para explorar os seus amigos sem que esses o notem; então, à noite, quando deitam a cabeça sobre o travesseiro, pesam os homens como um avaro pesa as suas moedas de ouro. Uns se ofendem com uma impertinência sem cabimento e deixam-se amolar pelos diplomatas que os fazem posar diante deles puxando o fio principal dessas marionetes, o amor-próprio. Enquanto que os outros se fazem respeitar e escolhem as suas vítimas e os seus protetores. Então, um belo dia, os que não tinham nada passam a ter algo e aqueles que tinham algo não têm mais nada. Esses últimos vêm os seus camaradas que obtiveram uma posição como dissimulados, maus corações, mas também como homens fortes.

– Ele é muito forte!... – é o imenso elogio conferido a esses que chegaram, *quibuscumque viis*, à política, a uma mulher ou a uma fortuna.

Entre eles, encontram-se alguns jovens que representam esse papel começando com dívidas; e, naturalmente, são mais perigosos do que aqueles que o representam sem ter um tostão.

O jovem que se intitulava amigo de Henri de Marsay eram um deslumbrado vindo do interior e ao qual os jovens da moda ensinavam a arte de usar uma herança de forma conveniente. Mas restava uma última guloseima a ser devorada na sua terra, um caso certo. Era apenas um herdeiro que passou sem transição dos seus magros cem francos por mês a toda fortuna paterna e que, se não tinha espírito suficiente para se dar conta que zombavam dele, entendia o suficiente de cálculo para se conter nos dois terços do seu capital. Vinha então aprender em Paris com algumas notas de mil francos – o valor exato dos seus arneses – a arte de não dar importância demais às suas luvas, e escutava ali sábias meditações sobre os salários a pagar aos criados e o contrato mais vantajoso para fechar com eles. Fazia questão de poder falar em bons termos dos seus cavalos, do seu cão dos Pirineus, de reconhecer conforme o vestir, o caminhar e os sapatos a qual espécie pertencia uma mulher; estudar o *écarté*, memorizar algumas palavras da moda e conquistar, pela sua estadia no mundo parisiense, a autoridade necessária para exportar mais tarde à província o gosto pelo chá, pela prataria inglesa e para dar-se o direito de desprezar tudo à sua volta até os seus últimos dias. De Marsay aceitara a sua amizade para servir-se dela na sociedade, como um especulador atrevido que usa um empregado de confiança. A amizade falsa ou verdadeira de de Marsay era uma questão social para Paul de Manerville[14], que, por sua vez, acreditava explorar à sua maneira o seu amigo íntimo. Vivia do reflexo dele, metia-se constantemente debaixo do seu guarda-chuva, calçava as suas botas, dourava-se com os seus raios. Colocando-se perto de Henri, ou mesmo caminhando ao seu lado, tinha ares de dizer:

– Não nos insulte, somos verdadeiros tigres.

Freqüentemente, permitia-se dizer com fatuidade:

– Se eu pedir tal ou tal coisa a Henri, ele é suficientemente meu amigo para fazê-la...

Mas cuidava para nunca lhe pedir nada. Temia-o, e o seu medo, apesar de imperceptível, reagia sobre os outros e servia a de Marsay.

– É um homem orgulhoso esse de Marsay – dizia Paul. – Ah, ah, o senhor verá, ele será aquilo que bem entender. Não me espantaria vê-lo um dia ministro das Relações Exteriores. Ninguém pode com ele.

Então ele fazia de de Marsay o que o cabo Trim[15] fazia do seu gorro, uma aposta perpétua:

– Pergunte a de Marsay e verá!

Ou então:

– Outro dia, estávamos caçando, de Marsay e eu, e como ele não quis acreditar em mim, saltei uma moita sem me mexer do meu cavalo!

Ou então:

– Estávamos, de Marsay e eu, na casa de mulheres e, palavra de honra, eu estava etc.

Assim, Paul de Manerville só podia classificar-se na grande, na ilustre e na poderosa família dos ingênuos que estão chegando. Ele poderia, um dia, tornar-se deputado. No momento, ele não era ninguém. O seu amigo de Marsay assim o definia:

– Vocês me perguntam quem é esse Paul?... É Paul de Manerville.

– Estou surpreso, meu caro, de vê-lo por aqui num domingo – disse a de Marsay.

– Eu ia dizer o mesmo.

– Uma aventura?

– Talvez...

– Ora!

– Eu posso dizê-lo a você sem comprometer a minha paixão. Afinal, uma mulher que vem aos domingos às Tuileries não tem valor, aristocraticamente falando.

– Ah! Ah!

– Cale-se, ou então não lhe conto mais nada. Você ri alto demais, vai parecer que exageramos no almoço. Quinta-feira passada, eu passeava aqui no Terrasse des Feuillants sem pensar em absolutamente nada. Mas, ao chegar à grade da Rue Castiglione, pela qual eu pretendia sair, deparei-me face a face com uma mulher, ou melhor, com uma moça que, se não saltou ao meu pescoço, parou, menos por respeito humano que por um desses espantos profundos que atingem braços e pernas, descendo ao longo da espinha dorsal, e param justamente na planta dos pés para nos prender ao solo. Tenho produzido freqüentemente efeitos desse gênero, espécie de magnetismo animal que se torna potente quando as relações são respectivamente fortes. Mas, meu caro, não era nem um estupor, nem uma moça vulgar. Falando moralmente, o seu rosto parecia dizer: “Pois ei-lo, o meu ideal, o ser dos meus pensamentos, dos meus sonhos diurnos e noturnos. Como você está aqui? Por que nesta manhã? Por que não ontem? Pegue-me, eu sou toda sua, *et cetera!*”. Bom, pensei cá comigo, mais uma! Examino-a então. Ah! Meu caro, fisicamente falando, a desconhecida é a pessoa mais adoravelmente feminina que já conheci. Pertence a essa variedade que os romanos chamavam: *fulva, flava*, a mulher de fogo. E, em primeiro lugar, o que mais me impressionou, e que me deixa até agora fisgado, são os dois olhos amarelos como os de um tigre. Um amarelo de ouro que brilha, ouro vivo, ouro que pensa, ouro que ama e quer absolutamente vir a ser seu!

– Sabemos mais do que isso, meu caro! – exclamou Paul. – Ela vem aqui algumas vezes, é a *menina dos olhos de ouro*. Demos a ela esse apelido. É uma moça de uns 22 anos, vi-a por aqui no tempo dos Bourbon, mas com uma mulher que vale cem mil vezes mais do que ela.

– Cale-se, Paul! É impossível que qualquer mulher, seja ela quem for, ultrapasse essa menina parecida com uma gata que vem roçar-lhe a perna, uma menina branca com cabelos prateados, de aparência delicada, mas que deve ter fios felpudos na terceira falange dos seus dedos e, ao longo das faces, uma penugem branca cuja linha, iluminada por um belo dia, começa nas orelhas e termina-se no colo.

– Ah, a outra, meu caro de Marsay! Ela tem dois olhos negros que nunca choraram, mas que ardem; sobrancelhas negras que se encontram e lhe dão um ar de dureza, desmentida pela rede dos seus lábios, sobre os quais um beijo não fica, lábios frescos e ardentes; uma pele mourisca na qual um homem se esquenta como se estivesse sob o sol. Mas, palavra de honra, ela se parece com você...

– Você a está lisonjeando!

– Uma cintura arqueada, um corpo esbelto como uma corveta construída para participar de corridas, e que ataca o navio mercante com uma impetuosidade francesa, morde-o e afunda-o em dois tempos.

– Enfim, meu caro, o que pode me causar aquela que eu nunca vi? – continuou de Marsay. – Desde que comecei a estudar as mulheres, a minha desconhecida é a única cujo seio virgem e cujas formas ardentes e voluptuosas transformam em realidade a única mulher com a qual sonhei! Ela é o original da delirante pintura chamada *A mulher acariciando a sua quimera*, a mais cálida, a mais infernal inspiração

do gênio antigo. Uma poesia sagrada prostituída por aqueles que a copiaram em afrescos e mosaicos para uma corja de burgueses, que vê esse camafeu apenas como um berloque e pendura-o nas suas chaves de relógios, ao passo que toda a mulher é um abismo de prazeres em que rolamos sem tocarmos o fundo, ao passo que ela é uma mulher ideal que algumas vezes se vê na Espanha, na Itália, quase nunca na França. Pois bem, reví essa menina dos olhos de ouro, essa mulher acariciando a quimera eu a reví, aqui, na sexta-feira. Pressenti que no dia seguinte ela viria à mesma hora. Não me enganara. Deliciei-me a segui-la sem que ela me visse, a estudar a sua atitude indolente de mulher desocupada, mas em cujos movimentos adivinha-se a voluptuosidade adormecida. Pois bem, ela se virou, ela me viu, novamente me adorou, novamente sobressaltou, estremeceu. Notei então a sua aia espanhola, uma hiena na qual um ciumento colocou um vestido, alguma diaba bem paga para cuidar dessa suave criatura... Oh! Então, a aia me deixou mais do que apaixonado, também fiquei curioso. No sábado, ninguém. Eis-me hoje aqui esperando por essa menina cuja quimera sou eu, e não peço outra coisa além de me colocar na posição do monstro do afresco.

– Aí vem ela – disse Paul. – Todos estão virando-se para vê-la...

A desconhecida enrubesce, os seus olhos brilharam ao perceber os de Henri. Ela fechou-os e passou.

– Você acha que ela o nota? – exclamou zombeteiro Paul de Manerville.

A aia olhou fixamente e com atenção os dois jovens. Quando a desconhecida e Henri se encontraram novamente, a jovem roçou-se nele e, com a sua mão, apertou a do rapaz. Depois, ela se virou, sorriu com paixão, mas a aia arrastou-a muito rápido em direção à grade da Rue Castiglione. Os dois amigos seguiram a moça, admirando os contornos magníficos desse pescoço que se juntava à cabeça por uma combinação de linhas vigorosas e no qual alguns anéis de cabelos se sobressaíam. A menina dos olhos de ouro tinha um desses pés bem fixos, finos, curvados, que tantos atrativos oferecem às imaginações ávidas. Ela também estava elegantemente calçada e usava um vestido curto. Durante esse trajeto, ela se voltou de tempos em tempos para rever Henri e parecia seguir com desgosto a velha, da qual ela parecia ser, ao mesmo tempo, a patroa e a escrava: poderia surrá-la, mas não mandá-la embora. Tudo isso se via. Os dois amigos chegaram à grade. Dois criados em libré desdobraram o estribo de um cupê de bom gosto, repleto de brasões. A menina dos olhos de ouro entrou primeiro, tomou o lugar do qual ela poderia ser vista quando o carro desse a volta. Colocou a sua mão sobre a portinhola e agitou o seu lenço, sem o conhecimento da aia, pouco se importando com o “o que os outros diriam?” dos curiosos e dizendo a Henri publicamente com o lenço:

– Siga-me...

– Você já viu alguém agitar o lenço de forma tão encantadora? – perguntou Henri a Paul de Manerville.

A seguir, vendo um fiacre pronto para partir depois de ter conduzido muitas pessoas, ele fez sinal para que o cocheiro parasse.

– Siga aquele cupê, veja em que rua, em que casa ele entrará, você ganhará dez francos. Adeus, Paul.

O fiacre seguiu o cupê. O cupê entrou na Rue Saint-Lazare, em um dos mais belos palacetes do bairro.

- [1]. Maria Taglioni (1804-1884) foi dançarina na Ópera de Paris de 1827 a 1842. Filha do coreógrafo e dançarino Philippe Taglioni que lhe compôs *A sílfide*, inspirado em *Trilby*, de Charles Nodier. (N.T.)
- [2]. Gigante com apetite insaciável, personagem do livro homônimo de Rabelais (1484-1533). (N.T.)
- [3]. Marie-François Bichat (1771-1802), médico, anatomista e histologista. Morreu prematuramente. (N.T.)
- [4]. Jacques Coeur (1395-1456): financista e banqueiro, foi vítima inocente das espoliações de Charles VII. (N.T.)
- [5]. Nome dado no Oriente aos comedores e fumadores de ópio. (N.T.)
- [6]. Personagem de *A comédia humana* (*O contrato de casamento*, *Outro estudo de mulher*, *O lírio do vale*, *Uma filha de Eva*). (N.T.)
- [7]. Personagem de *A comédia humana* (*O contrato de casamento*, *Outro estudo de mulher*, *Ascensão e queda de César Biroteau*, *A duquesa de Langeais*, *Ferragus*, *O pai Goriot*, *Ilusões perdidas*). (N.T.)
- [8]. Personagem de *A comédia humana* (*A duquesa de Langeais*). (N.T.)
- [9]. Personagem libertino ingênuo da peça *O casamento de Fígaro* (1784), de Beaumarchais (1732-1799). (N.T.)
- [10]. Domenico Barbaja (1778-1841): empresário napolitano de Rossini. (N.T.)
- [11]. Personagem de *A comédia humana* (*Ferragus*, *A duquesa de Langeais*, *O pai Goriot*, *O lírio do vale*). (N.T.)
- [12]. Protagonista do romance pedagógico homônimo de Rousseau publicado em 1762. (N.T.)
- [13]. A expressão injuriosa é associada aos nomes de dois monarquistas inimigos da França revolucionária: o ministro inglês William Pitt (1759-1806) e o marechal austríaco Friederich de Saxe, príncipe de Cobourg (1737-1815). (N.T.)
- [14]. Personagem de *A comédia humana* (*O contrato de casamento*, *Ilusões perdidas*). (N.T.)
- [15]. Personagem cômico de *A vida e as opiniões de Tristram Shandy* (1760-1767), de Laurence Sterne (1713-1768). (N.T.)

## CAPÍTULO II

---

### *Uma singular boa fortuna*

De Marsay não era um leviano. Qualquer outro rapaz teria obedecido ao desejo de recolher logo algumas informações sobre uma moça que realizava tão bem as idéias mais luminosas expressas sobre as mulheres pela poesia oriental. Entretanto, habilidoso demais para comprometer dessa forma o futuro da sua boa fortuna, ordenara que seu fiacre continuasse pela Rue Saint-Lazare e o levasse ao seu palacete. No dia seguinte, o seu primeiro criado de quarto chamado Laurent, menino astucioso como Frontin<sup>[1]</sup> da comédia antiga, esperou, nos arredores da casa habitada pela desconhecida, a hora em que se distribuem as cartas. Para poder espionar à vontade e rondar o palacete, comprara, segundo o hábito dos agentes policiais que querem se disfarçar, roupas típicas de Auvergne, buscando fazer-se passar por um habitante da região. Quando o carteiro que fazia naquela manhã o serviço da Rue Saint-Lazare passou, Laurent fingiu ser um caixeiro que buscava lembrar-se do nome de uma pessoa a quem deveria entregar um pacote e consultou o carteiro. Enganado de início pelas aparências, esse personagem tão pitoresco em meio à civilização parisiense lhe informou que o palacete onde morava a *menina dos olhos de ouro* pertencia a Don Hijos, marquês de San-Réal, senhor espanhol. Naturalmente o auvérnio não queria nada com o marquês.

– Meu pacote – disse – é para a marquesa.

– Ela não está – respondeu o carteiro. As suas cartas são reenviadas para Londres.

– A marquesa então não é uma moça que...

– Ah! – exclamou o carteiro interrompendo o criado de quarto e examinando-o com atenção. – Você é um caixeiro tanto quanto eu um dançarino.

Laurent mostrou algumas peças de ouro ao funcionário dos correios, que se pôs a sorrir.

– Eis aqui o nome da sua presa – disse pegando na sua bolsa de couro uma carta que trazia um selo de Londres e na qual constava o seguinte endereço:

À senhorita

PAQUITA VALDÈS

Rue Saint-Lazare, palacete San-Réal

PARIS

Estava escrito em uma letra comprida e miúda que anunciava uma mão de mulher.

– Você recusaria uma garrafa de vinho de Chablis, acompanhada de um filé frito com cogumelos, precedido de algumas dúzias de ostras? – perguntou Laurent, querendo conquistar a preciosa amizade do carteiro.

– Às nove e meia, depois do meu serviço. Onde?

– Na esquina da Rue Chaussée d’Antin com a Rue Neuve-des-Mathurins, no AU PUIT SANS VIN – disse Laurent.

– Escute, amigo – disse o carteiro encontrando-se com o criado de quarto uma hora depois –, se o seu patrão está apaixonado por essa menina, ele terá um trabalho árduo! Duvido que consiga vê-la. Há dez anos que sou carteiro em Paris, pude notar inúmeros sistemas de porta! Mas eu posso dizer, sem medo de ser desmentido por um dos meus camaradas, que não existe uma porta tão misteriosa quanto a do senhor de San-Réal. Ninguém pode entrar nesse palacete sem não sei qual senha, e note que ele foi escolhido propositalmente por estar situado entre o pátio e o jardim para evitar qualquer tipo de comunicação com outra casa. O porteiro é um velho espanhol que nunca fala uma palavra de francês, mas que encara as pessoas de cima abaixo como faria Vidocq[2] para ver se não são ladrões. Se essa primeira barreira pudesse ser ultrapassada por um amante, por um ladrão ou pelo senhor – sem comparação –, então encontraria, na primeira sala, que fica fechada por uma porta de vidro, um mordomo cercado de lacaios, um velho farsante ainda mais selvagem e rude que o porteiro. Ele achou que eu era um emissário temerário – disse, rindo da sua má rima. – Quanto aos criados, não espere deles obter informação alguma, todos parecem mudos, ninguém em todo o bairro conhece o som das suas palavras. Não sei quanto recebem para não falarem nem beberem, o fato é que são inacessíveis, seja porque têm medo de serem fuzilados, seja porque têm uma soma enorme a perder em caso de indiscrição. Se o seu patrão gosta o suficiente da srta. Paquita Valdès para ultrapassar todos esses obstáculos, ele certamente não triunfará quando chegar em dona Concha Marialva, a aia que a acompanha e que prefere colocá-la sob a sua saia a deixá-la. Essas duas mulheres parecem terem sido costuradas juntas.

– O que você me diz, estimado carteiro – prosseguiu Laurent depois de ter degustado o vinho –, confirma o que acabo de ficar sabendo. Palavra de honra, acreditei que zombavam de mim. A dona da fruteira da frente me disse que, durante a noite, soltavam nos jardins cães cuja comida era suspensa em postes, de modo que eles não podiam alcançá-la. Esses animais desgraçados acreditam agora que as pessoas suscetíveis de entrarem no jardim querem a sua comida e seriam capazes de estraçalhá-las. Você me diria que se poderiam jogar almôndegas, mas parece que eles são instruídos a comer exclusivamente da mão da caseira.

– O porteiro do senhor barão de Nucingen[3], cujo jardim toca pelo alto o do palacete de San-Réal, também me contou isso.

– O meu patrão o conhece – disse Laurent consigo mesmo. – Você sabe – retomou, piscando o olhos para o carteiro – que o meu patrão é um homem orgulhoso e que se ele metesse na cabeça que quer beijar a planta dos pés de uma imperatriz, ela acabaria cedendo? Se ele precisar dos seus serviços, o que eu lhe desejo, pois ele é generoso, poderíamos contar com você?

– Nossa Senhora, senhor Laurent, eu me chamo Moinot. Escreve-se exatamente M-o-i-n-o-t, not, Moinot.

– Muito bem – disse Laurent.

– Moro na Rue Trois-Frères, número 11, no quinto andar – prosseguiu Moinot. – Tenho uma mulher e quatro filhos. Estou ao seu dispor, desde que o que você me pedir não ultrapasse as possibilidades da minha consciência e os meus deveres administrativos! Você entende, não?

– Você é um homem bom – disse-lhe Laurent, apertando-lhe a mão.

– Paquita Valdès é sem dúvida a amante do marquês de San-Réal, amigo do rei Fernando. Um velho

cadáver espanhol de oitenta anos é a única pessoa capaz de tomar precauções dessa ordem – disse Henri quando o seu criado de quarto lhe contou os resultados das suas investigações.

– Senhor, a não ser chegando em balão, ninguém pode entrar naquela casa – disse Laurent.

– Você é uma besta! Por que seria necessário entrar no palacete para ter Paquita desde que ela possa sair dali?

– Mas, senhor, e a aia?

– A sua aia ficará trancada por alguns dias.

– Então teremos Paquita! – exclamou Laurent esfregando as mãos.

– Engraçadinho! – respondeu Henri. – Eu lhe condeno a ficar com Concha se for tão insolente a ponto de falar assim de uma mulher que eu ainda não tive. Pense agora em vestir-me, vou sair.

Henri permaneceu durante um momento mergulhado em alegres pensamentos. Digamos, para a lisonja das mulheres: ele obtinha todas aquelas que se dignava a desejar. Então, o que se deveria pensar de uma mulher sem amante? Ela resistiria a um homem armado de beleza, que é a alma do corpo, armado de espírito, que é a graça da alma, e armado de força moral e de fortuna, as duas únicas potências reais? Mas os seus triunfos tão fáceis acabariam por entediá-lo; por isso, há mais ou menos dois anos, aborrecia-se muito. Mergulhando no fundo das volúpias, ele obtinha mais cascalhos do que pérolas. Passou então a implorar ao destino, como fazem os soberanos, algum obstáculo a ser vencido, alguma empresa que exigisse a mobilização das suas forças morais e físicas inativas. Embora Paquita Valdès apresentasse a junção das perfeições que ele só desfrutara separadamente, para ele, a atração da paixão era quase nula. Uma saciedade constante enfraquecera-lhe no coração o sentimento do amor. Como os velhos e as pessoas indiferentes, tinha apenas caprichos extravagantes, gostos ruinosos, fantasias que, satisfeitas, não deixavam nenhuma boa lembrança no coração. Para os jovens, o amor é o mais belo dos sentimentos, faz a vida florescer na alma, satisfaz pelo seu poder solar as mais belas inspirações e os grandes pensamentos. As primícias têm em tudo um sabor delicioso. Para os homens, o amor torna-se uma paixão: a força leva ao abuso. Para os velhos, torna-se vício: a impotência conduz ao extremo. Henri era ao mesmo tempo velho, homem e jovem. Para devolver-lhe a emoção de um amor verdadeiro, ser-lhe-ia necessária, como a Lovelace, uma Clarissa Harlowe[4]. Sem o brilho mágico dessa pérola escondida, não via nada além de paixões aguçadas por alguma vaidade parisiense, ou de apostas feitas consigo mesmo de ver, por exemplo, tal mulher em tal nível de corrupção, ou aventuras que estimulassem a sua curiosidade. O relatório de Laurent, seu criado, acabava de dar um preço altíssimo à *menina dos olhos de ouro*. Tratava-se de travar uma batalha com um inimigo secreto que parecia tão perigoso como hábil. E, para obter a vitória, todas as forças das quais Henri poderia dispor não eram inúteis. Ia encenar essa velha e eterna comédia que será sempre nova e cujos personagens são um velho, uma moça e um apaixonado: *Don Hijos*, Paquita e de Marsay. Se Laurent correspondia ao Fígaro[5], a aia parecia incorruptível. Dessa forma, a peça viva parecia muito mais marcada pelo acaso do que jamais dramaturgo algum imaginara! Mas o acaso também não é um homem de gênio?

– Será preciso jogar duro – refletiu Henri.

– Pois bem – disse Paul de Manerville ao entrar –, a quantas andamos? Vim almoçar com você.

– Tudo bem – respondeu Henri. – Não ficará chocado se eu me arrumar na sua frente?

– Que brincadeira!

– Pegamos tantas coisas dos ingleses nesse momento que corremos o risco de ficarmos hipócritas e

recatados como eles – disse Henri.

Laurent colocara diante do seu amo tantos utensílios, tantos objetos diferentes e coisas tão belas que Paul não pôde se impedir de dizer:

– Mas você vai levar duas horas?

– Não! Duas horas e meia – disse Henri.

– Pois bem, já que estamos a sós e que podemos falar tudo, conte-me por que um homem superior como você, afinal você é superior, ostenta o excesso de uma fatuidade que não lhe pode ser natural? Por que passar duas horas e meia embonecando-se quando basta ficar no banho quinze minutos, pentear-se em dois toques e vestir-se? Vamos, conte-me o seu sistema.

– É preciso gostar muito de você, meu grande estúpido, para confiar-lhe tão altos pensamentos – responde o jovem cujo pé era limpo por uma escova macia passada no sabão inglês.

– Mas dei-lhe a minha mais sincera afeição – rebateu Paul de Manerville – e gosto de você justamente por achá-lo superior a mim.

– Você deve ter notado, se é capaz de observar um fato moral, que a mulher gosta do presunçoso – retomou de Marsay sem responder, senão por um olhar, à declaração de Paul. – Você sabia que as mulheres gostam dos presunçosos? Meu amigo, os presunçosos são os únicos homens que se cuidam. Ora, ter excesso de zelo conosco não é o mesmo que dizer que cuidamos em nós os bens do próximo? O homem que não se pertence é justamente o homem pelo qual as mulheres são ávidas. O amor é essencialmente um ladrão. Não estou lhe falando desse excesso de limpeza que elas adoram. Encontre-me uma que se tenha apaixonado por um *sem cuidados*, mesmo que ele fosse um homem notável! Se isso aconteceu, devemos atribuí-lo aos desejos de alguma mulher grávida, alguma dessas idéias loucas que passam pelas cabeças de todos. Contrariamente, vi pessoas altamente notáveis serem largadas devido ao seu desleixo. Um presunçoso que se cuida, ocupa-se de uma tolice, de coisas pequenas. E o que é a mulher? Uma coisa pequena, um conjunto de tolices. Com duas palavras ditas no ar, não a fazemos refletir durante quatro horas? Ela fica certa de que o presunçoso cuidará dela, já que ele não pensa em coisas grandes. Ela nunca será negligenciada pela glória, pela ambição, pela política, pela arte, por essas moças públicas que, para ela, são rivais. Ainda por cima, os fátuos têm a coragem de se cobrir de coisas ridículas para agradar à mulher, e o coração dela está cheio de recompensas para o homem ridículo por amor. Enfim, um fátuo só pode ser fátuo se ele tem razão de sê-lo. São as mulheres que nos atribuem essa patente. O fátuo é o coronel do amor, tem boas fortunas, possui o seu regimento de mulheres a comandar! Mas, meu caro, em Paris, tudo se sabe, e um homem não pode ser um fátuo *gratuito*. Você que tem apenas uma mulher e que talvez tenha razão em ter uma só, tente ser um presunçoso... Você não se tornará nem mesmo um ridículo, você estará morto. Você se tornará um preconceito ambulante, um desses homens condenados inevitavelmente a fazer uma única coisa. Você significará *estupidez* como o sr. de La Fayette[6] significa América; o sr. de Talleyrand[7], diplomacia; Désaugiers[8], canção; o sr. de Ségur[9], romance. Se saem do seu gênero respectivo, não acreditamos mais no valor do que fazem. É assim que somos na França, sempre soberanamente injustos! O sr. de Talleyrand é talvez um grande financista, o sr. de La Fayette, um tirano, e Désaugiers, um administrador. Você terá quarenta mulheres no ano seguinte, mas nenhuma lhe será concedida publicamente. Dessa forma, a fatuidade, meu caro Paul, é sinal de um incontestável poder conquistado sobre o povo feminino. Um homem amado por várias mulheres é como se tivesse qualidades superiores; e todas vão disputar o infeliz! Mas você acha também

que nada significa poder chegar a um salão, olhar todo mundo do alto da sua gravata, ou com o seu lornhão, poder desprezar o homem mais superior se ele usa um colete fora de moda? Laurent, você está me machucando! Depois do almoço, Paul, iremos às Tuileries ver a adorável *menina dos olhos de ouro*.

Quando, após terem feito uma excelente refeição, os dois jovens foram percorrer o Terrasse des Feuillants e a grande alameda das Tuileries, não encontraram em parte alguma a sublime Paquita Valdès, por quem esperavam os cinqüenta jovens mais elegantes de Paris, todos perfumados, engravatados, calçando botas com esporas, pingalins à mão, caminhando, falando, rindo e praguejando.

– Nada feito! – disse Henri. – Mas ocorreu-me a melhor idéia do mundo. Essa menina recebe cartas de Londres, é preciso comprar ou embriagar o carteiro, abrir uma carta, obviamente lê-la, introduzir um bilhetinho ameno e fechá-la. O velho tirano, *cruel tirano*, deve, sem dúvida, conhecer a pessoa que escreve as cartas vindas de Londres e não desconfia mais delas.

No dia seguinte, de Marsay também foi passear no Terrasse des Feuillants e ali viu Paquita Valdès. Para ele, é como se a paixão a tivesse tornado mais bela. Ficou seriamente perturbado com os olhos cujos raios pareciam ter a mesma natureza do sol e cujo ardor resumia o de um corpo perfeito em que tudo era volúpia. De Marsay ardia de desejo de roçar o vestido dessa menina sedutora quando se cruzavam durante o passeio. Mas as suas tentativas eram sempre vãs. Num momento em que ultrapassara a aia e Paquita para poder achar-se ao lado da *menina dos olhos de ouro* quando se virasse, Paquita, não menos impaciente, avançou vivamente, e de Marsay sentiu a sua mão ser apertada pela dela, de uma maneira ao mesmo tempo rápida e tão apaixonadamente significativa, que acreditou ter recebido o choque de uma faísca elétrica. Em um instante, todas aquelas emoções de juventude brotaram-lhe no coração. Quando os dois amantes se olharam, Paquita pareceu envergonhada. Baixou os olhos para não encarar os de Henri, mas o seu olhar correu por baixo para deter-se nos pés e no torso daquele que as mulheres chamavam, antes da revolução, de *seu herói*.

– Essa menina será decididamente minha amante – pensou Henri.

Seguindo-a ao longo da esplanada, do lado da Place Louis XV, notou o velho marquês de San-Réal, que passeava apoiado no braço do seu criado de quarto, caminhando com a precaução de um caquético que sofre de gota. Dona Concha, que desconfiava de Henri, fez com que Paquita passasse entre ela e o velho.

– Oh, você! – disse consigo de Marsay, lançando um olhar de desprezo para a aia. – Se não se pode fazê-la capitular, com um pouco de ópio adormecerá. Conhecemos a mitologia e a fábula de Argos.

Antes de subir no carro, a *menina dos olhos de ouro* trocou com o seu amante alguns olhares cuja expressão não era duvidosa e que deixaram Henri radiante. Mas a aia surpreendeu um deles, e disse vivamente algumas palavras à Paquita, que se jogou no cupê com um ar desesperado. Durante alguns dias, Paquita não foi às Tuileries. Laurent, que, sob ordem do seu patrão, foi fazer rondas em torno do palacete, ficou sabendo pelos vizinhos que nem as duas mulheres, nem o marquês saíram depois do dia em que a aia surpreendera a troca de olhares entre a moça que cuidava e Henri. O laço tão tênue que unia os dois amantes já estava rompido.

Alguns dias depois, sem que ninguém soubesse como, de Marsay chegara ao seu objetivo. Ele possuía um sinete e um lacre absolutamente idênticos ao sinete e ao lacre das cartas enviadas de Londres à srta. Valdès, um papel idêntico ao que usava o correspondente e, ainda, todos os utensílios e os ferros necessários para colar selos dos correios inglês e francês. Escrevera a seguinte carta, à qual emprestou

todas as características de uma carta enviada de Londres:

“Querida Paqueta, não tentarei pintar com palavras a paixão que a senhorita me inspirou. Se, para a minha felicidade, sou correspondido, saiba que encontrei meios de nos correspondermos. Chamo-me Adolphe de Gouges e moro na Rue de l’Université, número 54. Se está sendo vigiada demais para me escrever, se não tem papel nem pena, saberei pelo seu silêncio. Então, se amanhã, das oito da manhã às dez da noite, não tiver jogado uma carta que ultrapassará o seu muro chegando ao jardim do barão Nucingen, onde será esperada durante todo o dia, um homem que me é totalmente dedicado introduzirá para você, por cima do muro, através de uma corda, dois frascos às dez horas da manhã do dia seguinte. Nesse momento, você deverá estar passeando por ali. Um dos frascos conterá ópio para adormecer o seu Argos, seis gotas lhe serão suficientes. O outro conterá tinta. O frasco de tinta é talhado, o outro, liso. Ambos são bastante chatos para que você possa escondê-los no seu espartilho. Tudo que já fiz para poder corresponder-me com você deve exprimir o quanto a amo. Se você duvida, confesso-lhe que, para obter um encontro de uma hora, daria a minha vida.”

– E elas acreditam nisso, essas pobres criaturas! – pensou de Marsay. – Mas elas têm razão. Que pensaríamos de uma mulher que não se deixasse seduzir por uma carta de amor acompanhada de circunstâncias tão convincentes?

Essa carta foi entregue pelo senhor Moinot, o carteiro, no dia seguinte, pelas oito da manhã, ao zelador do palacete San-Réal.

Para se aproximar do campo de batalha, de Marsay viera almoçar na casa de Paul, que morava na Rue de la Pépinière. Às duas horas, no momento em que os dois amigos contavam-se, rindo, a falência de um jovem que quisera incorporar o estilo de vida elegante sem uma fortuna sólida e que se perguntavam que fim ele teria levado, o cocheiro de Henri veio procurar o seu patrão na casa de Paul. Apresentou-lhe um personagem misterioso, que queria muito falar com ele pessoalmente. Esse personagem era um mulato do qual Talma[10] certamente teria se inspirado para fazer o papel de Otelo[11] se o tivesse encontrado. Jamais uma fisionomia africana expressou melhor a grandeza da vingança, a rapidez da desconfiança, a prontidão na execução de um pensamento, a força do mouro e a sua precipitação infantil. Os seus olhos negros tinham a fixidez de um pássaro predador e eles eram incrustados como os de um abutre por uma membrana azulada desprovida de cílios. A sua testa, pequena e baixa, tinha algo de ameaçador. Evidentemente, esse homem estava sob o jugo de um único pensamento. Os seus braços nervosos não lhe pertenciam. Era seguido por um homem que todas as imaginações, desde aquelas que tremem na Groenlândia até as que suam na Nova Inglaterra, pintariam de acordo com essa frase: *era um homem infeliz*. A partir dessas palavras, todo mundo o adivinhará e o representará de acordo com as idéias particulares de cada país. Mas quem poderia encarnar o seu rosto branco, enrugado, vermelho nas extremidades e a sua barba longa? Quem verá a sua gravata amarelada em tiras, a sua gola ensebada, o seu chapéu todo usado, a sua sobrecasaca esverdeada, a sua calça miserável, o seu colete encarquilhado, o seu alfinete em falso ouro, os seus sapatos enlameados cujos cadarços haviam chafurdado na lama? Quem o compreenderá em toda a imensidão da sua miséria presente e passada? Quem? Somente o parisiense. O homem infeliz de Paris é o homem infeliz completo, pois ainda encontra felicidade em saber o quanto é infeliz. O mulato parecia um carrasco de Louis XI[12] conduzindo um homem à força.

– O que nos trazem esses dois idiotas? – disse Henri.

– Puxa vida! Um deles me dá calafrios – respondeu Paul.

– Quem é você que tem ares de ser o mais cristão dos dois?

O mulato ficou com os olhos presos nos dois jovens, e o homem, que nada ouvia, tentava no entanto adivinhar algo através dos gestos e do movimento dos lábios.

– Sou escrivão público e intérprete. Moro no Palais de Justice e me chamo Poincet.

– Bem! E esse aí? – disse Henri a Poincet apontando para o mulato.

– Não sei. Ele fala comigo apenas em uma espécie de dialeto espanhol e trouxe-me aqui para poder se comunicar com o senhor.

O mulato tirou do seu bolso a carta escrita a Paquita por Henri, devolveu-lhe, Henri jogou-a ao fogo.

“Pois bem, tudo começa a se explicar”, disse a si mesmo Henri

– Paul, deixe-nos a sós um momento.

– Traduzi-lhe essa carta – continuou o intérprete quando estavam a sós. – Quando ela foi traduzida não sei onde ele estava. Depois, ele veio me buscar para me trazer aqui me prometendo dois luíses.

– O que tem a me dizer, chinês? – perguntou Henri.

– Não disse que era *chinês* – disse o intérprete, esperando a resposta do mulato. – Ele disse, senhor – prosseguiu o intérprete depois de ter escutado o desconhecido –, que é preciso que se encontrem amanhã à noite, às dez horas e meia no Boulevard Montmartre, perto do café. Você verá um veículo, no qual subirá dizendo a quem abrir a portinhola a palavra *cortejo*, palavra espanhola que quer dizer amante – acrescentou Poincet, jogando um olhar de felicitação a Henri.

– Muito bem!

O mulato quis dar os dois luíses, mas de Marsay não permitiu e recompensou o intérprete. Enquanto o pagava, o mulato proferiu algumas palavras.

– O que ele está dizendo?

– Está me prevenindo – respondeu o infeliz – que se eu fizer uma única indiscrição, ele me estrangulará. Ele é gentil, e o pior é que ele parece estar dizendo a verdade.

– Tenho certeza – respondeu Henri. – Ele faria o que está dizendo.

– Ele acrescenta – continuou o intérprete – que a pessoa que o enviou lhe suplica, pelo senhor e por ela, que seja o mais prudente possível nas suas ações, pois os punhais levantados sobre as suas cabeças cairiam sobre os seus corações, sem que nenhum poder humano pudesse salvá-los.

– Ele disse isso?! Melhor ainda, será mais divertido. Mas você pode entrar, Paul! – gritou para o seu amigo.

O mulato que não deixara de olhar o amante de Paquita Valdès com uma atenção magnética partiu seguido do seu intérprete.

– Eis enfim uma aventura bem romanesca – disse Henri quando Paul voltou. – De tanto participar de algumas, acabei por encontrar em Paris uma intriga acompanhada de circunstâncias graves, de grandes perigos. Ah! Diacho, como o perigo torna a mulher ousada! Constranger uma mulher, querer coagi-la, não é lhe dar o direito e a coragem de ultrapassar em dado momento as barreiras que ela levaria anos para ultrapassar? Gentil criatura, vá, pule. Morrer? Pobre criança! Punhais? Imaginação feminina! Todas elas sentem a necessidade de valorizar a sua brincadeirinha. Aliás, pensaremos nisso, Paquita! Pensaremos nisso, minha filha! Que o diabo me carregue! Agora que eu sei que essa bela menina, que essa obra-prima da natureza é minha, a aventura perdeu o seu tempero.

Apesar dessas palavras levianas, o jovem ressurgira em Henri. Para esperar até o dia seguinte sem sofrimentos, recorreu a prazeres exorbitantes: jogou, jantou, ceou com os seus amigos. Bebeu como uma esponja, comeu como um alemão e ganhou dez ou doze mil francos. Saiu do Rocher de Cancale às duas horas da manhã, dormiu como uma criança, levantou-se no dia seguinte relaxado e rosado e vestiu-se para ir às Tuileries, propondo-se a andar a cavalo depois de ter visto Paquita para ficar com mais apetite para o jantar, a fim de melhor matar o tempo.

À hora combinada, Henri foi para o bulevar, viu o carro e disse a senha a um homem que lhe pareceu ser o mulato. Ao entender essa palavra, o homem abriu a portinhola e desdobrou ligeiramente o estribo. Henri foi tão rapidamente conduzido pelas ruas de Paris, e os seus pensamentos lhe deixaram tão ocupado, que mal prestou atenção nas ruas pelas quais passava nem soube onde o carro parou. O mulato introduziu-o em uma casa onde a escada se encontrava perto da entrada das carruagens. Essa escada era escura, assim como o corredor no qual Henri teve de esperar enquanto o mulato abria a porta de um apartamento úmido, nauseabundo, sem luz, e cujas peças, mal iluminadas pela vela que o seu guia encontrara na antecâmara, pareceram-lhe vazias e mal mobiliadas, como as de uma casa cujos habitantes estão viajando. Ele reconheceu a sensação que lhe causava a leitura dos romances de Anne Radcliffe[13], nos quais o herói atravessa as salas frias, escuras, inabitadas, de algum lugar triste e deserto. Finalmente, o mulato abriu a porta de uma sala. O estado dos velhos móveis e dos estofos desbotados que a ornavam faziam-na parecer aos salões de casas suspeitas. Era a mesma pretensão de elegância e a mesma mistura de coisas de mau gosto, de poeira e sujeira. Em um sofá de veludo de Utrecht vermelho, em frente a uma lareira cujo fogo estava enterrado nas cinzas, havia uma mulher idosa bastante mal vestida, penteada com um desses turbantes que inventam as inglesas quando chegam a uma certa idade e que teriam um sucesso infinito na China, onde o belo ideal dos artistas é a monstruosidade. Essa sala, essa mulher, esse lar frio, tudo teria esfriado o amor, se Paquita não estivesse ali numa conversadeira, com um penhoar, livre para lançar os seus olhares de ouro e de chamas, livre para mostrar o seu pé recurvado, livre para os seus movimentos luminosos. Esse primeiro encontro foi o que costumam ser todos os primeiros encontros entre pessoas apaixonadas que transpuseram as distâncias e que se desejam ardentemente, sem no entanto se conhecerem. É impossível que não haja primeiro algumas discordâncias nessa situação incômoda até o momento em que as almas se afinam. Se o desejo empresta ousadia ao homem e o dispõe a nada respeitar, a amante, sob pena de não ser mulher, por mais extremo que seja o seu amor, fica assustada de ter chegado tão rapidamente ao seu objetivo e de estar face a face com a necessidade de se entregar, que para muitas mulheres equivale a um mergulho num abismo no fundo do qual elas não sabem o que encontrarão. A frieza involuntária dessa mulher contrasta com a sua paixão confessa, reagindo necessariamente contra arrebatado amante. Essas idéias, que freqüentemente flutuam como um vapor em torno das almas, determinam então uma espécie de doença passageira. Na doce viagem que dois seres empreendem pela região do amor, esse momento é como um matagal a ser atravessado, um matagal sem urzes, alternadamente úmido e quente, repleto de areias ardentes, cortado por pântanos e que leva aos sorridentes bosques revestidos de rosas onde se desenvolvem o amor e o seu cortejo de prazeres sobre tapetes de uma grama fina. Freqüentemente, o homem espiritual se encontra dotado de um sorriso tolo que lhe serve de resposta a tudo. O seu espírito fica como que entorpecido sob a glacial compressão de seus desejos. Não seria impossível que dois seres igualmente belos, espirituais e apaixonados falem, primeiro, dos lugares-comuns mais ingênuos até

que o acaso, uma palavra, o estremecimento de um certo olhar, a comunicação de uma faísca, faça-lhes encontrar a feliz transição que lhes leva ao caminho florido onde não se anda, mas onde se flana, sem jamais cair. Esse estado de espírito varia de acordo com a violência dos sentimentos. Dois seres que se amam levemente não sentem nada de semelhante. O efeito dessa crise pode ainda se comparar ao ardor que um céu puro produz. A natureza parece à primeira vista coberta por um véu de gás, o azul do firmamento parece preto, a luz extrema assemelha-se às trevas. Henri e a espanhola aparentavam uma violência idêntica, e a lei da estática, segundo a qual duas forças iguais de sentidos contrários se anulam, poderia ser verdadeira também no reino moral. Além disso, o embaraço do momento foi singularmente aumentado pela presença da velha múmia. O amor assusta-se ou alegra-se com tudo, para ele tudo tem um sentido, tudo lhe serve de presságio feliz ou funesto. Essa mulher decrepita estava ali como um desfecho possível, representando o terrível rabo de peixe pelo qual os simbólicos gênios da Grécia terminavam as Quimeras e as Sereias, tão sedutoras e atraentes pelo busto como qualquer paixão no seu início. Embora Henri fosse, não propriamente um espírito forte – essa palavra é sempre uma zombaria –, mas um homem de um poder extraordinário, tão grande quanto possa sê-lo um homem sem crença, o conjunto de todas essas circunstâncias o impressionou. Aliás, os homens mais fortes são naturalmente os mais impressionáveis e, conseqüentemente, os mais supersticiosos, se é que podemos chamar de superstição a primeira impressão que, sem dúvida, é o resultado de causas ocultas a outros olhos, mas perceptíveis aos seus.

A espanhola aproveitava esse momento de estupor para se deixar envolver até o êxtase por essa adoração infinita que toma conta do coração de uma mulher quando ama verdadeiramente e que se encontra em presença de um ídolo tão esperado. Os seus olhos eram só alegria, felicidade, e soltavam faíscas. Estava enfeitiçada e embriagava-se sem medo de uma felicidade tão longamente sonhada. Pareceu então tão maravilhosamente bela a Henri que toda aquela fantasmagoria de trapos, de velhice, de estofados vermelhos desbotados, de capacho verde diante das poltronas, de ladrilhos vermelhos mal lustrados e todo aquele luxo doente, tudo aquilo logo desapareceu. A sala iluminou-se, e ele agora via apenas através de uma nuvem a terrível harpia, fixa, muda no seu sofá vermelho e cujos olhos amarelos traíam os sentimentos servís que a infelicidade inspira e que um vício causa quando se caiu na sua escravidão, como um tirano que nos embrutece sob o flagelo do seu despotismo. Os seus olhos tinham o brilho frio como o de um tigre na jaula que conhece a sua impotência e se vê forçado a engolir os seus desejos de destruição.

– Quem é essa mulher? – perguntou Henri a Paquita.

Mas Paquita não respondeu. Fez sinal de que ela não entendia francês e perguntou a Henri se ele falava inglês. De Marsay repetiu a sua pergunta em inglês.

– É a única mulher a quem posso me confiar, embora ela já tenha me vendido – disse Paquita tranqüilamente. – Meu caro Adolphe, é a minha mãe, uma escrava comprada na Geórgia pela sua rara beleza, mas da qual hoje resta pouca coisa. Ela fala apenas a sua língua materna.

A atitude daquela mulher e o seu desejo de adivinhar, pelos movimentos da sua filha e de Henri, o que estava acontecendo entre eles foram explicados ao jovem, que ficou à vontade com esse esclarecimento.

– Paquita, então não estaremos livres? – perguntou.

– Jamais! – ela respondeu com tristeza. – Temos inclusive poucos dias para ficarmos juntos.

Ela baixou os olhos, olhou a sua mão e contou com a sua mão direita os dedos da sua mão esquerda, exibindo assim as mais belas mãos que Henri já vira.

– Um, dois, três...

Ela contou até doze.

– Sim – disse –, temos doze dias.

– E depois?

– Depois... – disse, ficando absorta como uma mulher fraca diante do machado do carrasco e morta por antecedência devido a um medo que a despoja dessa magnífica energia que a natureza somente parecia lhe ter atribuído para aumentar as volúpias e para converter em poemas sem fim os prazeres mais grosseiros. – Depois – repetiu, os seus olhos tornaram-se fixos, pareciam contemplar um objeto distante e ameaçador. – Eu não sei – disse.

“Essa mulher é louca”, pensou Henri, caindo também em reflexões estranhas.

Paquita pareceu-lhe preocupada com algo alheio a ele, como uma mulher dominada tanto pelo remorso quanto pela paixão. Talvez tivesse um outro amor no coração que ora esquecia, ora lembrava. Em dado momento, Henri foi assaltado por mil pensamentos contraditórios. Para ele, essa moça tornara-se um mistério. Mas, contemplando-a com a sábia atenção do homem entediado, esfomeado por volúpias novas, como aquele rei do Oriente que pedia que lhe inventassem um prazer, essa sede terrível que abate as grandes almas, Henri reconhecia em Paquita a mais rica organização que a natureza já se comprazera em compor para o amor. O pressuposto funcionamento daquela máquina, colocando-se a alma de lado, teria assustado qualquer outro homem que não fosse de Marsay. Mas ele fascinou-se por essa rica seara de prazeres prometidos, por essa variedade constante na felicidade, que é o sonho de qualquer homem e que toda mulher apaixonada também ambiciona. Ficou perturbado pelo infinito concretizado e transportado nos mais excessivos gozos da criatura. Via tudo isso nessa mulher, e mais distintamente do que nunca, pois ela se deixava complacentemente observar, feliz de ser admirada. A admiração de de Marsay transformou-se numa raiva secreta e ele a revelou por inteiro, lançando um olhar que a espanhola entendeu como se estivesse acostumada a receber outros semelhantes.

– Se você não devesse ser só minha, eu a mataria – gritou.

Ao ouvir essas palavras, Paquita cobriu o rosto com as suas mãos e gritou inocentemente:

– Santa virgem, onde é que eu me meti!

Ela se levantou, jogou-se no sofá vermelho, mergulhou a cabeça nos trapos que cobriam o peito da sua mãe e chorou. A velha recebeu a sua filha sem sair da sua imobilidade, sem testemunhar-lhe sentimento algum. A mãe possuía no mais alto grau aquela gravidade das tribos selvagens, aquela impassibilidade da estátua sobre a qual a observação falha. Amava ou não amava a sua filha? Nenhuma resposta. Essa máscara cobria todos os sentimentos humanos, os bons e os maus, e podia-se esperar tudo dessa criatura. O seu olhar vagava lentamente entre os belos cabelos de sua filha, que a cobriam como uma mantilha, ao rosto de Henri, que ela observava com uma inexprimível curiosidade. Parecia perguntar-se por qual sortilégio ele estava ali, por qual capricho a natureza havia criado um homem tão sedutor.

“Essas mulheres estão zombando de mim”, pensou Henri.

Nesse momento, Paquita levantou a cabeça, lançou sobre ele um daqueles olhares que penetram até a alma e a queimam. Ela pareceu-lhe tão bela que ele jurou possuir aquele tesouro de beleza.

– Paquita, seja minha!

– Você quer me matar? – perguntou medrosa, palpitante, inquieta, mas entregue a ele por uma força inexplicável.

– Matá-la, eu?! – disse sorrindo.

Paquita soltou um grito de pavor, disse uma palavra à velha, que tomou com autoridade a mão de Henri, depois a da filha, olhou-os longamente, largou as mãos, sacudindo a cabeça de forma horripelantemente significativa.

– Seja minha essa noite. Venha, siga-me, não me deixe, eu a quero. Paquita, você não me ama? Venha!

Em um instante, disse-lhe mil palavras insensatas com a rapidez de uma torrente que salta entre os rochedos, repetindo os mesmos sons sob mil formas diferentes.

– É a mesma voz! – disse Paquita melancolicamente sem que de Marsay pudesse ouvi-la. – E... o mesmo ardor – acrescentou.

– Pois sim! – disse com um abandono de paixão que nada poderia exprimir. – Sim, mas não esta noite. Esta noite, Adolphe, eu dei pouco ópio a *Concha*, ela poderia acordar e eu estaria perdida. Neste momento, toda a casa acredita que estou dormindo no meu quarto. Dentro de dois dias, esteja no mesmo lugar, diga a mesma palavra ao mesmo homem. Esse homem é o meu pai adotivo, Christemio me adora e morreria por mim nos piores tormentos sem que conseguissem arrancar uma palavra sobre mim. Adeus! – disse, agarrando o corpo de Henri e enrolando-se nele como uma serpente.

Ela o apertou por todos os lados ao mesmo tempo, colocou a sua cabeça na altura da dele, ofereceu-lhe os seus lábios e deu-lhe um beijo que causou tamanhas vertigens a ambos, que de Marsay chegou a pensar que a terra se abria. Paquita gritou:

– Vá embora! – com uma voz que anunciava quão pouco ela se sentia senhora de si.

Mas segurou-o gritando-lhe ainda “Vá embora”, enquanto guiava-o lentamente até a escada.

Ali, o mulato, cujos olhos brancos se iluminaram ao ver Paquita, tomou o candelabro das mãos do seu ídolo e conduziu Henri até a rua. Deixou o candelabro sobre um nicho, abriu a portinhola, instalou Henri na carruagem e conduziu-o até o Boulevard des Italiens com uma rapidez impressionante. Os seus cavalos pareciam ter o diabo no corpo.

Essa cena foi como um sonho para de Marsay, mas um desses sonhos que, ao se dissiparem, deixam um sentimento de volúpia sobrenatural na alma, atrás da qual um homem corre o resto da sua vida. Bastara um único beijo. Jamais encontro algum ocorrera de maneira mais decente, nem mais casta, nem mais fria talvez, em pior ambiente, diante de divindade mais hedionda – pois aquela mãe permanecera na imaginação de Henri como algo tão infernal, baixo, cadavérico, vicioso, selvagem e feroz que nem a fantasia dos pintores e dos poetas pudera, até aquele momento, adivinhar. E, de fato, jamais um encontro mexera tanto com os seus sentidos, revelara volúpias tão arrojadas, ou fizera brotar o amor para espalhá-lo como uma atmosfera em torno de um homem. Foi algo sombrio, misterioso, doce, tenro, constrangedor e expansivo, um acoplamento do terrível e do celeste, do paraíso e do inferno, que deixou de Marsay embriagado. Não era mais o mesmo, embora fosse ainda suficientemente grande para poder resistir à embriaguez do prazer.

Para compreender a sua conduta no desfecho dessa história, é preciso explicar como a sua alma se ampliara na idade em que os jovens se amesquinham ao se misturarem às mulheres ou ao se ocuparem

demais delas. Crescera por um concurso de circunstâncias secretas que o investiam de um imenso poder desconhecido. Esse jovem tinha em mãos um cetro mais poderoso do que o dos reis modernos, quase todos reprimidos nas suas mínimas vontades pelas leis. De Marsay exercia o poder autocrático do déspota oriental. Mas esse poder, tão estupidamente colocado em prática na Ásia por homens embrutecidos, era multiplicado pela inteligência européia, pelo espírito francês, o mais vivo e o mais mordaz de todos os instrumentos intelectuais. Para Henri querer era poder no interesse dos seus prazeres e das suas vaidades. Essa ação invisível sobre o mundo social revestiu-o de uma majestade real, mas secreta, sem ênfase e voltada para ele mesmo. Tinha de si não a opinião que Louis XIV poderia ter dele mesmo, mas a que têm os mais orgulhosos califas, faraós, xerxes, que acreditando-se de raça divina, imitavam Deus cobrindo-se de véus, sob pretexto que os olhares dos súditos causavam a morte. Assim, sem sentir remorso algum de ser ao mesmo tempo juiz e parte, de Marsay condenava friamente à morte o homem ou a mulher que lhe ofendessem seriamente. Apesar de quase sempre proferida de forma leviana, a sentença era irrevogável. Um erro era uma desgraça semelhante ao que causa um raio ao cair sobre uma parisiense radiante de alegria em algum fiacre, em vez de atingir o seu velho cocheiro que a conduz a um encontro. A zombaria amarga e profunda que marcava a sua conversa geralmente causava pavor, ninguém sentia vontade de contradizê-lo. As mulheres adoram essas pessoas que se autodenominam paxás, que parecem acompanhadas por leões e por carrascos e caminham cercadas por um aparato de terror. O resultado disso é uma segurança de ação nesses homens, uma certeza de poder, um orgulho no olhar, uma consciência leonina que concretiza o tipo de força com que todas as mulheres sonham. Assim era de Marsay.

Feliz, naquele momento, com o seu futuro, tornou-se jovem e flexível e, ao deitar-se, só pensava em amar. Sonhou com a *menina dos olhos de ouro* como sonham os jovens apaixonados. Foram imagens monstruosas, esquisitices incompreensíveis, repletas de luz e que revelam os mundos invisíveis, mas de maneira sempre incompleta, pois a existência de um véu muda as condições óticas. Nos dois dias seguintes, desapareceu sem que se pudesse saber para onde havia ido. A sua força só lhe pertencia em certas condições e, felizmente para ele, durante esses dois dias, foi um simples soldado a serviço do demônio que alimentava a sua existência talismânica. À hora marcada, à noite, no bulevar, esperou a carruagem que não tardou. O mulato aproximou-se de Henri para dizer-lhe em francês uma frase que parecia ter decorado:

– Se você quiser vir, ela me disse, terá de consentir que os seus olhos sejam vendados.

E Christemio mostrou-lhe um lenço branco de seda.

– Não – disse Henri, cuja onipotência se levantou repentinamente.

Tentou entrar na carruagem. Mas, ao sinal do mulato, essa partiu.

– Sim! – gritou de Marsay, furioso de perder a alegria que tanto esperara. Aliás, via a impossibilidade de um acordo com um escravo cuja obediência era tão cega quanto a de um carrasco. E, além do mais, era sobre esse instrumento passivo que a sua cólera devia recair?

O mulato assobiou, a carruagem voltou. Henri subiu precipitadamente. Àquelas alturas alguns curiosos já se amontoavam ingenuamente no bulevar. Henri era forte, tentou zombar do mulato. Assim que a carruagem partiu trotando, agarrou as suas mãos para poder dominar o seu guarda e assim preservar as faculdades de saber para onde era conduzido. Tentativa inútil. Os olhos do mulato faiscaram no escuro. Esse homem soltou gritos de fúria expelidos pela sua garganta, soltou-se, afastou de Marsay com mão de

ferro e o pregou, por assim dizer, ao fundo da carruagem. Depois, com a sua mão livre, puxou um punhal triangular e assobiou. O cocheiro ouviu o assobio e parou. Como Henri estava desarmado, foi forçado a dobrar-se. Estendeu a sua cabeça para o lenço. Esse gesto de submissão acalmou Christemio, que lhe vendou os olhos com um respeito e um cuidado que testemunharam uma espécie de veneração pela pessoa amada pelo seu ídolo. Mas antes de tomar essa precaução, guardara com desconfiança o seu punhal no bolso lateral e se abotoou até o pescoço.

“Ele teria me matado, esse maldito chinês!”, pensou de Marsay.

A carruagem voltou a andar rapidamente. Ainda restava um recurso a um jovem que conhecia tão bem Paris quanto Henri. Para saber onde estava indo, bastaria recolher-se, contar, de acordo com o número de valetas atravessadas, as ruas que cruzavam os bulevares enquanto a carruagem seguisse em linha reta. Poderia então reconhecer por qual rua lateral a carruagem se dirigia, se em direção ao Sena ou às colinas de Montmartre, e adivinhar o nome ou a posição da rua em que o seu guia estacionaria. Entretanto, a emoção violenta que lhe causara a luta, o estado de fúria em que a sua dignidade comprometida o colocava, as idéias de vingança às quais se entregava, as suposições sugeridas pelo cuidado minucioso tomado por essa menina misteriosa para que ele chegasse a ela, tudo isso o impedia de ter aquela atenção cega necessária à concentração da sua inteligência e à perfeita perspicácia da lembrança. O trajeto durou meia hora. Quando a carruagem parou, não estava mais sobre o paralelepípedo. O mulato e o cocheiro pegaram-no por baixo do braço, retiraram-no da carruagem, colocaram-no sobre uma espécie de maca e transportaram-no através de um jardim, do qual sentiu o aroma de flores, árvores e grama. O silêncio que ali reinava era tão profundo que se podia distinguir o barulho que faziam as gotas d’água ao caírem das folhas úmidas. Os dois homens levaram-no por uma escada, fizeram com que se levantasse, conduziram-no através de inúmeras peças guiando-o pelas mãos e o deixaram em um quarto cuja atmosfera era perfumada e cujo tapete espesso podia sentir sob os seus pés. Henri viu Paquita diante dele, mas Paquita na sua glória de mulher voluptuosa.

A metade do toucador em que se encontrava Henri descrevia uma linha circular muito graciosa que se opunha à outra parte perfeitamente quadrada, no meio das quais brilhava uma lareira em mármore branco e ouro. Ele entrara por uma porta lateral escondida por um belíssimo reposteiro todo revestido e que dava de frente para uma janela. A parte circular era ornada por um divã turco, ou seja, um colchão colocado no chão, mas um colchão da largura de uma cama, um divã de cinquenta pés de perímetro, em casimira branca, enfeitado com laçarotes em seda branca e vermelho-papoula, dispostos em losangos. O espaldar dessa cama imensa elevava-se várias polegadas acima das inúmeras almofadas que a tornavam ainda mais bela pelo bom gosto dos seus enfeites. O toucador era forrado com um estofado vermelho sobre o qual estava disposta uma musselina das Índias, canelada como uma coluna corintiana, composta de pregas alternativamente côncavas e convexas, cortadas, nas partes superior e inferior, por uma faixa cor vermelho-papoula sobre a qual estavam desenhados arabescos pretos. Sob a musselina, o vermelho tornava-se rosa, cor amorosa que aparecia também nas cortinas da janela em musselina das Índias, forradas de tafetá rosa e ornadas de franjas vermelho-papoula e preto. Seis braços de prata dourada, presos ao revestimento da parede, seguravam cada um dois castiçais dispostos em distâncias simétricas para iluminar o divã. O teto, no meio do qual pendia um lustre em prata dourada fosca, brilhava de tão branco, e a sua cornija era dourada. O tapete parecia um xale oriental pelos seus desenhos e evocava as poesias da Pérsia, onde mãos de escravas o teceram. Os móveis eram forrados de casimira branca,

realçada por enfeites pretos e vermelho-papoula. O pêndulo, os candelabros, tudo era de mármore branco e ouro. A única mesa da peça era coberta por uma casimira branca. Elegantes jardineiras continham rosas de todas as espécies, brancas ou vermelhas. Enfim, o mínimo detalhe parecia ter sido objeto de um cuidado tomado com amor. A riqueza nunca fora dissimulada de maneira coquete para transformar-se em elegância, para exprimir a graça e para inspirar a volúpia. Tudo ali teria esquentado o ser mais frio. O brilho do revestimento de parede, cuja cor mudava segundo a direção do olhar, tornando-se ora todo branco, ora todo rosa, combinava-se com os efeitos da luz que mergulhava nas pregas diáfanas da musselina, produzindo aparências nebulosas. A alma tem alguma ligação com o branco, o amor gosta do vermelho e o ouro agrada às paixões e tem o poder de realizar as suas fantasias. Assim, tudo o que o homem tem de vago e de misterioso em si, todas as suas afinidades inexplicáveis encontravam-se acariciadas nas suas simpatias involuntárias. Havia nessa harmonia perfeita um concerto de cores ao qual a alma respondia com idéias voluptuosas, indecisas, flutuantes.

Foi em meio a uma atmosfera vaporosa, carregada de perfumes requintados, que Paquita, vestida com um penhoar branco, os pés descalços, flores de laranjeira nos seus cabelos negros, mostrou-se a Henri, ajoelhada diante dele, adorando-o como ao deus daquele templo de onde ele dignara-se a descer. Embora de Marsay estivesse acostumado a ver o apuro do luxo parisiense, ficou surpreso com o aspecto dessa concha semelhante àquela onde Vênus nasceu. Fosse pelo efeito de contraste entre as trevas das quais ele saía e a luz que banhava a sua alma, fosse por uma rápida comparação entre essa cena e a do primeiro encontro, ele experimentou uma daquelas sensações delicadas causadas pela verdadeira poesia. Percebendo, no meio desse reduto criado pela vara de uma fada, a obra-prima da criação, essa menina cuja tez calorosamente colorida, cuja pele doce mas levemente dourada pelos efeitos do vermelho e pela efusão de não sei qual vapor do amor, a sua cólera, os seus desejos de vingança, a sua vaidade ferida, tudo se acalmou. Como uma águia que se lança sobre a sua presa, ele tomou-a nos braços, sentou-a no seu colo e sentiu, com uma embriaguez indizível, o peso voluptuoso dessa menina cuja beleza tão generosamente desenvolvida o envolveram suavemente.

– Vem, Paquita – disse em voz baixa.

– Fale, fale sem medo – ela respondeu. – Esse retiro foi construído para o amor. Nenhum som sai daqui à força de se quererem guardar os acentos e as músicas da voz amada. Por mais fortes que sejam os gritos, não podem ser ouvidos fora desse recinto. Pode-se assassinar alguém, as suas queixas aqui são vãs como se estivéssemos no meio do grande deserto.

– Quem é que compreendeu tão bem o ciúme e as suas necessidades?

– Nunca me pergunte sobre isso – respondeu, desfazendo com uma incrível gentileza de gesto a gravata do jovem, sem dúvida para melhor ver o seu pescoço.

– Aqui está o pescoço que tanto amo! – disse. – Você quer me agradar?

Essa interrogação cujo acento a tornava quase lasciva tirou de Marsay do devaneio em que o mergulhara a resposta despótica dada por Paquita, pela qual ela o proibia de qualquer investigação sobre o ser desconhecido que planava como uma sombra sobre eles.

– E se eu quisesse saber quem reina aqui?

Paquita olhou-o tremendo.

– Então não sou eu? – perguntou levantando-se e se livrando da menina que caiu com a cabeça para trás. – Quero ficar sozinho, aqui onde estou!

– Surpreendente! Surpreendente – disse a pobre escrava apavorada.

– Quem você acha que sou? Pode me responder?

Paquita levantou-se suavemente, os olhos banhados em lágrimas, foi buscar em um dos dois móveis de ébano um punhal e ofereceu a Henri com um gesto de submissão que teria enternecido um tigre.

– Ofereça-me uma festa como fazem os homens que amam – pediu-lhe – e, quando eu estiver dormindo, mate-me, pois não saberei responder-lhe. Escute, estou presa como um pobre animal à sua estaca. Estou espantada de ter conseguido estabelecer uma ponte no abismo que nos separa. Embriague-me, depois me mate. Oh! Não, não! – exclamou juntando as suas mãos. – Não me mate! Amo a vida! A vida é tão bela para mim! Se sou escrava, sou rainha também. Poderia enganá-lo com palavras, dizer-lhe que amo somente você, provar-lhe isso, tirar proveito do meu império momentâneo para dizer-lhe: “Pegue-me como se experimenta uma flor do jardim de um rei”. A seguir, depois de ter manifestado a eloqüência astuciosa da mulher e as asas do prazer, depois de ter matado a minha sede, poderei jogá-lo num poço onde ninguém o encontrará para satisfazer a vingança sem temer a justiça, um poço cheio de cal que se queimaria para consumi-lo sem que sobrasse uma só parcela do seu corpo. Você ficaria no meu coração, meu para sempre.

Henri olhou-a sem tremer, e esse olhar sem medo encheu-a de alegria.

– Não, eu não o faria! Você não caiu numa armadilha, mas num coração de mulher que o adora e sou eu que serei jogada ao poço.

– Tudo isso me parece prodigiosamente engraçado – afirmou de Marsay examinando-a – Mas você me parece uma boa menina, uma natureza estranha. Você é, palavra de honra, uma charada viva cuja palavra não me parece difícil de encontrar.

Paquita não compreendeu nada do que dizia o rapaz. Olhou-o suavemente abrindo os olhos que nunca poderiam ser estúpidos de tanta volúpia que continham.

– Já sei, meu amor – ela disse voltando à idéia inicial. – Você quer me agradar?

– Faria tudo que você quisesse, e mesmo aquilo que não quisesse – respondeu rindo de Marsay, que encontrou a sua habilidade de fátuo tomando a resolução de largar-se ao acaso sem olhar para frente nem para trás. Talvez ainda contasse com a sua força e a sua habilidade de homem de sorte para dominar, algumas horas mais tarde, essa menina e tomar-lhe todos os segredos.

– Pois bem – ela disse –, deixe-me então ajeitá-lo como gosto.

– Deixe-me como gosta – respondeu Henri.

Alegre, Paquita foi pegar num dos móveis um vestido de veludo vermelho com o qual vestiu de Marsay. Depois lhe colocou uma touca de mulher e enrolou-o com um xale. Entregando-se às suas loucuras, feitas com uma inocência infantil, ela ria convulsivamente e parecia um passarinho batendo as asas, mas ela nada via além disso.

Se é impossível pintar as delícias extraordinárias que encontraram essas duas belas criaturas feitas pelo céu num momento de alegria, é talvez necessário traduzir metafisicamente as impressões extraordinárias e quase fantásticas do rapaz. Algo que as pessoas que se encontram na sua situação social e que vivem como ele vivia podem facilmente distinguir é a inocência de uma menina. Mas – algo muito estranho – se a *menina dos olhos de ouro* era virgem, ela não era nada inocente. A estranha união do misterioso e do real, da sombra e da luz, do horrível e do belo, do prazer e do perigo, do paraíso e do inferno, que já haviam se encontrado nessa aventura, continuavam-se no ser caprichoso e sublime que

representava de Marsay. Tudo o que a volúpia mais refinada tem de mais sábio, tudo o que Henri podia conhecer dessa poesia dos sentidos chamada amor foi ultrapassado pelos tesouros proporcionados por essa menina cujos olhos faiscantes não desmentiram nenhuma das promessas que faziam. Foi um poema oriental em que brilhava o sol que Saadi e Hafiz[14] colocaram nas suas saltitantes estrofes. Entretanto, nem o ritmo de Saadi, nem o de Píndaro[15] poderiam expressar o êxtase pleno de confusão e o estupor que arrebataram essa menina deliciosa quando cessou o erro em que uma mão de ferro a fizera viver.

– Morta! – exclamou. – Estou morta! Adolphe, leve-me para o fim do mundo, para uma ilha em que ninguém nos conheça. Que a nossa fuga não deixe pistas! Seríamos seguidos até o inferno. Deus! Eis aí o dia. Fuja. Não mais o verei? Sim, amanhã, quero revê-lo, nem que fosse preciso, para ter essa alegria, matar todos os meus vigias. Até amanhã.

Ela o abraçou com um aperto que continha o terror da morte. Depois, acionou um mecanismo que fez soar uma campainha e suplicou a de Marsay que se deixasse vendar os olhos.

– E se eu não quisesse mais, e se eu quisesse ficar aqui?

– Você apressaria ainda mais a minha morte – ela respondeu. – Pois agora estou certa de morrer por você.

Henri deixou-se levar. Viu-se então transformado em homem que acaba de faltar-se de prazer e sente uma inclinação ao esquecimento, a não sei qual ingratidão, sente um desejo de liberdade, uma vontade de ir passear, um tanto de desprezo e talvez de desgosto pelo seu ídolo, encontra, enfim, inexplicáveis sentimentos que o tornam infame e execrável. A certeza dessa afeição confusa, mas real nas almas que não são nem iluminadas por essa luz celeste, nem perfumadas por esse bálsamo santo de onde vem a tenacidade do sentimento, ditou sem dúvida a Rousseau as aventuras de milord Eduard, pelas quais se terminam as cartas da *Nova Heloísa*[16]. Se Rousseau inspirou-se na obra de Richardson, afastou-se dela por mil detalhes que fazem do seu monumento algo magnificamente original. Legou-a à posteridade por meio de grandes idéias, difíceis de serem destacadas pela análise, quando na juventude se lê essa obra com o objetivo de nela encontrar a calorosa pintura do mais físico de nossos sentimentos, ao passo que os escritores sérios e filosóficos apenas empregam a imagem desse sentimento como a consequência ou como a necessidade de um pensamento vasto. E as aventuras de milorde Edouard são uma das idéias mais europeicamente delicadas dessa obra.

Henri encontrava-se então dominado por esse sentimento confuso que não conhecia a verdade do amor. Seria preciso de alguma maneira a interrupção persuasiva das comparações e a atração irresistível das lembranças para trazê-lo de volta a uma mulher. O amor verdadeiro reina sobretudo pela memória. A mulher que não foi gravada na alma nem pelo excesso do prazer nem pela força do sentimento poderá ser amada algum dia? Sem que Henri o soubesse, Paquita se instalara nele dessas duas maneiras. Mas, nesse momento, de todo entregue ao cansaço da felicidade, aquela deliciosa melancolia do corpo, ele não podia analisar o seu coração retomando nos seus lábios o gosto das mais vivas volúpias que ele já experimentara. Viu-se no Boulevard Montmartre ao raiar do dia. Olhou estupidamente a tripulação que desaparecia, tirou dois charutos do bolso. Acendeu um deles com a lanterna de uma mulher que vendia aguardente e café aos trabalhadores, às crianças, aos horticultores, a toda essa população parisiense que começa a sua vida antes do dia. Depois, foi-se embora, fumando o seu charuto e colocando as mãos nos bolsos das calças com uma tranqüilidade realmente vergonhosa.

– Que coisa boa um charuto! Eis uma coisa da qual o homem nunca se cansará – pensou.

Essa *menina dos olhos de ouro* que enlouquecia a essas alturas toda a juventude elegante de Paris, ele mal evocava! A idéia da morte expressa pelos prazeres, e cujo medo diversas vezes escurecera as faces dessa bela criatura ligada às huris pelo lado materno, à Europa pela sua educação, aos Trópicos pelo seu nascimento, parecia um desses dramas por meio dos quais as mulheres tentavam chamar atenção.

– Ela é de Havana, o país mais espanhol do Novo Mundo. Preferiu portanto fingir pavor a me jogar na cara o sofrimento, a dificuldade, o coquetismo, como fazem as parisienses. Pelos seus olhos de ouro, sinto uma vontade irresistível de dormir.

Viu um cabriolé de praça que estava estacionado na esquina do Frascati, esperando alguns jogadores. Acordou o cocheiro, foi conduzido à sua casa, deitou-se e caiu no sono dos maus, que, por alguma estranheza da qual nenhum compositor tirou partido, era tão profundo quanto o dos justos. Talvez seja um efeito da sentença: *os opostos se atraem*.

- [1]. Personagem de *Turcaret* (1709), de Alain-René de Lesage (1668-1763), e de dez comédias de Marivaux (1688-1747). (N.T.)
- [2]. François Vidocq (1775-1857), aventureiro, soldado de fortuna, prisioneiro e criador, em 1812, de uma brigada de segurança. (N.T.)
- [3]. Personagem de *A comédia humana* (*Ascensão e queda de César Birotteau, Esplendores e misérias das cortesãs, A casa de Nucingen, O pai Goriot, Eugénie Grandet, Melmoth reconciliado, Um homem de negócios, Outro estudo de mulher, A mulher abandonada, O avesso da história contemporânea*). (N.T.)
- [4]. Lovelace e Clarissa Harlowe são personagens do romance *Clarissa* (1747-1748) do escritor inglês Samuel Richardson (1689-1761). (N.T.)
- [5]. Personagem das comédias *O barbeiro de Sevilha* (1775) e *O casamento de Fígaro* (1784), de Beaumarchais. (N.T.)
- [6]. Marquês Marie-Paul-Yves-Roch-Gilbert du Motier La Fayette (1757-1834): general e político da Restauração. Participou da independência americana. (N.T.)
- [7]. Duque Charles-Maurice Talleyrand-Périgord (1754-1838): ocupou diversos cargos políticos no governo francês ligados, sobretudo, às relações estrangeiras, entre 1792 e 1834. (N.T.)
- [8]. Marc-Antoine-Madelaine Désaugiers (1772-1827): autor de canções e vaudevilles, além de administrador do teatro do *Vaudeville* de 1815 a 1822 e depois em 1827. (N.T.)
- [9]. Conde Louis-Philippe Ségur (1753-1830): romancista francês. (N.T.)
- [10]. François Joseph Talma (1763-1826): ator trágico na Comédie Française, de 1787 até sua morte. Ator preferido de Napoleão. (N.T.)
- [11]. Personagem da tragédia *Otelo, o mouro de Veneza* (1604), de William Shakespeare (1564-1616). (N.T.)
- [12]. Louis XI (1432-1483), filho de Charles VII e Marie d'Anjou, rei da França de 1461 até a sua morte, famoso por sua crueldade. (N.T.)
- [13]. Ann Radcliffe (1764-1823), escritora inglesa de romances góticos. (N.T.)
- [14]. Saadi (1184-1291) e Hafiz (1320?-1389?) são poetas persas, autores, respectivamente, de *Gulistan* e *Gazéis*. (N.T.)
- [15]. Píndaro (531-438 a.C), poeta grego. (N.T.)
- [16]. *Júlia ou A nova Heloísa* (1761), romance epistolar de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). (N.T.)

## CAPÍTULO III

---

### *A força do sangue*

Pelo meio-dia, de Marsay esticou os braços ao acordar e sentiu os efeitos de uma fome canina que qualquer soldado lembra ter sentido no dia seguinte à vitória. Por isso, foi com prazer que viu diante dele Paul de Manerville, pois não há nada mais agradável em tal situação do que comer acompanhado.

– Pois bem – disse-lhe o seu amigo –, imaginamos todos que você estava há dez dias trancado com a *menina dos olhos de ouro*.

– A *menina dos olhos de ouro*! Nem penso mais nisso. Palavra de honra! Tenho mais o que fazer.

– Ah! Você está se fazendo de discreto.

– Por que não? – pergunta de Marsay rindo. – Meu caro, a discrição é o mais hábil de todos os cálculos. Escute... Não, não lhe direi nada. Você nunca me conta nada, não estou disposto a entregar inutilmente os tesouros da minha política. A vida é um rio que serve para fazer negócios. Por tudo que há de mais sagrado na Terra, pelos charutos, não sou um professor de economia social colocado ao alcance dos tolos. Vamos almoçar. É menos custoso lhe oferecer uma omelete com atum do que dissipar o meu cérebro.

– Você conta com os seus amigos?

– Meu caro – respondeu Henri que raramente recusava uma ironia. – Como poderia acontecer a você como a todo mundo de um dia precisar de discrição, e como eu gosto muito de você... Sim, eu gosto de você! Palavra de honra, se fosse necessária apenas uma nota de mil francos para impedi-lo de queimar o cérebro, você a teria, pois, nesse caso, não haveria nada de hipotético, não é, Paul? Se você lutasse amanhã, eu mediria a distância e carregaria a pistola, a fim de que você fosse morto conforme as regras. Enfim, se alguém além de mim se atrevesse a falar mal de você na sua ausência, seria preciso enfrentar um rude fidalgo que se encontra na minha pele, é isso o que eu chamo de uma amizade a toda prova. Pois bem, quando você precisar de discrição, meu caro, aprenda que existem dois tipos de discrição: discrição ativa e discrição negativa. A discrição negativa é a dos estúpidos que empregam o silêncio, a negação, o ar carrancudo, a discrição de portas fechadas, verdadeira impotência! A discrição ativa procede por afirmação. Se esta noite, no Círculo eu dissesse: “Palavra de honra, a *menina dos olhos de ouro* não vale o que ela me custou!”, todo mundo, quando eu saísse, exclamaria: “Você ouviu esse fátuo do de Marsay que queria nos fazer acreditar que ganhou a *menina dos olhos de ouro*? Ele queria dessa forma se livrar dos seus rivais, ele não é nada bobo”. Mas essa astúcia é vulgar e perigosa. Por maior que seja a besteira que deixamos escapar, há sempre algum tolo para acreditar nela. A maior de todas as discrições é a das mulheres habilidosas quando querem dar o troco ao seu marido. Consiste em comprometerem uma mulher com a qual não temos ligação, ou da qual não gostamos, ou que não possuímos, para conservar a honra daquela que amamos o suficiente para respeitá-la. É o que eu chamo a

*mulher-disfarce*. Ah! Aí vem Laurent, o que você nos traz?

– Ostras de Ostende, senhor conde...

– Você saberá um dia, Paul, como é divertido brincar à custa de todo mundo escondendo o segredo de nossas afeições. Sinto um prazer imenso em escapar à estúpida jurisdição das massas que não conhecem jamais o seu valor nem o valor que lhe atribuem, que tomam o meio pelo fim, que ora amam, ora odeiam, constroem e destroem! Que alegria impor-lhes emoções e não recebê-las em troca, domá-las, nunca lhes obedecer! Se podemos nos orgulhar de alguma coisa, não será de um poder adquirido por nós mesmos, do qual somos a causa, o efeito, o princípio e o resultado? Pois bem, ninguém sabe quem amo, nem o que quero. Talvez saberemos quem amei, o que eu desejara, como se sabe dos dramas quando já terminados. Mas entregar meu jogo?... Fraqueza, enganação. Não conheço nada tão desprezível quanto a força enganada pela habilidade. Rindo, inicio-me na profissão do embaixador, se é que a diplomacia é tão difícil quanto a vida! Duvido. Você é ambicioso? Quer se tornar alguma coisa?

– Mas, Henri, você está zombando de mim como se eu não fosse suficientemente medíocre para conseguir tudo.

– Bem, Paul, se você continuar zombando de si mesmo, poderá em breve zombar de qualquer um.

Durante o almoço, no momento em que fumava os seus charutos, de Marsay começou a contemplar os acontecimentos noturnos de outro ângulo. Como ocorre com muitos grandes espíritos, a sua perspicácia não era espontânea, não entrava a fundo nas coisas. Como em todas as naturezas bem dotadas da faculdade de viver muito no presente, de espremer, por assim dizer, o seu suco e devorá-lo, o seu segundo olhar precisava de uma espécie de sono para identificar-se às causas. O cardeal de Richelieu<sup>[1]</sup> era assim, o que não tirava dele o dom da intuição, necessário à concepção das grandes coisas. De Marsay encontrava-se em todas essas condições, mas inicialmente apenas usava as suas armas em proveito dos seus prazeres e só se tornou um dos políticos mais profundos da atualidade quando se saturou dos prazeres aos quais um jovem pensa em primeiro lugar quando possui ouro e poder. O homem se protege assim: usa a mulher para que a mulher não possa usá-lo. Nesse momento, então, de Marsay percebeu que fora ludibriado pela *menina dos olhos de ouro* ao contemplar o conjunto daquela noite, cujas delícias escorreram gradualmente no início e terminaram desabando em torrentes. Pôde então ler essa página de efeito tão brilhante, adivinhando o seu significado obscuro. A inocência puramente física de Paqueta, a sua alegria espantosa, algumas palavras inicialmente confusas e agora claras que escaparam em meio à alegria, tudo lhe provava que estava no lugar de outra pessoa. Como conhecia todas as corrupções sociais e como professava uma perfeita indiferença a propósito de todos os caprichos, acreditando que esses pudessem ser justificados pelo próprio fato de serem satisfeitos, não se intimidou com o vício. Conhecia-o como se conhece um amigo, mas desagradava-o ter-lhe servido de isca. Se as suas presunções estavam corretas, fora ultrajado no mais íntimo do seu ser. Ficou furioso com essa mera suspeita, deixando escapar então o rugido de um tigre achincalhado por uma gazela, o grito de um tigre aliando à força do animal a inteligência do demônio.

– Ué, o que está acontecendo com você?

– Nada!

– Eu não gostaria, se lhe perguntassem se tem algo contra mim, que você respondesse um *nada* parecido com esse. Sem dúvida brigaríamos no dia seguinte.

– Não brigo mais – respondeu de Marsay.

– Isso me parece ainda mais trágico. Então você assassina?

– Você está transformando as minhas palavras. Eu executo.

– Caro amigo – disse Paul –, as suas brincadeiras estão negras demais hoje de manhã.

– O que você quer? A volúpia leva à ferocidade. Por quê? Não sei de nada e não sou curioso o suficiente para procurar a causa. Esses charutos estão excelentes. Sirva um chá ao seu amigo. Você sabe, Paul, que eu levo uma vida de bruto? Seria realmente tempo de encontrar um destino, empregar as minhas forças em alguma coisa pela qual valesse a pena viver. A vida é uma comédia singular. Assusto-me e rio da inconseqüência da nossa ordem social. O governo corta a cabeça de pobres diabos que matam um homem e dá títulos a criaturas que atendem apressadamente, medicamente falando, uma dúzia de jovens por inverno. A moral não tem força contra uma dúzia de vícios que destroem a sociedade e que nada pode punir. Mais uma taça? Palavra de honra! O homem é um bufão que dança na linha de um precipício. Fale-se da imoralidade das *Ligações perigosas*<sup>[2]</sup> e de não sei que outro livro que tem o nome de uma criada de quarto. Mas há um livro horrível, sujo, assustador, corruptor, sempre aberto, que não fecharemos nunca, o grande livro do mundo, sem contar um outro livro mil vezes mais perigoso que se compõe de tudo o que se diz ao ouvido, entre homens, ou sob o leque, entre mulheres, à noite, no baile.

– Henri, certamente está acontecendo alguma coisa extraordinária com você, e isso se nota apesar da sua discrição ativa.

– Sim, é preciso que eu mate o tempo até hoje à noite. Vamos jogar. Talvez eu tenha a felicidade de perder.

De Marsay levantou-se, pegou um punhado de cédulas bancárias, enrolou-as na sua charuteira, vestiu-se e aproveitou o carro de Paul para ir ao Salon des Étrangers, onde, até o jantar, ele consumiu o seu tempo naquelas emocionantes alternâncias de perdas e ganhos que são o último recurso dos fortes quando levados a agir no vácuo. À noite, foi ao encontro e deixou-se complacentemente vendiar os olhos. Depois, com aquela vontade firme que apenas os homens realmente fortes têm a faculdade de concentrar, ele guiou a sua atenção e aplicou a sua inteligência para adivinhar por quais ruas a carruagem passava. Teve uma espécie de certeza de ser levado pela Rue Saint-Lazare e de ter parado em frente à pequena porta do jardim do palacete San-Réal. Como ocorreu da primeira vez, quando passou pela porta e que foi colocado sobre a maca conduzida sem dúvida pelo mulato e pelo cocheiro, ele compreendeu, ao ouvir o barulho da areia sob os seus pés, por que tomavam tantas precauções. Poderia, se estivesse livre ou caminhando, colher alguma folha de arbusto, olhar a natureza da areia que teria se depositado nas suas botas, ao passo que transposto, por assim dizer de maneira aérea, a um palacete inacessível, a sua boa fortuna deveria ser o que ela fora até agora, um sonho. Mas, para o desespero do homem, tudo o que faz é imperfeito, seja para o bem, seja para o mal. Todas as suas obras intelectuais ou físicas são assinaladas por uma marca de destruição. Chovera levemente sobre a terra úmida. Durante a noite alguns odores vegetais são muito mais fortes do que durante o dia, Henri sentia então o perfume de resedá ao longo do caminho pelo qual foi transportado. Esse indicativo deveria esclarecê-lo nas investigações que prometia fazer para encontrar o palacete no qual se encontrava o toucador de Paquita. Estudou inclusive os desvios que os seus carregadores fizeram na casa e acreditou poder lembrar-se. Viu-se, como na véspera, sentado sobre a otomana, diante de Paquita, que lhe retirava a venda. Mas viu-a pálida e transformada. Havia chorado. Ajoelhada como um anjo orando, mas como um anjo triste e profundamente melancólico, a pobre menina não se parecia mais com a curiosa, a impaciente, a saltitante criatura que tomara de Marsay nas suas asas para levá-lo ao sétimo céu do amor. Havia algo de tão verdadeiro nesse desespero velado pelo prazer que o terrível de Marsay sentiu dentro dele uma admiração por essa nova obra-prima da

natureza e esqueceu-se momentaneamente do interesse principal daquele encontro.

– O que você tem, minha Paquita?

– Meu amigo – respondeu –, leve-me embora esta noite mesmo! Jogue-me em algum lugar onde não se possa dizer ao me ver: “Aqui está Paquita”. Um lugar onde ninguém responda: “Aqui tem uma menina com o olhar dourado, de longos cabelos”. Eu lhe daria todos os prazeres que quisesse receber. Depois, quando você deixasse de me amar, você me largaria, eu não reclamaria; e meu abandono não lhe causaria remorso algum, pois um dia vivido perto de você, um só dia durante o qual eu o teria contemplado valeria uma vida inteira. Mas se eu ficar aqui, estou perdida.

– Não posso deixar Paris, minha querida – respondeu Henri. – Não sou dono de mim mesmo, estou ligado por um juramento a várias pessoas que dependem de mim como eu delas. Mas eu posso fazer um refúgio para você em Paris, onde nenhum ser humano jamais chegará.

– Não – ela respondeu –, você está esquecendo do poder feminino.

Jamais uma frase humana pronunciada por uma voz humana exprimiu melhor o terror.

– Quem poderia chegar até você se eu me colocasse entre você e o mundo?

– O veneno! – ela respondeu. – Para começar, dona Concha suspeita de você. E – prosseguiu, deixando escorrer lágrimas que brilhavam nas suas faces – é fácil notar que não sou mais a mesma. Pois bem, se você está me abandonando à fúria do monstro que vai me devorar, que seja feita a sua santa vontade! Mas venha, faça com que haja toda a volúpia da vida em nosso amor. Aliás, eu talvez suplicarei, chorarei, me defenderei e me salvarei.

– A quem vai implorar?

– Silêncio – retrucou Paquita. – Se eu conseguir obter a minha graça, será talvez pela discrição.

– Passe-me o meu vestido – pediu Henri insidiosamente.

– Não, não – respondeu vivamente. – Permaneça como você é, um desses anjos que me ensinaram a odiar e no qual eu via apenas monstros, ao passo que você é o que há de mais belo sob o céu – disse acariciando os cabelos de Henri. – Você ignora a qual ponto sou ignorante? Não aprendi coisa alguma. Desde os doze anos de idade estou trancada sem ver ninguém. Não sei ler nem escrever, falo apenas inglês e espanhol.

– Então como é que você recebe cartas de Londres?

– As minhas cartas, tome, aqui estão elas! – disse enquanto ia pegar alguns papéis dentro de um vaso longo do Japão.

Ela estendeu a de Marsay cartas em que o jovem viu, surpreso, figuras estranhas que pareciam enigmas, desenhados com sangue e que exprimiam frases cheias de paixão.

– Mas – exclamou admirando aqueles hieróglifos criados por um hábil ciúme – você está sob o poder de um gênio infernal?

– Infernal – ela repetiu.

– Mas então como pode sair...

– Ah! – exclamou. – Daí vem a minha perda. Coloquei dona Concha entre o medo de uma morte imediata e uma cólera futura. Eu tinha uma curiosidade dos diabos, eu queria romper com o círculo de calamidades que colocaram entre a criação e eu, eu queria ver o que eram os rapazes, pois os únicos homens que conheço são o marquês e Christemio. Nosso cocheiro e o criado que nos acompanham são velhos...

– Mas você não estava sempre trancada. A sua saúde precisaria...

– Ah! – continuou. – Passeávamos, mas durante a noite e no campo, nas margens do Sena, longe de todo mundo.

– Você não se orgulha de ser amada assim?

– Não mais! – respondeu. – Apesar de movimentada, essa vida escondida é apenas treva em comparação à luz.

– O que você chama de luz?

– Você, meu belo Adolphe! Você por quem eu daria a minha vida. Tudo aquilo que me disseram sobre a paixão e que eu inspirava, eu sinto por você! Em certos momentos nada sabia da existência, mas agora sei o quanto nos amamos, e até então eu só fora amada, não amava. Eu largaria tudo por você. Leve-me. Se quiser, leve-me como um brinquedo, mas deixe-me perto de você até que você me quebre.

– Você não se arrependeria?

– Nem um pouco! – disse deixando que lesse nos seus olhos cuja cor de ouro permaneceu pura e clara.

– Sou o preferido? – disse consigo Henri que, se pressentisse a verdade, estaria disposto a perdoar a ofensa em favor de um amor tão ingênuo. “Vamos ver”, pensou.

Mesmo se Paquita não lhe devia explicações sobre o passado, a menor lembrança tornava-se um crime aos seus olhos. Teve então a triste força para pensar na sua amante, de julgá-la, estudá-la enquanto se abandonava a prazeres mais arrebatadores do que Peri[3], descida do céu, jamais proporcionou ao seu amado. Paquita parecia ter sido criada para o amor, com um cuidado especial da natureza. De uma noite para outra, o seu gênio de mulher fizera os mais rápidos progressos. Por maior que fosse a força desse jovem e a sua despreocupação em matéria de prazeres, apesar da saciedade que sentira na véspera, ele encontrou na *menina dos olhos de ouro* aquele harém que a mulher apaixonada sabe criar e ao qual o homem nunca renuncia. Paquita respondia a essa paixão que todos os homens verdadeiramente grandes sentem pelo infinito, essa paixão misteriosa tão dramaticamente expressa em *Fausto*[4], tão poeticamente traduzida em *Manfredo*[5], e que levava Don Juan a revirar o coração das mulheres, esperando encontrar nele esse pensamento sem limites, em busca do qual se colocam muitos caçadores de espectros, e que os sábios acreditam entrever na ciência e os místicos encontram em um Deus único. A esperança de ter enfim o Ser ideal com quem a luta seria constante e sem cansaço alegrou de Marsay que, pela primeira vez depois de muito tempo, abriu o seu coração. Os seus nervos relaxaram-se, a sua frieza derreteu-se na atmosfera dessa alma ardente, as suas doutrinas firmes esvoaçaram-se e a alegria coloriu-lhe a existência com o rosa e o branco desse toucador. Sentindo o estímulo de uma volúpia superior, foi levado para além dos limites nos quais ele havia até então encerrado a paixão. Não quis ficar aquém dessa moça que um amor de certa forma artificial formara antecipando-se às necessidades da sua alma. Encontrou então, na vaidade que impele o homem a ser vencedor em tudo, as forças para subjugar a menina. Mas também, empurrado além daquele limite em que a alma é mestra de si mesma, perdeu-se nos limbos deliciosos que o homem comum chama de *espaços imaginários*. Foi tenro, bom e comunicativo. Quase enlouqueceu Paquita.

– Por que não vamos a Sorrento, a Nice, a Chiavari passar a vida inteira assim? Você quer? – perguntou a Paquita com uma voz penetrante.

– Você nunca precisa me perguntar “Você quer?” – ela exclamou. – Eu tenho alguma vontade? Não

sou nada além de você, a não ser que seja para lhe dar algum prazer. Se você quer escolher um retiro digno de nós, a Ásia é o único lugar em que o amor pode soltar as suas asas.

– Você tem razão – prosseguiu Henri. – Vamos para as Índias, onde a primavera é eterna, onde há sempre flores na terra, onde o homem pode viver como os soberanos sem ser criticado por isso como ocorre nos países tolos, onde querem realizar a ordinária quimera da igualdade. Vamos para as terras onde se vive no meio de um povo de escravos, onde o sol sempre ilumina um palácio que permanece branco, onde se semeiam perfumes no ar, onde os pássaros cantam o amor e onde se morre quando não se pode mais amar...

– E onde morreremos juntos! – exclamou Paquita. – Mas não vamos deixar isso para amanhã, partamos agora mesmo, levemos Christemio.

– Realmente, o prazer é o mais belo desfecho da vida. Vamos para a Ásia, mas para partir, minha querida, precisamos de muito ouro e, para ter ouro, é preciso arranjar os negócios.

Ela não entendia nada daquilo.

– Ouro, aqui temos uma pilha assim! – disse levantando a mão.

– Mas esse não é o meu.

– E qual é o problema? Se precisamos, vamos pegá-lo.

– Ele não pertence a você.

– Pertencer? – ela repetiu. – Mas você não se apossou de mim? Quando tivermos nos apossado do ouro, ele nos pertencerá.

Ele se pôs a rir.

– Pobre inocente! Você não sabe nada das coisas deste mundo.

– Não, mas é isto que eu sei – gritou atraindo Henri para si.

No momento em que de Marsay esquecia de tudo e concebia o desejo de se apropriar para sempre dessa doce criatura, recebeu, no meio da sua alegria, uma punhalada que atravessou o seu coração de parte a outra, mortificado pela primeira vez. Paquita, que o havia levantado no ar vigorosamente para contemplá-lo, exclamou:

– Oh! Mariquita!

– Mariquita?! – gritou o jovem, enrubescendo. – Agora sei tudo aquilo de que antes eu suspeitava.

Saltou sobre o móvel onde estava trancado o punhal comprido. Felizmente para ela e para ele, o armário estava fechado. A sua raiva cresceu com o obstáculo, mas recobrou a sua tranqüilidade, foi buscar a sua gravata e avançou em direção a ela com um ar tão ferozmente significativo que, sem conhecer de qual crime era culpada, Paquita compreendeu entretanto que, para ela, tratava-se da sua morte. Saltou então de uma só vez à outra ponta do quarto para evitar o nó fatal que de Marsay queria dar em torno do seu pescoço. Houve um combate. Em ambas as partes a agilidade, o vigor foram iguais. Para acabar com a luta jogou nas pernas do seu amante uma almofada que o fez tropeçar e aproveitou a vantagem que levava nessa trégua para apertar o botão da campainha. O mulato apareceu bruscamente. Em um piscar de olhos, Christemio saltou sobre de Marsay, derrubou-o, colocou o pé sobre o seu peito e o salto em direção à sua garganta. De Marsay compreendeu que se se debatesse seria no mesmo instante esmagado a um único sinal de Paquita.

– Por que você queria me matar, meu amor? – ela perguntou.

De Marsay não respondeu.

– Por que eu o desagradei? – perguntou. – Fale, vamos nos justificar.

Henri guardou a sua fleuma de homem forte que se sente vencido. Continência fria, silenciosa, toda inglesa, que anunciava a consciência da sua dignidade por uma resignação momentânea. Aliás, ele já pensara, apesar do arrebatamento da sua cólera, que era pouco prudente se comprometer com a justiça matando essa menina de maneira improvisada e sem ter preparado o assassinato de maneira a garantir a impunidade.

– Meu bem amado – continuou Paquita –, fale comigo. Não me deixe sem um adeus de amor! Não gostaria de guardar no meu coração o pavor que você acaba de causar. Você vai dizer alguma coisa? – disse batendo os pés com raiva.

De Marsay lançou-lhe um olhar que significava tão claramente “Você morrerá!” que Paquita jogou-se sobre ele.

– Pois bem, você quer me matar? Se a minha morte lhe dá prazer, mate-me!

Ela fez um sinal a Christemio, que levantou o pé que estava sobre o jovem e se foi, sem deixar transparecer no seu rosto se tinha um julgamento bom ou mau em relação a Paquita.

– Isso é um homem! – disse de Marsay, apontando para o mulato com um gesto sombrio – Só há dedicação quando essa obedece à amizade sem julgá-la. Você tem nesse homem um amigo verdadeiro.

– Eu o darei a você, se o quiser – respondeu. – Ele lhe servirá com a mesma dedicação que tem por mim se eu lhe pedir isso.

Ela esperava uma resposta, e continuou com um tom cheio de afeto:

– Adolphe, diga-me uma palavra amiga. O dia já está chegando.

Henri não respondeu. Esse jovem possuía uma triste qualidade, afinal olhamos como uma grande coisa tudo aquilo que se parece com a força, e freqüentemente os homens endeusam as extravagâncias. Henri não sabia perdoar. Saber voltar atrás, que é certamente uma das graças da alma, era um absurdo para ele. A ferocidade dos homens do norte, que marca de maneira bastante forte o sangue inglês, fora-lhe transmitida pelo seu pai. Era inabalável nos seus bons e maus sentimentos. A exclamação de Paquita foi ainda mais horrível para ele por tê-lo destronado do mais doce triunfo que já alimentara a sua vaidade masculina. A esperança, o amor e todos os sentimentos se exaltaram nele, tudo havia chamuscado no seu coração e na sua inteligência. Além do mais, esses candelabros, acesos para iluminar a sua vida, haviam sido assoprados por um vento frio. Paquita, perplexa, teve na sua dor apenas forças para dar o sinal de partida.

– Isso é inútil – disse jogando no chão a venda. – Se ele não me ama mais, se me odeia, tudo está acabado.

Ela aguardou um olhar que não obteve e caiu semimorta. O mulato lançou um olhar tão assustadoramente significativo a Henri que fez tremer, pela primeira vez na vida, esse jovem, a quem ninguém negava o dom de uma rara intrepidez. “Se não a amar, se lhe causar o menor sofrimento, eu o matarei”, parecia dizer aquele olhar rápido. De Marsay foi conduzido com cuidados quase servis ao longo do corredor iluminado por pequenas janelas e no fim do qual saiu por uma porta secreta em uma escada escondida que conduzia ao jardim do palacete San-Réal. O mulato o fez caminhar com precaução ao longo de uma alameda de túlias que davam para uma rua deserta àquela hora. De Marsay prestou muita atenção em tudo, a carruagem o esperava. Dessa vez o mulato não o acompanhou. E, no momento em que Henri colocou a cabeça sobre a portinhola para rever o jardim do palacete, encontrou os olhos brancos

de Christemio, com o qual trocou um olhar. De um lado quanto do outro foi uma provocação, um desafio, o anúncio de uma guerra de selvagens, de um duelo em que cessavam as regras ordinárias, em que a traição, em que a perfídia eram meios aceitáveis. Christemio sabia que Henri havia jurado Paquita de morte. Henri sabia que Christemio queria matá-lo antes que ele matasse Paquita. Ambos compreenderam-se perfeitamente.

“A aventura complica-se de maneira interessante”, pensou Henri.

– Aonde o senhor vai? – perguntou o cocheiro.

De Marsay pediu para ser conduzido à casa de Paul de Manerville.

Durante mais de uma semana, Henri ausentou-se da sua casa, sem que ninguém pudesse saber nem o que fizera durante esse tempo, nem onde permanecera. Esse retiro salvou-lhe da fúria do mulato e causou a perda da criatura que colocara toda a sua esperança naquele que ela amara como jamais uma criatura amou sobre a terra. No último dia daquela semana, pelas onze horas da noite, Henri voltou de carruagem ao pequeno portão do jardim de San-Réal. Três homens o acompanhavam. O cocheiro era evidentemente um dos seus amigos, pois se colocou de pé na boléia, como se fosse uma atenta sentinela que queria escutar o menor ruído. Um dos três outros ficou do lado de fora do portão, na rua, e o segundo ficou de pé no jardim, apoiando-se no muro. O último, que tinha à mão um molho de chaves, acompanhou de Marsay.

– Henri – disse-lhe o companheiro –, fomos traídos.

– Por quem, meu bom Ferragus[6]?

– Nem todos estão dormindo – respondeu o chefe dos Devoradores: – Alguém da casa não bebeu nem comeu. Veja essa luz.

– Temos o mapa da casa, de onde ela vem?

– Não preciso de mapa para sabê-lo – respondeu Ferragus. – Vem do quarto da marquesa.

– Ah! – exclamou de Marsay. – Ela sem dúvida chegou de Londres hoje. Então essa mulher terá roubado até mesmo a minha vingança. Mas se ela se adiantou a mim, meu bom Gratien, nós a entregaremos à justiça.

– Ouça! O caso está encerrado – disse Ferragus a Henri.

Os dois amigos prestaram atenção e ouviram gritos fracos que teriam enternecido tigres.

– A sua marquesa não pensou que os sons sairiam pela tubulação da lareira – disse o chefe dos Devoradores com o riso de um crítico feliz em descobrir um erro em uma bela obra.

– Apenas nós sabemos pensar em tudo – disse Henri. – Espere por mim, quero ver como estão as coisas lá em cima. Quero ver como resolvem os seus problemas domésticos. Por Deus, acho que a marquesa a está cozinhando em fogo baixo.

De Marsay subiu lépido a escada que conhecia e identificou o caminho do toucador. Ao abrir a porta, sentiu o arrepio involuntário que a visão do sangue espalhado causa no homem mais determinado. O espetáculo que se oferecia aos seus olhos tinha duas razões para espantá-lo. A marquesa era mulher: calculara a sua vingança com a perfeição da perfídia que distingue os animais fracos. Dissimulara a sua cólera para certificar-se do crime antes de puni-lo.

– Tarde demais, meu amado! – disse Paquita agonizante e os seus olhos se voltaram para de Marsay.

*A menina dos olhos de ouro* expirava mergulhada em sangue. Todos os candelabros acesos, um perfume delicado no ar, uma certa desordem, na qual o olho de um homem experiente deveria reconhecer

as loucuras comuns a todas as paixões, anunciavam que a marquesa havia sabiamente questionado a culpada. Esse apartamento branco, onde o sangue caía tão bem, traía um longo combate. As mãos de Paquita estavam enterradas na almofada. Por toda parte se agarrara à vida, por toda parte se defendera e por toda parte lhe alcançaram. Pedacos inteiros do revestimento canelado foram arrancados pelas suas mãos ensangüentadas que sem dúvida lutaram longamente. Paquita devia ter tentado escalar as paredes. Os seus pés nus estavam marcados ao longo do espaldar do divã para o qual sem dúvida ela correria. O seu corpo, perfurado com as punhaladas do seu carrasco, exprimia a obstinação com que ela disputara a vida que Henri tornara tão cara. Ela jazia no chão e, ao morrer, mordera os músculos do peito do pé da sra. de San-Réal, que ainda tinha na mão o seu punhal encharcado de sangue. A marquesa tinha cabelos arrancados, estava coberta de mordidas, várias das quais sangravam. O seu vestido rasgado a deixara seminua, exibindo os seus seios arranhados. Ela estava sublime assim. A sua cabeça ávida e furiosa respirava o cheiro de sangue. A sua boca ofegante permanecia entreaberta e as suas narinas não bastavam às suas aspirações. Alguns animais enfurecidos se atiram contra o inimigo, matam-no e, tranqüilos na sua vitória, parecem ter esquecido tudo. Há outros que rodeiam as suas vítimas, vigiam-nas, temendo que venham raptá-la e, como o Aquiles de Homero, dão nove voltas em torno de Tróia arrastando o seu inimigo pelos pés. Assim era a marquesa. Ela não viu Henri. Primeiro, achava-se muito bem sozinha para temer testemunhas. Além disso, estava muito embriagada de sangue quente, animada demais pela luta, exaltada demais para perceber Paris inteira, se Paris tivesse formado um círculo em torno dela. Não teria sentido um raio. Não escutara nem mesmo o último suspiro de Paquita e ainda achava que podia ser escutada pela morta.

– Morra sem confissão! – disse-lhe. – Vá para o inferno, monstro de ingratidão. Seja do demônio e de mais ninguém. Pelo sangue que lhe deu, agora me deve todo o seu! Morre, morre, sofra mil mortes, fui boa demais, matei-a muito rápido, queria tê-la feito experimentar todas as dores que você me lega. Eu viverei! Viverei infeliz, estou reduzida a amar apenas Deus! – Contemplou Paquita: – Está morta! – disse consigo mesma depois de uma pausa e voltando violentamente a si: – Morta, ah, eu morrerei de dor!

A marquesa quis ir deitar-se sobre o divã, abatida por um desespero que a deixou sem voz. Esse movimento permitiu-lhe então ver Henri:

– Quem é você? – perguntou correndo na sua direção com o punhal levantado.

Henri segurou-lhe o braço, e assim puderam contemplar-se face a face. Uma surpresa horrível fez correr em ambos um sangue gelado nas veias e tremiam-lhes as pernas como cavalos assustados. Dois menecmas não seriam mais parecidos. Disseram-se ao mesmo tempo e com a mesma voz:

– Lorde Dudley deve ser o seu pai?

Ambos baixaram a cabeça afirmativamente.

– Ela é fiel ao sangue – afirmou Henri apontando para Paquita.

– Ela tem a menor culpa possível – retrucou Margarita-Euphémia Porrabéril, que se jogou sobre o corpo de Paquita soltando um grito de desespero. – Pobre menina! Oh, eu queria reanimá-la! Eu errei, me perdoe Paquita! Você está morta e eu viva! Sou a mais infeliz.

Nesse momento, apareceu o rosto horrível da mãe de Paquita.

– Vai me dizer que não a vendera para que eu a matasse?! – exclamou a marquesa. – Não sei por que você saiu da sua toca. Vou pagá-la duas vezes. Cale-se.

Ela foi pegar um saco de ouro no móvel de ébano e o jogou desdenhosamente aos pés dessa velha

mulher. O som do ouro teve o poder de desenhar um sorriso no rosto imóvel da georgiana.

– Chego em boa hora para você, minha irmã – disse Henri. – A justiça virá atrás de você...

– De forma alguma – respondeu a marquesa –, uma única pessoa poderia pedir contas dessa menina. Christemio está morto.

– E essa mãe – perguntou Henri mostrando a velha –, ela não a extorquirá para sempre?

– Ela é de um país em que as mulheres não são seres, mas coisas das quais se faz o que bem se entende: são vendidas, compradas, mortas, enfim, são usadas para atender a caprichos, como aqui você se serve dos seus móveis. Aliás, ela tem uma paixão que faz capitular todas as outras e que teria aniquilado o seu amor materno, se tivesse amado a sua filha. Uma paixão...

– Qual é? – perguntou Henri interrompendo a sua irmã.

– O jogo, que Deus o livre! – respondeu a marquesa.

– Mas quem vai ajudá-la a apagar os rastros dessa fantasia que a justiça não perdoará? – disse Henri apontando para a *menina dos olhos de ouro*.

– Tenho a mãe dela – respondeu a marquesa, a quem ela fez sinal de permanecer.

– Nós nos reveremos – disse Henri, que imaginava a inquietação dos seus amigos e sentiu a necessidade de partir.

– Não, meu irmão – disse-lhe. – Não nos reveremos nunca mais. Voltarei à Espanha para entrar para o convento de *los Dolores*.

– Você ainda é muito nova, muito bela – disse Henri, tomando-a nos seus braços e dando-lhe um beijo.

– Adeus – ela disse. – Nada nos consola de termos perdido aquilo que acreditávamos ser o infinito. Oito dias depois, Paul de Manerville encontrou de Marsay nas Tuileries, no Terrasse des Feuillants.

– E então, como vai a nossa bela MENINA DOS OLHOS DE OURO, grande assassino?

– Está morta.

– De quê?

– Do peito.

PARIS, MARÇO DE 1834 – ABRIL DE 1835

[1]. Armand-Jean du Plessis, cardeal Richelieu (1585-1642): célebre ministro de Louis XIII. (N.T.)

[2]. Célebre romance epistolar de Choderlos de Laclos (1741-1803), publicado em 1782. (N.T.)

[3]. Peris são fadas orientais que se alimentam da seiva das flores e das essências de perfumes e que descem à Terra de tempos em tempos para oferecer prazeres aos mortais. (N.T.)

[4]. A lenda de Fausto, sobre o pacto entre o homem e o diabo, foi retomada por inúmeros autores. Entre eles Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), a cujo drama (1808) Balzac se refere. (N.T.)

[5]. Poema dramático escrito em 1817 pelo poeta romântico inglês Lord Byron (1788-1824). (N.T.)

[6]. Pseudônimo de Gratien Bourignard, personagem de *A comédia humana* (*Ferragus*). (N.T.)

## NOTA

(publicada ao final da edição original  
de *A menina dos olhos de ouro*)

Desde o dia em que o primeiro episódio da “História dos Treze” foi publicado até hoje, em que saiu o último, diversas pessoas indagaram o autor buscando saber se esta história era verdadeira. Mas ele absteve-se de satisfazer a essa curiosidade. Tal concessão poderia abalar a confiança necessária ao narrador. Entretanto, ele não concluirá sem confessar aqui que o episódio de *A menina dos olhos de ouro* é verdadeiro na maior parte dos seus detalhes, e que a circunstância mais poética e que lhe serve de nó, a semelhança entre os dois personagens principais, é verdadeira. O herói da aventura, que a contou ao autor e pediu-lhe que a publicasse, estará sem dúvida satisfeito de ver o seu desejo realizado, embora no início o autor tenha julgado o empreendimento difícil. O que lhe parecia mais difícil de tornar verossímil era a beleza maravilhosa e em muito feminina que distinguia o herói quando tinha dezessete anos e cujos traços o autor reconheceu no jovem de 26 anos. Se certas pessoas se interessam pela *menina dos olhos de ouro*, poderão revê-la, depois que o fechamento da cortina tiver encerrado a peça, como uma dessas atrizes que, para receber as suas coroas efêmeras, se revelam com ótima saúde depois de terem sido apunhaladas em público. Nada se resolve poeticamente na natureza. Hoje, a *menina dos olhos de ouro* tem trinta anos e está bastante murcha. A marquesa de San-Réal, que se acotovelou nesse inverno no Bouffes ou na Ópera com as pessoas honradas que acabam de ler este episódio, tem precisamente a idade que as mulheres não dizem mais, mas que revelam aqueles penteados incríveis com os quais algumas estrangeiras se permitem entulhar a parte dianteira dos camarotes para o desagrado dos jovens que se encontram nos fundos. A marquesa é uma pessoa criada nas ilhas, onde os hábitos legitimam tão bem as *meninas dos olhos de ouro* que elas são ali quase uma instituição.

Quanto aos outros dois episódios, um número suficiente de pessoas em Paris reconheceu os atores, dispensando assim o autor de confessar aqui que os escritores nunca inventam nada. Confissão que o grande Walter Scott fez humildemente no prefácio em que retirou o véu com o qual se cobrira durante tanto tempo. Mesmo os detalhes pertencem raramente ao escritor, que não passa de um copista mais ou menos feliz. A única coisa que depende dele, a combinação dos fatos, a sua disposição literária, é quase sempre o lado fraco que a crítica se apressa em atacar. A crítica está errada. A sociedade moderna, ao nivelar todas as condições, ao esclarecer tudo, suprimiu o cômico e o trágico. O historiador dos costumes é obrigado, como ocorre aqui, a ir colher, lá onde se encontram, os fatos engendrados pela mesma paixão, mas que ocorreram com pessoas diversas, e costurá-los para obter um drama completo. Assim, o desfecho de *A menina dos olhos de ouro*, no qual se deteve a história real contada pelo autor em toda a sua verdade, é um fato periódico em Paris, cuja gravidade somente os cirurgiões dos hospitais conhecem, pois a medicina e a cirurgia são os confidentes dos excessos que praticam as paixões, assim como os homens da lei são testemunhas do que produz o conflito de interesses. O dramático e o trágico dos nossos tempos encontram-se no hospital ou no escritório dos homens da lei.

Embora cada um dos TREZE possa oferecer assunto a mais de um episódio, o autor pensou que seria conveniente e talvez poético deixar as suas aventuras à sombra, da mesma forma que é mantida constantemente a sua estranha ligação.

# ANEXOS

---

## FUNERAIS DE BALZAC

---

### [Homenagem pronunciada durante as exéquias de Honoré de Balzac]

21 de abril de 1850

Cavalheiros:

O homem que acaba de descer a esta tumba era um daqueles a quem a dor pública acompanha seu cortejo fúnebre. Nos tempos por que passamos, todas as ficções se desvanecem. Doravante, os olhos não se fixam mais sobre as cabeças reinantes, mas sobre as cabeças que pensam, e o país inteiro sofre um abalo quando uma dessas cabeças desaparece. Hoje, o luto popular é provocado pela morte de um homem de talento; o luto nacional é a morte de um homem de gênio.

Cavalheiros, o nome de Balzac se incluirá no rastro luminoso que nossa época irá deixar para o futuro. *Monsieur* de Balzac fazia parte dessa pujante geração de escritores do século XIX que surgiu depois de Napoleão, do mesmo modo que a ilustre plêiade do século XVII depois de Richelieu, tal como se, no desenvolvimento da civilização, houvesse uma lei que faça suceder os que dominaram através do gládio por aqueles que dominam pelo espírito.

*Monsieur* de Balzac era um dos primeiros entre os maiores e um dos mais altos entre os melhores. Este não é o lugar de dizer tudo o que era essa esplêndida e soberana inteligência. Todos os seus livros formam apenas um só livro, o livro vivo, luminoso, profundo, em que se vê ir e vir, andar e mover-se, com um não-sei-quê de assustador e terrível misturado ao real, toda a nossa civilização contemporânea; um livro maravilhoso que o poeta intitulou “comédia”, mas que poderia ter denominado “história”; que assume todas as formas e todos os estilos; que ultrapassa o picante e vai até Suetônio; que atravessa Beaumarchais e chega até Rabelais; um livro que é a observação e a imaginação; que prodigaliza o verdadeiro, o íntimo, o burguês, o trivial e o material; e que, por momentos, através de todas as realidades bruscamente e amplamente dilaceradas, deixa de repente entrever o ideal mais sombrio e mais trágico.

Contra sua vontade, quer ele quisesse ou não, quer consentisse ou não, o autor desta obra estranha e imensa tem o rosto vigoroso dos escritores revolucionários. Balzac vai direto ao fim. Ele enfrenta corpo a corpo a sociedade moderna. Ele arranca a todos alguma coisa: de alguns tira uma ilusão; de outros, a esperança; arranca destes um grito e àqueles uma máscara. Ele revira os vícios, disseca as paixões, esvazia e sonda o interior dos homens, sua alma, seu coração, suas entranhas e seu cérebro, o abismo que cada um de nós traz dentro de si mesmo. E, por um dom de sua livre e vigorosa inteligência, por esse privilégio das inteligências de nosso tempo que, tendo visto de perto as revoluções, percebem melhor o fim da humanidade e compreendem melhor a Providência, Balzac se destaca, sorridente e sereno, desses estudos temíveis que nos produziram a melancolia de Molière e a misantropia de Rousseau.

Vejam o que ele fez entre nós. Eis a obra que nos deixa; a obra elevada e sólida, robusto amontoado de lápides de granito: um monumento! A obra do alto da qual resplandecerá doravante sua

celebridade. Os grandes homens constroem seus próprios pedestais; o futuro encarrega-se de erguer-lhes as estátuas.

Sua morte encheu Paris de estupor.

Há apenas alguns meses, ele retornara à França. Sentindo que a morte se aproximava, quis rever a pátria, como na véspera de uma grande viagem vamos abraçar nossa irmã. Sua vida foi curta, mas plena, mais cheia de obras que de dias. Ai de nós! Este trabalhador pujante, que nunca se fatigava, este filósofo, este pensador, este poeta, este gênio, viveu entre nós esta vida de borrascas, de lutas, de disputas, de combates, em todos os tempos o destino comum de todos os grandes homens. Hoje, aqui se encontra ele, em paz. Ele sai das contestações e dos ódios. No mesmo dia, ele entra na glória e no túmulo. Ele vai reluzir daqui para a frente, acima de todas estas nuvens escuras que se acumulam sobre nossas cabeças, entre as estrelas da pátria!

Todos vocês que estão aqui, não se sentem tentados a invejá-lo? Cavalheiros, qualquer que seja nossa dor em presença de tal perda, devemos sempre resignar-nos a tais catástrofes. Aceitá-las naquilo que elas têm de mais pungente e severo. É bom talvez, quem sabe é necessário, em uma época como a nossa, que de tempos em tempos uma grande morte comunique aos espíritos devorados pela dúvida e pelo ceticismo uma comoção religiosa. A Providência sabe o que faz, no momento em que coloca o povo assim, face a face com o mistério supremo e quando o faz meditar sobre a morte, que é a grande igualdade e que é também a grande liberdade.

A Providência sabe o que faz, pois este é o mais elevado de todos os ensinamentos. Aqui não podem existir senão os pensamentos mais austeros e mais sérios em todos os corações, quando um sublime espírito faz majestosamente sua entrada na outra vida, quando um desses seres que planaram por longo tempo acima das multidões com as asas visíveis do gênio, desfraldando de repente estas outras asas que não se viam, mergulha bruscamente no desconhecido.

Não, não é o desconhecido!... Não, eu já disse em outra ocasião dolorosa e não me cansarei de repeti-lo!... Não, não é a noite, é a luz! Não é o fim, é o começo! Não é o nada, é a eternidade! Todos vocês que me escutam, não é verdade? São justamente esses féretros que nos demonstram a imortalidade; é na presença de certos mortos ilustres que sentimos mais distintamente os destinos divinos dessas inteligências que atravessam a terra para sofrer e para se purificar e que o homem pára e pensa e então diz a si mesmo que é impossível que aqueles que foram gênios durante a vida não se transformem em almas depois da morte!

VICTOR HUGO

## CRONOLOGIA

---

**1799** – 20 de maio: nasce em Tours, no interior da França, Honoré Balzac, segundo filho de Bernard-François Balzac (antes, Balsza) e Anne-Charlotte-Laure Sallambier (outros filhos seguirão: Laure, 1800, Laurence, 1802, e Henri-François, 1807).

**1807** – Aluno interno no Colégio dos Oratorianos, em Vendôme, onde ficará seis anos.

**1813-1816** – Estudos primários e secundários em Paris e Tours.

**1816** – Começa a trabalhar como auxiliar de tabelião e matricula-se na Faculdade de Direito.

**1819** – É reprovado num dos exames de bacharel. Decide tornar-se escritor. Nessa época, é muito influenciado pelo escritor escocês Walter Scott (1771-1832).

**1822** – Publicação dos cinco primeiros romances de Balzac, sob os pseudônimos de lorde R’Hoone e Horace de Saint-Aubin. Início da relação com madame de Berny (1777-1836).

**1823** – Colaboração jornalística com vários jornais, o que dura até 1833.

**1825** – Lança-se como editor. Torna-se amante da duquesa d’Abrantès (1784-1838).

**1826** – Por meio de empréstimos, compra uma gráfica.

**1827** – Conhece o escritor Victor Hugo. Entra como sócio em uma fundição de tipos gráficos.

**1828** – Vende sua parte na gráfica e na fundição.

**1829** – Publicação do primeiro texto assinado com seu nome, *Le Dernier Chouan* ou *La Bretagne en 1800* (posteriormente *Os Chouans*), de “Honoré Balzac”, e de *A fisiologia do casamento*, de autoria de “um jovem solteiro”.

**1830** – *La Mode* publica *El Verdugo*, de “H. de Balzac”. Demais obras em periódicos: *Estudo de mulher*, *O elixir da longa vida*, *Sarrasine* etc. Em livro: *Cenas da vida privada*, com contos.

**1831** – *A pele de onagro* e *Contos filosóficos* o consagram como romancista da moda. Início do relacionamento com a marquesa de Castries (1796-1861). *Os proscritos*, *A obra-prima desconhecida*, *Mestre Cornélius* etc.

**1832** – Recebe uma carta assinada por “A Estrangeira”, na verdade Ève Hanska. Em periódicos: *Madame Firmiani*, *A mulher abandonada*. Em livro: *Contos jocosos*.

**1833** – Ligação secreta com Maria du Fresnay (1809-1892). Encontra madame Hanska pela primeira vez. Em periódicos: *Ferragus*, início de *A duquesa de Langeais*, *Teoria do caminhar*, *O médico de campanha*. Em livro: *Louis Lambert*. Publicação dos primeiros volumes (*Eugénie Grandet* e *O ilustre Gaudissart*) de *Études des mœurs au XIXème siècle*, que é dividido em “Cenas da vida privada”, “Cenas da vida de província”, “Cenas da vida parisiense”: a pedra fundamental da futura *A comédia humana*.

**1834** – Consciente da unidade da sua obra, pensa em dividi-la em três partes: *Estudos de costumes*, *Estudos filosóficos* e *Estudos analíticos*. Passa a utilizar sistematicamente os mesmos personagens em vários romances. Em livro: *História dos treze* (menos o final de *A menina dos olhos de ouro*), *A busca do absoluto*, *A mulher de trinta anos*; primeiro volume de *Estudos filosóficos*.

**1835** – Encontra madame Hanska em Viena. Folhetim: *O pai Goriot*, *O lírio do vale* (início). Em livro: *O pai Goriot*, quarto volume de *Cenas da vida parisiense* (com o final de *A menina dos olhos de ouro*). Compra o jornal *La Chronique de Paris*.

**1836** – Inicia um relacionamento amoroso com “Louise”, cuja identidade é desconhecida. Publica, em seu próprio jornal, *A missa do ateu*, *A interdição* etc. *La Chronique de Paris* entra em falência. Pela primeira vez na França um romance (*A solteirona*, de Balzac) é publicado em folhetins diários, no *La presse*. Em livro: *O lírio do vale*.

**1837** – Últimos volumes de *Études des mœurs au XIXème siècle* (contendo o início de *As ilusões perdidas*), *Estudos filosóficos*, *Facino Cane*, *César Birotteau* etc.

- 1838** – Morre a duquesa de Abrantès. Folhetim: *O gabinete das antigüidades*. Em livro: *A casa de Nucingen*, início de *Esplendor e miséria das cortesãs*.
- 1839** – Retira candidatura à Academia em favor de Victor Hugo, que não é eleito. Em folhetim: *Uma filha de Eva*, *O cura da aldeia*, *Beatriz* etc. Em livro: *Tratado dos excitantes modernos*.
- 1840** – Completa-se a publicação de *Estudos filosóficos*, com *Os proscritos*, *Massimilla Doni* e *Seráfita*. Encontra o nome *A comédia humana* para sua obra.
- 1841** – Acordo com os editores Furne, Hetzel, Dubochet e Paulin para publicação de suas obras completas sob o título *A comédia humana* (17 tomos, publicados de 1842 a 1848, mais um póstumo, em 1855). Em folhetim: *Um caso tenebroso*, *Ursule Mirouët*, *Memórias de duas jovens esposas*, *A falsa amante*.
- 1842** – Folhetim: *Albert Savarus*, *Uma estréia na vida* etc. Saem os primeiros volumes de *A comédia humana*, com textos inteiramente revistos.
- 1843** – Encontra madame Hanska em São Petersburgo. Em folhetim: *Honorine* e a parte final de *Ilusões perdidas*.
- 1844** – Folhetim: *Modeste Mignon*, *Os camponeses* etc. Faz um *Catálogo das obras que conterà A comédia humana* (ao ser publicado, em 1845, prevê 137 obras, das quais 50 por fazer).
- 1845** – Viaja com madame Hanska pela Europa. Em folhetim: a segunda parte de *Pequenas misérias da vida conjugal*, *O homem de negócios*. Em livro: *Outro estudo de mulher* etc.
- 1846** – Em folhetim: terceira parte de *Esplendor e miséria das cortesãs*, *A prima Bette*. O editor Furne publica os últimos volumes de *A comédia humana*.
- 1847** – Separa-se da sua governanta, Louise de Brugnot, por exigência de madame Hanska. Em testamento, lega a madame Hanska todos seus bens e o manuscrito de *A comédia humana* (os exemplares da edição Furne corrigidos a mão por ele próprio). Simultaneamente em romance-folhetim: *O primo Pons*, *O deputado de Arcis*.
- 1848** – Em Paris, assiste à revolução e à proclamação da Segunda República. Napoleão III é presidente. Primeiros sintomas de doença cardíaca. É publicado *Os parentes pobres*, o 17o volume de *A comédia humana*.
- 1850** – 14 de março: casa-se com madame Hanska. Os problemas de saúde se agravam. O casal volta a Paris. Diagnosticada uma peritonite. Morre a 18 de agosto. O caixão é carregado da igreja Saint-Philippe-du-Roule ao cemitério Père-Lachaise pelos escritores Victor Hugo e Alexandre Dumas, pelo crítico Sainte-Beuve e pelo ministro do Interior. Hugo pronuncia o elogio fúnebre.